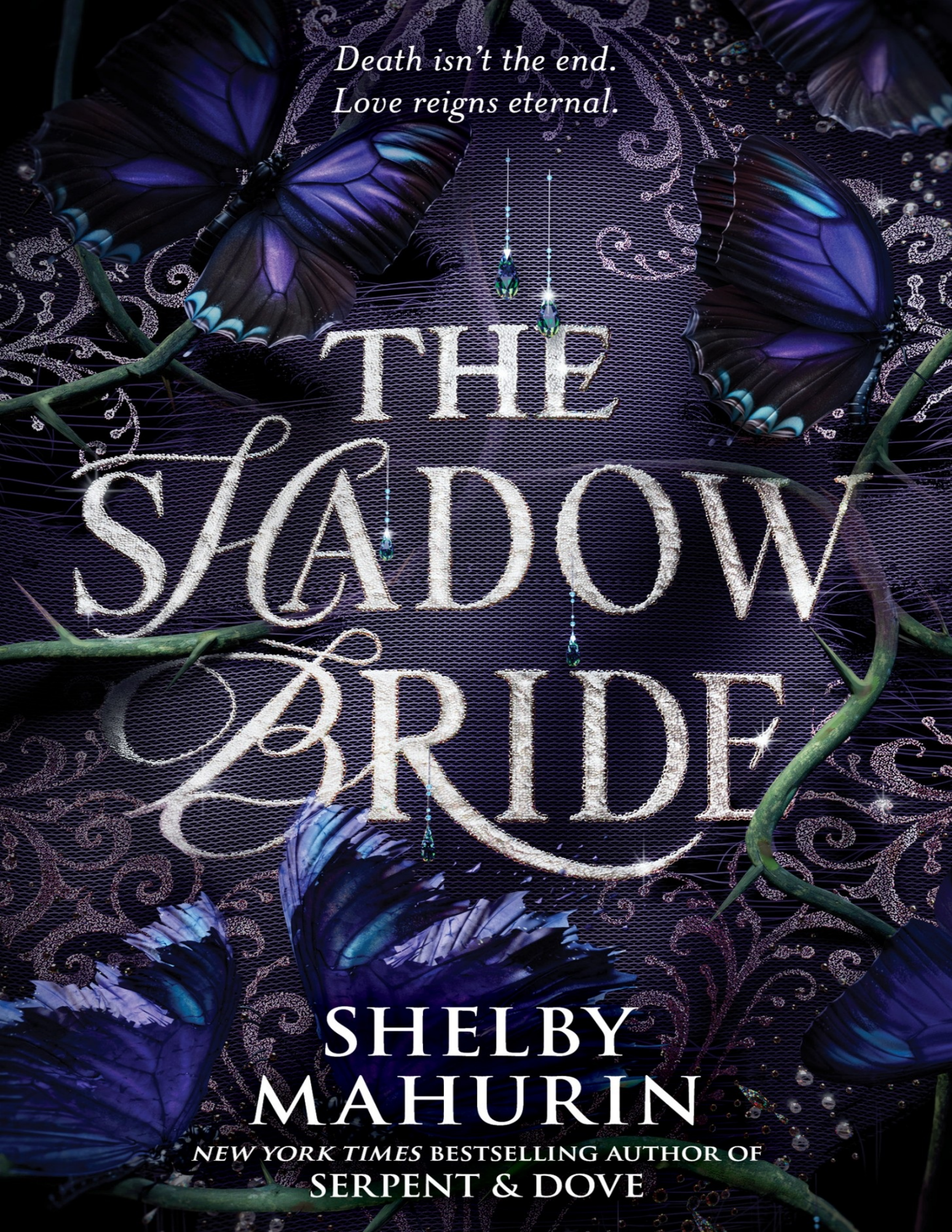

Death isn't the end.
Love reigns eternal.
THE SHADOW BRIDE
SHELBY MAHURIN
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF
SERPENT & DOVE

THE SHADOW BRIDE

SHELBY MAHURIN

HARPER
An Imprint of HarperCollins*Publishers*

Dedicatória

Para Pippa, que viverá para sempre nas páginas deste livro

Conteúdo

Cobrir
Página de Título
Dedicatória

Parte Um
- Capítulo Um: Reflexão
- Capítulo Dois: A Sétima Cadeira
- Capítulo Três: Como Comungar com os Mortos
- Capítulo Quatro: Sessão Espírita
- Capítulo Cinco: Um Destino Pior que a Morte
- Capítulo Seis: O Regresso
- Capítulo Sete: Uma Multidão de Sonhos
- Capítulo Oito: Absolvição
- Capítulo Nove: Pequeno Mentiroso

Parte Dois
- Capítulo Dez: Faça Isso, e Será
- Capítulo Onze: Morte de um Ladrão
- Capítulo Doze: Minha Noiva
- Capítulo Treze: Tabu
- Capítulo Quatorze: Visitantes Inesperados
- Capítulo Quinze: Tal mãe, tal filha
- Capítulo Dezesseis: A Lágrima no Véu
- Capítulo Dezessete: Uma Soirée Negra
- Capítulo Dezoito: O Rei Está Morto
- Capítulo Dezenove: Flores de Urze
- Capítulo Vinte: Compartilhamento de Sangue
- Capítulo Vinte e Um: Adeus

Parte Três
- Capítulo Vinte e Dois: O Retorno de Mila
- Capítulo Vinte e Três: A Casa de Campo
- Capítulo Vinte e Quatro: Mathilde

Capítulo Vinte e Cinco: O Vínculo Eterno
Capítulo Vinte e Seis: Irrevogável
Capítulo Vinte e Sete: Pó ao Pó
Capítulo Vinte e Oito: Até o Sol Deve Dormir
Capítulo Vinte e Nove: Uma Audiência com a Rainha do Gelo
Capítulo Trinta: Um Encontro com a Morte
Capítulo Trinta e Um: Borboletas Quebradas
Capítulo Trinta e Dois: Romantizando Pesadelos
Capítulo Trinta e Três: A Torre Oeste
Capítulo Trinta e Quatro: Um Gesto de Amizade

Parte Quatro
Capítulo Trinta e Cinco: O Diabo e o Sol
Capítulo Trinta e Seis: Filhas Preciosas
Capítulo Trinta e Sete: Poeira Estelar
Capítulo Trinta e Oito: Os Pecados de Outro
Capítulo Trinta e Nove: Por favor, fique
Capítulo Quarenta: Início
Capítulo Quarenta e Um: Dois Caçadores, Três Bruxas e Quatro Vampiros Entram em uma Gruta
Capítulo Quarenta e Dois: O Segundo Turbilhão
Capítulo Quarenta e Três: Não Seja Gentil
Capítulo Quarenta e Quatro: O Reino dos Mortos
Capítulo Quarenta e Cinco: Uma Noite Suave
Capítulo Quarenta e Seis: As Mudanças da Maré
Capítulo Quarenta e Sete: Uma Vela e Sua Sombra
Capítulo Quarenta e Oito: Um Novo Começo
Capítulo Quarenta e Nove: Felizes para Sempre

Epílogo

Confirmações
Sobre o autor
Livros de Shelby Mahurin
Anúncio traseiro
Direitos autorais
Sobre o editor

Parte Um

Uma vez mordido, duas vezes tímido.
Uma vez mordido, duas vezes tímido.

Capítulo Um

Reflexão

O simples toque de uma caixa de música é tudo o que preenche o silêncio.

Eu observo a bugiganga do outro lado do quarto, estatuetas girando em uma dança mecânica, suas asas pintadas brilhando no brilho de uma única vela. Reid acendeu a vela no início desta noite enquanto eu fingia dormir. Ao anoitecer, Lou andou na ponta dos pés pelas tábuas do assoalho para abrir as cortinas, na esperança de deixar entrar o luar, mas nuvens de tempestade obscureceram o céu noturno e as sombras entraram pela minha janela. Eles me envolvem como um manto enquanto as fadas dançam em seu halo de luz.

"Você está bem, Célie?" Mila sussurra da cadeira ao lado da cama.

Depois da gruta, ela encontrou um rasgo no véu perto de Saint-Cécile, deslizando por ele para ficar perto de mim no reino dos vivos. Embora ela fale muito pouco - e me peça para falar ainda menos - não consigo decidir se aprecio ou não. Não consigo decidir se a quero aqui.

"Estou bem," eu sussurro de volta.

E as fadas continuam sua dança.

Lou e Reid trouxeram a caixa de música do meu quarto na Torre Chasseur, junto com todos os meus outros pertences mundanos: velas de cera de abelha e frascos de perfume de rosa, joias em pasta e livros de histórias com lombadas rachadas. Uma colcha verde-esmeralda na minha cama. Um espelho dourado em pé no canto. A camisola transparente e ridícula que uso atualmente.

Eles pretendiam ajudar enchendo sua casa com minhas coisas.

Eles queriam me lembrar que ainda sou Célie Tremblay.

Eles não poderiam saber que eu cobiçava as fadas nesta caixa de música tanto quanto as amava. Eu ansiava por roubar suas asas e voar para seu reino, para encantar criaturas selvagens e cortejar meu próprio príncipe fada. Minha babá, Evangeline, me deu a caixa no meu oitavo aniversário e, por quinze dias inteiros, falei de pouco mais até que Filippa - irritada - pegou a caixa de música da minha mesa de cabeceira e a quebrou em pedaços.

Ela se arrependeu instantaneamente, é claro, e colou as fadas de volta o melhor que pôde. Eu nunca notei as rachaduras recém-descobertas em seus

sorrisos. Talvez eu fosse muito jovem na época - muito ocupado sonhando com aventuras grandiosas e arrebatadoras e romance de parar o coração - ou talvez simplesmente não tenha prestado atenção. Eu olho para essas rachaduras agora, odiando-as silenciosamente.

Eu sonhei tantas coisas tolas.

Virando-me, eu suspiro pesadamente antes de inalar mais uma vez - uma reação instintiva, que enche meu corpo com o ar que ele não precisa mais. Erro. Meu estômago se contrai com o súbito influxo de cheiro, e saliva fresca inunda minha boca. Minha cabeça lateja. Minhas gengivas latejam. Embora eu feche os olhos contra a náusea, a escuridão das minhas pálpebras muda em um caleidoscópio doentio de cores, batendo em uníssono com os batimentos cardíacos na sala de estar. Dois deles. Meus punhos se curvam mesmo quando meus dentes começam a se alongar e a saliva continua a fluir. Minha garganta se contrai sem permissão e, por apenas um segundo, meu olhar se volta para a porta do quarto. Tudo pára sob a ponta de uma faca.

Lou e Reid vão um pouco além disso.

Posso ouvi-los na cozinha preparando o jantar - o tilintar suave dos talheres, o toque ocasional de seus ombros ao passarem um pelo outro. Os batimentos cardíacos de Lou aceleram um pouco quando Reid roça um beijo em sua têmpora. Ele ri quando ela bate em seu traseiro. Eles estão totalmente absorvidos um no outro.

Totalmente distraído.

Eles não vão notar você, uma voz familiar sussurra no fundo da minha mente. Não até que seja tarde demais.

E é verdade. Embora eu feche os olhos, quase posso ver o sangue bombeando através de seus corpos agora, e posso imaginar como seria o gosto - espesso, rico e quente na minha língua, decadente, como um banquete de reis. Mila não me impediu. Passamos meus últimos momentos juntos e, embora ela não tenha mencionado isso, sei que ela se sente parcialmente responsável pelo meu destino. Talvez se ela tivesse de alguma forma me forçado a passar por aquela luz dourada miserável, nada disso teria acontecido, mas ela me disse para escolher.

Ela disse que se eu não o fizesse, perderia minha escolha para sempre.

Irônico, isso.

Eu engulo em seco. Não, Mila não me impediria - não poderia me impedir - mas Odessa? Inclinando minha cabeça, eu a ouço sacudir cada página de seu livro enquanto ela ignora os humanos doentios e doces. "Eles fazem meus dentes doerem", disse ela ontem antes de me fixar com seu olhar penetrante. "Quando podemos ir para casa?"

Casa.

Para ela, isso significa Requiem. Mical a enviou aqui para cuidar de mim, para me guiar, mas ela nunca teve a intenção de ficar em Cesarine. No fundo, sei que Michal também nunca teve essa intenção. As últimas palavras que ele falou comigo ainda assombram meus sonhos - ou o fariam se eu dormisse.

Por favor, fique.

Ele não sabe que eu o ouvi. Eu não deveria tê-lo ouvido - não quando meu coração parou de bater - mas eu ouvi. Eu o ouvi e não consigo deixar de ouvi-lo. Ele me implorou para ficar, mas onde ele está agora? Por que ele não insistiu que eu permanecesse com ele no Requiem? E se não estiver lá, por que ele não se juntou a mim aqui, nesta sala miserável, para me ajudar na transição em vez de Odessa? As perguntas me enojam - elas são ridículas, inúteis, o menor dos meus problemas - mas não consigo deixá-las ir. Para deixá-lo ir. Com pouco mais para me distrair dessa névoa escarlate, Michal se espalhou como um veneno pela minha pele, e não consigo parar de coçar ele.

Por que ele me mordeu, apenas para me abandonar? Por que ele me deixou aos cuidados de meus amigos - me deixou machucá-los?

Eu não percebo que minha mão segura a maçaneta até que minha palma comece a queimar.

Com um assobio, eu o solto e pulo para longe, olhando para a corrente de prata ao redor da maçaneta. Lou não achava que tal precaução seria necessária. Ela argumentou quando eu insisti, mas no final, ela honrou o pedido desenterrando a única joia de prata que possuía: um colar feio e manchado que pertenceu a sua tataravó. Na cozinha, ela agora finge vomitar quando Reid lhe oferece uma cenoura, e eu enrolo minha mão ferida em um punho.

"Prenda a respiração", diz Mila suavemente.

Eles não vão notar você, aquela voz aterrorizante se repete.

Eu paro de respirar instantaneamente ao som disso, e depois de vários segundos de autocontrole árduo, eu me forço a me afastar da porta. A decepção ecoa fracamente de onde quer que - ou quem quer que seja - a voz venha. Você vai morrer de fome.

Parece minha irmã.

"Não, eu não vou."

Eu balanço minha cabeça ferozmente para a sombra no espelho enquanto Mila observa com os olhos arregalados. E por que ela não faria? Estou conversando com alguém que não está aqui, e nada disso - nada disso - é real. Filippa não pode estar nesta sala comigo. Mesmo que o ritual de Frederic de alguma forma funcionasse, mesmo que ela voltasse como um espírito ou - ou como outra coisa, eu ainda a veria. Mila também a ouviria.

Minha determinação endurece com isso. Mais do que tudo, o silêncio de Mila prova que Filippa ainda está morto, e isso é apenas uma alucinação. Não seria a primeira vez que ouviria vozes, não é? Eu olho para o espelho. Rachaduras fracas em sua superfície prateada refratam a luz de uma maneira estranha, mas, por outro lado, o vidro fica parado e silencioso. Não há rasgo no véu, nem eco de riso. Nenhum flash de olho esmeralda.

Eu ainda olho para o espelho com fome.

Eu sei que não devo fazer isso de novo. Eu sei melhor do que esperar.

Eu ainda sigo para frente até ficar na frente da coisa miserável, no entanto, olhando para onde meu próprio reflexo deveria estar. Orando pela centésima vez - a milésima - para que este seja o momento em que o sonho termine. Que o príncipe das fadas vai me beijar acordado agora, e nós dois viveremos felizes para sempre.

Por favor.

Embora eu fique lá por mais alguns segundos, esperando, nada acontece. Eu fecho meus olhos novamente. Abra-os. A amargura percorre através de mim quando o espelho permanece vazio, e eu me viro sem pensar, agarrando a caixa de música e quebrando-a contra as tábuas do assoalho. A canção de ninar termina com um estrondo violento e satisfatório, mas minha fúria não diminui - em vez disso, sobe pela minha garganta como vitríolo, e eu amaldiçoo quando os pedaços de porcelana se acomodam. O sorriso insípido da princesa permanece inteiro e intacto. Com um rosnado desconhecido, eu piso nele com todas as minhas forças. Eu piso em todos eles - cada fragmento - até que nada além de poeira brilhante permaneça, até que meus pés descalços sangrem e doam. Eu quero que eles sangrem e doam.

Antes que eu possa pegar a corrente de prata, no entanto, vozes baixas soam da entrada. A porta da frente se abre com um movimento suave, acompanhado pelo farfalhar das pernas das calças de lã, um vestido de seda. A batida constante de mais dois corações. Dois, não três. Passos leves cruzam a soleira no segundo seguinte, e a porta se fecha mais uma vez. "Como ela está?" Coco sussurra.

"Perdemos alguma coisa?" Beau pergunta.

A voz de Jean Luc deveria se juntar à deles agora, mas não se junta. Ele não veio.

Difícil mantê-los em linha reta, não é? Essa voz canta. Jean Luc, Michal. . . Michal, Jean Luc . . .

Eu luto para ignorá-lo, e os sons suaves e úmidos da faca de Reid param enquanto ele murmura: "Nada mudou".

Ele nunca vai te amar.

Eu me encolho e olho para o resíduo da caixa de música.

"Não queríamos acordá-la até o jantar." Lou tropeça levemente enquanto Melisandre serpenteia entre seus pés, e um ronronar sonoro pontua suas próximas palavras. "Ela parece. . . exausto."

Mila flutua mais perto, levantando um braço como se fosse envolvê-lo em volta de mim. Para me confortar. Quando fico tenso, no entanto, temendo o contato, ela para, com o braço caindo para o lado. "Vai ficar melhor hoje à noite, Célie," diz ela suavemente enquanto Coco e Beau desamarram suas botas. "Não perca a esperança."

Eu resisto ao impulso de zombar de seu otimismo. "E com base em que você está fazendo essa suposição? A noite passada? O anterior a isso? Que tal a semana passada?"

Mila não responde. Ela não pode responder - não com sinceridade, pelo menos - e, em vez disso, nós dois ouvimos quando Beau pergunta: "Ela comeu mais alguma coisa?"

Às vezes eles esquecem que eu posso ouvi-los. Às vezes, eles fingem que nada mudou.

Reid continua seu trabalho com a faca, cortando carne e legumes com uma mão experiente. O cheiro deles - caça, terra, talvez carne de veado e ervilhas com cenouras - passa por baixo da porta do meu quarto e congela no meu estômago. "Não desde o jantar de ontem."

"E esta noite?"

Reid não hesita. "Veado. Esperamos que um animal maior ajude."

Um animal maior. Eu sufoco a vontade de vomitar.

"Eu te disse" - Lou abaixa a voz, pelo menos, mas eu ainda ouço cada palavra - "seu corpo não quer veados. Deveríamos - eu não sei - encontrado um urso, ou...

"Temos ursos em Belterra?" Beau pergunta abruptamente.

Suspirando de exasperação, Coco pendura sua capa e o cheiro de seu sangue - minha visão se inclina novamente. Eu agarro uma cabeceira da cama para me equilibrar enquanto ela diz: "Como você não sabe disso? Você é o rei..."

"Eu não sou o rei dos ursos, Cosette."

Odessa bufa do canto.

"Não, Beauregard", diz Coco com uma voz sofrida, "não temos ursos em Belterra, mas se formos honestos, o corpo dela não quer nenhum animal. Ela precisa se alimentar - realmente se alimentar, desta vez. Eu disse a ela que poderíamos ajudá-la a caçar, mas ela recusou.

Fechando seu livro, Odessa diz um tanto travessivamente: "Oh? E você tem experiência em caçar humanos?"

Uma pausa enquanto todos relutantemente se voltam para ela. Embora eles

tenham feito o possível para evitar sua presença, eles nunca a ignoram completamente - por minha causa, eu acho. Ontem, ela repreendeu Lou por alimentar Melisandre com queijo - "Você tem alguma ideia do que os laticínios fazem com a digestão de um gato?" - até que Reid interveio, momento em que ela narrou a história e os mitos do cabelo ruivo por quase uma hora. Coco respira fundo agora. "É claro que não temos experiência em caçar humanos, mas..."

"Eu faço, na verdade." Ao contrário de Coco, Reid não se preocupa em esconder seu desgosto pelo vampiro em sua cozinha. Em algum lugar entre a sugestão de Odessa de que Melisandre fedia e que, historicamente, seu cabelo significava que ele deveria ter sido sacrificado ao nascer, Reid perdeu suas graças sociais. "Juntos, poderíamos ajudar Célie a se alimentar sem prejudicar ninguém."

"Ah, sim." Imagino Odessa examinando as unhas com uma educada falta de interesse. "O caçador. Diga-me, querida, com toda a sua experiência inefável, como você imagina essa cena se desenrolando? Vocês quatro - três dos quais governam toda a Belterra - desceriam às ruas ao anoitecer em busca do jantar de Célie?

"Nós não desceríamos..."

"E o que aconteceria se você o encontrasse?" Com a voz enganosamente leve, Odessa continua sem reconhecê-lo. "Talvez um jovem adorável correndo para casa depois de uma noite na loja - você o encurralaria em um beco escuro e educadamente pediria a ele que oferecesse uma veia? Você encantaria sua aquiescência se ele recusasse? Hmm... não." Ela bate um prego no queixo em contemplação. "Você é um caçador, afinal. Em vez disso, você provavelmente o incapacitaria enquanto Célie tirava seu sangue vital à força. De qualquer forma, resultaria em danos. Provavelmente até a morte."

Eu olho para os meus pés, incapaz de realmente vê-los, e ouço a suave perturbação do ar enquanto Reid balança a cabeça. "Célie nunca faria mal a ninguém."

"Você já viu um vampiro recém-nascido se alimentar?" A voz de Odessa fica extraordinariamente grave quando ninguém responde. Ela não pode fingir ignorar meus sentidos aguçados; ela quer que eu ouça cada palavra. "Você pode ter conhecido Célie uma vez, mas ela não é mais humana. Ela não será capaz de controlar seus impulsos, e isso a torna perigosa. Especialmente para todos vocês. Ela é atraída por você, claramente - até te ama - mas toda emoção fortemente sentida se transforma em fome em um vampiro recém-nascido. Ela precisa estar entre sua própria espécie em Requiem. Não consigo entender por que Mical permitiu que você a trouxesse aqui, mas...

"Célie não queria viver de Réquiem," Lou diz irritado, interrompendo-a

enquanto meu olhar se levanta mais uma vez. "Ela nos contou pouco antes de morrer."

"E massacrando seus amigos?" Odessa pergunta. "É isso que Célie iria querer?"

"Isso não vai acontecer."

"Se ela sentir o cheiro do seu sangue enquanto se alimenta, Louise le Blanc, ele sentirá."

"Bem, então", diz Lou enquanto caminha pelo corredor em direção à minha porta, "vamos torcer para que ela se sinta fortemente em relação aos cervos".

Um momento depois, ela bate, e meus joelhos parecem criar raízes quando a porta se abre. Ela enfia a cabeça para dentro com um gentil: "Célie? Você está acordado? Eu pensei ter ouvido—" Seus olhos caem para a caixa de música quebrada e se arregalam ligeiramente. Eu engulo em seco. "É. . . tudo bem?"

"Minha caixa de música quebrou." Embora eu diga as palavras rapidamente, febrilmente, a cabeceira da cama começa a se estilhaçar na minha mão porque não consigo - não consigo prender a respiração e falar ao mesmo tempo. Não posso evitar que o cheiro de sua magia se torne um gosto literal na minha língua, e - e - eu engasgo com minhas próximas palavras. "Mas eu - acho que posso consertar isso. Acho que posso..."

Assobiando baixinho, Lou se agacha para passar um dedo pela poeira brilhante. Seus lábios se contraem. "Maldição. Acho que nem eu posso consertar um ataque de temperamento tão admirável. Bom para você, Célie, mas - é uma pena. Eu tinha planos para esta pequena caixa de música assustadora.

Eu pisco para ela, perplexo. "O quê?"

"Oh, eu ia escondê-lo ao lado do travesseiro de Reid depois que ele adormecer esta noite." Ela acena com uma mão errante e, imediatamente, seu encantamento toma conta de mim, entorpecendo a ponta afiada da minha fome. Seu próprio estômago emite um estrondo ensurdecedor em resposta. Ela dá um tapinha com carinho. "Ele tentou me assustar outro dia - escondeu-se debaixo da cama e tudo, abençoe-o. Ele achou que seria extremamente inteligente agarrar meu tornozelo enquanto eu passava. Um sorriso tortuoso. "Ele não tem ideia do que começou."

"Por que - por que ele faria isso?"

"Eu posso ter tingido as sobrancelhas dele de azul na semana passada." Olhos brilhando travessamente, ela se levanta e tira o pó das mãos contra as calças antes de oferecer uma para mim. "Venha jantar, Célie. Você não deve cozinhar aqui sozinho.

"Eu não estou sozinho," eu digo reflexivamente.

A risada de Filippa ecoa ao meu redor novamente, e o cabelo do meu

pescoço se levanta. Meus olhos se voltam para Mila, que franze a testa.

"Certo, claro. Mila também está convidada."

Embora eu hesite, olhando cautelosamente para sua mão estendida, Lou sorri e contorce os dedos. "Oh, vamos lá. Você vai nos fazer implorar por sua companhia?" Ela não espera que eu responda desta vez; Ela simplesmente agarra minha mão e me puxa pelo corredor à luz de velas em direção aos outros. "Pare de arrastar os pés, sim? É apenas jantar. Nada a temer entre amigos." Ela olha para trás quando eu não respondo, e o rosto prateado de Mila reflete em seus olhos. "Não é mesmo, Mila?"

"Exatamente", diz Mila com uma corajosa tentativa de tranquilização.

Ela não ouve a risada fraca tilintando do espelho atrás de nós, no entanto. Eu resisto ao impulso de me virar, de vislumbrar minha irmã me espionando no vidro. Sim, Célie, ela parece cantarolar. Nada a temer.

É apenas jantar.

Capítulo Dois

A Sétima Cadeira

Eles prepararam a mesa para sete, assim como faziam todas as noites.

Eu coloco um sorriso frágil no rosto quando entramos no espaço aberto que serve como cozinha e sala de estar, e ignoro a sétima tigela. Assim como eu faço todas as noites. Porque não importa - não importa - e a ausência contínua de Jean Luc não pode me fazer sentir pior do que já me sinto.

Eu me agarro a essa convicção como uma jangada no mar enquanto Mila se dirige para Odessa.

"Célie!" Como um relógio, Beau se move primeiro, saltando pelo sofá para me envolver em um abraço apertado. Coco segue em seus calcanhares. Logo ambos envolveram seus braços em volta de mim, e minha garganta se contrai novamente enquanto eu fico rígida entre eles, travando minha mandíbula e me inclinando, apesar de querer esmagá-los contra meu peito e nunca mais soltá-los. Mais risadas ecoam pela minha cabeça com o pensamento. Porque eu os amo, digo à minha irmã ferozmente.

Hmm. Tenho certeza de que esse é o motivo.

Com o coração despencando, eu viro minha bochecha para longe da linha da garganta de Coco.

Se algum deles perceber, eles não dizem, mas seus olhos se dilatam um pouco enquanto se afastam para sorrir para mim. Eu coloco o meu próprio no lugar, sentindo-me um pouco doente. Não preciso de um reflexo para perceber que minha aparência também mudou. Embora minha pele sempre tenha sido clara, agora brilha de um branco etéreo, e meu cabelo escuro cai mais longo, mais grosso, mais pesado à medida que ondula pelas minhas costas, brilhando como vidro à luz de velas. Os olhares demorados e as respirações agudas de meus amigos confirmam o que eu já sei: meu rosto se tornou uma arma.

"Precisávamos sair por algumas horas", diz Coco, um pouco sem fôlego, "mas tudo está resolvido agora. Como você está, Célie? Você dormiu bem?"

Suas palavras soam sinistras e, embora eu queira perguntar a ela o que foi tratado, não confio em mim mesmo para falar. Em vez disso, eu sorrio mais brilhante e aperto suas mãos sem dizer uma palavra.

Na verdade, não durmo há uma semana.

Filippa parece quase entediado na minha cabeça. A vítima eterna.

"Bem, eu certamente não fiz." Beau varre uma cadeira da mesa para eu me sentar, e eu me forço a me concentrar nele. Nele, não na minha irmã. O real e o tangível desta sala. Acima de nós, potes de cobre brilham alegremente, piscando para as tigelas de ensopado lascadas e incompatíveis. O apartamento inteiro cheira a alegria, e deve ser meu lugar favorito em todo o mundo. Era uma vez, pode ter sido.

Agora parece uma prisão.

"Se esse arranjo continuar por muito mais tempo", diz Beau sem perder o ritmo, "vou insistir que uma das bruxas desta casa conjure uma cama adequada para a sala de estar. Estou com um torcicolo no pescoço há dias." Ele empurra o queixo em direção aos cobertores dobrados e travesseiros empilhados no sofá, onde ele e Coco estão dormindo desde que voltamos do Requiem há uma semana.

"Foi você quem exigiu que ficássemos aqui - não que eu esteja reclamando", ela acrescenta apressadamente para mim. "Eu prefiro estar aqui do que no castelo, especialmente com os Caçadores bisbilhotando."

Ainda sorrindo, eu aceno com a cabeça e mantenho minha boca firmemente fechada. Embora o encantamento de Lou permaneça, o cheiro de tanto sangue em uma sala é avassalador. Especialmente Lou e Coco. Michal uma vez me disse que o sangue de criaturas mágicas tem um gosto mais potente do que o sangue humano, e agora eu acredito nele. Como criaturas mágicas particularmente poderosas, meus dois amigos têm um cheiro delicioso.

"Você quer dizer a adorável Brigitte?" Beau leva minha cadeira para a mesa enquanto Reid pega minha tigela vazia e a enche com - não ensopado. A bile sobe ao vê-lo. Mais espesso e mais escuro e totalmente mais repulsivo do que caldo, carne e vegetais, meu jantar mancha a porcelana branca de carmesim.

Sétima vez é o charme, você acha?

A pressão aumenta em meus ouvidos ao som daquela voz, e eu aperto os dentes para não quebrá-la.

"Tecnicamente, Brigitte ainda não é uma Caçadora, mas eu não a culpo por agir um pouco" – Beau procura a palavra certa, sem se importar com minha luta interna – perturbado esta noite. Houve outro distúrbio em Saint-Cécile no início desta noite. Ladrões de túmulos", acrescenta-me ele em explicação. "Um inconveniente, geralmente - alguns corpos desaparecidos a cada poucos meses - mas eles estão ficando fora de controle. Eles desenterraram metade do cemitério neste momento.

Eu franzo a testa com isso, mas ninguém mais reage muito; eles parecem já

ter ouvido a notícia. Para minha surpresa, a voz na minha cabeça também permanece em silêncio - mas é claro que ela o faz. Eu me sacudo mentalmente, quase quebrando os dentes de frustração agora. Ela não existe.

Odessa escolhe esse momento para zombar e se levantar da cadeira, igualmente enojada com o sangue na minha tigela, antes de desaparecer pelo corredor para seu quarto. Mila segue. Eles nunca ficam para jantar. Em vez disso, Odessa entrará no East End para jantar em outro lugar, e Mila - sem o conhecimento de seu primo - a acompanhará.

Beau franze a testa atrás deles. "Uma criatura tão calorosa e empática, aquela Odessa. Uma inteligência emocional tão aguçada - ela envergonha até Brigitte.

"Aquela criatura calorosa e empática ainda pode ouvi-lo." Reid se senta ao lado de Lou, deixando a cadeira entre nós aberta para nosso sétimo convidado para o jantar. Eu ignoro essa cadeira. Eu me recuso a olhar para isso. "Então eu teria cuidado se eu fosse você."

"Bobagem." Beau reivindica o assento do outro lado de mim, imediatamente inclinando-o para trás nas patas traseiras e entrelaçando os dedos atrás de seus cabelos escuros. "Se a vampira gosta de uma mordida agora, Célie pode chutar a bunda dela para mim." Ele sorri em minha direção. "Não está certo?"

"O quê?" Distraído, falo sem pensar e pago instantaneamente o preço; O fogo rasga minha garganta e meus olhos lacrimejam com a pura dor, com o gosto potente de meus amigos em minha língua. Não posso simplesmente ignorar Beau desta vez, no entanto, e não acho que um simples aceno de cabeça ou balançar a cabeça comunicará efetivamente o escopo de sua estupidez. "Odessa é muito antiga," eu suspiro. "Muito forte. Eu a vi arrancar a língua de um vampiro com as próprias mãos.

A voz de Odessa ecoa pelo corredor. "E nunca se esqueça disso, querida."

Beau bufa e cai de quatro com um plunk antes de comer seu ensopado. "Não se subestime, Célie. Você treinou com os Artilheiros. Tenho certeza de que você poderia arrancar uma ou duas línguas - de preferência a dela, se ela continuar pontificando sobre as melhores maneiras de decretar um embargo comercial.

"Melhor do que ouvi-la descrever - em detalhes luxuosos - como todos os seus ancestrais morreram", diz Lou ironicamente.

"Oh, não, ela me presenteou com esse conhecimento feliz também", diz Beau. "Aparentemente, um veado chifrou meu tataravô até a morte enquanto ele respondia ao chamado da natureza na caçada real..."

Eu interrompo antes que qualquer um deles possa ganhar força, minha cabeça começando a bater mais uma vez. O sangue em suas veias cheira delicioso, sim, mas o sangue na minha tigela cheira mal. "Isso é nojento, e eu não tenho vontade de tocar uma língua."

Mentiroso.

"Talvez você ainda não tenha encontrado o caminho certo", diz Coco criteriosamente.

"Falando nisso..." Beau se vira para Reid antes que eu possa responder, e minhas mãos fecham o punho na minha saia enquanto seu cheiro me lava novamente, enquanto Filippa ri e me incentiva a me aproximar. Ele aponta a colher para a cadeira vazia ao meu lado. "Onde está seu amiguinho insuportável? Ele não estava no castelo esta noite.

Embora eu tenha me recusado a pensar em Jean Luc, a pergunta ainda me pega de surpresa - ou talvez não seja a pergunta, mas o texto. Porque ele ligou para o amigo insuportável de Jean Luc Reid, não meu, e eu - suponho que seja verdade agora. A realização atua como um porrete. Isso quebra a escravidão do sangue de Beau.

Reid me envia um olhar furtivo, mas finjo não vê-lo enquanto ele diz: "Ele não conseguia fugir da Torre. Ele envia seus arrependimentos."

Apesar das minhas melhores intenções, meus olhos brilham para os dele. "Não, ele não precisa."

Nós olhamos um para o outro por um único batimento cardíaco assustado.

"Célie, ele—" Reid hesita, claramente dividido. Embora ele prefira engolir sua faca de cozinha do que ter essa conversa, Reid ainda é Reid, e ele nunca mentiu para mim antes. "Dê-lhe espaço", diz ele finalmente. "Ele vai voltar eventualmente. Ele é apenas. . . ele está tendo dificuldades com tudo isso."

As palavras - ditas com tanta seriedade, tão inocentemente - deslizam sob o calor derretido que ferve dentro do meu peito, preenchendo o vazio que senti desde que acordei como um vampiro. Desde que acordei morto. Ele está tendo dificuldades com tudo isso.

"Ele é?" Pergunto suavemente.

Mate-os, diz Filippa, mais suave ainda.

A mesa parece respirar coletivamente com minha expressão, e as teias de aranha da magia de Lou roçam minha pele. Eles encobrem as bordas cruas da minha raiva, e eu os odeio - eu os odeio - e resisto ao impulso de arranhar minha carne, de descascar cada camada sangrenta até que eu seja eu de novo, até que eu seja Célie. Não alguém que alucina sobre sua irmã morta. Não alguém que inadvertidamente aproxima sua cadeira do humano ao lado dela, que calcula os segundos exatos que levaria para debilitar primeiro Beau, depois Coco e Reid. Lou se senta do outro lado da mesa, então ela levaria mais tempo para alcançar. Ela seria mais difícil de subjugar também, mas seu sangue...

Minhas gengivas se abrem com o pensamento, e minhas presas descem - saliva estourando, se acumulando, espalhando-se até que meu desfiladeiro sobe e

eu engasgo com ele.

Oh Deus.

Jogando-me para trás, derrubo minha cadeira e manchas brancas explodem em minha visão. Oh Deus, oh Deus, oh Deus. Meu peito arfa enquanto eu luto para prender a respiração, e todos eles estão olhando para mim agora, com os olhos arregalados de alarme. Tanto Reid quanto Coco se levantaram da mesa, e Beau fica absolutamente imóvel, como se eu fosse um animal selvagem - um predador - e ele não ousa se mover por medo de chamar minha atenção. Você está na metade do caminho, Célie.

Apenas Lou olha calmamente para mim. "Você provavelmente deveria comer agora."

Na minha periferia, Odessa e Mila aparecem no corredor, silenciosas e observando.

"Eu sinto muito." Eu agarro a parede da cozinha com uma mão, cobrindo minha boca com a outra e escondendo meus dentes do quarto. Lágrimas frescas de humilhação queimam sob minhas pálpebras. Tudo o que pareço capaz de fazer hoje em dia é pedir desculpas, mas Jean Luc está passando por um momento difícil? "Eu sinto muito, muito mesmo. Eu não quis dizer - eu deveria - "

Com o movimento de seu pulso, Lou endireita minha cadeira e empurra minha tigela para a borda da mesa. Com outro, o vapor se enrola do sangue mais uma vez. Embora ela não pareça assustada como os outros, o brilho em seus olhos turquesa se apagou e seu rosto parece mais pálido do que o normal. Afinal, estou colocando em risco a família dela. Sua casa. O calor derretido no meu peito se transforma em gelo.

"Coma, Célie", diz ela.

Eu me sinto aceno com a cabeça, dando um passo hesitante à frente. Depois outro. O silêncio pesa sobre a sala enquanto eu retomo meu lugar à mesa, com o cuidado de me mover lentamente por causa de Beau. Ele se senta mais ereto do que antes, os dedos apertados sobre a colher. Eu pego o meu próprio sem dizer uma palavra, mergulhando-o sob a superfície carmesim da minha tigela e levando-o aos meus lábios.

O sangue tem um gosto tão ruim quanto cheira.

Eu não faço caretas, no entanto, ou dou qualquer outra indicação do meu desconforto, mesmo quando minha irmã sussurra: Quanto tempo você pode sobreviver assim, ma belle? Quanto tempo antes que seu corpo assuma o controle?

Eu ignoro a alucinação, assim como ignoro meu estômago revirado quando o sangue de veado entra no meu sistema. "Peço desculpas," eu digo novamente,

mais calmo desta vez, levantando meu queixo e encontrando os olhares de cada um dos meus amigos. Eles sorriem timidamente de volta para mim, e eu já estou perdoado. Até Beau relaxa em seu assento, e Odessa desaparece em seu quarto mais uma vez. Mila permanece por apenas mais um segundo - seus olhos um pouco compreensivos demais - antes de seguir.

O silêncio permanece um pouco tenso, no entanto. Lou ainda parece vagamente doente.

"Foi isso... Minha mãe veio até a porta esta manhã?" Pergunto a Reid depois de mais um momento.

"Sim." Ele empurra sua tigela vazia para longe. "Ela veio da Torre. Ela tem sido, ah, assediando os caçadores sobre o seu paradeiro.

"Assediar Jean Luc, você quer dizer."

Ele me lança um olhar cauteloso. "Ela disse que chegou a hora de medidas desesperadas."

"O que ele disse a ela?"

"Nada. Ele concordou em não divulgar nada até que você esteja pronto. Por enquanto, o reino assume que você ainda está com Michal, embora Jean não tenha sido particularmente quieto nessa frente. Reid hesita. "Ele interrogou os Chasseurs em Les Éternels antes de partirmos para o Requiem na véspera de Todos os Santos, e eles. . . bem, eles não foram exatamente discretos desde que voltamos. Rumores de vampiros varreram a cidade - provavelmente todo o reino agora.

"O preço da prata disparou", confirma Beau. "Sou amigo de um ourives local e acho que ele gostaria de se casar com você."

Eu quase rio disso. Quase. Em vez disso, engasgo com outro bocado de sangue. Tem gosto de caça e errado, contaminado, como carne rançosa em um dia quente. Meu estômago revira. "Eu nunca esperei que Jean Luc mantivesse a existência dos vampiros em segredo. Ainda assim, porém, é muito. . . gentilmente da parte dele ter guardado o meu."

Reid recolhe as tigelas vazias na mesa para evitar olhar para mim. "Eu disse que ele não te odeia, Célie."

Outro silêncio desconfortável desce. Sua segunda mentira.

Segurando minhas mãos no colo, eu olho para meus dedos atados - elegantes, pálidos e elegantes. Completamente estrangeiro. "Claro que não."

Na primeira noite em que acordei como um vampiro, Jean Luc compareceu ao jantar. A primeira e única refeição que ele levou comigo. Quando entrei na cozinha, pálido e estranho, seus olhos se apertaram. Quando levei a tigela de caldo aos lábios - caldo, não sangue, em uma tentativa desesperada de manter a normalidade - vomitei-o violentamente sobre a mesa, meu corpo incapaz de

consumi-lo. Lou e Reid produziram um copo de sangue sem hesitação, mas o olhar no rosto de Jean Luc. . .

Embora eu tenha recusado o sangue - derrubando-o no chão em um acesso de pânico - Jean Luc ainda saiu.

Ele saiu e não voltou.

Como se estivesse me lembrando daquela noite, meu abdômen se contrai dolorosamente e eu aperto minhas mandíbulas, determinado a manter o sangue baixo desta vez. "Minha mãe não..." Mas minha mão voa para a boca, abruptamente, quando meu corpo começa a arfar involuntariamente. Não. Por pura força de vontade, eu engulo e deito minha colher. Não vou perder meu estômago esta noite. Eu não vou.

Beau dá um tapinha na minha mão simpática. "Sua mãe ainda acha que você está vagando pelo campo com um belo estranho. Ela se importa muito pouco com seu vampirismo, de uma forma ou de outra. Na verdade, acho que ela está mais zangada com o seu noivado quebrado do que com o gosto dele por sangue. Você é bom e completamente arruinado na aristocracia agora.

Com um estremecimento violento, engasgo com seu pronunciamento, perdendo a batalha antes mesmo de começar. O líquido odioso queima todo o caminho até que eu o expeli sobre a mesa em um impulso desesperado, assim como todas as outras noites desta semana. Assim como minha irmã previu.

Segue-se um segundo de silêncio. A mão de Beau ainda está nas minhas costas. Então - antes que eu possa fazer qualquer coisa além de me encolher, horrorizado - meus amigos se movem em uníssono praticado. Lou acena com o braço, e o enjoo sangrento em suas peônias desaparece instantaneamente. Reid pega minha tigela quase tão rapidamente, marchando pela porta da frente, enquanto Beau puxa meu cabelo para o lado e Coco me entrega um pano para limpar meu rosto. "Vai ficar tudo bem, Célie", diz ela com seriedade. "Nós vamos descobrir isso."

"Isso não é nada, realmente." Embora Lou sorria em segurança, ela parece ainda mais pálida do que antes. E as peônias - elas permanecem rosa em vez de brancas. Não posso me concentrar nisso, no entanto, enquanto outro surto de doença destrói meu corpo, e Reid coloca um pequeno balde de lavagem na minha frente.

É tudo tão gentil.

Tão humilhante.

"Talvez, er... urso da próxima vez", diz Beau com uma voz terrivelmente leve.

Eu aceno com a cabeça sem dizer uma palavra. Porque esta é a minha vida agora.

Quando minha irmã fala novamente, quase posso sentir sua presença nas minhas costas, como se ela estivesse diretamente atrás de mim. Como se ela tivesse ficado lá o tempo todo. Seus dedos parecem acariciar meu cabelo e, por apenas um instante, os olhos de Beau se voltam para os fios, estreitando-se ligeiramente enquanto eles farfalham no ar parado. Você vai matá-los, você sabe. Você nunca teve uma chance.

E abruptamente, é tudo demais - a voz da minha irmã, seu toque, as expressões excessivamente sinceras de meus amigos mais queridos. "Não." Eu rosno a palavra, batendo as palmas das mãos na mesa e girando para gritar com minha irmã, para dizer a ela que não vou matar ninguém-

Mas ela não está lá. Claro que ela não é. Ninguém está lá, e a mesa racha ameaçadoramente sob minhas mãos enquanto Beau se afasta com um grito assustado, enquanto Reid e Coco se levantam em alarme. "Célie?" Lou se levanta mais devagar do que os outros, franzindo a testa para o ar vazio atrás da minha cadeira. "O que é isso? O que há de errado?"

Beau estremece enquanto ele também inspeciona o espaço ao meu redor. "Há outro fantasma aqui? Isso - aquela mulher Mila?

"Mila saiu com Odessa," eu digo por entre os dentes.

"Mais alguém, então?"

"Não há mais ninguém." As palavras pousam como facas entre nós - muito afiadas, até mesmo para meus próprios ouvidos - e ele pisca, recuando para longe delas. A vergonha abre meu peito em resposta e, instantaneamente, eu me movo para - sei lá, consolá-lo. Ele mantém distância, no entanto. "Sinto muito." Sinto muito, me desculpe, sinto muito. As palavras parecem sangrar de todas as partes de mim até que eu esteja me afogando em sangue - meu, sim, mas também deles. Meus dentes doem com o cheiro dele, e meus ouvidos zumbem quando a risada de Filippa ecoa em uma onda desorientadora pela sala. "Algo está acontecendo comigo..."

"O que está acontecendo com você?" Lou se inclina para a frente na mesa, seus olhos se estreitando desconfiados. "Se ninguém está aqui, por que você gritou? O que está acontecendo?"

Eu balanço minha cabeça reflexivamente. "Eu não - eu não queria..."

"O que você não está nos dizendo, Célie?"

"N-Nada—"

"Você está mentindo."

"Não, eu estou—eu não estou—" Meus dentes descem naquele momento, no entanto, e a risada de Filippa atinge um pico febril. Isso me ensurdece, e eu aperto minhas mãos contra a pressão crescente na minha cabeça, ainda tremendo, ainda tentando e falhando em me convencer de que isso não é real.

Isso não é real. Nada disso é real—

Eu ouço a faca antes de vê-la.

Girando novamente, eu pego a lâmina prateada uma fração de segundo antes de perfurar a parte de trás do meu crânio, e no corredor além, algo se move na escuridão. Algo... Ondulações. "O véu", respiro incrédulo e, diante dos meus olhos, suas bordas raspadas se consertam; A risada de Filippa morre instantaneamente. O silêncio desce e, com ele, uma sensação doentia de alívio. Espontaneamente, eu olho para os meus dedos, sem perceber como eles queimam até que Coco arranca a faca.

A faca muito real.

Não estou imaginando coisas desta vez. Embora eu não saiba o que aconteceu com Filippa na véspera de Todos os Santos, essa dor na minha mão é real. Aquele rasgo no véu era real, o que significa que a pessoa que o abriu também deve ser real. . . se eles são uma pessoa.

Encontrando o olhar incrédulo de Lou, eu digo: "Acho que minha irmã está me assombrando."

Capítulo Três

Como Comungar com os Mortos

"O que precisamos", Lou pronuncia uma hora depois, "é de uma sessão espírita".

Sentado à mesa da cozinha mais uma vez, Beau geme e deixa cair a cabeça entre as mãos enquanto uma tempestade se forma do lado de fora das janelas. Trovões ressoam à distância. "Não é disso que precisamos, Lou. Uma sessão espírita nunca é o que alguém precisa."

"Bobagem." Pálida, mas determinada, Lou voa pela sala de estar, juntando todas as velas apagadas que pode encontrar enquanto eu prendo a respiração, observando-a com os membros cuidadosamente presos. Minha cabeça ainda lateja e uma auréola toca minha visão. "Se Filippa quiser jogar conosco, precisamos aprender as regras do jogo, ou nunca podemos esperar vencer. Oh, não olhe para mim assim", acrescenta ela. "Ela apenas tentou matar Célie. Claramente, ela não está se sentindo muito amigável. Você não quer saber por que - saber o que ela quer?

"Não", diz ele exasperado. "Eu nunca quis saber nada menos..."

"Ela não queria me matar." Eu falo as palavras rigidamente, movendo meus lábios o mínimo possível. "Acho que ela queria me fazer alimentar. . . corretamente." Embora eu não consiga esclarecer mais - não com eles tão perto de mim - eles parecem entender tudo da mesma forma; Beau empalidece, recuando, enquanto Lou balança a cabeça e Coco revira os olhos.

"Que apoio", ela murmura.

Lou despeja uma braçada de velas na nossa frente. "Mas por quê? O que ela pode ganhar com nossas mortes prematuras?

"Somos bastante importantes." Beau gesticula ao redor da mesa sem um pingo de humildade, mas ele também está certo - entre os quatro, eles governam a maior parte da população do reino. "Não faz sentido fingir o contrário."

"Talvez não seja sobre nós." Reid endireita as velas compulsivamente. "Talvez seja uma questão muito mais simples de companhia amorosa da miséria." Então, para mim: "O que faz você pensar que sua irmã vai responder a essa convocação depois de jogar uma faca em você? Não parece que ela queira conversar."

Eu limpo o fogo da minha garganta. "Ela não terá escolha."

Embora Lou sorria em aprovação, eu afasto meu olhar deles, concentrando-me no cheiro das peônias em seu vaso pintado. Doce e rosado com um toque cítrico. Porque eu não tenho tempo para essa dor profunda e interminável no meu estômago. Filippa acabou de quebrar a bela ilusão de segurança que meus amigos criaram para mim - e com Filippa, infelizmente, vem Frederic.

O Necromante.

Tentei não pensar nele. Eu me convenci a acreditar que seus planos falharam - ou, pelo menos, que terminaram com Filippa. Que talvez ele nos deixasse em paz para recriar a vida que Morgane roubou deles. Que talvez ele e Pip vivessem felizes para sempre, e eu nunca precisaria encontrá-los.

Levantando-me abruptamente, varro o vaso de peônias para o lado para abrir espaço para mais velas, que Lou deixa cair sem cerimônia em minhas mãos. Beau balança a cabeça em descrença enquanto ela sai em busca de giz. "Isso é demente", ele respira. "E se Filippa não for nem mesmo um fantasma? E se ela for outra coisa agora, e - e nós desenterrarmos todos os tipos de maldade com essa pequena transgressão - "

Zombando, Lou continua a vasculhar os armários. "É melhor pedir perdão do que permissão."

"Não", diz Beau rapidamente. "Não, não é." Ele se levanta da cadeira com os olhos arregalados e em pânico. "A permissão é infinitamente melhor quando o uso de velas e... e" - ele solta um gemido quando Lou encontra o giz, desenhando cinco linhas longas e retas sobre a mesa - "pentagramas estão envolvidos. E se batermos e outra pessoa responder?"

Coco dá um tapinha em sua bochecha com simpatia antes de se juntar a Lou ao redor da mesa. "É aí que eu entro, eu acho."

"Você acha?"

Lou encolhe os ombros, completamente despreocupado. "Não é como se nenhum de nós tivesse feito isso antes, e sem o grimório de La Voisin para nos guiar..."

"Qualquer feitiço naquele livrinho maligno é um que definitivamente não deveríamos estar fazendo..."

"Você não deve se preocupar, então", diz Lou docemente, "já que acabamos de estabelecer que este é um feitiço de nossa própria invenção."

Beau gira para Reid em busca de apoio. "Você não pode pensar seriamente que criar um feitiço para invocar os mortos é o nosso melhor plano de ação. Não é por isso que estamos nessa bagunça para começar?"

Reid hesita atrás de Lou e Coco, olhando para o pentagrama sobre suas cabeças. Então ele volta seu olhar apreensivo para mim. "Você projetou astral

quando viu sua irmã na gruta na véspera de Todos os Santos. Você não poderia, er... fazer isso de novo para encontrá-la agora?"

"Uma excelente ideia." Beau enfia um dedo triunfante no ar. "Volte para o reino espiritual e procure por ela lá."

Meu corpo enrijece.

"Não seja estúpido", diz Lou imediatamente.

"É muito perigoso", diz Coco ao mesmo tempo. "Não temos ideia do que Filippa planejou para nós. Até que o façamos, Célie não deve ir a lugar nenhum sozinha, e especialmente a algum lugar que não possamos seguir.

Somente quando Beau murmura sua concordância é que eu relaxo infinitesimalmente. Porque a verdade é - bem, eu não pisei no véu desde a véspera de Todos os Santos, e a perspectiva tem ainda menos apelo agora.

Felizmente, Odessa entra pela porta no momento seguinte, sacudindo a chuva de seu guarda-sol e deslizando uma pequena caixa de veludo das dobras de sua saia. Sem olhar para cima, ela desfaz o fecho e inclina a ponta do guarda-sol para dentro da caixa, deslizando tudo para baixo depois dele. Embora todos nós fique boquiabertos, ela não fornece uma explicação para o fenômeno, em vez disso, distraidamente alisa o vestido e o cabelo. Ele desce em cascata por suas costas como um derramamento de tinta, intocado pela tempestade.

Uma gota de sangue ainda se agarra ao lábio inferior.

Meu estômago se contrai dolorosamente ao vê-lo, o cheiro, mas ela apenas o enxuga com o polegar enluvado e se aproxima. "Agora isso parece intrigante. Estamos conjurando alguém?"

Mila dispara atrás dela, os olhos se arregalando em alarme. "O que é isso, Célie? O que você está fazendo?"

Lou tira o pó do giz de seus dedos com um ar de finalidade. "Estamos convocando Filippa."

Odessa arqueia uma sobrancelha. "Ah?"

Relutantemente, explico a situação e, quando terminei, Odessa considera o pentagrama novamente, intrigada, enquanto Mila balança a cabeça prateada em descrença. "Esta é uma ideia terrível. Você não aprendeu nada com seu tempo em Requiem? Os mortos não gostam de ser convocados..."

"Não sabemos se Filippa ainda está morta. Talvez ela seja, ou talvez não. De qualquer forma" - eu pego o saleiro na lareira, ignorando os olhares questionadores dos outros - "saberemos mais em apenas alguns momentos. Agora, de acordo com Como Comungar com os Mortos, o sal contém atributos protetores. Os estudiosos o usariam para formar um círculo ao redor do local de sua convocação...

"- para conter criaturas ocultas, sim." Odessa acena com a cabeça para a área

geral com a qual acabei de falar. "Eu suponho que Mila está aqui?" Quando eu aceno com a cabeça, ela bate palmas. "Bom. Podemos precisar dela. Agora. . . Ela pega o porão de mim, inclinando-o para um lado para examinar seu conteúdo. O sal deve ser minúsculo, um mar de manchas brancas, mas posso ver as bordas afiadas e translúcidas de cada cristal. Eles me lembram vidro. De espelhos. "Como somos criaturas ocultas, querida Célie, e como o sal faz muito pouco para nos deter, podemos renunciar a ele com segurança. Isso deve ser tirado com sangue", acrescenta ela, apontando para o pentagrama. "De preferência de uma Dame Rouge."

Todos nós olhamos para Coco, que solta um suspiro e retira uma pequena faca do armário atrás dela. "Você pode querer sair da sala, Célie," diz ela sombriamente.

"Mais parecido com a casa", interrompe Beau.

"Ai de mim" - Odessa descarta o sal e planta as mãos nos quadris de maneira profissional - "Célie é a única entre nós que pode atravessar o reino espiritual, então ela deve permanecer." Para mim, ela acrescenta: "Se você insistir em continuar sua tola greve de fome, no entanto, sugiro prender a respiração e desviar sua atenção para a próxima parte".

Eu franzo a testa para ela antes de fazer exatamente isso. Aparentemente, Odessa se ungiu como líder desse ritual macabro e, como ninguém tem ideias melhores - ou, na verdade, nenhuma ideia - dificilmente podemos usurpá-la. "Espere!" A voz alarmada de Beau soa, e eu o ouço bater palmas no pulso de Coco. "Vamos apenas fazer a convocação aqui? Agora?"

"Quando você prefere que façamos isso?" Coco pergunta, exasperada. "Depois que Filippa corta nossos pulsos para o café da manhã? Precisamos aprender o que ela quer..."

"Célie resistiu ao nosso sangue antes", diz Beau com fervor. "Ela pode resistir de novo! Coco, por favor, não deveríamos estar fazendo isso—"

"É uma ideia terrível", concorda Mila.

Eu ouço em vez de ver Coco se desembaraçar. Então ela arrasta a ponta da faca ao longo do antebraço, e todo o meu corpo se contrai com o som - escorregadio e molhado e terrível na forma como minhas presas reagem, perfurando minhas gengivas em preparação para me alimentar. Distração. Eu procuro minha mente descontroladamente por uma distração. Como se esperasse permissão, o rosto de Michal se materializa mais uma vez.

Não você, eu rosno, e eu quase posso sentir sua risada baixa na minha espinha.

"E" - a voz de Coco corta a alucinação - "acabou!"

O doce cheiro de mel envolve a cozinha com suas palavras, e meus olhos se

abrem quando a ferida em seu antebraço cicatriza com uma mordida afiada de magia de sangue. O pentagrama sobre a mesa, no entanto, ainda brilha molhado e escarlate. Oh Deus. Prendendo a respiração novamente, eu caio em uma cadeira aberta e fecho minha boca. Eu conto cada fio da minha camisola enquanto Lou acende uma vela em cada ponto da estrela.

Quando Beau continua a protestar - em voz alta - Coco estala os dedos para ele. "Sente-se", diz ela bruscamente, apontando para a cadeira vazia entre Reid e Odessa, que dá um tapinha no assento com um sorriso satisfeito. Carrancudo, Beau cai nele sem dizer uma palavra, mas ele se afasta dela antes de se virar para encarar Reid.

"Obrigado pela ajuda." Ele fala baixinho, baixo demais para os outros ouvirem, e observa em partes iguais ressentimento e medo enquanto Coco remove a cadeira extra da mesa. "Você convenientemente perdeu sua capacidade de falar, ou..."

Reid revira os olhos para o irmão. "O que exatamente você esperava que eu fizesse?"

"Oh, eu não sei, talvez alguma coisa..."

"Olhe para o rosto de Lou." Recostando-se na cadeira, Reid abaixa ainda mais a voz - tão baixa agora que eu também não deveria ser capaz de ouvi-lo, nem ver os pequenos músculos ao redor de seus olhos. Eles têm espasmos de exaustão. Já passa das quatro horas da manhã. Ainda assim - embora ele tente esconder - ele rastreia sua esposa pela cozinha com intensidade obstinada. "Olha como ela está pálida."

A testa de Beau franze enquanto ele segue seu olhar. "Ela parece a mesma para mim."

"Então você precisa prestar mais atenção. Algo está errado. Ela se recusa a admitir, mas parece. . . doente." Com uma inclinação sutil do queixo, ele aponta para as peônias, suas pétalas ainda manchadas de rosa pelo sangue de veado. "Eu também sinto isso - uma fadiga nos meus músculos. Minha magia. Está piorando a cada dia."

"Sua magia?" Beau procura seu rosto ansiosamente. "E você acha que tem algo a ver com Filippa?"

"Tudo começou na véspera de Todos os Santos."

Eu franzo a testa entre eles antes de olhar para Lou. Ela parece mais pálida do que o normal - suas sardas se destacando em um relevo mais nítido - mas seu sorriso parece travesso como sempre. Quando ela me pega olhando, ela pisca.

Beau solta um grande suspiro. "Quando tudo isso vai para cima, estou dizendo ao demônio para comê-lo primeiro."

Reid ri sombriamente enquanto Lou reivindica o assento ao lado dele, e

Coco segue, deslizando para a última cadeira livre ao meu lado. Ela bate no meu ombro com um sorriso pequeno e reconfortante. "Certo", diz Lou, olhando ao redor da mesa e acenando para si mesma em segurança. "Acho que estamos prontos agora. Devemos, er - dar as mãos? Odessa, o que você acha?"

"O ato de dar as mãos em si é completamente supérfluo para o ritual, mas se acalma seus nervos" - Odessa estende a mão primeiro para mim, depois para Beau - "acho que devemos."

Beau olha para a mão estendida como se pudesse crescer pernas, ou talvez presas, se ele a tocar. "Apenas pegue a mão dela," eu agarro ele, perdendo minha paciência e me arrependendo instantaneamente com o olhar assustado em seu rosto. Eu mordo meu pedido de desculpas. "Por favor, Beau. Preciso falar com minha irmã."

Com um último suspiro relutante, ele aceita a mão dela o mais cautelosamente possível, completando o círculo. "Tudo bem. Vamos todos ignorar cuidadosamente como um vampiro sabe tanto sobre invocar espíritos e segui-la cega - EEEGH. Sua voz fecha em um guincho quando ele percebe Mila, que ainda paira ao meu lado.

É claro. Com as mãos unidas, todos estão me tocando agora; eles podem finalmente vê-la.

Ela pisca um sorriso afiado. "Maravilhoso vê-lo novamente, Vossa Majestade." Inclinando sua cabeça real para os outros, ela acrescenta: "E um prazer conhecer o resto de vocês também - formalmente, é claro. Eu sei um pouco mais sobre você informalmente do que eu gostaria. Ela se abaixa para beijar a bochecha de Odessa. "E você, primo..."

"Eu sabia que você estava aqui o tempo todo." Odessa levanta o nariz empinado. "E quanto a como eu sei tanto sobre o reino espiritual, Vossa Majestade", diz Odessa a Beau, apertando a mão dela quando ele se move para afastá-la. "Eu li."

"Seus livros dizem mais alguma coisa, Odessa?" Coco lança um olhar de advertência para Beau antes que ele possa responder. "Alguma coisa que devemos saber de antemão?"

Odessa levanta um ombro delicado enquanto Mila se aproxima para estudar o pentagrama, curiosa apesar de si mesma. "Essa magia não é uma ciência. Aqueles que não podem empunhá-lo nunca entenderão completamente a complexidade e as nuances de tal ritual, e aqueles que raramente podem compartilhar seus segredos.

"Perfeito", murmura Beau.

Odessa o ignora. "Em teoria, Cosette, você deve ser capaz de guiar seu sangue em direção ao véu, onde Célie abrirá uma porta, permitindo que seu

sangue atravesse e usando-o para puxar Filippa aqui."

"Como isso funciona?" Lou pergunta curiosamente. "Guiando seu sangue? Usando-o para puxar Filippa?"

"Da mesma forma que funciona quando ela cura suas feridas ou rastreia sua localização."

"É minha intenção", diz Coco, franzindo os lábios enquanto considera o pentagrama. "Meu sangue reage a isso e minha magia segue. Mas - como faço para encontrar o véu?

Todos eles olham para mim então, e eu engulo o fogo na minha garganta, meus dedos amarrados em torno dos de Odessa. Não consigo desviar o olhar do pentagrama. Não consigo ver nada além de sangue. "Você. . . sentir isso." Quando apenas o silêncio encontra meu pronunciamento, eu engulo novamente, forçando meus olhos a se fecharem e desejando que meu corpo se acalme. Por favor. Por favor, por favor, por favor. Depois de mais alguns segundos, consigo dizer: "Parece uma espécie de presença, uma consciência, como o formigamento em sua bochecha quando alguém está observando você. Aqui..." Sem abrir os olhos, levanto nossas mãos entrelaçadas e as coloco sobre a mesa. "Deixe-me mostrar-lhe."

Capítulo Quatro

Sessão

Embora eu permaneça na cozinha - meus pés firmemente plantados na terra dos vivos - essa mesma sensação inexplicável de pavor ameaça me sufocar quando chamo o nome de minha irmã para o reino espiritual. "Filippa?" Cinzas familiares flutuam pelo buraco que rasguei no véu. Ele pousa como neve sobre o pentagrama. "Você está aqui?"

Nossa única resposta é um trovão particularmente violento, e Coco e eu quase saltamos para fora de nossa pele. Do outro lado do pentagrama, Lou também se assusta, xingando quando seu joelho colide com a mesa e derruba uma vela. Embora Reid se levante para evitar cera quente em seu colo, ele não quebra sua conexão com Lou e Beau, que balança a cabeça com os olhos arregalados. "Você ouviu isso?"

Lou zomba, seus olhos lacrimejando de dor. "Sim, Beau, todo mundo ouviu isso..."

"Não o trovão", diz ele rapidamente. "Houve— Alguém riu."

"Eu também ouvi", diz Mila.

Minhas mãos apertam as de Coco e Odessa enquanto sigo o olhar frenético de Beau pela cozinha. "Eu não ouvi nenhuma risada."

"Nem eu." Ao contrário do resto de nós, Odessa fala com um ar estudado de desapego, mas seus olhos brilham tão brilhantes quanto os nossos. Seu aperto se mantém tão apertado. Sinais reveladores de que - apesar de sua fanfarronice - ela também nunca participou de uma sessão espírita. A realização traz pouco conforto. "Tem certeza de que ouviu alguma coisa?"

"Claro que estou! Pelo menos" - Beau olha para o pentagrama, que ainda brilha inofensivamente à luz de velas - "Acho que estou. Eu - eu posso ser.

Franzindo a testa, Reid tenta limpar a cadeira com o cotovelo, mas a cera já endureceu em manchas quebradiças na madeira. Como gelo. "Parece frio." Ele olha para mim com cautela, sua respiração visível no frio repentino da sala. "Isso é normal?"

"É para o reino espiritual."

O olhar de Odessa não vacila no pentagrama. "Como mais é o reino

espiritual?"

Mila se aproxima da minha cadeira.

"Estranho." Eu olho fixamente para o pentagrama também, esperando por qualquer sinal de Filippa - seu cabelo preto e grosso, uma vez brilhando como o meu, ou talvez seus olhos esmeralda, a fileira de pontos escuros em sua bochecha. "Tudo no domínio espiritual é o mesmo que aqui, exceto. . . diferente."

Com uma zombaria, Beau estica o pescoço para ver todos os cantos da cozinha, ainda procurando a fonte de risadas misteriosas. "Isso esclarece bem as coisas, obrigado."

"Frederic perturbou o equilíbrio com seus experimentos. Ele quebrou as leis da natureza. Não sei exatamente como funciona - não sou uma bruxa - mas os reinos começaram a se contorcer antes de seu ritual na véspera de Todos os Santos. Só posso supor que a distorção piorou desde que ele ressuscitou Filippa." Eu olho para Lou, que ouve extasiada, apesar de balançar levemente em seus pés. Reid aperta a mão dela, sua carranca refletindo a minha.

Algo está errado, Célie, ela me disse em Brindelle Park, onde as árvores escureceram e morreram. Minha magia parece doente.

"Você acha?" Beau pergunta incrédulo.

Eu olho para ele. "Se você quer saber, eu não estive no reino espiritual desde a véspera de Todos os Santos. Não tenho ideia de como pode ser agora e, para ser franco, não quero saber." Então, para Lou, "O que você acha? Você . . . sentiu-se diferente desde o ritual de Frederic?"

"Algo está acontecendo." Antes que ela possa responder, Coco aponta para onde cristais de gelo começaram a se formar ao redor do pentagrama. "Devemos tentar de novo, Célie? Sem interrupções?" Ela fala diretamente com Beau, que faz uma última varredura na cozinha antes de cair em seu assento. Derrotado. Ele, no entanto, não solta as mãos de Reid ou Odessa.

"Vá em frente, então", ele resmunga.

Eu levanto minha voz sobre a tempestade lá fora. "Se você pode me ouvir, Filippa. . . Recebi sua mensagem e, embora tenha apreciado aquela faca nas costas, ainda tenho algumas - bem, perguntas.

Como antes, ela não responde, e os olhos de Lou encontram os meus no silêncio que se segue. Talvez ela possa sentir minha garganta se fechando. Talvez ela possa ver a tensão crescendo em meus ombros, meus dedos embranquecendo ao redor dos dedos de Coco e Odessa. Quando o primeiro estremece levemente, eu me forço a afrouxar meu aperto com uma expiração lenta, e Lou dá um sorriso rápido e reconfortante. Eu tento devolvê-lo. Na verdade, eu faço - eu tento - mas uma pequena parte de mim anseia por fechar os olhos, lavar o

pentagrama e esquecer tudo isso.

"Pip?" Eu digo novamente.

Os cristais rastejam mais longe na mesa.

Quando minha irmã ainda não responde, minha frustração se transforma em ondas gêmeas de decepção e alívio. Ambos caem sobre mim enquanto outro grande estrondo de trovão sacode a cozinha e a luz das velas pisca. Talvez Beau estivesse certo. Talvez todo esse plano tenha sido condenado desde o início. Condenado e tolo. Filippa jogou uma faca em mim, então por que eu pensei que ela reapareceria agora? Porque eu exigi isso? Resisto à tentação de zombar de mim mesmo, de zombar de nosso pentagrama caseiro e velas com aroma de mel. Eu nunca fui capaz de obrigar minha irmã a fazer nada, com ou sem magia. Na verdade, nosso relacionamento sempre foi o oposto, não é?

Você não está um pouco velho para fingir?

As memórias de nossa infância se irritam agora, interpostas entre uma caixa de música quebrada e uma faca de prata. Uma janela aberta. Uma pontada de saudade do que poderia ter sido - o que deveria ter sido - se tivéssemos sido corajosos o suficiente para tentar.

Outro garfo de relâmpago cai e, na luz branca brilhante, algo magro pisca sob a pele de Reid. Algo branco, algo esquelético. Meus pensamentos saltam ao vê-lo - estômago revirando como se eu tivesse perdido um passo - mas quando eu pisco, incrédulo, seu rosto voltou ao normal. Nem um crânio à vista.

Chega, Célie, eu me castigo. Foco.

"Por que o sangue de Coco não a está chamando?" Reid pergunta. "Eu pensei que a magia iria atraí-la, de alguma forma. Puxe-a para nós."

Expressão contemplativa, Odessa continua a olhar para o pentagrama como se fosse um enigma que ela não consegue resolver. Ela não percebe o gelo se cristalizando em seu cabelo. O resto de nós faz, no entanto, e Beau fica boquiaberto para ela enquanto ela diz: "O sangue deve permitir que Filippa atravesse o espaço entre nós, semelhante a como Célie pode se projetar durante o sono. Talvez não possa forçá-la a fazê-lo, no entanto, se ela não quiser ou não puder.

Quando um relâmpago pisca novamente, gavinhas do meu próprio cabelo começam a flutuar sem peso ao redor do meu rosto. Eu engancho um pé ao redor da mesa para manter minha cadeira no chão. "Eu não sei o que é isso," eu digo, mal-estar rastejando em minha voz, "mas isso não deveria estar acontecendo. Devemos parar antes..."

As chamas das velas disparam para cima em resposta.

Como um, recuamos, nossos olhos se arregalando quando a mesa começa a girar - devagar no início, depois cada vez mais rápido, até que as velas voem em

todas as direções. Em vez de cair no chão, no entanto, eles pairam no alto como os dedos macabros de um titereiro, tombando para pingar cera nas cabeças de Reid e Beau.

"Blargh!" Beau salta da mesa, quebrando o círculo, e agarra seu cabelo magnífico. "Pare com isso, Lou! Isso não é engraçado—"

"Não sou eu!" Balançando novamente, Lou leva a mão incrédula ao nariz, do qual um fio de sangue apareceu. Odessa quase quebra meu pulso quando eu me lanço, batendo na mesa antes de forçar meu corpo a ficar parado. Meus pulmões param. Em pânico, Lou tenta fazer mágica com o sangue, mas com o movimento de seu pulso, as peônias murcham. Eles se enrolam e murcham como se estivessem doentes, e os joelhos de Lou cedem. Reid a pega no momento em que outro relâmpago ilumina a cozinha. Ilumina seus crânios.

Embora Coco tropece para ajudar, ela pára depois de um único passo, seus olhos tremulando antes de rolar para trás em sua cabeça. Beau pula para o lado dela em pânico. "Coco..."

Seu corpo sacode com o próximo estrondo de trovão, no entanto, e ela pisca, balançando a cabeça. "Estou bem", ela o tranquiliza, enxugando incrédula o sangue escorrendo de sua orelha. "Pelo menos, acho que estou bem..."

"O que está acontecendo?" Lou olha descontroladamente ao redor da sala, lutando para se levantar. "Mila ainda está aqui, Célie?"

Não me atrevo a abrir a boca para responder.

"Eu não sei o que é isso!" Mila se levanta como um saco de batatas, mas ninguém a ouve agora, exceto eu. "Isso é - eu me sinto pesada", diz ela maravilhada. "Célie, o véu - deve ser -"

Minhas pontas dos dedos escorregam da borda da mesa, e Melisandre sai de baixo do sofá para se enroscar nos pés de Beau. Com uma maldição, ele cai de joelhos na tentativa de evitá-la, mas Melisandre não está mais lá; Uivando, ela se eleva no ar como as velas e levita acima de sua cabeça. Minha cadeira já balança entre os potes de cobre.

Beau bate furiosamente na vela que ataca sua cabeça. "Precisamos fechá-lo!"

Ele está certo, é claro. Eu convoquei Filippa, não qualquer que seja a magia, mas não consigo me mover - respirar - enquanto Lou e Coco se amontoam perto da janela, encolhendo-se a cada raio. Sangue fresco escorre de ambos agora. Até Reid parece fraco e instável enquanto está em uma cadeira para resgatar Melisandre. Abaixo dele, Mila fica boquiaberta com o tom âmbar se espalhando por suas mãos. Odessa agora se assemelha a uma estátua de gelo macabra, sua beleza mais nítida e brilhante do que antes, e pingentes de gelo brilham em seu cabelo como diamantes. A mesa ainda gira. Isso cria um rascunho através do qual Beau luta para recuperar o equilíbrio. "Célie..."

No segundo seguinte, no entanto, uma luz branca explode do pentagrama e o vento frio sopra nossos cabelos para trás. "Ninguém se mexe", diz Odessa bruscamente, mas o queixo de Mila já se moveu em direção ao pentagrama. Seus olhos se arregalam de horror com o que quer que ela veja lá.

"Alguém está vindo", ela sussurra.

E eu não posso evitar agora - eu me inclino para frente em antecipação, o calor subindo pela minha garganta enquanto me inclino para frente e pergunto: "Filippa?"

Ninguém responde. A própria sala parece prender a respiração enquanto a estranha luz desaparece mais uma vez. Como as velas piscam uma, duas vezes, antes que uma força invisível apague as chamas.

Todos eles. Tudo de uma vez.

Segue-se uma batida de silêncio pesado e senciente - opressivo e antinatural - como uma grande fera acordando de um sono profundo e respirando pela primeira vez. "Porra", diz Lou trêmulo. "Foda-se, foda-se, foda-se..." O silêncio exala então, e com ele, um perfume avassalador de rosas engolfa a cozinha - rosas e fumaça de vela. Este último se enrola em nossa direção como dedos na escuridão, e eu engasgo quando eles envolvem meu pescoço.

Não Filippa.

Tropeçando para trás em pânico cego, arranco minha mão de Odessa, tentando quebrar a conexão, localizar o pentagrama. Odessa se recusa a deixar ir, no entanto, e mesmo com minha visão vampírica, não consigo ver através dessa escuridão. As sombras permanecem absolutas. Se não fosse pela mão dela na minha - como um torno, como se ela também se agarrasse à vida - pareceria que mergulhamos de cabeça no nada absoluto. No abismo.

"O que é isso?"

A voz de Beau se eleva sobre o súbito arranhão de cadeiras, o baque frenético, baque, batida do coração de meus amigos. No segundo seguinte, ele bate em mim, me puxando em seus braços com Coco, que diz rapidamente: "Tudo vai ficar bem..."

Até ela parece apavorada, no entanto, seu batimento cardíaco disparando, ensurdecedor em meus ouvidos. O cheiro forte de seu sangue colide com a fumaça, as rosas, até que minha cabeça gira em uma confusão delirante de sensações. Seus dedos se prendem contra o meu braço. O coração de Beau bate contra minha bochecha. Tão quente. Tão hipnótico.

"Concentre-se, Célie." Odessa aperta minha mão a ponto de doer, mas eu não posso - não posso - e sem minha visão, o ataque de cheiro é demais. Eu posso provar as rosas agora, posso sentir o gosto, a magia, e minhas presas perfuram enquanto algo fétido desliza pela minha pele - menos perfume ou sabor e mais

consciência. Como se alguém estivesse me observando. Não. Como se alguém tivesse me encontrado, e o peso de seu olhar ameaçasse sufocar minha consciência até que eu me tornasse a escuridão também. Meus olhos voltam para a minha cabeça. "Concentre-se na minha voz", diz Odessa, mais alto agora, enquanto Lou e Reid cambaleiam pela escuridão em busca de luz. "Você precisa fechar o véu..."

"Os fósforos estão na lareira", diz Reid rapidamente.

"Eles não estão aqui..."

O relâmpago se bifurca pelas janelas, iluminando uma mão enluvada que se estende pelo pentagrama.

Todo o ar da sala parece desaparecer. "O que é isso...?" Coco começa horrorizada, mas no segundo seguinte, a mão ataca, avançando em nossa direção enquanto um trovão ensurdecedor rasga a noite em duas. Tremores balançam a mesa. Um pote de cobre cai no chão. Nós nos lançamos na escuridão mais uma vez, e embora a mão agarre minha manga, Odessa se move com velocidade sobrenatural, arrastando-me para fora de alcance.

A mão pousa em Beau.

Com uma maldição estrangulada, ele se joga para trás e Coco grita; uma onda de movimento perturba a escuridão. Antes que eu possa me orientar - antes que eu possa fazer qualquer coisa além de cambalear em alguém que cheira a Reid - a luz das velas volta à vida, mais alta e mais brilhante do que antes. Quente. Ele ilumina o pentagrama manchado na mesa. Ele ilumina Coco curvada sobre ele, ofegante, a palma da mão coberta de sangue de onde ela o arrastou pelas linhas. Quebrando-os. Interrompendo o ritual e banindo a mão enluvada.

O perfume das rosas permanece, no entanto - assim como a escuridão. Ele mancha a borda da minha visão, mancha os rostos de Reid e Odessa enquanto eles olham para mim com preocupação. "Célie?" Reid agarra meu cotovelo, me estabilizando, enquanto seus olhos procuram os meus. "O que é isso? Você precisa se sentar?"

"Eu—" Meus olhos tremulam novamente e meus joelhos ameaçam desmoronar. "Eu me sinto fraco."

Eu me sinto estranho.

"É o seu córtex adrenal." Odessa agarra meu outro cotovelo, me conduzindo em direção à mesa. O véu. Ele ainda flutua inocentemente acima da cena, e eu estendo a mão sem realmente ver suas bordas; Eu os amarro desajeitadamente antes de cambalear para Odessa mais uma vez. Quando os outros ficam boquiabertos conosco, ela diz: "O córtex adrenal produz hormônios associados ao estresse, e o estresse a longo prazo aumenta o apetite". Para mim, "Você não comeu direito desde que morreu".

"Não é isso," eu protesto fracamente, e na verdade, não é. O que quer que fosse - parecia familiar de alguma forma, como eu já experimentei antes, já conhecia antes, mas. . . Como pode ser isso? Eu balanço minha cabeça, e toda a sala se inclina com o movimento. Apenas uma vez eu vi escuridão assim. Apenas uma vez eu já vivi isso.

"Jamais vu." Falando baixinho, Lou fica no espaço estreito entre o armário e a lareira, os braços cruzados e o corpo cruzado como se tentasse desaparecer. O vento lá fora atingiu um crescendo agora; ele grita contra as paredes, as vidraças, como se estivesse determinado a nos alcançar, para abrir caminho no silêncio sinistro da cozinha. "Eu também senti."

"Nunca visto." Os olhos de Odessa brilham de interesse e ela retira sua pequena caixa de veludo novamente. Desabotoando a tampa, ela enfia o braço inteiro em suas profundezas e vasculha por vários segundos antes de puxar um enorme tomo. A boca de Beau se abre enquanto ela folheia as páginas de casca de cebola até encontrar a certa. "O fenômeno de experimentar uma situação que se reconhece, mas que também parece desconhecida."

Reid se agacha na minha frente. "Foi Filippa?"

"Acho que não." Eu balanço minha cabeça, provocando outra onda de tontura. "Ela nunca usaria luvas assim, e não parecia com ela."

"Frederic a costurou com pedaços da pele de outras pessoas", diz Coco. "Ela pode usar luvas assim agora."

"O que vamos fazer?" Lou sussurra.

Ela limpa o sangue do nariz com as costas da mão. Eu ainda vejo isso, no entanto. Ele brilha liso e escarlate à luz de velas. Desviando meu olhar, eu me viro instintivamente para Mila. Ela ainda não falou, não se moveu de seu lugar ao lado da mesa. Ela simplesmente olha para o pentagrama manchado com uma mandíbula dura e uma expressão desapegada. Um frio.

Isso me lembra de Michal.

"Mila."

Parece levar muito tempo para minha voz chegar até ela, mas quando isso acontece, ela levanta o rosto e diz: "Precisamos encontrar sua irmã".

"Você acha - você acha que ela é responsável por isso?" Eu engulo em seco, cada palavra exigindo um esforço terrível.

"Acho que algo está muito errado aqui, e se Filippa de fato ressuscitou da sepultura, ela pode saber o que é." Seus olhos prateados se voltam para Reid, Lou e Coco - os dois últimos ainda não conseguem recuperar o fôlego - antes de voltar para mim. "Tem certeza de que quer encontrá-la, Célie?"

Nós nos encaramos por um longo momento. Embora uma boa irmã diga sim - embora eu queira dizer sim - a resposta se aloja na minha garganta

inesperadamente. Talvez porque eu não reconheça mais minha irmã; Eu nem me reconheço, o que nos torna verdadeiros estranhos. O Filippa que eu conhecia nunca teria jogado uma faca em mim. Ela nunca teria zombado da minha dor. Exceto...

E você nunca conhecerá um mundo sem luz solar, não é? Não é a nossa querida Célie.

"Eu não acho que temos escolha", eu digo, sacudindo a lembrança amarga de nossa última conversa. "Se minha irmã ressuscitou, precisamos saber." Ainda assim, a situação provou ser perigosa para todos, e se Mila se envolver, não sei como Filippa reagirá. Não sei o que Filippa pode fazer. "Talvez eu devesse ir em vez disso."

"Não", dizem Lou, Reid, Coco, Beau e Odessa em uníssono.

Apesar de ouvir apenas metade da conversa, eles parecem ter reunido informações suficientes para entender. "Seja razoável, Célie", diz Reid.

Beau balança a cabeça incrédulo. "Mila é um fantasma..."

"—e os vampiros ainda podem morrer," Odessa termina. "Você tem muito a perder, mesmo fingindo desdenhá-lo."

Em circunstâncias diferentes, eu poderia ter argumentado, mas quanto menos eu falar agora, melhor. Minha visão continua a pulsar escarlate. Como se sentisse minha luta, Mila acena com a cabeça, sua expressão endurecendo, seus ombros se erguendo enquanto ela se eleva em toda a sua altura. "Vou ter cuidado, Célie."

Ela sai antes que eu possa agradecê-la - deslizando direto pela janela em direção a Saint-Cécile - e um estrondo de trovão reverbera pela casa. Através da minha cabeça. Eu agarro a mesa para me manter firme enquanto Reid agarra meu cotovelo. Eu ainda me sinto estranho. Desorientado.

Faminto.

Segue-se outro estrondo de trovão, sacudindo os potes de cobre. Depois outro.

E outro.

Leva vários segundos para perceber que o barulho não é um trovão. Até Beau se vira para olhar para a porta antes de eu fazer a conexão. Porque - alguém está aqui. Alguém está batendo. Franzindo a testa, eu olho para o relógio na lareira enquanto a porta treme sob outro ataque. Os ponteiros marcavam quatro e meia da manhã.

Quem quer que seja, eles não estão parando para tomar chá.

Lou engole em seco audivelmente, saindo de seu recanto e olhando do pentagrama para a porta para Reid. "Devemos - er - abri-lo?"

"Você está louco?" Beau pergunta, baixo e incrédulo. "Acabamos de invocar um demônio—"

"Não sabemos que era um demônio." Embora Reid se endireite, ainda olhando fixamente para a porta, ele não solta meu cotovelo. "Quem quer que esteja lá fora pode precisar de nossa ajuda - e duvido que um demônio bata antes de entrar."

"Eu não me importo com quem seja." Coco esfrega os braços distraidamente, como se estivesse afastando um resfriado. "Eles podem voltar mais tarde. Depois do que aconteceu, precisamos descansar..."

No final, suas brigas importam muito pouco.

Tudo importa muito pouco.

Porque com uma última batida ensurdecedora, a porta da frente se estilhaça antes de explodir de suas dobradiças, revelando Michal Vasiliev - molhado e furioso - na soleira. "Olá, bichinho", diz ele com os dentes cerrados, e seus olhos —

Eles são a última coisa que vejo quando minha respiração trava, meu coração pula e meus joelhos desmoronam.

Capítulo Cinco

Um destino pior que a morte

Eu acordo com braços fortes ao meu redor.

Por apenas um instante, meu coração salta em antecipação, e meus olhos se abrem para encontrar-

Íris azuis.

"Reid," eu respiro, e tem gosto de decepção.

Expressão feroz, ele me segura em um carregamento nupcial e observa Lou na porta, onde ela fica de costas para nós e as mãos plantadas nos quadris, o corpo inteiro eriçado de indignação. Eu desvio o olhar apressadamente. Eu me concentro na mandíbula de Reid. Ele deve ter me pego quando eu desmaiei, e - e isso foi muito galante da parte dele. Muito bom. Ele parece estar se sentindo melhor desde que fechei o véu. Sua cor voltou e seus movimentos parecem estáveis.

Olhando para ele através dos meus cílios, eu mantenho meu próprio corpo perfeitamente imóvel e imperceptível. Talvez eu pudesse simplesmente fechar os olhos e fingir que não acordei. Ninguém precisaria saber o contrário. Ninguém jamais suspeitaria. Seria para o bem de todos, realmente, se eu ficasse em silêncio - dormindo, até mesmo - enquanto Lou lida com nosso interlocutor inesperado. Sim. Eu aceno com a cabeça interiormente e aperto meus olhos mais uma vez. Lou parece muito mais forte agora também, então eu provavelmente deveria apenas—

"Eu sei que você está acordada, Célie."

Baixo e agradável, muito agradável - quase coloquial - a voz de Michal me dá arrepios na nuca. Eu tremo apesar de mim mesmo. A última vez que ouvi aquela voz, pairei acima dele, observando enquanto ele arrastava seu corpo quebrado para o meu, enquanto trazia seu sangue aos meus lábios e sussurrava: Por favor, fique. Ele me transformou em um vampiro naquela noite. Ele quebrou todas as suas convicções para me salvar.

Então ele me mandou embora.

Eu mantenho meus olhos firmemente fechados.

"Venha agora, bichinho", diz ele, persuadindo, seus olhos furando quase

dolorosamente na minha bochecha. Ele deve ver como eu tremo com o carinho - como os braços de Reid se apertam em volta de mim em resposta - porque sua voz escurece um pouco quando ele diz: "Você nunca foi um covarde antes. Não comece em meu nome."

"Você não pode dizer isso." A voz afiada de Lou corta como uma faca a forte tensão na sala. O que quer que a tenha aflizido durante a sessão espírita claramente passou. "Você não consegue falar com ela. Tínhamos um acordo, Michal, de que você respeitaria os desejos dela e a deixaria em paz..."

"—com a condição de que você cuidaria dela." Embora ele fale com Lou, ainda posso sentir seu olhar; permanece fixo em meu rosto, desejando que eu olhe para ele. E uma pequena e desavergonhada parte de mim quer fazer exatamente isso. A maior parte, no entanto, é tão covarde quanto ele diz - porque não posso olhar para ele agora. Depois de tudo o que aconteceu entre nós no Requiem, eu simplesmente não consigo. "Um erro, claramente," ele murmura, "já que parece que você satisfez o desejo de morte dela." Então, mais suave ainda, e dirigido a mim: "Quando você se alimentou pela última vez?"

Minha garganta se fecha em resposta, mas como sempre, Lou se levanta para a ocasião, apesar do fraco zumbido de seu coração. Cada músculo do corpo de Reid fica tenso enquanto ela rosna: "Ela não quer falar com você, e se você realmente acha que ela tem um desejo de morte, eu não a culpo. Você vai falar comigo agora. E como você ousa fazer suposições sobre como cuidamos de Célie? Você não tem ideia do que ela passou..."

"E você faz?"

Com a nota perigosa em sua voz, arrepios se arrastam mais pela minha espinha. Embora essa parte maior me implore para manter meus olhos fechados - para ignorá-lo na esperança de que toda essa situação simplesmente desapareça - a parte menor conhece Michal melhor. Se ele veio aqui, ele veio por um motivo, e ele não vai embora até revelá-lo.

Assim, não consigo mais resistir à tentação. Ainda prendendo a respiração, eu o espio através dos meus cílios.

E lá está ele.

Todos os meus pensamentos voam ao vê-lo, um retrato de fúria ganha vida - muito maior, de alguma forma, do que em minhas memórias. Muito mais sombrio. Como um anjo vingador ou divindade primordial. Vestido todo de preto, seu cabelo prateado solto, ele não deveria existir em um lugar tão mundano - não deveria existir fora de mitos e lendas - mas ele existe.

E ele é devastador.

"Não há nada que você possa fazer por ela, Michal", diz Lou, irritado com seu desafio tácito. "Você deveria sair antes que eu fique com raiva."

"Falado como uma criança", diz Mical, "que nunca viu a verdadeira ira".

Os dedos de Lou se contorcem. "Eu não sou uma criança..."

"Então me convide para entrar."

"Sem chance."

Molhado pela chuva e envolto na noite, Michal agarra o batente da porta com uma contenção velada. Braços rígidos. Ombros curvados. A madeira ainda se dobra sob a pressão, no entanto, e rachaduras finas na ponta dos dedos. Ele olha para Lou com uma ameaça de violência. "Há restos de um pentagrama em sua mesa, Louise le Blanc, e sua cozinha tem gosto de rosas e sangue. Embora eu não me atreva a presumir o dano que você causou esta noite, Célie não deve exigir que seu marido permaneça em pé. Aqueles olhos negros encontram os meus então, enquanto um relâmpago brilha atrás dele. Eles brilham com malevolência - para mim, para Reid, para as velas quebradas e o pentagrama sangrento atrás de nós. "Você foi muito tolo", diz ele baixinho, "colocando em risco a si mesmo e a todos ao seu redor".

O calor passa por mim com isso. Calor agudo e mordaz. Ele purga todo o instinto de se esconder. Na verdade, ele purga todo o instinto de fazer qualquer coisa, exceto envolver minhas mãos em volta de sua garganta. "Eu?" Eu rosno, empurrando os braços de Reid entre um piscar e o outro. Apenas os olhos de Michal são rápidos o suficiente para seguir o movimento - o que eles fazem, estreitando-se em fendas enquanto eu cambaleio sob uma onda de tontura. Eu empurro a mão de Reid para longe quando ele tenta me firmar. "Isso é rico vindo do vampiro que jurou nunca criar outro porque - e eu cito - o nosso destino é pior do que a morte. Você se lembra disso, Mical? Ou" - eu me aproximo, evitando Coco e Beau enquanto eles também se estendem para me ajudar - "você simplesmente não se importa com o meu destino? Você não se importou com o de Mila?"

O rosto de Michal endurece instantaneamente.

Longe demais.

Mas - não. Eu balanço minha cabeça violentamente. Eu não me importo. Eu não me importo, eu não me importo, eu não me importo se eu machucá-lo. Isso é tudo culpa dele, e minhas presas se alongam quando eu tropeço em Lou, enquanto ela serpenteia um braço em volta da minha cintura e cheira a tentação. Como o esquecimento. Com uma pulsação violenta da minha cabeça, eu a afasto também. Porque ela também não pode me tocar - ninguém pode me tocar novamente - e eu fecho minha boca, ansiando por arrancar cada dente horrível da minha mandíbula. Para quebrá-los, para quebrá-los. Para moê-los em pó sob minha bota.

Quando me inclino para a frente contra o batente da porta, estrelas irrompem

em minha visão e a madeira racha sob as mãos de Michal. Com os olhos brilhando, ele se esforça ligeiramente para a frente como se tentasse me alcançar, mas uma força invisível o impede. E eu aprecio isso. Eu aprecio esse controle. "Você me deixou," eu sussurro. "Você me transformou nisso" - eu gesticulo para o meu rosto, meu corpo, ambos familiares, mas não - "e você me mandou embora."

"Não fui eu quem saiu, Célie", diz ele sombriamente.

"Eu nunca quis ser como você."

"Eu deveria ter deixado você morrer em vez disso?"

"Eu morri!" As palavras explodiram de mim como uma represa se rompendo, e eu achatei minha mão no meu corpete, diretamente acima de onde meu coração deveria bater no peito. Onde nunca mais vai bater. Como sempre, Michal rastreia todos os meus movimentos, mas desta vez - desta vez ele engole em seco e desvia o olhar, como se não suportasse mais me ver. Eu também não aguento mais. "Este corpo - não pertence a mim, Michal. É aberrante para mim. Ele anseia por sangue - assim como você e o resto de seus parentes miseráveis - o que significa que nunca poderei confiar nele. Quando ele abre a boca para discutir, eu balanço minha cabeça novamente, estrelas girando, e falo sobre ele. "Você mesmo disse isso - os vampiros perdem o controle quando se alimentam; é por isso que você ficou tão zangado comigo depois que eu o curei naquele sótão. Você sabia que eu me colocava em risco. Você sabia que poderia ter recebido mais do que eu queria dar, e você estava certo." Minha voz se eleva no final, quebra no final, e uma pressão intolerável aumenta atrás dos meus olhos quando abro a boca para dizer: "Deus, você estava certo" -

E engasgar com uma chama aberta.

As palavras empolam minha garganta, mais quente que o fogo do inferno, e eu suspiro de dor, em choque - o único som que posso fazer enquanto agarro meu colarinho. Espero ver fumaça. Não há nenhum, no entanto - nenhum fogo também - e os olhos de Michal se suavizam inexplicavelmente enquanto ele me observa. Eles se enchem de pena. Com remorso. Quase como ele - como se ele soubesse o que acabei de tentar dizer.

"O que é isso, Célie?" A mão de Lou paira, estendida, como se ela se impedisse de me tocar no último segundo. "O que aconteceu?"

"Eu não pude— eu tentei—"

Os dedos de Michal apertam o batente da porta. Ele desvia o olhar para olhar resolutamente por cima do meu ombro. "Falar o nome do Senhor?"

Até mesmo uma menção a Deus envia uma chama fantasma através de mim. Estremecendo, eu olho para Michal com descrença horrorizada enquanto meus próprios dedos envolvem minha garganta. Enquanto eles o embalam impotentes.

"H-Como você sabia disso? O que está acontecendo comigo?"

Ele ainda se recusa a encontrar meu olhar. Sua mandíbula, no entanto, se aperta. "Os vampiros não podem falar dos santos."

"Então como você fez?" Coco pergunta acusadoramente.

"Tive muitos anos para praticar."

O chão começa a se inclinar novamente enquanto considero as implicações de tal fenômeno. "Você quer dizer que eu nunca posso dizer H-H-His" - mas chamas frescas disparam pela minha garganta, e eu grito, dobrando-me - "n-nome de novo?"

"Está tudo bem, Célie." Incapaz de se conter agora, Lou coloca uma mão reconfortante nas minhas costas. Ainda cheira a sangue. "Você não precisa dizer o nome dele para acreditar."

As vozes dos outros rapidamente se juntam às dela em um coro de mentiras agridoces.

"Sim", diz Coco. "Tudo vai ficar bem. Isso não muda nada..."

"Apenas respire, Célie", diz Reid. "Apenas respire."

Mas eu não consigo respirar - eu não preciso respirar - e eu - eu - eu agarro meu peito, meu coração muito quieto, e quero que ele bata novamente. O seu destino será pior do que a morte.

As palavras de Michal ecoam de volta para mim como se viessem de muito longe, em outro tempo. Em outra vida.

"Sinto muito, Célie", diz ele agora, e ele quer dizer isso.

Eu sei que ele quer dizer isso.

Meu peito ainda arfa de raiva quando levanto a cabeça para olhar para ele, lágrimas escorrendo pelo meu rosto. E neste momento, eu poderia odiá-lo - este lindo e terrível anjo que despencou para o inferno e me arrastou para baixo com ele. Como eu poderia saber o que nos esperava quando prometi ficar com ele? Ele não me disse - eu não perguntei - e agora nós dois devemos pagar o preço. O velho ditado da minha irmã sobe através do rugido em meus ouvidos quando ele finalmente, finalmente, se digna a olhar para mim, seus olhos negros brilhando com emoção tácita.

Você não pode conseguir algo por nada, você sabe.

Uma risada amarga sobe na minha garganta, seguindo o rastro do Fogo do Inferno. "Você pode pensar que eu tenho um desejo de morte, Michal, mas nós dois sabemos que você já o concedeu. Estou morto. Estou morto desde o momento em que te conheci."

Sua expressão se fecha com as palavras.

Torna-se perfeitamente, irritantemente ilegível.

"Célie," murmura Odessa.

Eu não percebi que ela se moveu atrás de mim, e meu corpo reage instintivamente; com um assobio, eu fico tenso e meio que me viro para me defender, parando ao ver sua preocupação. Preocupação. Meus lábios se curvam. Como se ela se importasse com o que acontece comigo, como se ela não desejasse voltar para Requiem e seus parentes monstruosos. Eu quero brigar com ela também. Eu quero atacar, morder - incitar alguém a revidar - mas eu giro para Michal, rosnando: "Por que você está aqui?"

Ele me encara por um longo e impenetrável momento. Então-

"Os mortos ressuscitaram no Requiem." Apesar do suspiro de Odessa, ele fala as palavras calmamente, quase friamente, e solta o batente da porta. "Dezenas deles. Seu sangue derramou na gruta durante nosso confronto com Frederic, animando tanto a ilha quanto as águas que a cercam."

O silêncio absoluto encontra seu pronunciamento.

Animar. Eu franzo a testa com a palavra, mas antes que eu possa perguntar, Beau limpa a garganta de onde ele paira perto da mesa da cozinha. "Morto como em—er, diferente de como você está morto, certo?"

Reid olha para ele.

Coco, no entanto, recua de repente e sussurra: "Revenants".

O olhar de Michal se encaixa no dela. "O quê?"

"Revenants", diz ela, mais alto agora e com os olhos arregalados. "Sempre houve sussurros entre as Dames Rouges, mas ninguém, exceto La Voisin, nunca —e até ela—" Forçando-se a fazer uma pausa, a se recompor, Coco engole em seco e olha diretamente para mim. "Eu vi o feitiço uma vez no grimório da minha tia. Quando perguntei a ela sobre isso, ela me enxotou de sua tenda e me proibiu de falar sobre isso. Acho que foi o único feitiço que ela temeu."

Os primeiros arrepios de pavor levantam o cabelo da minha nuca. "O que exatamente é um revenant?"

"Uma pessoa que voltou. Um cadáver reanimado. Alguém que morreu e ressuscitou com o propósito expresso de aterrorizar os vivos, particularmente aqueles que o cadáver em questão conheceu.

Um punho frio de terror aperta meu coração enquanto nós dois olhamos um para o outro em uma percepção do amanhecer. Filippa.

"Oh," Beau diz em voz baixa. "Isso é tudo?"

"Não." Michal aperta as mãos atrás das costas, examinando a todos nós com uma apatia horrível. "Suponho que até você tenha uma compreensão básica da geografia do seu reino. Requiem compartilha o Mar Oriental com Belterra, o que significa...

A compreensão se derrama sobre mim como água gelada, e eu suspiro com o choque absoluto disso. "Meu sangue poderia ter viajado para cá também."

Michal acena com a cabeça secamente. "Sim."

"Os ladrões de túmulos", diz Lou abruptamente, virando-se para Reid com os olhos arregalados. "Você não acha que foi realmente—?"

Suas sobrancelhas se juntam enquanto ele considera a possibilidade, e meu estômago mergulha no chão. "Merda", ele respira.

"Espere um momento." Beau dá um passo à frente, e todo o seu comportamento muda enquanto ele olha entre nós. Seu olhar escurece. Sua mandíbula endurece. Ele aponta o dedo para a rua escura atrás de Michal, e todos os vestígios do jovem assustado desaparecem, deixando outra pessoa inteiramente em seu rastro. "Você está dizendo que os fantasmas podem estar rastejando por Belterra agora?" Quando Michal acena com a cabeça novamente, Beau caminha para a frente até ficar ao nosso lado. "Como exatamente aterroriza os vivos? Essas criaturas são - elas estão machucando as pessoas? Por que não vimos um?"

Ninguém quer responder a isso, então eu respondo em vez disso. "Porque você ficou preso dentro desta casa comigo."

Beau parece instantaneamente contrito. "Célie..."

Algo se arrasta antes que ele possa me consolar, no entanto, e uma fração de segundo depois - rápido demais para os vampiros reagirem - uma sombra cai do telhado, mergulhando uma mão esquelética nas costas de Michal.

Capítulo Seis

Fantasma

Michal arqueia para a frente com o impacto - seus olhos se arregalando, sua pele sibilando - e eu me movo sem hesitação, sem pensar, me jogando na criatura sombria e jogando-a na rua. Aterrissamos com força, rolando uma, duas vezes, antes que ele rosne e me prenda contra os paralelepípedos com força incomum. Com força não natural.

Oh Deus.

Meu corpo se debate impotente contra seu aperto, e eu engasgo e suspiro enquanto o fedor avassalador de decadência toma conta de mim. Quando um relâmpago brilha no alto, no entanto, o verdadeiro medo toma conta do meu coração - porque reconheço essa criatura. Reconheço suas vestes corais esfarrapadas e as cruzes gêmeas bordadas em seu peito. Embora nenhuma carne permaneça, exceto metade de seu rosto putrefato, reconheço o olho de aço ainda se decompondo lá também. Ele - junto com o resto deste corpo - uma vez pegou Reid e eu juntos no confessionário em Saint-Cécile. Ele me humilhou lá. Ele repreendeu Reid, seu pretenso filho e favorito de todos os caçadores.

Agora ele range os dentes, louco de fome, e tenta afundá-los na minha bochecha.

O Arcebispo.

Com um grito, empurrei meus joelhos para cima para forçá-lo a se afastar, mas eles se estendem demais, encontrando apenas o osso duro de sua coluna. E seus dedos esqueléticos - três anéis de prata ainda brilham sobre eles enquanto arranham minha garganta, minha mandíbula, meus ombros, formando bolhas na minha pele e rasgando minhas roupas. Ele é muito forte. Embora eu arranque minhas mãos de suas vestes, não posso afastá-lo, não posso movê-lo de forma alguma, mas ainda agarro seu crânio, determinado a segurá-lo de alguma forma. Ele não vai me comer. Ele não vai, mas seus dentes roçam meu colarinho de qualquer maneira, rasgando minha carne como se fosse papel.

Eu fecho minha boca, recusando-me a gritar novamente. Recusando-se a fazer qualquer som que pudesse incitar meus amigos a...

Tarde demais.

Alguém arranca o fantasma de mim, e meus dedos agarram o ar vazio enquanto a criatura voa para trás, pousando a vários metros de distância com o barulho nauseante de ossos. Com os olhos brilhando com fúria fria, Michal se ajoelha e me levanta. "Você está bem?" ele pergunta, e eu aceno com a cabeça em silêncio, olhando para suas costas enquanto ele se vira para encarar o fantasma. O sangue ainda brilha no couro preto de seu sobretudo. Sangue molhado. Sangue quente. Minha garganta se contrai com o cheiro disso, e todo o meu corpo estremece, aperta, quando minha boca começa a lacrimejar.

Sangue fresco.

Vagamente, percebo que os anéis de prata do arcebispo impediram a capacidade de cura de Michal. Ele é. . . machucar. Isso não impede minha mão de tocá-lo, no entanto. Isso não impede que meus dedos tremam de necessidade. De fato, o resto do mundo - a rua, as casas, até mesmo o fantasma rosnando - parece desmoronar ao ver o sangue de Michal. Inexplicavelmente e surpreendentemente possessivo, não consigo parar de tê-lo, de prová-lo, de fantasiar sobre como seria a sensação na minha língua; até mesmo a magia de Lou e Coco empalidece em comparação com o perfume rico e lânguido que é Michal. Como humano, eu não conseguia cheirá-lo corretamente. Eu pensei que ele não tinha cheiro algum, mas eu não poderia estar mais errado. Com os olhos arregalados, agora observo em uma sensação surreal de câmera lenta enquanto as pontas dos meus dedos roçam suas costas.

Enquanto eles saem escarlates.

Sua cabeça se move em minha direção com o leve toque, e no instante em que nossos olhos se encontram, algo se contorce na minha barriga. Seu olhar escurece em resposta. Suas partes bucais.

O fantasma avança.

"Cuidado!" Ao grito de Lou, o momento se despedaça em um borrão de membros enquanto Michal gira, pegando o arcebispo pela coluna vertebral e quebrando-o em dois. Passos trovejam atrás de nós enquanto os outros correm para a rua. O cabelo nos antebraços de Reid se levanta enquanto ele olha para o corpo quebrado de seu antepassado, horrorizado, enquanto Lou pisca rapidamente, respirando mais alto do que o normal. Apavorado. É claro.

Reid pode ter chamado o arcebispo de pai, mas para Lou, a criatura diante de nós na verdade era seu pai - e seu agressor. Que eu saiba, ela não derramou nenhuma lágrima quando Reid o matou no ano passado. Ela o olha agora com um olhar de dor, como se estivesse lutando para não ficar doente.

"Um revenant", diz Odessa simplesmente.

Michal olha primeiro para Lou, depois para Reid. "Por suas expressões, suponho que você o conheça."

"Sim." Lou acena com a cabeça - o menor mergulho de seu queixo - antes de tocar o braço de Reid. Ele parece incapaz de falar. "Nós, er... o matamos no último Modraniht. É perfeitamente possível que ele tenha vindo aqui em busca de vingança.

"Vingança", repete Michal categoricamente. Balançando a cabeça em exasperação, ele deixa cair as duas metades do corpo do arcebispo no chão. "Suponho que devemos ser gratos pela confirmação. Agora sabemos que o sangue de Célie chegou às margens de Belterra...

Ele pára, no entanto, quando os ossos aos nossos pés começam a se contorcer. Franzindo a testa, ele cutuca a mão do arcebispo e, no segundo seguinte, ela agarra sua bota, cavando rapidamente os dedos no couro e empalando seu pé.

Amaldiçoando violentamente, ele tenta chutá-lo para longe, mas ele se mantém ainda mais apertado, levantando-se e agarrando a coxa de Michal. Embora Reid e eu saltemos para a frente, não é necessário - Michal separa o crânio do fantasma de seu pescoço, jogando sua cabeça para o lado, antes de esmagar seus dedos em pó. O resto de seu corpo continua chegando, no entanto, exceto agora - de alguma forma - parece ter reconhecido Lou e Reid.

Ele rosna e gorgoleja ininteligível porque não tem língua.

"Fique atrás de mim." Com a voz afiada, puxo Reid para trás enquanto a metade superior do corpo do arcebispo se arrasta em direção a Lou. Ela levanta as mãos duvidosamente, tropeçando para trás, mas Michal segue, prendendo o fantasma sob seus pés. Embora agarre a perna da calça, rasgando a pele, Michal não vacila. Ele não deixa passar. "Como podemos matá-lo?" Eu pergunto desesperadamente.

Ele olha para Coco. "Bem?"

Sua voz é um sussurro indignado. "Por que você está olhando para mim? Eu disse que minha tia se recusou a me dizer qualquer coisa.

Quando ele arqueia uma sobrancelha para Lou em seguida, ela volta a si mesma imediatamente. "Oh, nem pense nisso. Eu nunca matei um morto-vivo antes. Não deveria ser essa a sua especialidade?"

Os lábios de Michal se curvam. "Você não tem a reputação de ser a bruxa mais poderosa da época?"

Os olhos turquesa de Lou brilham com o relâmpago atrás dela. "E você não tem a reputação de ser o vampiro mais poderoso de todos os tempos? Um rei imortal?" A chuva diminuiu para uma névoa fina agora. Ele se instala em seu cabelo, em sua pele, até que ela brilha a cada relâmpago - pequena, pálida e sozinha na rua, mas ainda feroz. Sempre feroz. Suas mãos permanecem levantadas enquanto o trovão continua a ressoar ao nosso redor. "Como você tem

lidado com esses fantasmas em Requiem? Podemos fazer o mesmo aqui."

Um silêncio inesperado desce quando Michal não diz nada, e os dois se encaram.

Para seu crédito, Lou não se encolhe sob sua leitura fria, esperando até que ele abruptamente retorne sua atenção para o fantasma antes de se permitir expirar.

"Nós os estamos capturando." Michal pressiona o calcanhar com mais força na espinha do fantasma, quebrando várias outras vértebras. "Nossas bruxas os incapacitaram até encontrarmos uma solução permanente."

"Suspiro." Os olhos de Lou se arregalam em uma paródia desdenhosa de surpresa. "Choque. O todo-poderoso rei dos vampiros manchou suas mãos com bruxas? Eu teria pensado que nossa magia estava abaixo de você."

"Você teria pensado corretamente."

Com uma carranca, Lou abaixa as mãos, passando um cotovelo pelo de Reid e o outro pelo meu. Ela nos arrasta de volta para a porta da frente. "Tudo bem. Bom. Continue sem nós, então - vá para casa para Requiem - pois você sabe claramente o que está fazendo. Vamos descobrir as coisas do nosso lado sem a sua ajuda." Quase imperceptível sobre o trovão, ela sussurra para mim: "Isso ainda é o que você quer, certo? Para ficar aqui?" Seu amplo olhar turquesa procura o meu, e eu olho para trás, impotente, antes de olhar por cima do ombro para Michal.

Ele parece positivamente letal, ainda sangrando na chuva, seus olhos queimando enquanto ele prende o fantasma rosnando e rabiscando sob os pés. "É, Célie?" ele pergunta, igualmente quieto. "É isso que você quer?"

Suas palavras anteriores ecoam entre nós, tão escuras e sinistras quanto as nuvens de tempestade no alto.

Não fui eu quem saiu, Célie.

Levantando meu queixo, eu aceno com a cabeça. "Por favor, saia, Michal."

A descrença fria irrompe em sua expressão com minhas palavras, substituída quase instantaneamente por diversão mais fria. Ele olha de Lou para Reid, para Coco, Beau e Odessa, para a metade inferior do corpo do fantasma, que se levantou, bateu em uma árvore próxima e caiu. Então seus olhos encontram os meus. Algo se move profundamente dentro deles enquanto ele olha para mim. É pena? Remorso?

Nojo?

Antes que eu possa nomeá-lo, ele levanta o pé da espinha do fantasma e vai embora.

Minha respiração fica presa enquanto ele vai, e parte de mim - a pior parte, a menor parte, a parte mais miserável de todas - espera que ele olhe para trás. Ele

não o faz, no entanto. Não. Enfiando as mãos ensanguentadas nos bolsos, ele me dá o que eu quero e vai embora.

O fantasma rosna e mergulha em nossa direção.

"Direito." O pé de Coco substitui instantaneamente o de Michal, e ela desembainha uma adaga fina da manga antes de entregá-la a Beau. Ele olha para o fantasma com nojo palpável. "Vai precisar ser uma gaiola poderosa - ele deve ter conseguido sair de seu caixão para nos encontrar. Madeira maciça."

"Odessa." Eu engulo em seco, forçando-me a desviar o olhar enquanto Michal desaparece na curva. "A Requiem, Ltd. enviou algum caixão de pedra em sua última remessa para Cesarine?"

"Hmm. . . talvez." Odessa também serpenteia para a frente, circulando o fantasma enquanto ele continua a se contorcer. Ela lança um olhar rápido e investigativo em minha direção antes de se virar para Lou. "Embora eu dificilmente ache que tais medidas serão necessárias. Sua bisavó uma vez me prendeu em uma caixa de chapéu.

Uma caixa de chapéu.

Meus olhos caem para suas saias.

"Você conhecia Mathilde?" Lou pergunta.

"Claro que conheço Mathilde. Eu apenas disse que ela me prendeu em uma caixa de chapéu, não foi?" Odessa pergunta. "Ela se recusou a me deixar sair até que eu prometi nunca mais falar com ela - eu costumava visitá-la nos fins de semana para ter acesso à sua biblioteca. Ela acumulou uma extensa coleção de horticultura naquela pequena cabana estranha dela. Ela sempre me lembrou um pouco de dragão", acrescenta pensativa. "Nós nos demos muito bem até que ela me forçou a entrar naquela caixa."

Beau pisca para ela, momentaneamente distraído. "Como você se encaixava dentro de uma caixa de chapéu?"

"Como uma bruxa faz alguma coisa? Magia."

A vontade bizarra de rir - ou talvez chorar - me atinge quando Lou levanta as mãos com cautela. Lembrando-me das peônias, fico tenso em antecipação, mas quando ela sacude os dedos, as duas metades do fantasma voam no ar como pretendido. Eles balançam no alto como uma performance de circo macabro. Eu não rio, no entanto. Lágrimas ardem em meus olhos enquanto a criatura rosna e desliza para muitos de nós, rangendo os dentes.

"Mathilde era uma bruxa extraordinariamente talentosa", diz Lou com evidente alívio. Agora que Michal se foi, ela se permitiu esvaziar um pouco. Encolher. Ela parece exausta. "Até minha mãe pensava assim - e Morgane detestava Mathilde. A história conta que Mathilde tentou afogá-la no banheiro quando ela nasceu.

"Ela parece uma mulher encantadora", diz Coco. "Agora, onde está essa caixa de chapéu, Odessa? Você deixou no Requiem?"

"Não seja. Eu nunca viajo para lugar nenhum sem ele." Da saia, ela retira a mesma caixa de veludo que vi antes, mal do tamanho da palma da mão. Eu olho para isso duvidosamente agora. Depois de vê-la puxar um tratado filosófico da caixinha - e enfiar um guarda-sol inteiro nela - tenho poucas dúvidas de que uma bruxa poderosa o soletrou. Como se estivesse lendo meus pensamentos, Odessa bate nele com o dedo, e a caixa parece se dobrar para fora, expandindo para o dobro de seu tamanho, três vezes e assim por diante até que ela seja forçada a segurar a monstruosidade fúcsia com as duas mãos. Confundindo nosso silêncio atordoado com admiração, Odessa cantarola apreciativamente e escova a borla de ouro. "Sim, é maravilhoso, não é? Você deveria ter visto o chapéu."

"Isso", diz Beau, "é a coisa mais feia que já vi".

"Oh, maconha, conheça a chaleira." Revirando os olhos, ela abre a tampa, e eu me aproximo, curioso apesar de mim. Podemos ter assuntos mais urgentes com os quais lidar - e meus dentes ainda latejam, meu peito ainda dói - mas essa magia me lembra de uma época mais simples, uma vida mais simples. Encantamentos como esse já pareceram tão especiais, tão surreais. Se eu tivesse olhado para uma caixa de chapéu sem fundo até um mês atrás, teria me sentido leve, tonto com a perspectiva de tocar em algo tão obviamente incomum.

Agora, no entanto - quando levanto uma mão pálida demais para tocar o debrum verde-ervilha - uma sensação de chumbo me enche.

Se Odessa perceber, ela não diz, em vez disso, enfia a mão na bolsa e extrai vários vestidos antes de empurrá-los para mim. Ela não para por aí, no entanto; Seu guarda-sol segue os vestidos, assim como um conjunto de copos de vidro, uma caixa de joias de mogno cheia de diamantes, um telescópio, um tabuleiro de xadrez, três potes de rouge, quatro lenços de seda, um par de óculos dobrados, algemas enferrujadas, um conjunto de facas manchadas de sangue, um relógio de bolso quebrado e - incrivelmente, cinco figos quebrados. "Para o meu pavão," ela diz distraidamente, equilibrando o último no topo da pilha imponente nos braços de Beau.

Sem aviso, ela vira a caixa de chapéu completamente, despejando o resto de seu conteúdo aos nossos pés.

Uma avalanche de livros cai nos paralelepípedos, e Lou e Beau gritam, pulando para o lado para evitar quebrar os dedos dos pés. Odessa se endireita com um sorriso magnífico antes de trazer a caixa diretamente para baixo do corpo suspenso do fantasma. "Certo, então. Quando estiver pronta, Louise."

Com uma expressão confusa, Lou joga o telescópio e os lenços no canteiro de flores ao lado dela.

Para indignação de Odessa, o resto de nós segue o exemplo.

"Tem certeza de que a caixa pode segurá-lo?" A preocupação distorce as feições de Beau enquanto o fantasma se esforça para o galho de árvore mais próximo, enquanto seus dedos esqueléticos prendem as folhas mortas para se aproximar.

"Você tem alguma ideia melhor?" Lou empalidece enquanto o fantasma pega o galho com seriedade agora, como se pudesse - como se pudesse nos ouvir conversando, planejando prendê-lo. Minhas sobrancelhas se contraem e, juntos, Beau e eu damos um passo para trás enquanto rosna para Lou e Reid. Embora faça sentido que a criatura nos entenda - eu também estou morto, afinal, e mantive a função cognitiva - seu olho maligno parece rolar de loucura.

Não. Não é bem isso.

Contra meus melhores instintos, olho mais de perto, olhando para o rosto podre e distendido, e percebo que o olho não rola de loucura.

Ele rola com dor.

"Precisamos ajudá-lo." As palavras escapam antes que eu perceba que elas se formaram, e todos - todos - se viram para olhar para mim como se eu tivesse crescido chifres. E talvez eu tenha. O desespero brota como uma fonte dentro de mim ao ver seus rostos brilhantes e incrédulos, com os sons distorcidos do fantasma acima. Porque ele - ele - está tentando formar palavras, e isso não deveria importar, não quando ele tenta nos matar, mas importa. Importa, de alguma forma, e por mais maligno que o arcebispo possa ter sido na vida, ele não escolheu se tornar isso - essa besta irracional.

Devo ter dito o último em voz alta porque Beau se inclina para encontrar meu olhar, agarrando meus ombros para ter certeza de que ouço cada palavra. "Ele já era uma fera cruel, Célie. Entende-me? O arcebispo era um homem cruel e sádico, e você não é como ele. Você nunca foi e nunca poderia ser.

"Eu sei disso."

Sentindo-me ainda mais doente, eu quebro seu aperto e dou um passo para trás, incapaz de olhar para ninguém. Incapaz de suportar a confusão em suas feições. Claro que eles estão confusos - eu mal entendo. O arcebispo atormentou cada um deles. Ele caçou bruxas em todos os cantos do reino, determinado a erradicá-las, a mutilar seus corpos na fogueira. Eu nunca posso defender o que ele fez. Eu não quero defendê-lo, apenas para... para— eu punho minhas mãos na minha saia. Eu não sei. Tudo ficou tão fora de controle, e nunca me senti tão impotente para pará-lo.

Virando-me suplicantemente para Lou, eu digo: "Por favor, não podemos simplesmente deixá-lo em uma caixa para apodrecer. Temos que fazer algo sobre isso antes que piore. Eu gesticulo descontroladamente para a criatura lamentável

acima. "Há outros se levantando também, pessoas inocentes que não são como o arcebispo, e a culpa é minha..."

"Não é sua culpa," Lou diz imediatamente, mas eu falo por cima dela, balançando a cabeça com veemência.

"Foi o meu sangue. Minha escolha de entrar na armadilha de Frederic sem acordar você e Coco, sem formar nenhum tipo de plano, exceto..." Michal.

Não consigo dizer o nome dele em voz alta, admitir o quão tola agi. Meu único plano era Michal - nós dois juntos, como se isso significasse algo - e, no final, nós dois sofremos por isso.

Todo mundo fez.

"Não." Coco franze a testa e caminha para o meu outro lado. "Frederic usou a magia do grimório da minha tia para se esconder, Célie. Magia poderosa. Michal tinha uma chance melhor do que qualquer um de detectá-lo, então não se culpe. Você não poderia ter feito nada para detê-lo."

A garantia soa falsa, e todos nós sabemos disso. Eu poderia ter feito mais. Eu poderia ter feito qualquer coisa, mas não posso convencê-los do contrário. Agora não. As palavras que derramavam tão livremente antes secaram, e eu engasgo com elas, incapaz de articular o medo que me atormenta no peito. Não tenho certeza se posso reconhecê-lo. Porque o arcebispo, minha irmã, eu - isso não pode ser o fim para nós. Isso não pode ser eternidade.

Não pode ser minha culpa.

"Vamos colocá-lo para descansar, Célie." Reid se aproxima cautelosamente, sua voz baixa e séria. Ele não me toca, no entanto, e o alívio queima atrás dos meus olhos com a pequena misericórdia. "Vamos colocar todos eles para descansar assim que soubermos, mas até lá. . . não podemos deixá-los machucar ninguém."

O arcebispo rosna como se quisesse pontuar as palavras e, lentamente, eu aceno com a cabeça.

Eu tenho sido um tolo. . . tão totalmente absorto em minha própria autopiedade que não percebi tudo desmoronando ao meu redor. Lou e sua magia. Filippa. Ladrões de túmulos. Fantasmas.

Eles estão todos conectados, de alguma forma. Estamos todos conectados.

"Muito bem." Odessa ajusta a caixa de chapéu e, no segundo seguinte, Lou balança o pulso, fazendo com que o arcebispo despenque desajeitadamente em suas profundezas escuras. Odessa fecha a tampa em seu grito final. Ela vira o fecho. Instantaneamente, a caixa começa a dobrar para dentro mais uma vez, ficando cada vez menor até que ela a enfia de volta nas dobras da saia.

Sem os rosnados do arcebispo, a noite parece bastante tranquila.

Bastante vazio.

"Vamos lá." Com um olhar ansioso por cima do ombro, Coco desliza o braço pelo meu, levando-me em direção à casa. "Não devemos ficar na rua."

Capítulo Sete

Uma infinidade de sonhos

Coco e Beau voltam ao castelo por volta das seis horas da manhã. Instintivamente, sei que eles não ficarão aqui por mais tempo - há muito a ser feito, muito a aprender sobre essa nova ameaça. Estamos todos exaustos, no entanto, e Lou me puxa de lado depois que eles se foram, pressionando uma pequena garrafa na palma da minha mão. "Para ajudá-lo a dormir." Sem outra palavra, ela se vira e segue Reid até o quarto, onde já posso ouvir o farfalhar de roupas e cobertores enquanto ele se prepara para dormir.

Meus dedos se enrolam ao redor da garrafa.

Talvez eu não tenha mentido tão habilmente quanto pensava.

Balançando a cabeça, eu a sigo pelo corredor, virando à esquerda onde ela virou à direita e entrando em meu próprio quarto. Mais abaixo, o quarto de Odessa fica silencioso e vazio; ela insistiu em encontrar Michal depois de garantir o fantasma - "Para falar com ele", disse ela simplesmente, recusando-se a fornecer mais explicações. Eu tento não pensar nessa conversa. Eu tento não pensar em nada.

A dor surda em minhas gengivas permanece, assim como as cólicas agudas em meu estômago. Empoleirado na beira da cama, estudo a garrafa na minha mão. O líquido dentro parece inocente o suficiente: fino e claro, quase como água, com um brilho levemente iridescente à luz de velas. O trovão ainda ressoa à distância, e eu olho com relutância para a janela com cortinas. O sol não nascerá por mais uma hora e, quando isso acontecer, nuvens de tempestade obscurecerão sua face. Eu rolo a garrafa entre os dedos, os membros pesados.

Este clima me lembra Requiem. Isso me lembra de Michal, de Filippa e Frederic e os fantasmas, de tudo o que tentei tão desesperadamente esquecer. E talvez isso me torne o pior tipo de covarde. Talvez isso me torne fraco, imoral; Talvez isso me faça porcelana.

De qualquer forma, anseio por dormir.

Antes que eu possa reconsiderar, eu despejo a corrente de ar na minha garganta e fecho os olhos.

Meia-calça de diamante brilha em minhas pernas enquanto eu giro na luz

violeta do salão de baile. Levantando minha saia fina - também violeta, como se costurada nas nuvens ao anoitecer - eu jogo minha cabeça para trás em uma risada encantada. Porque a música neste salão de baile é brilhante e animada. Porque os figurinos são lindos e devassos, bizarros e terríveis, alguns até grotescos. Porque eu sempre quis ser bailarina, e graças a Deus minha mãe não está aqui para me castigar, para me proibir de usar uma bainha tão curta e adorável.

Subindo na ponta dos pés, executo uma pirueta perfeita.

"Espetacular, querida." Beau mostra um sorriso indulgente enquanto passa por Coco, cujas asas magníficas deixam pó de anjo em seu rastro. Seu próprio corpo brilha prateado e translúcido neste lugar - provavelmente porque o pobre querido morreu. Eu mando um beijo para ele de qualquer maneira, e os dois flutuam no ar para valsar em algum lugar acima de nossas cabeças.

Na sala além desta, um relógio de ébano bate alto. Seu pêndulo oscila para frente e para trás, para frente e para trás, de novo e de novo até que as bordas da minha visão comecem a ficar embaçadas. Até que minha mente começa a adormecer. Desvio o olhar apressadamente para um casal dançando perto - um homem muito alto com cabelos prateados longos e encaracolados, bigode fino e bochechas empoadas; Em seus braços, ele segura uma jovem adorável com um nariz empinado e cachos dourados. "Guinevere?" Eu pisco para ela em cores, para eles, enquanto o homem ri alegremente e eu reconheço sua voz. Seus dentes afiados.

"Viemos avisá-lo", diz D'Artagnan, girando Guinevere em uma enxurrada de brilho e podridão. "Cuidado com sua irmã. Ela não é confiável."

Eu olho para ele, incrédulo. "Como você sabe disso? Ela está aqui?" Quando ele não responde, simplesmente desliza com um sorriso sereno, eu pego seu braço. "Bem? Você a viu, D'Artagnan? Ela se parece comigo, exceto mais velha, e... e...

"Perverso", Guinevere termina alegremente.

"Errado", acrescenta D'Artagnan.

Meus dedos mordem seu braço enquanto toda a sala se inclina e os xadrezes em preto e branco de seu gibão parecem maiores que a vida, olhando para mim como fileiras de dentes. "Frederic a ressuscitou? D'Artagnan! Ela está" - eu engulo em seco - "ela está viva?"

Ele ri de novo, afastando meus dedos um por um. Seus olhos parecem brilhar amarelos na luz violeta, e suas pupilas se estreitam para as fendas de um gato enquanto ele inclina a cabeça. "Você se considera vivo, papillon? Você me considera?"

"Ela está aqui?" Repito enquanto os dois retomam sua dança, girando para

longe de mim. Meus olhos disparam ao redor do salão de baile. "É Frederico?"

Guinevere olha para mim, jogando seus cachos sobre um ombro delicado. "Frederic é a menor das nossas preocupações agora."

Lou agarra minhas mãos antes que eu possa responder, gargalhando loucamente e me puxando através da multidão em direção aos nossos amigos. Inclinando-se para a frente, ela sussurra conspiratóriamente: "Ela disse não, você sabe, quando Beau propôs."

Reid olha para a nossa frente como um esqueleto real. Seus dedos envolvem uma foice perversamente afiada.

Eu pisco para os dois, confuso - ainda procurando por D'Artagnan e Guinevere, que desapareceram - e toco os cotovelos com um monge que passeia com seu leão de estimação na coleira. Um rosnado baixo ressoa em sua garganta para uma cortesã que passa, e no canto, uma figura encapuzada vestida como a própria Morte fica alta e silenciosa, nos observando. Exceto—eu balanço minha cabeça, piscando novamente. Exceto que agora ele não fica no canto. Ele está na entrada da sinistra sala do relógio, que parece um pouco mais perto do que antes. Lou continua a me puxar em direção a isso.

"Quem disse não?" Eu pergunto a ela, perplexo.

"Coco, é claro." Uma cobra grossa se enrola ao redor do comprimento de seu corpo - suas escamas iridescentes brilham primeiro em preto, depois roxo, depois verde - e com um sobressalto, percebo que ela não usa mais nada. Os pretos de seus olhos também parecem maiores do que o normal, e as sombras se infiltram nas cavidades abaixo deles; seu cabelo parece estalar de energia. Ela varre uma mão muito afiada pelo meu braço enquanto a língua da cobra beija minha bochecha. "Ela se recusou a se casar com ele por causa do seu vestido e, honestamente, Célie, não posso dizer que a culpo. O que você estava pensando?"

Perplexo, eu olho para baixo, abrindo minha boca para me defender, mas o traje de bailarina cintilante desapareceu, substituído por um vestido salpicado de sangue costurado com o linho pálido de uma mortalha. E minha língua - eu gosto de cobre lá. Cobre quente e rico e algo mais - algo sujo, algo que cheira a terra cultivada e coisas mortas e em decomposição. Instantaneamente, eu puxo minha mão da de Lou, mas ela se recusa a me deixar ir, suas unhas desenhando quatro luas crescentes no meu pulso. "O-Onde estamos indo?"

"Para a sala do relógio", diz ela simplesmente. "Ele disse que todos nós devemos ir para a sala do relógio eventualmente."

"Quem disse?" Eu cavo meus calcanhares, mas aqui - neste estranho lugar intermediário - sou mais fraco do que ela. "Lou, eu - eu não gosto mais disso. Acho que devemos sair..."

Seu aperto apenas aperta, e o relógio de ébano bate meia-noite, tocando em

todos os sete quartos; os músicos cessam sua música brilhante e os foliões ficam pálidos e imóveis como se estivessem em algum tipo de devaneio.

Atrás de nós, Reid cai morto no chão.

Horrorizada, eu me viro para olhar para ele, mas Lou não parece notar, seus olhos escuros arrebatados sobre o relógio de ébano. Quando se acalma, uma risada suave ecoa pela multidão. Ele levanta o cabelo da minha nuca como um sopro no meu ouvido. Isso me dá um arrepio na espinha. Não. Eu puxo mais forte contra Lou, recusando-me a dar mais um passo - porque eu definitivamente não gosto mais disso. Eu não gosto nada disso. Esse pavor só se aprofunda quando o relógio bate novamente - uma hora da manhã - e Coco cai como uma marionete com cordas cortadas.

Beau apenas flutua sobre seu cadáver antes de pegar outra pessoa em seus braços. "Isso não está certo." Eu torço meu pulso febrilmente agora, tentando e falhando em quebrar o aperto de Lou. "Lou, você acabou de ver—? Reid e Coco - eles são...

"Morto." Lou acena com a cabeça enquanto sua cobra sibila suavemente, e sua língua negra sacude, sacude, pisca no ar. "Todos nós devemos ir para a sala do relógio eventualmente," ela repete, retirando uma faca das vestes brancas de Coco.

Então ela desliza a lâmina pela garganta, abrindo a cicatriz em um sorriso macabro e sangrento.

"É melhor você se alimentar logo, Célie", diz ela, com naturalidade, enquanto a faca faz barulho de volta ao chão. O sangue respinga em todas as direções. "Quando o relógio bater duas horas, todos nós morreremos. Ele mesmo disse isso. Ele disse que devemos todos ir juntos para a sala do relógio.

"Lou." Desesperado, procuro algo para estancar seu sangramento, mas minhas presas já desceram. Minhas mãos se movem como se pertencessem a outra pessoa, e eu não tenho escolha a não ser assistir enquanto elas descem amorosamente sobre seus ombros. Enquanto eles acariciam sua pele. Estou muito mais pálido do que ela agora. O pensamento é errante, quase divertido, mas quebra meu foco estranho pela fração de segundo que leva para desviar meu olhar - olhar para cima e ver meu reflexo na janela de cor violeta.

Pontos irregulares desfiguram metade do meu rosto; eles se esticam e torcem enquanto eu sorrio, enquanto rio com o último carrilhão letal do relógio. Soltando Lou de uma vez, eu cambaleo para trás, assustado, enojado, e Michal me varre em seus braços. Ele pressiona um beijo frio contra minha têmpora. O calor imediatamente inunda meu corpo, e eu me agarro a ele, incapaz de deixá-lo ir.

Vai ficar tudo bem.

O pensamento floresce através do meu medo como um talismã, como se eu segurasse um escudo em minhas mãos em vez da cintura de Michal. Talvez porque aqui - nesta multidão de sonhos - eu possa sentir a verdade. Sua verdade, minha verdade. Se Mical estiver aqui, tudo ficará bem.

Como se eu tivesse falado em voz alta, ele me puxa para mais perto, encostado nele agora, e sussurra: "Você sentiu minha falta?"

"Não", minto.

Ele sorri, afiado como uma faca. "Petite menteuse."

Entre um piscar de olhos e outro, ele me leva do salão de baile para uma clareira na floresta, onde uma única árvore se enraizou ao luar. Uma coroa de louros tece em sua testa agora, e sua pele brilha com luz interna enquanto ele estende a mão para colher uma fruta de cima. Inclinando-me para mais perto, resisto ao impulso de inspirar, enterrar meu rosto em seu peito e afundar meus dentes em sua pele. Minhas gengivas latejam com o esforço. Meus dedos quase tiram sangue. Sua presença, seu cheiro - eles são mais inebriantes aqui, desorientadores, e meu corpo dói de fome e - e algo mais. Algo que não ouso nomear. Ainda assim, no entanto, não consigo deixá-lo ir. "Uma fada," eu sussurro com admiração. "Você é um rei das fadas."

Seu peito ronca com uma risada sombria enquanto ele oferece a fruta para mim. "E o que isso faz de você?"

Eu não respondo.

Em vez disso, eu desvio meu olhar de seu rosto cruel para contemplar a fruta em sua mão - uma maçã. À primeira vista, parece o tom perfeito de carmesim, sua casca crocante e brilhante, mas quando pisco, quando me concentro, a fruta cresce e se abre, revelando polpa podre no centro. Eu o afasto dele com um grito. "O que é isso?"

Ele levanta meu queixo com um único dedo em resposta, forçando-me a encontrar seus olhos. "Os contos de fadas nem sempre têm finais felizes, Célie. Eu deveria ter deixado você morrer em vez disso?"

Minha garganta se contrai com a acusação em seu olhar, mas em vez de me afastar, eu me aproximo ainda mais, achando bastante difícil respirar. "Eu nunca quis isso." As palavras saem dos meus lábios em uma onda de verdade, mas é tarde demais para retirá-las. Talvez sempre tenha sido. "Eu nunca quis morrer..."

"Eu também nunca quis morrer", confessa Michal, "mas todos nós devemos ir para a sala do relógio eventualmente."

À distância, um relógio de ébano dobra e eu enrijeço, meu corpo inteiro ficando frio com o som. A cena se inclina sem aviso, lançando-nos nas raízes da árvore, e eu acordo com um suspiro.

Eu acordo sem Michal.

Embora meu corpo estremeça e doa de fome real, leva vários segundos para perceber que o sonho era apenas isso - um sonho. Eu estou em pisos de madeira agora em vez de vegetação rasteira, e as sombras grossas ao meu redor não são mais árvores, mas uma mesa de cabeceira e um castiçal. Um armário. Almofadas. Eu aperto meus cotovelos e olho em volta, respirando fundo e calmante que não preciso mais. Porque estou no meu quarto.

Foi apenas um sonho, digo a mim mesmo com firmeza. Não era real. Estou no meu quarto e foi apenas um sonho.

A consciência faz pouco para aliviar a tensão em meus ombros, no entanto. Não. Isso torna tudo muito pior.

Porque até este momento, eu nunca conheci o medo verdadeiro - nem quando Frederic cortou minha garganta, nem quando eu esfaqueei Morgane, nem mesmo quando ela me prendeu com o cadáver da minha irmã. Ele agarra meu coração em um punho gelado, esmagando-o, enquanto meu olhar pousa diretamente abaixo de mim.

Porque eu não acordei no meu quarto.

Eu acordei na casa de Lou e Reid.

Os últimos vestígios do sonho desaparecem em uma onda vertiginosa ao vê-los, ao perceber que pairo sobre suas formas adormecidas como um espectro silencioso, a poucos centímetros de sua cama. Meros segundos de...

Lágrimas escorrem pelo meu rosto quando Lou se vira ligeiramente, os olhos ainda fechados, e procura Reid mesmo em seus sonhos. Enquanto sua mão responde emaranhando-se em seu cabelo. Ambos respiram profundamente, pacificamente, inconscientes do perigo porque confiam em mim. Eles confiam em mim. Eu levanto a mão à minha boca com horror. Envergonhado. Embora meus dentes latejam, eu mordo com força até tirar sangue, saboreando a dor, o gosto forte e aberrante de mim mesmo.

Se eu tivesse acordado um segundo depois, Lou e Reid estariam mortos.

Com um último suspiro trêmulo, guardo a visão deles na memória. Meus queridos amigos.

Então eu me viro e fujo para a noite.

Capítulo Oito

Absolvição

A escuridão ainda envolve a cidade enquanto olho para a Catedral Saint-Cécile d'Cesarine. O céu em si parece mais pesado do que o normal, cheio de tristeza e exaustão. Ele repousa sobre as torres da catedral como se não pudesse mais suportar se sustentar, obscurecendo os belos vitrais e gárgulas enquanto o trovão ressoa sem entusiasmo à distância.

A Torre Chasseur paira diretamente acima de mim.

Não me lembro de ter tomado a decisão de vir para cá - ou mesmo como vim parar aqui - mas agora que vi a Torre, não consigo sair. Austero e severo, ele se ergue como um punho para atacar os céus, e meus olhos vasculham a pedra familiar com fome. Eles se esforçam para ver através das nuvens, para contar cada janela até encontrar a terceira da direita, diretamente abaixo da gárgula com asas como um pássaro. Através dele, eu poderia encontrar Jean Luc.

Eu engulo em seco, e meu estômago revira de fome.

Talvez ele já esteja acordado, organizando os iniciados para o pátio de treinamento ou encontrando o padre Achille sobre os ladrões de túmulos. Ou talvez ele esteja tomando café da manhã - mingau com duas maçãs fatiadas - cercado por amigos no comissário. Dependendo da vigília noturna, ele ainda poderia estar dormindo, sonhando, sozinho em seu quarto. Ele nunca temeu o escuro como eu, então ele não teria acendido nenhuma vela. Ele não precisaria deles. Seu quarto ainda estaria escuro e tranquilo, um pouco frio, enquanto a Torre gradualmente acordava ao seu redor.

Eu posso imaginar tudo tão claramente agora. Esta vida nós teríamos compartilhado.

Apertando os cotovelos, olho para o leste, onde uma faixa de luz acinzentada marca o nascer do sol. As nuvens não mostram sinais de quebrar, no entanto. A chuva ainda cai sobre a rua vazia. Ele brilha nos postes de luz e paralelepípedos, agarra-se à minha camisola até que a seda marfim grude na minha pele. Suponho que deveria sentir frio - meus pés descalços em novembro - mas, na verdade, não sinto nada além de fome. Quando outra dor destrói meu estômago, eu me curvo abruptamente e luto para não vomitar na rua.

Eu preciso comer.

No fundo, eu sei disso. Claro que eu sei disso. Eu posso até imaginar isso, mas é algo totalmente diferente fazê-lo. Endireitando-me, eu envolvo meus braços em volta do meu meio, desejando que seu abraço sozinho pudesse me sustentar. Porque não posso cravar meus dentes em outra pessoa mais do que posso criar asas e voar.

Voar.

Meus olhos se fecham com o pensamento bobo e errante.

Depois de minha iniciação nos Chasseurs, Jean Luc me girou e girou até parecer que eu estava voando, meu casaco azul imaculado ondulando atrás de mim.

Nós dois havíamos entrado na antecâmara do santuário; ainda podíamos ouvir o estrondo profundo de vozes além da porta enquanto os outros caçadores permaneciam com o padre Achille. Vozes masculinas. Todos os homens. O orgulho inchou em meu coração ao som deles, e pressionei minha testa na de Jean Luc. Meus ombros tremiam com uma risada silenciosa, e Jean Luc - ele riu também, roçando o nariz no meu. "Estou tão orgulhosa de você, Célie. Você realmente fez isso."

Minha felicidade perfurou um pouco com suas palavras. Porque eu realmente não fiz isso - não como ele fez. Muitos caçadores morreram na Batalha de Cesarine, e o padre Achille concedeu uma moratória temporária; Qualquer iniciado que tivesse provado sua coragem durante a batalha havia sido jurado na Irmandade sem um torneio. Exceto eu. Eu não tinha sido um iniciado antes da cerimônia - não poderia ter sido um iniciado, mesmo que quisesse.

Antes daquele dia, a Igreja não permitia que mulheres entrassem na Torre Chasseur, exceto como esposas.

Dando a mim mesmo uma sacudida mental, beijei Jean Luc na bochecha.

Afinal, este foi o início de um novo futuro brilhante para os Chasseurs.

E para mim.

"Obrigado, Jean." Incapaz de evitar, escovei meus lábios contra sua outra bochecha antes de abandonar toda a contenção e salpicar seu rosto de beijos. "Ou devo chamá-lo de Capitão Toussaint?"

Ele me colocou de pé com um sorriso malicioso. "Eu tenho outra coisa em mente."

"Ah?"

"Olhe no seu bolso."

Curioso, enfiei a mão no bolso do casaco, meus dedos escovando algo pequeno e redondo - um anel. Um calor instantâneo me inundou, e quando tirei o anel do bolso - diamante brilhando à luz do sol da tarde - Jean Luc já havia caído

de joelhos. A luz do sol lançou metade de seu rosto em ouro, e ele parecia tão bonito, tão esperançoso, que minha respiração ficou presa. "Célie." Pegando minha mão na dele, ele passou o polegar pelo meu dedo anelar nu. "Eu te amo desde o momento em que caí da laranjeira em seu jardim." Ele riu baixinho com a lembrança e balançou a cabeça. "Você - você deu uma cotovelada em Reid e Filippa para fora do caminho e exigiu ver meu joelho ensanguentado. Você se lembra? Eu sabia então - mesmo antes de você empurrar a perna da minha calça, antes de sair correndo para encontrar um curativo - que nunca tinha visto ninguém tão bonito. Tão bom." Meu coração se alojou na minha garganta quando ele pegou o anel de mim, enquanto o segurava na ponta do meu dedo. "Você me faria o homem mais feliz do mundo, Célie? Você me daria a honra de me tornar minha esposa?"

Eu nem tinha parado para considerar.

Eu simplesmente balancei a cabeça em meio às lágrimas e, quando ele se levantou, deslizando o anel no meu dedo, me perguntei se uma pessoa poderia morrer de felicidade. Um padre Achille de aparência atormentada irrompeu pela porta no segundo seguinte, no entanto, antes que qualquer um de nós pudesse dizer uma palavra. "Aí está você, capitão Toussaint. Onde você esteve?" Ele balançou a cabeça irritado sem esperar por uma resposta. "Não importa. Um motim eclodiu em torno de Soleil et Lune. Aparentemente, um punhado de Dames Blanches incendiou todo o lugar. Louise está contendo a cena, mas deveríamos ter despachado uma unidade meia hora atrás...

"Eu vou agora." Jean Luc moveu-se para soltar minhas mãos com uma expressão de desculpas, e o padre Achille se abaixou rapidamente da sala. "Fique aqui, Célie. Estarei de volta em uma hora e podemos comemorar. Eu prometo."

Agarrei-me a seus dedos com as pontas dos meus. "Mas eu não deveria?"

"Não." Ele balançou a cabeça secamente, seus olhos já olhando através de mim. Passado por mim. "É seu primeiro dia de trabalho e, de qualquer forma, você ouviu o padre Achille - Lou tem tudo sob controle. Nossa presença é mais uma demonstração de apoio do que qualquer coisa." Beijando minha testa, ele acrescentou: "Eu te amo".

Eu te amo.

Eu te amei desde o momento em que caí da laranjeira em seu jardim.

Eu nunca tinha visto ninguém tão bonito. Tão bom.

Lentamente, amargamente, volto para a garoa do lado de fora da Torre Chasseur, olhando para a terceira janela da direita. Aquela tarde brilhante parece uma vida inteira. Eu não deveria estar mais aqui - eu sei disso - mas também não posso ir a nenhum outro lugar. Não posso colocar meus amigos em perigo voltando para o apartamento de Lou e Reid, e não posso colocar em risco o reino

buscando abrigo no castelo com Beau e Coco. Não posso pedir aos meus pais que me mantenham, não assim, e Michal...

Não.

Visão embaçada na chuva, eu tropeço para frente.

Eu só preciso - falar com Jean Luc, vê-lo. Nós dois nunca encontramos um fechamento real, e tudo o que toquei desde que o deixei desmoronou na ponta dos meus dedos. Tudo, minha mente ecoa descontroladamente. Até a rua sob meus pés parece mudar, inclinar-se a cada passo, e eu tropeço novamente, apoiando-me em um poste de luz enquanto um trovão rola à distância. Jean Luc sempre se sentiu tão firme. Ele sempre se sentiu tão seguro. Afastando-me do poste de luz, cambaleio em direção aos degraus da catedral com desespero crescente. Porque agora ele me odeia - ele me odeia - mas ele não pode me odiar mais do que eu me odeio.

Talvez se eu pudesse ouvi-lo dizer isso - se alguém neste reino miserável pudesse me dizer a verdade - isso absolveria todas as coisas terríveis que sinto. Todas as coisas terríveis que fiz. Talvez eu pudesse seguir em frente se Jean Luc me tratasse como o monstro que sou.

Ou talvez eu pudesse pedir a ele para acabar com isso completamente.

O pensamento, pequeno, quieto e terrível, rasteja da parte mais sombria da minha mente. Não me atrevo a olhar muito de perto, no entanto, mesmo quando a voz de Frederic desliza para se juntar a ela. Deveria ter sido você o tempo todo.

"Não", eu sussurro.

Em uma explosão de velocidade, eu corro em direção aos degraus da catedral - determinado a alcançar Jean Luc antes que outras vozes se juntem - mas no instante em que meu pé descalço toca a pedra, ela queima como se eu tivesse pisado em brasas incandescentes. Atordoado, eu empurro para trás, aterrissando com força nas minhas costas e observando como bolhas vermelhas raivosas se abriram na planta do meu pé. Minhas lágrimas caem mais rápido agora. Espessa. Mal consigo ver através deles enquanto rastejo de joelhos, incrédulo, e levanto os dedos trêmulos até o degrau mais baixo.

Eles começam a chiar quando se aproximam da pedra. Eles começam a fumar.

Assim como minha garganta fez quando falei o nome de Deus.

Agarrando-os, eu os seguro contra o meu peito e choro quando a gravidade da minha situação finalmente desce. À medida que passa por esta minha nova pele fétida como uma doença, como uma praga - exceto que eu sou a doença. Eu sou a praga. Nunca mais falarei o Seu nome, e nunca mais entrarei na Sua casa. Eu nunca entrarei em Seu reino porque estou condenado. Nunca mais vou andar ao sol, nunca mais falar com meus pais, nunca mais comer chocolate com meus

amigos ou fugir para sonhos ou mesmo flertar com o livreiro na rua, porque sou morto-vivo.

Porque sou um tolo e não posso voar. Eu nunca poderia.

E não há mais nada aqui para mim.

Lentamente, coloco minhas palmas escaldadas sobre os paralelepípedos frios e úmidos. Meus irmãos estarão acordando em breve, se ainda não o fizeram. Qualquer um deles poderia olhar para baixo das janelas de seus dormitórios e me ver - a diaba que uma vez assombrou seus salões sagrados. O demônio.

O vampiro.

Mesmo Jean Luc não pode absolver isso.

Como se eu o tivesse convocado com meus pensamentos, sua voz profunda e familiar se aproxima de mim do beco atrás da Torre.

Eu fecho meus olhos, sem vontade de acreditar no que estou ouvindo a princípio. Não seria a primeira vez que minha mente pregaria peças em mim. Quando uma segunda voz se junta à dele, no entanto - esta afiada, feminina e desconhecida - meus olhos se abrem.

Jean Luc costuma começar suas manhãs com exercícios.

Levantando-me, sem me importar com meu cabelo selvagem e camisola translúcida, eu dou a volta da esquina. Meus lábios já formaram seu nome quando eu derrapei para parar, franzindo a testa para a cena diante de mim. Porque há Jean Luc, é claro - vestido com roupas leves que usa para se exercitar - mas atrás dele está uma mulher alta e pálida com cabelos dourados. Eu franzo a testa, me abaixando nas sombras antes que qualquer um deles me note. A mulher usa as mesmas roupas leves que Jean Luc, faz os mesmos alongamentos vagarosos, como se estivesse prestes a. . . Bem, junte-se a ele.

Ele nunca me permitiu me juntar a ele antes.

Eu olho para a mulher mais de perto, forçando-me a me concentrar através das bordas borradas da minha visão. Alguém acendeu as duas tochas que flanqueiam a entrada lateral da Torre. As chamas piscam levemente na garoa. Embora a mulher pareça ter mais ou menos a minha idade, ela se mantém com mais confiança, os ombros retos e orgulhosos, apesar de sua altura. Seu cabelo brilhante puxado firmemente para longe de seu rosto. Ele alonga suas feições já semelhantes a raposas, enfatiza as linhas altas de suas maçãs do rosto.

Embora ela não seja tradicionalmente bonita, não consigo desviar o olhar.

"Isso está ficando patético, Toussaint." Com um sorriso malicioso, ela puxa um braço longo sobre o peito, esticando o músculo, antes de passar para o próximo. "Se você quiser passar mais tempo comigo, basta perguntar."

Embora Jean Luc revire os olhos, um pequeno sorriso também brinca em seus lábios. "Você sinalizou no pátio de treinamento ontem, Brigitte. Henry

quase superou você. Achei que você poderia usar um pouco mais de tempo para acordar esta manhã.

Ela bufa. "Eu ainda chutei sua bunda."

"Linguagem." Ele não parece zangado, no entanto. Ele também não parece exasperado ou desapontado. Não. Ele soa quase. . . satisfeito com ela.

Eu olho para a jovem com fome.

Ainda sorrindo, ela fica quieta e se inclina para esticar as pernas. Ela observa Jean Luc com o canto dos olhos cristalinos, no entanto. Como uma mariposa atraída pela chama. E não posso nem culpá-la - Jean Luc sempre foi linda. Não como um vampiro, é claro, mas. . . como um homem. Eu posso ouvir a batida constante de seu coração, posso praticamente sentir o calor e a vitalidade irradiando dele, mesmo do meu esconderijo. E de repente, não consigo mais ficar escondido. Entrando na luz das tochas, murmuro: "Jean".

Ele e Brigitte se voltam em uníssono.

Embora seu olhar se arregale ao me ver - suas pupilas se dilatando, sua boca se abrindo em uma expiração lenta - todo o seu corpo endurece como se estivesse se preparando para o ataque. Meu próprio corpo fica tenso em resposta. Ele parecia o mesmo quando o visitou na semana passada - como se nunca tivesse visto ninguém tão bonito e como se nunca quisesse me ver novamente. "Célie," ele respira.

Ao som do meu nome, Brigitte olha cautelosamente entre nós, e a luz em seus olhos parece endurecer. Ela já ouviu falar de mim. Não sei se devo me sentir melhor ou pior com isso. Ninguém na Torre Chasseur teria dito nada de elogio - não que importe mais o que eles dizem. Eu me sacudo internamente e o mundo parece estremecer comigo. Meus pensamentos permanecem dispersos, distantes. Impossível de pegar.

Em vez disso, concentro-me no som dos batimentos cardíacos de Jean Luc.

Ele bate no tempo com as batidas maçantes na minha cabeça. Tha-baque. Tha-baque. Tha-baque. Eu nunca notei seus batimentos cardíacos quando eu estava vivo - nunca percebi o quão importante seria. Quão precioso. Embora eu tente ignorá-lo, a náusea aumenta no meu estômago novamente. Porque agora ele tem o batimento cardíaco de outra pessoa para combinar.

"Quem é ela?" Eu sussurro, balançando em meus pés.

Quando meus olhos tremem, Jean Luc se estreita e ele se aproxima com relutância, estendendo um braço para evitar que Brigitte o siga. "Entre", diz ele bruscamente.

Brigitte não se move. Em vez disso, ela me observa friamente, seu olhar claro, afiado e azul. "Acho que vou ficar aqui."

"Agora, Brigitte."

Curvando os lábios, ela recua lentamente, não virando as costas até chegar à porta. Mesmo assim, ela hesita, abre a boca como se fosse falar. No último segundo, no entanto, ela parece mudar de ideia, exalando duramente antes de se virar e desaparecer por dentro, seus longos cabelos desaparecendo de vista atrás dela.

"Célie?" Jean Luc levanta as mãos com cautela, como se se preparasse para me firmar, ou talvez para me afastar. "Você está bem? Algo está errado?" Ele olha para trás de mim. "Onde estão os outros?"

Eu quero que ele me toque.

Por favor, não me toque.

"Eu vim sozinho."

"Por quê?"

Não tenho resposta para isso. Não tenho mais resposta para nada, talvez nunca os tenha tido. Há apenas o batimento cardíaco dele. Tha-baque. Tha-baque. Tha-baque. Em vez disso, digo: "Acho que posso estar morrendo".

"O quê?" Suas sobrancelhas franzem em confusão - em alarme - e ele dá mais um passo à frente. Distante, percebo que ele não deveria. Ele deveria seguir Brigitte para dentro, deveria ir a algum lugar que eu nunca mais pudesse tocá-lo. Seu olhar percorre minha pele pálida, as cavidades sob meus olhos, as saliências afiadas da minha clavícula. Não preciso de uma reflexão para ver como estou ótimo e terrível. Que lindo. "Reid e Lou - eles deveriam estar ajudando você. Eles me disseram que iriam ajudá-lo. Eles sabem que você está aqui?"

Lentamente, eu balanço minha cabeça.

Sua mandíbula aperta. "Claro que não. E quanto a isso - aquele vampiro - ele cospe a palavra como a maldição que é - "quem nos seguiu de Requiem? O insuportável? Por que ela não está com você?"

Odessa.

"Não é culpa dela. Não é culpa deles."

Deixamos a verdade não dita inchar entre nós: é minha.

Para meu alívio, ele não discute desta vez, não mente para proteger meus sentimentos como os outros fazem. Porque ele sabe. Jean Luc sabe todas as coisas horríveis que já fiz e despreza cada uma delas. Ele me despreza. Em vez de dizer as palavras em voz alta, no entanto, ele dá mais um passo, e a coluna de sua garganta balança para o que quer que ele veja em minha expressão. "Por que você veio aqui, Célie?"

"Eu precisava ver você."

Emoções passam por seus olhos em rápida sucessão - esperança, descrença, raiva e, finalmente, cautela. Bom. Cautela é uma coisa boa. É preciso cautela. "Você não deveria dizer coisas assim para mim", diz ele, com a voz baixa.

Ainda assim, eu não saio. "Por que não?"

"Porque não é verdade. Você precisa de outras pessoas agora. Balançando a cabeça, ele se força a desviar o olhar, a olhar para a porta pela qual Brigitte simplesmente desapareceu. Quando ele zomba, o som goteja com autodepreciação. Isso me distrai do tambor inebriante de seu coração. "Quem estou enganando? Você nunca precisou de mim. Isso - o que quer que seja entre nós - sempre significou mais para mim do que para você, mas você já sabe disso, não é? Você não estaria aqui se não o fizesse."

"Jean, eu..."

Seus olhos brilham de fúria, e as palavras vazias desmoronam antes que eu possa pronunciá-las.

"Não minta para mim, Célie", ele rosna, "e eu não vou mentir para você."

Pequeno mentiroso, Michal me chama.

Pequeno mentiroso.

Jean Luc e eu nos encaramos através da chuva, um oceano de mágoa silenciosa entre nós.

"Como você pode olhar para mim?" Pergunto baixinho. "Eu - eu rejeitei você. Eu te deixei. Eu me prostituí com um vampiro, e agora eu—agora estou—" Incapaz de continuar, eu gesticulo para baixo do meu corpo terrível e bonito, mas sem uma palavra, ele diminui a distância entre nós e agarra minha mão. O dele parece muito quente no meu. Queimando quente. Meus olhos caem para o pulso pulando em sua garganta. Assim como os outros, ele não percebe o perigo de estar perto de mim - talvez não possa - porque ele ainda pensa que eu sou Célie. Ele ainda acha que eu sou dele.

Ele se inclina, alinhando seu rosto diretamente com o meu, como se para provar isso.

"Nada disso importa. Você não consegue entender? Não há nada que você tenha feito que não possamos consertar juntos. Por favor." Ele engole em seco novamente, e meus olhos rastreiam o movimento, a linha forte de sua garganta. Ele não parece notar. "Célie, isso não pode ser tudo para nós. Depois de tudo, nós - deveríamos ficar juntos para sempre.

Como há muito tempo, seu polegar varre meu dedo anelar nu, e ele me encara como um homem faminto.

Isso não está certo. Ele não deveria estar dizendo essas coisas adoráveis - não para mim - e para sempre não pode mais existir entre nós dois. Estou morto, e ele - ele permanece no auge de sua vida. Anos, décadas, ainda se estendem diante dele, e eles devem ser preenchidos com amor, riso e luz. Jean Luc nunca foi do tipo que cede. Ele não vai simplesmente sucumbir às suas circunstâncias, o que significa que ele encontrará alguém para amar em vez de mim. Ele

construirá uma vida com eles, envelhecerá com eles, e aquela luz horrível e esperançosa em seu olhar - não me pertence mais.

"Quem é ela?" Eu sussurro de novo, e eu me odeio. Eu me odeio por perguntar. Eu me odeio por me importar.

Jean Luc puxa minhas mãos para o peito, embalando-as em seu calor. Na vida. Embora o instinto me avise para me afastar - para sair antes de fazer algo de que me arrependa - meus pés permanecem enraizados nos paralelepípedos, mesmo quando ele roça um beijo nos meus dedos. "Ela não é você, Célie."

"Você está certo. Ela não é um monstro."

Convocando o que resta de minhas forças, eu me viro para sair, mas Jean Luc se recusa a me deixar ir. Com firmeza, ele me puxa de volta para ele, e - em um movimento que me condena direto para o inferno - eu permito. Cabeça girando, eu caio contra seu peito, e seu cheiro toma conta de mim em uma onda deliciosa. Eu deveria sair. Eu deveria ir. Em vez disso, esfrego minha bochecha fria contra a batida constante de seu coração até que seja o único som que existe. "Você não é um monstro." Ele emaranha os dedos no meu cabelo úmido. Tha-baque. "Eu nunca poderia amar um monstro, e eu amo você."

Tha-baque. Tha-baque.

"Diga alguma coisa", ele respira, "por favor".

Eu te amei desde o momento em que caí da laranjeira em seu jardim.

Minhas mãos se enrolam em sua camisa. Ele se sente como sempre, exceto diferente também - mais suave, mais quente. Melhor. Desesperada para capturar o calor de sua pele, eu deslizo minhas mãos pelos botões de sua camisa, observando como se meus dedos pertencessem a outra pessoa. Eu nunca me permiti tocá-lo assim antes. Eu não deveria permitir isso agora. Não é justo com ele. Ainda assim, eu inalo profundamente, pressionando minhas palmas contra seu coração. Eu nunca me permiti saborear o cheiro doce e limpo dele também...

Sem aviso, meus braços serpenteiam em volta de sua cintura, e eu o puxo para mais perto, segurando-o rente ao meu corpo.

Tha-thump tha-thump tha-thump.

Paralisado, eu arrasto minha língua ao longo da batida rápida de seu pulso. Ele tem gosto de sal, ligeiramente amargo de seu sabão, mas por baixo de tudo, algo mais rico permanece. Algo mais sombrio. Meu corpo inteiro estremece no tempo com o dele. Com um gemido, ele tenta se afastar, sua respiração irregular e seus olhos desfocados. "Célie, o que você é—?"

A porta da Torre se abre e Brigitte rosna: "Afaste-se dele!"

Tarde demais.

Minhas presas já se alongaram e - embora fracas, embora fracas - ainda sou um vampiro, e talvez ainda mais perigoso por isso; nenhum dos dois pode se

mover rápido o suficiente para me impedir. O grito de Brigitte ainda paira no ar enquanto eu afundo meus dentes na garganta de Jean Luc.

Capítulo Nove

Pequeno Mentiroso

Seu sangue sobe na minha boca, mais espesso e mais rápido do que o esperado. Quente. Ele escorre por sua garganta e ombro, através do meu peito, até pintar nós dois de escarlate. Eu não paro, no entanto. Eu não posso parar. Embora lágrimas escorram pelo meu rosto, embora ele se debata contra mim em choque e horror, balbuciando incoerentemente, eu apenas enfio meus braços sob seus ombros e o arrasto para baixo, mais perto. Facilitando meu acesso. "C-Célie—" Ele agarra minha cintura e tenta me afastar. "Célie, pare..."

Quase não sinto seus esforços. Suas mãos podiam ser uma carícia suave. De fato, à medida que seu sangue enche meu corpo, torna-se surpreendentemente fácil segurá-lo. Para mantê-lo comigo para sempre. Mina. O pensamento surge como um rosnado - e talvez eu rosne, meus dentes afundando mais fundo - porque Jean Luc arranha minha nuca agora, meu cabelo e camisola, desesperado para encontrar compra. E seu medo - eu posso senti-lo, cheirá-lo, mais nítido do que a magia do sangue e tão potente, até mesmo inebriante. Ele inunda todo o beco até que eu possa me afogar nele, e minha mandíbula se prende instintivamente em resposta. Minha língua trabalha freneticamente. Desperdiçando-o. Estou desperdiçando seu sangue vital, mas não posso controlar o fluxo, não posso fazer nada além de levá-lo para a rua e prendê-lo entre meus joelhos, prendendo suas mãos inúteis nos paralelepípedos. Porque eu preciso de mais.

Eu preciso de mais.

Antes que eu possa ajustar adequadamente minha mordida, no entanto, minhas costelas explodem em agonia.

"Deixe-o ir!" As mãos calejadas de Brigitte substituem as de Jean Luc, e ela grita, rasgando meus braços antes de deslizar sua Balisarda prateada pelas minhas costelas mais uma vez. Duas vezes. Três golpes brutais. Embora eu engasgue, rosnando e me afastando dela - delirando de dor, queimando - minhas mãos se recusam a abandoná-lo. Meus dentes permanecem em sua garganta, mesmo quando seus movimentos ficam mais lentos. Fraco. Brigitte levanta sua Balisarda para atacar novamente, seus olhos enlouquecidos de medo. O cheiro só

me incita ainda mais. "Afaste-se dele! Eu disse para pegar" - ela range os dentes com esforço, ainda balançando descontroladamente - "fora!" Ela corta meus braços agora, impiedosa em seu ataque. "Socorro! Socorro!"

Em um círculo doentio da vida, no entanto, o sangue de Jean Luc cura minhas feridas assim que elas se abrem, e os soluços de Brigitte logo se juntam aos meus. "Socorro!" Seus gritos dividiram o amanhecer como um machado. "Alguém, por favor, nos ajude! Por favor!" Em uma última tentativa desesperada de libertá-lo, ela balança o Balisarda alto, mais alto, antes de enfiá-lo no meu pescoço.

A dor diferente de tudo que já senti rasga meu corpo em dois.

Porque desta vez, ela deixa a lâmina meio enterrada na minha carne, e eu sinto cada centímetro dela enquanto me viro, lentamente, para encará-la.

Um propósito letal bate no meu peito enquanto eu arranco o Balisarda, enquanto eu o jogo no chão e me levanto. Embora a ferida não cicatrize instantaneamente, desaparecendo como as outras, a pele ainda se une novamente. Isso deixa uma linha enrugada e irritada.

Tarde demais, ela percebe seu erro. Seus olhos se arregalam quando meu lábio se curva. Sua respiração fica presa quando minha visão se aguça, sangrando vermelho, e - depois de uma deliberação de fração de segundo - ela dispara pelo beco em uma tentativa óbvia de me atrair para longe de Jean Luc. E eu vou obrigá-la. Oh sim. Vou dar a ela exatamente o que ela quer, e vou adorar ver aquela luz brilhante e fria deixar seus olhos enquanto ela morre para protegê-lo. O sangue ruge em meus ouvidos. Embora seu olhar corra freneticamente em busca de um meio de fuga, não há nenhum.

Se ela correr, eu vou pegá-la, e meus joelhos já se dobram em antecipação, meu corpo inteiro tremendo, apertando, porque espero que ela corra - espero que ela corra.

Como se estivesse em câmera lenta, ela se vira para fazer exatamente isso.

E eu ataco.

Leva menos de um segundo para braços de ferro envolverem meu peito, prendendo os meus ao meu lado. Seu cheiro me engole em seguida - rico, decadente - e o calor se enrola apertado dentro da minha barriga em resposta. Michal. E agora sou eu quem se debate em vão, fervendo e rosnando contra ele, impotente para me mover até que ele me liberte. Eu deveria saber que ele não iria embora. Eu deveria saber que ele interferiria-

"Olá de novo, bichinho." Sua voz pinga de apatia, e ele balança a cabeça, sem se importar com meus esforços para estalar sua canela com meus calcanhares. "Nós realmente devemos parar de nos encontrar assim."

"Deixe-me ir," eu rosno.

"Por mais que eu goste de ver você comer seu noivo, não me importo muito com a bagunça que isso vai deixar para trás."

"Eu te odeio..."

"Eu sei que você sabe, Célie."

Eu estremeço convulsivamente com meu nome em seus lábios. E eu odeio minha reação - eu odeio. Eu o odeio. Com uma maldição cruel, eu me contorço e torço, enfiando meus cotovelos em suas costelas. Tentando criar espaço, afrouxar seu aperto. Minha pele formiga intoleravelmente onde ele me toca, e - e ele não pode estar aqui. Eu disse a ele para sair. Embora Jean Luc pressione a mão na garganta para estancar o sangramento, o cheiro de seu sangue ainda se entrelaça com o delicioso cheiro do vampiro atrás de mim, o cheiro do medo. Minha cabeça gira com tudo isso - cada cheiro mais potente que o anterior - até que estou estúpido em seus braços, delirante. Até que tudo o que posso ouvir é a batida lenta do coração de Jean Luc e a batida rápida de Brigitte.

Até que tudo o que posso ver é escarlate sobre os paralelepípedos, na minha frente. Ele reveste as mangas de couro de Michal agora também.

Isso os torna escorregadios.

"V-Você é ele," Brigitte gagueja, seu rosto branco enquanto ela olha para nós. "O capitão Toussaint nos contou sobre você. Ele disse que foi você quem a roubou, que a transformou..."

"Eu sugiro" - Michal sacude o queixo em direção à Torre enquanto procura freneticamente pelo Balisarda - "você pega o bom capitão e vai embora, não contando a ninguém o que aconteceu aqui. Os vampiros não brigam com os caçadores. Eu quase posso ouvir seus olhos brilharem quando ele acrescenta: "Ainda."

"Oh, acho que não, sanguessuga." Em vez de uma Balisarda, Brigitte arremessa a palavra como uma arma. "Os caçadores terão me ouvido. Eles estarão aqui a qualquer momento, e você e aquela súcubo terão o que merecem..."

"Não seja tola, Brigitte." Seus dentes rangem enquanto minhas unhas arranham seus antebraços, rasgando couro, linho e pele. Tirando sangue fresco. Seu sangue. O cheiro disso quebra sobre mim como uma onda. Ele lubrifica ainda mais suas mangas. "Enquanto falamos, meu primo está esperando do lado de fora para obrigar seus preciosos irmãos a voltarem para seus quartos. Acontece que ninguém ouviu seus gritos, afinal."

Brigitte treme toda agora, mas com um grito de triunfo, ela desce baixo e arrebata a Balisarda de Jean Luc das sombras perto dos degraus. "Então eu mesma vou te matar", diz ela. "Vou enfiar esta adaga direto no seu coração frio e morto."

Meu olhar se levanta para isso. Espontaneamente, um som baixo e gutural sai da minha garganta - um som que eu nunca fiz antes - e eu me viro novamente para encará-la, deslizando sob o tecido liso das mangas de Michal. Por um único e glorioso segundo, nada se interpõe entre mim e Brigitte. Eu começo a me aproximar dela muito rapidamente para minha mente seguir, para dar sentido à fúria repentina lambendo minha espinha.

Antes que eu possa arrancar sua garganta, no entanto - antes que eu possa festejar - Michal aparece entre nós. Quando eu rosno novamente, tentando me lançar ao redor dele, ele se desvia e eu bato em seu peito, muito lento para combatê-lo. Brigitte aproveita a oportunidade para atacar suas costas com a Balisarda, mas ele a joga de lado com paciência que se esgota rapidamente. Quando ele derrapa - inútil - atrás de mim, Brigitte recupera os sentidos e se retira para o lado de Jean Luc.

Eu olho para ela por trás de Michal, sibilando suavemente.

Ela cai de joelhos em resposta, enrolando os braços sob os ombros de Jean e tentando arrastá-lo para trás. Longe de mim.

Um erro.

É como se outra pessoa tivesse assumido o controle do meu corpo. Tudo o que posso ver é seu rosto odioso, suas mãos em Jean Luc, e nada disso faz sentido. Ele não me pertence - eu sei disso - mas o cheiro de seu sangue, o cheiro de Michal, quase divide meu corpo em dois com a carência. Minha coluna realmente se curva de fome, de dor, e eu me lanço, mostrando os dentes, estalando neles...

Os braços de Michal me envolvem mais uma vez, e ele me levanta dos meus pés enquanto eu ainda me esforço para frente, soluçando agora. Vagamente, percebo que ele fala baixo e rápido no meu ouvido, mas ouço apenas uma palavra. "Célie," ele respira. Repetidamente, ele diz meu nome. Apenas meu nome. Célie. Como se ele soubesse que eu fui a algum lugar que ele não pode seguir, e ele não vai parar até que ele me arraste de volta. "Você não quer matá-los. Não verdadeiramente."

"Você não sabe o que eu quero," eu rosno.

"Ah, mas eu faço." Ele ainda se recusa a me deixar ir, segurando-me forte e rápido contra ele. "Seus sentidos se intensificaram. Tudo parece mais nítido, mais brilhante, melhor como um vampiro, mas a dor também é mais intensa. Seus dentes estão doendo. Sua cabeça lateja. O cheiro de seu sangue tornou-se um batimento cardíaco em seu peito, e você não pode ouvir nada, exceto aquele tambor frenético. Você quer rasgá-la membro por membro por tocá-lo porque ele pertence a você.

Eu balanço minha cabeça veementemente. Um mentiroso.

A liar, a liar, a liar.

Assim, eu me contorço em seus braços - completamente fora de controle - mas como antes, ele aparece na minha frente. Desta vez, no entanto, ele me força contra a parede do beco com um antebraço duro contra o meu peito. Seu sobretudo escorregadio desapareceu, deixando para trás apenas uma camisa preta rasgada. Seu colarinho se abriu durante nossa briga; sua gravata está amassada e esquecida na rua. Se possível, sua desordem o faz se sentir ainda mais ameaçador - mais selvagem, de alguma forma, e mais sombrio, como um deus primitivo pairando sobre mim.

"Basta, Célie", diz ele com uma calma enervante. "A menos que você queira enterrar seu noivo e seu novo amigo, você precisa parar de fingir ser humano. Quer você goste ou não, você é um vampiro agora, e os vampiros são uma espécie predatória - a espécie predatória. Seus olhos negros penetraram nos meus, insistentes e imóveis, e eu sei - eu sei - que sua paciência chegou ao fim. "Não podemos sobreviver com moralidade."

As palavras desmoronam o último da minha resolução.

Em seu rastro, uma enxurrada de amarga vergonha corre por mim. Ele preenche cada rachadura no meu peito até que eu possa me afogar - na minha estupidez, sim, na minha imprudência, mas também no meu medo. Eu sabia que eventualmente precisaria me alimentar. Depois de viver em Requiem com Michal, Odessa e Dimitri, como eu não poderia? Eu sabia o que seria necessário para sobreviver como um vampiro e, sinceramente, o sangue em si nunca me enojou. Ainda não.

Atrás de Michal, Jean Luc luta para se levantar até os cotovelos, seus olhos se estreitaram em descrença - ainda procurando os meus, mesmo quando Brigitte tenta arrastá-lo para longe. Ele cava em seus calcanhares. Eu posso segurar seu olhar horrorizado por apenas um segundo antes de desviar o olhar. Porque o cheiro de seu sangue ainda mexe com algo dentro de mim. Porque minha barriga ainda aperta em resposta; meus dedos ainda se enrolam para reivindicá-lo.

Adiei o inevitável porque não queria machucar ninguém.

E então eu não luto mais contra Michal. Eu simplesmente levanto meu queixo e desnudo toda a minha alma. "Eu não acho que posso fazer isso."

É a verdade hedionda que tentei evitar, aquela que meus amigos e familiares sempre ignoraram porque me amam - eu não sou o suficiente. Eu nunca fui, e nunca serei. A cada passo, falhei: ser uma irmã, uma dama, uma caçadora, uma noiva. Eu até falhei em ser uma noiva. Frederic venceu - ele ressuscitou minha irmã - porque pensei que poderia enganá-lo, poderia desfazer todo o seu planejamento cuidadoso com nada além de esperança e pó de fada. Claro que agora eu falharia em ser um vampiro também.

Parece que todos realizaram seu desejo, afinal, e como todos devem estar terrivelmente desapontados.

Eu ainda sou, tragicamente, Célie.

Como esperado, Michal não tem pena de mim. Se possível, sua expressão endurece ainda mais, e ele me solta sem aviso para puxar a manga. "Receio que você não tenha escolha. Se você se recusar a comer, você matará alguém - provavelmente toda a Torre Chasseur - e você vai se odiar mais do que já faz. Antes que eu possa detê-lo, suas presas descem e ele morde o pulso fundo o suficiente para tirar sangue. Seu cheiro me perfura como a lâmina de uma faca. Sua borda irregular apunhala minha garganta, meu peito, meu estômago até que eu assobio de dor delirante. Ele não se importa. "Suas opções são limitadas agora, Célie. Você pode se alimentar de mim ou, se preferir, posso mostrar como se alimentar desses dois. Posso até ensiná-lo a afastar suas memórias..."

Eu balanço minha cabeça antes que ele possa terminar, ignorando a maneira como seu sangue escorre pelo antebraço. Minha mandíbula dói. "Eu não vou violá-los assim."

"Ela enfiou uma espada em seu pescoço."

"Não, eu - eu tirei mais de Jean Luc do que deveria. Ela estava apenas... apenas..."

"Célie." A voz de Michal suaviza inexplicavelmente enquanto ele afasta o cabelo úmido e emaranhado do meu rosto. Ele traz seu pulso para mais perto da minha boca, e eu fecho meus olhos, recusando-me a respirar. Recusando-se a pensar. Porque não posso beber de Michal novamente. Não agora, não como um vampiro. Fazer isso seria abominável, antinatural - íntimo. Tão incrivelmente íntimo. Embora eu não possa explicar o porquê, sei no fundo dos meus ossos que algo mudará entre nós se eu fizer isso.

Como se para me tranquilizar, ele varre uma lágrima da minha bochecha com o polegar. "Você não vai me machucar."

Não seja nojento, Mila disse uma vez. Os vampiros só bebem de vampiros em situações muito não familiares.

Eu nunca perguntei o que ela queria dizer, nunca sonhei que tal coisa seria relevante para Michal e para mim. E talvez seja a dor no estômago - ou talvez eu realmente seja o pior tipo de mentiroso - mas as consequências parecem importar ainda menos agora do que antes. Eu já fiz o pior. Eu já ataquei alguém que amo - quase o matei em um ataque de paixão, ou talvez raiva cega. Ciúme. Talvez Odessa estivesse certa, e todas as emoções sentidas como um vampiro se transformam em fome.

Olhos ainda fechados, eu agarro o pulso de Michal assim que as marcas de mordida começam a cicatrizar. Não suporto olhar para eles. Não suporto olhar

para ele - não quando meus lábios se fecham em torno de sua pele, não quando meus dentes afundam profundamente onde os dele acabaram de estar. Seu antebraço cai do meu peito no primeiro puxão da minha boca. Ele serpenteia em volta da minha cintura no segundo, me estabilizando quando meus joelhos cedem. "Calma", ele murmura, levando-nos gentilmente para os paralelepípedos.

Mas não é fácil. Não é nada fácil.

O gosto de seu sangue - nada poderia ter me preparado para isso, e nada pode se comparar novamente. Imediatamente, eu sei que cometi um erro terrível, mas se o próprio Inferno descesse sobre nós agora, se os fantasmas rastejassem de todos os túmulos, eu não seria capaz de parar. Ele explode na minha língua em uma onda inebriante e arcana de calor, de magia, e na terceira puxada, minha cabeça ameaça girar dos meus ombros. Meu corpo ameaça entrar em colapso. Ainda mantenho meus olhos fechados, puxando-o para mais perto, bebendo-o mais profundamente até que estrelas brancas irrompam na escuridão de minhas pálpebras. Eu suspeitava que Michal fosse mais forte do que o vampiro médio, mas nunca soube o quanto.

Não é até que eu o sinto fluindo por cada parte de mim - poderoso, potente - que eu percebo que ele não me disse para parar. Ele não se afastou. Na verdade, ele ainda se agacha diante de mim, acariciando meu cabelo e murmurando encorajamento. Permitindo-me pegar o quanto eu precisar. Para... use-o. "É isso." Outro golpe de sua mão. "Boa menina."

E eu me sinto melhor agora. Eu faço. À medida que meus olhos se abrem, sinto-me mais cheio, saciado, quase como eu mesmo novamente, exceto. . . diferente.

Fluido e gracioso.

Forte.

Ele me observa com uma expressão inescrutável, sua mão parando no meu cabelo quando eu finalmente levanto minha boca de seu pulso. Sua voz, no entanto, está mais rouca do que antes quando ele pergunta: "Você conseguiu o suficiente?"

"Eu..." Minha própria voz soa distante, mais sonhadora, enquanto eu olho para ele, paralisada por sua silhueta à luz das tochas. "Sim, obrigado."

"E você é. . . Tudo bem?" ele pergunta baixinho.

Seus olhos vasculham meu rosto com a mesma intensidade impenetrável.

Tarde demais, percebo o quão imundo devo parecer - cabelo selvagem e emaranhado, pés descalços, minha camisola encharcada de chuva, lama e sangue. Seu sangue. Eu limpo lentamente da minha boca antes de tirar meu olhar dele. Outro erro.

O resto da cena chega lentamente no início. Embora Michal tenha se

posicionado para bloquear a rua, meus sentidos se aguçaram e não preciso ver Jean Luc para ouvir que seu pulso se estabilizou. Seu sangramento diminuiu. Sua respiração permanece mais rasa do que deveria, e Brigitte ofega enquanto luta para arrastá-lo até a porta. A batida rápida e em pânico de seu coração, o som escorregadio de suas roupas contra os paralelepípedos - o sabor agudo de seu sangue, tanto sangue - não me enche mais de raiva, no entanto. Não me enche mais de fome.

Não.

Meu corpo inteiro treme enquanto eu me levanto. Michal se levanta comigo, ainda de pé muito perto. Ainda me protegendo da rua. "Célie," ele começa, apaziguando, mas eu o desvio rapidamente. Seu sangue corre para minhas bochechas na cena diante de mim. Ele se agita violentamente no meu estômago, ameaça subir.

A chuva parou.

Deixa um rio de escarlate na rua. Minha garganta engrossa ao vê-lo.

Eu - eu não estava limpo em meu ataque. Eu não fui gentil.

"Não", eu engasgo, começando em direção a Jean Luc.

"Não me toque." Como se estivesse acordando de um transe, ele para de lutar com Brigitte agora, correndo para trás, e o cheiro de seu medo é uma coisa viva e venenosa entre nós. Em plena luz do amanhecer, posso finalmente ver o porquê: sua pele desfiada, sua carne manchada, seus olhos vidrados e cor acinzentada. "Apenas, apenas vá embora..."

Eu quase arranquei sua garganta.

Qualquer força que eu possa ter sentido desaparece quando eu salto para frente, agarrando sua Balisarda e arrastando-a pelo meu antebraço. "Por favor—" Eu arremesso a lâmina para o lado, empurrando meu braço em direção a ele desesperadamente. "Por favor, pegue, Jean. Isso vai te curar. Vai fazer com que isso - tudo isso apenas - "

Tudo isso, apenas o quê? pergunta uma voz desagradável na minha cabeça. Vá-se embora?

Qualquer força que eu possa ter sentido desliza como areia entre meus dedos enquanto Jean Luc cambaleia de pé, empurrando meu braço para longe e desabando contra Brigitte, que faz o possível para suportar todo o seu peso. Essa força aquece e se derrete em desespero frágil - porque algo assim não desaparece. Algo assim começa uma guerra, começa uma cruzada amarga como a que acabamos de terminar. Não. Como se estivesse lendo minha mente, Brigitte zomba, o rosto vermelho de esforço enquanto ajuda Jean Luc a chegar à Torre. "Vamos caçá-lo por isso. Nós vamos fazer você pagar."

"Mas eu posso consertar..."

"Você não pode consertar isso." Ela chega atrás para abrir a porta, lutando para arremessá-lo através da soleira. "O Capitão Toussaint é a única razão pela qual os Caçadores não queimaram sua ilha até o chão."

Não, não, não-

A histeria aumentando, eu os persigo, dirigindo-me a Jean Luc agora, acenando com o braço suplicante. "Você pode morrer, Jean Luc. Por favor, por favor, deixe-me curá-lo..."

"Como se ele tivesse curado você?" Com a voz fraca, Jean Luc estremece quando Brigitte o empurra para o corredor. Eu ainda o alcanço, determinada a fazer alguma coisa, mas a mão de Michal desce no meu ombro assim que meus dedos começam a queimar. Eu os arrebato, lágrimas brotando novamente nas bolhas. Na fumaça.

"Você não pode segui-los", diz ele suavemente.

Eu giro para encará-lo, para implorar que ele de alguma forma - de alguma forma - desfaça tudo isso. "Por quê?"

Por que isso teve que acontecer?

Não é Michal quem responde, no entanto. É Jean Luc. Lágrimas percorrem suas bochechas enquanto ele me olha do corredor sombreado, mas sua expressão não é triste. Não é triste. Em vez disso, todo o seu rosto se aperta com nojo. "Porque a Igreja é santa. O mal não pode entrar aqui.

Meus olhos se arregalam de dor. Em descrença.

Malvado.

"Como você recusou nosso sangue", diz Michal secamente para Jean Luc, "você deve saber que seus curandeiros não podem fazer nada por essas feridas. Eu mesmo não me importo se você vive ou morre, mas Célie sim. Ela é a única razão pela qual ofereço essa alternativa - convoque seus amigos em vez disso. A magia do sangue pode curá-lo se administrada rapidamente."

"Como se sempre confiássemos em você—" Brigitte começa, mas Michal fecha a porta na cara dela. Então ele se vira para mim.

"Célie?" ele pergunta, seus olhos cautelosos.

Todos nós devemos ir para a sala do relógio eventualmente.

"Leve-me para o Requiem, Michal", eu sussurro.

Parte Dois

Um prego expulsa o outro.
Um cravo com outro se tira.

Capítulo Dez

Faça assim, e será

Uma hora depois, sento-me em uma pequena loja de consignação estranha com vista para as docas.

Não é muito - alguns tomos empoeirados sobre navegação, um feixe de corda e, curiosamente, uma cesta de gatinhos - mas Michal e Odessa conhecem o dono, um homem corpulento de meia-idade com um sorriso gentil e uma mesa na vitrine. "Espere aqui", Michal me disse, com a mão na parte inferior das minhas costas enquanto me conduzia para dentro da loja. "Preciso falar com o capitão do porto."

"Este lugar carrega artigos de papelaria?" Eu perguntei a ele com uma voz oca. "E envelopes?"

Ele hesitou na porta, lançando-me um olhar perscrutador. "Eu acredito que sim."

Eu olho para os referidos envelopes agora. Sentado à mesa na janela, concentro-me no peso e na textura do linho, nos cantos nítidos, no selo brilhante do lojista. Cera carmesim. Minha respiração treme levemente enquanto me inclino para a frente para soprar o líquido viscoso até que ele endureça, até que se assemelhe a algo diferente de...

Eu me dou uma sacudida mental viciosa.

Sangue.

Isso está ficando ridículo. Eu ainda posso dizer a palavra. Eu ainda posso pensar nisso.

Minhas mãos, no entanto, parecem discordar; eles serpenteiam em um borrão miserável, virando cada envelope para esconder a cera, e eu olho para os nomes rabiscados nas frentes com tinta preta. Preto como o gatinho sob os pés, penso com firmeza. Minha visão se estreita nessas letras, em cada laço e curva da minha caligrafia até que nada mais exista. Preto como meu cabelo, como o colete do lojista. Preto como-

Meu olhar se move para cima e observo Michal pela janela enquanto ele discute com o capitão do porto.

Mesmo à distância, posso ver seus olhos negros.

Em meio à agitação dos comerciantes, dos estivadores e dos pescadores, ele parece mais sobrenatural do que nunca, quieto e bonito demais para ser confundido com humano. Muito pálido. Sua pele de alabastro brilha como um farol na luz nublada, austera e perfeita contra suas roupas escuras. Felizmente, seu sobretudo esconde a maior parte de sua camisa rasgada por baixo, exceto as mangas. Eu os destrui também. O capitão do porto olha para as marcas de garras no couro duvidosamente, puxando um lenço para enxugar a testa.

Michal me deu sua capa para esconder as manchas de sangue na minha camisola.

Forçando-me a relaxar, conto os gatinhos na cesta enquanto espero que ele termine de providenciar nosso transporte. Sete deles ao todo. Eles gemem e lutam contra o vime em uma tentativa desesperada de me alcançar. Tristemente, eu me curvo para coçar cada uma de suas cabecinhas com uma pontada de perda inesperada; minha mãe proibia animais em casa, então Filippa e eu nunca tivemos um animal de estimação.

Eu me endireito com um suspiro miserável. Eventualmente, Filippa a convenceu a permitir que eu adotasse um dos cavalos de nosso estábulo - Cabot - e quando me juntei aos caçadores, insisti em levá-lo comigo de West End para Chasseur Tower. Ele provavelmente acha que eu o abandonei agora. Ele provavelmente pega sua aveia de Brigitte.

Eu gostaria que Michal se apressasse.

Perto do caixa, Odessa examina um mapa estelar brilhantemente pintado enquanto o dono da loja conta o último de seus couronnes, fazendo anotações cuidadosas em seu livro-razão. "Lucille viajou até Zvezdya para adquirir aquela peça", ele diz a ela com orgulho, "junto com uma bússola de obsidiana pura da casa de um feiticeiro - a Sombra, como os locais o chamam".

"Feiticeiros não existem, Yves", diz Odessa distraidamente - embora não indelicadamente - enquanto examina o mapa. "Espero que sua filha não tenha pago uma quantia exorbitante porque um charlatão se autodenominava Sombra."

"Sempre o cético." Rindo, Yves fecha o caixa e dá um tapinha em seu braço com carinho. "Infelizmente, seu irmão acreditaria em mim - e onde está Dimitri, afinal?" Odessa enrijece quase indiscernivelmente ao som do nome de seu irmão, mas Yves não parece notar, seus olhos brilhando de travessura. Eu me pergunto se ele sabe com quem ele realmente fala. Eu me pergunto se ele sabe o que ela come. "Ele está namorando os habitantes locais? Eu sei que Lucille adoraria vê-lo antes que ele partisse.

Fixando um sorriso nos lábios, Odessa devolve o gráfico à sua prateleira. "Dimitri está ocupado de outra forma, receio."

Ocupado de outra forma. Não é uma mentira, por si só. Desaparecer com o

Necromante após sua traição na véspera de Todos os Santos provavelmente manteve Dimitri bastante ocupado esta semana. Ninguém o viu desde a gruta - onde ele assassinou Babette, alimentou-se de Beau e atacou sua própria irmã em uma tentativa desesperada de tomar o grimório de La Voisin. Em sua defesa, ele acreditava que era a cura para sua doença do sangue.

Ele também quase matou todos nós.

Odessa olha fixamente para a lata de biscoitos perto do mapa estelar, seu corpo esticado como um arco.

Felizmente, um cliente entra então; ele interrompe o que quer que Yves possa ter dito.

Como se sentisse o peso do meu olhar, os olhos de Odessa se voltam para os meus, e eu desvio o olhar apressadamente, espalhando meus envelopes pela mesa: Para Jean Luc, Para Brigitte, Para Lou. Meus dedos ainda tremem levemente contra a última letra. Eles não pararam de tremer desde que eu escrevi. Eu olho com determinação para os crescentes manchados de minhas unhas, o sangue marrom seco por baixo, em vez de imaginar sua expressão quando ela acorda e não consegue me encontrar. Marrom como folhas de outono. Como bolotas e café de castanha.

Lou merece muito mais do que o que eu dei a ela. Todos eles fazem, mas não suporto dizer adeus pessoalmente. Isso me torna um covarde miserável, sim - e um amigo miserável - mas se eu voltar à porta deles, se eu me sentar naquela cozinha alegre com suas panelas de cobre e peônias gordas, sei que nunca vou sair. Eventualmente, vou machucar um deles como machuquei Jean Luc, e isso não pode acontecer. Não posso voltar a colocar-nos numa posição destas.

Nunca mais.

Eu me agarro a essa resolução com cada fragmento do meu corpo. Torna-se imperativo, um bote salva-vidas, e embora não me impulsione para sempre, me impulsiona por enquanto. Ele vai me levar direto para o Requiem, onde devo. . . expiar o que fiz de alguma forma. Onde devo consertar as coisas.

Eu corro meu dedo sobre os cantos afiados do envelope, pensando muito.

Três anos atrás - na noite da minha estreia na sociedade - eu estava sozinho no topo de nossa grande escadaria, olhando para os belos colegas em nosso salão de baile. Quase vomitei ao ver seus rostos desconhecidos, meu próprio cartão de dança vazio. Minha mãe se recusou a convidar Reid para a soirée. Ele não tinha título ou fortuna, mas eu ainda queria me casar com ele. Eu nunca dancei com mais ninguém. "Você vai ficar bem", Filippa me disse ferozmente, agarrando minhas mãos enluvadas. "Todos os cavalheiros nesta sala estarão clamando para conhecê-la esta noite, ma belle. Marque minhas palavras - mamãe e eu precisaremos espancá-los com uma vara.

Eu a olhei com olhos arregalados e desamparados. "E se eles não o fizerem?"

Nossa mãe deu um passo à frente com aquele ar familiar de competência e severidade. "Faça assim", disse ela secamente, "e será." Então ela beliscou minhas bochechas com eficiência brutal e me rebocou escada abaixo.

Faça com que seja assim, e será.

Palavras sem sentido, com certeza, mas seu conselho - funcionou naquela noite. Sob seus olhos penetrantes, segurei meus ombros retos e meu queixo erguido. Eu bati meus cílios e falei com confiança, fingi sagacidade e charme. No final da noite, meus pés doíam de tanto dançar, e dois homens pediram em casamento na manhã seguinte.

Eu sempre fui bom em fingir.

E se funcionou então, por que não deveria funcionar agora?

Eu posso ser um monstro, mas ainda posso agir de outra forma - como se minha vida não tivesse se quebrado em mil pedaços irregulares, como se meus dentes ainda não doessem para sentir o gosto de sangue. Em vez disso, posso ir para o Requiem e começar de novo. Eu posso fazer melhor. Eu posso ser melhor.

"Você não precisa se explicar para ninguém, Célie", diz Odessa, fingindo não ler os nomes de Jean Luc e Brigitte por cima do meu ombro. Perdido em meus pensamentos, não a ouvi se aproximar. Eu reúno as cartas com uma carranca.

"Eu quase os matei, Odessa."

"E?" Ela se abaixa para recuperar um dos gatinhos que escaparam da cesta, levantando-o pela nuca para espiar diretamente em seus olhos azul-acinzentados. Ele mia alto para resgate. "Uma carta não mudará o que aconteceu, nem mudará suas mentes. Eles não conseguem entender o que aconteceu naquele beco porque são humanos. Coisinhas imundas, não são?" ela acrescenta, inclinando a cabeça para o gatinho. "Yves os vende a marinheiros para pegar ratos em seus navios, mas acho que um rato comeria uma criatura tão pequena, não é?"

Eu pego o gatinho dela e o devolvo à cesta. "Não importa se eles mudam de ideia. Eu ainda preciso me desculpar."

"Por quê?"

"O que você quer dizer com o porquê?" Eu me endireito, inexplicavelmente perturbado, e enfio minhas cartas no bolso da capa de viagem de Michal. "Eu os machuquei. É a coisa certa a fazer..."

"De acordo com quem?"

"De acordo com todos, Odessa," eu retruco. "Eu fiz uma votação, e todos concordam que a resposta educada para abrir a garganta do seu ex-noivo é pedir desculpas."

"E, no entanto", diz ela, "você acabou de dizer que não importa se eles mudam de ideia. Nesse caso, pode-se questionar a necessidade de se desculpar -

a menos, é claro, que o pedido de desculpas seja para seu benefício e não para o deles. Ela faz uma pausa enquanto eu pisco para ela, atordoada. "Bem? Você realmente acha que eles desejam ouvir de você?"

"Você deve sempre distorcer tudo o que eu digo? É exaustivo—"

"Apenas algo para pensar." Ela encolhe os ombros e pega um livro da prateleira antes de parar, virando-se com um suspiro sitiado. "Embora enquanto estamos em um assunto tão desconfortável. . . Talvez eu precise me desculpar pelo papel que desempenhei em tudo isso." Ela acena com a mão em direção à minha camisola manchada de sangue, suas pulseiras de granada tilintando em torno de seu pulso.

Eu enrolo a capa mais apertada em volta da minha cintura. "Você não fez nada, Odessa."

"Você está certo, é claro, mas, infelizmente, esse é precisamente o problema - eu não fiz nada, e Michal me encarregou de guiá-lo em sua transição." Uma pausa. "Ele confiou em mim e eu permiti que você morresse de fome."

"Você não—"

"Eu sabia que o sangue animal nunca poderia sustentá-lo. Eu sabia que você eventualmente precisaria beber da fonte. Todos naquela casa miserável podiam vê-lo murchar, mas não fizemos nada para impedi-lo. Eu falhei como seu mentor - não que eu tenha pedido o emprego", acrescenta ela, levantando o queixo de uma forma arrogante e defensiva. "Eu teria preferido ficar no Requiem. Vampiros recém-nascidos não são minha xícara de chá em particular. Muito impulsivo, você sabe.

Eu sei. Em vez de dizer a ela isso, no entanto, eu dedo o fecho do manto de Michal e olho fixamente para a cesta de gatinhos. Um gato malhado de cor creme pisca de volta para mim. "Sim, bem. . . Eu não vou mais morrer de fome, o que significa que você está oficialmente dispensado de seus deveres. Eu sei melhor agora."

"Direito." Ela hesita novamente, e eu não posso evitar - eu olho para ela, franzindo a testa. Ela tem o ar de uma mulher se preparando para fazer algo extremamente desagradável. "Exceto . . . Não tenho certeza se você sabe, querida - saiba melhor, é claro.

"O que você quer dizer?"

"Bem. . . Você aprendeu sobre os pássaros e as abelhas?"

Gaguejando, quase derrubo a mesa enquanto sacudo para a frente. "O quê?"

"Os pássaros e as abelhas." Sua mão fica mais agitada e ela abaixa a voz. "A analogia não se aplica aos vampiros, é claro, já que não podemos reproduzir, mas a mecânica permanece a mesma..."

"Odessa." Sibilando seu nome, eu olho para Yves, que permanece

profundamente em uma conversa sobre os benefícios de usar um Nó do Verdadeiro Amante em vez de um Dragão Duplo. "Por que estamos falando sobre isso?"

"Bem, querida, presumo que aquele lindo rubor em suas bochechas não seja simples coincidência - não quando você cheira tão bem a Michal."

Oh não.

"Eu cheiro de Michal?" Pergunto fracamente.

"Sim", ela diz lentamente, apaziguadoramente, e se eu não tivesse morrido naquela gruta, eu gostaria de morrer de novo. O calor em minhas bochechas queima mais profundamente enquanto - espontaneamente - meus olhos se voltam para a janela. Para Michal nas docas. Ele ainda fala com o capitão do porto, mas naquele exato segundo, seu olhar se ergue, encontrando o meu. Eu me viro bruscamente, e desta vez, eu perturbo a mesa. Sua perna derrapa na cesta de gatinhos, que caem em um monte de laranja, cinza e preto. Oh não, não, não—

Com os membros borrados, eu endireito a cesta e os coloco dentro antes que toquem o chão.

Odessa suspira novamente.

"Célie." Ela parece preferir enfiar alfinetes nos olhos do que continuar essa conversa, e eu concordo. Eu concordo total e completamente. "Você não tem nada do que se envergonhar. Se consensual, o ato de compartilhamento de sangue é completamente aceitável entre vampiros. Eu só pergunto sobre sua experiência sexual no caso de você sentir coisas durante o ato - coisas que você pode não entender. O vampirismo tende a amplificar a sensação, a emoção. . . tudo isso, na verdade."

"O ato?" Minha voz sobe para um guincho, e tanto Yves quanto seu cliente olham em nossa direção agora. Odessa acena para eles com um sorriso de dor. "Com Michal? Mas nós não - eu nunca...

"Não há uma palavra para descrever o quão pouco eu quero ouvir o resto dessa frase. Estou simplesmente garantindo que você saiba como funciona a relação sexual se a oportunidade se apresentar." Ela limpa a garganta delicadamente. "Você sabe como funciona, então?"

Eu olho para ela, incrédulo. Embora eu nunca tenha - bem, realizado o ato, li livros mais do que suficientes para entender a mecânica. Eu prefiro entrar em combustão do que dizer isso a ela, no entanto, então eu simplesmente retruco: "Sim, Odessa. Eu sei como funciona."

"Excelente." Ela levanta o queixo, alisando o corpete em alívio palpável antes de acrescentar: "Dito isso, se você tiver alguma dúvida..."

"Eu não..."

"—ou se você tiver alguma dúvida—"

"Eu não vou."

Ela revira os olhos assim que Michal entra na loja com uma expressão cuidadosamente neutra. Isso o denuncia completamente, e eu quero morrer de novo porque ele deve ter ouvido essa conversa ridícula. Eu sufoco um gemido. Claro que sim. Ele é um vampiro, o que significa que ele ouviu tudo, e eu - eu olho fervorosamente para os gatinhos, bochechas em chamas, incapaz de encontrar seu olhar enquanto Odessa diz: "Ela é toda sua, prima." Então, passando por nós até a porta: "Estarei no navio. Apresse-se, não vai? Esta cidade é tediosa na melhor das hipóteses, muito menos depois de uma semana ouvindo Louise le Blanc e Reid Diggory demonstrarem sua compreensão de certas mecânicas...

"Odessa!"

Ela apenas levanta um ombro, no entanto - despreocupada - e desaparece.

Michal e eu ficamos em um silêncio constrangedor por vários segundos. Ou melhor, fico em um silêncio constrangedor enquanto ele fica no que suponho ser sua melhor impressão de uma estátua de mármore - alta, fria e perfeita - esperando que eu fale.

"Bem?" Minha voz sai mais alta do que o normal, quase estridente, e eu limpo minha garganta apressadamente. "O capitão do porto concordou em reorganizar seu horário de partida? Podemos sair?"

"Sim." Michal abre a porta, gesticulando para que eu o preceda - o que eu faço, enrolando seu manto com mais força para esconder as manchas de sangue na minha frente. Ele não me toca desta vez. Suas mãos permanecem firmemente cruzadas atrás das costas.

"E fez-" eu limpo minha garganta e começo de novo. "Por acaso você ficou com meu enxoval? Eu tenho... er, roupas no Requiem?"

"Tudo está exatamente como você deixou." Seu olhar cai para os meus pés, onde sua bainha muito longa esconde meus dedos descalços. "Embora o capitão do porto tenha concordado em esperar se você quiser pegar suas coisas no West End. Podemos recuperá-los antes de nós..."

"Não." Eu balanço minha cabeça instantaneamente. "Meus pais nunca podem me ver assim."

Ele me dá um olhar frio de soslaio. "Nunca", ele repete.

"Bem, não nunca, nunca. Só não - não agora.

Ele desvia o olhar novamente. "Entendo."

"Não, você não precisa." Mesmo para meus ouvidos, as palavras soam um pouco desesperadas, mas elas se espalham entre nós antes que eu possa detê-las, talvez porque eu ainda não consiga ler sua expressão; Não consigo discernir o que ele está pensando por trás daquele olhar impassível, apenas que ele está

pensando em algo, e eu quero saber o que é. É diversão? Julgamento?

Com esse pensamento, surge uma necessidade inexplicável de me defender. "Meus pais acham que eu fugi, ou de outra forma me prostituí para um homem que não é meu noivo. Eles acham que fui comprometido. Para eles, é a pior coisa que poderia ter acontecido comigo, e eu - eu não quero provar que eles estão errados. Ainda não, de qualquer maneira."

Outra batida de silêncio. Então-

"Como você quiser."

Ele abaixa o queixo sem dizer mais uma palavra, continuando em direção ao navio, mas eu pego sua manga rasgada antes que ele possa me ultrapassar, irracionalmente agitado por sua falta de resposta. Não deve importar o que ele pensa. Eu não deveria me importar, mas não consigo parar de dizer: "Se você tem algo a dizer..."

Ele arqueia uma sobrancelha para a minha mão em seu braço. "Oh, eu tenho muitas coisas a dizer, bichinho, mas você não está pronto para ouvi-las."

"Eu disse para você não me chamar de animal de estimação," eu retruco, "e você não pode decidir quando estou pronto para ouvir as coisas, Michal. Eu não sou uma criança. Eu posso lidar com algumas palavras desagradáveis suas.

Apesar da minha bravata, o calor ainda se insinua em minhas bochechas sob sua atenção total e indivisa, e quando eu rescindo minha mão - perturbada - ele diz: "Justo". Ele ainda não me toca, no entanto. Em vez disso, ele se inclina para baixo, seus olhos negros brilhando com algo que parece suspeitosamente ferido. "Que tal isso? Uma bruxa sádica torturou e matou sua irmã no ano passado. Seus pais sabem o pior que pode acontecer, e não é você se prostituindo para mim.

Ele se vira abruptamente em seus calcanhares então.

Ele me deixa parado lá boquiaberto atrás dele como um peixe.

Leva vários segundos para eu fechar a boca, morder a língua e lembrar que pedi essas palavras desagradáveis. Eu queria saber exatamente o que ele estava pensando, e ele gentilmente obedeceu. Agora não tenho escolha a não ser persegui-lo e exigir uma explicação - por sua consideração insensível, sim, mas também por aquele olhar estranho em seus olhos. Aquela ligeira rachadura em sua parede de gelo. "O que isso significa? Você não pode simplesmente proclamar essas coisas e fugir noite adentro, Michal..."

"É madrugada."

"Fuja para o amanhecer, então." Embora eu não ouse pegar sua manga novamente, eu me apresso em dar um passo na frente dele, bloqueando seu caminho e procurando em seu rosto por - bem, eu não sei, exatamente. "Você acha que eu deveria visitar meus pais? Você acha que eu deveria contar a eles o que aconteceu comigo?"

"Não importa o que eu pense."

"E se isso acontecesse?"

A pergunta surpreende até a mim, e eu pisco para ele, alarmada com minha própria coragem. Afinal, este é Michal - antigo e poderoso, o mais cruel dos vampiros - e nunca fomos exatamente abertos um com o outro. Não assim. Eu resisto ao impulso de me contorcer sob sua avaliação.

"Não somos amigas, Célie Tremblay. Você deixou isso muito claro."

Eu engulo em seco. "E se estivéssemos?"

"O fato de você pensar em amizade enquanto planeja mutilar e assassinar meus entes queridos prova que você é incapaz disso." Ele recita as palavras como se literalmente, sua voz plana e, com um choque, percebo que elas pertenciam a mim. Ele - ele os memorizou. Como antes, ele espera que eu responda e, como antes, não tenho ideia do que dizer. Eu já me desculpei por acusá-lo de assassinato?

Eu já agradeci a ele por me defender no aviário? Neste mesmo porto?

"As coisas mudaram desde então," eu digo em vez disso.

"Eles têm?"

"Nós não somos—" eu limpo minha garganta, forçando-me a segurar seu olhar frio. Ele nos avisou sobre os fantasmas esta manhã. Ele não precisava nos dizer - não precisava navegar todo esse caminho - mas ele fez, inadvertidamente salvando Lou e Reid do arcebispo no processo. Ele também salvou Jean Luc, apesar daquelas últimas palavras arrepiantes: Eu mesmo não me importo se você vive ou morre. Eu exalo uma respiração lenta e medida ao pensar nele no beco, mordendo seu pulso antes de oferecê-lo para mim. Acariciando meu cabelo enquanto eu me alimentava. "Não somos mais inimigos, Michal."

"E isso nos torna amigos?"

"Eu não sei o que isso nos faz."

Nós nos encaramos por um longo segundo, nenhum dos dois disposto a dar mais nada - e é o suficiente. Por enquanto, não ser inimigo é suficiente. Como se estivesse lendo meus pensamentos, Michal dá um aceno conciso. Quando ele pisa ao meu redor, no entanto - seu olhar deslizando de volta para o navio - todo o seu corpo para.

"O que é isso?" Instintivamente, eu congelo também, e o cabelo do meu pescoço se levanta enquanto os lábios de Michal se curvam. Eu olho ao nosso redor. "Michal? Você sente o cheiro de alguma coisa?"

Ele se mexe ligeiramente em resposta, virando o rosto para o vento. Meu corpo faz o mesmo, como se sentisse algo além da minha consciência. Algo perigoso. "Você?" ele pergunta.

"Eu..." Outra rajada de vento passa naquele segundo e, com ela, o leve cheiro

de decomposição roça minhas bochechas, varre meu nariz. Eu recuo instantaneamente, sussurrando: "Revenants".

Michal acena com a cabeça. "O que mais você cheira? Concentre-se no cheiro."

"Mas eu não posso..."

"Sim", diz Michal, com a voz dura, "você pode."

Faça com que seja assim, e será.

Fechando os olhos, inspiro mais fundo agora, tento pegar aquele leve tentáculo de miasma e sigo aonde quer que ele leve. Há tantos cheiros aqui, no entanto - muitos cheiros, uma quantidade esmagadora - e leva vários segundos para me aterrar ao lado dele, para peneirar o sal, o suor e o fedor do porto. E então-

Ali.

Meus olhos se abrem ao primeiro sopro daquele cheiro na brisa: afiado, metálico e inebriante. Minhas presas descem sem aviso. "É sangue", digo a Michal ao amanhecer. "Eu sinto cheiro de fantasmas e sangue."

Capítulo Onze

Morte de um ladrão

Seguimos a trilha até o final do porto.

Ao virar da esquina do último prédio - escondido entre um pub sujo e o mar aberto - três fantasmas se debruçam sobre um casal aterrorizado. Mesmo me movendo a toda velocidade, tentando e falhando em acompanhar o ritmo de Michal, categorizo cada detalhe da cena em rápida sucessão: os corpos inchados dos fantasmas, seus uniformes de corsário, a água pingando de sua pele manchada.

Afogado, percebo alarmado.

Meu sangue deve tê-los ressuscitado no fundo do oceano.

Michal arranca o primeiro fantasma do homem - gravemente ferido, sangrando profusamente de mordidas no estômago, na coxa - enquanto eu corro para a mulher, que se encolhe atrás de um barril de creme de menta e agarra o braço ferido. Se possível, seus olhos se arregalam ainda mais ao me ver. "Oh Deus", ela sussurra.

Tarde demais, percebo que o manto de Michal se abriu para revelar minha camisola ensanguentada, que meus incisivos permanecem longos e afiados.

Seu grito me estimula a agir.

"Saia daqui, Célie! Pegue-a e vá!"

Cobrindo minha boca com uma mão, agarro a mulher depois de empurrar o segundo fantasma para longe; A bile sobe na minha garganta com a forma como sua carne explode sob a palma da minha mão. Não respire. Repito as palavras em um fluxo maníaco de consciência, levando a mulher para longe da orla. Não respire, não respire, não respire—

"Você", gorgoleja o terceiro fantasma.

Algo como reconhecimento brilha em seus olhos lacrimejantes, e pega meu cabelo antes de dobrarmos a esquina. Isso nos empurra para trás enquanto a dor irradia pelo meu couro cabeludo. Eu suspiro - sem fôlego com isso - e com o cheiro do ferimento da mulher, uma dor fresca queima minha garganta. Não dói como antes, no entanto; O sangue de Michal ainda corre pelo meu sistema. Isso entorpece a dor. Isso me fortalece e, com uma maldição, eu estendo para trás,

agarrando o pulso inchado do fantasma e torcendo com toda a minha força. Ele nos libera instantaneamente, e eu corro pelo porto antes que ele possa se recuperar. Embora a mulher grite de novo - grite alto o suficiente para acordar todos os cadáveres do reino - seus braços se prendem como um torno em volta do meu pescoço.

Eu não percebo que ela está me arranhando até que eu a solte a várias ruas de distância.

"Vampiro!" Seus gritos rasgam o silêncio do caminho do jardim - em algum lugar no fundo do West End, a julgar pelos arbustos ornamentais ao nosso redor. Ela agarra o cotovelo em pânico cego, balançando a cabeça e recuando em uma treliça de rosas mortas. "É um vampiro! Por favor, alguém me ajude! Por favor, por favor," ela sussurra para mim, mais quieta agora. "Eu tenho filhos." Como se ela estivesse percebendo um erro grave, seus olhos se arregalam ainda mais e ela procura por algo - qualquer coisa - que ela possa usar como arma contra mim. Meu estômago se inclina com a familiaridade da situação, com a crueldade desse jamais vu em particular. Quantas vezes senti esse mesmo terror? Quantas vezes não consegui me defender? "Mas também não os leve! Nós - não teríamos o gosto certo e...

"Eu nunca te machucaria." Minhas mãos tremem quando eu as levanto entre nós, enquanto eu me movo lentamente para recolocar a capa de Michal. Escondendo todas as evidências da minha mentira. "Não é assim que parece—"

Ela não faz uma pausa para ouvir, no entanto. Ela não se importa em ouvir minha explicação. No instante em que meus dedos tocam o fecho, ela foge de volta na direção de onde viemos - em direção ao marido ferido, provavelmente, ou talvez aos filhos.

Eu a vejo ir com uma sensação horrível de naufrágio.

Ela me temia tanto quanto temia os fantasmas. Talvez mais.

"Eu não deixaria isso incomodá-lo", diz uma voz à minha direita, e quando me viro, assustado, toda a preocupação com a mulher foge com ela, desaparecendo no caminho. Porque isso é Frederic saindo da cerca viva, e a visão dele rouba o fôlego dos meus pulmões. "Olá, irmãzinha." Ele mostra os dentes em um sorriso selvagem. "Você sentiu minha falta?"

Dedos frios de pavor rastejam pela minha espinha.

A última vez que vi esse homem, ele dividiu o mundo em dois por amor. Aquele olhar brilhante em seus olhos agora, no entanto - isso não é amor. Não. Esse olhar é ódio, e toda a força dele me faz recuar um passo. Por que ele se arriscaria a vir a este jardim de rosas morto no meio do dia enquanto os caçadores ainda o procuram?

"O que você está fazendo aqui, Frederic?" Pergunto com cautela.

"O que você acha?"

Com o movimento da cabeça, ele gesticula atrás de si e ali—

Lá está minha irmã.

Acontece que Mila não precisava encontrá-la. Ela me encontrou.

O chão parece se inclinar ao vê-la, uma aparição tirada diretamente dos meus pesadelos mais sombrios. Exceto que ela não é mais uma aparição. Não, Filippa Tremblay é tão sólida quanto eu, tão real, e os pontos pretos em sua bochecha - esses também são reais. Eu olho para ela com horror. Meus olhos estão mais aguçados agora; eles veem todas as coisas que eu perdi enquanto estava preso ao lado dela na gruta.

Eles veem como. . . ela parece não natural.

Embora eu soubesse que Frederic roubou seu corpo das catacumbas, revertendo a doença do sangue que Morgane infligiu e costurando seus restos mortais com pedaços de outras pessoas, eu não tinha percebido a extensão do dano. Eu deveria ter sabido melhor. Eu deveria ter me preparado. Sua carne estava se decompondo rapidamente quando Morgane me forçou a entrar em seu caixão diante de La Mascarade de Crânes. Mesmo a magia de Frederic só poderia fazer muito para preservá-la.

Agora ela olha para mim com o rosto de uma divindade ctônica: metade dela e metade não. À esquerda dos pontos, sua pele permanece sua, marfim e lisa, com seu olho esmeralda intacto e sua sobrancelha preta como seu cabelo. À direita, no entanto, sua pele é muito pálida - tão pálida quanto a minha - com um olho que pertenceu a outra pessoa. A íris não é esmeralda, mas marrom profundo. Quase preto. E sua sobrancelha lá - é vários tons mais clara do que deveria ser. Também roubado. Ela usa um vestido branco puro com mangas transparentes como se não pudesse sentir o frio e, em sua coroa, uma delicada peruca prateada se aninha. Os diamantes parecem gelo. Como flocos de neve em um palácio de inverno. Sem luvas, percebo abruptamente. Eu estava certo.

Espontaneamente, meu olhar cai em seguida para o estômago da minha irmã.

"Ela ainda está morta", diz Filippa.

Sua voz não tem inflexão. Sem emoção.

Eu estremeço com o som disso. Três palavras simples. Três golpes perfeitos. Apesar de todo o planejamento cuidadoso de Frederic, meu sangue também não ressuscitou a filha deles, e - e o que isso significa?

Era realmente minha irmã me atormentando ou imaginei sua voz na minha cabeça? Se o primeiro, como? E se o último. . . por que?

Por que isso aconteceu?

Engolindo em seco, eu olho em volta para Mila antes de aceitar que ela não está aqui - eu estou sozinha - e me forço a retribuir o olhar vazio de Filippa. Eu

resisto ao impulso de me aproximar dela, de consolá-la, porque ela não iria querer. Ela também não gostaria de minhas perguntas. Mesmo morta-viva, minha irmã ainda é minha irmã, e sua dor não é minha. Como se sentisse meus pensamentos, ela balança a cabeça e estala a língua em reprovação antes que eu possa me desculpar. "O mundo não vive e morre ao seu alcance, ma belle."

Com isso, Frederic faz uma careta antes de dar um passo à frente com uma expressão resoluta. "Desta vez, sim." O vento bagunça seu cabelo despenteado - mais sujo agora do que eu já vi, e mais longo também. Sombras rastejaram sob seus olhos. Combinado com a palidez doentia de sua pele e a barba escura ao longo de sua mandíbula, ele parece. . . assombrado. "Você não deveria estar aqui, Célie."

Em sua mão, ele segura o grimório de La Voisin.

"Ah?" Minha nuca arrepia ao vê-lo, e eu me afasto da treliça para manter o caminho atrás de mim livre. Eu posso fugir de Frederic agora. Se ele atacar, posso fugir para o navio de Michal e, desta vez, ele não poderá nos seguir até o Requiem - não até o Yule no próximo mês. O encantamento protetor ao redor da ilha não vai desaparecer até então. Ainda assim, parece uma oportunidade perdida não pressionar por informações primeiro: sobre os fantasmas, sobre como colocá-los para descansar. "E onde eu deveria estar se não aqui?"

Meu olhar cai para o grimório.

"Você deveria estar morto." Cuspindo a palavra, Frederic levanta o livrinho maligno entre nós e o sacode com energia frenética. "O feitiço pedia Sangue da Morte. Exigiu sua morte..."

Eu gesticulo com calma forçada para meus dentes afiados, meu rosto terrível e bonito. "Pode ter escapado à sua atenção, mas estou morto."

"Não propriamente," ele rosna, esfaqueando um dedo para minha irmã, "ou Frost ainda estaria crescendo em sua barriga, e ela não seria tão—tão—" Ele parece lutar com as palavras, seus dedos brancos contra o grimório. "Ela não seria tão diferente agora." Como se incapaz de resistir, ele puxa Filippa para o seu lado, levantando as mãos para embalar seu rosto. O grimório pressiona diretamente contra seus pontos. "Olhe para mim, querida", diz ele suavemente, febrilmente. "Por favor, olhe para mim. Basta olhar para mim, Pip, e tudo será como era antes. Estaremos juntos. Ficaremos felizes."

Filippa olha para ele, estranha e sem piscar. "Estou olhando para você." Uma pausa. "Querida."

A expressão de Frederico desmorona. O que quer que ele esperasse ver em seus olhos incompatíveis claramente não está mais lá, e depois de mais alguns segundos, ele a solta com um som de dor, seus dedos permanecendo acima de suas bochechas como se ele ainda desejasse tocá-la.

Eu poderia ter me sentido mal com a perda dele.

"Ela não vai olhar para mim, Célie." Embora ele fale comigo, ele ainda olha para ela como um homem faminto. "A Filippa que conhecíamos nos amava. Ela faria qualquer coisa por nós, mas esta - ela não vai - ela diz que sente frio, vazio, fome e eu não posso fazer nada para ajudar. Eu não posso ajudá-la porque você ainda está vivo. Você não entende?" Ele arrasta a mão pelo cabelo esfarrapado antes de mergulhá-lo no casaco, retirando uma faca torta e girando para me encarar. A emoção sufoca sua voz. "Nada disso está certo. Nada disso é o que deveria ter acontecido—"

"Você esperava diferente?" Não consigo manter a nota de escárnio da minha própria voz. Eu deveria correr. Eu deveria fugir para a névoa antes que ele tente usar aquela faca, mas seus movimentos são mais desajeitados agora. Lento. Se eu quisesse, poderia esmagá-lo com minhas próprias mãos, e parte de mim anseia por fazer exatamente isso.

Este homem tirou tudo de nós - nossa inocência, nossa dignidade, nossa paz. Como um ladrão na noite, ele roubou minha própria vida, cortando minha garganta e drenando até a última gota do meu sangue, forçando-o a entrar em minha irmã para roubar sua morte também. Não posso sentir simpatia por ele; Não consigo sentir nada além de nojo. "Depois que Morgane a torturou e matou, depois que você deu um soco no véu - arrastando-a de volta para cá, violando seu corpo e alma - você pensou que ela permaneceria inalterada?"

"Eu não violei..."

Mas eu zombo, sem vontade de ouvir mais. "O feitiço funcionou exatamente como pretendido, Frederic. Você a acordou. Você acordou todos eles, e agora eles estão rastejando para fora dos túmulos em todo o reino, vingando-se daqueles que os prejudicaram. Talvez em seguida eles venham atrás de você," eu acrescento com prazer.

"Eles já o fizeram, irmãzinha!" Ele enfia a faca e o grimório no ar para dar ênfase. "Você ainda parece não entender. Aquelas bruxas fantasmas - elas teriam me comido se não fosse por - por - "

Seus olhos se voltam para Filippa, que está calma e majestosa em seu vestido brilhante, sem uma mecha de cabelo fora do lugar. Minha carranca se aprofunda à medida que a percepção escorre do meu subconsciente. Apesar de seus pontos macabros e olhos misteriosos, ela não se comporta como os outros fantasmas; ela também não age como eles. O arcebispo tentou dar uma mordida na minha bochecha, afinal, enquanto os três nas docas faziam o possível para devorar todos à vista. Nenhum deles falou. Nenhum deles entrou na minha mente e. . . Fundamentado.

O batimento cardíaco de Frederic acelera com o pequeno sorriso nos lábios

de Filippa.

"Você comeu", ela me diz. "Combina com você."

Eu a considero cautelosamente. "Como você está falando comigo, Pip? Como você tem falado comigo?"

"Eu também comi."

Frederic engole em seco, suas mãos se contorcendo em torno da faca e do grimório. "Ela tem sido insaciável, Célie. Insaciável. É tudo o que pude fazer para impedi-la de...

"Para impedi-la de quê, Frederic?" Minha voz fica mais alta à medida que a percepção surge de um gotejamento para uma inundação. Por favor, não. "O que você fez?"

Ele levanta o queixo defensivamente. "O que eu devo."

E agora eu realmente me sinto mal; é preciso pouco esforço para imaginar o rosto incompatível de minha irmã em vez do apodrecido do arcebispo, seus dentes na coxa daquele homem em vez dos corsários. Poderia ter sido ela em vez deles no porto. Tem sido ela. Com a ajuda de Frederic, ela foi. . . comendo pessoas, realmente comendo-as. Consumindo sua carne.

Como se você tivesse consumido o sangue deles?

A bile sobe na minha garganta - na comparação, sim, mas também porque não consigo dizer se era a voz dela ou a minha dentro da minha cabeça. A pressão aumenta atrás dos meus olhos. "O que você fez?" Eu sussurro novamente. Porque nada disso está certo - nem ela, nem magia, nem as bruxas, nem os fantasmas também. Eu não.

Outro sorriso afundado. "Eu fiz um amigo."

O olhar de Frederic dispara entre nós em confusão. Ele ainda segura a faca e o grimório meio levantados, como se não soubesse como proceder agora que Filippa se juntou à conversa. "Um amigo?"

Ela o ignora.

Rangendo os dentes, eu dou um passo à frente, tão desatento a Frederic e sua faca. Sem se importar com qualquer coisa, exceto o preto achatado do olho roubado de minha irmã. Eu quero sacudi-la, esbofeteá-la, sacudir qualquer tipo de emoção do horrível vazio de sua expressão. Minha irmã sempre foi reservada e retraída, mas ela nunca - nunca - foi insensível. Ela nunca foi cruel. "Quem é, Filippa? Diga-me."

"Reze para que você nunca descubra."

Mas a paciência de Frederic finalmente chegou ao fim. Balançando a cabeça, ele retruca: "Chega disso. Viemos aqui para terminar o ritual, e desta vez não haverá brechas, nem ambiguidade e nem fugas. Você vai morrer para ressuscitar sua irmã, e ela finalmente voltará para mim." Levantando a faca e o grimório

abruptamente, quase exausto de propósito, ele se lança em minha direção, e meus joelhos se dobram em preparação para fugir, para encontrar Michal e fugir. Perder esta batalha em particular como meio de vencer a guerra.

E então, de repente, Frederic para.

O jardim inteiro parece ainda estar com ele - para sugar uma respiração coletiva - enquanto juntos, olhamos para o seu peito. Para a mão desconhecida e enluvada de preto que agora se projetava dela.

Meu Deus.

O sangue jorra da boca de Frederic.

"Pip," ele sussurra, seus olhos arregalados e sem ver - procurando - mas Filippa não diz nada em troca. Ela não diz nada, e uma única lágrima escorre por sua bochecha enquanto ele cai de joelhos, caindo para a frente sem dizer mais uma palavra.

Morto.

Frederic está morto.

Capítulo Doze

Minha noiva

Um zumbido terrível começa em meus ouvidos ao ver o corpo de Frederic, em sua boca entreaberta e olhos cegos, porque - porque ele não pode estar morto. Ele simplesmente não pode ser. Eu recuo um pequeno passo, balançando a cabeça em negação firme. Se Frederic está morto, tudo isso - realmente foi em vão, e como vamos reverter sua magia? Como corrigiremos todos os seus terríveis erros? Como Filippa—? Não. Eu agarro a treliça para me apoiar, recusando-me a aceitar a coroa de sangue ao seu redor. Recusando-se a reconhecer a picada dos meus dentes, a queimação da minha garganta.

O perfume das rosas.

Rosas.

Meus dedos apertam a madeira. Essas flores murchas atrás de mim não podem ser responsáveis por um perfume tão avassalador. Parece me envolver, acariciar minhas bochechas com mãos fantasmas, misturando-se com a fumaça de velas e outra coisa - uma consciência, ou talvez uma memória. Ele rasteja pela minha pele como gelo até que eu tremo com ele, até que a escuridão familiar floresça nas bordas da minha visão.

Quem matou Frederic, eu o conheço. Eu o reconheço.

E quando olho para ele pela primeira vez, meus joelhos quase cedem.

"Você é bem-vindo para isso", diz ele ironicamente.

Ao som de sua voz, até o vento para para ouvir, as folhas de outono flutuando assustadoramente entre nós. Minha sensação de pavor só se aprofunda no coração de Frederic na palma da mão - porque não se parece mais com um coração. Agora se assemelha a uma casca preta murcha. Deixando-o cair de desgosto, o homem tira o pó dos dedos enluvados na perna da calça. "Honestamente, Filippa, eu só tenho ouvidos há uma semana e queria colocá-los com algo afiado toda vez que ele falava. Você nos deve uma explicação muito longa.

Minha boca se abre em choque com sua insensibilidade, e o zumbido em meus ouvidos atinge um nível febril.

"O Necromante, ele se chamava." Com uma careta, o homem cai de joelhos

ao lado de Frederic, arrancando o grimório e limpando sua cobertura na grama. "Até o sangue dele cheira mal. Não como o seu," ele acrescenta com uma voz improvisada, lançando-me um olhar superficial, mas apreciativo. "Eu não conseguia sentir o cheiro de você antes, mas agora entendo do que se trata todo esse alarido." Parando pensativo, ele extrai vários frascos de vidro de sua capa. "Embora eu suponha que estou realmente cheirando a mim mesmo, não estou? Nossos aromas estão entrelaçados. Para Filippa, ele acrescenta: "Você pode querer sair para a próxima parte, querida. Vá ver nosso amiguinho."

Sem esperar que ela responda, ele agarra a faca de Frederic com eficiência rápida, testando seu peso na palma da mão antes de levantá-la bem alto. Meus olhos se arregalam quando percebo seu propósito uma fração de segundo antes de ele atacar. Com um grito, eu pulo para a frente para detê-lo - para agarrar seu pulso - mas ele estala a língua em reprovação. Em um instante, as figuras se desprendem das sombras ao nosso redor. Embora as rosas escondam a maior parte de seu perfume pútrido, elas não podem disfarçar tudo. Eu congelo no meio do passo, arregalando os olhos.

Fantasmas.

Em toda parte.

"Ah, ah, ah", diz o homem com uma piscadela. "Não devemos nos tocar."

E sem mais delongas, ele enfia a faca profundamente na garganta de Frederic, coletando o sangue que jorra em uma fonte nauseante. O cheiro dele não provoca minhas presas, no entanto; em vez disso, luto contra o desejo de vomitar com o fedor venenoso. "Não é muito agradável, não é?" O homem tapa o primeiro frasco, depois o segundo, examinando cada um na luz nublada. "Ainda assim, o sangue de uma Dame Rouge. . . quem pode se dar ao luxo de desperdiçá-lo?"

O que está acontecendo?

"F-Filippa?" Horrorizado, recuo para a treliça mais uma vez. "Quem-?"

Ainda embalando seu estômago, Filippa olha para o sangue de Frederic por um longo momento. Então, abruptamente, ela se vira sobre os calcanhares. "Lembre-se do nosso acordo", diz ela categoricamente por cima do ombro, e o homem inclina a cabeça em resposta. Espinhos picam minha palma com bolhas enquanto ela apenas. . . me deixa aqui, e a fonte de sangue de Frederic diminui lentamente.

O homem diante de mim assobia uma melodia alegre, e eu...

Eu já tive o suficiente.

Michal já deve estar aqui. Meu pânico aumenta ao pensar por que ele não me encontrou, mas eu ignoro. Eu só preciso localizá-lo e, juntos, nós dois encontraremos uma maneira de lidar com os fantasmas. Vamos lidar com minha

irmã também, talvez trazê-la ao Requiem para algum tipo de tratamento. Certamente Como Comungar com os Mortos terá respostas, ou então Odessa terá, ou mesmo...

Meus olhos caem para onde o grimório está ao lado do homem.

Eu vi o feitiço uma vez no grimório da minha tia, disse Coco. Quando perguntei a ela sobre isso, ela me enxotou de sua tenda e me proibiu de falar sobre isso. Acho que foi o único feitiço que ela temeu.

Um feitiço daquele livrinho maligno começou tudo isso. Talvez também seja o remédio. Lentamente, silenciosamente, eu alivio dois dedos da treliça, recusando-me a piscar enquanto o homem continua seu trabalho na garganta de Frederic, atento e distraído. Talvez eu não tenha outra oportunidade como esta. Se ele sair com o grimório, talvez nunca mais o vejamos. Posso sobreviver à queimadura da cruz de minha irmã; Eu posso pegar o grimório antes que ele mergulhe a prata no meu peito.

Levanto um terceiro e quarto dedo da treliça, um quinto e um sexto, prendendo a respiração.

"Um esforço valente." Sem olhar para mim, o homem embolsa o último sangue de Frederic - junto com o grimório - antes de se levantar com um sorriso sombrio e satisfeito. "Mas você é inteligente demais para me provocar."

"Quem é você?"

"Como se você não soubesse." Gesticulando para baixo em seu corpo poderoso com um aceno desdenhoso de sua mão, ele acrescenta: "Embora esta parte seja bastante nova. Você gosta disso?"

Uma sensação de paralisia parece me dominar com a pergunta. "Eu-eu não..."

"Isso é porque você não está me dando uma olhada adequada." Ele se aproxima, de repente impaciente, e levanta meu queixo entre o polegar e o indicador. "Vá em frente, então. Beba até se fartar. Eu posso esperar."

Rosas rosnam no meu cabelo enquanto eu me afasto - porque suas palavras são muito casuais, muito descuidadas, para combinar com a pura violência em seu rastro. Isso me assusta. "Quem é você?"

"Não se faça de tímido, mon mariée."

Seus olhos penetraram nos meus. A seus pés, a grama começou a murchar, sua presença rastejando por todo o jardim. Um pássaro cai morto da árvore ao nosso lado, e meu corpo - também é estranho. Uma consciência pressiona minha pele, levantando os pelos da minha nuca.

Minha noiva.

"Não." Eu balanço minha cabeça instintivamente com as palavras, segurando com mais força a treliça - quase pulando da minha pele quando a madeira racha

sob meus dedos.

Mila me disse que eu tinha sido tocado pela Morte, sim, mas ela não quis dizer literalmente.

Ela quis dizer isso como uma metáfora, uma explicação para minha afinidade com o macabro e o medonho depois de sobreviver à tortura de Morgane - indesejado, mas útil, especialmente durante os experimentos distorcidos de Frederic no mês passado. Ele quebrou o próprio fundamento da magia quando começou a mexer com a vida e a morte, e - e - Ele quebrou o próprio fundamento da magia.

Em puro desespero, eu me contorço em torno dele, correndo sob seu braço e arrastando rosas mortas em meu rastro.

"Isso não é possível." Eu levanto minhas mãos apaziguadoramente enquanto ele se vira para me seguir, sorrindo novamente. Os sacerdotes da minha infância nunca ensinaram sobre a Morte - não como uma entidade, uma divindade por si só. Havia apenas Deus, anjos e demônios, às vezes até o Diabo, mas nunca a Morte. "Você não é... Você não pode ser..." Por fim, minha voz se transforma decididamente suplicante porque... porque a Morte não pode ter um corpo. A morte não pode estar neste jardim com olhos cinzentos mercuriais e cabelos escuros varridos pelo vento, e ele certamente não pode ter uma covinha.

Ele me chamou de sua noiva.

Oh Deus.

Como se ele sentisse a direção dos meus pensamentos, seu sorriso se alarga e seus olhos parecem. . . redemoinho, de alguma forma, como prata líquida. Ele afasta o cabelo deles em um gesto enganosamente humano. A maioria chamaria os fios de pretos, mas eles são mais profundos que os meus, quase azuis como a asa de um corvo.

"Você gosta", diz ele astutamente. "Que interessante."

Ainda me afastando dele, quase tropeço no cadáver de Frederic. "H-Como você está aqui?"

"Não é óbvio?" Ele cutuca Frederic com o pé, e mesmo que eu desprezasse Frederic - mesmo que ele merecesse muito pior do que uma morte rápida e simples - a náusea aumenta ao ver uma bota em sua bochecha. Na mancha de sujeira que deixa para trás. "Este pequeno inseto nojento perturbou o equilíbrio. Ele abriu um buraco no véu quando roubou Filippa de mim - um permanente desta vez. Não como os pequenos cortes que você deixa para trás." A morte pressiona com mais força com o pé, seus olhos se voltando para os meus. "Eu não detesto nada mais do que um ladrão, mas você saberia tudo sobre isso, não é? Os vampiros são os maiores ladrões de todos."

Exalando uma respiração áspera, eu tropeço para parar e me forço a

endireitar meus ombros, a estender minha mão. "Apenas me dê o grimório e eu estarei no meu caminho. Eu vou até" - eu quase engasgo com as palavras - "dispor do corpo de Frederic para você. Os Chasseurs nunca precisarão saber o que aconteceu aqui. Eles nunca precisarão saber sobre você, o que significa que você estará livre para deixar este lugar e esquecer tudo sobre nós.

Por favor, deixe este lugar e esqueça tudo sobre nós.

"Uma oferta tentadora" - inclinando a cabeça, a Morte ouve algo que não consigo ouvir - "mas seu alegre bando de homens parece um pouco preocupado no momento. Algo sobre vingança e vampiros e peitos para tatuagens." Com isso, meu estômago despenca para algum lugar entre meus pés, e eu me esforço para ouvir além do jardim. A presença da morte parece ter silenciado nosso entorno imediato - como se toda a fauna fugisse com o vento ou morresse como o pássaro - mas para o leste. . .

Esses podem ser gritos.

A Torre Chasseur fica a leste. O porto também, o que significa. . .

Michal.

O medo se torce como uma faca no meu peito com a possibilidade e, espontaneamente, minhas presas descem. A morte não parece ameaçada por eles, no entanto. Em vez disso, seu sorriso se alarga e ele ri de mim.

Ele ri de mim.

Eu olho além dele, apertando o peito enquanto a perturbação no East End atinge uma cacofonia. Os gritos parecem estar se aproximando. E é isso - aço sobre aço? Cascos de cavalo? Embora eu me concentre com todas as minhas forças, não consigo distinguir os sons individuais. Mesmo assim, algo está acontecendo por lá, e todos os sinais apontam para Michal e Jean Luc, talvez até Brigitte. Eu reprimo um grito de frustração. Que da minha parte supor que ela não cumpriria sua ameaça no beco.

"Se você não me der o grimório" - eu tento passar por ele mais uma vez - "saia do meu caminho."

Antes que ele possa responder, no entanto - antes que qualquer um de nós possa fazer qualquer coisa - os gritos soam abruptamente mais altos, e a voz de Michal se destaca do resto, falando calmamente, baixinho, apesar do que soa como uma horda de caçadores às suas costas. "Onde você está, Célie?"

Meu coração ganha vida em um instante, e eu não paro para pensar, para examinar meu profundo alívio, em vez disso, grito a plenos pulmões: "Estou aqui! Michal! Estou aqui!" Em vez de me contorcer, agora enfio a Morte diretamente no peito, e ele dá um único passo. Quando eu balanço meus braços, subindo até os dedos dos pés no caso de Michal não poder me ver, o homem diante de mim sorri em diversão irônica.

"Por favor, Célie, você deve parar com essa bajulação incessante, ou não terei escolha a não ser levá-la comigo." Ele pisa na minha frente novamente. "Sua irmã não vai gostar disso."

Mal o ouvindo, eu balanço meus braços novamente, assim como Michal dobra a esquina, e minha boca seca ao vê-lo, inteiro, ileso e furioso, movendo-se mais rápido do que eu já o vi. Letal em seu foco no jardim. Em mim. Várias ruas atrás dele, Brigitte grita comandos concisos para os caçadores, e na frente dela -

Minha boca se abre e minha visão se estreita no rosto de Dimitri.

Dimitri.

Ele se move em um borrão de pele âmbar e veludo carmesim, rindo abertamente enquanto incita Brigitte, desvia de Henry, tropeça em Basile com um pé cuidadosamente colocado. Ele está distraindo-os, eu percebo incrédulo. Ele está nos ajudando. Por que ele está nos ajudando?

Não posso me debruçar sobre minha confusão, no entanto, não com a Morte literal diante de mim. "Minha irmã?" Eu pergunto a ele distraidamente. "Do que você está falando? Ela não vai gostar do quê—?"

"Eu fiz uma promessa, meu doce, de esgotar todas as opções, e minha palavra é meu vínculo."

Ele levanta uma mão quase afetuosa para afastar uma mecha de cabelo da minha bochecha. Eu recuo instantaneamente - tanto dele quanto de suas palavras desconcertantes. "Boa sorte, mon mariée. Ouso dizer que você vai precisar. Como é essa expressão - algo sobre amigos como esses e inimigos? Ele estala os dedos. "Não, não. Trata-se de manter seus inimigos por perto. Sim, é esse."

Meu rosto se aproxima do dele.

Mas com uma reverência educada em minha direção, a Morte se afasta, enfiando as mãos nos bolsos, passeando pela rua e assobiando a mesma melodia alegre. Desaparecendo através do véu entre um passo e o outro.

Capítulo Treze

Tabu

Michal não fala enquanto eu o sigo por becos úmidos e ruas laterais. Evitamos as estradas principais para o porto, dobrando para trás e circulando em torno de Dimitri e dos Chasseurs, mas antes que possamos embarcar no navio, entro na loja de consignação e coloco um punhado de couronnes em Yves. Ignorando sua expressão perplexa, pego a cesta de gatinhos e passo por Michal sem oferecer uma explicação a nenhum deles.

Esses gatinhos merecem mais do que uma vida no mar.

Eles são gatos. Eles detestam água.

Implacável, Michal segue quando eu fujo pela prancha, sua expressão bastante assustadora enquanto eu levanto a cesta de gatinhos mais alto. Embora ele não diga nada, seu silêncio cheira a promessa de uma conversa que se aproxima rapidamente e, francamente, não me importo de tê-la agora - ou talvez nunca. Também não me importo em responder às suas perguntas sobre Frederic e a Morte, e especialmente não me importo em falar sobre minha irmã.

Filippa.

O nome dela é uma faca em minhas costelas enquanto me apresso abaixo do convés, a lâmina cavando mais fundo a cada passo.

Philippe. Filippa, Filippa, Filippa—

"Célie."

Rangendo os dentes, Michal alcança meu braço na parte inferior da escada, mas eu me afasto de seu toque, empurrando para frente cegamente com minha cesta de gatinhos. "Está tudo bem," eu digo com uma voz terrivelmente leve. "Nada aconteceu, realmente..."

Michal rosna em uma demonstração incomum de emoção. "O buraco no peito de Frederic diz o contrário, e eu vi sua irmã..."

"O que você quer dizer com você a viu? Ela saiu..." Eu me encolho com o deslize, me amaldiçoando mentalmente. Filippa não deve ter saído, mas como Michal a viu? Por que diabos ela o procurou? "Ela. . . dizer alguma coisa para você?"

"Lamentavelmente, o machado de Brigitte ocupou a maior parte da minha

atenção. Sua irmã fez questão de assistir."

Eu engasgo com uma risada, sem saber de que outra forma responder, desviar - não se ele visse Filippa. Não quando ele viu o corpo quebrado de Frederic e ouviu as palavras de despedida da Morte. Michal nunca foi estúpido. Os três apareceram com momentos de diferença um do outro no mesmo local; ele terá reunido algum tipo de conexão, mesmo que não entenda - não que eu entenda muito mais do que ele neste momento. Há simplesmente muitas peças no tabuleiro para dar sentido a qualquer coisa. Fantasmas. Frederic. Filippa e a Morte, até mesmo Dimitri -

Dimitri.

Eu tropeço no tapete ornamentado ao som de sua voz no alto. Se eu me concentrar, posso apenas ouvir o barulho de seu corpo enquanto ele salta sobre o baluarte e pousa levemente no convés. "O que ele está fazendo aqui?" Eu rosno, girando para encarar Michal e agarrando-me desesperadamente à minha centelha de raiva. A raiva é boa. A raiva é acionável.

Acima de nós, os passos de Dimitri vacilam. Ele pode me ouvir. Excelente.

"Ele impediu Brigitte de enfiar o machado nas minhas costas."

"Bem, isso não é conveniente?"

"Você teria preferido a alternativa?"

"Claro que não, mas onde ele esteve, Michal?" Zombando, eu me viro novamente para correr pelo corredor antes de responder à minha própria pergunta. "Eu vou te dizer onde - aconchegando-se ao meu assassino para dar uma olhada em seu grimório. Isso explicaria por que ele não nos procurou até agora.

"Seria?" Os olhos de Michal brilham quando olho para trás. "Eu não vi o grimório entre os restos mortais de Frederic, Célie. Você sabe onde está?"

Sim, eu quero dizer, mas algo ainda a palavra na minha língua. Em vez disso, eu disparo por outro corredor, rezando para que ele perca a paciência e abandone essa conversa muito desagradável. "O grimório é. . . se foi," eu digo quando ele não perde um único passo. "Precisamos... encontrar outra maneira de gerenciar os fantasmas..."

"Quem era o homem, Célie?"

Mas Odessa olha para cima quando passamos pelas portas abertas do salão de baile. "Aí está você", diz ela de sua mesa. "É meu irmão que ouço lá em cima?"

Com isso, Michal finalmente para, agarrando o batente da porta com uma mão para se inclinar para trás e olhar para o quarto à luz de velas para seu primo. Ela se senta rigidamente, olhando para um pergaminho aberto sem realmente vê-lo, os dedos brancos sobre o pergaminho. "Sim", diz Michal com cuidado. "Ele

voltou há meia hora."

"Ele ajudou você a escapar dos Caçadores." Não é uma pergunta, e ela ainda não tira os olhos do pergaminho. Ela deve ter ouvido nossa conversa no corredor, ou talvez pudesse ouvir a perseguição em si, o que significa—

Os olhos de Michal se estreitam. "Muito obrigado por sua ajuda, a propósito."

"Você tinha a situação em mãos."

"Eu fiz?" A carranca de Michal se aprofunda enquanto eu o contorno e corro em direção a Odessa, que parece precisar desesperadamente de um aliado. Dimitri, percebo, ainda não procurou sua grande reunião. Provavelmente uma decisão sábia. Ele quebrou o pescoço dela no mês passado. "Pareceu um pouco tênue por um momento - provavelmente quando um fantasma afundou os dentes na minha espinha e os caçadores enxamearam como formigas."

Os olhos escuros de Odessa fervem de raiva quando ela finalmente olha para cima. Não. Com dor. Meu peito se contorce ao vê-lo. Odessa detesta a emoção e se esforça para evitá-la a todo custo; É claro que o desaparecimento de sua irmã gêmea a afetou mais do que ela mostrou. Eu deveria ter percebido isso antes, deveria ter tentado - ajudar, de alguma forma, se ela permitisse.

"E o capitão do porto?" Apressadamente, coloco a cesta de gatinhos em sua mesa enquanto o navio se inclina abaixo de nós. Através das amplas janelas do salão de baile - ela amarrou as cortinas pesadas para deixar entrar a luz fraca da manhã - o horizonte começa a se mover. "Ele sabe qual navio é o nosso. Ele poderia dizer aos Caçadores..."

Um gatinho com pêlo prateado escapa da cesta naquele segundo, no entanto, mergulhando no colo de Odessa. Seu lábio se curva de desgosto quando começa a miar e subir no corpete de seu vestido cor de vinho profundo. "Ele não vai."

"Como você sabe?"

"Porque eu o convenci do contrário." Com o nariz enrugado, ela destaca o gatinho prateado e o espanta enquanto eu tento não imaginar suas táticas de persuasão. "Por que há gatinhos na minha mesa, Célie?"

"Você disse que os marinheiros os usam para pegar ratos em navios." Eu gesticulo ao nosso redor, agudamente consciente do olhar pesado de Michal em meu rosto. "Este é um navio, não é?"

"Você não é um marinheiro", diz Michal sucintamente.

Eu franzo a testa para ele. Ele tem todos os motivos para estar chateado, é claro - com fantasmas e caçadores atacando-o a manhã toda - mas estou tentando distrair seu primo. "Eu não preciso ser um marinheiro para gatos comerem ratos," eu digo a ele friamente. "E eu não poderia simplesmente deixá-los apodrecer naquela loja..."

"Então você vai deixá-los apodrecer no Requiem?"

Um músculo flexiona em sua mandíbula e, embora não haja nada inerentemente ameaçador no gesto, resisto à vontade de dar um passo para trás. Eu nunca o vi parecer tão - bem, combativo. Não comigo. O gelo sempre presente em sua expressão parece ter rachado desde que me perseguiu, revelando algo que parece suspeitosamente agitação.

Não estou, no entanto, com disposição para um Michal agitado.

"Eles não vão apodrecer."

Esquadrinhando meus ombros, endireitando minha coluna, eu o desafio a discutir. Porque ele não é o único que está ficando constantemente agitado; Só de vê-lo - seus ombros bloqueando a porta, seus olhos estreitos e sua mão ainda apertada na moldura - deixa meus dentes nervosos.

Eu odeio estar tão ciente dele. Eu odeio estar tão consciente de mim mesmo sempre que ele está por perto.

Ele aparentemente sente o mesmo.

Com a paciência finalmente quebrando, ele solta o batente da porta e se afasta, gesticulando para Odessa no corredor além com um golpe curto de seu braço. "Vá. Quanto mais você atrasar sua reunião, mais difícil será."

Meus olhos se arregalam com sua falta de tato. "Mas ela não quer..."

"Eu sei que ela não quer", diz ele, com a voz cortada, "mas o que queremos e o que precisamos nem sempre são as mesmas coisas. Odessa" - ele captura o olhar dela e o segura - "Eu não tive a chance de falar com ele longamente, mas ele parece diferente agora. Ele parece. . . melhor."

Sua testa franze. "Melhor?"

Michal acena com a cabeça. "Como antes."

A expressão de Odessa se esvazia com isso - como se as palavras de Michal tivessem acionado algum tipo de mecanismo de defesa - e ela levanta o olhar para o teto com painéis, onde Dimitri paira acima do convés. Onde ele espera. Instintivamente, percebo que Michal está oferecendo a Odessa a chance de falar com seu irmão primeiro, para fazer seu próprio julgamento antes que Michal e eu entremos na conversa. Para passar o julgamento.

Eu franzo a testa entre eles, sem saber como me sinto sobre isso.

Dimitri quebrou o pescoço dela, sim, mas ela não morreu. Não como eu fiz. Ainda assim, parece egoísta - sem coração, até mesmo - apontar tal coisa quando Odessa claramente precisa superar sua traição. Dimitri é seu irmão gêmeo. Não importa o que ele faça, ele sempre será seu gêmeo; ela sempre o amará e. . .

Como isso deve ser muito difícil.

Por fim, Odessa perde a respiração lenta e constante antes de acenar com a cabeça. "Vou falar com ele."

Sentindo seus nervos, eu pego a cesta de gatinhos e a coloco em seus braços. "Apenas no caso de você precisar de algum, er. . . armadura."

Ela olha para eles sem reagir por vários segundos estranhos. "Eles são gatinhos, Célie."

O calor se insinua em minhas bochechas. "Direito. Eu— Você está certo, é claro." Quando tento pegá-los de volta, no entanto, seus dedos apertam a cesta e ela se recusa a soltá-la. Eu solto minhas mãos imediatamente. Sem uma palavra de explicação, ela levanta o queixo, endireita os ombros e atravessa a sala para lutar - mas não antes de lançar um olhar rápido e apreciativo por cima do ombro para mim. "Obrigada", diz ela baixinho.

Michal fecha a porta atrás dela com um clique sinistro.

Um arrepio nervoso irrompe em minha pele com o som, e eu desço em sua cadeira com o máximo de equilíbrio que posso reunir. "O que aconteceu com o homem com os fantasmas? Ele sobreviveu ao ataque?"

Michal não responde imediatamente. Em vez disso, ele balança a cabeça como se estivesse enojado e segue em frente. "Não", diz ele finalmente.

Meu coração se contrai dolorosamente com uma palavra tão simples e devastadora. "E os fantasmas?"

"Despedaçado e jogado no mar."

Lembro-me do arcebispo com seu cadáver dividido em dois, cada metade ainda tentando nos matar. "Não sei para onde a mulher foi, mas espero que ela tenha tempo de reunir seus filhos e fugir antes que os fantasmas a encontrem novamente." Eu olho para cima, esperando que ele me tranquilize, mas sua expressão permanece mordaz. Uma nova pontada de fome dispara através de mim quando nossos olhos se encontram. "Porque eles vão se recompor e ir atrás dela, não vão? Coco disse que os fantasmas se levantam da sepultura com o único propósito de aterrorizar os vivos.

Eles também me reconheceram de alguma forma, mas parece contraproducente chamar a atenção de Michal.

Ainda assim, ele parece sentir minha reticência, e o silêncio no salão de baile se aprofunda até que eu possa praticamente sentir sua raiva queimando minha pele. Por fim, incapaz de suportar, abro a boca para dizer outra coisa - perguntar sobre Brigitte e Jean Luc, talvez como eles o encontraram - mas ele balança a cabeça, o aviso em sua voz claro. "Quem era o homem, Célie?" ele repete.

E aqui estamos.

Engolindo em seco, eu dou um nó nos dedos no colo e inspeciono os nós dos dedos. Apenas diga a ele. O impulso de mentir trava guerra contra meu melhor julgamento, e eu abro minhas mãos abruptamente, puxando um fio puído na manga de sua capa. Apenas diga a ele, e ele pode ajudá-lo. Ele quer ajudá-lo.

Faz pouco sentido manter a Morte em segredo, mas uma semente de desconforto ainda se abre em meu peito quando Michal para na frente da mesa - porque Michal vai me ajudar, sim, mas como antes, ele também pode machucar minha irmã.

Não. Ele vai machucar minha irmã.

Se ele descobrir que Filippa pode ser uma ameaça - que ela fez algum tipo de acordo com a Morte - ele não hesitará em mandá-la de volta para o túmulo. Como deveria, diz aquela voz desagradável da razão. Como você deveria. Mas também não é tão simples. Algo mais permanece nas sombras da minha mente, meio formado e impossível de entender. Isso me obriga a ficar em silêncio.

Inclinando-se para a frente, Michal planta as palmas das mãos contra a madeira de cada lado de mim. "Bem?"

Nós nos encaramos por uma fração de segundo. Então... "Ele não me disse o nome dele," eu digo baixinho, recuando lentamente no meu assento e prendendo a respiração. "Mas eu acho que ele - acho que ele atravessou o véu depois que Frederic o rasgou. Ele disse algo sobre um buraco permanente desta vez. Uma porta."

Para minha consternação, Michal não parece surpreso com a revelação. "Ele não cheirava a um fantasma."

"Não, ele não fez, mas - Filippa também não." Eu estremeço novamente, me amaldiçoando por ligá-los mesmo em teoria. Eu só - eu não consigo pensar. Minha garganta queima novamente com a proximidade de Michal. Na verdade, ele está perto o suficiente agora para que eu veja o lampejo de decepção em seus olhos antes que um sorriso amargo torça seus lábios. Ele sabe que estou retendo algo.

"Ainda um mentiroso, eu vejo."

"Porque você é um farol de virtude."

Ele ri baixinho.

"Como você insiste." Enganosamente casual, ele se endireita, e o cabelo do meu pescoço formiga em antecipação enquanto eu me endireito. O que quer que Michal esteja prestes a fazer, eu não vou gostar - não vou. Meus dedos se enrolam na minha saia enquanto ele desliza para baixo da mesa.

"E parece que você insiste," diz ele sedosamente. "A partir do momento em que nos conhecemos, você decidiu que eu sou o vilão desta história, e nada que eu fizer vai mudar sua mente, não é?" Embora ele tente esconder agora, sua dor ainda brilha como vidro quebrado em sua expressão, e meu estômago se revira com uma culpa inexplicável. "Tudo bem, então, Célie. Você ganha. Não somos amigos. Em vez disso, teremos um jogo? Você sempre gostou de uma pergunta por uma pergunta, e longe de mim negar-lhe qualquer coisa. Eu irei primeiro,

certo?"

Antes que eu possa responder, ele joga a mesa de lado como se não pesasse nada, e ela derrapa pelo chão laqueado, espalhando os pergaminhos de Odessa em uma enxurrada de pergaminho. Deixando apenas ar vazio entre nós, e então - quando ele entra nisso também, deliberadamente diminuindo a distância - nada. Sacudindo com o som, eu me apresso para pegar seus papéis, a culpa se transformando instantaneamente em indignação. "Michal! Cuidado! Estes pertencem a Odessa. Você não pode simplesmente..."

"Lá vai você de novo" - ele paira sobre mim enquanto me ajoelho, totalmente perto demais, muito alto - "me dizendo o que posso e não posso fazer. Por que é que? Eu me pergunto. Ninguém mais reivindica tal privilégio.

Eu olho para ele de joelhos, recusando-me a me afastar. "Talvez você não deva assustar todos ao seu redor até a submissão. Não é exatamente a ostentação que você pensa que é e, além disso, você não é particularmente bom nisso de qualquer maneira. Eu não tenho medo de você." Incapaz de me conter, eu ataco por ênfase, para provar meu ponto, para derrubá-lo um passo, mas suas pernas poderiam ter sido feitas de aço temperado.

Aquela torção miserável de seus lábios se aprofunda em um sorriso.

"Não, você não tem medo de mim." Agachando-se lentamente, ele afasta os pergaminhos e os joga atrás de nós. Suas próprias mãos são muito maiores que as minhas. Muito mais forte. Minha boca seca quando ele os equilibra tão suavemente em torno de meus dedos delicados e inúteis. "Você nunca foi. Agora responda à pergunta."

"Eu não concordei em jogar esse jogo bobo."

"Posso pensar em um diferente." Seus olhos caem para meus lábios. "Não precisamos ser amigos para jogar."

Eu arranco minhas mãos, bochechas com bolhas e dentes latejando. "Este não é o momento para jogos, e - e alguém precisa lhe dizer o que fazer, claramente."

"E esse alguém é você?"

"Eu - eu não sei." Agora eu corro para trás porque Michal - ele se aproximou, de alguma forma, sem que eu perceba. Seu joelho quase roça meu quadril, e uma mão serpenteia languidamente pelas pontas do meu cabelo, seus dedos roçando a curva da minha coluna a cada passagem. Tudo dentro de mim se aperta com esse toque. Embora eu tente balançar a cabeça - para dizer a ele que não, eu não sou esse alguém, não é o alguém dele - em vez disso, meu pescoço se inclina para trás sem minha permissão. Minha boca se abre em uma expiração e minhas presas -

Oh Deus.

Minhas presas.

Humilhado, levanto a mão para escondê-los, empurrando para trás na mesa, e uma ponta afiada perfura meu lábio inferior com o impacto. Ele tira sangue. Seu sangue. Ou - ou é meu sangue agora? Eu não sei, mas uma onda de calor delicioso cristas através de mim com o gosto dele. Eu não deveria gostar. Eu não deveria saborear o pensamento de seu corpo no meu, o pensamento de que eu - reivindiquei uma pequena parte dele, mas eu faço. E eu não tenho escolha a não ser assistir impotente enquanto ele se levanta com aquele meio sorriso terrível porque ele sabe.

Ele sabe.

"Que irônico." Ele estende a mão e, quando eu a pego, hesitante, ele me levanta - então puxa meus dedos da boca, mostrando minhas presas para o olhar dele. Ele olha para eles sem se desculpar. Ele olha para o sangue em meus lábios. "Aqui estamos, os ímpios e os justos, mas eu sou o verídico, e você é o mentiroso."

Meu estômago se contrai quase dolorosamente quando ele pressiona o polegar no meu lábio, persuadindo outra gota de sangue a aparecer. Minha voz se torna um sussurro. "Por que isso está acontecendo comigo?"

"Você foi ensinado a não ouvir seu corpo. Você foi ensinado a não confiar nele. Como vampiro, no entanto, ignorar sua anatomia não é apenas trágico, mas também perigoso."

Mas isso é ridículo. Tudo isso é ridículo e— "Não posso simplesmente me alimentar de pessoas sempre que apetece, Michal. Eu não sou como você. Não está certo."

"Por que não está certo? Eu nunca disse para matá-los.

"Porque eu vou matá-los! Você viu o que aconteceu no beco. Eu - eu perdi completamente o controle. Se você não tivesse chegado quando chegou, eu teria arrancado a garganta de Jean e teria feito pior com Brigitte. Eu queria fazer pior."

Ele pressiona com mais força com o polegar. "E uma grande perda que teria sido para todos nós."

"Você é inacreditável." Eu resisto ao súbito impulso de agarrá-lo, de pegar seu polegar entre os dentes e morder porque... porque isso seria perturbador. Porque as pessoas não podem simplesmente morder umas às outras no meio de uma conversa. "Você acabou de dizer que não devemos matar..."

"O que eu disse é que a morte não precisa ser inevitável. Se você quiser arrancar a cabeça de cada Caçador de seus ombros, apoiarei de todo o coração esse esforço - até ajudarei - mas apenas os doentes e famintos perdem o controle enquanto se alimentam. Então... Sim, neste caso, vou admitir seu ponto. Se eu

não tivesse chegado para arrancar o bom capitão de seus braços, você o teria matado. Uma pausa enquanto ele levanta o polegar do meu lábio, enquanto ele olha para o escarlate brilhante que ele deixou para trás. Ele também odeia, eu percebo em um raio de clareza. O efeito que tenho sobre ele.

Lábios enrolados, ele limpa meu sangue em suas calças. "Você provavelmente ainda vai."

"Com licença?" Eu recuo instantaneamente, meus olhos se estreitando em descrença. "O que você acabou de dizer?"

"Finja ignorância o quanto quiser, Célie. Você é um vampiro agora. Tudo o que sentimos como humanos, sentimos mais profundamente como vampiros - a raiva se transforma em raiva, o prazer em felicidade. Isso significa que muitas vezes somos atraídos pelo sangue daqueles com quem sentimos um apego emocional. Você provou isso hoje." Apertando as mãos atrás das costas daquela maneira irritantemente superior, ele se afasta de mim. "Se você quer proteger seus entes queridos, aprenda a se alimentar - ou não. Eu particularmente não me importo com o que acontece com sua querida Jean Luc de qualquer maneira. Ele encolhe os ombros, seus olhos negros brilhando com malícia. "E você ainda me deve uma pergunta."

Uma pergunta.

Um rosnado sai da minha garganta, e o som é tão estranho, tão inapropriado, que quase posso fingir que não é meu. "Você está com ciúmes? É isso que é isso? Eu segui Jean Luc em vez de você?"

"Não se iluda, bichinho. Você partiu o coração de Toussaint e quase o comeu esta manhã - acho que podemos fazer melhor, não é? Então, mais duro ainda, "Três perguntas".

"Como o inferno." Eu apunhalo um dedo em seu peito. "Este não é um jogo para mim. Só porque você é reprimido demais para dizer como se sente sem disfarce, não significa que vou satisfazê-lo. Ele bufa ironicamente com isso - como se eu tivesse dito algo hilário - e eu quase grito de frustração, empurrando-o com as duas mãos agora. "O que exatamente você está sugerindo, Michal?" Quando seu manto se enrosca aos meus pés, eu o arremesso atrás de mim, queimando com o calor enquanto o escarlate lava minha visão. Cheira a ele. Cheira a nós. "E como posso aprender a me alimentar quando estou sempre morrendo de fome? Acabei de me alimentar de você esta manhã - bebi mais do que deveria - mas mesmo olhando para você agora, eu quero - - " Eu não consigo terminar a frase, engasgando com as palavras, e ele balança a cabeça em decepção.

"Ainda me recusando a ouvir seu corpo." Quando eu o empurro novamente, seus olhos brilham, mas ele se recusa a dar um único passo. "Quatro perguntas."

"Você quer que eu ouça meu corpo?"

"Eu faço. Cinco."

O sangue ruge em meus ouvidos. Esqueça de arrancar as cabeças dos Caçadores de seus ombros - vou rasgar Michal em pequenos pedaços e espalhá-lo pelo Requiem. Com a visão se estreitando em seu rosto horrível e bonito, eu me lanço, mas ele se esquiva facilmente, pegando meu cotovelo e me girando em uma pirueta suave. Eu bato meu punho contra seu peito em vez disso. Para meu espanto, ele não tenta me impedir. Não. Ele me estabiliza enquanto eu cambaleio para trás, xingando e segurando minha mão. "Você quer me bater", diz ele, com os olhos brilhando. "Bom. Faça de novo."

"O que você—?"

"Bata em mim, Célie." Ele agarra meu punho e o puxa em direção ao peito. Quando eu abro meus dedos em protesto, perfurando sua pele com minhas unhas, ele captura meu queixo em um aperto brutal. Se eu fosse humano, poderia machucar, mas não sou humano - e nem ele. Inclinando-se para baixo, ele mostra os dentes e rosna: "Eu posso aguentar seus golpes. Eu posso dar sua mordida também se você me deixar. O que estou sugerindo é que você se alimente de mim até aprender a controlá-lo.

Eu agarro seu pulso, seu peito, sem saber se estou puxando-o para mais perto ou empurrando-o para longe. "Por que você faria isso?"

A pergunta age como um balde de água gelada sobre a cabeça de Michal.

Seu corpo enrijece e ele hesita, recuando um pouco para olhar para mim. Seus olhos procuram os meus por uma fração de segundo, repletos de - alguma coisa, mas eles se fecham novamente com a mesma rapidez. E eu odeio isso. Eu odeio essa hesitação recém-descoberta. Porque Michal nunca hesitou antes. Michal nunca recuou de mim. Na verdade, quando sua mão cai do meu queixo, eu quero golpeá-lo novamente, agarrar seus ombros e sacudi-lo até que ele me diga por que está agindo assim...

"Você não pode me machucar", diz ele simplesmente, sua expressão fria e não afetada. Muito legal. Muito não afetado. "Não como você pode fazer com os outros. É por isso que estou oferecendo meu sangue - porque você deve aprender a se alimentar, ou nunca se perdoará. E então, incrivelmente, "Seis perguntas".

Eu olho para ele incrédulo.

E no instante que leva para essas palavras penetrarem, eu sei exatamente o que quero fazer. "Seu idiota presunçoso," eu sibilo com raiva. "Você quer me ensinar a me alimentar? Multa. Multa. Vamos lá."

Empurrando-o para o lado, saio do salão de baile e subo a escada larga e arrebatadora em busca de alguém - qualquer um - com quem provar que ele está errado.

Do outro lado do convés, Odessa e Dimitri se levantam de uma enorme caixa ao me verem. Parece que os interrompi no meio da conversa, mas o rosto de Odessa suavizou desde que ela nos deixou; A raiva fervendo em seus olhos esfriou um pouco. É toda a permissão que eu preciso.

A hora de respostas e explicações virá mais tarde, mas, por enquanto, uma onda de imprudência me atravessa e marcho até Dimitri sem preâmbulos. "Olá de novo, Dima. Michal diz que preciso aprender a me alimentar."

Confuso com a saudação abrupta, ele olha para Odessa, mas ainda aceita minha mão sem hesitar. Ele até pressiona um beijo casto nos meus dedos quando Michal chega, escuro e silencioso como uma sombra. "Prazer em vê-la também, querida Célie. E como meu amigo mais delicioso está se saindo desde que nos separamos?

"Ela está morrendo de fome. Obrigado por perguntar."

"Ah, sim." Dimitri sorri, seu olhar varrendo minha nova figura. O impacto é apenas marginalmente arruinado pela capa grande demais de Michal e minha camisola manchada, mas ele gentilmente ignora ambos. Ímpar. O sangue na minha frente ainda não secou, mas seu corpo continua à vontade. "Nós o transformamos em um vampiro sem ensiná-lo a agir como um. Muito rude, não foi?" Lançando um olhar arqueado ao redor do convés, ele abaixa a voz conspiratóriamente. "Embora entre nós dois, pode não haver muito o que ensinar. Todos nesta nave parecem estar a aproximadamente quatro segundos de implorar para você comer seu coração.

"Incluindo você?"

Dimitri pisca surpreso antes de sorrir mais, revelando suas covinhas. Um brilho diabólico entra em seus olhos. "Não me tente com um bom tempo, querida."

Michal zomba.

Bom. Embora minhas bochechas estejam quentes, eu me forço a ficar parado, para ver até onde posso levar isso. Eu nunca reconheci o flerte de Dimitri antes - muito menos me entreguei a ele - porque as apostas ao nosso redor sempre foram muito altas. Além disso, ele nunca quis dizer isso. Ele também não quer dizer isso agora, mas também não parece capaz de resistir a brincar comigo. Ele adora um jogo, Dimitri, especialmente um que irrita seu primo, e eu preciso comer. Não seria melhor me alimentar de alguém que não posso matar acidentalmente? "Você consideraria isso, então?" Eu pergunto a ele.

Eu ignoro a vibração dos nervos no meu estômago. Era uma vez, eu flertava com frequência - com Reid, com o livreiro local, com os jovens bonitos da sociedade. Sinceramente, eu até gostei. A emoção de um momento, uma conexão simples.

Não há nada simples em minha conexão com Mical.

Rindo, Dimitri se inclina para trás contra a caixa. "Eu consideraria dar-lhe meu coração?"

Aqui não vai nada. Com um toque delicado em seu braço, encontro seu olhar diretamente e sorrio - um sorriso brilhante, brilhante; um sorriso que nunca dei a Dimitri. Na verdade, eu não sorrio assim há muito tempo, e parece tenso e antinatural no meu rosto. Ele não parece notar, no entanto. Seus olhos se arregalam infinitesimalmente com a visão, e ele pisca, suas pupilas se dilatando enquanto meus dedos deslizam de seu antebraço para sua mão. "Seu sangue," eu digo suavemente.

Imediatamente, eu sei que disse algo - não errado, talvez, mas estranho.

Odessa - que estava nos observando com curiosidade - desvia o olhar rapidamente, e até Dimitri enrijece um pouco. Sua mão permanece apertada em torno da minha, no entanto, mesmo quando ele se inclina para frente e abaixa a voz. "Você está pedindo para se alimentar de mim?"

"Eu não deveria?"

Não é Dimitri quem responde. "Claro que você deveria", diz Michal suavemente, "se é isso que você quer." Eu sinto que em vez de ouvi-lo se mover diretamente atrás de mim, seus olhos negros deslizando pelo meu corpo como cacos de gelo. Eu reprimo um arrepio delicioso. "É isso que você quer, Célie? Para se alimentar do meu primo? Tenho certeza de que ele não recusaria você - não depois daquele sorriso.

Na minha frente, Dimitri retira cuidadosamente a mão.

Embora eu olhe para ele - não mais recatado, mas silenciosamente implorando para que ele fique - ele evita meu olhar, evita o de Michal também e olha para qualquer lugar, menos para nós dois.

Seus lábios, no entanto, se contraem.

Traidor.

Não vendo alternativa, eu giro no meu calcanhar para encarar Michal e bater direto em seu peito. "Com licença..." Dando um passo apressado para trás, eu colido com Dimitri, e ele agarra meus cotovelos para evitar que nós dois tombemos sobre a caixa. Os olhos de Michal escurecem com o toque.

E isso - isso é simplesmente inaceitável. "E se eu quiser me alimentar de Dimitri?" Essa sensação de imprudência sobe mais alto, e eu me inclino para trás contra o peito de Dimitri, prendendo-o contra a caixa enquanto ele exala uma risada incrédula em meu ouvido. "Por que todos vocês estão agindo como se fosse um pedido tão tabu? Você me ofereceu sangue esta manhã, e ninguém piscou sobre isso. Eu estico meu pescoço para olhar para Odessa, que não finge mais admirar o horizonte e nos observa com interesse extasiado. "E você disse

que o compartilhamento de sangue é perfeitamente aceitável entre vampiros."

"Eu fiz?" ela pergunta suavemente. "Eu não me lembro."

Quando Dimitri coloca as mãos leves em meus ombros - como se não soubesse mais o que fazer com elas - Michal agarra o mastro ao lado dele. Seu lábio se curva sobre os dentes. Seus dentes muito afiados. "Você está testando minha paciência, bichinho."

"Eu posso me alimentar de quem eu quiser," eu rosno.

Seus olhos brilham e, sob sua mão, o mastro começa a se estilhaçar. "Então faça isso."

"Eu vou!"

"Estou esperando."

Com outro rosnado, eu giro novamente, girando nos braços de Dimitri e jogando os meus em volta de seu pescoço. "Você quer fazer isso ou não? Apenas me diga se você está com muito medo, e eu encontrarei outra pessoa. Vou propor este navio inteiro se for preciso..."

O mastro dá um estalo sinistro.

Bufando de tanto rir, Dimitri olha entre Michal e eu com uma descrença selvagem - como se nunca tivesse visto nada assim. Como nós. Isso só me deixa mais irritado. "Bem", diz ele, "quando você coloca assim..."

"Não seja um, Dima," diz Odessa bruscamente, meio se levantando da caixa. "Você não pode ver que eles começaram a..."

"Não termine essa frase", rosna Michal.

"Que sentença?" Eu me apresso em direção a ele antes de perceber o que estou fazendo, não parando até que nossos peitos se roçam, até que eu seja forçada a olhar para cima, para cima, para cima para encontrar seu olhar. Minha respiração engasga com o que vejo lá - escárnio, sim, mas também desejo afiado - e minhas coxas se apertam em antecipação. Ele vê tudo, é claro. Ele sempre vê tudo. "Do que ela está falando?" Pergunto suavemente, adotando sua calma letal. Eu não pretendo fazer isso. Eu não posso me ajudar.

Seus olhos caem para meus lábios e sua mandíbula se aperta. "Nada que lhe diga respeito."

Eu agarro sua camisa esfarrapada, resistindo ao impulso de sacudi-lo, de escalar seu corpo até que eu possa sentir seus músculos tensos e flexionados embaixo de mim. A força em seus dedos por si só quase quebrou o mastro ao meio. "Se você não me contar, eu juro..."

"Para quem?" Ele se inclina com um sorriso malicioso, enganchando meu queixo com um daqueles dedos e gentilmente puxando-o para cima. "Não para Deus, certamente?"

Eu recuo em indignação. "O que há de errado com você?"

Seu toque desaparece em um instante e ele recua vários passos para longe. "Tantas coisas, Célie." Uma risada amarga. "Tantas coisas."

A humilhação inunda meu rosto com a ausência abrupta dele. E neste momento, eu odeio tudo isso - a distância entre nós, a aversão em sua voz, o sangue em minhas bochechas. Seu sangue. Eu odeio que isso coraje minha pele. Eu odeio que isso sustente meu corpo. Acima de tudo, odeio que, apesar de tudo, nunca teria me alimentado de Dimitri, e Michal parece saber disso.

"Um descuido flagrante da parte dele por não ter informado você," diz Dimitri com um sorriso confuso, suas covinhas piscando, "mas os vampiros não compartilham sangue com outros vampiros fora de situações muito íntimas." Ele faz uma pausa significativa, como se esperasse que eu respondesse. Quando não o faço, ele olha entre nós e diz: "Sexo, Célie. Quero dizer sexo. Ou amor, suponho, o que deve significar meu primo...

Balançando a cabeça, Michal passa por seu primo até a escada e - sem dizer uma palavra - o empurra ao mar.

Dimitri atinge a água com um respingo ensurdecedor.

Sorrindo apesar de si mesma, Odessa olha para as ondas agitadas enquanto Dimitri xinga, ainda rindo, mas ela acena para ele com um movimento de seu pulso antes de se virar para mim. "Ele vai ficar bem. Ele sabe nadar. E quanto a você—" Ela dá um tapinha na caixa, fazendo sinal para que eu me sente. "Eu não me preocuparia com nada disso. Os vampiros não possuem memórias longas - depois dos primeiros quinhentos anos, ninguém vai se lembrar desse pequeno desastre - "

"Odessa," eu administro silenciosamente. "Por favor, cale a boca."

Capítulo Quatorze

Visitantes inesperados

Dimitri ainda tem um sorriso enorme quando chegamos ao Requiem.

De certa forma, a ilha parece exatamente como me lembro - as estradas íngremes e estreitas, os mercados repletos de todos os tipos de mercadorias incomuns, o castelo pairando acima como um espectro enquanto uma carruagem indefinida desce para nos encontrar. Um verdadeiro banquete dos sentidos, mesmo para um ser humano.

Como vampiro, no entanto, é um ataque.

Dezenas de corações batem em um ritmo errático sob o barulho de vozes, de passos, de respirações, e eu posso de alguma forma sentir o cheiro de cada um. Eu posso ver os folículos pilosos latentes sob o rosto de cada loup garou, as saliências em forma de garra entre os nós dos dedos enquanto dois lutam para levantar a prancha. Da mesma forma, a pele de uma mulher que passa - uma melusina vendendo laranjas para a tripulação que desembarca - brilha como pérolas à luz das tochas. Eu olho para ela, paralisado. Ela cheira a sal. De coisas escorregadias e furtivas, e por alguma razão enlouquecedora, meus dentes começam a doer com o cheiro, seguido por aquela torção de nojo. Eu paro de respirar imediatamente.

Evito olhar para Michal enquanto esperamos pela carruagem.

Os vampiros não compartilham sangue com outros vampiros fora de situações muito íntimas.

As palavras ressoam como um sino no meu ouvido, ecoando repetidamente até que minha cabeça toque. Não apenas propus Dimitri na frente de todos, mas também me alimentei de Michal.

Eu me alimentei dele e gostei.

Eu não sou o único que mudou desde a última vez que vim para a Requiem, no entanto.

Embora os experimentos de Frederico já tivessem começado. . . torcendo as coisas na ilha antes da véspera de Todos os Santos - e em todos os outros lugares - ele ainda não as havia quebrado. O chão pode ter escorrido sangue quando caminhei pela primeira vez até o castelo, mas não escorreu das empenas do

mercado como lágrimas macabras. As próprias lojas e barracas podem ter vendido produtos incomuns, mas pelo menos esses produtos eram vibrantes, cintilantes - não estranhamente moderados, como são agora. Quase desbotado, como se um véu de sombra tivesse caído sobre eles. Ou talvez sobre a minha visão?

Devido a um truque de bruxa, a escuridão sempre atormentou Requiem, mas isso. . . parece diferente.

Parece quase o reino espiritual.

Franzindo a testa, lancei um olhar para a rua, mas aquela sombra misteriosa permanece. Obscurece os rostos dos transeuntes ansiosos, os gatos, os próprios paralelepípedos sobre os quais todos caminham. Ele drena a cor de tudo e de todos. A ilha inteira. E o ar aqui-

Minha carranca se aprofunda enquanto eu inalo timidamente. Embora minha garganta queime novamente com o cheiro de sangue, ele não me consome como teria antes de beber de Jean Luc e Michal. Não. Mais preocupante é a sensação do ar - mais rarefeito do que o normal e frio.

Muito frio.

Ele se condensa em pequenas nuvens brancas da boca e nariz de todos no mercado. Até mesmo Michal, que está com as mãos cruzadas atrás das costas - ombros orgulhosos - e examina a cena com seu desdém característico. Seu olhar frio desmente o aperto ao redor de seus olhos, no entanto.

Algo está errado aqui. Algo está muito errado.

A prata pisca na minha periferia, e meu olhar se encaixa onde uma bainha translúcida desaparece atrás do carrinho mais próximo. Meu desconforto se aprofunda à medida que a confusão aumenta, e procuro na rua por outros sinais reveladores de fantasmas - porque isso também não é exatamente como o reino espiritual, mas sim um amálgama enervante dos dois. Eu balanço minha cabeça para limpá-lo. O véu separa os reinos; eles simplesmente não podem se misturar, e qualquer outra coisa seria impossível.

Então você precisa prestar mais atenção.

As palavras de Reid voltam para mim, e lembro-me do sangue pingando do nariz de Lou quando abri o véu em sua cozinha.

Engolindo em seco, aproximo-me de Michal enquanto outras figuras se reúnem em cada canto da rua - agachadas nos telhados e aparecendo nos becos - imóveis, silenciosas e predatórias em suas intenções. Eu posso vê-los melhor agora do que antes. Posso sentir a atenção deles em nós como uma lâmina afiada pressionada contra minha garganta.

Como se fossem abutres para uma carcaça, os vampiros chegaram.

Os aldeões também podem senti-los; Marinheiros e mercadores se afastam

de seus olhos brilhantes, entrando em pubs e lojas como se o instinto os avisasse para procurar abrigo. "Eu pensei que você reprimiu o último golpe de estado?" Murmuro para Michal. "Por que todo mundo está tão tenso?"

Os olhos de Odessa cortaram para os dele com um brilho sombriamente acusatório. "Isso não é agitação civil." Trovões ressoam ao longe, pontuando suas palavras, e aqueles corajosos o suficiente para permanecer na rua nos lançam olhares furtivos. "Os aldeões estão assustados. Os vampiros também", acrescenta ela com uma fungada. "Eles devem sentir que o véu se rasgou, mesmo que não consigam nomear seu medo. Eles certamente podem ver seu efeito na ilha.

"Eles podem ver?" Pergunto rapidamente. "O sangue e o... todo o resto?"

Odessa fica ainda mais tensa, como se desejasse que eu não tivesse falado, mas é Dimitri quem responde. "Eu suponho que eles podem, como eu também posso ver." Ele estremece e olha para o outro lado da rua, onde o - o esqueleto de um gato nos observa, sua cauda fina balançando. "Embora seja um sentimento também, não é? Um cheiro."

Minha testa franze enquanto eu arranco meu olhar do gato, inspirando novamente. Sob o ar rarefeito e frio - a carga elétrica da tempestade - traços de outro cheiro permanecem. "Eu sinto o cheiro de alguma coisa. . . floral?" Eu me concentro nele, seguindo o cheiro através da salmoura, das algas e do suor do porto, passando pelos xales de seda e botas de couro de um comerciante na rua. Rosas. Meu estômago aperta como um punho.

Ele abriu um buraco no véu quando roubou Filippa de mim - um permanente desta vez. Não como os pequenos cortes que você deixa para trás.

"E outra coisa..." Minha voz se afasta enquanto eu luto para colocar o segundo cheiro mais forte. "O que é isso?"

"Você sente o cheiro também?" Odessa parece levemente impressionado enquanto eu estico meu pescoço em direção ao castelo, tentando localizar a fonte daquele aroma irresistível. Uma sensação peculiar atravessa minha barriga em resposta, como um gancho me puxando para mais perto. "Que interessante."

"Por que isso é interessante?"

"Porque nem todo mundo pode isolar seu próprio cheiro."

Um rubor sobe pelo meu pescoço. "Você está me dizendo que o cheiro é..."

"Seu," diz Michal abruptamente. "Você cheira a Morte." Com o meu olhar horrorizado, ele balança a cabeça. "Não é o cheiro literal de podridão, Célie. Você não cheira fétido. Você cheira. . . Ele se afasta em busca da palavra certa antes de acenar com a mão. "Bem, assim, e o cheiro só se fortaleceu desde a sua transição."

"Com licença?"

Ele não esclarece, no entanto, em vez disso, gesticula para Pasha e Ivan, os dois vampiros que me acompanharam na véspera de Todos os Santos. O primeiro possui cabelos negros arrebatadores e pele branca como geada, enquanto o último raspou completamente a cabeça escura; ambos me olham com total desprezo em seus olhos azuis pálidos enquanto se derretem das sombras para se juntar a nós. Parece que o vampirismo não me elevou em sua estima.

A reação deles à minha presença, no entanto, empalidece em comparação com a reação deles a Dimitri. Olhando abertamente, eles se movem para ficar de cada lado dele - para aparecer em ambos os lados dele - e um músculo salta na mandíbula de Ivan enquanto os tendões se flexionam na garganta de Pasha. Eles devem ter ouvido falar do envolvimento de Dimitri na véspera de Todos os Santos, ou talvez de como ele quebrou a garganta de Odessa. De qualquer forma, eles parecem ansiosos para tornar seu descontentamento conhecido.

Dimitri parece não notar, deslizando as mãos nos bolsos úmidos e dirigindo-se a cada um deles com bastante alegria. "Olá, Ivan." Ele inclina o queixo. "Paxá."

Nenhum dos dois responde e, depois de um momento, Dimitri finge puxar seu colarinho com um sorriso triste. "Não estamos ganhando nenhum concurso de popularidade hoje em dia, estamos, Célie?"

Os lábios de Odessa se contraem enquanto ela olha para nós em direção ao castelo. "Não se preocupe, irmãozinho. Eles vão te perdoar eventualmente." Ela não diz nada sobre eles me aceitarem, no entanto, e sua omissão parece intencional.

"Pasha e Ivan se ofereceram como seus guardas pessoais." Com a voz mais dura do que antes, Michal continua como se nenhum de nós tivesse falado, e eu franzo a testa para a mentira óbvia enquanto uma gota gorda de chuva cai sobre minha cabeça. Não. Eu limpo a precipitação gelada, examinando-a em meus dedos. Granizo. "Você pode usá-los ou não, mas cada um deve permanecer à sua disposição."

Os olhos de Odessa escurecem inexplicavelmente. "Essa deveria ser realmente a prioridade agora?"

"Chega, Odessa."

"É?" Franzindo a testa, ela fala em um sussurro incrédulo, mas eu ainda a ouço. Todo mundo ainda a ouve. "Célie é uma vampira, Michal. Devemos alocar recursos muito necessários para sua proteção quando ela pode se proteger? Ainda há fantasmas aterrorizando a ilha, não há?"

A apreensão formiga meu pescoço com suas palavras. Embora Michal tenha merecido uma declaração completa de Odessa, nunca a vi contradizê-lo abertamente. Mas suponho que deve haver uma primeira vez para tudo? Talvez -

talvez seja esse o momento. Aqui. Agora. Sobre mim.

Eu olho para os vampiros bastante hostis ao nosso redor antes de procurar ansiosamente pela carruagem. Como se estivesse lendo minha mente, Michal diz: "Discutiremos isso mais tarde, primo".

Mas Odessa se recusa a deixar o assunto de lado, pegando sua manga. Mal movendo os lábios agora. "O que Dima disse no navio é verdade? Eles já comeram dois de nós?"

Oh Deus.

"Como Dima saberia? Por sua própria conta, ele não esteve na ilha.

O sorriso de Dimitri desaparece com o tom de Michal. "Margot escreveu para mim. Ela tem sido. . . amedrontado. Um revenant atacou sua loja na semana passada. Ele saiu de uma sepultura não identificada no jardim.

Meu estômago se confunde ao pensar na Margot Janvier de fala mansa e sua pitoresca fleuriste sendo devastada por um cadáver. "Ela está bem?"

"Abalado, mas ileso", ele murmura. "A vizinha dela é uma bruxa e eles prenderam o fantasma em um vaso de flores."

Odessa avança antes que eu possa expressar meu alívio. "Então?" ela pergunta a Michal. "É verdade?"

"E se for?"

"Se for", ela sussurra, "peço que você reconsidere designar Pasha e Ivan para cuidar de Célie." Ela me lança um olhar vagamente apologético. "Nossa prioridade deve ser livrar a ilha dessas abominações e proteger nosso povo - bem como fechar a porta que Frederic rasgou o véu."

Ela me ouviu no navio, eu percebo.

"Eles não estão passando por isso." Michal fala quase distraidamente, examinando a rua em vez de olhar para ela. Parece quase. . . desrespeitoso, como se ele não pudesse se incomodar com essa conversa, mas isso também não pode estar certo. Este é Mical. Tudo o incomoda, especialmente coisas relacionadas à sua preciosa ilha. "Eles parecem estar rasgando o véu perto de seus túmulos - não que tal limitação exista uma vez que eles estão em nosso reino. O fantasma do fleuriste fugiu para o outro lado da cidade antes de prendê-lo.

Odessa olha para ele horrorizada. "Você está dizendo que uma nova porta é criada com cada revenant?"

Ele levanta um ombro. "Suponho que sejam mais como janelas, mas, infelizmente, não consigo vê-los - não como o outro."

Minhas sobrancelhas se contraem com isso. Michal não deveria ser capaz de perceber o véu, e nem qualquer outra pessoa. "Você pode realmente, er... ver a porta que Frederic criou na véspera de Todos os Santos?"

"Não o véu em si, não."

Minha carranca se aprofunda. "Então como você...?"

Odessa parece muito menos preocupado com os detalhes. "Não importa tudo isso", ela retruca, acenando com a mão agitada para a peculiaridade ao nosso redor. "Você tem alguma ideia de como consertar todos esses buracos miseráveis?"

Por fim, os olhos de Michal relutantemente encontram os meus e, neles, vejo sua resposta. Me. Eu sou a Noiva, afinal, e a única com alguma experiência real rasgando e consertando o véu. Ele desvia o olhar. "Tenho muitas ideias, Odessa, mas nenhuma vou discutir aqui."

"Odessa," Dimitri diz baixinho quando ela abre a boca para discutir. Seus dentes se fecham em um sorriso furioso.

"Muito bem." Então, falando através deles como se incapaz de evitar: "Fantasmas à parte, Michal, o mundo exterior agora sabe de nossa existência depois da Véspera de Todos os Santos. Os caçadores conhecem nossa ilha e também sabem de nossas fraquezas.

"Jean Luc não é estúpido." Embora todos os vampiros no porto ainda possam me ouvir, eu baixo minha própria voz e me apresso em tranquilizá-la. "Os caçadores nunca viriam ao Requiem..."

"Eles vieram atrás de você uma vez. Eles podem voltar."

Eu pisco para ela, chocado. Ela nunca mencionou nada disso enquanto estava em Cesarine, ou mesmo no navio durante nossa viagem de volta. Talvez se ela tivesse expressado seus medos, poderíamos tê-los amenizado em particular, mas ela nunca disse uma palavra. Minha carranca se aprofunda. "Eu não—" Eu balanço minha cabeça para limpá-lo. "Jean Luc está com raiva de mim agora. Ele atacou esta manhã, mas depois que ele se acalmar, ele vai perceber que esta é uma luta que ele não quer e não pode vencer. Eu aperto seu cotovelo e forço um sorriso encorajador. "Os caçadores não virão aqui novamente. Eu prometo."

Por uma fração de segundo, ela parece querer discutir - comigo ou com Michal, eu não sei - mas ela volta a si mesma com a mesma rapidez. Como o lançamento de uma moeda. Meu desconforto se aprofunda com a mudança abrupta em sua expressão.

É familiar.

Um familiar.

E é preciso toda a minha determinação para não me demorar na comparação entre ela e Dimitri.

"Perdoe-me, querida." Com um suspiro, Odessa levanta o capuz de sua capa para cobrir o cabelo, e gotas de chuva caem em cascata em torno de seus ombros como pequenas joias. "Eu não quis ofender. Deixei meu guarda-sol no canteiro de flores da bruxa", acrescenta ela defensivamente para Michal, que ainda brilha,

"e você sabe como eu detesto estar úmido."

Ele revira os olhos e volta sua atenção para Pasha e Ivan. Embora eu abra minha boca para questioná-la mais, Dimitri balança a cabeça em advertência, e eu a fecho mais uma vez.

Quando a carruagem finalmente pára na nossa frente, quase acredito que a altercação nunca aconteceu. Nem Michal nem Odessa mencionam o cheiro da Morte ou ameaça de invasão novamente. Sem saber o que mais fazer, sigo o exemplo deles e passo ao lado dos cavalos de olhos arregalados. Eles jogam suas grandes cabeças em agitação enquanto o trovão estala, seguido imediatamente por outro garfo de relâmpago.

A luz deslumbrante ilumina uma crista dourada na porta da carruagem quando Michal a abre. Envolto em chamas, o que parece ser uma cruz está em frente a um dragão com chifres sobre a laca preta. "Este é o seu brasão de armas?" Eu pergunto apesar de mim mesmo.

Ele dá ao brasão um olhar distraído antes de entregar Odessa no compartimento. Algo em seu porte ainda parece. . . fora, de alguma forma. Tenso. Não posso explicar, mas ela toma muito cuidado para evitar meu olhar enquanto se acomoda no banco. "Meu pai era um clérigo", diz Michal em breve.

"O quê?" Piscando em genuína surpresa, eu aceito sua mão e subo na carruagem atrás dela. "Você nunca me disse isso."

"Você nunca perguntou."

Quando ele fecha a porta atrás de mim com um estalo definitivo, eu franzo a testa entre ele e Dimitri. "Vocês dois não estão se juntando a nós?"

"Ainda não."

"Mas o que você é—?"

Naquele momento, no entanto, uma perturbação soa do navio, e nós quatro nos viramos enquanto um membro da tripulação de Michal avança. Com os olhos arregalados, ele se curva e se dirige a Michal sem fôlego. "Minhas desculpas, mon roi, mas você deve vir ver..."

"O que é isso?" Dimitri pergunta curiosamente.

"Clandestinos!" O jovem se endireita apressadamente e aponta para o navio, suas bochechas coradas de excitação. "Dois deles de Cesarine!"

Para minha surpresa, Michal não se move; Ele nem se vira, em vez disso, suspira pesadamente como se estivesse resignado. "Onde eles estão?"

"Aqui, é claro", diz Lou com um sorriso.

Ela passeia à vista com o ar de alguém passeando pelo jardim em uma tarde ensolarada, o que é quase risível, considerando a confusão em seu rastro. A tripulação de Michal corre atrás dela com gritos de alarme, enquanto os vampiros mais próximos recuam com assobios suaves de descrença. De fúria.

Eles devem reconhecê-la da Véspera de Todos os Santos, ou talvez sintam o poder rolando dela em ondas. De qualquer forma, eles não estão satisfeitos, e nada sobre a presença de Louise le Blanc em Requiem é um bom presságio para Michal.

"Você está muito melhor, Célie", ela me diz. "Engraçado, isso - quem saberia que a comida combina com você?"

Sua própria pele permanece pálida, no entanto - muito pálida - e aqueles hematomas arroxeados ainda permanecem sob seus olhos. Com os dedos tremendo levemente, ela parece quase selvagem na camisola de Reid - que ela apressadamente enfiou em calças de couro gastas - enquanto um corvo de três olhos pousa precariamente em seu ombro. Garra. Um animal de estimação precioso, ao mesmo tempo em que é um símbolo da família le Blanc e seu espião pessoal. Mas como eles —?

Meu estômago despenca pelo chão da carruagem com quem sai atrás deles.

De repente, minha confusão sobre a disputa entre Michal e Odessa desaparece, assim como toda a preocupação com Lou. Na verdade, cada pensamento em minha cabeça se afasta ao ver a mulher austera marchando em minha direção. A cada clique agudo de seus calcanhares, ela parece cortar, cortar, cortar todas as cordas que me prendem à realidade.

"Oh não," eu sussurro, meio levantando.

Oh não, oh não, oh não—

Inclinando-se para espiar pela janela da carruagem, Odessa diz: "Um parente seu, presumo?"

Não consigo fazer meus lábios se moverem novamente, no entanto. Eles ficaram bastante entorpecidos.

Porque Satine Tremblay é a última mulher no mundo que deveria estar no Requiem. Queixo erguido - costas retas e rígidas como um atiçador de ferro - ela segue Lou com um olhar de extremo desprezo em seu lindo rosto. Nem um fio de cabelo de seu intrincado coque fora do lugar, nem um vinco em seu vestido azul-íris. Embora ela segure um guarda-sol no alto, até o granizo parece temê-la. Nem uma gota se atreve a pousar em sua pessoa.

Apressadamente, coloco novamente a capa de Michal sobre minha camisola e tento alisar minha massa emaranhada de cabelo. Um impulso ridículo, é claro, porque - porque -

Porque isso não pode estar acontecendo. Os fios de cabelo prateados em suas têmporas piscam à luz das tochas, mas minha mente os rejeita tão violentamente quanto o resto dela. Não é possível. Eu teria sentido o cheiro dela e de Lou se eles se escondessem no navio, mas além disso, ela simplesmente não pode estar aqui.

Por um segundo selvagem e irracional, penso em me esconder, fugir, enquanto seus olhos esmeralda se cruzam com os meus.

Eles me prendem no lugar, estreitando-se infinitesimalmente enquanto ela inspeciona meu novo rosto. Apenas uma vida inteira de treinamento de etiqueta me impede de cair na cadeira. Eu nunca disse a ela que me tornei um vampiro. Eu nunca disse nada a ela, mas aqui está ela agora - cercada por eles. Ela sabe? Ela se importa?

Os Chasseurs não têm sido exatamente discretos desde que voltamos. Rumores de vampiros varreram a cidade - provavelmente todo o reino agora.

Embora Jean Luc tenha guardado meu segredo, ela já deve saber sobre Michal. Ela deve saber sobre Requiem. E se ela o fizer, certamente ela também deve saber sobre mim. E espero que sim. Tão rapidamente quanto o pensamento desce, percebo que não quero dizer nada a ela.

Michal - a suína traidora - sai ordenadamente da carruagem enquanto ela se aproxima de nós.

"Célie Fleur Tremblay", diz ela com a voz afiada e cortante que reserva para diatribes preparadas. "Onde diabos você esteve? Por que você não escreveu? O que é isso que eu ouço sobre um vestido escarlate e um bordel?

Eu levanto uma mão fraca, encolhendo-me. "Mamãe, não foi como..."

"Claro que foi. Você acha que eu sou um tolo?" Virando-se rapidamente antes que eu possa explicar, ela aponta o dedo para Michal como um juiz com seu martelo. Dois pontos brilhantes de cor aparecem no alto de suas bochechas, e suas narinas se dilatam com justa indignação. "E você - o que você tem a dizer por si mesmo? Você se importou com a reputação da minha filha quando a levou para esta ilha de corrupção e sujeira? Você se importava com os nervos da mãe dela?"

Ela não espera por uma resposta. Ela nunca faz. Alguém deve detê-la agora, no entanto, antes que ela encontre seu ritmo, caso contrário, nunca ouviremos o fim disso. Eu olho suplicantemente para Odessa, para Michal, para Lou, mas ninguém é tolo o suficiente para interromper. Lou, pelo menos, tem a decência de parecer apologético. Desculpe, ela fala com uma careta.

Dimitri simplesmente sorri - um sorriso largo e enormemente entretido que me faz querer estrangulá-lo.

"Você não fez", minha mãe ferve. "Claro que não. Mesmo imortal, Michal Vasiliev - estremeço com a confirmação - você ainda pensa como um homem, mas não tolerarei um namoro tão descuidado de ninguém - nem você, nem o Diabo, nem o rei de Belterra. Entende-me? Existem convenções para essas coisas. Existem regras. Eles existem para proteger as moças do mal, e você deliberadamente desconsiderou cada um deles nesta tentativa desesperada e,

francamente, pouco atraente de obter a companhia de minha filha. Você comprometeu não apenas a reputação dela, mas também seu noivado e sua carreira..."

Até minha mãe deve eventualmente inalar, no entanto, e quando o faz, o som atravessa todo o porto, que ficou em silêncio. Como se também tivesse respirado e prendido, esperando que Michal reagisse. Ele é rei aqui, afinal, nesta ilha que valoriza a crueldade e a chama de força, e todos os olhos se fixam nele em ansiosa expectativa. Minha mãe não é Odessa. Minha mãe é uma estranha, uma intrusa, e ela apenas o insultou. Ele deve reagir.

Meus membros começam a tremer quando ele inclina a cabeça.

Isso é ruim. O pensamento inútil se repete, repetidamente, mas não consigo pensar em como pará-lo. Se eu intervir, posso piorar as coisas para os dois - seus súditos não podem percebê-lo como fraco, ou as tensões na ilha aumentarão novamente. Nem, no entanto, posso ficar parado e assistir se ele ameaçar minha mãe. Embora minha mente rejeite instantaneamente o pensamento dele fazendo tal coisa, ela também se lembra de Priscille e Julieta, até mesmo Christo, que perdeu a língua por uma simples pergunta.

Por favor.

Como ele sente a direção dos meus pensamentos, Michal olha para Odessa. Ela olha para ele em um desafio tácito. Uma corrente de compreensão parece crepitar entre eles - uma fissura de desaprovação - antes de Odessa balançar a cabeça e se sentar em seu assento, olhando pela janela oposta como se incapaz de assistir aos procedimentos. Lou franze a testa para ela.

Michal, no entanto, parece tomar uma decisão.

Quando ele inclina a cabeça para minha mãe em uma reverência graciosa, meus membros ficam quentes e soltos ao mesmo tempo. "Peço desculpas, madame", diz ele. "Fui descuidado com sua filha, mas tenha certeza, ela não está em perigo por minha causa. De fato..." Sua voz suaviza ainda mais, e ele se dirige àquelas sombras mais escuras do que o resto. "—se alguém tentar machucá-la ou a seus companheiros enquanto estiver no Requiem, eles se arrependerão rapidamente." Embora ele continue sendo o retrato da civilidade, seus olhos negros brilham com malevolência quando ele acrescenta: "Ou talvez não tão rapidamente".

Até minha mãe pisca com isso. Ela esvazia um pouco como se estivesse percebendo as implicações de invadir uma ilha de vampiros. Seus olhos afiados disparam ao nosso redor. "Bem, sim, isso seria bastante...

Ela não consegue decidir se tal ameaça seria bem-vinda ou inadequada.

Eu simpatizo completamente.

"Entre na carruagem, mamãe." Lábios ainda dormentes, eu abro a porta antes

que ela possa insultar qualquer outra pessoa, e Lou agarra seu cotovelo e a leva para dentro. Eles se acomodam no banco em frente a Odessa e a mim. "Devemos terminar esta discussão em algum lugar privado."

Como se tentasse desesperadamente trazer a situação de volta sob seu controle, minha mãe olha pela janela para Dimitri. "E por que você está sorrindo, jovem?"

"Esta ilha precisa do toque de uma dama há muito tempo, madame - e como somos privilegiados por ser sua." Ele mostra suas covinhas, curvando-se e ignorando a carranca de Odessa. "Célie me contou coisas maravilhosas."

Embora minha mãe murmure, uma bela lavagem de cor se espalha por suas bochechas, e eu observo sua reação de perto. Mais uma vez, porém, ele não reage; em vez disso, ele pisca para mim antes de bater os nós dos dedos contra a porta e ir embora. Minha mãe o observa ir com uma expressão ligeiramente apaziguada. "Bem, isso - isso é um cavalheiro, Célie."

Balançando a cabeça, Lou se inclina para mais perto e diz em voz baixa: "Minha mãe uma vez amaldiçoou uma consorte infiel a nunca falar meu nome sem experimentar a agonia do parto".

"Por que você está me dizendo isso?"

Ela se inclina para trás como se estivesse dolorida, seus movimentos lentos e rígidos. "Apenas oferecendo um pouco de perspectiva."

"Voltarei para buscá-la ao amanhecer, Célie", diz Michal antes que eu possa questioná-la. "Seu quarto e enxoval estão exatamente como você os deixou. Se você quiser, Louise e sua mãe podem ficar com você ou podem residir em outro lugar. Qualquer cômodo do castelo pode ser limpo em uma hora. Fazendo outra reverência curta à minha mãe, ele se vira para sair, mas minha mão sai inesperadamente. Ele pega seu pulso.

"Michal."

Ele fica um pouco tenso com a trava na minha voz, e o cabelo no meu pescoço se levanta quando eu sinto os vampiros se concentrarem em onde eu o toco. Engolindo em seco, luto para retirar minha mão, para ignorar a dor de pavor em meu peito. Mas eu não posso fazer nenhum dos dois. Não posso porque Odessa está certa e tudo deu tão irrevogavelmente errado. Como Lou está doente, Filippa é um fantasma e Frederic está morto; A própria Morte atravessou o véu, e Odessa está lutando com Michal por razões que não entendo. Requiem caiu em desordem. E minha mãe - ela se senta no meio de tudo isso, seus olhos familiares queimando de desaprovação enquanto me observa tocar um homem que não é meu noivo.

"Vai ficar tudo bem?" Eu pergunto a ele.

Ele não responde por um longo momento. Ele simplesmente olha para a

minha mão em torno de seu pulso. Lentamente, ele vira o braço, deslizando a própria mão pela palma da minha mão até que nossos dedos se toquem. "Eu não sei", diz ele honestamente.

E então ele se foi, perseguindo Dimitri até que a chuva o engula inteiro. Parece estranhamente sinistro vê-lo ir desta vez, e eu flexiono meus dedos enquanto as sombras seguem, desejando ter feito uma pergunta diferente.

Capítulo Quinze

Tal mãe, tal filha

"Se eu pedir para você ficar no seu quarto esta noite", pergunta Odessa quando chegamos à ala leste, "você faria isso?"

Ela está em silhueta na porta do meu quarto, ladeada de ambos os lados pelos demônios semi-transformados de mármore preto. Suas expressões torturadas e asas de morcego trazem de volta memórias de uma época mais simples e feliz - quando permaneci alegremente humano, alegremente ingênuo, felizmente sozinho após meu sequestro.

Agora Pasha e Ivan montam guarda no corredor, e Lou leva minha mãe escada abaixo até a câmara abaixo. Com um grasnado ensurdecedor!, Talon retorna ao seu poleiro preferido no mezanino e se agacha para nos observar com seus olhos redondos.

"Por quê?" Pergunto a Odessa.

Ela esfrega as têmporas com o ar sitiado de alguém desesperado para sair. "Só desta vez, podemos pular o dilúvio de perguntas? O castelo não está seguro esta noite..."

"Você disse que o castelo nunca é seguro." Eu a estudo com crescente suspeita. "O que você não está me dizendo? Você e Michal estão planejando alguma coisa?"

"Não," ela diz bruscamente - muito bruscamente - antes de sua voz suavizar novamente com o que parece ser um esforço supremo. "Por favor, Célie, como um favor pessoal, fique aqui até que Michal a busque ao amanhecer. Não saia do seu quarto."

"Odessa, o que está acontecendo? Você e Michal têm agido - estranho desde que desembarcamos. Se você quer minha cooperação com este seu misterioso plano, você poderia pelo menos me incluir nos detalhes."

Sua expressão endurece e suas mãos se sacodem como se ela se abstivesse à força de bater palmas sobre minha boca. "Não há plano", ela sussurra. "Não há detalhes. Como amigo, estou simplesmente pedindo que você fique no seu quarto.

Meus olhos se estreitam. "Bem, então, como amigo, devo lembrá-lo de que

os fantasmas ainda estão rastejando pela ilha? Que o véu está em pedaços?" Eu gesticulo para a tapeçaria atrás dela, onde uma donzela de cabelos dourados uma vez dormiu em um sofá carmesim. Ela não está mais dormindo. Com uma faca no peito e pele pálida, a donzela claramente morreu; uma mariposa negra pousa na poça de sangue abaixo dela. Como no mercado, o corredor além da tapeçaria parece drenado de toda a vida. Suavizado, de alguma forma. Desmaiar. Como um eco. "Algo está causando essa podridão lenta, e pretendo descobrir o que é - começando com a gruta. Enquanto Frederic realizava o ritual lá, presumo que foi aí que a porta se formou também.

Lembro-me do olhar duro e de soslaio de Michal. Se o grimório contém respostas, elas estão perdidas para nós por enquanto, o que significa que devemos encontrar as nossas. "Talvez eu possa curá-lo", eu digo. "Talvez eu possa mandar os fantasmas de volta para seus túmulos."

Odessa suspira impacientemente. "Eu dificilmente acho que será tão simples..."

"Como podemos saber a menos que eu tente?"

"Esse rasgo ainda estará lá pela manhã", diz ela, com a voz firme. "Vou até acompanhá-lo para vê-lo. Por enquanto, porém, apenas - tome um banho. Descansar. E não importa o que você ouça esta noite, fique no seu quarto." Ela me nivela com um olhar sombrio. "Estou falando sério, Célie."

Antes que eu possa recusar - porque eu absolutamente me recuso - Lou aparece no meu ombro. "Claro, Odessa. Prometemos ser boas garotinhas e ficar escondidas a noite toda. Isso será suficiente?" Ela não espera que Odessa responda; com um sorriso alegre, ela fecha a porta na cara, murmurando: "Isso não foi nada suspeito", sobre a maldição cruel de Odessa.

Eu levanto um dedo aos meus lábios, silenciando qualquer outra coisa que Lou possa dizer, e espero que Odessa gire em seus calcanhares, para que os sons de seus passos desapareçam no corredor. Então-

"Por que você prometeu isso?" Eu me aproximo de Lou com um sussurro acalorado. "Agora temos que sentar aqui e girar nossos polegares..."

"Diz quem?"

"Diz você..."

"Eu menti." Lou encolhe os ombros, completamente despreocupado, apesar de se apoiar na balaustrada para se apoiar. "Ela não ia sair até que disséssemos o que ela queria ouvir, e você não ia fazer isso. Isso não é um julgamento", acrescenta ela apressadamente quando eu franzo a testa. "Apenas uma declaração de fato - e agora você não vai quebrar sua palavra quando escorregarmos para a gruta. Você vai quebrar o meu."

Eu a olho com cautela. "Ouça, Lou, talvez você devesse..."

"Se o que você está prestes a dizer é outra coisa senão vir comigo, eu não quero ouvir." Fixando o queixo, ela se empurra da balaustrada - balançando apenas um pouco - antes de enrolar o cabelo em um coque. "Estou bem."

"Você não parece bem."

"Bem, não podemos todos parecer deusas vampiras, podemos? Alguns de nós parecem deusas normais..."

"Não foi isso que eu quis dizer, e você sabe disso." Eu agarro seu cotovelo quando ela força uma risada e começa a descer as escadas. "O véu está claramente afetando você mais do que o resto de nós, o que faz sentido," eu digo enquanto seus olhos se estreitam. "Como La Dame des Sorcières, você extrai sua magia da terra e, claramente, o ritual de Frederic a envenenou. Você quase desmaiou quando eu rasguei o véu para a sessão, e aqui - bem, esta porta parece muito pior. Eu não acho que você deveria vir comigo para vê-lo.

Seu nariz enruga delicadamente. "E eu acho que você deveria tomar banho antes de irmos. Satine pode desmaiar se vir sua camisola sob a luz adequada.

Nós dois olhamos para onde minha mãe está ao lado da lareira, olhando para os gatinhos correndo sobre seus pés. De alguma forma, eles chegaram ao castelo antes de nós. Da mesma forma, todas as velas da sala foram acesas. Por alguma razão inexplicável, meu peito se aquece ao vê-los.

Todos eles.

Como antes, eles se espalham por todas as superfícies: a grande escadaria, o piso de mármore, a penteadeira e a lareira desordenada, até mesmo a bandeja de chá prateada rachada nas estantes do chão ao teto. A sala inteira brilha à luz efusiva de velas. Exceto que agora não preciso disso. Agora eu posso ver no escuro. Michal saberia disso, mas ainda aprecio o gesto.

Minha mãe espirra.

"Por que você a trouxe com você?" Arrancando meu olhar do brilho no cabelo de minha mãe, arrasto Lou escada abaixo e atrás da tela de seda para a direita. Tal como acontece com os gatinhos e velas, água quente e espuma espessa com aroma de jasmim já enchem a banheira até a borda; o vapor se enrola de sua superfície em gavinhas inebriantes. "Como você chegou aqui em primeiro lugar? Eu teria cheirado você no navio.

"Tem certeza? Você parecia um pouco preocupado."

"Você estava escutando-?" Oh Deus. Se Lou me ouviu discutindo o compartilhamento de sangue com Michal e Dimitri, minha mãe também deve ter ouvido, o que significa. . .

Meus olhos disparam em direção à tela do curativo em pânico. Ela sabe.

Sorrindo com o meu olhar horrorizado, Lou abaixa a voz e cai no banquinho ao lado da banheira. "Ela não é uma, Célie. Ela teria descoberto isso

eventualmente.

"Ela. . . dizer alguma coisa sobre isso?" Sobre mim? Não consigo expressar essa pergunta em particular, no entanto. Às vezes é melhor não saber.

"Acho que ela está tentando fingir que nunca aconteceu." Lou olha para Talon, que relutantemente voou do mezanino para o topo da tela para melhor escutar. "Torna mais fácil para você, suponho. Você pode decidir quando e onde abordar o assunto. E para responder às suas outras perguntas, a Talon o seguiu esta manhã. Ele viu alguém assassinando Frederic e voou para a Torre Chasseur para me avisar. Quando cheguei ao jardim, você já havia partido para o porto. Eu não consegui te pegar." Seus lábios franzem abruptamente. "Obrigado por isso, a propósito, saindo sem dizer adeus."

Eu olho para Talon, desabotoando a capa de Michal antes de tirar minha camisola acima da cabeça. Ele se amassa em uma pilha dura aos meus pés. Uma vez, eu poderia ter estremecido com minha nudez na presença de outra pessoa, mas parece um pouco menos importante agora. Acho que ela está tentando fingir que nunca aconteceu.

Claro que ela é, e isso - isso é realmente o melhor. É o que eu quero também. Minha mãe se recusou a me apoiar como caçadora; Por que ela me aceitaria como um vampiro? Ainda assim, o pensamento pesa como um buraco no meu estômago, mais pesado do que eu esperava. Eu provavelmente a enojo agora. Talvez ela até tenha medo de mim. Talvez seja por isso que ela se recusa a reconhecer que eu não sou mais humano.

A injustiça dele levanta a cabeça como uma cobra, golpeando-me sem aviso.

De repente, pouco importa que eu não quisesse que ela tocasse no assunto - ela ainda deveria ter. Ela ainda é minha mãe.

"Eu escrevi um bilhete para você," eu digo a Lou rigidamente, "mas eu tenho certeza que você já sabe disso desde que você estava me seguindo."

"Como se eu pudesse dizer a Talon o que fazer. Ele gosta de você, Célie, e ele poderia dizer que você estava chateado quando você fugiu de casa. De qualquer forma, nós dois nos sentimos muito traídos ao saber que você fugiria para o Requiem novamente—"

"De novo?" Entrando na banheira, eu assobio com a temperatura escaldante da água. "Fui sequestrado pela primeira vez—"

"- e fomos ao seu quarto para chorar muito sobre isso. Foi quando sua mãe chegou."

Eu mergulho meu cabelo na água, esfregando os fios com sabonete de lavanda na mesa lateral. "E você a deixou entrar em casa porque..."

"Nós não fizemos", resmunga Lou. "Um certo vampiro seu arrombou nossa porta, caso você tenha esquecido. Não era como se pudéssemos fingir que não

estávamos em casa. Ela viu o sangue em nossa mesa imediatamente e quase entrou em histeria - ela disse que sabia que você estava lá porque acabara de visitar Jean Luc e não iria embora até que o apresentássemos.

Meu estômago se contorce como se eu tivesse perdido um passo, seguido por um surto rápido e doentio de vergonha. Jean. Como eu poderia tê-lo esquecido? "Como ele está?" Pergunto rapidamente.

Com o copo e a jarra sobre a mesa, Lou enxagua o sabão do meu cabelo. "Coco foi capaz de curar suas feridas, mas. . . ele perdeu muito sangue, Célie. Uma recuperação completa vai levar tempo."

Eu abaixo meu olhar, incapaz de falar em torno do nó repentino na minha garganta - incapaz de me defender. Ele quase morreu, e teria sido inteiramente minha culpa. "Foi ele quem enviou os Caçadores?" Quando Lou não diz nada, eu envolvo meus braços em volta da minha cintura, sentindo-me mal. "Ele queria nos matar? Para me matar?"

"Ele não sabe o que quer fazer com você." Suspirando, Lou balança a cabeça, e os tentáculos de seus longos cabelos castanhos se soltam do nó em sua nuca. As sardas em seu nariz se destacam em nítido relevo. "Mas acho que seria melhor você ficar aqui até que ele descubra. Jean Luc nunca foi particularmente equilibrado, e quando Reid conta a ele sobre os fantasmas, ele pode confundir suas abordagens com os mortos-vivos.

"Ele pode matar todos nós, você quer dizer."

Para seu crédito, Lou não mente desta vez. "Ele pode."

No verdadeiro estilo Lou, no entanto, ela se recusa a morar, derrubando o jarro e dizendo: "De qualquer forma, eu estava gentilmente enxotando sua mãe dos destroços da minha cozinha quando ela ameaçou invadir as margens do Requiem sozinha. Ela disse que conhecia o capitão do porto e ele lhe diria exatamente em qual navio embarcar.

"E você não poderia tê-la impedido? Você prendeu um fantasma em uma caixa de chapéu, pelo amor de Deus!"

"Bem, eu não ia fazer isso com sua mãe, Célie", ela sussurra, "e eu não podia deixá-la vir sozinha também. Ela não tem ideia dos perigos aqui. Mesmo que esta ilha não estivesse repleta de vampiros, a magia quebrou, não é?" A contragosto, ela levanta a mão e olhamos para seus dedos trêmulos juntos. "É como você disse, aquele Frederic adulterou a ordem natural, e sem a ordem natural, a magia não pode existir como deveria, incluindo os encantamentos nesta ilha. Eles serão voláteis. Errático." Seu olhar se volta para a tela, para a seda fina como papel com suas violetas outrora vivas e gansos dourados. As flores murcharam.

Os gansos são esqueletos.

"Eu tenho que consertar o véu," eu digo suavemente.

"Você sabe como consertá-lo?"

"Não." Eu lanço um olhar fugaz ao redor da tela enquanto um arrepio profundo se instala dentro de mim. "Depois do que Coco disse sobre o grimório de sua tia, pensei que talvez pudesse conter a resposta, mas..."

"Nós não temos", termina Lou. "Espero que Frederic esteja apodrecendo, onde quer que esteja."

Parte de mim concorda, mas. . . um problema de cada vez.

Eu preciso lidar com minha mãe.

Com um suspiro, olho para Lou - determinada, mas sem saber como devolver Satine Tremblay a Cesarine - e a encontro olhando para o mezanino. Depois de um longo momento, ela aponta o dedo para onde uma dúzia de retratos pintados olham para nós entre as janelas fechadas. Durante minha última estada no Requiem, esses retratos tornaram-se tão familiares quanto velhos amigos: três belas mulheres envoltas em escarlate, o menino de nariz adunco com seus cães, o velho lascivo com olhos bulbosos. Todos eles parecem mortos agora, exceto por-

A velha com uma verruga no nariz.

"Mathilde," Lou diz simplesmente, e minha testa franze quando me lembro. "Minha tataravó."

"Ela é. . . ainda vivo?"

"Deus, espero que não. Ela deixou o Chateau antes de eu nascer, mas ela teria mais de duzentos anos.

Os passos de minha mãe clicam em direção à tela, e outro espirro raivoso a precede enquanto ela caminha incisivamente em torno dela. Os gatinhos balançam em seu rastro, batendo na bainha do vestido violeta em suas mãos. Ela o coloca cuidadosamente sobre a mesa. "Nenhuma mulher pode viver até os duzentos anos, Louise le Blanc, e se puder, tenho certeza de que lamenta. Agora, como vocês dois parecem ter perdido todas as graças sociais, devo insistir em me convidar para esta conversa.

Ela espirra novamente.

"Você está. . . alérgico a gatos?" Lou pergunta timidamente.

"Sim." Ela pega a toalha grossa das mãos de Lou. "E eu farei isso, obrigado, pois Célie é minha filha."

Nós dois piscamos para ela, assustados.

"Er-certo." Lou lança um olhar contrito em minha direção antes de contornar apressadamente a tela. "Acho que vou ter uma palavra rápida com Pasha e Ivan sobre a aquisição de um pouco de comida." Ela hesita. "Eu suponho que haja comida neste castelo, certo? Da variedade humana?"

Eu aceno com a cabeça em silêncio, mas é claro que ela não pode me ver. Em outro momento, ela fecha a porta do quarto e o silêncio reina. No entanto, não aguento mais do que alguns segundos. Nem mesmo com minha mãe. "Eu não sabia que você era alérgico a gatos."

"Desde que eu era uma garotinha." Ela cheira e estende a toalha. "Você terminou? Sua pele está começando a enrugar."

Não é, é claro. Minha pele não pode enrugar nunca mais, mesmo na água, mas eu saio da banheira sem dizer uma palavra, permitindo que ela enrole a toalha em volta de mim. Ela também não fala enquanto me entrega roupas íntimas de seda. Eu deslizo para dentro deles obedientemente, e ela me força a subir no banquinho em seguida, varrendo uma escova dourada pelo meu cabelo. Sento-me muito quieto sob suas ministrações, minha garganta inesperadamente grossa.

Minha mãe nunca escovou meu cabelo antes.

Ela nunca. . . tendiam a mim dessa maneira. Esse dever sempre recaía sobre minhas babás e irmã, enquanto Satine Tremblay observava e censurava de longe. Suas mãos são muito mais gentis do que eu esperava. De fato, enquanto ela separa o cabelo da minha coroa, trançando-o em uma coroa, um arrepio de prazer levanta o meu pescoço. "Seu cabelo cresceu demais", diz ela azedamente. "Devemos providenciar um corte quando voltarmos para casa."

Casa.

Assim, o momento se rompe e fecho os olhos em derrota.

Ela não quer ter essa conversa - não de verdade - mas quando ela estende meu vestido, sacudindo o queixo pontudo para eu entrar nele, parece que temos pouca escolha. Apesar de todos os seus defeitos, minha mãe percorreu um longo caminho e talvez ela mereça algumas respostas antes de partir novamente sem mim. Porque - se ela optar por reconhecer minhas novas circunstâncias - nunca mais poderei voltar para casa. Requiem é minha casa agora.

Requiem é para vampiros.

Sem saber como começar, eu engulo em seco e olho para o vestido. Costurado em seda violeta profunda, possui mangas volumosas que caem dos meus ombros e se afinam até os punhos nos meus pulsos. A fita amarra a frente do corpete do espartilho, que se inclina para um V entre meus quadris antes de fluir para uma saia luxuosa. Todo o conjunto é adorável.

Mas é claro que é adorável. Minha mãe escolheu.

Resistindo a um suspiro, eu dobro a tela e gesticulo para as poltronas macias perto do fogo. "Devemos - vamos nos sentar?"

"Eu pensei que você tinha planos na gruta."

Com outro grande espirro, ela empurra para o lado um par de gatinhos que

acabaram de perceber que estou na sala. Eles caem sobre si mesmos para me alcançar até que eu me agache, tendo pena deles, e acaricio cada uma de suas cabeças. "Vou cuidar de movê-los para outro lugar."

"Você vai?" Suas sobrancelhas se apertam. "Mas você não gosta deles?"

"Claro que sim, mas se você estiver desconfortável..."

"Por que eles te dão uma patada assim?" ela pergunta abruptamente. "Por que eles gemem?"

Para alguém determinado a ignorar o cerne de um problema, minha mãe tem a incrível capacidade de ir direto ao assunto. E suponho que o começo seja um lugar tão bom quanto qualquer outro.

"Porque os gatos são guardiões dos mortos", digo pesadamente, "e eu sou uma Noiva da Morte".

Sua inspiração aguda ecoa entre nós.

Talvez uma filha melhor mentisse. Talvez ela tranquilizasse sua mãe, caísse em seus braços e chorasse com a reunião, mas não consigo fazer nada disso. Eu só consigo coçar o queixo desse gato malhado laranja gordo. Ele precisa de um nome - todos eles precisam - e eu me concentro intensamente no coração branco em seu peito enquanto minha mãe espera que eu continue. Toulouse. Sim. Este será chamado de Toulouse.

Depois de outro momento de silêncio, sua boca se afina de impaciência. "Bem? Você vai explicar esse apelido impróprio ou não?"

Não.

"Mamãe", digo baixinho, e a palavra é um apelo. "Eu não acho que você quer saber."

"Não presuma saber o que eu quero", ela retruca.

Uma faísca de raiva acende no meu peito com isso, mas eu digo a mim mesma que ela está sofrendo. Eu digo a mim mesmo que ela está magoada.

"Como você quiser." Com uma expiração lenta, eu levanto meu queixo para encontrar seu olhar e instantaneamente me arrependo. Filippa e eu herdamos nossos rostos de nossa mãe; Se nós dois somos bonecas em preto e branco, essa mulher é a fabricante de brinquedos e nos esculpiu a partir de sua imagem. "Quando Morgane me prendeu no caixão de Filippa, a Morte me tocou. Ele me separou e salvou minha vida. Por causa dele, posso atravessar o véu entre os reinos e falar com os espíritos."

Seus lábios se contorcem em desânimo com isso, mas ela não fala. Claro que não. Também nunca falamos sobre aquela quinzena de pesadelo que passei com o cadáver de Filippa. Nem uma vez. Depois de La Mascarade de Crânes, Jean Luc me devolveu aos meus pais; Ele explicou o que havia acontecido enquanto minha mãe chorava e meu pai olhava, com o rosto branco, pela janela da sala.

Nenhum dos dois perguntou além do necessário - sua mente está intacta? Com que rapidez ela vai se recuperar?

Alguém viu?

Alguém sabe?

Por fim, ela abre a boca para falar, mas depois de ouvir sua pergunta, eu gostaria desesperadamente que ela não tivesse. "O que você quer dizer com a morte tocou você? Você está bem ileso?"

Um impulso bizarro de rir borbulha na minha garganta, e eu quase cedo a isso. Eu quase caio para a frente - bem ali no chão de mármore molhado - e tremo de rir aos pés de minha mãe. Porque até ela deve sentir o quão ridícula, totalmente absurda, essa pergunta é enquanto estamos cercados por vampiros e falando da Morte encarnada. Até ela deve saber a resposta.

Claro, a pergunta que ela fez e a pergunta que ela quis dizer são duas coisas totalmente diferentes.

Tão rapidamente quanto chegou, a vontade de rir desaparece e eu me levanto lentamente. "Eu não sei, mamãe - você consideraria morrer em um ritual de sacrifício antes de despertar como uma criatura morta-viva que anseia por sangue ilesa, ou você está simplesmente perguntando se a Morte roubou minha virtude? Você teme que ele me arrebatou no caixão de Pip?

Seus olhos se arregalam para que eu ousasse expressar assuntos tão delicados em voz alta, e ela gagueja incoerentemente.

Ela nunca falou comigo sobre sexo também. Ela nunca falou comigo sobre o assassinato de Filippa.

Eu olho para ela agora, chamas lambendo minhas entranhas enquanto me lembro da primeira visita do padre Algernon após as catacumbas. Corrupção da alma, ele sussurrou para meus pais. Fruta podre. Ele pensou que eu tinha sido possuído por demônios por causa dos meus pesadelos. Ele pensou que eu tinha sido contaminado pelo pecado. Embora minha mãe o dispensasse instantaneamente quando ele sugeriu um exorcismo, muitas vezes me perguntei por que ela o permitia entrar em casa. Se ela tivesse se aproximado de mim primeiro, ela poderia ter percebido que a água benta nunca foi a cura.

E agora - agora talvez seja tarde demais para ter essa conversa. "Você deveria dormir," eu digo concisamente, gesticulando para a enorme cama no centro da sala. "Você tem uma longa jornada pela frente."

"Mas não terminamos nosso..."

"Nós temos." Passando por cima dos gatinhos, eu subo as escadas até a porta. Lou antagoniza Pasha e Ivan no corredor além, e nunca na minha vida eu quis tanto me juntar a eles. Quando minha mão toca a maçaneta, no entanto, eu hesito, olhando para ela uma última vez. Ela ainda está ao lado da tela de seda, a

boca ligeiramente aberta enquanto ela olha para mim, parecendo inexplicavelmente desolado. "Vou falar com Michal sobre como providenciar sua passagem de volta para Cesarine pela manhã. Você nunca deveria ter vindo aqui, mamãe."

Para minha surpresa, ela não discute, e no silêncio escancarado que se estende entre nós, eu giro a maçaneta e saio.

Capítulo Dezesseis

A Lágrima no Véu

Para meu alívio, Pasha e Ivan não fazem nada para me impedir quando agarro a mão de Lou e a puxo para o escritório de Michal. Eles parecem se importar muito pouco com o aviso de Odessa. Na verdade, eles até compartilham um olhar sombrio quando eu os informo para onde estamos indo. "Bem, então", diz Ivan, curvando-se e gesticulando para que eu os precedesse pelo corredor, "longe de nós ficar no seu caminho, mademoiselle. Claro que você deve desrespeitar Odessa e vagar pelo castelo.

No mesmo tom educadamente zombeteiro, Pasha diz: "Afinal, você sabe melhor do que nós".

Eu retribuo seus sorrisos frios com um dos meus.

Suas atitudes me combinam muito bem. Mais uma razão para deixá-los aqui. "Na verdade" - eu bato meus cílios docemente, passando meu cotovelo pelo de Lou - "Eu preciso que você fique com minha mãe. Ela vai ficar no meu quarto até de manhã."

Os sorrisos escorregam de seus rostos e um músculo se espalha na mandíbula de Ivan. "Nós não respondemos a você, humaine."

Eu ignoro o suposto desprezo.

"Mas você responde a Michal, e Michal disse que você está à minha disposição, o que significa que agora você está à disposição da minha mãe também." Virando-me sobre os calcanhares, reboque Lou para a frente, e ela gargalha com alegria indisfarçável com os olhares incrédulos em seus rostos. "Ela leva limão em seu chá," eu chamo por cima do meu ombro enquanto dobramos a esquina. Para Pasha, acrescento: "E sugiro que você amarre o cabelo para trás - ela não vai gostar nem um pouco".

Lou ainda está rindo quando chegamos às portas de obsidiana do escritório de Michal. "Última chance de voltar para o nosso quarto," eu digo a ela, estudando seu rosto ansiosamente.

"Não há chance de eu estar perdendo isso."

Depois de uma breve hesitação, eu aceno com a cabeça e empurro as portas abertas, mas onde quer que Michal fosse ao nos deixar no porto, claramente não

estava aqui. Franzindo a testa com isso, eu atravesso para o armário de curiosidades, e o cheiro de fumaça de vela e rosas quase me derruba quando eu abro o alçapão em seu chão. Lou leva as costas da mão à boca, tossindo, enquanto ela também sente o cheiro. Morte.

Sim, a gruta é definitivamente por onde ele passou - provavelmente na mesma ilhota por onde Frederic tirou minha vida. Com uma sombra persistente de apreensão com a memória, eu olho para a escada íngreme enquanto Lou se vira para a mesa de Michal e pega um castiçal, lutando para acender a vela com um movimento de seu dedo. São necessárias três tentativas. "Este lugar ainda é estranho pra caralho," ela sussurra, balançando a cabeça em exasperação. "Vampiros de merda."

"Você está pronto?"

Ela acena com a cabeça, e como um dos ditos vampiros, eu exalo lentamente e desço as escadas primeiro. Teias de aranha cobrem as pontas dos meus dedos enquanto eu as sigo ao longo das paredes de pedra, e realmente - Lou tem razão. Por que diabos Mical não limparia isso? Não pode servir a nenhum propósito viver em condições tão inóspitas. E talvez seja apenas o silêncio, as sombras, o ar úmido e antigo enquanto nos esgueiramos pelo subsolo, mas um arrepio desliza pela minha espinha do mesmo jeito. Em voz baixa, pergunto: "Por que você acha que Odessa nos disse para ficar parados esta noite?"

O som da água correndo logo se junta à cadência suave da respiração de Lou, a batida de seu coração. Embora a fome torça meu estômago com nossa proximidade, minha mente pisca instantaneamente e intoleravelmente para Michal - com o gosto potente de seu sangue - e eu cerro os dentes para manter o foco. "Eu não sei", diz Lou depois de hesitar por um momento. "Ela parecia nervosa, mas se algo está à espreita no castelo esta noite, não parece interessado em nós."

Este castelo é muito antigo e tem muitas lembranças ruins.

"Ainda não, de qualquer maneira," eu digo.

Ela exala uma risada suave. "Ainda não." Então, mais quieto ainda, "Seus olhos estão brilhando."

E assim eles são. A cada passo, a estranha luz prateada dos meus olhos — a luz que me marca como uma Noiva da Morte no reino espiritual — brilha cada vez mais, iluminando o caminho para o quarto de Michal. A temperatura desce conosco. O ar fica rarefeito. Atrás de mim, a respiração de Lou fica difícil, cada expiração se condensando em névoa, e os primeiros flocos de neve flutuam pela escuridão para pousar em nossos cabelos. "Serei capaz de vê-lo?" Lou pergunta. "A lágrima no—?"

A escada se abre para o quarto cavernoso de Michal no segundo seguinte, no

entanto, e sua voz se interrompe com a visão diante de nós. Qualquer resposta que eu possa ter dado murcha em meus próprios lábios - porque a natureza, ao que parece, respondeu à pergunta.

Do outro lado da gruta, precisamente onde a ilhota se ergueu do mar, gira um turbilhão colossal.

"Oh meu Deus," Lou respira.

Ela pega meu braço para se firmar - como se garantisse que a cena é real - e por vários momentos, nós dois não podemos fazer nada além de ficar na parte inferior da escada e olhar para o preço da magia de Frederic. Distintamente sinistro com sua água hipnótica e lenta, o redemoinho preenche a largura de toda a gruta. Faixas de redemoinho de água escura contra as paredes salpicadas de mica e, em seu epicentro, o mar gira para baixo, para baixo, para baixo em um grande abismo, um abismo negro. Parece a pupila de um olho maligno e que tudo vê.

A consciência formiga meu pescoço.

"Isso é mais profundo do que o reino espiritual." Enquanto falo as palavras, sinto-me estranho - afiado - cada cabelo do meu corpo se erguendo como se crepitasse de energia. Meus olhos pulsam mais brilhantes. Se eu me concentrar, quase posso ouvir uma risada fraca, quase posso sentir um calor suave emanando das profundezas do turbilhão. De fato, embora os flocos de neve caiam em todos os outros lugares da gruta, eles derretem vários metros acima da água. E a sensação que me percorre - eu a reconheço. Eu já senti isso uma vez antes.

Lou não diz nada, simplesmente me olha com olhos redondos.

"Depois que Frederic cortou minha garganta, eu meio que. . . pairou sobre todos, e essa luz dourada apareceu. Ele me chamou." Embora eu me ouça falando, minha voz soa muito longe, como se viesse das profundezas da água, enquanto eu olho nos olhos do turbilhão. "Mila também estava lá. Ela me disse que nem toda alma escolhe permanecer no reino espiritual como os fantasmas. Ela disse que algumas almas optam por continuar."

Lou parece ainda mais pálido agora - quase sem sangue. "Para onde eles vão?" ela sussurra.

"Por lá, eu suponho." Eu gesticulo para o turbilhão, observando meu braço se mover como se pertencesse a outra pessoa. "Para o que quer que esteja além disso. Frederic rasgou o véu.

Essa sensação de estranheza se intensifica quanto mais tempo fico aqui - assim como um forte impulso de tocar a água - e logo meus joelhos se dobram sem minha permissão. Quando estendo a mão em direção à ondulação mais próxima, no entanto, Lou agarra meu pulso em alarme. "Eu não acho que você deveria fazer isso."

Um cheiro forte e metálico pontua suas palavras. Como o golpe de pederneira em gravetos, meus pensamentos se aguçam instantaneamente, e meu olhar se encaixa para onde seu nariz começou a sangrar novamente. "Lou?" Ignorando o súbito soco da fome, eu me levanto para firmá-la. "Precisamos sair. Você não deveria estar tão perto do—"

"Isso não é nada." Com a voz fraca, ela balança novamente, limpando o sangue do rosto e olhando para ele perplexa. "Ficando um pouco embaraçoso, no entanto. Eu não posso continuar sangrando na frente de vampiros. Seus dedos apertam em volta do meu braço quando eu me movo para arrastá-la para longe. "Não, Célie. Você veio para consertar o véu. Não vamos embora até que você saia."

"Eu nem sei se posso consertá-lo, e você olha..."

"Espero que você não esteja prestes a dizer tudo bem." Dimitri caminha em nossa direção das escadas, as mãos nos bolsos de um terno de veludo meia-noite. Uma mecha de seu cabelo úmido - recém-lavado com sabão cítrico - cai em sua testa enquanto ele franze a testa para nós. "Porque essa seria a maior mentira já contada." Ele balança o queixo em direção ao turbilhão. "Essa coisa está deixando-a doente - deixando toda a ilha doente, realmente, se todo o sangue e coisas mortas são alguma indicação. Eu pisei em uma larva no corredor no andar de cima..."

"Então" - Lou estremece - "mais sangue e coisas mortas do que o normal, então."

Dimitri sorri para ela. "Você é uma coisa atrevida. Eu gosto disso."

Embora uma dúzia de perguntas surjam na minha língua, eu as empurro para o lado, em vez disso, enrolando meus braços sob os ombros de Lou e arrastando-a para longe da beira da água. Para meu alívio, ela não luta comigo, e a distância do turbilhão parece conter o fluxo sanguíneo de seu nariz. Mais sorte ainda, a visão e o cheiro parecem ter pouco efeito sobre Dimitri - e por experiência, sei que a visão e o cheiro do sangue de La Dame des Sorcières estão entre os mais sedutores do mundo. Meus olhos ainda se estreitam de suspeita enquanto ajudo Lou a sentar na cama de Michal. "O que aconteceu com você, Dimitri? Para onde você foi depois da véspera de Todos os Santos?"

Ele suspira pesadamente antes de gesticular para o turbilhão - para a água escura escorrendo pelas paredes da caverna que não é realmente água. "Essa é realmente a conversa que deveríamos ter agora?"

"É."

"Então suponho que devemos tê-lo - embora, na verdade, não haja muito o que contar." Ele caminha para frente para se encostar na cabeceira da cama de Michal, inclinando a cabeça em direção a um recesso na parede da caverna. Eu

nunca notei isso como um humano, provavelmente porque a faixa de veludo preto cobrindo a porta combina perfeitamente com a sombra. "Mical mantém seus lençóis lá. Eles não devem ser muito difíceis de encontrar. Ele é muito limpo, meu primo.

"Estou bem", Lou murmura novamente, seus olhos se fechando enquanto ela cai contra os travesseiros. "Só um pouco tonto."

"Você tem certeza?" Quando ela acena com a cabeça, eu me empoleiro ao lado dela na beira da cama de Michal antes de me virar para Dimitri. "E para ser justo, todos devem parecer limpos para você. Você tem vivido em uma cova de acumuladores nos últimos quinhentos anos.

Ele descansa a cabeça contra a madeira de mogno esculpida e me considera por um momento. Então- "Eu joguei tudo fora."

"O quê?"

Com um aceno solene, ele diz: "Eu conversei com Frederic e sua irmã depois de sair da gruta" - meu peito congela em gelo - "e ele prometeu curar minha sede de sangue se eu curasse Filippa. Obviamente, eu não percebi o plano que ele tinha em mente e recusei assim que ele o revelou.

"Ele queria que você me matasse", eu acho.

Ele acena com a cabeça novamente, desta vez conciso. "Eu deveria ter acabado com sua existência miserável naquele momento, mas eu precisava de seu grimório primeiro. O bastardo doente o guardava com ciúme - mantinha-o escondido o tempo todo, nem deixava Filippa tocá-lo. Ele balança a cabeça com nojo. "Não estou orgulhoso de mim mesmo por ficar com eles. Não posso tolerar minhas ações, mas tenho tentado encontrar o caminho de volta para todos vocês desde o dia em que saí."

"É por isso que você ajudou Mical", digo astutamente, "quando os caçadores o atacaram".

"Eu mereço isso." Quando ele suspira novamente, o som é mais suave do que antes. Derrotado. "Claro que mereço isso, mas. . . não, Célie. Por mais difícil que seja para você acreditar, Michal e eu fomos como irmãos uma vez. Não importa o que sejamos agora, não quero ver um machado em seu pescoço. É por isso que eu o ajudei."

Ele se move para se sentar ao meu lado na cama, inclinando-se para a frente para apoiar os antebraços nos joelhos. Esfregando o polegar na palma da mão. Quando ele olha para cima novamente, seus olhos estão tristes. Sincero. E eu quase acredito nele - eu quero acreditar nele - quando ele diz: "Palavras nunca podem expressar o quanto sinto muito pelo meu papel em sua morte. Eu sei que você não queria se tornar um vampiro, não merecia se tornar um vampiro, e eu vou carregar esse arrependimento comigo pelo resto da minha vida eterna."

Eu quero tanto acreditar nele.

"Não foi—" Eu engulo em seco as palavras, minha voz um sussurro. "Não foi tudo culpa sua, suponho."

As sombras em seus olhos se aprofundam quando ele percebe o que a admissão me custa. Com o fantasma de um sorriso amargo, ele envolve um braço em volta dos meus ombros e me puxa para o seu lado. "Você é a melhor de todos nós, Célie, e eu sempre disse isso - doce demais para Requiem."

Eles estavam entre as primeiras palavras que ele falou comigo. Criaturas doces nunca duram muito em Requiem.

E ele estava certo.

Meu peito se contrai de emoção e, de repente, não consigo mais olhar para ele. Leva mais um momento para limpar o nó da minha garganta. "Você conseguiu roubar o grimório?" Pergunto finalmente, já sabendo a resposta.

"Eu não estava."

"Então como..."

"Sua irmã encontrou uma cura."

"Ela fez?" Minha atenção se aguça para uma faca, e eu olho para cima apressadamente, procurando seu rosto. "Como? Que cura?"

"Ah." Ele me solta, seu sorriso ainda um pouco amargo enquanto ele se reclina nas palmas das mãos para olhar para o teto. "Achei que poderíamos chegar a esse pequeno ponto de discórdia eventualmente, mas prometi nunca contar. Pretendo honrá-lo."

Ao meu lado, os olhos de Lou se abrem e ela o espeta com um olhar. "Isso não é uma resposta."

Seu sorriso se aguça. "E esse é o ponto."

"Como podemos confiar em você se..."

"Você não pode", diz ele simplesmente. "Mas vamos ser realistas, certo? Não há nada que eu possa dizer - nenhuma evidência que eu possa fornecer - que conquiste sua total confiança depois do que fiz na véspera de Todos os Santos. Lamentavelmente, eu sei disso. Eu aceito isso. E tudo o que posso fazer é prometer" - ele se senta, faz contato visual cuidadoso com nós dois - "que nenhum mal aconteceu a ninguém durante minha recuperação. Você pode escolher acreditar em mim ou não, e não há nada que eu possa fazer para alterar sua decisão. No entanto. . .

Ele abre bem os braços, gesticulando para o peito, os dentes e os olhos, que brilham com uma luz fervente. "Olhe para mim, Célie. Eu não me senti assim - eu não me senti assim - isso à vontade desde minha própria transição. Você entende o milagre disso? Você entende o alívio?" Ele gira para Lou em seguida. "Que eu possa sentar ao seu lado agora - um humano, a bruxa mais poderosa do

mundo - e manter uma conversa sem sonhar com uma dúzia de maneiras diferentes de matá-lo é sem precedentes. Eu nunca experimentei isso antes. Em mais de mil anos de vampirismo, nunca tive esse tipo de liberdade. Estou curado. Eu sou inteiro. E nunca mais voltarei ao homem que era antes." Ele agarra minha mão então. Aperta com força. "Se você optar por acreditar em alguma coisa, por favor, Célie, que seja isso."

Por cima do ombro, Lou encontra meus olhos, os dela não revelando nada.

Deixando-me tomar minha própria decisão.

Suas palavras são bonitas, com certeza, e soam genuínas. . . mas sempre quis acreditar em Dimitri. Esse sempre foi o problema.

Voltando minha atenção para o turbilhão, pergunto: "Como consertamos isso?"

Lou se esforça para se sentar antes que Dimitri agarre sua mão, puxando-a para cima com gosto. Seus lábios se contraem. "Acho que a melhor pergunta é como você vai consertar isso, Célie. O turbilhão é um sintoma, assim como todo o resto. A verdadeira doença é o véu."

Como se sentisse nossa conversa, o turbilhão muda malévolamente em resposta - a risada fraca desaparecendo abruptamente, o calor suave congelando em gelo - e vários membros distendidos atravessam a superfície da água, desesperados para se libertar de sua corrente. Eu fico boquiaberto com eles de horror.

Um braço.

Um cotovelo.

Um pé.

"Revenants," Lou sussurra.

Dimitri faz uma careta de desgosto, e eu quase vomito ao vê-los - todos os marinheiros que morreram ao redor da ilha quando sua magia destruiu seus navios. Seus cadáveres balançam na corrente uma, duas vezes, antes que o turbilhão surja violentamente, engolindo-os mais uma vez. E apesar do meu horrível alívio, parece um tormento cruel demais para entender: afogar-se, morrer, ser arrastado da morte por uma mão invisível apenas para se afogar novamente. Este é o destino deles até que consertemos o véu - uma tarefa que caiu perigosamente sobre mim.

"Apenas tente, Célie." Lou toca minha mão com dedos trêmulos. "Isso é tudo que qualquer um de nós pode fazer."

Balançando a cabeça em silêncio - determinado a não deixá-la ver meu medo, minha dúvida - tento olhar além do turbilhão. Eu me concentro na minha mágoa, minha raiva, minha esperança por Dimitri até que toda a gruta brilha, ondulando como uma miragem. E só então percebo toda a extensão do dano que

causamos. Porque o véu - eu não o vejo mais. Eu sinto isso, sim. Eu sinto isso. As bordas raspadas deveriam estar bem aqui para eu guiar de volta, mas não estão, o que deve significar. . .

Eu dou um passo lento para trás, os olhos se arregalando enquanto procuram o teto cavernoso, as paredes, até mesmo o oceano além.

Nada.

A percepção empala meu peito como um caco de gelo jogado da própria mão da Morte: ele abriu um buraco no véu quando roubou Filippa de mim - um permanente desta vez. Não como os pequenos cortes que você deixa para trás.

Os pequenos cortes.

Por que eu pensei que seria simples? Depois de evidências tão catastróficas em contrário, por que eu pensei que a Morte teria simplesmente se enfiado em uma rachadura, talvez torcido e contorcido e curvado seus ombros largos para caber? Não, essa lágrima - a lágrima de Frederic, minha lágrima - deve abranger toda a gruta, talvez todo o castelo, e como faço para consertar o que não posso ver ou tocar? "Eu-eu não acho que posso," eu respiro em horror alvorecer. Com pavor.

"Claro que você pode", diz Lou ferozmente. "Você só precisa tentar novamente."

Dimitri e eu a puxamos escada acima enquanto ela tenta e não consegue se levantar, e atrás de nós, o turbilhão aumenta. Mais uma dúzia de fantasmas ressurgem com ele. Eles se debatem em suas profundezas rodopiantes, e eu me sinto acenar com a cabeça, me ouço falar sem acreditar em nada disso. "Talvez - talvez devêssemos falar com Michal antes de fazermos qualquer outra coisa. Ele disse que tinha ideias. . .

Minha voz se afasta, no entanto, enquanto os acordes distantes de um violino e o tilintar suave do cristal descem a escada em nossa direção. Eu inclino minha cabeça e ouço com curiosidade. Vozes suaves logo se juntam à folia. Uma risada cantante. Um jangle peculiar, uma dissonância metálica que poderia ser outro instrumento. Embora eu não possa discernir mais através da corrente de água atrás de nós, a terra e a pedra acima, soa quase como uma festa.

Então alguém grita.

Capítulo Dezessete

Uma Soirée Negra

Com um braço em volta de Lou, subo as escadas e atravesso o armário de curiosidades, mas Dimitri nos pega na porta do escritório de Michal. "O que quer que você esteja planejando, eu reconsideraria. Nunca é uma boa ideia ir atrás de gritos em Requiem."

"Mas alguém pode se machucar..."

"E você? Você não deveria estar escondido em segurança em seu quarto?

Puxando meu cotovelo para fora de seu aperto, eu olho para ele com desconfiança. "Como você sabe disso?"

Lou interrompe antes que ele possa responder. "Talvez Odessa estivesse certa, Célie. Talvez devêssemos voltar para o seu quarto."

Mas isso não soa como Lou. Ela nunca se esconde de uma luta, nem mesmo quando pálida e fraca de nosso tempo na gruta. Preocupado, levanto uma mão rápida à testa dela, mas a diferença em nossas temperaturas é grande demais para que tal método se mostre eficaz agora. Ela afasta minhas ministrações e revira os olhos. "Eu só penso à luz de - bem, tudo, talvez não devêssemos sair depois do grito horripilante em um castelo infestado de vampiros. Se as coisas correrem mal, acho que não vou ajudar muito no momento."

"Nem eu," Dimitri concorda rapidamente, e sem motivo algum.

Eu franzo a testa entre eles, soltando minha mão. "Há algo que eu deva saber?"

Dimitri zomba. "O dito grito de gelar o sangue não é suficiente?"

"Não, não é - e mais uma vez, isso não é uma resposta." Ainda mais determinado agora, passo por ele, agarrando a mão de Lou e puxando-a para a ala leste. "Mas você está certo - você provavelmente deveria voltar para o nosso quarto. Vou acompanhá-lo de volta antes de investigar..."

"Oh, não", protesta Lou, cavando os calcanhares. "Você não vai me deixar com sua mãe."

"Mas se você está com medo..."

"Eu nunca disse com medo, mas mesmo que o fizesse, nunca ficarei assustado o suficiente para isso." Limpando o resto do sangue do nariz, ela

endireita os ombros e marcha na minha frente sem ajuda. Agora eu hesito, arrancando meu olhar daquela mancha de escarlate e engolindo contra a dor surda na minha garganta. Vou precisar comer em breve, mas ainda não tenho ideia de como fazê-lo - ou melhor, de quem. Talvez Odessa possa me ajudar até que Michal volte.

Meu estômago dá uma guinada desagradável ao pensar nela.

Os acordes cadenciados do violino são mais altos aqui em cima, as vozes murmurantes também. Claramente, alguém está organizando uma festa hoje à noite e, como senhora do castelo, não posso deixar de sentir que Odessa saberia disso. Da mesma forma, como nem Lou nem eu recebemos um convite para a referida soirée, só posso supor que ela não nos queria lá. O pensamento dói mais do que deveria. Embora os vampiros do Requiem tenham deixado claro que me detestam - e o sentimento é bastante mútuo - eu sou um deles agora. Não tenho para onde ir.

Abruptamente, os sorrisos de Pasha e Ivan surgem em minha mente, suas expressões zombeteiras e satisfeitas. Eles sabiam, eu percebo com uma torção doentia no meu estômago. Eles sabiam que eu não fui convidado para - seja lá o que for.

Esta soirée é a verdadeira razão pela qual Odessa me avisou para ficar no meu quarto? Por que Dimitri insiste que eu volte para lá?

Eles são. . . envergonhado por mim?

"Há algo que eu possa dizer para dissuadi-lo?" Dimitri pergunta baixinho.

Eu levanto meu queixo em desafio. "Não."

"Acho que não." Ele suspira como se estivesse resignado, observando Lou desaparecer na esquina enquanto aquele som estridente peculiar fica mais alto, junto com o riso. "Tudo bem, Célie. Apenas - prometa que não importa o que você possa ver esta noite, você não vai intervir.

Eu zombo dele, já endireitando meus ombros e me virando para perseguir Lou. "Eu nunca poderia prometer tal coisa, e certamente intervirei se necessário." Porque no final, importa muito pouco que os vampiros não gostem de mim, que Odessa possa ter me excluído.

Se eles estão machucando alguém neste castelo, eu vou detê-los.

Seguimos o barulho até a ala norte do castelo, rastejando até parar do lado de fora da porta de um salão muito menor e mais escuro do que o salão de baile dourado do baile de máscaras. Com certeza, uma dúzia ou mais de vampiros se misturam lá dentro. A luz de velas cintila em seus rostos adoráveis, as taças de cristal em suas mãos elegantes, de um único lustre pendurado no alto do teto arqueado e, em vez de mármore, a madeira de ébano compreende tudo, desde o piso de parquet até as paredes com painéis e a galeria dos menestréis. O quarteto

de violinistas não consegue mascarar os assobios e zombarias suaves dos convidados.

Porque no centro do salão - preso em uma gaiola de ferro - um fantasma grita e arranha seus captores.

Lou inala bruscamente, agarrando meu cotovelo enquanto ela também vê a pobre criatura.

Alguém jogou um cálice de sangue em seu rosto; O líquido escorre por suas bochechas esqueléticas em lágrimas escarlates macabras enquanto um trio de vampiros ri, atraindo-o com uma lança. Não. Tentáculos de raiva lambem minha garganta. Torturando-o com uma lança.

Eles estão torturando.

Como se percebesse a mesma coisa, Lou aperta meu braço, ou talvez ela reconheça todo o significado da situação antes de mim. Talvez ela reconheça a fita verde amarrada no pulso do fantasma, as asas de borboleta desfiadas presas em suas costas, porque ela me empurra para uma alcova sombreada perto da porta no segundo seguinte. Ela não ousa falar, no entanto. Nenhum de nós o faz - nem mesmo Dimitri, que corre atrás de nós com uma expressão vagamente doentia. Faça alguma coisa! Eu falo com ele, e Lou acena com a cabeça atentamente.

Fazendo uma careta, ele nos empurra de joelhos atrás de uma urna. Como o quê?

Uma dúzia de olhos se movem em nossa direção enquanto ele se agacha também, mas curiosamente, os outros vampiros permanecem igualmente silenciosos. Em vez disso, eles sorriem.

Sorrisos longos e afiados que levantam os cabelos do meu pescoço.

Eles vestiram o revenant como eu.

O pensamento certamente deve incitar horror. Deve despertar medo. Os vampiros são cruéis por natureza, sim, mas tal crueldade transcende os limites da violência usual - que eles enredariam e atormentariam uma criatura indefesa apenas para enviar uma mensagem é sádico. É mau. Quando outro vampiro agarra as asas do fantasma, no entanto, sacudindo seu corpo contra as barras para seu amigo esfaqueá-lo, minha visão não fica nublada de pavor, mas de raiva. Porque isso - esta é a verdade de um vampiro.

Eles não são bonitos e não são civilizados.

E eu quero machucá-los. Meu corpo inteiro estremece com o impulso. Eu quero esmagar suas flautas de cristal e arranhar seus sorrisos frios, seus olhos mais frios. Com um vitríolo mais forte do que qualquer outro que eu já senti, quero trazer a eles a dor que eles trouxeram a este revenant. Se não fosse por Lou segurando firmemente meu braço, eu iria direto para a gaiola e o soltaria

sobre todos. Eu apreciaria o banho de sangue a seguir, e...

E esse pensamento hediondo é suficiente para manter meus pés enraizados, para enviar meus olhos correndo pelo corredor em busca de Michal. Porque se alguém pode acabar rapidamente com esta soirée, ele pode.

Nenhum sinal revelador de cabelo prateado se revela, no entanto, e enquanto meu olhar desliza de volta para o fantasma, percebo que Michal não pode estar aqui. Mesmo que os participantes não tivessem vestido a pobre criatura como eu, ele nunca teria aprovado algo assim. Não. Eu lancei um último olhar arrebatador pela sala antes de mudar de rumo para Odessa, mas ela também parece estar ausente.

Minha testa franze em confusão e olho para Dimitri, que resolutamente evita meu olhar.

Para alguém determinado a excluir Lou e eu da lista de convidados, sua irmã não deveria estar aqui? A menos que ela também não soubesse dessa soirée horrível. Talvez ela simplesmente suspeitasse que os vampiros se ressentiriam do meu retorno depois da véspera de Todos os Santos, e ela me avisou para me esconder como uma gentileza. E quem são esses vampiros, afinal? Eles moram no castelo também? Talvez sejam parentes distantes, ou...

Lou cutuca minhas costelas, gesticulando em direção ao teto, e todas as desculpas que eu poderia ter dado desaparecem em um fio de fumaça. Porque - são eles.

Odessa e Michal.

Eles estão aqui.

Meio escondidos atrás da balaustrada da galeria, eles ficam presos em uma discussão acalorada, totalmente alheios à cena abaixo - totalmente apáticos - enquanto o fantasma tenta arrancar as barras de sua gaiola. Eu olho para eles com descrença abjeta, minha mente lutando para reconciliar como duas pessoas por quem eu passei a me importar poderiam ignorar tamanha crueldade em sua presença.

Não é meu trabalho controlar Yannick, Michal me disse uma vez, mas pensei...

Meu coração despenca.

Tolamente, pensei que ele poderia estar - bem, mudando de alguma forma, porque o Michal que acariciou meu cabelo naquele caixão, o Michal que arriscou sua vida na gruta, não pode ser esse Michal também. Seus olhos se estreitam para fendas brilhantes enquanto ele paira sobre Odessa. "Se você não revelar suas identidades, primo, o sangue de toda esta sala estará em suas mãos. É isso que você quer? Um massacre?"

Odessa joga a cabeça para trás e ri em resposta, mas o som carece de toda

alegria. "Que rico fingir que você se importa com essas pessoas. Agora deixe isso para lá. Ninguém trouxe um fantasma para o castelo. De acordo com minhas fontes, ele encontrou seu caminho por conta própria, e onde um vai, outros o seguirão. Esta é uma ameaça real. Se não resolvermos isso, teremos problemas muito maiores do que fitas e asas de fada..."

"Asas de borboleta", ele rosna.

Meus olhos se arregalam quando percebo o que, ou melhor, quem, eles estão falando.

As unhas de Lou mordem meu antebraço agora. Levantando um dedo para os lábios, ela balança a cabeça quando eu me movo para me levantar, seus olhos turquesa enormes e suas sardas gritantes. Até Dimitri coloca uma mão restritiva no meu ombro. Minha boca fica estranhamente seca com suas reações. Porque não temos nada a temer de Michal e Odessa, o que significa que não temos nada a temer de ninguém nesta sala. Eles só precisam - parar com isso, seja o que for, e liberar o fantasma. Ou talvez não liberá-lo, mas...

Ele estala os dentes para um vampiro que chega muito perto, e o resto deles zomba, mudando, andando de um lado para o outro de uma maneira que me lembra inexplicavelmente a gaiola que formaram na véspera de Todos os Santos. Uma gaiola na qual eles prenderam não um fantasma, mas outros vampiros, antes de rasgá-los em pedaços. Os gritos de Juliet soam em meus ouvidos com a lembrança.

E mais de um par de olhos voam para a galeria agora, rastreando cada movimento minucioso de seu rei.

"Michal." Sibilando seu nome entre os dentes, Odessa não se encolhe diante de sua audiência, ou da luz viciosa em seus olhos. Em vez disso, ela se aproxima cada vez mais. "Eu não acho que você perceba o quão precária nossa situação se tornou, então permita-me dizer claramente: se você não proteger esta ilha, outra pessoa o fará."

Sua ameaça só parece diverti-lo.

"Oh?" ele pergunta sedosamente, arqueando uma sobrancelha, e eu estico meu pescoço para olhar para Dimitri, silenciosamente implorando que ele intervenha. Por que ele não interveio? Esta é sua prima, afinal, sua irmã, sua família. "É alguém você?"

Embora a voz de Michal permaneça leve, seu porte parece escurecer com as palavras, pulsar com uma sensação pesada e indefinível de poder. De presença. Quando ele se aproxima de Odessa, ela estremece levemente como se também sentisse o peso dele. "Como você falou claramente, Odessa, permita-me falar ainda mais claramente: eu sou o rei do Requiem, e defenderei esta ilha até que a escuridão nos reivindique. Se você não concorda com meus métodos, você pode

sair - todos vocês podem sair - mas saiba disso -" Seus olhos negros se voltam para o fantasma abaixo, para os vampiros ao seu redor, que caíram sobrenaturalmente enquanto assistem. Enquanto esperam. "Quando eu descobrir quem fez isso, vou encontrá-lo e farei você esculpir uma estaca nos ossos de seus entes queridos antes de enfiá-la em seu coração."

A bile sobe na minha garganta.

Ele não deveria estar dizendo essas coisas. O clima desta sala - parece diferente do clima na véspera de Todos os Santos. Parece equilibrado na ponta de uma faca, e meu desconforto se aprofunda quando Odessa se move na frente de Michal, pisando direto na balaustrada para bloquear sua visão da sala abaixo.

Do meu ponto de vista, no entanto, ainda posso vê-lo.

Eu ainda posso vê-la também.

Dimitri. Eu imploro a ele silenciosamente, desesperadamente, mas ele vira o rosto para longe de mim. Seus dedos apertam meu ombro.

"Não podemos agir no interesse de um às custas de muitos, e não podemos - não podemos - perder a cabeça." Odessa levanta o queixo em desafio, e a emoção muito mais sombria do que a raiva se fissura atrás de seus olhos quando ela fala novamente. Emoção muito mais mortal. "Caso contrário, pode-se questionar por que você me mandou para a casa de uma bruxa em Cesarine em vez de encontrar sua própria família. Meu próprio irmão." Uma pausa amarga. "Se Dimitri não tivesse nos encontrado em Cesarine, você teria procurado por ele?"

O aperto de Dimitri fica dolorido agora. Ele ainda não interrompe, no entanto, nem mesmo quando Odessa e Michal se olham.

Naquele único olhar, algo não dito passa entre eles - um entendimento sombrio - mas desaparece rápido demais para ser seguido. "Presumi que ele estivesse morto", diz Michal, levantando um ombro descuidado. "Infelizmente, não poderíamos ter tanta sorte."

Odessa recua como se ele a atingisse.

Ao meu lado, Lou suprime um gemido enquanto vários vampiros sibilam em indignação. Pior ainda, um joga o sangue de sua taça para o alto, e ele sobe em direção à galeria em um arco magnífico, errando Odessa e respingando as botas polidas de Michal. A sala respira fundo e assustada quando Michal olha para o sangue.

Mical, não.

Ele não pode ouvir meu apelo silencioso, no entanto, e quando ele ataca, ninguém pode se mover rápido o suficiente para detê-lo. Ele simplesmente sai da galeria e aparece com a mão na garganta do vampiro ofensivo, apertando até que os olhos deste último se arregalem. Cada fio de cabelo do meu corpo se ergue, e

minha intuição grita com a reação de Michal - não apenas a violência, mas também outra coisa, algo crítico que não consigo ver ou explicar. Eu só posso sentir isso. Toda essa situação - não faz sentido. Não pertence, não se encaixa, e Mical não defendeu seu primo apenas algumas horas atrás? Ele não pediu a Odessa que falasse com ele, que ouvisse sua explicação? Ele parece diferente agora, ele disse a ela. Ele parece melhor.

No entanto, mesmo quando essa sensação bizarra de erro se espalha, a atmosfera na sala muda novamente. Ele se enrola como uma serpente na grama, e Mical ainda não percebeu o perigo.

Ele ainda aperta a garganta do homem lentamente. Muito devagar. "Você se esquece de si mesmo, Léandre."

"Pare com isso de uma vez." Quando Odessa se materializa atrás dele, não reconheço a luz ardente em seus olhos. Errado! Minha mente grita a palavra, e isso - isso já foi longe o suficiente. Alguém deve agir. Quando me movo para me levantar desta vez, no entanto, o cheiro acre de magia rasteja ao meu redor, me prendendo. Eu não posso falar. Eu não posso me mover. O que está acontecendo? Embora eu olhe para Lou em uma acusação furiosa, ela apenas balança a cabeça, agarrando-se à consciência enquanto desliza pela parede. Suas pálpebras tremulam quando Odessa retruca: "Pare com isso agora. Você é aquele que se esqueceu de si mesmo, Mical, não dele.

O vampiro engasga e agarra a mão de Michal. "É mesmo?" ele pergunta baixinho.

"Você realmente não consegue ver?" Odessa abre os braços para abranger tanto o vampiro gaguejante quanto a multidão inconstante. "Suas prioridades mudaram claramente..."

Ele rosna com isso. "Não culpe Célie por isso."

"Oh, isso começou muito antes de você se apaixonar por um humano." Ela cospe o último como um insulto, e eu momentaneamente paro de lutar contra o encantamento de Lou, atingido. "Isso começou com o assassinato de Mila. Durante séculos, esta ilha tem sido nosso segredo mais zelosamente guardado, mas por causa de você - por causa de sua obsessão por essas mulheres - o mundo nos encontrou. Os caçadores virão. Talvez não hoje, talvez não amanhã, mas eles acabarão reunindo coragem. Eles trarão sua prata e seu ódio, e virão." No silêncio tenso que se segue, o fantasma ataca, pegando o vampiro mais próximo de surpresa e afundando seus dedos esqueléticos em seu pulso. Ela sibila de dor antes de quebrar o braço. Os lábios de Odessa se curvam. "E os fantasmas já estão aqui."

Mical inclina a cabeça, considerando-a. Considerando todos eles.

Eu retomo minha luta desesperada, implorando a Lou com meus olhos para

me libertar. Implorando Dimitri. Porque o que Odessa disse - nem tudo é verdade. Eu disse a ela que não era verdade. Os fantasmas se levantaram, sim, mas os Les Éternels não têm nada a temer se agirem com discrição; se eles permanecerem em sua ilha e se alimentarem com consentimento, Jean Luc nunca liderará os Chasseurs aqui. Ele não terá motivos para fazê-lo, exceto por - bem -

A verdade disso amanhece lentamente, suavemente, como se até meu subconsciente estivesse esperando que eu percebesse.

Exceto por mim.

Fui eu quem o atacou. Fui eu quem provocou uma resposta. Fui eu quem revelou o segredo de Les Éternels, de Requiem, de prata, e fui eu quem obrigou Michal a fazer sua estreia no mundo no mês passado. A tensão nesta sala - a violência - pertence exclusivamente a mim, mas. . . o que mais eu deveria ter feito? O que Mical deveria ter feito? Estávamos tentando pegar um assassino, tentando proteger o inocente e vingar sua irmã e...

Meu olhar desliza de volta para o rosto lindo e letal de Odessa. Se Dimitri não tivesse nos encontrado em Cesarine, você o teria procurado?

Odessa deixou de lado suas convicções pessoais para seguir a liderança de Michal. Ela deixou de lado seu desespero com a sede de sangue e a traição de seu irmão por causa do Requiem - porque Dimitri era perigoso, porque ele se aliou a Frederic.

Por fim, Michal liberta o vampiro, que se amontoa a seus pés. "O que você está dizendo, primo?" Embora suave, sua voz corta claramente o silêncio da sala. Sombras cobrem metade de seu rosto. "Você me desafia?"

Odessa olha para ele. Seus olhos brilham como facas e suas mãos tremem. "Eu não quero isso."

"Você tem certeza?" Michal se aproxima, ainda inclinando a cabeça. "Claramente, você não está sozinho em seu descontentamento. Você não planejou esse estágio exato, esse momento exato em que me convidou para cá?" Ela não diz nada, e quando ele sorri, um calafrio físico varre o corredor; levanta o cabelo do meu pescoço e eu me debato com mais força contra o encantamento. Por favor, Lou. Nem mesmo um dedo se contorce com a minha luta. Por favor, deixe ir-

"E, no entanto, eu pergunto a você", continua Mical, "quem o protegeu todos esses anos? Quem providenciou?" Embora seu olhar não se desvie de Odessa, ele aperta as mãos atrás das costas e se dirige à sala. "Caçadores, fantasmas - eles são apenas um momento fugaz, e nós somos eternos. Deixe-os vir. Eliminaremos essa ameaça como eliminamos todas as outras."

Odessa, no entanto, não cede. "Célie não ficará conosco quando os caçadores vierem. Você está realmente disposto a eliminar todas as ameaças?"

"A meu ver", diz Michal friamente, "a maior ameaça diante de nós agora é você."

Tudo se aquieta com as palavras. Todo mundo se acalma.

Embora eu ainda me esforce para me mover - me esforce para falar, me esforce para gritar e me jogar entre eles - permaneço imóvel, preso neste momento horrível como se estivesse flutuando em um sonho. Parece surreal. Não pode estar acontecendo. Eu me recuso a reconhecer o ódio no olhar de Odessa enquanto ela olha para seu primo, o desgosto no seu próprio quando Michal balança a cabeça, zombando e se afasta.

"Como eu pensei", diz ele em despedida.

E ela ataca.

Mergulhando a mão em sua cavidade torácica, ela agarra seu coração, e ele se vira - confuso - enquanto sua boca se abre em um jorro chocante de escarlate. Não. A descrença inunda meu sistema em uma onda impressionante, mas Odessa não para. Ela não vacila. Com um rápido giro de seu pulso, ela empurra para fora com a mão livre, e os vampiros se espalham em pânico cego quando o corpo de Michal se choca com eles. E talvez eu esteja gritando agora, gritando e gritando enquanto o mundo se inclina abaixo de mim, enquanto ele se choca contra a parede no canto mais distante da sala, desmaia e não se move mais. Isso não pode ser real. Eu me agarro às palavras, me agarro mais forte a Lou, cujo corpo inteiro treme enquanto ela sussurra freneticamente em meu ouvido. Isso não pode estar acontecendo. Levante-se, Mical. LEVANTE-SE—

"Ele não vai se levantar de novo, Célie", diz Odessa baixinho e, para meu horror, percebo que falei as palavras em voz alta; O encantamento de Lou finalmente se quebrou. Ainda assim, não me movo, no entanto, paralisado de medo enquanto Odessa olha diretamente para mim. "Longue vie à la reine."

Capítulo Dezoito

O rei está morto

Viva a rainha.

As palavras pairam no silêncio do corredor por um único momento - ou talvez por toda a eternidade - enquanto o tempo parece parar, e eu olho para o canto onde Michal está sozinho e ligeiramente caído, escondendo o buraco em seu peito como se ainda se recusasse a mostrar qualquer sinal de fraqueza. Ninguém se move para inspecionar seu corpo. Ninguém comemora sua queda abrupta e trágica, ou mesmo fala. Os vampiros que sibilaram e zombaram apenas alguns segundos atrás congelaram ao redor do perímetro da sala, meio agachados e escondidos na sombra, sangue pingando das flautas quebradas em suas mãos. Aturdido. Apavorado. O aperto de Dimitri agora machuca meu ombro, e Lou luta para respirar, tenso como se estivesse se preparando para fugir.

Espera.

Estamos todos esperando, até mesmo eu - especialmente eu, esperando e esperando que algo aconteça, que Michal se levante e nos olhe com aquele olhar frio e penetrante, para zombar de nós por aceitar sua morte tão facilmente. A qualquer momento, ele vai arrancar seu coração de Odessa e deslizá-lo de volta em seu peito antes de quebrar seu pescoço em dois. Ele vai jogá-la na gaiola do revenant com Léandre, e ele vai nos forçar a assistir enquanto a criatura rasga os dois em pedaços. Porque ele é Michal Vasiliev.

Centenas o desafiaram em seu reinado de mil anos, mas ele permanece sozinho - a própria Odessa não falou essas palavras antes da véspera de Todos os Santos? Aqui há apenas escuridão, e a escuridão é eterna.

Dormência rastejante se espalha pelos meus membros enquanto eu o observo agora, desejando que seu corpo se levante.

Qualquer segundo.

Quando Odessa deixa cair seu coração, no entanto, ele atinge o chão de parquet com um baque doentio e mundano.

E algo se rompe dentro de mim.

Cambaleando-me de pé, eu jogo a mão de Dimitri para o lado e corro pela sala, contornando a gaiola do fantasma e derrapando até parar quando Léandre

se levanta para me encontrar. De repente - como outro feitiço quebrando - todos os outros se movem também. Vampiros disparam das sombras como baratas, alguns desaparecendo pela porta e outros pululando para Odessa, enquanto Lou aparece no meu ombro. Eu rezo para que ela não comece a sangrar novamente. "Célie..."

"Ele está MORTO!" Gritos ecoam pelos corredores agora - guinchos e gritos desumanos - ricocheteando nas paredes com uma espécie de alegria selvagem, de raiva, de descrença até que todo o castelo pareça vibrar com as notícias calamitosas, até que as ruas abaixo também estejam repletas delas. "O rei está morto!"

Morto! Morto!

O rei está morto!

"VIVA A RAINHA!"

"Viva a rainha!" Um vampiro perto de nós grita as palavras, gargalhando descontroladamente enquanto abre a gaiola do fantasma, e a criatura alada se lança no meio da sala, estalando e rosnando - afundando os dentes profundamente no pé de Léandre - antes de correr pela porta e desaparecer de vista.

Odessa olha para ele com os olhos arregalados. "Foda-se."

Viva a Rainha! VIVA A RAINHA!

"Isso é ruim." Lou agarra minha mão e volta ao redor da gaiola agora vazia, seus olhos disparando freneticamente em busca de uma fuga. "Isso é muito ruim. Isso não deveria acontecer como..."

"Paxá! Ivan!" Odessa estala os dedos ainda ensanguentados, e Pasha e Ivan tentam se separar das dezenas de guardas que entram na sala, cada um adornado com seus uniformes escuros e brasões dourados - exceto que não é mais o dragão e a cruz. Agora duas raposas dançam em torno de um pilar de chamas com palavras que não consigo ler, e a percepção amanhece rapidamente, intoleravelmente, doentia em todos os sentidos. Isso foi planejado. Levantando a voz sobre o tumulto, Odessa empurra as mãos em direção à porta e se contorce para ver Pasha e Ivan no meio da multidão, mas Dimitri aparece em seu cotovelo. "O fantasma!" Ela o empurra em direção à porta, em pânico. "Pegue! Não o deixe escapar!"

Com um rápido aceno de cabeça, ele corre atrás dele e - e ele também sabia. Ele deve ter sabido, o que significa tudo o que ele disse na gruta -

Tudo isso foi planejado.

"Ele está MORTO!"

"Morto."

"O rei está morto!"

A mão de Lou fica escorregadia na minha. "Precisamos sair daqui. Agora."

Atrás de Odessa, um vampiro de rosto pálido rastreia seus movimentos com intensidade predatória. Ela não o notou. Em meio ao caos, ninguém o notou, mas quando ele ataca - atacando sua garganta - Odessa grita e gira, decapitando-o com um único golpe de sua mão. Seus olhos brilham de indignação. "Como você ousa? Já se passaram trinta segundos neste regime..."

Rosnando pela sala, Pasha e Ivan abriram caminho em sua direção, e eu...

Eu corro para o corpo de Michal.

Os amigos de Léandre descem depois de dois passos, no entanto, formando um círculo sinistro ao redor de mim e Lou. Desesperado agora, eu me esforço para ver através das lacunas em seus corpos elegantes, procurando por qualquer oportunidade de rompê-los. Porque devemos chegar a Mical antes que eles o façam. Devemos - ajudá-lo de alguma forma, protegê-lo, embora meus pensamentos deslizem descontroladamente em como fazer qualquer uma dessas coisas quando ele - quando ele parece tão -

Morto! Morto!

O rei está morto!

O chão começa a se inclinar, e o sangue ruge em meus ouvidos enquanto Lou pressiona suas costas contra as minhas. Podemos estar em menor número, em desvantagem, mas ela não vai me deixar; Eu também não vou deixá-lo. Uma pressão furiosa aumenta atrás dos meus olhos enquanto os gritos do lado de fora aumentam. Lou está certo, isso não é bom, mas vou chegar a Michal. Se isso me matar, arrastarei seu corpo deste lugar, e vou - meu peito estremece - vou enterrá-lo. Ninguém merece morrer sozinho no canto, mas especialmente Mical. Não ele. Eu engasgo com outro soluço, correndo para frente, recusando-me a ceder, mesmo quando os vampiros bloqueiam meu caminho, sibilando e olhando de soslaio em antecipação. Por favor, não ele.

"Olha como ela treme." Os olhos de Léandre brilham de fervor quando ele desce da gaiola acima. Deliberadamente gentil, ele pega meu queixo em sua mão, guiando meu olhar para longe de Michal com a facilidade e o direito de um aristocrata. Abaixo de nós, o chão se inclina novamente, e eu agarro seu pulso para me firmar. Ele levanta as sobrancelhas douradas com um sorriso condescendente. "Oh, como você é pitoresca, Célie Tremblay. Que lindo. Por fim, encontramos o animal de estimação humano de Michal - embora não seja mais tão humano, não é, meu doce? Ainda está aprendendo a ser um vampiro, certo?" Ele vira meu rosto para um lado e para outro, examinando-o de todos os ângulos antes de exercer a menor pressão no meu queixo. Eu levanto obedientemente até os dedos dos pés, onde posso ver o corpo de Michal por cima do ombro. Eu posso ver Michal.

Aquele soluço sobe mais alto na minha garganta.

"Ahh, submissa também! Acalme-se meu coração frio e morto. O suspiro melancólico de Léandre desmente o brilho maligno em seus olhos. Ele me lembra os vampiros no aviário - bonitos e elegantes enquanto discutiam a melhor forma de dividir meu corpo entre os quatro. Eu não sou mais humano, no entanto, e meu corpo não treme mais de medo. Agora treme de raiva - uma raiva tão potente, tão mordaz, que quando Odessa olha em nossa direção, ainda cercada por guardas e foliões, encontro seu olhar de cabeça. Deixe-a me ver, eu penso selvagemente. Deixe-a ver o que está por vir.

Sua testa franze levemente com a minha expressão. Um lampejo de desconforto.

Bom.

"Oh, querida." Franzindo os lábios em preocupação, Léandre enxuga as lágrimas de onde elas escorrem pelo meu rosto. "Oh, seu pobre coitado. Você precisará de proteção se quiser ficar em Requiem."

"Ela tem." Mostrando os dentes em um sorriso feroz, Lou levanta as mãos, e o mais próximo dos amigos de Léandre estremece e se afasta da luz que brilha na ponta dos dedos. Embora eu veja a tensão em seus ombros - o grande esforço necessário para permanecer imóvel, ereto - os outros não. Ainda sem sangue. "Eu sugiro que você a deixe ir agora, Leopold, e nos separamos como amigos improváveis."

Sua cabeça se contorce de irritação. "Léandre."

"Não é uma melhoria", Lou garante a ele.

Morto! Morto!

O rei está morto!

As palavras ainda soam no ar como um grito de guerra, e talvez sejam; Afinal, este foi um golpe - um golpe triunfante - e em toda a ilha, seus cidadãos estarão inundando as ruas para lutar, festejar ou lamentar porque seu rei está morto. Michal está morto.

Eu ajo sem pensar. Eu ajo antes mesmo de Lou ou Léandre perceberem que eu me movi, estalando seu pulso e saboreando o estalo horrível de seus ossos entre as palmas das mãos. A surpresa surge brevemente com ele - porque era fácil, muito fácil - e Léandre me solta com um uivo de raiva. Como se eu tivesse deixado meu corpo completamente, sinto-me me mover ao redor dele, deslizando entre dois de seus amigos...

Um deles agarra meu colarinho, meu pescoço, e a dor irrompe pela minha espinha enquanto ela me puxa para trás. Amaldiçoando violentamente, Lou pula para incinerar seu braço, mas Odessa se materializa mais rápido do que ambos, sua expressão brilhando com o caos que se desenrola em sua corte. "Deixe-a ir",

diz ela bruscamente para o meu captor, uma mulher de cabelos ruivos flamejantes que olha para Léandre pedindo permissão. Os olhos de Odessa se estreitam.

Ignorando-a, ele mostra um sorriso selvagem em minha direção. "Você vai se arrepender disso, querida."

Eu levanto meu queixo e olho de volta para ele.

"Chega, todos vocês." Odessa passa por nós para o centro do círculo. Embora Pasha e Ivan se movam para seguir, removendo Léandre corporalmente, ela os interrompe com a mão curta. "Você parece ter confundido minha empatia por sua situação com Michal como permissão para fazer o que quiser. Isso não poderia estar mais longe da verdade."

"Não poderia?" Embora Léandre mostre suas presas, ele não se atreve a atacá-la com uma horda de sentinelas em suas costas. Em vez disso, ele olha para mim com raiva e desejo indisfarçáveis. "Você ainda não a está protegendo, assim como seu primo antes de você?"

"Isso não tem nada a ver com Célie", diz Odessa com uma voz impaciente, "e tudo a ver com seu mestre. Tente pensar, Léandre, não vai? Ela é uma Noiva da Morte. Seria tolice ao extremo provocá-lo atacando-a. Ela agarra o vampiro de cabelos flamejantes pelo ombro, acrescentando: "E se você continuar a me ignorar, querida Violette, vou arrancar este braço de sua órbita e usá-lo para esfolá-lo na rua durante minha procissão. Nós nos entendemos?" Seu aperto no braço de Violette aperta e, lentamente, a contragosto, Violette solta meu pescoço. "Bom. Muito bom. Agora..."

Lançando um olhar enojado ao redor da sala, ela sobe a gaiola no segundo seguinte, subindo sobre a multidão para ficar de pé e orgulhosa diante deles em cima das barras de ferro. De alguma forma, mais vampiros se juntaram à briga; eles se espalham pelo corredor, serpenteiam pelos guardas, mas todos eles - todos eles, mesmo os mais velhos, os mais sujos - evitam o canto de Michal como se estivesse doente. Mantendo um olho em Léandre, eu rastejo em direção a ele.

Odessa aperta as mãos enquanto examina o salão, e o gesto é tão dolorosamente familiar que eu me lanço para frente, tropeçando um pouco, e me pego no braço de Pasha. Ele não fala comigo, também não me impede, em vez disso, me desvia em direção a Michal enquanto Odessa fala com uma voz clara e retumbante: "Chegou a hora, queridos, de colocar nossa casa em ordem. Não somos crianças" - ela mergulha a cabeça na gaiola embaixo dela - "e não precisamos de brinquedos. Somos vampiros, e qualquer um que não possa se comportar adequadamente perderá o privilégio desta ilha.

Embora estrondos e gritos ainda ecoem das profundezas do castelo - e uma

música estranha se desenrola da Cidade Velha - todos os vampiros ao alcance da voz ficam parados com suas palavras. Depois de tanta comoção, esse silêncio parece antinatural, até mesmo opressivo, enquanto centenas de olhos predatórios olham para ela sem piscar.

Exceto o meu.

Eles não se fixam em Odessa, mas no homem caído no canto da sala. Linda e terrível e sozinha.

Michal.

Caindo de joelhos ao lado dele, eu puxo seu corpo para o meu colo, e seu peso pesado parece tão real, tão sólido e austero em meio à qualidade onírica desta noite; se não fosse pela lavagem de escarlate em seu queixo e buraco não natural em seu peito, eu poderia imaginar que ele está simplesmente dormindo. Minhas lágrimas caem mais grossas agora. Rápido. Eles mancham sua bochecha antes de escorrer por sua mandíbula e desaparecer em seu casaco de couro.

Eu nunca perguntei a ele como dormir. O pensamento é bizarro, indesejável, mas atinge como um raio enquanto eu o seguro, enquanto olho avidamente para os planos suaves de seu rosto. Apenas uma vez eu vi assim, diante dos horrores da gruta - relaxado e imperturbável, completamente em paz. Eu aperto sua cintura com mais força, balançando-o levemente, odiando as palavras e a mentira. Em paz. Como se alguém pudesse encontrar paz depois de uma morte tão violenta e inesperada. Seu primo arrancou o coração do peito. O buraco ainda está lá - olhando para mim - e - e eu nunca perguntei a ele sobre filofobia também, ou onde ele mais gostaria de visitar no mundo. Por que ele visitou Les Abysses tantas vezes e o Paraíso apenas uma vez? Seus pais o deram o nome de alguém? Um ente querido?

Mical já esteve apaixonado?

Embora Odessa afirmasse que me amava, ela também arrancou seu coração um momento depois, e eu - eu não sei o que fazer com nada disso. Traçando suas sobrancelhas com meus dedos, eu memorizo seu rosto. Eu nem sei como os vampiros honram seus mortos - se é que honram seus mortos. Não sei o que Michal planejou para si mesmo, e o mais provável que o faça é o vampiro que o matou.

Você nunca perguntou, ele me disse, e agora eu nunca posso.

De alguma forma, sempre parecíamos falar sobre mim - sobre meu passado, minha irmã e meus pais. Seus pais ainda estão vivos? Ele transformou seu pai e madrasta como ele virou Mila? Mas - não. Mesmo enquanto meus olhos correm pelo corredor, procurando pedaços de seu rosto, lembro-me da voz arrogante de Odessa: em toda a sua existência, ele gerou apenas sua irmãzinha ingrata. E ela o odiava por isso.

Como vou contar a ela?

Eu ouço em vez de ver Lou se mover atrás de mim, bloqueando-nos de qualquer um que possa estar assistindo. Eu ouço Odessa também - sua voz, se não suas palavras - e a procissão se reunindo no saguão de entrada vários andares abaixo. A música estranha sobe mais alto da Cidade Velha, ficando mais selvagem, menos inibida. A música é para comemorar a ascensão de Odessa ou a queda de Michal? Eu não sei - eu não sei - e eu gostaria que alguém me dissesse o que fazer -

Espontaneamente, meu olhar se fixa em Pasha e Ivan, que estão abaixo de Odessa em frente à jaula. Enxugando lágrimas frescas de minhas bochechas, eu as estudo com crescente inquietação.

Então eu me sento ereto.

Instantaneamente, Lou se agacha ao meu lado, seus olhos arregalados enquanto procura os meus. Eu agarro sua mão, aterrorizada e presa sob Michal, murmurando, Minha mãe.

Minha mãe ainda está no castelo.

A última cor de Lou escorre de seu rosto, e ela também se vira - tropeçando um pouco - para olhar para Pasha e Ivan, que deveriam estar montando guarda do lado de fora do nosso quarto. Pasha e Ivan, que deixaram minha mãe humana sozinha e indefesa em meio a uma horda de vampiros. Oh Deus. Oh Deus, oh Deus, oh Deus—

Apertando minha mão em segurança, Lou se levanta e as luzes na ponta dos dedos se acendem enquanto ela estremece com a respiração. Enquanto ela se recompõe. Enquanto ela desliza pela multidão em direção à porta. Vários a observam partir, suas cabeças girando lentamente, seus olhos brilhando como animais no escuro. Eles querem segui-la. Eles sentem o cheiro de seu medo - eles o provam em suas línguas - e esta noite, eles querem abandonar toda cerimônia e sucumbir aos seus instintos primitivos. Tão rapidamente quanto o desejo aumenta, no entanto, eles parecem perceber que Lou não é frágil ou fraco; ela não é presa. Ela conseguiu enganá-los, e nem um único vampiro se move para seguir La Dame des Sorcières enquanto ela desaparece no corredor. Um alívio horrível surge enquanto eu a ouço correr pelo corredor, virar à esquerda, à direita e descer um lance de escadas sem encontrar uma única alma.

Lou vai proteger minha mãe. Ela vai escondê-la, e os dois sobreviverão à noite.

Ainda assim, um arrepio de antecipação percorre a sala quando Odessa finalmente desce da gaiola de ferro, e sentinelas caem de ambos os lados dela para iniciar a procissão - e embora eu não saiba nada sobre Requiem e seus rituais, eu conheço vampiros. Eu sei que a verdadeira folia está prestes a

começar.

Muitos morrerão esta noite.

Só posso rezar para não ser um deles.

Eu afasto uma mecha solta do cabelo prateado de Michal de sua testa, e eu o seguro mais perto enquanto Odessa conduz seus cortesãos e sentinelas para fora do salão. Talvez ela tenha se esquecido de mim. Talvez todos eles tenham se esquecido de mim, mas por que Deus responderia à oração de um vampiro? Ele nem mesmo nos permite dizer Seu nome. Com certeza, Léandre e a vampira de cabelos flamejantes, Violette, hesitam na gaiola de ferro para olhar para mim. "Mais tarde," ela canta com seu assobio suave. "Vamos encontrá-la mais tarde."

"Você não vai." Agarrando seu braço, Ivan a reboca para fora da porta. "Você ouviu nossa rainha."

"Ela ainda tem uso para a Noiva." Pasha algema Léandre na cabeça quando ele rosna. "Você não vai interferir."

"De que adianta?" Léandre retruca, mas Pasha não responde, em vez disso, empurra-o atrás dos outros e remove uma chave do bolso do peito. Ele se vira incisivamente para me encarar.

"Fique", ele avisa. "Sua Majestade voltará para buscá-lo ao amanhecer."

Voltarei para buscá-la ao amanhecer, Célie.

Com o rosto amassado, pressiono minha testa contra o ombro de Michal enquanto suas palavras anteriores ecoam pela sala vazia. Enquanto Ivan fecha a porta com um clique definitivo e enfia a chave nos copos, trancando-me dentro e deixando-me sozinho com o cadáver do meu sequestrador, meu protetor.

Meu amigo.

Capítulo Dezenove

Flores de urze

Não sei quanto tempo fico sentado naquele canto com Michal, meus olhos inchados e meu rosto molhado. O tempo perde todo o significado. Distância também. Embora eu concentre meus sentidos na ala leste com frequência, não consigo dizer quantos momentos se passam entre cada trecho. Eu sei que minha mãe permanece segura, no entanto.

Lou trancou a porta com magia e lançou toda a sala em um silêncio estranho, mas ainda posso ouvir minha mãe exigindo sair - exigindo me encontrar, exigindo convocar Jean Luc e arrasar toda esta ilha. Fecho os olhos contra o som fraco e ecoante de sua voz, inalando profundamente e memorizando Michal: aquele cheiro rico e decadente de seu sangue, o couro amadeirado de seu sobretudo. Ambos se misturam com a mordida persistente da magia de Lou.

Uma dor surda pulsa pela minha garganta, atrás dos meus olhos, e eu me pergunto novamente - pela milésima vez - por que ela me impediu de intervir. Lou realmente o odiava tanto? Ela realmente queria que ele morresse, ou não achava que Odessa era capaz de cometer um ato tão hediondo?

Quando a maçaneta chacoalha, eu fico tenso, mas quem quer que seja não para para investigar a porta trancada, em vez disso, segue seu companheiro até o hall de entrada. Além disso, as ruas sucumbiram à completa devassidão. Embora a música misteriosa continue da Cidade Velha, o tom mudou desde que Odessa e sua comitiva fizeram sua estreia; as cordas agora gritam como serras, e os tambores batem em um ritmo violento e desconcertante. Eu luto para não ouvir - não para examinar o silêncio entre as batidas dos tambores ou os gritos abruptos e horripilantes.

A certa altura, pensei ter ouvido o grito jubiloso de Monsieur Marc, mas rapidamente enterrei meus ouvidos em minhas mãos.

Se não fosse por Lou e Dimitri, eu poderia ter evitado tudo isso. Senti a mudança no ar antes de Odessa matar Michal. Eu sabia, de alguma forma, que desta vez era diferente, que ele estava em perigo real. Eu poderia tê-lo salvado.

Ela estava apenas tentando protegê-lo, diz uma pequena voz da razão. Eles teriam te despedaçado também.

Mas eles não o fizeram. Meus olhos se abrem quando outra onda de fúria toma conta de mim. Eles não nos machucaram - eles ignoraram Dimitri e temiam Lou demais para atacar quando ela fugiu do corredor em busca de minha mãe. E apesar de toda a sua postura, Odessa se recusou a deixar Léandre me tocar também. Se ao menos tivéssemos agido em vez de nos agacharmos atrás daquela urna, poderíamos ter sido capazes de evitar essa violência sem sentido. Agora o coração de Michal está fora de seu corpo, horrível e assustador no chão, meio escondido nas sombras de uma gaiola.

Seu coração.

Embora eu sinta isso lá, não consigo olhar para ele - nem mesmo reconhecê-lo - e também não posso tocá-lo. Não posso devolvê-lo ao seu corpo. Essa fúria aumenta com a admissão, e eu me odeio por ter tanta fraqueza. Tanto medo. Eu sou o pior tipo de covarde e falhei com ele em todos os sentidos. Michal, que nunca me falhou uma vez. Michal, que saiu do mar com uma faca no peito quando precisei dele. Michal, que correu em minha direção - em minha direção - quando confrontei a própria Morte.

Ele merecia muito mais do que isso. Ele merecia muito mais do que eu.

Lembro-me de seu aceno desdenhoso em Les Abysses quando o acusei de planejar mutilar meus entes queridos. Todo relacionamento tem problemas.

Concentrando-me na memória, eu separo seu casaco de couro e permito que um arrependimento amargo flua através de mim; Eu me concentro em seu peito vazio, e eu deslizo pelo véu para procurá-lo, apenas no caso. Nenhuma forma prateada aguarda, no entanto. Onde quer que sua alma tenha ido, ela não está aqui, e a neve cai suavemente sobre a urze ao redor de seu cadáver. Eu franzo a testa ao ver as pequenas flores roxas. Eles crescem direto do piso de parquet preto e do peito de Michal - minha carranca se aprofunda. O buraco desapareceu, a pele ali quase brilhando de vitalidade. Estranho.

As lágrimas congelam em minhas bochechas quando olho para a gaiola, onde mais urze rasteja sobre seu coração.

"Michal?" Sussurro com a voz, eu o sacudo levemente, mas seus olhos permanecem fechados. "Você pode me ouvir?"

Espero mais um longo momento para que ele responda. Quando ele não o faz, lágrimas frescas escorrem pelo meu nariz e eu volto ao reino dos vivos, olhando para o buraco onde seu coração deveria estar - escuro e fora do lugar contra seu amplo peito de alabastro. E eu não posso consertar isso. Não posso consertar nada disso, mas sei que não posso ficar esparramado neste chão para sempre. Mais cedo ou mais tarde, o sol nascerá e, com ele, Odessa retornará com seus planos nefastos.

Ela pode engasgar com eles, por tudo que me importa.

A menos que a fechadura da porta tenha sido reforçada por magia, ela não pode me segurar.

Se Lou ainda pode camuflar uma sala inteira, ela também pode nos camuflar. Posso obrigar os marinheiros necessários no porto e podemos navegar de volta para Cesarine - ou para Chateau le Blanc. Odessa não ousaria nos perseguir até o coração do território das bruxas. Seria o porto seguro de que precisamos para traçar nossos próximos passos, para nos reagruparmos. Poderíamos pesquisar fantasmas em sua grande biblioteca. Poderíamos começar nossa busca pela Morte e minha irmã poderia esperar lá pelo relatório de Mila. Poderíamos levar Mical conosco.

Poderíamos espalhar suas cinzas em algum lugar pacífico.

Eu aperto suas lapelas até meus dedos doerem, imaginando o bosque de pereiras no inverno - a beleza austera da neve em seus galhos espectrais. Ele gostaria que estivesse lá. Ainda não consigo me mexer. O instante que eu faço é o instante em que esse pesadelo se torna real, e - e alguém pode queimar um vampiro para espalhar suas cinzas? Cada vez que vi um vampiro encontrar a verdadeira morte, seu corpo se transformou em - para -

A realização colide comigo com a força de um aríete. Isso me deixa tonto, tonto, enquanto me sento ereto e olho para o buraco no peito de Michal.

Seu peito de alabastro perfeito.

Nem um centímetro dele ressecou e, de acordo com todos, Michal se tornou um vampiro há muito tempo. Na morte, seu corpo não deveria ter retornado à sua verdadeira idade como o de Yannick e Juliet? Não deveria ser uma casca murcha? Eu estendi minhas mãos sobre seus ombros com energia fervorosa, deslizando-as por seus braços e sentindo a contradição. Embora talvez frio ao toque, seu corpo permanece duro e poderosamente construído, vivo - e o cheiro da magia de Lou não deveria ter desaparecido agora? Meus dedos se enrolam quase brutalmente em seus bíceps. Talvez uma bruxa tenha forçado a fechadura da porta, ou talvez - talvez a morte tenha mudado desde que a Morte literal atravessou o véu. Talvez Mical esteja morto, e isso é apenas - é assim que a morte se parece agora. Talvez flores cresçam sobre todos os vampiros no reino espiritual.

Eu escovo a mão sobre seu peito, e o cheiro de magia flutua com o movimento.

Ele flutua da ferida.

Sem tomar a decisão consciente, eu deslizo para fora de debaixo dele e disparo em direção ao seu coração. Risadas insidiosas sobem pela minha garganta, mas não me atrevo a soltá-las. Ainda não. Porque se eu estiver errado —

Não.

Não consigo pensar nisso, nem sequer considero a possibilidade. Porque Lou nunca teria me controlado com sua magia de outra forma. Pasha nunca teria me deixado sozinho sob uma simples fechadura e chave, e Odessa - Odessa. Quase engasgo com o nome dela, lembrando-me daquela luz ardente em seus olhos e de sua insistência - não, seu desespero - para que eu permanecesse no meu quarto. Ela e Dimitri não queriam que eu visse. Por alguma razão, eles não queriam que eu soubesse que ela estaria arrancando o coração do peito de Michal como as cordas dos violinos do lado de fora.

Eu o pego das sombras sem hesitação agora; qualquer medo que eu possa ter sentido se transformou em algo completamente diferente, e eu o embalo cuidadosamente entre as palmas das mãos enquanto corro de volta para o lado dele. "Michal, seu," eu digo sem fôlego.

Antes que toda a teoria possa entrar em colapso, eu mergulho seu coração de volta em seu peito.

Por um momento, nada acontece.

Nada acontece, e eu posso ouvir cada uma das minhas próprias respirações irregulares no silêncio. O cheiro de magia permanece espesso e afiado no ar - mais afiado agora do que antes - enquanto eu forço seu peito de volta e fecho a ferida. Por favor. A quem eu oro, eu não sei, pois Deus certamente não mancha suas mãos com vampiros mortos e magia de bruxas, mas eu ainda o faço. Eu oro. "Acorde," eu sussurro ferozmente. "Acorde, Michal, ou eu vou segui-lo através desse turbilhão e encontrá-lo. Vou arrastar sua alma de volta para esta sala suja ou... ou pior, vou ficar. Você nunca conhecerá um momento de paz porque eu estarei onde quer que você esteja também, importunando você e importunando você e nunca respondendo a nenhuma de suas perguntas. Quantos eu devo a você agora? Seis?"

Eu respiro fundo, os dedos tremendo, enquanto as bordas de sua pele tentam se unir.

"E esses são apenas de uma conversa de dez minutos." Eu pressiono as bordas com mais força, segurando-as, mas essa ferida parece grande demais para seu corpo curar por conta própria. "Imagine quantos eu vou acumular durante uma eternidade de..."

"Eu não preciso imaginar."

Michal tosse, suspira, e eu sorrio para ele através de uma névoa de lágrimas enquanto todo o seu corpo estremece. Eu quase deito em seu peito agora em um esforço para fechar a ferida, como se a força da minha vontade por si só pudesse fazer a diferença, mas ele não parece se importar. "Célie." Rindo baixo, ele circula meus pulsos com os dedos, calmando suavemente meus esforços. Não

posso evitar - lágrimas frescas ardem no meu nariz enquanto nos encaramos. Sua testa franze. "O que você está fazendo aqui?"

"Seu idiota insuportável." Eu algemo seu braço levemente enquanto uma dessas lágrimas escorre pela minha bochecha. "Como você pôde fazer algo assim? Como você pode ser tão estúpido?"

"Eu disse que iria buscá-lo ao amanhecer."

Confuso, ele observa o progresso da lágrima antes de franzir a testa e levantar a mão para enxugá-la. Ele faz uma careta com o movimento e, juntos, olhamos para o buraco em seu peito, que a magia de Lou ainda não curou.

"O que fazemos?" Pergunto em voz baixa.

Ele ainda está deitado de costas, e eu ainda me inclino sobre ele, pressionado muito perto e provavelmente coberto de sangue novamente. Sua cabeça cai no chão de parquet com um baque oco. "Eu preciso de sangue", diz ele simplesmente.

"Oh." Eu aceno com a cabeça apressadamente. Oh Deus. "Oh, certo..."

"Não há necessidade de parecer tão assustado, bichinho." Ele faz uma careta novamente, os dedos explorando a bagunça mutilada de seu peito, antes de lutar para se sentar sobre os cotovelos. "Arielle está esperando por mim no quarto de Odessa."

"O quê?" Eu resisto à vontade de franzir a testa, ajudando-o a se levantar e ignorando o aperto agudo no meu estômago. "Mas - você está destinado a estar morto. Odessa deveria ter matado você. Não é bastante perigoso trazer Arielle para o subterfúgio também - para vocês três? Er, isso é... " Meus olhos se arregalam com a possibilidade repentina. "Odessa faz parte do subterfúgio, não é? E Lou e Dimitri? Isso," – eu gesticulo impotente para baixo de seu corpo," era tudo parte de algum plano brilhante e até então secreto em que ninguém me incluiu por razões que você está prestes a explicar? E de preferência devolverá os fantasmas ao túmulo e consertará o véu também?"

Eu adiciono a última parte espero.

Michal cai para trás novamente, fechando os olhos com uma risada estrangulada. Termina em tosse. "Não. Quero dizer, sim, Odessa ajudou no planejamento e coagiu Lou a participar. Presumo que Dimitri interveio quando você se recusou a ficar fora de vista. Mas não para todo o resto." Ele abre um olho para olhar para mim enquanto vozes altas e sobrenaturais se erguem em harmonia com a música lá fora. "Melusinas", diz ele com a minha pergunta não dita. "Parece que nem todos os aldeões vão lamentar minha morte." Ele parece descontente com o pensamento. "Odessa será intolerável."

Eu o ajudo a se levantar novamente, e desta vez ele coloca um braço sobre meus ombros; Eu envolvo os dois meus em volta de sua cintura. "E como," eu

sussurro com um olhar para a porta, "você está planejando chegar ao quarto de Odessa sem ser visto? Este lugar está cheio de vampiros..."

Seu queixo se move em direção à galeria acima. "Há uma passagem."

"Uma passagem secreta?"

Ele abre um sorriso, e ao vê-lo - tão natural e desprotegido, tão inesperado - meu estômago desce para algum lugar em torno dos meus joelhos. "Na verdade, escolhemos esta sala porque a passagem no andar de cima leva a um palco na Cidade Velha, onde uma dúzia de menestréis esperam para anunciar meu retorno milagroso dos mortos."

"O sarcasmo é a forma mais baixa de sagacidade, Michal."

"Mas ainda é sagacidade, Célie."

Na minha carranca, ele pisca - ele realmente pisca - antes de dobrar os joelhos em preparação para - o quê? Eu sigo seu olhar para a balaustrada e percebo sua intenção. Michal vai pular com um grande buraco no peito, e - eu me apresso em dobrar meus joelhos também, para apoiá-lo enquanto pulamos do andar de baixo para o corrimão acima. Embora eu quase tropece, assustado com a velocidade com que acabei de me mover, Michal agarra meu ombro para me impedir de cair.

"Esta passagem se conecta a uma dúzia de outras no castelo para formar canais de transporte e rotas de fuga para a família real. Como os últimos membros dessa família, Odessa, Dimitri e eu somos os únicos que os conhecem. Sua mandíbula aperta com força de dor. "E agora você."

"Você está bem?" Pergunto preocupado. "Nós não deveríamos ter..."

"Eu vou ficar bem, Célie."

Eu permito que ele me leve ao painel central atrás das cadeiras dos músicos, onde ele desliza os dedos por baixo da guarnição em sua borda e abre tudo. Com alguma apreensão, olho para mais uma passagem escura e úmida. "Não pense que isso o absolve de me excluir esta noite."

"Eu preciso de absolvição?"

Meu rosto se inclina para o dele em descrença. "Eu apenas segurei seu coração na minha mão, Michal. Seu coração. Pior ainda, passei a maior parte da noite pensando que você estava...

Seus olhos procuram os meus como se buscassem uma resposta para alguma coisa. "Morto?"

"Sim," eu sibilo indignado. "Assassinado por um dos meus únicos amigos neste lugar miserável."

Mais uma vez, eu olho para a porta. Se algum vampiro se aproximar demais ou voltar sua atenção para esta sala, toda a charada desmoronará sobre suas cabeças. Sacudindo o meu, eu o empurro para a passagem o mais suavemente

possível antes de fechar o painel atrás de nós. Mergulhamos na escuridão total. Embora eu ainda possa ver bem o suficiente, lamento instantaneamente a perda de luz - ou melhor, a maneira como meus outros sentidos aumentam em sua ausência. O cheiro de Michal é suficiente para embaralhar meus pensamentos em um bom dia, muito menos enquanto nos agarramos no escuro.

Quando ele finalmente fala, sua voz ressoa ao lado do meu ouvido. "Sinto muito. Eu queria falar sobre esta noite, mas Odessa. . . ela preferia que não envolvêssemos você.

"Por quê?"

Para seu crédito, ele não mente. "Ninguém a julga por isso, Célie, mas você tornou conhecida sua aversão por Requiem. Esta ilha é a casa de Odessa." Uma pausa. "Minha casa. Muito simplesmente, Odessa não o envolveu porque você não precisava estar envolvido, e eu me submeti ao julgamento dela porque passei a maior parte da noite morto no chão. Para que o plano fosse bem-sucedido, ela precisava se sentir confiante nele - e em sua capacidade de tomar essas decisões sem mim.

"Então ela vai apenas... o quê? Fingir ser rainha até que vocês dois decidam o contrário?" Então, antes que ele possa responder: "Por que você decidiu fazer isso? Tem algo a ver com os fantasmas?"

Com uma leve pressão em meus ombros, ele tenta iniciar a passagem, mas eu cavo meus calcanhares, forçando-o a ficar aqui até que ele responda às perguntas. Com um suspiro, ele diz: "Odessa não precisa fingir. Ela é rainha. Nosso desempenho esta noite pode não ter sido real, mas a transferência de poder foi. Cedi o trono quando organizei minha execução pública. Para todos os efeitos, estou morto."

Espero que ele continue. Para explicar. Quando ele não o faz, eu me encaro com ele, mas encarar não é eficaz como alavanca. "Você ainda deveria ter me contado," eu digo finalmente.

"Como se você tivesse me contado tudo?" Eu recuo com isso, e ele parece se arrepender instantaneamente da pergunta, balançando a cabeça e se desembaraçando dos meus braços. Cambaleando ligeiramente em seus pés. Depois de lançar um olhar apologético em minha direção, ele diz: "Devemos ir. Quanto mais cedo eu me alimentar, mais cedo poderemos partir - marquei um encontro com uma bruxa do outro lado da ilha logo após o amanhecer. Ela é muito velha, muito reservada, mas pode saber como matar um fantasma.

"Uma bruxa do outro lado da ilha?" Repito fracamente. "Você não pode nem andar, Michal. E mesmo que Arielle ajude, como você pretende atravessar a ilha sem que ninguém o veja? Você deveria estar morto—"

"Ninguém vai me ver."

"Você não sabe disso!"

"Eu conheço esta ilha melhor do que ninguém, Célie. Eu conheço seus truques, suas armadilhas, seus segredos, e eu conheço meus próprios sentidos também - eles são mais aguçados do que os de outros vampiros porque meu corpo é mais velho e mais forte. Odessa é a única criatura em Requiem que poderia me rastrear e, felizmente para todos nós, ela tem coisas melhores para fazer." Sua mandíbula puxa esticada o suficiente para quebrar. "Você está satisfeito agora? Vamos embora?"

Eu corro para apoiar seu cotovelo quando ele começa a avançar novamente, mudando de rumo em um instante. "Sim, tudo bem, tudo bem, você é muito poderoso - vou encontrar uma medalha para você - mas tem certeza de que Arielle será capaz de ajudá-lo?"

"Você não precisa se juntar a nós se se sentir desconfortável, Célie. Você pode esperar na passagem."

Minha cabeça está balançando antes mesmo de ele terminar a frase. Porque, é claro, não posso simplesmente deixá-lo para Arielle com uma lesão tão grave. Ele quase morreu - eu pensei que ele morreu - e - e - "O sangue dela é potente o suficiente para curá-lo?"

Ele mantém os olhos cuidadosamente treinados no caminho à frente. "Ela é um lobisomem."

"Sim", eu retruco, "mas esta não é uma ferida simples, é? Eu ainda posso ver seu coração através de suas costelas. Dadas as circunstâncias, não seria mais apropriado beber algo mais forte? Você—"

Michal pára abruptamente. Sentindo a mudança nele, eu solto seu braço sem outra palavra, e vibrações violentas irrompem em meu estômago quando todo o peso de seu olhar pousa sobre mim. "Fale claramente, Célie. O que você está sugerindo?"

Merda.

"Eu, ah..." Em pânico, olho ao nosso redor em busca de uma resposta, mas nada nesta passagem sombria parece capaz de me salvar. "Estou apenas sugerindo que você pode se curar mais rápido - melhor - se beber de alguém mais poderoso."

"Você quer dizer um vampiro."

"P-Possivelmente..."

"Qual?" Quando eu não respondo, ele balança novamente, plantando a mão contra o muro baixo ao lado dele. Seu corpo inteiro se curva com tensão. "Qual vampiro, Célie? Nomeie-os e pronto.

Por um segundo beligerante, quase recito um nome - qualquer nome - para irritar a provocação em seus olhos. Com a mesma rapidez, no entanto, eu o

imagino realmente se alimentando da pessoa desconhecida, e a raiva queima meu peito, incinerando a possibilidade. E assim, não há mais nada para isso. Michal não pode se alimentar de Arielle, e ele também não pode se alimentar de mais ninguém. "Eu," eu digo com um pouco de força, levantando meu queixo antes de fazer a coisa sensata e fugir. "Você vai beber de mim. Agora tire sua camisa."

Capítulo Vinte

Compartilhamento de sangue

Michal me olha cautelosamente por vários segundos, como se eu fosse um animal estranho e perigoso que pudesse se virar a qualquer segundo.

Eu gosto bastante.

"Devemos?" Eu gesticulo para o chão duro, saboreando a pontada de dor em seu rosto quando ele finalmente acena com a cabeça e desce a parede. Essa vingança desaparece, é claro, quando eu me movo para passar por cima dele e avistar seu peito novamente. Minha respiração trava. "Por que você fez isso?" Eu pergunto a ele novamente. "Você nunca me respondeu."

Ele puxa a gravata solta em sua garganta. "Minhas prioridades mudaram."

"E isso significa...?"

"Célie", ele implora.

"Certo," eu digo apressadamente. Posterior. "Devo apenas—?" Eu me movo em direção ao seu colo, recusando-me a me sentir desajeitada, mesmo quando a risada de Dimitri ecoa em meus ouvidos. Os vampiros não compartilham sangue com outros vampiros fora de situações muito íntimas. Sexo, Célie. Quero dizer sexo.

Mas nada disso importa agora. Michal está magoado e, além disso, nada de fundamental mudou entre nós depois que bebi dele em Cesarine. Agora posso retribuir o favor. Agora posso ajudá-lo também. "Devo sentar com você?"

Ele acena com a cabeça novamente, descansando pesadamente contra a parede e fechando os olhos. Qualquer triunfo que ele possa ter sentido ao me provocar parece ter cedido à exaustão. "Sua camisa," eu o lembro. "Devemos dar uma olhada melhor no seu peito."

"Eu não consigo passar por cima da minha cabeça."

"Eu posso fazer isso."

Tentando não perturbá-lo, eu afundo em suas pernas o mais suavemente possível, com cuidado para não roçar meu ombro contra seu peito. Com movimentos lentos e meticulosos, primeiro alivio o sobretudo de couro de seus ombros, descendo por seus braços, antes de deslizar sua camisa pelo corpo e sobre a cabeça para revelar a ferida por baixo. Parece ainda mais chocante sem

roupas para protegê-lo. Ainda mais horrível. "Existe um lugar específico onde o sangue tem um gosto melhor?"

Com uma respiração irregular, ele alivia os joelhos mais afastados, e meu traseiro se acomoda no berço de suas coxas. Eu engulo em seco enquanto a cauda ondulante do meu vestido flutua ao nosso redor. "Em qualquer lugar", diz ele fracamente. Embora ele não abra os olhos, ele coloca um braço sobre minhas pernas, enquanto a outra mão pousa levemente na parte inferior das minhas costas.

Em qualquer lugar.

Torna-se impossível engolir agora. Minha garganta se contrai até o tamanho de uma agulha e - como se sentisse meus nervos irracionais - ele começa a desenhar círculos lentos e suaves em minhas costas. "Este vestido é lindo", ele murmura. "Você deve usá-lo sempre."

"Eu-" Eu fico boquiaberto para ele, momentaneamente distraído, e me pergunto se seu transplante de coração também transplantou sua personalidade. Então me lembro de minhas maneiras, olhando para a volumosa saia violeta. "Obrigado. Acredito que Romi criou este sob a orientação de Monsieur Marc. Estaria tudo bem se usássemos o meu, ah—" Eu balanço minha cabeça rapidamente para limpá-lo. "O que quero dizer é - você encontra meu pulso -?" Aceitável, minha mente grita. Você acha meu pulso aceitável? Mas a distância entre meu cérebro e minha boca se mostra muito grande para viajar, e eu tropeço nas palavras.

Seus olhos se abrem para fendas. "Acho seus pulsos perfeitos."

Oh Deus. Estamos sentados muito perto para ele me olhar dessa maneira, mas não consigo pensar em como me mover sem piorar a situação. Na verdade, seu corpo parece preencher toda a passagem - todas as pernas longas, ombros largos e sangue - até que o cheiro dele domina tudo. Até que minha cabeça gire com isso. Eu deveria prender a respiração. Sim, eu deveria prender a respiração e desviar o olhar, deveria oferecer meu pulso sem mais conversa, mas agora minha boca decide falar. "O-Ou você pode beber da minha garganta, se preferir."

Sua mão faz uma pausa nas minhas costas. "É isso que você prefere?"

"Eu só quis dizer - se isso ajudasse -"

"Célie." Ele fala meu nome suavemente - tão suavemente que devo me aproximar para ouvi-lo - e escova o cabelo do meu pescoço com ternura dolorida. "Embora eu aprecie a oferta, há. . . coisas que você deve saber antes de fazermos isso."

A maneira como sua voz abaixa na palavra coisas parece estranhamente significativa. "Isso é mais bobagem sobre compartilhamento de sangue?"

"Não é um absurdo."

"Claro que é." Eu pisco para ele ansiosamente, procurando os planos de seu belo rosto pálido; sua cor piorou e sua boca se aperta de dor. Ele precisa se alimentar e precisa fazer isso rapidamente. Quando eu me movo para torcer em seu colo, no entanto, para montar em sua cintura e facilitar seu acesso à minha garganta, suas mãos deslizam para meus quadris, parando o movimento. "Eu entendo a implicação da intimidade, mas não é como se estivéssemos realmente tendo..." Minha garganta se fecha em torno do resto da frase, e eu giro apressadamente em sua expressão tensa. "Eu pensei que você disse que os vampiros compartilham sangue o tempo todo..."

"Não o tempo todo, mas eles podem, sim. Eles fazem."

"Por que há um problema, então?"

"Não há problema. É só que - quando dois vampiros compartilham sangue, eles - eles mudam. Eles mudam, Célie", diz ele suavemente.

"Michal—" Embora eu me contorça para me libertar, o pânico aumentando com o vidrado de seus olhos, suas mãos permanecem como algemas ao meu redor. "Deixe-me ir." Com a voz firme, eu bato minhas mãos em sua mandíbula e o forço a olhar para mim. "Se você não se alimentar logo, você vai morrer - realmente morrer desta vez -"

"Eu não vou morrer."

"Você não sabe disso! Não, me escute." Com cuidado para não empurrá-lo, eu agarro seus pulsos e os arranco dos meus quadris, prendendo suas mãos contra o meu peito enquanto eu consigo me virar finalmente. Nariz a nariz agora, eu pergunto: "Será que vai me machucar se compartilharmos sangue?"

Sua voz é um sussurro. "Não."

"Isso vai te machucar?" O mais simples balançar de cabeça e, finalmente, seu corpo se rende, caindo contra a parede mais uma vez. "Então estamos fazendo isso. Agora cale a boca e tire meu sangue. E sem outra palavra, eu solto suas mãos, empurrando a minha para trás de sua cabeça e levantando-a para a dobra do meu ombro, forçando sua boca na minha pele.

Ele exala uma vez - um hálito fresco e delicioso que me dá um arrepio na espinha.

Então ele separa os lábios e seus dentes perfuram minha pele.

Instantaneamente, suprimo a vontade de gemer. Um tipo lânguido de prazer ondula para fora da pressão aguda e dolorida de sua boca, e quando ele ajusta seu aperto, mordendo mais fundo, mais forte - sua língua fria contra minha pele - eu inclino minha cabeça para trás. Eu aprecio a sensação. Esqueço que sou Célie e ele é Michal, e suspiro seu nome.

Suas mãos se fecham em punhos com o som.

Ele os mantém pressionados ao lado do corpo, no entanto. Ele toma cuidado

para não me tocar, segurando seu corpo completamente imóvel - firmemente amarrado - mas eu nunca possuí sua força de vontade. Minha boca se abre em uma respiração áspera com o puxão inexorável de seus dentes, sua língua, e eu não posso evitar - eu quero tocá-lo agora. Eu quero fazer mais do que tocá-lo. Pior ainda, quero que ele me toque também - realmente me toque - e de repente, posso morrer se ele não o fizer.

Meu vestido.

O pensamento surge rapidamente, imperativamente, porque as faixas de seda violeta estão no caminho. Puxando minha saia para cima, eu liberto minhas pernas antes de me acomodar contra ele, pele sobre pele, meus joelhos nus presos em torno de seus quadris. "Michal," eu digo novamente, e ele estremece um pouco com o apelo na minha voz. Meu corpo inteiro se aperta com ele. Porque eu nunca senti Michal estremecer antes. Com a percepção vem uma sensação inebriante de poder, e eu agarro suas mãos, levando-as aos meus quadris e arrastando-as pela minha cintura. Ofegante com a força daqueles dedos. "Toque-me. Por favor, Michal, você tem que me tocar.

Além do rugido do meu sangue, uma parte distante de mim desliza descontroladamente com as palavras, com o rolar quase frenético dos meus quadris. Muito. Muito cedo. Mas eu quero. Oh, eu quero, e quando eu me aproximo, nossas mãos deslizam pela minha cintura, as pontas de seus dedos roçando o inchaço do meu peito. Cada pensamento se esvazia da minha cabeça.

"Célie—" Ele arranca a boca da minha garganta com um som de dor, seu olhar instantaneamente caindo para nossas mãos no meu corpo. Embora a ferida em seu peito tenha fechado, ele não parece notar. Ele permanece focado em seus dedos como se estivesse em transe, e ele os espalha lentamente, explorando a curva da minha cintura, antes que seu polegar apenas roça a ponta daquele seio. Eu suspiro. Minhas pernas tremem. Um desejo quase violento surge em seus olhos, que brilham muito na escuridão. "Não devemos fazer isso."

"Por que não?" Pergunto sem fôlego.

"Porque você pensou que eu morri." Ele fala as palavras baixinho, como se tentasse convencer a si mesmo em vez de mim. Embora eu puxe suas mãos, desesperada para movê-las para cima - ou talvez para movê-las para baixo, para baixo, para baixo e aliviar essa tensão crescente entre minhas pernas - elas permanecem resolutas na minha cintura. Eles me mantêm longe dele, mesmo enquanto eu me esforço para me aproximar. Ele range os dentes. "Porque você me odeia, lembra? Porque eu nunca tive a intenção de estuprá-lo nesta passagem imunda.

Eu quase soluço de frustração agora. "E se eu pretendesse estuprá-lo?"

Ele pressiona um beijo leve na minha garganta antes de limpar o resto do

meu sangue. Sua mordida já se fechou e, por alguma razão intolerável, a confusão flui através de mim ao perceber - que esse momento finalmente chegou, e agora está indo, indo, quase se foi, escorregando como água entre as pontas dos meus dedos. E não posso fazer nada para segurá-lo. "Amanhã", ele promete em voz baixa. "Conversaremos amanhã."

Essa confusão se acende inexplicavelmente quente em resposta, porque não agora? Eu não entendo aquele olhar estranho em seus olhos, essa dor profunda e interminável entre nós. Este não é um simples flerte. Às vezes, como agora, ele até parece - me querer.

Os homens nunca me veem assim. Eles me cobiçam - oh sim - de uma maneira diferente de como cobiçam mulheres como Lou e Coco. Reid e Jean Luc me colocaram no alto de um pedestal para admirar e, até certo ponto, o mesmo aconteceu com os de Les Abysses. Léandre também. Seus gostos podem tender a ser mais escuros, mais depravados - ele quer quebrar minha pele de porcelana em vez de poli-la - mas muitas vezes parece dois lados da mesma moeda quando os homens olham para mim.

Ninguém nunca olhou para mim do jeito que Michal faz.

Eu afasto o pensamento, agitado, antes de me levantar rigidamente. Porque claramente ele também não me quer agora. Claramente, tudo isso foi um erro terrível, e eu cruzei alguma linha invisível novamente. Eu - eu deveria tê-lo curado sem complicar tudo - ele estava gravemente ferido, afinal - mas sempre pareço dizer as coisas erradas perto de Michal. Eu sempre pareço fazer as coisas erradas. E dói.

"Você já considerou", eu digo, "que eu não quero arrebatá-lo amanhã?"

Ele faz uma pausa no meio do caminho puxando a camisa, o peito inteiro e imaculado novamente. Cada linha de seu corpo longa, dura e perfeita, desde seus ombros largos até sua cintura afunilada. Espero que ele acalme, ou talvez discuta. Espero que ele revide. Em vez disso, ele dá uma risada suave de tudo o que vê na minha expressão, e o som disso congela o calor na minha barriga em gelo. "Não", ele diz simplesmente. "Você provavelmente não vai."

Eu levanto a mão, instantaneamente me arrependendo das palavras. "Michal..."

"Está tudo bem." Ele se afasta de mim, deslizando a camisa de volta sobre a cabeça, antes de acenar com a cabeça para a passagem. "Alguém está vindo."

Embora eu esteja tenso, alarmado, ele não parece preocupado com nossa descoberta iminente e, no segundo seguinte, fica claro o porquê. Os aromas doces de canela e baunilha rodopiam pela passagem úmida pouco antes da própria Lou dobrar a esquina, segurando cinco luzes crepitantes na ponta dos dedos. Eles lançaram um leve brilho sobre sua expressão distintamente

descontente. "O que vocês dois estão fazendo?" ela pergunta desconfiada.

"Nada", diz Michal secamente.

Ela parece perceber que interrompeu algo, olhando incisivamente da camisa para fora da calça de Michal para seu casaco amarrotado no chão. "Não parece nada..."

"Onde está minha mãe?" Segurando sua mão livre e arrastando-a para mais perto - terrivelmente aliviada - eu inspeciono cada centímetro de sua pessoa aparentemente ilesa. Ela ainda se inclina contra mim para se apoiar, no entanto, praticamente cedendo em meus braços. "Ela está bem? Você está bem?" Então, antes que ela possa responder: "Você parece ainda mais pálida do que antes. Como você nos encontrou? Que horas são?"

"Quase amanhecer." Ela acende as pequenas luzes acima de nossas cabeças, onde elas continuam a piscar fracamente e lançar sombras estranhas em nossos rostos. "E nós dois estamos bem - embora por bem, quero dizer histéricos, pelo menos no caso de sua mãe. Ela me permitiu proteger nosso quarto, mas demorou mais uma hora para persuadi-la a beber o mesmo gole que lhe dei em Cesarine. Felizmente, isso a nocauteou." Ela olha para Michal. "Você deve saber, no entanto, que Madame Tremblay não está nada satisfeita com Requiem no momento, e não posso dizer que estou particularmente emocionado também."

Ele encolhe os ombros em seu sobretudo de couro. "Imagine nossa decepção."

Minha testa se contrai com isso. "Você poderia agradecê-la, você sabe. Sua magia salvou sua vida."

"Minha vida nunca esteve em perigo."

"O que isso significa?"

"Nada." Ele se curva secamente e, com esforço supremo, um pouco do gelo parece derreter de sua expressão. "Você está certo. Claro que você está certo. Obrigado, Louise, por nos ajudar no golpe esta noite. Odessa e eu não poderíamos ter conseguido isso sem você.

Se possível, Lou parece mais desconfiada agora do que antes. Seu olhar corta entre nós. "De nada, não que Odessa tenha dado muita escolha. Não era para sacudir assim," ela acrescenta para mim antes de se desembaraçar de má vontade e se aproximar de Michal para inspecionar seu peito. Ele enrijece, mas sofre suas ministrações em silêncio estóico. "Pasha e Ivan deveriam nos levar furtivamente para o salão durante a procissão de Odessa para curar Michal - há outra passagem secreta perto da ala leste - mas obviamente isso não saiu como planejado." Ela lança um olhar triste em minha direção. "Assim que ouvimos o grito do fantasma, eu sabia que tudo estava prestes a ir para uma merda completa e absoluta. Outra adição bastante inesperada e indesejável ao plano.

"Você não está errado", diz Michal.

"De qualquer forma", Lou continua, ignorando-o, "Odessa pensou que se lhe falássemos" - ela acena com a mão para o peito dele - "tudo isso, você nunca teria concordado com isso."

"E ela estaria certa," eu digo indignado. "Tudo saiu completamente do controle. Mesmo sem o revenant, como alguém poderia pensar que esse plano era bom? Quando fingir a morte de alguém funciona no final?"

Michal amarra sua gravata com dedos hábeis. "Essa é uma pergunta retórica ou você gostaria de uma resposta?"

Meus olhos se estreitam para ele. "Agora que você mencionou isso, acho que gostaria de uma resposta."

"Tudo bem." Ele levanta um ombro, completamente despreocupado. "Funciona desta vez. Todo o Requiem pensa que Odessa derrubou um rei corrupto e inconstante. A ilha é renovada, unida sob sua liderança, o que lhe permite fazer o que for necessário para protegê-la. Os vampiros confiam nela. Eles acreditam nela. Eles também acreditam que estou morto, o que me permite fazer o que é necessário também.

"O que é?" Pergunto rapidamente.

Ele apenas sorri em resposta. Elegante e afiado.

Lou balança a cabeça como se estivesse completamente exasperada por nós dois - ou talvez por toda a espécie. Então ela suspira e abre as pontas dos dedos contra o peito de Michal para inspecionar algo que não podemos ver. "Esta noite foi realmente uma foda, mas parece que você descobriu como curar Michal por conta própria."

"Seu corpo não secou" - eu ignoro seu olhar sondador - "e flores desabrocharam ao redor de seu corpo no reino espiritual. Heather, eu acho."

Lou franze os lábios. "Dames Rouges costumam usar ramos de urze em encantamentos protetores. Eles supostamente trazem sorte." Ela remove a mão com um aceno de aprovação. Então ela sacude sua camisa rasgada, que se conserta instantaneamente em uma pequena explosão de magia. O sangue desaparece de nossas roupas, mas um novo fio aparece em seu nariz. Ela o limpa apressadamente. Uma nova culpa se infiltra em meu estômago com a visão. Ela não pode estar perto do turbilhão. "Eu não sou um curandeiro de forma alguma, mas tudo parece certo para mim. Parece certo para você?" ela pergunta a ele.

Michal acena com a cabeça.

"Excelente." Lou bate palmas em satisfação sombria. "Então eu vou. Enviei Talon primeiro para explicar tudo a Reid, e Odessa providenciou uma passagem para Satine e eu voltarmos para Cesarine ao amanhecer - menos chance de encontrar qualquer personagem desagradável dessa maneira. Ela faz uma careta

para Michal, que mais uma vez parece o aristocrata perfeito depois de abotoar o casaco. "Os vampiros preferem dormir durante o dia, certo?"

Quando ele acena com a cabeça, eu olho para ela, inexplicavelmente ferido, mas - mas é claro que ela deve sair. Quanto mais distância ela colocar entre ela e a gruta - entre ela e esta porta, essa entrada não natural para o que quer que esteja além do reino espiritual - melhor.

Com um sorriso sombrio, Lou aperta minhas mãos e Michal se afasta com tato para nos dar a ilusão de privacidade. "Falei com o padre Achille antes de sair", diz ela baixinho. "Depois de lidarmos com os fantasmas, ele pode estar aberto a uma reconciliação com a Requiem, mas até lá, Reid impedirá Jean Luc de fazer qualquer coisa estúpida. Coco já convocou um conselho de Dames Blanches e Dames Rouges de confiança para o Chateau le Blanc. Se tudo correr conforme o planejado, eles se aliarão aos Caçadores para supervisionar cemitérios em todo o reino e, juntos, esperamos que possamos conter novos fantasmas. Beau também está estabelecendo um toque de recolher para manter as ruas o mais vazias possível para patrulhas.

Eu olho para Michal, que ainda finge nos ignorar. "Vamos investigar os fantasmas também. Alguém nesta ilha deve saber mais sobre eles - especificamente, como colocá-los para descansar.

Lou acena com a cabeça rapidamente. "Vamos vasculhar as bibliotecas do Chateau le Blanc também, mas, Célie..." Ela torce minhas mãos, sua expressão solene. "Nada disso importará se não fecharmos o véu, e você é o único que pode fazê-lo. Você sabe disso, certo?"

Engolindo em seco, eu aperto suas mãos com mais força ainda. "Sim."

"Claro que sim. Bom." Ela acena com a cabeça de novo, e de novo, inalando profundamente, seus dedos ainda se recusando a relaxar em torno dos meus. "Bom. Isso deixa apenas mais um pequeno problema antes de irmos. Se possível, meu coração afunda mais com a apreensão em sua voz. Qualquer coisa que faça Lou se sentir apreensivo deve ser muito desagradável. "É, er... sua mãe", diz ela, e meus piores medos são confirmados. "Ela se recusa a sair sem você, e nada do que eu disse a fez mudar de ideia."

Capítulo Vinte e Um

Adeus

A cor sobe alto nas bochechas proeminentes de minha mãe enquanto ela olha entre nós, seus lábios franzindo em uma linha severa. "Absolutamente não", ela retruca. "Eu não vou embora sem ela."

Michal, Pasha, Ivan, Lou e eu olhamos impotentes para ela. Ou melhor, Lou e eu fazemos. Michal está atrás de nós com uma máscara de calma, enquanto Pasha e Ivan adotaram expressões um pouco mais ameaçadoras - não que minha mãe se importe. Ela se recusa a reconhecer qualquer um deles, em vez disso, fica alta, orgulhosa e furiosa ao pé da grande escadaria do meu quarto. Eles pairam atrás dela como duas sombras enormes.

Acontece que Odessa ordenou que permanecessem com minha mãe durante as festividades esta noite, e ela não ficou muito satisfeita quando eles correram em seu auxílio. Eles voltaram - caudas entre as pernas - pouco antes de Lou vir nos encontrar. Ela contou toda a história enquanto caminhávamos pelos túneis até a ala leste. "Acho que eles estão meio apaixonados por Odessa - um fato que sua mãe não perdeu", acrescentou ela com um sorriso malicioso. "Você deveria tê-la ouvido antes de eu persuadi-la a tomar a poção para dormir." Ela imitou a voz afiada e objetiva de Satine Tremblay: "Monsieur Sokolov, você entende que ela nunca o considerará uma combinação adequada com cabelos mais longos que os dela? E pare de fazer cara feia para mim, Monsieur Volkov, ou serei forçado a revelar seu temperamento impróprio à jovem...

Minha mãe é a única com o temperamento impróprio agora, no entanto. Ela se recusou a permitir que Michal, Lou e eu saíssemos pelas escadas antes de avançar em nossa direção, determinada a dar sua opinião. "Eu não vou tolerar isso", diz ela novamente. "Requiem não é lugar para ninguém de reputação gentil e, embora eu só possa comandar minha filha, encorajo todos vocês a se juntarem a nós naquele navio e deixarem esta ilha miserável."

Eu resisto ao impulso de gemer. "Eu te disse, mamãe. Não posso sair até que tenhamos lidado com os fantasmas." E o véu, acrescento silenciosamente. E Filippa. E potencialmente a própria Morte.

Ela empurra as mãos sobre os quadris, de alguma forma conseguindo olhar

para mim enquanto está três degraus abaixo. "Então eu também não posso."

"Mas não é seguro para você aqui..."

"Não consigo ver como você está mais seguro. Você é minha filha, e eu não vou abandoná-la neste lugar."

Amaldiçoando interiormente seu recém-descoberto instinto maternal, desço mais um degrau e quase tropeço em Toulouse, que finalmente conseguiu subir os degraus. Eu me curvo para pegar o gatinho malhado, acariciando sua cabeça furiosamente por algo para fazer com minhas mãos. Em circunstâncias diferentes, eu poderia ter sido, bem, tocado pela relutância de minha mãe em sair. Talvez eu ainda esteja, só um pouco. "Claramente, você não entende o que aconteceu aqui esta noite..."

"Oh, eu entendo perfeitamente. Este" - ela aponta um dedo acusador para Michal - "fingiu sua morte para ceder toda a responsabilidade a seu primo, deixando vocês dois livres para brincar pela ilha e fazer Deus sabe o quê enquanto o resto de nós finge que você está sendo mantido trancado a sete chaves. Vou admitir", diz ela em voz alta quando abro a boca para argumentar, "não entendo o propósito deste último. Como duvido muito que você revele esse propósito, devo presumir que os vampiros ainda precisam de você por algum motivo, mas devo enfatizar - mais enfaticamente - que isso não é motivo para ficar. Você não deve nada a essas criaturas nojentas, Célie.

Essas criaturas nojentas. Meu peito aperta com isso. Ela ainda fala como se eu não fosse um deles, mas o que ela espera se eu voltar para Cesarine? Que eu simplesmente voltarei ao berçário até que um bom jovem - rico e titulado, é claro - tenha pena de mim? Que vamos cortejar por um mês ou dois antes que ele proponha casamento, que vamos nos casar na primavera, que vamos criar nossos lindos bebês de cabelos escuros na mesma rua da casa da cidade? A ideia é absurda, risível, e se meu incidente com Jean Luc for alguma indicação, vou acabar comendo todos eles - meu marido sem rosto, meus filhos e meus pais.

Então eu me levanto até minha altura total, assim como ela me ensinou, e digo a verdade. "Não tenho motivos para voltar."

Seus olhos se estreitam.

"Então permita-me repetir-me, eu também não." Com a voz nítida, ela enfatiza cada palavra antes de voltar seu olhar resoluto para Lou. "Se você deseja que eu volte para Cesarine sem minha filha, espero que tenha trazido um estoque inteiro daquela horrível bebida para dormir. Mesmo com isso, você precisará me deixar inconsciente e derramá-lo na minha garganta para manter minha pessoa naquele navio. Vou simplesmente pular no mar e nadar de volta para esta rocha odiosa se você não fizer isso..."

"Sempre há cordas", sugere Pasha com prazer.

Minha mãe se vira para olhar para ele, fazendo uma careta ao ver seu cabelo gloriosamente varrido pelo vento. Seu lábio se curva de volta para ela porque ele sabe. "Jovem, levei semanas de investigação para encontrar minha filha - e antes disso, mais semanas para ouvir até mesmo uma palavra sobre seu paradeiro. Será necessária uma corda muito forte para me impedir de encontrá-la novamente. Ela olha entre Toulouse e eu como se também a tivéssemos ofendido de alguma forma, levando a mão à boca para abafar uma tosse em vez de um espirro. "E se a magia realmente quebrou, presumo que os encantamentos protetores ao redor da ilha também não estejam à altura. Não deve demorar muito para eu voltar. O capitão do porto me deve um favor - fiz um casamento bastante inteligente para seu filho na temporada passada, e os recém-casados estão esperando seu primogênito a qualquer momento. Louis mal pode esperar para se tornar avô."

Eu enrijeço inexplicavelmente com isso. Lembro-me do filho de Louis, é claro, mas agora ele é casado. Agora ele está esperando um bebê. Em vez de examinar minha reação, no entanto, pressiono um beijo no nariz minúsculo de Toulouse.

"Por favor, estendam nossas felicitações", diz Michal suavemente no silêncio desagradável que se segue, mas antes que minha mãe possa responder - ou melhor, rosnar para ele - Dimitri entra pela porta com uma expressão sitiada.

"O que é isso que eu ouvi sobre você ir embora?" Marchando direto por Michal, ele me puxa para um abraço feroz, com cuidado para não esmagar Toulouse. Michal suspira pesadamente. "Eu disse a Odessa que deveríamos ter incluído você em nossa pequena farsa, mas realmente, Célie, nós temos a coisa toda resolvida. Você não precisa sair a menos que você absolutamente..."

Eu o afasto, ainda um pouco irritado por ser excluído. "Eu não vou a lugar nenhum, Dimitri. Lou e minha mãe são os que estão saindo."

Minha mãe incha indignada enquanto Lou se encolhe com a explosão que se aproxima. "Eu certamente não sou..."

"Bem, é claro que ela não é." Dimitri franze a testa como se eu tivesse sugerido algo absurdo, descendo a última escada e agarrando as mãos de minha mãe. Varrendo os lábios pelos nós dos dedos. Seus olhos se arregalam em choque, e ela se afasta apressadamente, suas bochechas corando com a impropriedade, antes de tossir novamente. Sua garganta deve fazer cócegas. "Eu lhe disse, Odessa tem tudo arranjado. Ela se arrepende de não estar aqui para explicar pessoalmente, mas achou melhor começar nosso pequeno problema de fantasma - ela e um conselho de bruxas estão discutindo soluções enquanto falamos. Ele bate palmas. "De qualquer forma, uma sentinela está esperando para escoltar Lou até o porto, e Pasha e Ivan permanecerão aqui para guardar esta sala - com você nela, é claro", ele me diz, piscando. Então ele se vira para

minha mãe. "Se você quiser ficar, Madame Tremblay, sua presença só dará crédito ao estratagema. Devemos aprisionar sua filha, e nossos cortesãos podem suspeitar se esta sala ficar muito quieta. Arqueando uma sobrancelha para Lou, ele acrescenta: "Presumo que o escudo que você lançou sobre ele cessará com sua partida?"

Lou acena com a cabeça cansado, curvando-se para coçar a cabeça de outro gatinho. "Eu mal consigo mantê-lo agora. Pelo menos meu nariz não está mais sangrando." Nossos olhos se encontram, e o medo brilha forte e claro nos dela pela primeira vez desde a sessão.

Ela não sabe o que acontecerá se o véu permanecer aberto. Para ela. Para as outras bruxas.

"Um hábito perigoso, isso," diz Dimitri sabiamente, "e especialmente em uma ilha de vampiros, mas o que você acha, Célie? Sua mãe deve ficar conosco mais um pouco?"

Espontaneamente, olho em volta para Michal, que não dá nenhuma indicação de uma forma ou de outra de sua opinião. Na verdade, ele mantém seus olhos negros cuidadosamente neutros, como se estivesse determinado a não tomar a decisão por mim. Eu faço uma careta para ele. Certo. Virando-me, eu falo através dos meus dentes. "Suponho que vai ficar tudo bem se Pasha e Ivan guardarem a porta - realmente guardem a porta desta vez", acrescento com olhares estreitos em sua direção - "e você permanecer dentro da sala, mamãe."

"Eu não vou ficar dentro desta sala."

Exasperado, quase arremesso minhas mãos para o ar. "Tudo bem, então! Alguém pode pegar um pouco de corda?"

Minha mãe zomba e desvia o olhar, cruzando os braços firmemente contra o peito. "Tão grosseira você é agora, filha. Não posso culpá-lo, suponho, pela terrível companhia que você mantém...

"Nós terminamos?" Com a voz baixa, Michal se dirige à sala com impaciência velada. "Se assim for, Célie e eu devemos ir. O sol nascerá em breve e temos negócios em toda a ilha.

"Vou buscar meu casaco", diz minha mãe rigidamente.

"Mamãe!" Preparando-me para torcer seu pescoço obstinado, devolvo Toulouse ao chão com seus irmãos, onde eles correm sobre as botas de Ivan e ignoram sua carranca feroz. "Quantas vezes devo dizer isso? Você não está vindo —"

"Madame," Dimitri interrompe, apertando as mãos dela mais uma vez e curvando-se, "eu entendo completamente sua reticência em se separar de sua filha. Você é a mãe dela, afinal, e um farol de virtude. É claro que você deseja ficar com ela, para protegê-la onde meu primo falhou. Um aviso ressoa no peito

de Michal, indiscernível para os humanos na sala. Os lábios de Dimitri se contraem. "Permita-me assegurar-lhe, no entanto, que ela não estará em perigo real. A bruxa que eles procuram é uma amiga de nossa família e, além disso, ela pode possuir o conhecimento de que precisamos para debilitar os fantasmas. Ela não vai machucar Célie, e se ela tentar" - ele se endireita com aquele brilho diabólico em seu olhar, lutando para manter uma cara séria - "Eu juro que tanto a bruxa quanto meu primo vão lidar comigo. Protegerei sua filha, madame. Não tenha medo."

Franzindo a testa, minha mãe estuda Dimitri de perto por vários segundos antes de cheirar em aprovação. "Isso é porque você é um cavalheiro." Seus lábios se contraem quando ela se vira para mim. "Você se reportará a este jovem no instante em que retornar. Me entende? Se alguma coisa ou alguém entrar em conflito" - aqui ela espeta Michal com um olhar aguçado - "ele deve saber".

"Sim." Dimitri acena com a cabeça gravemente. "Vocês dois devem se reportar a mim."

Rindo apesar de si mesma, Lou olha para Michal, e eu sigo seu olhar, profundamente consciente de sua presença no degrau acima do meu. Meu cabelo roça seu peito quando eu me viro, e arrepios irrompem pelas minhas costas quando ele levanta uma mão - escondida para minha mãe - e enrola uma mecha em torno de seus dedos. Ele dá um puxão suave, e eu respondo instantaneamente, instintivamente, deslocando-me para trás até que eu pressiono contra ele. O calor inunda minha barriga com o contato.

Você já pensou que eu poderia não querer arrebatá-lo amanhã?

Eu sou um mentiroso.

"Claro que vamos", diz Michal suavemente.

Embora seus olhos negros brilhem com a promessa de retribuição, ele sorri de volta para Dimitri, que parece extremamente satisfeito por algum motivo. Meu olhar se estreita sobre ele.

Uma batida soa na porta no segundo seguinte, no entanto - extinguindo o calor na minha barriga - e depois de outro puxão rápido do meu cabelo, Michal desaparece escada abaixo em um sussurro de movimento. Eu apenas pego seu calcanhar atrás da tela de seda enquanto a porta se abre para revelar outra sentinela - esta de rosto duro e desconhecida, envolta no mesmo traje escuro de Pasha e Ivan com raposas douradas no peito. "Estou aqui para escoltar a bruxa", ele rosna.

Olhando para ele com desgosto, Lou suspira. "Essa é a minha deixa."

Então ela me puxa para um abraço feroz - o mais feroz que ela é capaz - e meus braços a envolvem em um estado de leve descrença. Porque não sei quando vou vê-la novamente. Porque eu não quero que ela vá embora. Porque

tudo isso está acontecendo muito rápido, e - e porque eu não acho que posso fazer nada disso sem ela. Incapaz de encontrar minha voz, no entanto, só posso balançar a cabeça impotente enquanto ela diz: "Vou enviar a Talon com qualquer notícia, mas enquanto isso, tente ter cuidado, não é?" Ela se afasta para procurar meu rosto. "E lembre-se do que eu disse sobre o véu", acrescenta ela com pressa. "Você pode consertar isso. Eu sei que você pode, mas se precisar de ajuda, basta mandar um recado Um ou todos nós podemos estar aqui em questão de horas." Eu nunca vou pedir que eles voltem, no entanto. Eu nunca vou pedir a eles que se machuquem por minha causa, e talvez ela saiba disso. Talvez eu imagine seus olhos se voltando para a serigrafia. "Você não está sozinha aqui, Célie. Você nunca estará sozinho."

Eu engulo em seco.

Forçando-me a libertá-la, falo enfaticamente o suficiente para que ela me ouça quando digo: "E o mesmo para você. Não, estou falando sério, Lou. Se os fantasmas crescerem demais..."

Mas ela balança a cabeça com um escárnio brincalhão, já se afastando. "Bobagem. Eu ainda sou La Dame des Sorcières. Vai ser um dia frio no inferno quando minha querida mãe morta levar a melhor sobre mim. E - antes que qualquer um de nós possa sucumbir às lágrimas - ela pisca por cima do ombro e sobe as escadas, precedendo o guarda no corredor e fora de vista.

Parte Três

Se você não avançar, você retrocederá.
Quem não avança, retrocede.

Capítulo Vinte e Dois

Mila retorna

A floresta Michal me conduz através de sussurros de uma era anterior até mesmo a Les Éternels.

Grandes rochas escarpadas se projetam do solo enevoado, intercaladas com árvores antigas e cobertas de musgo: faia, eu acho, e abetos e bordos. Um riacho de água doce corta a vegetação rasteira à nossa esquerda. Gotas de chuva ainda brilham sobre as samambaias, mas pela primeira vez desde minha chegada, as nuvens se acalmaram sobre Requiem. Nenhum estrondo de trovão pontua o ar da manhã. Nenhum relâmpago.

Como se sentisse nossa presença, a vida selvagem ao nosso redor cessa sua tagarelice. Apenas o suave borbulhar da água encontra nossos ouvidos. De fato, a presença misteriosa no porto e no castelo ainda não parece ter chegado a esta parte da ilha. Parece pacífico. Calmo. Ainda assim-

Franzo a testa para as samambaias mais próximas de nós, onde a água continua a escorrer constantemente de suas folhas, como se a chuva ainda caísse do céu. Instintivamente, eu deslizo uma das gotículas e a levo ao nariz.

Sal.

A água cheira a sal.

"Pise levemente", diz Michal no silêncio. "Atenha-se às rochas ao longo da margem, se possível, e tente não perturbar a vegetação. Esta floresta está repleta de magia", explica ele com meu olhar questionador, enfiando as mãos nos bolsos e caminhando para frente. "Não queremos perturbá-lo."

"Sério?" Curioso apesar de mim, corro atrás dele, pegando minhas saias e me amaldiçoando por não trocar de sapato - chinelos finos de cetim com fitas delicadas nos tornozelos. Eles serão arruinados dentro de uma milha. "Mais do que outras partes da ilha? Por quê?"

"Porque a bruxa residente não gosta de visitantes. A propósito, são lágrimas." Ele acena com a cabeça em direção à folhagem, em direção às árvores, que continuam a pingar suavemente, pingar, pingar. "A floresta inteira começou a chorar depois da véspera de Todos os Santos."

"Oh." Eu olho em volta para as gotículas brilhantes como joias e me

pergunto como algo pode ser tão bonito e tão enervante ao mesmo tempo. "Como. . . reconfortante."

Michal sorri e, ao vê-lo, tropeço no banco de seixos. Embora a floresta seja estranha, este novo Michal é ainda mais estranho. Desde que encenou sua morte, ele parece. . . mais leve, de alguma forma, quase relaxado, o que não faz sentido algum; Ele pode ter se esquivado de sua coroa, mas as apostas nunca foram tão altas para nenhum de nós. Seu sorriso devastador se alarga com a minha reação - porque ele percebe o tropeço, é claro - e eu quase engasgo com a covinha em sua bochecha. Apenas um, tão diferente, mas tão semelhante ao de Dimitri. Como eu nunca notei isso antes?

Diminuindo a velocidade para andar ao meu lado, ele diz: "Você não precisa se preocupar com uma bruxa, Célie. Você é um vampiro agora. Sua força é igual a qualquer ameaça que ela possa usar contra nós."

Eu bufo indelicadamente, minhas bochechas corando sem motivo aparente. "Força nunca foi exatamente o meu forte, Michal."

Ele arqueia uma sobrancelha. "E você é contra tentar coisas novas?"

"Claro que não..."

"Você tem, então?" ele pergunta com firmeza. "Experimentou?"

"Tentou o quê?"

"Suas novas habilidades como vampiro."

Se possível, meu rubor se aprofunda quando eu desvio o olhar, e Michal faz um barulho baixo em sua garganta. "Ainda não," eu digo rigidamente. "Não houve. . . tempo." Por fim, lanço-lhe um olhar rápido e furtivo com o canto do olho, mas tal sutileza se mostra desnecessária. Entre um piscar e o próximo, ele pisa diretamente na minha frente, bloqueando meu caminho e me forçando a olhar para ele.

Seus próprios olhos se estreitaram. "Temos tempo agora."

"Mas você disse..."

"Isso também é importante."

Minhas mãos enfiam o punho nas minhas saias - porque não é, não realmente, e há uma centena de coisas mais importantes do que explorar o vampirismo. Abandonamos Lou e os outros para lutar contra os mortos-vivos em Cesarine, minha mãe insiste em coabitar com monstros sanguinários e ainda não contei a Michal sobre a Morte e Filippa. As últimas torções como uma faca no meu peito. Não. Nas costas de Michal. Eu preciso dizer a ele. Eu sei que preciso contar a ele, mas ele acabou de morrer; ele sacrificou tudo sem hesitar, mas eu não fiz nada além de hesitar quando se trata dele.

Eu não acho que ele vai machucar minha irmã, mas - mas e se ele fizer isso?

E se ele não tiver escolha?

A ilha - o mundo inteiro - está quebrando, e no centro de tudo está a Morte e seus fantasmas. Isso é claro. Esta floresta não estaria chorando sem eles. O porto não estaria sangrando, as pinturas morrendo. Pior ainda - a Morte parece estar tramando algo mais, e ele parece estar tramando com minha irmã.

Fiz uma promessa, meu doce, de esgotar todas as opções.

Cada opção para quê?

Se eu soubesse; se eu pudesse revelar a Morte sem colocar em risco Filippa, que claramente não é ela mesma.

"Você não está curioso, bichinho?" Michal inclina a cabeça e me observa pacientemente. "Para testar seus limites? Para descobrir tudo o que essa vida eterna pode oferecer se você der a chance?"

"Não," eu digo bruscamente - muito afiado. Eu me encolho internamente com a veemência na minha voz.

Um lampejo de emoção cruza as feições de Michal com a palavra, lá e fora novamente em um piscar de olhos. Decepção? Remorso? Não importa, digo a mim mesmo com firmeza, mas até eu quase rio da mentira. Nada nunca importou mais.

"Você tem certeza?" ele pergunta com aquela voz perigosamente suave. "A Célie que conheço aprecia o conhecimento. Ela anseia pela emoção de novas experiências, de aventura, e nunca permite que o medo a impeça de persegui-la.

Eu zombo por impulso. Essa Célie de quem ele fala é muito maior do que eu, mas ele não precisa saber disso. Ele não precisava saber nada sobre essa batalha que assolava meu peito. "Não seja ridículo, Michal. Claro que não tenho medo..."

"Prove."

Seus olhos negros brilham com desafio agora. Com excitação crescente. E embora isso me torne o pior tipo de covarde, tenho medo - de ceder à minha própria curiosidade traiçoeira, sim, mas também de satisfazê-lo.

Com uma valente tentativa de indiferença, eu passo por ele. "Vamos perturbar a floresta se corrermos pela ilha."

Ele aparece na minha frente novamente, recusando-se a ser dissuadido. "Não se corrermos na água."

"Mas meu vestido..."

"Eu disse na água, Célie, não nela."

Sua mão serpenteia para pegar a minha quando eu o contorno novamente, e seus olhos - eles se movem para a nossa esquerda por um breve segundo, como se detectassem movimento. Instintivamente, sigo seu olhar para encontrar um pequeno rasgo no véu entre duas mudas. As bordas raspadas ondulam levemente em uma brisa inexistente, e flocos de neve flutuam sobre a terra abaixo dela. Eu

franzo a testa quando Michal vira meu queixo para ele. Ele acabou de ver—?

"Você não precisa temer pelo seu vestido, bichinho", diz ele como se nada tivesse acontecido. "Todos os vampiros podem se mover com velocidade excepcional, mas os mais rápidos entre nós podem fugir da própria natureza. Você não vai afundar."

"Eu aprecio o sentimento, Michal, mas eu não sou você. Duvido muito que consiga... andar sobre as águas..."

"Corra na água", ele me corrige. "E você pode se surpreender. Você vai pelo menos tentar?" Quando ainda pareço cauteloso, ele sorri novamente e do bolso retira uma fita esmeralda muito desgastada, muito imunda e muito familiar. Meu coração salta ao vê-lo.

"É isso-?" Eu me lanço instintivamente. Após os eventos da véspera de Todos os Santos, pensei que minha fita estava perdida, perdida para sempre, e grande parte de mim se arrependeu de trocá-la pela fita prateada da minha fantasia naquela noite. A faca de Frederic arruinou irrevogavelmente aquela fita, é claro, então talvez tenha sido o melhor. "Como você encontrou?"

"Nunca foi perdido." Ele puxa a fita para cima quando eu deslizo nela, e a cauda fica fora de alcance. "Suponho que você gostaria de voltar agora, não é?"

Eu olho para ele. "Sim."

"Fantástico." Rápido como um flash, ele enfia a fita de volta no bolso. "Satisfaça este meu pequeno capricho, e eu o darei a você. Pode ser útil, você sabe," ele acrescenta em voz baixa, e minha barriga aperta como um punho com o som. "Para aprender os limites do seu novo corpo."

"Por que isso é tão importante para você?"

E é importante, percebo com um começo. Apesar de seu comportamento casual, seu olhar empola com uma intensidade que queima. "Você precisa conhecer suas vantagens para pressioná-las. Os fantasmas certamente o farão." Uma ideia brilha em seus olhos antes que eu possa argumentar. "Se os fantasmas e a fita não são incentivo suficiente, suponho que eu poderia simplesmente. . . fuja."

Minha testa franze. "O quê?"

Ele não explica; em vez disso, essa ideia se solidifica em um brilho malicioso e consciente, e - na fração de segundo antes de ele se virar - lembro-me de seu aviso do lado de fora de L'ange de la Mort: Nunca fuja de um vampiro. Minha carranca se aprofunda. Porque ele não pode pensar...

Em uma faixa de preto e prata, ele sobe o riacho, e meu corpo reage sem pensar conscientemente.

Ele corre atrás dele.

Se uma parte pequena e distante da minha mente - a parte humana - percebe

o que estou fazendo, ela permanece totalmente silenciosa na esteira da onda instintiva e consumidora de poder na minha espinha. Como antes com Brigitte, minha visão se aguça. Ele sangra vermelho enquanto o sangue bate em meus ouvidos. Cada pedra na margem, cada folha de samambaia, cada lágrima e cada fibra de musgo, grama e terra - tudo se eleva diante de mim com clareza cristalina diante de meus olhos fixos em Michal.

Eu posso ouvir sua risada. Rápido como sou - meu cabelo esvoaçando, vestido ondulando, pés sem peso na água - ainda posso ver cada tremor de seus ombros, cada passo de suas pernas, enquanto ele se afasta de mim, cada vez mais rápido ainda. Um rosnado rasga da minha garganta. Eu esqueci a fita esmeralda. Esqueço tudo, exceto a visão de sua retirada de volta. Porque eu vou tê-lo. Eu o terei, e meus próprios passos ficam mais longos em resposta. Eu me inclino para a frente e levanto meu peito, praticamente voando pela água até que Michal fique maior à minha vista - até que ele olha para mim surpreso, encantado, e eu me preparo sem perder a velocidade, dobrando meus joelhos e me catapultando para ele.

Nós colidimos em um estrondo de membros, e ele se contorce, envolvendo os braços em volta da minha cintura antes de atingirmos o chão. Suas costas sofrem o impacto do impacto. Deslizando pelas rochas, ele me abraça com força - rindo - enquanto finalmente paramos lentamente. "Eu não posso acreditar que você me pegou", diz ele, sem fôlego, antes de deixar cair a cabeça na margem. "Ninguém nunca me pegou antes."

Eu olho para ele, meu peito apertando ao ponto de dor. "Você costuma fugir de mulheres desavisadas?"

"Apenas aqueles de quem eu roubo." Ele solta minha cintura, trazendo uma mão entre nossos rostos. Minha fita de esmeralda serpenteia por seus longos dedos e, quando a toco desta vez, ele permite que a seda escorregue de suas mãos. Enquanto ele balança no meu pulso e faz cócegas em sua bochecha, ele sorri e sopra contra o meu nariz. "Eu sabia que você não iria afundar."

Claro que sim. Tudo o que esse homem já fez foi acreditar em mim, me ajudar, me salvar. Talvez eu não precise esconder coisas para proteger minha irmã. Talvez se eu contar a ele, Michal também a ajude e, juntos, possamos livrar Filippa das garras da Morte.

Lentamente, ele afasta uma mecha de cabelo da minha bochecha, o polegar permanecendo na minha mandíbula. E com aquele movimento único e desprotegido, o resto da minha hesitação desaparece.

"O homem que você viu comigo em Cesarine era a Morte," eu deixo escapar, estremecendo com a entrega sem tato. O calor instantâneo queima minhas bochechas enquanto Michal pisca, assustado, e o momento entre nós se

despedaça. "Eu deveria ter dito a você antes, mas minha irmã fez algum tipo de acordo com ele, eu acho, porque ele prometeu a ela - bem, alguma coisa -"

"A morte prometeu algo a ela?" As mãos de Michal agarram meus ombros e ele me puxa para cima, o calor em seus olhos congelando em gelo negro. "Como na Morte, a encarnação de um poder destruidor de vidas? Morte, a entidade que reivindicou você como sua Noiva?"

"Bem, não foi exatamente assim que ele se apresentou, mas. . . Sim," eu termino em voz baixa, e com uma maldição selvagem, Michal me levanta.

"O que aconteceu?"

Rapidamente, conto tudo o que aconteceu depois que nos separamos em Cesarine: como Frederic e Filippa me encontraram no jardim de rosas, como Frederic ameaçou me matar, como Filippa viu a Morte arrancar seu coração. Quando eu conto a ele sobre a Morte levando o sangue de Frederic e o grimório, ele se afasta. Quando conto a ele sobre o misterioso acordo entre a Morte e Filippa, ele solta outra torrente de maldições, e apresso-me a tranquilizá-lo. "Mas ele honrou a barganha! Ele me deixou sozinho."

"Por enquanto, Célie. A morte deixou você sozinho por enquanto."

Eu envolvo meus braços em volta de mim, o desconforto formigando meu pescoço. "Você parece estar familiarizado com ele."

"Nós nos conhecemos", diz Michal em breve.

Ele ainda está de costas para mim, então eu só posso ver a linha dura de sua bochecha, o canto de sua mandíbula; ele aperta quando ele olha para o riacho em um esforço para se dominar. "Mas como pode ser isso?" Eu pergunto. "Ele acabou de manifestar um corpo na véspera de Todos os Santos."

"Eu o conheci antes que ele adquirisse um corpo. Ele me fez um favor uma vez, provavelmente semelhante ao que prometeu à sua irmã. Embora eu queime de curiosidade, mantenho minha boca fechada e ele me surpreende acrescentando: "Eu me arrependi todos os dias desde então. Ele não é alguém que você quer conhecer, Célie, e não é alguém em quem Filippa deva confiar. Só vai acabar mal para vocês dois." Por fim, ele se vira, e meu espanto sobe com o brilho prateado sutil que emana de seus olhos geralmente negros. Ele pisca para o que quer que veja no meu, igualmente assustado. "Seus olhos estão brilhando", ele me diz.

Eu suspiro e me aproximo, levantando a mão como se quisesse tocar a luz combinada de nossos olhos. "Seus olhos estão brilhando."

Nós nos encaramos por um momento, perplexos, antes de me forçar a abaixar minha mão. Para olhar ao redor em busca de qualquer sinal do reino espiritual. Nenhum fantasma se juntou a nós, no entanto - nenhum que eu possa ver - então respiro fundo e sussurro: "Eu realmente sinto muito por não ter lhe

contado antes."

Ele me estuda com uma expressão inescrutável. "Por que você não fez?"

"Porque eu sou um covarde."

Sua mandíbula se aperta com isso, e eu daria qualquer coisa para ler seus pensamentos enquanto ele recaptura minha mão, olhando para os nós dos meus dedos sem realmente vê-los. Por fim, ele roça um beijo contra meus dedos, embora as sombras permaneçam em sua expressão. "Você me perdoou por muito pior."

Eu olho para ele, desejando que essas sombras se dissipem. "Michal..."

"Desculpe incomodar", diz Mila ironicamente, enfiando a cabeça para fora entre duas árvores chorando, "mas este parece um momento tão bom quanto qualquer outro para interromper o que tenho certeza que teria sido um interlúdio terno."

Michal e eu nos separamos, girando, mas seus olhos continuam a brilhar enquanto ele se concentra em sua irmã. Eu balanço minha cabeça em um esforço para limpá-lo. "Você pode ver-?" Mas ele acena com a cabeça antes de eu terminar a pergunta, então eu aceno com a cabeça também, desorientado e confuso. "Oh. Certo. Claro que você pode. Isso é perfeitamente, perfeitamente..."

"Esperado." Mila sorri para nós de uma forma depreciativa que me lembra Dimitri. "O compartilhamento de sangue nunca é algo para ser considerado levianamente - não que tenhamos tempo para discutir uma situação tão delicada agora. Acabei de me afastar de sua irmã, que se escondeu com a Morte literal em sua antiga casa, Célie. É gentil da sua parte mencioná-lo, a propósito...

"Concordo," murmura Michal.

"Oh, eu ouvi." Gesticulando propositalmente, Mila faz um gesto para continuarmos em direção à cabana da bruxa, e eu tento não parecer ofendido por sua escuta. "Eles construíram um laboratório luxuoso para si mesmos. Até Odessa ficaria com inveja.

"Um laboratório?" Michal pergunta com uma voz aguda, e é quase como se sua covinha nunca tivesse existido. Eu deslizo a fita esmeralda no meu bolso. "Que tipo de experimentos eles estão conduzindo?"

"O tipo com o sangue de Frederic. Eu não conseguia discernir seu propósito exato, mas eles também estavam executando - testes, eu acho, em Filippa. Testes estranhos também", acrescenta ela com uma careta, "em tudo, desde o sangue até o cérebro e o útero. A Morte até coletou uma amostra dos pontos em sua bochecha.

Quase não ouço a última, no entanto, minha atenção se prendendo às duas palavras antes dela.

Seu ventre.

Eles estão fazendo testes em seu útero.

"Pelo que posso dizer, a Morte também coletou seu próprio sangue." Quando olhamos para ela, perplexos, ela olha para trás sem remorso. "O quê? Ele pode parecer humano agora, mas não parece mais ser totalmente uma coisa ou outra. Aquele rasgo no véu deve tê-lo torcido também." Ela gesticula para as samambaias choronas e, ao fazê-lo, uma borboleta morta esvoaça em seu peito.

"Eles estão sozinhos?" Michal pergunta, ignorando-o. "Só os dois?"

Mila ri sem alegria. "Apenas os dois, sim - e um verdadeiro exército de fantasmas. Filippa abriu um buraco no véu do seu quarto de infância, Célie, e levou todos para dentro. A náusea se agita com o pensamento, com a ideia de cadáveres como o arcebispo caminhando pelo tapete do meu berçário. "Parece que você passou suas habilidades para ela através do seu sangue, assim como fez com Michal."

Meus pensamentos se espalham descontroladamente com isso, como alfinetes caídos no chão.

É só que - quando dois vampiros compartilham sangue, eles - eles mudam.

Eu aliso o corpete do meu vestido para algo a ver com minhas mãos. Um nó de emoção obstrui minha garganta, mas não consigo desembaraçar os fios - não quando aqueles olhos prateados tocam meu rosto, avaliando minha reação, e Mical diz: "Abdiquei do trono".

Mila desvia o olhar. "Eu ouvi isso. Os espíritos não puderam falar de mais nada - e muitos perceberam seu subterfúgio quando você não passou por nosso reino. Nunca contabilizamos isso em nosso plano de contingência." Seus olhos se estreitam. "Para onde você foi enquanto fingia a morte se não o nosso reino?"

Um sulco aparece entre as sobrancelhas de Michal. "Eu não sei", diz ele depois de um momento. "Quando meu coração deixou meu peito, eu simplesmente. . . adormeceu." Sua carranca se aprofunda. "Eu sonhei."

"Sua alma permaneceu presa", diz Mila astutamente. "Nunca saiu do seu corpo."

"Alguns podem argumentar que os vampiros não têm mais alma."

Ela gesticula para baixo em sua própria forma cintilante e translúcida. "Certamente sou a prova do contrário. De qualquer forma, foi uma magia estranha, e temo que não seja sem repercussões.

"A própria Dama das Bruxas lançou o feitiço."

"La Dame des Sorcières não é infalível. Sua magia está tão quebrada quanto o resto."

Michal levanta um ombro descuidado. "Se houver repercussões, elas serão minhas para suportar."

"Você realmente é um tolo, irmão, se você pensa isso." Com um escárnio,

Mila se eleva vários centímetros acima de Michal, olhando para ele. "O que quer que a Morte esteja planejando, isso afetará a todos nós - e ele está planejando algo. Eu posso sentir isso." Com a voz cada vez mais frustrada, ela acrescenta: "Ele e Filippa estão sendo muito reservados sobre o que dizem em voz alta, o que me leva a acreditar que eles sabem que alguém está ouvindo".

Qualquer irritação que Mical sentiu em relação à irmã parece desaparecer com as palavras. "Você precisa ter cuidado, Mila. A morte não é alguém cuja atenção você deseja atrair. Talvez você não deva..."

"Eu morri duas vezes agora, Michal. Eu já atraí sua atenção." Sua mandíbula se fixa com determinação, e seus olhos - eles queimam com intensidade agora, com um propósito novo e desconhecido. "Só posso esperar que ele logo se arrependa de atrair o meu."

Embora Michal abra a boca para argumentar, ela gira - cabelo balançando em seu rosto - em direção à cabana da bruxa, que cresce entre as raízes de dois enormes carvalhos à nossa frente. Telhas pretas cobertas de líquen espreitam entre seus galhos retorcidos e janelas com painéis de diamante brilham como olhos de joias entre madeiras pretas desgastadas - arqueadas, ornamentadas, mas ligeiramente desaparecidas com os elementos e a idade.

Em circunstâncias diferentes, eu sentiria uma onda de excitação em uma habitação tão obviamente mágica, mas agora o pavor coalha meu estômago.

"Vou relatar se algo mudar, mas enquanto isso..." Mila inclina a cabeça em direção à cabana antes de se afastar com um sorriso malicioso, ignorando a carranca de seu irmão. "Boa sorte com Mathilde, Célie, e uma palavra de advertência - ela morde."

Capítulo Vinte e Três

A casa de campo

"Mathilde?" Eu pisco com o nome, assustado, mas - certamente é apenas uma coincidência. Michal teria dito se a bruxa que estamos perguntando sobre fantasmas é na verdade parente perdida de Lou - sua tataravó, para ser mais preciso - e, além disso, por que uma bruxa tão prestigiosa e poderosa teria deixado seu povo para viver como um recluso entre vampiros? "Ela não quer dizer—?"

"Ela faz, na verdade." Michal me leva em direção à cabana enquanto Mila nos deixa, sua risada ecoando atrás. "Mathilde le Blanc é um gosto muito adquirido na ilha, e não me refiro ao sangue dela."

"O que Mila quis dizer", pergunto lentamente, "quando disse que Mathilde morde?"

Em resposta, Michal gesticula para uma enorme panela de ferro fundido no degrau mais alto, e eu não posso evitar - eu olho para suas profundezas apreensivamente, esperando algum tipo de poção, talvez veneno, apenas para recuar no próximo segundo.

Osso.

Mathilde encheu a panela com ossos - mandíbulas de animais e fêmures humanos, costelas, vértebras e o que parecem ser as falanges de uma mão esquerda inteira. Trepadeiras floridas se emaranham entre os dedos deste último antes de derramar pelas laterais do caldeirão. Vividamente azuis e assustadoramente belas, as flores parecem tremer enquanto me curvo para examiná-las com fascínio macabro; Reconheço as fileiras de dentes em forma de agulha ao redor de seus centros no instante antes de se lançarem contra mim, estalando violentamente.

Eu me afasto apressadamente. O Barba Azul floresce. As mesmas florzinhas bestiais crescem do lado de fora da loja de Monsieur Marc; Michal uma vez me disse que eles comem borboletas.

Suponho que deveria ser grato por Mathilde não ser uma canibal. "E Mathilde sabe sobre fantasmas?" Ela saberá sobre Filippa?

Michal me observa cuidadosamente agora, como se sentisse o pensamento

desesperado. Minha irmã parece viver e respirar entre nós. "Mathilde sabe de muitas coisas."

Evitando cuidadosamente seu olhar, eu contorno o caldeirão. Embora eu sempre tenha ficado nervoso sob a atenção total de Michal, sinto como se minha pele tivesse ficado dois tamanhos menor depois de nossa conversa inacabada na floresta. Só vai acabar mal para vocês dois. "Ela está nos esperando, certo?"

Ele acena com a cabeça antes de se juntar a mim na porta, sua presença fria espalhando arrepios pelos meus braços. "Um erro da minha parte, eu acho." Apesar do silêncio bastante incomum dentro da cabana, ele fala em voz baixa. Eu ouço mais de perto, imaginando se ela poderia estar se escondendo de nós - então percebo que os sons de sua respiração, até mesmo seus batimentos cardíacos, estão visivelmente ausentes. "Enviei uma carta solicitando uma reunião depois que atracamos no Requiem. Ela nunca escreveu de volta.

"Talvez ela nunca tenha recebido?"

"Oh, eu acho que ela fez."

Michal se move para abrir a porta, mas minha mão serpenteia para agarrar seu pulso. "Você não acha que devemos pelo menos bater primeiro? Esta é a casa dela, afinal, mesmo que ela. . . bem, não está em casa?" Minha voz se transforma em uma pergunta esperançosa no final. Talvez tenham sido as flores do Barba Azul e seus ossos limpos - ou talvez seja a maçaneta prateada - mas, de repente, a ideia de impor a uma bruxa que claramente não nos quer aqui parece tola.

"Por todos os meios" - o olhar de Michal se volta para minha mão em seu pulso - "vá em frente."

Soprando uma respiração trêmula, eu o solto e bato três vezes. Quando ninguém responde, eu bato mais três. Nada dentro da cabana se move. Quando finalmente me viro - determinado a persuadir Michal a tentar novamente mais tarde - ele reprime meu argumento com um breve balançar de cabeça. "Você ouviu o aviso de Mila. Não temos tempo para ser educados, Célie, e mesmo que o fizéssemos, Mathilde não retribuiria o favor. Não vamos embora até falarmos com ela."

"Como você sabe que ela está aqui?"

"Ela está aqui", diz ele simplesmente.

Multa. Multa. Na verdade, ninguém nesta ilha miserável se importa muito com a civilidade de qualquer maneira. Mathilde alimenta suas flores com carne, pelo amor de Deus. Odessa arrancou o coração de Michal, e Dimitri coletou lembranças de todas as criaturas que ele massacrou em sede de sangue. Talvez tenha chegado a hora de eu jogar todo o bom senso pela janela também.

Sentindo-me estranhamente desafiador, levanto um pedaço da minha saia para agarrar a maçaneta, mas Michal me interrompe novamente com dedos leves

no meu braço. "Acho que deveria fazer isso." Antes que eu possa fazer mais do que franzir a testa de volta para ele, ele puxa o tecido da minha mão e o envolve na sua.

Para minha surpresa, o botão gira facilmente. Exceto:

"Porra," murmura Michal.

Ele aperta a mão na minha saia e, instantaneamente, percebo o porquê: a maçaneta o mordeu e o sangue jorra de duas pequenas perfurações na palma da mão. Duas pequenas marcas de presas. "Ela definitivamente sabe que estamos aqui", diz ele com uma risada amarga.

Eu faço uma careta para a maçaneta da porta enquanto seus dentes prateados derretem de volta ao metal liso. "Eu pensei que Mathilde não se importava com vampiros? Por que toda essa parafernália mordaz?"

"Mathilde acha que ela é extremamente engraçada."

"Ela é?"

"Você me diz."

Com um sorriso relutante, levanto minha bainha e arranco um pedaço da minha saia de seda. Embora os olhos de Michal rastreiem a linha da minha perna enquanto deixo o tecido cair, tento ignorá-lo. Eu tento ignorar o cheiro inebriante de seu sangue também. "Isso ainda não explica por que ela se estabeleceu em uma ilha de vampiros."

"Isso foi obra de Mila", diz ele baixinho, observando-me enrolar o pedaço de seda em volta de sua mão. "Ela convenceu Mathilde a se aposentar aqui depois de passar o título de La Dame des Sorcières para sua filha. Eles se conheceram quando Mathilde era uma mulher muito mais jovem, e os dois se tornaram grossos como ladrões.

Meus dedos ainda vão ao redor da mão de Michal e, espontaneamente, meus pensamentos voltam para Filippa. Meu coração se contorce.

"Como Mathilde sabe sobre fantasmas? Não parecia - bem, você e Odessa não pareciam saber o que eram antes de Coco nomeá-los, e ela só sabia por causa do grimório de sua tia. A menos que Mathilde conhecesse La Voisin?

"Vou deixá-la te dizer isso. Agora" - ele abre a porta depois que termino de embrulhar sua mão - "por favor, entre."

Nós dois entramos na cabana em silêncio, entrando em uma cozinha caseira com uma enorme lareira de pedra. Feixes de ervas secas pendem das vigas e uma chaleira de cobre aquece na grelha; o resto do repasto das flores do Barba Azul parece revestir a lareira com uma estranha variedade de crânios. "Eu suponho que você tenha. . . conheceu Mathilde, então?"

Os olhos de Michal varrem a sala em busca de qualquer sinal de atividade. "Sim. Duas vezes. O primeiro quando ela chegou ao Requiem, e o segundo logo

depois de você.

"O quê? Por quê?"

"Coisinha intrometida, não é?"

Eu olho para ele antes de me aprofundar na cabana, enfiando minha cabeça em um pequeno banheiro e olhando para a banheira de lata, o recanto de lençóis surrados. "Tente não tocar em nada", diz Michal enquanto passa atrás, e pode ser o conselho mais desnecessário já dado. Depois da maçaneta, nunca desejei tocar em nada menos do que nesta casa de campo.

Eu ainda estico meu pescoço para cuidar dele, no entanto, enquanto ele se inclina para caber pela porta do quarto. "O que estou procurando, exatamente?"

"Qualquer coisa fora do lugar - um som, uma visão, um cheiro. O último será difícil, mas não impossível. Onde quer que a bruxa esteja escondida, cheirará a magia."

"A cabana inteira cheira a magia."

Eu olho em volta com cautela, esperando que as tábuas do assoalho se abram e me engoliram inteira. Parte de mim gostaria que eles o fizessem - qualquer coisa para cortar essa tensão miserável entre Michal e eu, para dissipar a presença persistente de minha irmã. Ele não a mencionou desde a nossa conversa, e agora - nessa quietude estranha - parece que ele está esperando que eu a mencione.

Eu abro minha boca para falar, sem saber o que dizer, assim como ele se vira para fazer o mesmo.

"Acho que devemos..."

"Nós não precisamos—" eu digo ao mesmo tempo.

Os olhos de Michal se estreitam para o que quer que ele veja em minha expressão. "O que você ia dizer?"

"O que você ia dizer?"

Nós nos encaramos por um longo momento, sem querer falar novamente, até que as tábuas do assoalho realmente começam a roncar sob nossos pés. A vibração quebra a tensão - assim como o grito assustado que me escapa quando salto para frente, colidindo com o peito largo de Michal. Seus braços me envolvem reflexivamente, e ele exala uma risada suave. Eu balanço minha cabeça. "Esta casa vai nos matar."

"Venha agora, bichinho." Ele empurra o cabelo do meu rosto com um sorriso crescente - uma trégua temporária, eu percebo, até depois de falarmos com Mathilde. O alívio inunda meu sistema. "Não me diga que você tem medo de um pouco de magia."

Meus ombros relaxam com a sensação dele contra mim, e minha mandíbula se abre. Porque se Mathilde sabe o que fazer com os fantasmas, ela pode saber o

que fazer com Filippa também. "Vamos fazer disso um jogo?" Michal pergunta. Uma distração.

Eu levanto meu queixo, forçando-me a me afastar dele. "O que você tem em mente?"

Ele se inclina contra o batente da porta, totalmente grande demais para o espaço. "Primeiro a encontrar a bruxa deve um favor ao outro."

Oh Deus. "Que tipo de favor?"

"Qualquer tipo de favor."

Vibrações irrompem na minha barriga. Se nos impormos a uma bruxa parece tolo, concordar em dar um favor a Michal sem quaisquer outros qualificadores parece totalmente demente. Só se você perder, aquela voz desafiadora na minha cabeça argumenta, e com um pouco de emoção de antecipação, eu fico mais ereto em resposta. "Tudo bem. Combinado. Espero que você esteja pronto para esfregar as manchas de sangue de todos os meus vestidos."

"Começando com este?" Ele gesticula para as gotas escarlates na minha saia - seu sangue, eu percebo, minhas bochechas em chamas. Sempre seu sangue. "Eu poderia levá-lo agora, se você quiser."

Meu rosto queima mais quente com a onda de imagens que suas palavras evocam - Michal ajoelhado diante de mim, suas mãos deslizando pelas minhas pernas, meus quadris, enquanto ele tira o tecido sedoso do meu corpo.

Seu sorriso se torna positivamente perverso porque ele sabe.

Porque sua distração já está funcionando.

Porque quando ele me olha assim, mal consigo me lembrar do meu próprio nome.

Apertando minhas coxas, eu me alevo a uma sala no final do corredor antes que eu possa me humilhar, e eu respiro fundo várias vezes do lado de fora da porta. Foco, Célie.

Outra lareira domina o centro da sala; permite que prateleiras e mais prateleiras de livros forrem as paredes por todos os lados. Mathilde parece tê-los pendurado ao acaso, enchendo todos os cantos e recantos com pouca premeditação ou desígnio. De fato, as prateleiras parecem um pouco com dentes quebrados. Eles se projetam para um lado e para outro, irregulares, variados em forma e tamanho, e quando ela ficou sem espaço na parede, Mathilde parece ter começado a empilhar seus livros em pilhas oscilantes no chão - embaixo da mesa, ao lado do sofá, em cima do tapete esfarrapado.

A única aparência de ordem vem de uma estante estreita no canto. Ao contrário das outras prateleiras, que flutuam, esta estante se estende do chão ao teto, e os tomos dentro dela parecem em perfeitas condições. As letras em relevo em suas lombadas brilham à luz do fogo. Suas capas de couro brilham. Na

verdade, ainda posso sentir o cheiro do óleo de vison com o qual ela os condicionou. Esses livros - sejam eles quais forem - devem ser os mais preciosos da coleção.

Eles também parecem chocantemente deslocados no caos da sala.

Curioso, aproximo-me da estante para inspecionar os títulos ali. Uma noite com o Rei Urso. O Cajado do Mago de Águas Profundas. O Demônio: Dotado e Inflamado. Engasgando com o riso, eu recuo, a tensão afrouxando ainda mais no meu peito. Parece que os livros mais preciosos de Mathilde são eróticos, e isso - isso é perfeitamente aceitável. Saudável, até. Não é, no entanto, da minha conta.

Movendo-me para procurar o resto da sala, paro em um título no centro da prateleira.

A Porta Secreta.

Eu hesito, sentindo-me incrivelmente envergonhado, mas passagens secretas existem nesta ilha. Eu mesmo andei com eles, e eles parecem o tipo de coisa que uma bruxa como Mathilde também pode utilizar - e isso sem considerar sua relação com Lou, que acharia a insinuação muito inteligente.

Poderia ser tão simples?

Eu olho mais para o livro. Mathilde está de pé atrás da estante mesmo agora, rindo de mim? É verdade que não sinto cheiro de ninguém - nem a magia aqui cheira particularmente mais forte do que em qualquer outro lugar da cabana - mas também não senti o cheiro de Babette ou Frederic. As bruxas sempre foram capazes de se disfarçar dos vampiros.

No final, o som dos passos de Michal no sótão é toda a motivação de que preciso.

Esquadrinhando meus ombros, eu agarro o livro e puxo.

Um mecanismo é acionado profundamente na parede.

Algo - ou alguém - realmente gargalha.

E todos os livros na prateleira me atacam em rápida sucessão. Com um grito, eu jogo minhas mãos sobre minha cabeça e corro para trás, mas os livros seguem, batendo suas páginas como asas e esmurrando cada centímetro de mim que podem alcançar. E dói. Michal aparece no segundo seguinte - sua expressão perigosa - e pega um, dois, três no ar antes de jogá-los na gaveta da mesa, onde eles chacoalham e tremem e ameaçam desmoronar toda a peça de mobília.

A casa ronca novamente. As tábuas do assoalho tremem sob nossos pés.

Amaldiçoando baixinho, pego o próximo livro e, na pressa, quase o arremesso pela parede. Seu canto de metal se encaixa no gesso e, preso - continua a bater com raiva, rasgando suas páginas contra a parede. "O que você fez?" Michal pergunta exasperado, afastando um volume particularmente gordo enquanto ele se lança na minha cabeça. "Eu disse para você não tocar em

nada..."

"O livro dizia algo sobre uma porta!" Tomado pelo pânico e outra vontade bizarra de rir, eu me abaixo em direção ao sofá para me proteger. "Eu apenas pensei - talvez - Mathilde pudesse estar se escondendo..."

O canto prateado de outro livro corta minha bochecha, no entanto, e os olhos de Michal se dilatam com o cheiro do meu sangue. Ele respira fundo para se recompor antes de agarrar a Porta Secreta por trás da minha cabeça. "Este?"

"Sim! Olhe..."

Com um suspiro, Michal abre o livro, seus olhos passando pela página antes de virá-la em minha direção. "É este o conteúdo que você esperava?"

O livro retrata um par de fadas abraçadas, seus corpos alados arfando e suas expressões se contorcendo em êxtase. Com um guincho abrupto, eu aperto meus olhos fechados, batendo o livro também. "Coloque de volta! Oh meu Deus, Michal, coloque-o de volta agora!

Ele ri sombriamente, mas obedece. No instante em que ele devolve o livro, o resto dos livros - agora batendo pela sala quase sem entusiasmo - caem e caem no chão. Eu exalo um suspiro rápido, aliviado demais para me sentir envergonhado - ou pelo menos, muito envergonhado - e levanto a mão para o sangue na minha bochecha. Michal assiste com diversão brilhante. "Devemos continuar nossa busca ou você gostaria de examinar o resto da extensa coleção de Mathilde? Posso ser influenciado a qualquer perseguição.

Ainda assim, aquela vontade ridícula de rir. "Não precisamos mais procurar."

Um sorriso tortuoso se espalha por seu rosto. "Opção dois, então - a menos que você esteja perdendo nosso jogo? Não há vergonha na derrota, você sabe. Serei um vencedor muito gracioso."

"Michal." Eu falo seu nome com os dentes cerrados, recusando-me a dar-lhe a satisfação de quebrar agora. "O que quero dizer é que acho que a encontrei."

"Hmm. Não é tão divertido, isso."

"Eu ouvi alguém gargalhando." Forçando uma carranca para sua expressão - porque, honestamente, o que há de errado comigo? - Eu passo por ele até uma arandela do outro lado da sala, inclinando-me para inspecionar a escultura de latão na base. Assemelha-se a um rosto humano. Um rosto bastante enrugado, seus olhos se estreitaram, sua papada flácida em ambos os lados de um nariz aquilino com uma verruga na ponta. Quando uma fina linha de sangue escorre do nariz, o sorriso de Michal desaparece.

"Célie", ele avisa, mas é tarde demais.

Capítulo Vinte e Quatro

Mathilde

O rosto se lança da parede, estalando os dentes na terceira tentativa desta cabana de me morder.

Desta vez, no entanto, reajo muito lentamente e os dentes prendem meu nariz entre eles. A dor irrompe no meu rosto enquanto os dentes se apertam, descem, tremem levemente como um cachorro com um osso. Gritando, eu o soco cegamente, e Michal arranca a coisa horrível da parede até que suas orelhas apareçam, seguidas por seu pescoço. Seus ombros. Seu peito e sua cintura e seu...

Ah.

Eu suspiro, ainda segurando meu nariz, quando uma velha decrépita pousa no tapete, rolando para olhar para nós. Sem uma palavra de explicação, ela escova a tonalidade metálica de seu seio amplo, as mangas de sua simples mudança de linho. O pó de latão voa em todas as direções, mas a maior parte dele - de alguma forma - se deposita no rosto de Mical. Ele pisca de seus olhos em desgosto. "Olá, Mathilde", diz ele secamente.

"Você vai pagar pela destruição da minha propriedade, sanguessuga," ela retruca para ele, limpando o sangue do nariz.

"Ah, como eu senti sua falta."

"Não se atreva a colocar esse feitiço nojento em mim como se fôssemos velhos amigos. Eu disse para você não voltar, mas aqui está você, ousado como latão. Ela fica com os pés instáveis e esfrega o traseiro com um suspiro irritável, examinando nós dois com olhos azuis redondos enquanto a casa gradualmente para de roncar. "Vampiros. Sempre enfiando o nariz no meu negócio...

"Não tenho certeza se ainda tenho nariz", digo indignado.

"E isso lhe serve bem, não é? Ensiná-lo a não cutucá-lo onde não pertence. Como você chegou aqui?"

Revirando os olhos, Michal encolhe os ombros para fora de seu casaco de couro na tentativa de sacudir a poeira de latão. "Eu sou o dono desta casa, Mathilde."

"Bah! Chantagem, pura e simples." Ela se arrasta até o sofá, desabando sobre

ele e levantando os pés robustos no banquinho, que não estava lá há um momento. Eu pisco desconfiada, olhando ao redor do resto da sala através dos meus dedos. Não querendo soltar meu nariz por medo de revelar um monte mutilado de carne e narina para Michal. "E o que é propriedade, afinal, senão o direito superficial de posse? Não, não, esta propriedade não será apreendida por nenhum governo enquanto eu morar aqui..."

Embora Mathilde continue - e assim por diante - eu paro de ouvir no instante em que os olhos de Michal encontram os meus. Eles se estreitam um pouco, e eu fico tenso enquanto ele caminha em minha direção, ignorando meus protestos e tirando minhas mãos do meu rosto. Ele espia entre eles para inspecionar meu nariz - parecendo totalmente ridículo com pó de latão em suas bochechas - antes de balançar a cabeça e murmurar: "Arruinado, estou com medo."

"Cale a boca, Michal." Empurrando-o para longe, sinto isso timidamente por qualquer sinal de dano. Não parece haver nenhum, e um brilho quente inunda meu peito ao ver seu pequeno sorriso traiçoeiro. Perigoso é o que é. O que ele é.

Muito perigoso.

Tardiamente, percebo que ganhei a aposta, e as possibilidades me emocionam e me aterrorizam.

"Vocês dois estão me ouvindo?" Mathilde faz um som de raiva do sofá. "Claro que você não é. Cheira a um bordel maldito aqui—"

Michal arqueia uma sobrancelha para os livros espalhados pelo chão. "Tem certeza de que não é eau de Milking the Minotauro?"

Mathilde grita de indignação. "A audácia! Você entra em minha casa, destrói minha sala de estar e se atreve a insultar meus confortos? Alguém poderia pensar que as hemorragias nasais e tremores são suficientes. Coisas bestiais, elas são, muito inconvenientes...

"- e também por que estamos aqui." Embora Michal se vire para encará-la, ele pára abruptamente quando eu estendo a mão para limpar o pó de seu rosto. Então - incrivelmente - ele se inclina ligeiramente para facilitar. Eu observo meus dedos em sua pele como se pertencessem a outra pessoa, incapaz de retirá-los se eu tentasse. Michal engole em seco.

No segundo seguinte, no entanto, algo afiado se interpõe entre nós. Ele o espeta no estômago quando nos separamos, e ele olha para o atiçador de lareira que Mathilde de alguma forma empunha no sofá. "Estou interrompendo de novo?" ela pergunta bruscamente. "Eu pensei que você estava aqui para me propor."

Seu olhar descontente se volta para ela, e ele puxa o atiçador de sua mão.

Em um instante, um sorriso largo divide seu rosto, e ela balança as sobrancelhas em um gesto extremamente Lou-ish. "Devo encaminhá-lo para o

quarto de hóspedes em vez disso?"

Se Deus pudesse escolher este único momento para me ferir, eu poderia agradecê-lo. Como ele não o faz, no entanto, sou forçado a pisar na frente de Michal e fingir que esta é uma situação perfeitamente normal que criei. Fixando um sorriso brilhante no meu rosto, eu aperto minhas mãos na minha saia. "Minhas desculpas, madame. Eu não sei o que aconteceu comigo...

Mathilde gargalha. "Eu faço."

Com um suspiro pesado, Michal diz: "Precisamos de informações, Mathilde, e se você nos der, faremos valer a pena."

"Se você está falando de favores sexuais, jovem..."

"Estou falando", diz ele, "de transferir a propriedade desta casa em troca de conselhos sobre os fantasmas - especificamente, como matá-los".

Todo o humor que eu poderia ter encontrado em nossa situação murcha até um nó no meu peito.

Da mesma forma, o sorriso de Mathilde desaparece tão rapidamente quanto apareceu. "Eu não estou te dizendo nada."

"Seja razoável, Mathilde. Os fantasmas estão se tornando um problema, até mesmo para você. Esses buracos que eles rasgaram o véu não estão apenas fazendo a floresta chorar - eles estão fazendo sua casa tremer e seu nariz sangrar. Eu suponho que eles estão afetando sua magia também." Ele joga o atiçador de lado, e ele cai em cima de seus confortos com um baque abafado. Ela murmura novamente e cruza os braços. "Se isso não bastasse, eles também estão rastejando pelas ruas de Cesarine com uma raiva cega. Quanto tempo antes de chegarem ao Chateau le Blanc? Quanto tempo antes que eles se banqueteiem com sua progênie?"

"Minha progênie é mais do que postes", diz ela em breve. "Eles merecem qualquer coisa que recebam dos fantasmas, e eu não vou levantar um dedo para detê-los."

Eu pisco para ela, horrorizado. "Lou é uma das pessoas mais inteligentes que já conheci."

Mathilde apenas zomba, virando-se para se apoiar no braço do sofá e olhando irritada pela janela de vidro de diamante. Suas pernas tremem apenas um pouco. "Você não pode ter conhecido muitas pessoas, então, pode, pétala?"

Um tipo diferente de calor lambe minha espinha agora, e um barulho de indignação sai da minha garganta. Que se dane a civilidade. "Você não vai insultar Louise le Blanc na minha frente."

"Que conveniente." Ela empurra o queixo por cima do meu ombro. "Aí está a porta."

"Você nem a conheceu..."

"Não precisa. Não quero." Ela levanta o nariz em forma de bico obstinadamente, e ali, bem na ponta, está a verruga familiar de que Lou tanto gosta. A comparação irrita. Essa velha excêntrica com seu erotismo e rancor não merece uma neta como Lou. "Também não estou interessado em atos de matricídio."

"Diz a mulher que tentou afogar Morgane em um banheiro," eu digo acaloradamente.

"Isso foi diferente!"

"Como, madame?"

Nós nos encaramos por um longo momento, olhos verdes ferozes contra os azuis redondos. Então— "Eu não deveria ser pega", murmura Mathilde.

"Seu hipócrita imundo..."

"Considere isso um favor para mim." Michal engancha um dedo sob meu corpete, lançando-me um olhar de advertência enquanto meus dentes começam a se alongar sem permissão. Eu ainda posso sentir o cheiro de seu sangue, afinal, e o cheiro dele é - eu recuo abruptamente com uma centelha de consciência. O cheiro é estranhamente. . . familiar. Mesmo o cheiro forte da casa e toda a sua magia não conseguem disfarçar aquela nota subjacente de rosas. Os dedos de Michal se enrolam mais apertados em torno das cordas do meu corpete. "Venha agora, Mathilde. Não há muitas pessoas a quem devo favores neste mundo.

"Não, é apenas o único para você, não é?" Mathilde pergunta astutamente, então gargalha quando os olhos de Michal se estreitam. "Oh, não olhe para mim assim. Você não esperava que eu ouvisse sua réplica com esta pequena torta? Talvez você não devesse gritar por toda a ilha, então, hmm? A palavra viaja rápido, mon roi" - seus olhos brilham em triunfo com sua expressão negra - "ou não devo mais chamá-lo assim? Imagine meu choque ao ver um homem tão morto caminhando até minha cabana, de braços dados com a garota que ele morreu para proteger. Parece-me que uma nota rápida para a Cidade Velha esclareceria qualquer mal-entendido...

Eu me movo instintivamente, me afastando de Michal e debatendo a melhor forma de arremessar Mathilde da janela. Como se sentisse o perigo, Mathilde se levanta com agilidade inesperada, e algo antigo se agita em seu olhar. Algo poderoso. "É melhor controlar esse temperamento, pétala", diz ela em voz baixa, "a menos que você queira que eu perca o meu."

Eu toco minha língua na ponta de uma presa. "Seu nariz está sangrando de novo."

Seus dedos retorcidos se curvam.

Antes que qualquer um de nós possa cumprir nossas ameaças, no entanto, Michal se interpõe diretamente entre nós. "Eu pensaria com muito cuidado sobre

como você procede, Mathilde", diz ele suavemente. "Você é um inimigo poderoso, sim" - ele inclina a cabeça, os olhos brilhando enquanto estuda seu rosto pálido - "mas não vamos fingir que sou o único aqui que prefere que sua existência permaneça em segredo."

Embora nós dois franzimos a testa, Mathilde não parece confusa com seu aviso enigmático. Não, ela olha para Michal com o mesmo poder antigo - mudando, avaliando, saboreando a verdade em suas palavras. Faz pouco sentido, no entanto; Mathilde vive em uma ilha habitada por criaturas com sentidos sobrenaturais. Certamente ela não pode se esconder deles completamente, e especialmente não com magia quebrada. Meus dentes rescindem quando o ceticismo - e talvez um toque de timidez - substitui esse traço de proteção. Eu pensei que Michal morreu apenas algumas horas atrás. "Os vampiros não sabem sobre você, Mathilde?"

"Oh, eles sabem que uma bruxa poderosa vive do outro lado da ilha", diz Michal. "Eles sabem evitá-la, se possível. Eles, no entanto, não sabem quem ela realmente é. O que ela realmente é", acrescenta ele significativamente.

"O que ela é. . . significando um ancestral de La Dame des Sorcières?"

"Entre outras coisas."

Não é uma resposta, e todo mundo sabe disso. Antes que eu possa exigir uma explicação real, no entanto, Mathilde se arrepia, jogando-se no sofá e acomodando-se nos travesseiros mais uma vez. "Parece que chegamos a um impasse, então, não é?" Ainda assim, todos os vestígios desse antigo poder desaparecem, substituídos por uma expressão um tanto mesquinha, enquanto ela cruza os braços e acrescenta: "Vou manter seu segredo, mas ainda não estou interessada em seus favores."

Ela diz o último como um palavrão, e Michal exala lentamente como se rezasse por paciência. "Todo mundo tem um preço, Mathilde. O que você quer senão meu favor ou minha casa?"

Seus lábios franzem e ela cruza as mãos retorcidas sobre o peito amplo. Então, depois de um momento de consideração, ela diz: "Eu quero minha caixa de chapéu".

Se ela esperava uma reação a uma demanda tão estranha, ela não a recebe - não de Michal, pelo menos. Eu, no entanto, pisco para ela em perplexidade, minha testa franzida enquanto minha confusão aumenta. "Sua caixa de chapéu? Você quer dizer a caixa de chapéu que você deu a Odessa?"

"Deu?" Levantando-se novamente - fazendo uma careta com o movimento - Mathilde empurra um dedo torto em direção ao teto. "Fui coagido! Enganou! Ela poderia muito bem ter aplicado parafusos de dedo...

"Acordo." Sem outra palavra, Michal morde a palma da mão e estende o

sangue fresco para Mathilde, que o olha com desconfiança. Depois de outro momento, no entanto - no qual ainda ninguém consegue explicar - ela suspira e tira uma faca de prata do bolso antes de cortar a própria palma da mão. Meu estômago se contrai em fascínio macabro enquanto ela bate a palma da mão contra a dele. Quando ela estala os dedos irritadamente, o cheiro de magia floresce mais uma vez. Mais suave desta vez. Duradouro. "Um juramento de sangue", diz Michal, estabilizando-a quando ela cambaleia ligeiramente. "Sua caixa de chapéu em troca de tudo o que você sabe sobre os fantasmas - e como derrotá-los."

Ela parece incapaz de se conter. "E se eu não souber como derrotá-los?"

"Como um dos ditos fantasmas está preso dentro de sua caixa de chapéu", eu digo, "eu certamente espero que você o faça."

Mathilde amaldiçoa, e sua magia pulsa em resposta - uma, duas vezes - antes de entrar em erupção em uma nuvem acre de incenso e terra. De podridão. Só então ela liberta Michal com uma carranca feroz. "Eu mencionei o quanto eu detesto vampiros?"

Muito parecido com a cabana desordenada de Mathilde, seu jardim explode com folhagens de todos os tamanhos, formas e cores. Há flores de Barba Azul aqui, sim, mas também rododendros, azaléias e rosas trepadeiras. Peônias de árvores. Glicínias malva. Todos eles formam uma espécie de barreira natural contra o resto da floresta, encaixotando na horta - repolho, cenoura e couve-flor, alho-poró e cogumelos, e uma dúzia de outros que não posso nomear - junto com um pequeno pátio de pedras de pavimentação. Um lago cheio de pétalas cheio de lírios e sapos completa a cena idílica.

Seria porque, tragicamente, tudo está morto.

Tudo, exceto o urso.

Eu tento não olhar enquanto ele se arrasta ao redor da beira da água, arrastando as costas para nós antes de cair de barriga para baixo e expelindo um suspiro descontente.

Acima de tudo isso flutua o cheiro de podridão e rosas.

Michal e eu nos sentamos com uma relutante Mathilde em uma mesa de ferro enferrujada sob um salgueiro. As folhas, quebradiças e pretas, farfalham suavemente no alto enquanto ela pede um café. "Er-" Eu olho para sua cabana incerta. "Você emprega um cozinheiro, madame? Eu não vi ninguém quando nós..."

"—vasculhou minha casa?" Mathilde tamborila os dedos retorcidos contra o tampo da mesa. "Intrometido. E eu não sou sua madame.

Certo.

Eu cerro os dentes em um sorriso, determinado a passar por essa conversa sem me alimentar do urso. "Vamos direto ao assunto, então? Você pode nos contar sobre os fantasmas?"

"Acabei de ligar para o café", diz ela irritada.

"Sim, eu sei disso, mas como estabelecemos, não há atendentes na casa..."

"Quem estabeleceu isso? Nunca coloque palavras na minha boca, sua garota boba. É claro que tenho atendentes - só porque você não pode vê-los ou ouvi-los não significa que eles não existam. Ela exala com força pelo nariz. "Quem você pensa que eu sou?"

A porta dos fundos se abre antes que eu possa responder - e eu realmente quero responder - mas minha boca se fecha ao ver um carrinho de chá escalando a soleira por conta própria. Em cima dele, uma jarra e quatro tigelas incompatíveis saltam ao acaso com uma panela de açúcar e uma jarra de leite. Os dois últimos espalham seu conteúdo com abandono imprudente, deixando um rastro de confeitaria no rastro da carroça. Mathilde grita para eles antes de estalar os dedos, e um esfregão entra pela porta em seguida. Ele cai com um barulho no meio das pavimentadoras. Embora Mathilde estale os dedos novamente - uma, duas, três vezes - ele se recusa a se mover, e ela franze a testa com o gotejamento fresco de sangue de seu nariz.

"Não tenha nenhuma ideia," ela retruca quando meus olhos instintivamente seguem seu caminho. Em seu tom, eu levanto minhas mãos em um gesto apaziguador. Porque Mathilde e sua magia não são da minha conta. Estamos aqui para aprender sobre revenants - e de alguma forma, ela parece ser a única autoridade - o que significa que eu deveria morder minha língua; Eu não deveria me intrometer.

Infelizmente, nunca fui adepto de nenhuma dessas coisas.

"Não dói?" Incapaz de me conter, eu gesticulo incrédulo de seu nariz para o esfregão para o carrinho de café que estremece até uma parada fraca a trinta centímetros de distância. A jarra parece gemer. "A magia claramente quebrou - apenas ouça aquele pote - então por que continuar a usá-lo quando isso afeta você assim?"

Mathilde olha para mim como se eu tivesse enlouquecido. "Porque eu sou uma bruxa."

"Sim, mas..."

"Pare de complicar as coisas, pétala", ela aconselha. "Eu sou uma bruxa. Para o bem ou para o mal, a magia faz parte de mim. Não posso ignorá-lo mais do que um loup garou pode resistir à atração da lua. Ela bufa ironicamente antes de puxar o carrinho em sua direção. "Mas o que estou dizendo? Essa resposta não significará muito para pessoas como você."

Eu pisco para ela, relutante em admitir que ela está certa, e isso significa muito pouco. "Porque eu não sou uma bruxa?"

"Porque você é uma vampira que ainda pensa que é humana." Seus olhos redondos piscam para Michal enquanto eu enrijeço, e seus lábios se torcem em rápida desaprovação. "E não há nada mais perigoso do que fingir ser algo que você não é. Não é mesmo, sanguessuga?"

Em vez de responder, ele examina o jardim com sua indiferença característica. Eu sei que suas palavras ainda atingem seu alvo, no entanto, porque algo se move por trás de seu olhar. Algo endurece, sua máscara impenetrável deslizando de volta ao lugar. E eu odeio isso. Essa diferença nele - embora sutil - toca minha nuca como um bloco de gelo, e eu resisto à vontade de tremer. Quando pressiono meu pé sobre o dele debaixo da mesa, pedindo-lhe que olhe para mim, ele lança um olhar arqueado em minha direção e levanta uma sobrancelha.

"Café seria adorável, não é?" Eu pergunto, fingindo que Mathilde está sendo uma anfitriã graciosa em vez de nos incitar.

Ele não faz tal esforço. "Nós tomamos sangue em nosso café", ele diz a ela friamente. "Você está oferecendo?"

O rosto murcho de Mathilde se divide em um sorriso, e ela se inclina para a frente de forma conspiratória. "Você beberia se sim? Já ouvi rumores cruéis em contrário, mas nunca se sabe. Deve ser um negócio muito sedento ter seu coração arrancado.

E ela me chamou de intrometido.

Michal se inclina para trás em seu assento, sua expressão astuta. "Você falou com Mila."

"Ela pode aparecer ocasionalmente."

Ainda gargalhando, Mathilde pega um prato lascado cheio de croissants macios e amanteigados. Se possível, minha confusão se aprofunda - com a lembrança do meu corpo de comer croissants, sim, e a pontada bizarra de fome que se segue, mas também com a mudança abrupta na conversa. "Como você pode falar com Mila?" Eu pergunto a ela.

Ela estreita os olhos para o meu tom, antes de pegar uma tigela e enchê-la até a borda com café preto fumegante. Debruçando-se sobre isso, ela diz: "Porque eu sou uma noiva da morte".

"O quê?"

"Você achou que era o único?" Ela toma um gole arrogante. "Jovens. Tão importante."

"Eu—" Meu olhar incrédulo muda para Michal, que não revela nada enquanto Mathilde pega um croissant do carrinho. Ela empurra no meu cotovelo

em seguida, um pouco mais forte do que o necessário, mas eu a ignoro, pressionando com mais força o pé de Michal. "Você sabia disso?"

"Não até depois da sua chegada."

A realização amanhece. "Naquela noite você deixou o castelo..." Minha voz desaparece enquanto volto para uma época diferente, uma vida diferente, quando Michal me avisou - ainda humano - para não vagar pela ilha sem ele. "Quando você alegou que tinha negócios em outro lugar, você veio aqui, não é? Para interrogar Mathilde sobre mim.

Mical inclina a cabeça.

"Por quê?"

"Seu cheiro se parece com o dela." Ele levanta um ombro, mas o movimento é tenso demais para ser descuidado. "Eu reconheci quase instantaneamente, embora não soubesse o que significava na época."

Mathilde esconde um sorriso atrás de sua tigela de café. "Você deveria ter tirado uma folha do meu livro, pétala, e ficado escondido. A morte pode gostar de nós, mas nada de bom vem de outras pessoas saberem disso.

"Oh, isso de novo não", diz Guinevere com uma voz entediada e, juntos, giramos em direção ao som. "A morte nunca gostou de você, Mathilde, e para alguém que afirma menosprezar a companhia, seu jardim parece sempre ocupado."

Ela sobe pela lagoa no segundo seguinte - revirando os olhos para o urso - e eu me assusto com sua presença inesperada, lembrando-me da última vez que a vi. Ou melhor, a última vez que sonhei com ela, viva, enquanto dançava de braços dados com um D'Artagnan humano. Cuidado com sua irmã. O desconforto percorre minha espinha enquanto eu olho para ela agora, mas pelo menos os olhos de Michal ainda brilham prateados também.

Um estranho conforto.

"O que - o que você está fazendo aqui, Guinevere?" Pergunto irritado.

"O mesmo que ele." Ela varre uma mão descontente em direção ao urso, que rosna para ela com os olhos fechados. "Embora eu nunca escolheria um urso como meu disfarce. Um cisne, talvez", diz ela pensativamente, olhando para o lago, "mas é claro que você reservaria sua ira para mim de qualquer maneira. Típico. Posso perguntar onde mais eu deveria estar, querida Célie? Portos seguros como esses estão se tornando poucos e distantes entre si.

"Portos seguros?" Michal pergunta bruscamente.

Os olhos de Guinevere se arregalam em choque e prazer ao perceber que ele pode vê-la. "Bem, olá de novo, Michal. Meu, meu, meu, quão fortuito esse convite acabou sendo. Guinevere se acomoda na quarta cadeira da mesa e lança-lhe um olhar de flerte, batendo os cílios e entrelaçando um cacho em volta do

dedo. Quando ele olha para ela, inexpressivo, seu sorriso vacila ligeiramente. Ela pisca para ele confusa antes de sacudir seus olhos prateados para mim. Eles incham de horror. "Por que você não está tocando nele? Por que ele pode me ver, Célie? O que você fez?"

Agora Michal sorri, elegante e afiado. "Acho que você sabe, Guinevere."

Uma batida de silêncio.

Então Guinevere incha, atirando de sua cadeira em indignação, sua boca abrindo e fechando como um peixe, enquanto Mathilde bufa e quase cai da sua. "Isso é - você não pode - Michal, como você pôde?" Guinevere geme, torcendo as mãos enquanto Michal revira os olhos. "Eu esperei. Eu estava—eu estava me guardando para quando você—"

"Salvando a si mesmo?" Mathilde gargalha descontroladamente agora, batendo com o punho na mesa de ferro. "Ha! Você tem espalhado seu éter para cada particípio pendente daqui até Amandine nos últimos quinhentos anos. Nunca teria funcionado entre vocês. Este prefere um ingênuo. Ela empurra o polegar para Michal antes de estalar os dedos novamente, e um livro bate dentro da cabana. Ele ricocheteia no batente da porta e voa para o jardim, voando direto pela testa de Guinevere. Michal pega por instinto.

"As Grandes e Pequenas Mortes: O Guia de Um Fantasma para a Autogratificação", diz ele secamente, arqueando uma sobrancelha. Leitura de nicho."

Mathilde inclina a cabeça, ainda gargalhando e enormemente orgulhosa de si mesma. "Para seu prazer, Guinevere."

O sangue de Michal rasteja em meu rosto, pintando minhas bochechas de escarlate com mortificação. Porque isso ficou ridículo. Pegando o livro de Michal, eu o jogo de volta para a cabana e retruco: "Podemos discutir a autogratificação em outro momento. Você fez um juramento de sangue para nos contar sobre os fantasmas, Mathilde.

Ela abana um dedo retorcido. "Ah, pétala, mas eu nunca disse quando."

Com o olhar negro de Michal, no entanto, seu sorriso torto desaparece e ela dá outro arrepio descontente. "Oh, tudo bem. Despojos miseráveis."

Ainda assim, ela leva seu tempo pescando a folhagem enegrecida de seu café antes de despejar o resto em suas azaléias mortas, que lambem o líquido avidamente, estremecem e disparam mais um centímetro. Então— "Você é uma Noiva da Morte", diz Mathilde de má vontade, "então você conhece os requisitos. Eu deveria ter morrido na idade madura de nove anos - escorregou de um penhasco em La Fôret des Yeux e abriu minha cabeça - mas a Morte escolheu me poupar na forma de Josephine Monvoisin.

Quando eu suspiro, ela acena com a cabeça em um prazer sombrio.

Guinevere suspira, arrancando uma azaléia da videira e enfiando-a no decote. Ela olha melancolicamente para Michal.

Ele fecha os olhos como se estivesse dolorido.

"Ela me encontrou no fundo do penhasco, e ela deve ter sentido sua presença - sempre esteve um pouco interessada demais na Morte, se você me perguntar. Obcecado, até." Encolhendo os ombros, Mathilde faz uma pausa dramática para sorver a borra de sua tigela com prazer. "Minha própria mãe não se importava se eu vivia ou morria, então Josephine insistiu que eu voltasse para o acampamento de sangue com ela e aquele espectro dela." Ela estala os dedos em agitação, tentando lembrar o nome.

"Nicholina", diz Guinevere de cor.

"Ah!" Mathilde estala triunfante. "Nicholina. Nunca gostei dela."

"Você não parece gostar de ninguém", eu aponto.

"Você está muito certo, e por um bom motivo - Josephine me contratou como uma espécie de aprendiz, para que ela pudesse me cutucar e cutucar sempre que pudesse." Os lábios de Mathilde se curvam. "Eu era apenas uma criança, então eu a deixei fazer isso. Mal podia esperar para me livrar dela, então aproveitei a chance de voltar ao Chateau le Blanc quando minha querida velha mamãe morreu. Nunca olhei para trás."

Ela hesita com surpreendente consideração, batendo no queixo felpudo. "Aprendi muito com ela. Mulher má, com certeza, mas mais poderosa do que qualquer um deveria ser.

"E você já leu o grimório de Josephine?"

Mathilde olha com orgulho evidente. "Claro que sim. Ela pode ter sido poderosa, mas eu era uma coisa corajosa, mesmo assim. Eu entrei sorrateiramente em sua barraca e folheei todas as chances que tive. Tentei arrancar uma página uma vez, mas a maldita coisa se recusou a me dar - então eu copiei. Com um estremecimento e um movimento de seu pulso, um único maço de pergaminho aparece entre seus dedos. "Ela tomou meu sangue para isso, afinal."

Amarelado com o tempo, o pergaminho carrega uma caligrafia infantil em tinta preta desbotada, com um título familiar na parte superior:

UM FEITIÇO PARA RESSUSCITAR OS MORTOS

O reconhecimento brilha, e eu me inclino para puxar a página de suas mãos, deslizando-a ansiosamente. As marcas de arranhões de Frederic estão ausentes nesta versão - Mathilde teria copiado o feitiço antes de ele nascer - mas o arrepiante Sangue da Morte permanece o mesmo. Eu viro a página em busca de

outra coisa, algo novo sobre os fantasmas, mas não encontro nada. Michal se inclina para examiná-lo por cima do meu ombro, e até Guinevere faz uma pausa enrolando um anel em volta do dedo para ouvir.

"É isso?" Eu olho para Mathilde, cabisbaixa. "Você - você realmente não sabe como derrotá-los?"

"Mais palavras na minha boca", diz ela irritada, pegando a página de volta. "Você perguntou sobre o grimório dela, e eu respondi. O que você esqueceu, garota boba, é que eu morava com La Voisin. Você acha que eu a deixei roubar meu sangue sem aprender como ela o usou? Você acha que eu não conhecia os truques dela? Claro que sim. Eu a segui naquela noite e a vi ressuscitar aquele cadáver. Eu o vi quase deixá-la inconsciente também, assisti-lo dar uma mordida em sua perna antes que ela conseguisse matá-lo novamente - permanentemente desta vez.

"Como ela fez isso?" Michal pergunta com um tom de voz.

Mas - algo incomoda no fundo da minha mente, ficando mais insistente a cada palavra que ela diz. Eu nunca tinha pensado nisso antes, nunca questionei como qualquer um dos feitiços no grimório de La Voisin surgiu. Na esteira da explicação de Mathilde, no entanto, parece dolorosamente óbvio - é claro que La Voisin teria testado cada um. Ela não teria comprometido nenhum deles com seu precioso grimório se eles não tivessem sido bem-sucedidos, o que significa. . . "Ela abriu um buraco no véu também?" Pergunto urgentemente.

Os olhos de Mathilde se fixam nos meus. "Essa, pétala, é a pergunta mais interessante."

O urso na lagoa levanta a cabeça.

"Quando Josefina ressuscitou aquele pobre homem, ela abriu um buraco no véu, tudo bem, mas um pequeno - ele se curou no instante em que ela o incinerou. Transformou-o em pó", acrescenta ela em resposta à pergunta de Michal. "Fogo. Ele matará qualquer criatura morta-viva, não é? Cinzas às cinzas, e tudo mais. Vampiro, revenant - não importa no final. Ela acena com a mão desdenhosa, mas nada em suas palavras parece trivial para mim. Em vez disso, minha pele se arrepia com a implicação. Pior ainda é aquela coisinha no fundo da minha mente. Ele insiste que eu olhe para ele - reconheça - mas eu me recuso, recuando instintivamente.

Quando Josefina ressuscitou aquele pobre homem, ela abriu um buraco no véu, tudo bem.

Ele se curou no instante em que ela o incinerou.

Embora o olhar duro de Michal pouse no meu rosto, eu me recuso a olhar para ele também. "Não há como ajudá-los?" ele pergunta. "Só a morte?"

Mathilde o espeta com um olhar aguçado. "Eles já estão mortos, Michal. Só

podemos fugir por tanto tempo - ultrapassá-lo. Ninguém vive para sempre."

Um peso se instala no jardim com suas palavras, e até as plantas parecem murchar um pouco mais.

Mathilde não parece notar, em vez disso, continua sem perder o ritmo: "Mas o buraco naquela noite não é nada - nada - comparado ao que quer que tenha se aberto na véspera de Todos os Santos. Eu nunca senti nada parecido, o que me leva a acreditar que algo deu errado com aquele feitiço de Frederic." Ela faz uma pausa significativa, seus olhos brilhantes ao encontrarem os meus. "Ou algo deu muito, muito certo."

Nem Michal nem eu questionamos como ela sabe sobre a gruta e Frederic. Esta é exatamente a informação de que precisávamos. Mathilde nos deu uma maneira de proteger Requiem, Belterra também, e agora podemos começar a consertar todos aqueles pequenos rasgos de que Mila falou. Fogo. Ele matará qualquer criatura morta-viva, não é?

Por que, então, me sinto tão doente?

Engolindo o nó na garganta, eu me viro para olhar para Michal. "O que você acha?"

Guinevere flutua para o apoio de braço de sua cadeira, descansando o queixo no punho e olhando para ele com ressentimento descarado. "Sim, Michal, o que você acha de seu amante morto e sua irmã morta?"

Eu me encolho com isso, mas Michal a ignora, procurando meu rosto por um longo momento - ou talvez um único segundo - antes que seu olhar passe por mim até a lagoa. Sua mandíbula aperta. "Acho que é hora de sair."

Parece que nossa trégua acabou.

Aquele nó na minha garganta se espalha, quase me sufocando agora. Não consigo me mover. Não consigo sair. Quando eu fizer isso, tudo mudará novamente; tudo vai quebrar.

Só podemos fugir por tanto tempo.

"A primeira coisa agradável que você disse durante toda a manhã." Descuidada, Mathilde bate as mãos contra a mesa e as usa para se levantar. "D'Artagnan irá acompanhá-lo para fora da minha propriedade."

"D'Artagnan?" Franzindo a testa, olho para o urso enquanto ele se levanta. Com certeza, seus olhos brilham familiares e âmbar do pêlo preto e espesso de seu rosto. Quando ele faz um barulho estranho que soa como riso, eu reconheço sua voz. Seus dentes afiados. Meu coração se levanta.

"Eu disse para você tomar cuidado com sua irmã."

Capítulo Vinte e Cinco

O Elo Eterno

Pegamos uma rota diferente de volta ao castelo, evitando o riacho e, em vez disso, abrindo caminho através de vegetação rasteira particularmente pesada. O nervosismo pica minha pele enquanto evito o olhar de Michal, mas a cada passo, posso sentir sua determinação endurecendo como as lágrimas fizeram em nossa ausência.

A floresta inteira agora brilha com gelo.

Eles brilham nas folhas como pequenos cristais, lisos e afiados, e eu prefiro esfaquear cada um deles em meus olhos do que ter essa conversa. Exalando uma respiração lenta e invernal, procuro algo para dizer que não envolva minha irmã. Algo para adiar essa conversa um pouco mais. "Então, por que você acha que tudo isso" - eu gesticulo impotente para as samambaias na altura dos joelhos ao nosso redor - "aconteceu?" Quando seus olhos negros cortam os meus incrédulos, acrescento: "O gelo, quero dizer. As lágrimas estão todas, bem - congeladas agora, mas é claro que você já pode ver isso.

Ele balança a cabeça. "Célie..."

"O véu deve estar afetando a temperatura. Eu vi um pequeno buraco mais cedo onde um fantasma deve ter rasgado, e o reino espiritual - é muito mais frio que o nosso. Sempre parece estar nevando lá, ou talvez sejam apenas cinzas - nunca fui capaz de dizer - mas isso explicaria por que a temperatura está despencando aqui também. As palavras caem dos meus lábios mais rápido do que o estritamente necessário, depois mais rápido ainda, até eu rir com uma risada nervosa. Queima até a minha garganta. "Ainda bonito, não é? Todo esse gelo. Isso me faz pensar em presentes natalinos e lenços brancos como a neve, em palácios de gelo e laranjeiras e... e... Eu tropeço um passo nisso, quase escorregando em uma rocha entre samambaias, mas a mão de Michal serpenteia para pegar meu cotovelo.

Ele queima minha pele através da seda violeta da minha manga.

"Célie." Um músculo faz tique-taque em sua mandíbula enquanto ele olha para mim e, por apenas um momento, algo macio - quase vulnerável - sombreia suas feições. Eu me preparo para o inevitável, meus pensamentos se espalhando

loucamente por outra coisa, qualquer outra coisa, para adiar suas próximas palavras. "Moje sunce. Precisamos discutir Filippa."

Filippa.

Meus olhos se fecham enquanto o nome dela flutua entre nós, tão frágil quanto os flocos de neve começando a cair. Embora eu não possa sentir o frio deles, ainda sinto a umidade, e cada um beija meu rosto como uma lembrança. Filippa entrelaçando os dedos nos meus enquanto corremos em direção ao rio com lama em nossas botas e folhas em nossos cabelos. Rindo. Dança.

Filippa curvando a cabeça escura sobre um livro de histórias, traçando cada palavra na página.

Filippa descascando uma laranja para mim. Filippa chorando. Filippa jogando uma faca nas minhas costas. Filippa de pé sobre o corpo quebrado de Frederic, segurando seu estômago e se afastando sem dizer uma palavra.

Meus olhos se abrem no final, e os flocos de neve ficam presos em meus cílios; eles embaçam minha visão até que tudo fique branco. Aquele nó miserável sobe na minha garganta novamente, mas eu engulo de volta.

Porque minha irmã é uma revenant agora, e nenhuma quantidade de lágrimas vai mudar isso. De acordo com Mathilde, cada fantasma deve morrer para consertar o véu - para consertar a ordem natural, o mundo natural. Mas como posso condenar minha própria irmã? Como posso mandá-la de volta para o túmulo que ela nunca mereceu?

Quando Michal tira a neve dos meus olhos - seu toque suave - uma raiva inexplicável abre meu peito. Porque não é justo. Nada disso foi justo, e eu não tive uma única escolha em nada disso. De repente, torna-se demais, muito doloroso, e eu recuo de sua mão como se ele me tivesse dado um tapa. "Não."

Embora um músculo se espalhe em sua mandíbula, seus dedos se agarram aos meus, recusando-se a me deixar ir. "Você ouviu Mathilde, Célie. O véu não vai se curar sozinho."

"Talvez eu não me importe." Eu levanto meu queixo para garantir que ele ouça cada palavra. "Eu não estou discutindo isso com você."

"Por quê?" Sua voz endurece quase imperceptivelmente, mas eu ainda a ouço. Eu ainda sinto isso. "Eu pensei que éramos amigos."

"Somos amigos..."

"Os amigos não se comunicam?" Ele se aproxima um pouco mais como se incapaz de se conter, e o calor inunda minha barriga com esse pequeno movimento. "Os amigos não confiam uns nos outros para ajudar? Para dizer a verdade?"

A verdade. Até as palavras me fazem querer rir, ou talvez gritar. Porque Michal e eu nunca dissemos a verdade - pelo menos não toda - e nunca um ao

outro. Desde que nos conhecemos fora daquele cemitério, dançamos em torno do que quer que seja entre nós, ignorando-o quando possível e disfarçando-o com jogos e perguntas quando não. Nunca fomos honestos, mas agora ele quer falar abertamente? Quão conveniente quando envolve minha irmã em vez dele.

Em vez de nós.

"Você quer se comunicar? Você quer dizer a verdade? Tudo bem." Segurando sua camisa, eu me levanto na ponta dos pés para falar diretamente contra seus lábios. Não paro para examinar o instinto, para questionar os fins ou os meios. "Conte-me sobre o compartilhamento de sangue."

Seus olhos se estreitam. "Não foi isso que eu quis dizer."

"É o que você deveria ter querido dizer, certo? Quero dizer, todo mundo parece ter uma opinião sobre o assunto, mas ainda não ouvi muito sobre isso de você." Antes que ele possa falar, eu mergulho imprudentemente. Sem fôlego. "Seus olhos brilhavam como os meus - você foi capaz de ver Mila e Guinevere sem me tocar - e eu peguei você durante nossa corrida mais cedo, o que você disse que nunca aconteceu. É isso que você quis dizer com vampiros mudando quando se alimentam uns dos outros? Eles assumem as habilidades um do outro?"

Seu aperto se torna um pouco possessivo. "Entre outras coisas."

"Que outras coisas?"

Quando ele hesita, eu me aproximo ainda mais, meu peito roçando seu estômago. Eu deveria me preocupar com essa conversa. Eu deveria me preocupar muito com isso, mas tudo o que consigo pensar é naquele pequeno ponto de contato entre nós - a maneira como seus músculos abdominais se apertam ao roçar dos meus seios, a maneira como suas mãos deslizam pelos meus pulsos até os cotovelos. "Que outras coisas, Michal?" Eu sussurro.

Ao som da minha voz, ele amaldiçoa baixinho, me soltando como se eu o tivesse queimado e perseguindo a árvore mais próxima; eles se distanciam mais aqui - vastos e primitivos - dando-me muito tempo para persegui-lo. O que eu faço. Imediatamente. Agarrando seu braço, eu digo: "Apenas me diga..."

Ele gira novamente ao meu toque, e qualquer pessoa sã fugiria de um olhar tão feroz pairando acima deles. Não sou são, aparentemente, pois a visão de sua intensidade - uma emoção tão crua de alguém tão controlado, tão frio - apenas envolve meu corpo com um calor fresco. "Chama-se Le Lien Éternel", diz ele com firmeza. "O que estamos fazendo - compartilhamento de sangue - forma o Vínculo Eterno, e temos que parar antes que seja tarde demais." Na minha expressão extasiada, ele exala uma respiração áspera e diz: "Por favor, pare de me olhar assim."

"E se não o fizermos?"

E se eu não fizer isso?

Amaldiçoando novamente, ele arrasta a mão pelos cabelos, e eu não posso deixar de olhar para os fios desgrenhados, paralisados. Eu já vi Mical desgrenhado? Eu o vi quebrado e sangrando, sim - e em vários estados de nudez, suas roupas manchadas e rasgadas - mas não, acho que nunca o vi tão - tão confuso, tão confuso como ele faz agora. O homem se amarrou em verdadeiros nós desde que deixou a cabana de Mathilde, talvez mais cedo do que isso, e uma emoção inexplicável me envolve ao vê-lo. Dele.

A reação deve aparecer no meu rosto porque a dele escurece; Olhando através da clareira, ele envolve aqueles dedos frios em volta dos meus braços antes de nos levar para o abrigo da árvore mais próxima. A casca gelada desgasta minhas costas enquanto ele diz em voz baixa: "Quanto mais dois vampiros se alimentam um do outro, mais forte o vínculo cresce, até que..." Ele hesita então, seus olhos negros queimando nos meus.

"Até?" Pergunto, pressionando meu corpo contra o dele.

"Até que se torne irrevogável."

"Irrevogável?"

"Você vai precisar do meu sangue para sobreviver, e eu vou precisar do seu."

"Oh." Ah. Suas palavras penetram na névoa dos meus pensamentos muito lentamente, mas quando o fazem, agem como água gelada no calor da minha barriga - as chamas sibilam e se contorcem, deixando-me mais frio e um pouco mais escuro do que antes. Eu pisco para Michal enquanto a dura realidade que ele descreveu se instala sobre nós. A verdade.

Um vínculo irrevogável. Um eterno.

Pela primeira vez desde a véspera de Todos os Santos, o abismo da eternidade se abre diante de mim, amplo e interminável. Eterno. Eu deveria ter percebido o que essa palavra significa antes. Eu deveria ter percebido como seria como um vampiro. E talvez eu tenha percebido, mas não - não conscientemente. Eu nunca imaginei os anos reais, o mundo e seu povo constantemente em fluxo, sempre mudando, evoluindo, enquanto eu permaneço o mesmo.

E Michal-

Eu olho para ele, momentaneamente sem palavras diante desse grande futuro sem nome.

Mical já o viveu. Por centenas de anos, ele andou nesta terra, experimentando coisas com as quais eu nunca poderia sonhar, participando de aventuras, conhecendo todo tipo de pessoa, criatura e monstro. E amá-los, diz a vozinha desagradável na minha cabeça. Eu me afasto da percepção instintivamente; porque é claro que Michal se envolveu em relacionamentos íntimos antes, antes de mim - dezenas deles, provavelmente, até dezenas. O

pensamento daquelas pessoas lindas e sem rosto me deixa ainda mais frio do que antes.

Eu amei duas pessoas em toda a minha vida, e ambos os relacionamentos terminaram em um piscar de olhos de Michal.

Irrevogável.

A palavra ainda ecoa entre nós na quietude da clareira. Assume um significado bem diferente quando combinado com a vida eterna. Porque quem sou eu para tomar uma decisão tão importante? Eu não sou Michal e, instintivamente, sei que também não sou um de seus amantes habituais. Eu ainda sou apenas Célie - apenas Célie - e sou uma vampira há menos de quinze dias.

Na minha expressão, ele se afasta rigidamente. "Você deve se arrepender de ter me conhecido."

"Eu nunca disse isso."

"É o que você deveria ter dito, certo?" Examinando meu olhar, ele repete minhas palavras anteriores. "É o que você deveria querer?"

Embora ele expresse a última como uma pergunta, não posso deixar de sentir que ele não quer dizer isso como uma. Você não deveria me querer, Célie, seus olhos parecem dizer, e parte de mim ainda acredita nele. Parte de mim sabe que devo fugir o mais longe e o mais rápido que puder de Michal Vasiliev, mas a outra parte se aproxima.

"Você vai me dizer quando esse vínculo místico se forma?" Eu pergunto a ele. "Ou já aconteceu?" Um pensamento repentino e desagradável surge. "É por isso que eu..." Oh Deus. Eu fico boquiaberta para ele enquanto aquele calor sobe mais, quase estrangulando minhas palavras. "É por isso que estou sentindo todas essas coisas por você? Por causa desse vínculo eterno?"

"Nós nos alimentamos um do outro uma vez", diz Michal com impaciência velada. "Eu odeio dizer isso a você, bichinho, mas o que quer que você esteja sentindo por mim é por causa de você, não do vínculo."

"Eu?" Embora eu me mova para dar um passo ao redor dele - longe dele - minhas mãos pegam seu casaco e eu o puxo para mais perto. Seus dedos atravessam os meus. "Tudo isso está acontecendo por sua causa. Você e seus - seus olhos, sua lealdade e sua covinha estúpida. Suas sobrancelhas se contraem com isso, mas eu mergulho para frente antes que ele possa falar. "Quando isso acontece, Michal? Quando esse vínculo entre nós se torna permanente?"

"Você não quer saber."

"Diga-me..."

"Quanto mais fortes as emoções envolvidas, mais rápido isso acontece, mas ninguém pode prever o momento exato." Ele arranca o olhar do meu com o ar de alguém tentando trazer a situação de volta sob seu controle. Aparentemente, ele

não pode olhar para mim para fazer isso. Também não pode me tocar. O pensamento me enche de uma emoção de alegria, assim como a percepção de que o vínculo ainda não aconteceu. Se pararmos de beber um do outro, isso nunca acontecerá. Nada precisa mudar entre nós - ou pelo menos, não isso. Como se ecoasse meus pensamentos, ele diz: "Não vou me alimentar de você novamente".

Instantaneamente, a imagem dele se alimentando de Arielle - dele se alimentando de qualquer outra pessoa - surge em minha mente como uma cobra se preparando para atacar, mas eu a afasto. "Bom. Combinado. Talvez Arielle me deixe me alimentar dela também. Ela parecia gostar bastante de suas atenções...

"Pretendo honrar minha palavra, Célie", diz ele suavemente, letalmente. "Nossa barganha ainda está de pé. Você pode se alimentar de mim até aprender a controlá-lo."

"Oh não." Eu espeto um dedo em seu peito, e essa sensação de alegria aumenta quando ele olha para ele. "Oh não, não, não. Vou me alimentar de quem eu quiser, quando quiser, e nada que você disser pode me impedir.

Os olhos de Michal brilham perigosamente quando ele se aproxima, seu corpo poderoso aglomerando os meus contra a árvore mais uma vez. "Tudo bem, Célie. Como você quiser." Então, com honestidade cortante, "Eu quis dizer o que disse antes, no entanto. O que aconteceu nos túneis - não pode acontecer novamente. Quer você escolha se alimentar de mim ou de outra pessoa, não vou tomar outra gota do seu sangue" - aqueles olhos escuros se movem para minha garganta - "não importa o quão tentador você possa ser."

Eu pisco para ele, assustado. "Tentador?"

Embora ele não esclareça, o calor ainda permeia meu corpo com a palavra, e nós nos encaramos sob os galhos do teixo congelado, este momento entre nós esticado o suficiente para quebrar. Por fim, levanto um ombro como se fosse indiferente, tentando não tremer sob o peso de seu olhar.

"Tudo bem," eu digo simplesmente. "Você não pode se alimentar de mim novamente."

"Tudo bem", ele ecoa. "Nunca mais."

E então eu o beijo.

Capítulo Vinte e Seis

Irrevogável

No instante em que nossos lábios se tocam, todo o seu corpo fica tenso e um baixo ruído de surpresa reverbera em sua garganta. Eu sinto isso até os dedos dos pés. Eu o sinto. Puxando-o para mais perto, eu praticamente subo em seu peito em um esforço para alcançar melhor seus lábios, para enrolar minhas mãos sob seus braços e me envolver em torno dele. A parte racional da minha mente grita para eu parar, parar, parar - soltá-lo agora e recuar lentamente, fingir que isso nunca aconteceu - mas pela primeira vez na minha vida, eu não quero ser racional. Eu não quero parar. Só desta vez, quero esquecer as criaturas mortas-vivas e os laços esotéricos, e quero beijar Michal enquanto o mundo inteiro desmorona.

No segundo seguinte, no entanto, suas mãos se prendem em volta dos meus pulsos novamente, e ele se afasta com uma contenção meticulosa. "Célie, não podemos..."

"Por que não podemos?" Minha voz é um sussurro contra seus lábios.

Ele geme em resposta. "Porque se eu te beijar agora, vou querer te beijar de novo, e de novo, e de novo, e não pode ir além disso." Suas mãos ainda deslizam dos meus pulsos para os cotovelos, no entanto, e ainda mais longe. Meus ombros. Meu pescoço. Ele se detém em cada um como se estivesse tentando aprender a sensação deles, para memorizar cada curva do meu corpo. Por fim, ele cobre minha mandíbula e inclina meu rosto, então devo olhar diretamente em seus olhos negros. Eles queimam com indecisão, com relutância, com auto-aversão e desejo tão gritante que me tira o fôlego.

Eu me estico para cima na ponta dos pés, pressionando outro beijo em seus lábios - este apenas um pincel meu. Um arrepio percorre seu corpo com o contato. Suas mãos deslizam para o cabelo na minha nuca. "Considere este meu favor," eu sussurro. "A menos que você não queira me beijar?"

A indecisão em seus olhos se aguça instantaneamente, e seus dedos se apertam, inclinando minha cabeça para trás ainda mais. Desnudando minha garganta para seu olhar predatório. "Eu quero fazer mais do que beijar você."

"Sem morder", eu o aviso.

Ele acena com a cabeça e solta meu cabelo com uma mão. Passando o polegar pela minha bochecha, ele pressiona levemente a cavidade e observa, paralisado, enquanto minha carne macia cede ao seu toque. "Diga-me o que você quer, Célie, e eu farei."

"Eu quero que você me toque. Eu queria que você me tocasse desde Les Abysses, antes mesmo, mas eu nunca soube como perguntar. As palavras imprudentes saem dos meus lábios sem hesitação, mas mesmo eu não posso mais fingir que não são verdadeiras. A pressão queima atrás dos meus olhos. Porque eles sempre foram verdadeiros - mesmo quando eu achava que Mical era implacável e cruel, eu queria que ele me tocasse. Mesmo quando ele me sequestrou, me aprisionou, me ameaçou com as pessoas que amo. Tudo deveria ter importado de alguma forma, mas nunca importou.

E Deus, eu quero que ele me toque.

"Você tem certeza?" ele pergunta sombriamente.

Meu corpo inteiro se contrai em preparação. Engolindo em seco, eu aceno com a cabeça, e então - com uma centelha de ousadia - eu timidamente envolvo meus lábios em torno de seu polegar, puxando-o para minha boca. Ele não recua desta vez, não como fez em Les Abysses. Em vez disso, ele observa meus lábios sobre ele por vários segundos, sua expressão faminta, antes de balançar a cabeça e estalar a língua em repreensão. "Quem diria que essa sua língua afiada poderia ser tão suave?" Retirando o polegar lentamente, ele arrasta a umidade pelo meu lábio inferior. Agora é a minha vez de estremecer. O que eu faço. Violentamente. "Mas essas não são as regras do nosso jogo. Você os definiu com bastante clareza - você quer que eu toque em você, e não o contrário.

Minhas sobrancelhas mergulham em confusão. Porque eu quero tocá-lo também. Eu quero muito tocá-lo. "Mas o que você faz..."

"Coloque as mãos na árvore."

Um arrepio de choque - de prazer inesperado - me percorre com a pura autoridade em sua voz, e arrepios irrompe pela minha espinha. Ainda assim, nunca fiz isso antes; Não sei como me mover, como responder a tal comando e, embora me recuse a reconhecer o rubor rastejante de minha própria insegurança, Michal ainda o vê. Sua voz gentil enquanto ele pega minhas mãos, guiando-as para o galho acima. "Bem aqui", diz ele. "Não solte."

"E se eu fizer isso?"

Um sorriso afiado com o desafio. "Vou encontrar outra maneira de contê-lo."

É preciso cada centímetro do meu controle para não soltar o galho depois disso. Quando não o faço, no entanto, Michal faz um som quase feroz de aprovação - e então ele ataca.

Mesmo com nossas habilidades compartilhadas, ele se move mais rápido do

que eu posso reagir; Entre um piscar e o outro, ele pega a parte de trás do meu joelho, engatando minha perna em volta de seu quadril, e me empurra para o tronco da árvore. Eu suspiro com o arranhão áspero de casca nas minhas costas, com a sensação de seu corpo pesado pressionado no meu. Envolvendo o meu. Porque Michal - ele está em toda parte, todas as mãos, dentes e músculos duros, e quando ele me beija, percebo que ele não o fez de verdade até este momento. Em cada uma de nossas breves interações, ele me segurou como vidro, como algo precioso e frágil e irrevogavelmente quebrável, como algo que ele não suportava perder.

Agora ele não tem tais reservas. Não existe tal restrição. Agora ele me beija como um homem faminto; ele esmaga seus lábios contra os meus, e quando eu suspiro - oprimido pela intensidade disso - ele devora o som como se estivesse determinado a reivindicar cada parte de mim. E talvez deva me assustar. Talvez isso me assuste, mas meus pensamentos pegaram fogo, se desintegraram, e não consigo parar de ouvir as palavras que ele falou, vendo o leve tremor em sua mão. Ninguém ficaria desapontado, Célie.

Se meu coração ainda pudesse bater, estaria palpitando. Como não pode, meu estômago se contrai - e em algum lugar mais baixo, mais quente, um lugar que sempre tentei ignorar. Não será mais ignorado, no entanto. Não quando eu estremeço nos braços de Michal e ele se afasta, arrastando a boca pelo meu queixo, minha garganta, meu ombro. Provando-me, eu percebo. Cada centímetro da minha pele. E eu tenho dor para tocá-lo também.

Soltando a árvore, eu agarro seu peito, mas ele morde minha clavícula em advertência. "Suas mãos, Célie," ele murmura contra a minha pele, sua mão livre deslizando para a minha perna em volta de sua cintura. Ele pega a bainha do meu vestido e a coloca na minha canela, sobre o meu joelho, até que os cachos de cetim acima de nossas cinturas. Eu quase engasgo quando ele se aproxima, encaixando-se mais confortavelmente entre minhas coxas. Eu ainda tento, no entanto - tento levantar minhas mãos, para encontrar apoio contra o galho acima.

Então ele flexiona os quadris contra mim, e eu quase expiro no local. Incapaz de evitar, eu o procuro novamente, meio enlouquecido com esse desejo escaldante. "Michal..."

Ele ri e substitui minhas mãos. "Talvez eu ganhe da próxima vez, para que você possa me tocar."

Da próxima vez. Se possível, as chamas em meu corpo lambem mais alto - porque sim, haverá uma próxima vez, e meus quadris começaram a rolar contra ele agora, buscando mais daquela deliciosa fricção enquanto meus dedos mordem a madeira. Ele arrasta os nós dos dedos pelos meus braços em resposta, não parando até chegar às minhas costelas. Uma vez lá, ele abre bem as mãos,

observando avidamente enquanto seus dedos se estendem abaixo dos meus seios. Ele traça a parte de baixo de um com o polegar. "Você se lembra", ele pergunta suavemente, "da manhã em que nos conhecemos? Você estava vestindo uma camisola e estava chovendo.

"Eu me lembro," eu suspiro.

"Você?"

O calor fresco inunda minha pele em seu tom. Isso aprofunda o rubor subindo pelo meu peito. Abruptamente, Michal se inclina para lavá-lo com a língua, e um gemido baixo escapa de mim enquanto ele arrasta os dentes pelo inchaço suave da parte superior dos meus seios. Meu aperto no galho escorrega. "Você - você se recusou a me ajudar -"

"Eu não queria ajudá-lo."

"Por quê?" O galho começa a se estilhaçar, a neve flutuando entre nós, enquanto ele lentamente desfia a frente do meu corpete - um espartilho embutido no vestido com fitas violetas. Eu renunciei a um espartilho regular por causa disso. Apenas uma camisa de seda protege minha pele do tecido e, quando o vestido se abre, Michal o arrasta para o lado, expondo meu peito ao seu olhar. Suas pupilas se dilatam com a visão. Seus lábios se abrem em uma inspiração áspera.

"Porque", diz ele com firmeza, "mesmo assim, moje sunce, eu sabia que nunca poderia conhecê-lo - que nunca poderia ganhar tal privilégio. Que eu nunca poderia merecer isso."

"Mas - você me conhece." As palavras são ofegantes, ditas apressadamente. "Você me conhece, Michal. Melhor do que ninguém." A confissão se estende entre nós como a seiva da árvore nas minhas costas: pegajosa e difícil de remover.

Quando ele pega meus seios em suas mãos - quando ele coloca a boca sobre eles - a sensação envia um raio de calor direto para o meu núcleo. Com outro suspiro, eu rolo meus quadris, mas meus movimentos estão ficando mais selvagens agora, mais desajeitados. Em uma névoa irracional, eu solto o galho para agarrar seus ombros, para ganhar força contra ele, para aliviar essa dor aguda dentro de mim. Seus lábios ainda contra meu peito. Eu os sinto curvar-se em um sorriso malicioso.

Tarde demais, percebo meu erro, mas não consigo me importar. Minha cabeça inclina-se para trás contra a árvore enquanto eu me esforço contra ele. Quando falo novamente, minha voz treme, e Deus, preciso que ele - para - "Michal, por favor. Toque-me. Eu preciso que você me toque..."

"Você quebrou as regras do nosso jogo."

"Maldito seja o jogo..."

Com um estrondo de riso e um puxão rápido e eficiente, ele rasga a manga do meu vestido, e eu percebo o que ele planeja fazer no segundo antes de fazê-lo. Meus olhos se arregalam em choque. "Você não ousaria."

Ele faz uma pausa enrolando o cetim violeta em torno de ambos os meus pulsos. "Devo parar?"

A resposta sai de mim sem hesitação. Sem remorso.

"Não", eu sussurro.

Nunca na minha vida me senti mais exposto do que agora, com Michal Vasiliev amarrando meus pulsos ao galho de árvore acima. Nunca na minha vida me senti mais vivo. Cada centímetro da minha pele queima com fogo enquanto ele amarra o cetim em um laço elegante, enquanto ele pega meu queixo e me beija novamente. Um beijo febril e imundo que desmente seu toque terno. "Mantenha suas mãos paradas," ele avisa novamente, e seu sorriso se alarga quando minha outra perna aperta em torno de sua cintura.

Eu o puxo para mais perto, desesperada para senti-lo novamente, e eu me divirto com a sensação de seu corpo se movendo com o meu. Se é assim que o sexo se sente, temo que nunca vou querer parar - até que essa dor, aguda e carente, rapidamente aumente. Quase afiado demais agora. Quase carente demais. Embora eu me debata contra ele, não sei o que fazer para aliviá-lo. Eu não sei o que fazer.

Como se sentisse meu pânico crescente, Michal serpenteia a mão entre minhas coxas, e eu quase pulo nos galhos ao sentir ele ali. "Calma," ele murmura no meu ouvido, e instantaneamente, eu relaxo nele mais uma vez. Arrepios irrompem pela minha espinha com o movimento daqueles dedos fortes e hábeis. Quando eu gemo, ele estremece e pressiona com mais força, recuando para me observar com uma expressão faminta. "Faça isso de novo."

Não é difícil obrigar. Ele trabalha os dedos mais rápido com o som, deslizando um dentro de mim - dois - e acho que posso me separar se ele continuar me tocando assim. Embora a pressão aumente cada vez mais, o alívio permanece fora de alcance; Eu quase soluço de frustração, meus dedos se enrolando em torno das restrições de seda. "Michal, eu não posso. Eu - eu não sei como...

"Tudo o que você fez é perfeito", diz ele, com a voz tensa.

Por fim, ele pressiona a parte mais sensível de mim, e todo o meu corpo se despedaça. Um grito sai da minha garganta, e o braço livre de Michal me envolve enquanto minhas pernas enrijecem, enquanto minhas mãos rasgam a seda violeta como uma teia de aranha para agarrar seu rosto. Distante, percebo que estou dizendo o nome dele - que estou dizendo isso repetidamente, que seus olhos se fecharam ao som disso, que ele descansa a testa contra a minha como se

quisesse ouvi-lo pelo resto de sua vida.

Ficamos ali, agarrados um ao outro, por vários longos momentos depois que meus joelhos desmoronam. Nenhum de nós falando.

Le Lien Éternel, ele o chamou. O vínculo eterno.

Sua voz parece girar ao nosso redor agora, partes iguais reconfortantes e confusas. Quanto mais tempo dois vampiros se alimentam um do outro, mais forte o vínculo se torna, até se tornar irrevogável.

Irrevogável.

Seus braços se apertam em volta de mim, e eu retribuo a pressão, enterrando meu rosto em seu ombro e inspirando profundamente. Porque a verdade é que Michal Vasiliev não se alimentou de mim novamente, mas essa emoção se desenrolando em meu peito. . .

Parece irrevogável para mim.

Capítulo Vinte e Sete

Pó ao pó

Depois de mais um momento, Michal fica tenso com a brisa, e eu sinto o porquê quase imediatamente...

Decair.

Ele flutua em nossa direção sobre as samambaias como um prenúncio, e eu também enrijeço. Porque eu reconheço esse fedor; Cheira um pouco diferente aqui, misturado com traços de líquen, terra e pele, mas as notas de base putrefatas permanecem as mesmas. Revenant. Com certeza, Michal se afasta de mim com os olhos estreitos. Quando ele se vira para procurar a clareira, eu reamarro meu corpete instintivamente, meus dedos borrando enquanto olho ao redor dele em busca de algo incomum. Embora as folhas ondulem com o vento, não detecto nenhum outro sinal de movimento. O céu nublado parece um pouco mais brilhante do que antes, talvez - a floresta ao nosso redor permanece anormalmente silenciosa - mas fora isso, nada parece fora do lugar.

Meu olhar capta uma ligeira perturbação à nossa esquerda, onde a vegetação rasteira se desloca novamente. Meus olhos se estreitam. Pode ser o vento, é claro, mas...

Com um grito, eu coloco Michal de lado no instante antes que o fantasma irrompa da folhagem cristalina, e ele colide com a árvore enquanto desaparecemos sob as folhas. A terra fria amortece nossa queda - neve voando em todas as direções - mas Michal explode de pé antes que nossos corpos se acomodem completamente, empurrando o meu para trás do dele. Ele amaldiçoa violentamente em sua primeira visão desimpedida da besta diante de nós.

E é uma fera, eu percebo, boquiaberta para a criatura disforme enquanto ela balança a cabeça para limpar a dor da colisão. Mais do que isso, no entanto, é um— "Loup garou", sussurro horrorizado.

Michal acena com a cabeça sucintamente.

Mas essa criatura é diferente de qualquer loup garou que eu já vi. Sua boca - presa no meio da transformação, dividida para sempre entre o homem e o lobo - se enrola sobre os dentes irregulares e rombos, pingando sangue fresco em sua pele. Embora seu torso permaneça humanóide e masculino, suas patas traseiras

se assemelham às de um lobo; garras afiadas se projetam das patas onde seus pés deveriam estar, a ponta de cada dedo alongado. Exceto - vários deles caíram. Vários de seus dentes também, e sua carne parece inchada em alguns lugares, flacidez em outros. Eu resisto ao impulso de vomitar. Ele não começou a se liquefazer, pelo menos, o que significa que ele deve ter morrido recentemente. Não mais do que algumas semanas.

Engolindo em seco contra o fedor, eu agarro o braço de Michal. "Sem movimentos bruscos, Célie," ele murmura, sua voz inesperadamente calma.

Eu quase zombo disso. Quase. Ele não precisa me avisar sobre a precariedade dessa situação. O pânico já levanta os cabelos da minha nuca. Se não fosse por Michal, o arcebispo teria me comido em Cesarine, demonstrando uma velocidade e força sobrenaturais para rivalizar até mesmo com vampiros. E ele começou sem um osso sobrenatural em seu corpo. Não como este loup garou. Pelo que sabemos, suas habilidades podem superar completamente as nossas. Se fugirmos agora, talvez não consigamos fugir dele, mas mesmo que pudéssemos, não podemos simplesmente deixá-lo aqui para aterrorizar a ilha.

Cinzas às cinzas, disse Mathilde. Pó ao pó.

Um peso se instala em mim enquanto eu olho para seu corpo agonizante.

Ninguém merece tal destino.

O vento pega novamente, pegando nosso cabelo, meu vestido. O manto de Michal. Os olhos do fantasma - cruéis e amarelos - rolam de tormento enquanto ele se endireita, virando-se para nós e cheirando o ar como se estivesse sentindo um novo cheiro. Um rosnado arrepiante sai de seu peito. E naquele momento, percebo que o perigo é maior do que eu temia - porque o sangue em seu focinho é fresco, sim, mas se mistura com o sangue um pouco mais escuro e com crostas em seu peito, disfarçando os pedaços rasgados de carne e marcas de dentes acima dele.

De repente, a causa de sua morte torna-se dolorosamente clara.

Um vampiro arrancou sua garganta.

Meus dedos apertam o cotovelo de Michal enquanto os rosnados do loup garou se tornam mais altos, enquanto ele mostra os dentes em ódio inconfundível. Embora os lábios de Michal se curvem em resposta, tomo uma decisão em uma fração de segundo antes que ele possa escalar a situação. "Precisamos ajudá-lo", digo apressadamente, suplicantemente, ao ouvido de Michal. "Se pudermos apenas argumentar com ele - se pudermos encorajá-lo a ver o bom senso - pode haver outra maneira de lidar com os fantasmas, uma que não envolva incendiá-los."

Michal se mexe totalmente na minha frente, seus olhos nunca deixando o fantasma. "Mathilde disse que eles não podem ser ajudados..."

O loup garou se aproxima então, com um truncado e gutural, "Dimi-tri", e meu estômago despenca direto pelo chão da floresta. Se ele conhece Dimitri, essa situação acaba de passar de ruim a catastrófica, e as próximas servem apenas para enfatizar esse ponto. "Onde" - o fantasma engasga, se sacode e eu me esforço para entendê-lo, inclinando-me ao redor do braço de Michal - "Dimitri?"

Minha visão se aguça naquelas feridas brutais em sua garganta enquanto a explicação de Coco sobre um fantasma volta para mim: Alguém que morreu e ressuscitou com o propósito expresso de aterrorizar os vivos, particularmente aqueles que o cadáver em questão conheceu.

Oh Deus.

Com outro rosnado vicioso, o fantasma cambaleia para frente, levantando o nariz novamente. Cheirando o ar ao nosso redor antes que seu olhar maligno se estabeleça sobre Michal, que se prepara para atacar. "Ele ainda não nos atacou." Eu agarro seu casaco rapidamente, minhas unhas perfurando o couro, e Michal hesita. "Isso conta para alguma coisa."

Por fim, Michal arranca o olhar do fantasma para vasculhar meu rosto, e em sua própria expressão - a linha tensa de sua mandíbula, o desconforto brilhante em seus olhos - sinto que ele entende exatamente o que estou perguntando. Para minha irmã, precisamos tentar. Precisamos ter sucesso. "Por favor, Michal", repito baixinho. "Tem que haver outra maneira."

Para minha surpresa, ele não me deixa de lado como os Caçadores teriam feito; Ele não me diz para fugir ou implora que eu veja a razão. Em vez disso, ele acena com a cabeça, e eu quase choro de alívio com a importância de um gesto tão pequeno. Porque significa que ele está comigo. Isso significa que ele não vai matar minha irmã à vista.

Virando-me para o fantasma, pergunto: "Você se lembra do seu nome, monsieur?"

O fantasma rosna em resposta, curvando-se para balançar a cabeça. Sacudindo e se contorcendo como se não conseguisse ficar parado. Meu coração se contorce ao vê-lo - de sua dor - e de repente, sem vontade de suportá-lo, dou um passo hesitante ao redor de Michal. "Fique perto", diz ele em voz baixa.

Quando o fantasma sibila, balançando a cabeça como se quisesse afastar as abelhas, dou um pequeno passo à frente, falando muito mais devagar e mais suave do que antes. "Você não merecia o que Dimitri fez com você" - seu rosnado de concordância pontua as palavras - "mas machucá-lo agora não vai desfazer a dor. Isso só vai trazer mais sobre você."

Ele bate as patas no chão novamente. Ele bufa e se contorce enquanto eu estremeço, continuando gentilmente: "Talvez se você tentar mudar para uma

forma ou outra, a dor diminuirá."

Mas ele apenas rosna, seus olhos revirando enquanto ele se aproxima.

Michal se materializa instantaneamente ao meu lado. Para o fantasma, ele diz: "Pare de tentar controlar sua adrenalina". Se ele vê meu olhar assustado, ele não o reconhece. "Permita que ele flua livremente pelo seu corpo e ele pode reiniciar sua transição. Primeiro sua cabeça," ele persuade enquanto o fantasma hesita, tropeçando levemente com um gemido agudo. "Em seguida, desça pelo pescoço e pelos ombros até o peito."

Mesmo enquanto ele fala, no entanto, percebo que qualquer cheiro persistente de adrenalina sobre o fantasma é apenas isso - persistente. Seu cadáver não pode mais produzi-lo, e deve ser por isso que ele permanece preso entre as formas em primeiro lugar. Os olhos de Michal encontram os meus então, segurando-os, porque ele sabe o mesmo.

Desamparado, eu mergulho para frente, quebrando minha mente em busca de outra solução. "Talvez Odessa possa inventar algum tipo de estimulante..."

Mas é tarde demais.

Rugindo de angústia, o fantasma se ergue sobre as ancas com raiva cega e estilhaça os galhos acima. Quando ele os arremessa em mim, Michal nos joga de lado, e todo o peso da realidade cai na clareira como uma avalanche. Isso não vai funcionar.

O fantasma carrega.

Michal agarra minha cintura e eu grito em pânico cego - eu tropeço, grito - enquanto ele me lança bem alto sobre a cabeça do fantasma. Embora eu caia inesperadamente como um gato nos galhos do teixo, quase perco o equilíbrio quando giro no gelo, horrorizado, para vê-lo e o fantasma colidirem abaixo em um choque de dentes e membros. Oh Deus.

Em segundos, minhas suspeitas se provam irrefutavelmente verdadeiras - este fantasma é mais rápido que o arcebispo. Mais forte também. Ele afunda os dentes no ombro de Michal com um uivo bestial enquanto procuro freneticamente por uma arma. Qualquer arma. Ao som do gemido de Michal, meu aperto no galho mais próximo o quebra em dois, e eu jogo os pedaços para o lado impacientemente. Porque eu tenho que fazer alguma coisa. Não posso simplesmente assistir enquanto o fantasma rasga Michal em-

Meu coração pula na garganta quando uma ideia surge. Porque - os galhos, eles são -

Madeira.

Com outro estalo, arranco um segundo galho da árvore, desfiando as folhas e dividindo-o em dois pedaços, esfregando-os em um borrão de marrom e cinza. Fogo. Mathilde disse que precisamos de fogo, mas esta madeira - ainda está fria

e úmida das lágrimas, muito úmida, e uma maldição frustrada sobe em minha garganta quando Michal arranca o braço do fantasma de sua órbita, chutando a criatura para o lado e agarrando seu pescoço sangrando. Seu peito sobe e desce em fúria; seus músculos se contraem de dor.

"Vamos, vamos." Esticando meu pescoço para ver abaixo, eu esfrego a madeira mais rápido enquanto o fantasma sobe, enquanto um líquido fétido vaza do buraco onde seu braço deveria estar. Lambendo os lábios, ele espreita um círculo ao redor de Michal com os pelos levantados. Michal se vira com ele, pisando levemente e bloqueando seu caminho para a árvore. Para mim. O fantasma rosna.

Embora a madeira aqueça com o atrito, nenhuma faísca aparece. Ainda não. Mas quando isso acontece...

"Deixe-o vir a mim, Mical." Sibilando as palavras, esperando que o fantasma não possa ouvir, acrescento: "Traga-o direto para as raízes da árvore".

Embora eu não possa ver seu rosto, Michal não se move, permanecendo firmemente entre nós, até que - com uma maldição cruel - ele acena com a cabeça uma vez e dá um pequeno passo para trás.

Como se esperasse permissão o tempo todo, a primeira chama acende em minha mão enquanto o fantasma espelha seu movimento, mas Michal gira em um borrão, piscando para o ponto logo abaixo de mim. "Aqui!" Ele empurra a mão para cima para pegar a lenha acesa. O fantasma se move mais rápido, no entanto; ele pula antes que Michal possa agarrar o galho, prendendo-o contra a árvore. O horror coalha na boca do meu estômago. Como se estivesse em câmera lenta, vejo as garras do fantasma afundarem profundamente no peito de Michal, enquanto seus dentes mutilam a bochecha de Michal, seus olhos...

Sangue escorre da ferida enquanto Mical recua, temporariamente cego. Ele não pode ver o galho enquanto ele mergulha em direção ao chão. Ele não pode ver nada.

Eu reajo sem pensar.

Com um grito estrangulado, pulo da árvore, agarrando o galho no ar e caindo diretamente sobre os ombros do fantasma, caindo para trás para nos levar ao chão da floresta. Longe de Michal. E o fogo - finalmente irrompe, lambendo a madeira e queimando minhas mãos. Eu mal sinto seu calor, no entanto, em vez disso, mergulhei a tocha improvisada direto no peito do fantasma. Ele arqueia com outro uivo de raiva. Ele se contorce e sacode quando primeiro suas roupas esfarrapadas pegam fogo, depois sua pele emaranhada. Ainda assim, ele me arranha, no entanto - ainda tenta enterrar suas garras em minhas pernas. Eu os envolvo em volta de seu pescoço em um torno, lágrimas quentes queimando minhas bochechas. E eu os odeio. Eu os odeio porque não os mereço - não

quando agarro cada lado de seu rosto, torcendo sua cabeça para cortar sua espinha.

Michal.

Mais sangue escorre entre seus dedos enquanto ele agarra o olho. Esse líquido escarlate é tudo o que posso ver. Seu nome é tudo o que posso ouvir, batendo como a batida de um tambor de guerra em meus ouvidos - Michal, Michal, Michal - e eu torço a cabeça do fantasma mais em resposta. Eu o arranco de seus ombros completamente.

Ele continua a lutar, no entanto; ele continua a choramingar e rosnar para Dimitri.

Eu não o solto até que Michal empurre da árvore para se juntar a nós. Embora ele cambaleie um pouco, ele faz um trabalho rápido com o resto, rasgando o corpo do fantasma em pedaços e jogando cada um em um buraco entre duas raízes, onde eles continuam a fumegar e queimar. Exceto pela cabeça do fantasma. Eu ainda o agarro entre minhas mãos, e seus olhos rolam descontroladamente de medo enquanto eu engasgo com o soluço crescendo na minha garganta. Porque eu quero fechá-los. Eu deveria fechá-los.

Em vez disso, entrego sua cabeça a Michal sem dizer uma palavra, e observo enquanto ele a joga em cima do fogo.

A neve para de cair imediatamente.

Capítulo Vinte e Oito

Até o sol deve dormir

Michal se agacha na minha frente um momento depois, sua expressão impenetrável.

Eu olho para ele em meio às lágrimas, determinada a não olhar para o teixo. Recomponha-se, digo a mim mesmo com veemência. Matar um fantasma não é o pior que você já fez. De alguma forma, a admissão só me faz sentir pior. Talvez porque passei a última semana imaginando como seria o gosto do sangue dos meus amigos, ou talvez porque tentei matar Jean Luc. Embora eu não tenha conseguido arrancar seu coração, observei como Frederic e Michal perderam o deles. Eu me reuni com minha irmã morta-viva no processo e conheci meu marido diabólico, a Morte encarnada. Comparado a ele, esse fantasma não deveria importar.

Meu queixo ainda começa a tremer quando olho para Michal.

Seu olho, pelo menos, já está curado. Embora o sangue permaneça, pintando metade de seu rosto de escarlate brilhante, ele não sofreu nenhum ferimento duradouro por minha causa. Uma gavinha de alívio se desenrola com isso.

E murcha com a mesma rapidez, sufocado pelo cheiro de fumaça.

"Suas mãos," murmura Michal, e lentamente, eu olho para as minhas palmas queimadas e com bolhas como se pertencessem a outra pessoa, meu olhar permanecendo em seu pulso quando ele me oferece. O sangue mancha sua pele lá também, mancha seus dedos e mangas e cada parte dele. Cada parte de mim. "Pegue, Célie. Beba."

Um zumbido terrível começa em meus ouvidos.

Essas mãos - minhas mãos - tremem ao aceitar seu pulso, enquanto descascam a manga de seu sobretudo para revelar as veias abaixo. Sinto minha cabeça curvar de fora do meu corpo. Eu vejo meus lábios se abrirem, meus dentes se alongarem. E quando eu mordo, perfurando sua pele, um pânico familiar sobe pela minha garganta. Uma risada maníaca ameaça subir com ela, mas eu a engulo - eu engulo tudo porque devo, porque morri, porque os vampiros se banqueteiam com sangue e se empanturram de violência, e porque eu sou um vampiro agora. Se eu não arrancar as cabeças dos ombros de meus

inimigos, eles me comerão, ou me estacarão, ou me ameaçarão com um cadáver vestido à minha semelhança.

A cada puxão da minha boca, meu peito aperta. Minha cabeça balança.

E todas as razões pelas quais deixei o Requiem voltam à superfície.

Este fantasma representa muito do que não posso mudar, da minha irmã, de uma situação cada vez mais fora do meu controle. E de alguma forma eu sei - no fundo dos meus ossos - que o pior ainda está por vir. Todos nós devemos ir para a sala do relógio eventualmente.

"Sinto muito", diz Michal, sua voz dolorida enquanto ele levanta meu cabelo, enquanto o segura longe de seu sangue e minhas lágrimas. "Sinto muito que tenha acontecido assim."

Embora ele exerça uma leve pressão na minha nuca, puxando meu rosto de seu pulso, eu não consigo encontrar seu olhar. Eu simplesmente não posso. Fechando os olhos, eu me afasto, mas a escuridão atrás das minhas pálpebras se eleva rapidamente para me encontrar. Cheira a fantasmas e podridão, como meus amigos mais antigos e terríveis, mas não deveria ter sido capaz de me encontrar novamente como um vampiro. Porque eu – eu posso ver no escuro agora. Eu não preciso respirar, então por que parece que estou sufocando, como se dedos pálidos estivessem acariciando minha garganta em um abraço amoroso? Você está com medo, doce?

Um medo frio agarra meu coração com aquela voz, e eu recuo instantaneamente, pulando de pé.

Não, não, não-

"Célie." Mãos firmes agarram as minhas, e o rosto de Michal nada em foco, seus olhos negros brilhando com propósito. "Ouça-me. Concentre-se na minha voz. Tirar uma vida nunca é fácil, e não deveria ser. Você fez o que era necessário para se proteger, para proteger a mim e àquela criatura - ele estava sofrendo. Ele estava sofrendo, e você acabou com sua miséria o mais rápido e humanamente possível.

Meu corpo continua a tremer, no entanto; Sinto-me fraco, desorientado, quando digo: "Eu arranquei a cabeça dele".

"Você o colocou para descansar", diz Michal com firmeza. "Você acha que ele teria preferido passar a eternidade como ele foi? Angustiado? Estúpido? Seu sangue pode ter ressuscitado seu corpo, mas deixou sua alma para trás. Ele não pertencia mais a si mesmo. Ele empurra o cabelo do meu rosto antes de embalar minhas bochechas. "Você o libertou."

Suas palavras perfuram meu coração porque são verdadeiras.

Eles me fazem sentir ainda pior.

Como se sentisse o mesmo, Michal se move atrás de mim, seu peito roçando

minhas costas e suas mãos apertando levemente meus braços. "Escolha alguma coisa", diz ele, "e descreva para mim".

"O quê?"

"Vou começar." O ar se move acima enquanto ele gesticula para a neve girando ao nosso redor e, tarde demais, percebo que acidentalmente caí através do véu no reino espiritual. Outro arrepio de corpo inteiro me domina com o pensamento; Eu não perdi o controle assim em semanas, mas Michal - ele me seguiu. Ele veio atrás de mim. "Os flocos de neve parecem estrelas cadentes", diz ele.

"Estrelas cadentes?"

Ele levanta a mão para pegar um na ponta do dedo, abaixando-o até a linha dos meus olhos. "Olhe de perto - você pode ver a forma deles melhor agora do que como humano."

Por causa de sua temperatura - ou talvez por causa do próprio reino espiritual - o floco de neve não derrete, em vez disso, brilha em sua pele de alabastro, sua forma delicada. Suas linhas fluindo e florescendo.

Eu pego outro na palma da minha mão e olho para suas bordas afiadas e brilhantes antes de jogá-lo fora. Eles pareciam pequenas lanças. Como facas de trinchar. "Eu não acho que as estrelas se pareçam com isso, Michal."

"Como eles se parecem, então?"

"Eu não sei," eu admito depois de mais um momento, forçando-me a inalar o ar gelado pelo meu nariz, para expirar pela minha boca. Eu escovo as pontas dos dedos pelas folhas congeladas e tremo novamente. "Eu nunca vi uma estrela de perto."

"Você deveria pedir a Odessa para lhe mostrar algum dia. Ela construiu um telescópio no ano passado - um de seus interesses mais recentes ", acrescenta ele em uma explicação silenciosa. O momento parece quase etéreo, delicado, como se pudesse quebrar com um barulho muito alto ou um movimento muito repentino. "Ela até convidou alguns astrônomos para examiná-lo."

"Eles sobreviveram?" Pergunto fracamente.

"Sim." Ele levanta a mão novamente e, juntos, observamos o floco de neve esvoaçar de seu dedo em uma rajada de vento. "Escolha outra coisa. Diga-me o que você vê."

Ao seu comando gentil, meus olhos deslizam ao nosso redor, tentando e não conseguindo ver nada além de neve - e o teixo, o cadáver abaixo dele, que eu nunca mais quero ver. Minha respiração engasga em resposta. O ar congela na minha garganta. "Eu não posso—Michal, eu não posso fazer isso—"

"Sim, você pode."

Ainda posicionado atrás de mim, ele pega minhas mãos, guiando-me para

trás um passo de cada vez até que a temperatura aumente e a neve pare de cair, substituída pela fumaça espessa e pungente da madeira úmida. Nós nos afastamos do último, no entanto; em vez disso, enfrentamos uma cavidade ao longe, onde as samambaias ficam mais finas e o gelo não cobre a paisagem. Em vez disso, manchas de urze ondulam entre as rochas e as árvores. Dames Rouges costumam usar ramos de urze em encantamentos protetores. Eles supostamente trazem sorte.

São as mesmas flores que cresceram ao redor de seu coração.

Eu pisco a memória, percebendo que Michal está esperando que eu fale. "Eu vejo. . . flores," eu digo finalmente, olhando para ele enquanto o calor floresce em minhas bochechas. Eu me sinto envergonhado. Sem graça. Michal inclina a cabeça, no entanto, agora com uma pitada de desafio. Ainda esperando.

Quando não digo mais nada, um pequeno sorriso puxa seus lábios. "Não é tão descritivo quanto eu esperava. Tente novamente."

Eu suspiro pesadamente. "Eu vejo flores roxas..."

"Que cor roxa?"

"Michal..."

"De que cor?"

"Malva." Esse calor de constrangimento se transforma em exasperação, e seu sorriso se alarga triunfantemente. "As flores são malva, cereja, magenta e, com o vento soprando assim, parecem ondas."

E eles fazem. Eles se parecem com ondas, o que, claro, me lembra o turbilhão, da minha irmã, dos fantasmas novamente. Assim que minha garganta começa a se contrair, no entanto, forço meu olhar de volta para Michal; Eu me forço a acalmar, a me acalmar, a permanecer presente neste momento. Não posso controlar o futuro. Não sei o que vai acontecer, mas aqui - agora - estou com Mical em um lugar lindo. Com ele, estou seguro.

Mais do que isso, sou apoiado e me viro em seus braços enquanto a gratidão toma conta de mim. "É adorável," eu digo a ele com sinceridade.

Ele pressiona um beijo na minha testa.

"É onde eu pisei pela primeira vez no Requiem. O mar fica logo além dele" - ele levanta o queixo em direção ao horizonte - "e minha terra natal muito mais além disso. Eu procurei uma fuga", diz ele em resposta à pergunta na minha língua. "Um novo começo. Antes de se casar com meu pai, minha mãe adorava a terra como as bruxas, e ela me ensinou um pouco do que sabia - o suficiente para que eu reconhecesse aquelas flores como um sinal de esperança para minha irmã e primas.

"Mas não para você?" Faminto por mais informações sobre seu passado, inclino meu rosto para olhar para ele, para vê-lo como ele poderia ter sido

naquele lugar distante, como uma criança segurando a saia de sua mãe e aprendendo a linguagem das flores. Não consigo imaginar tanta suavidade nele agora, no entanto. Não consigo imaginar Mical como outra pessoa além de quem ele é: pálido e enigmático, uma fortaleza em si mesmo.

Ele não responde à minha pergunta imediatamente, ainda olhando para o campo de urze como se estivesse vendo um tempo diferente, um lugar diferente. Uma ilha diferente. Na verdade, ele espera tanto tempo que temo que ele não responda nada. Uma onda de exaustão varre através de mim e, com ela, o resto do aperto sai do meu peito inesperadamente. De alguma forma, sinto-me quebradiço e incrivelmente pesado em seu rastro, como se uma única fronde pudesse me quebrar, ou talvez eu já tenha criado raízes neste lugar escuro e sombrio.

E não posso deixar de me perguntar se alguma vez foi a escuridão que eu temia.

Os braços de Michal se apertam em volta de mim antes de cair. Sua voz suaviza com arrependimento. "Eu nunca quis que fôssemos assim."

"Quem?" Hesito antes de me virar totalmente, em partes iguais determinado e assustado ao ouvir sua resposta. Parece mais difícil olhar para ele agora do que antes - e não porque eu pedi para ele me tocar. Não porque eu matei para protegê-lo também. Não. Meu peito dói ao vê-lo porque ninguém nunca me seguiu para o reino espiritual antes. Ninguém nunca me seguiu em pesadelos.

Distante, reconheço que ele logo perderá essa habilidade. Quando meu sangue sair de seu sistema, ele nunca mais colocará os pés lá.

Como se sentisse minha incerteza, ele passa o polegar pela minha bochecha com um sorriso irônico. "Tantas perguntas." Ele se inclina. Por uma fração de segundo, parece que ele pode roçar um beijo contra meus lábios, mas ele se afasta com a mesma rapidez, deixando-me estranhamente desamparada. "Você parece exausto, bichinho. Você deveria dormir um pouco." Com um suspiro pesado, ele acrescenta: "Levará várias horas para o fantasma queimar".

Reclino-me dentro das raízes de outra árvore - uma árvore diferente, esta do outro lado da clareira - e descanso contra seu tronco prateado, tentando e falhando em fechar os olhos com Michal ao meu lado. Com as mãos nos bolsos, o sobretudo descartado, ele se inclina contra a árvore e examina a pira improvisada do fantasma. O teixo esconde grande parte da fumaça, mas uma fina nuvem ainda escapa dos galhos nus para o céu acima.

Alguém podia ver. Alguém poderia vir.

Ele não parece preocupado, no entanto, seus olhos negros cortando os meus depois de vários momentos de silêncio. Eles se estreitam ligeiramente. "Isso não

parece sono."

"Não estou cansado."

"Direito." Ele acena com a cabeça em breve. "E eu posso comer éclairs de chocolate - só comi um no café da manhã, na verdade."

Suspirando em sua bochecha, eu inclino minha cabeça para trás, sem me importar com o gelo na casca. Não haverá como salvar meu cabelo, nem meu vestido. Mesmo que Michal não tivesse arrancado uma manga inteira, todo tipo de sangue mancha o cetim violeta agora. Eu tento não olhar para ele.

"Sua mãe era uma bruxa?" Pergunto depois de mais um momento.

Ele balança a cabeça com uma risada sem alegria. "Oh, não. Não, não estamos abrindo essa porta."

"Você já abriu, Michal."

"Considere isso eu fechando de novo."

"Considere isso eu enfiando meu pé na porta. A única coisa que você revelou sobre seu passado bastante extenso é que seu pai era um clérigo e se casou novamente com a tia de Odessa e Dimitri depois que sua mãe faleceu. Por que você não me conta mais sobre você?"

"Porque o passado é irrelevante, animal de estimação. Não podemos mais viver lá."

Eu o estudo, preocupando-me com um raminho do que cheira a alecrim selvagem, mas não consigo discutir mais o ponto. Não agora. Porque Michal está certo - estou exausto, meus membros e pálpebras pesados, e nunca antes perdi o esquecimento do sono como neste momento.

"Lou mencionou que você tomou um gole para dormir em Cesarine", diz Michal baixinho. "Por quê?"

Eu zombo e jogo o alecrim fora, esfregando seu óleo adstringente entre meus dedos. "Achei que não tínhamos permissão para fazer perguntas."

"Se não me falha a memória, você me deve vários."

"Você e seus jogos miseráveis..."

"Não desta vez." Ele cutuca meu braço com o joelho, persuadindo-me a olhar para ele. E porque é Michal, não resisto à oportunidade de fazer exatamente isso. Eu olho para ele por cima do ombro, pegando sua camisa rasgada, suas mangas arregaçadas, os restos de carmesim em seu rosto marcante. Ele usou o pedaço da minha manga para limpar o sangue da melhor maneira que pôde, mas - como meu vestido - a horrível verdade de nosso encontro com o fantasma não pode ser tão facilmente lavada. "Você está tendo problemas para dormir, Célie?" ele pergunta.

Talvez eu esteja cansado demais para a desonestidade, ou talvez eu só queira continuar dizendo a verdade. Para continuar dizendo a verdade a ele. "Eu não

durmo desde a véspera de Todos os Santos."

Ele me encara como se eu tivesse acabado de falar em línguas, seus olhos se arregalando ligeiramente. "O quê?"

"Eu não dormi", repito, sem se importar com sua reação. "Não pode ser muito incomum - os vampiros não parecem precisar dormir, não é? Eu ainda estou vivo, afinal" - eu faço uma careta com a virada da frase - "ou melhor, meu corpo parece estar bem sem ele."

"Parece estar bem sem ele?" Incrédulo agora, ele empurra da árvore, suas mãos deslizando dos bolsos enquanto todo o peso de seu olhar pousa sobre mim. "Célie. . . Você está me dizendo que não dorme há mais de uma semana?"

Eu me levanto também, sem saber o que mais fazer. "Não é como se eu não tivesse tentado. É só que - quando fecho os olhos, meu corpo se recusa a - sei lá - relaxar. Antes de tomar o gole de Lou, eu nunca conseguia me acomodar o suficiente para adormecer, mas mesmo com isso, o sono parecia mais paralisia do que descanso verdadeiro.

"Foda-se." Balançando a cabeça, Michal arrasta a mão pelo rosto e pergunta: "Por que você não contou a Odessa?"

"Como eu disse, não achei que isso importasse."

"É importante", diz ele fervorosamente, soltando a mão. "Os vampiros podem não precisar dormir da mesma forma que os humanos, mas ainda precisamos dele - se não para nossos corpos, então para nossas mentes. Consumimos grandes quantidades de informações sensoriais por segundo, Célie, e você manteve a consciência por centenas de horas. Claro que você está se sentindo no limite." Com um som de nojo, ele se vira em um esforço para se recompor, cada linha de seu corpo dura e inflexível. Amaldiçoando novamente, ele diz: "Isso é minha culpa. Eu deveria ter sido o único a te ensinar essas coisas, não Odessa. Eu deveria ter - eu deveria ter estado lá -"

"Então por que você não estava?"

Talvez seja a pergunta mais frequente que me fiz durante aquelas longas e perturbadoras horas no quarto de hóspedes de Lou - por quê? Por que Michal me transformou depois de me dizer que nunca o faria? Por que ele me deixou ir para Cesarine depois de me pedir para ficar?

Como costuma acontecer, a resposta que ele dá não é a resposta que eu imaginava.

"Eu não achei que você quisesse", diz ele simplesmente.

As palavras são muito cruas, no entanto, e muito próximas da verdade para esconder o que ele realmente quer dizer: eu não acho que você me queria. Instantaneamente, abro minha boca para refutar uma afirmação tão brutal, ou talvez não, ou talvez para mudar completamente de assunto, mas ele fala

novamente antes que eu possa decidir. "Não há tempo como o presente para corrigir meus erros. Sente-se, Célie. Por favor."

Ainda sem olhar para mim, ele balança a cabeça em direção às raízes e ao alecrim. "Deixe-me ensiná-lo a desligar seus sentidos."

Desligue seus sentidos. A perspectiva parece perigosa em um lugar como Requiem, mas eu volto para o pedaço macio de terra independentemente, confiando nele, enrolando meus braços em volta dos joelhos. Michal se agacha ao meu lado novamente. Sempre agachado. Sempre tenso. Vê-lo sentado, descansando, esparramado como ele fez na margem do riacho comigo, parece tão surreal e fora de alcance quanto o próprio sono. "Deite-se", ele instrui, "e feche os olhos".

Eu engulo em seco. "Eu não. . . necessariamente quero fechar meus olhos."

Ele me nivela com um olhar astuto. "Por que não?"

"Você realmente vai me fazer dizer isso depois do que aconteceu?" Quando ele acena com a cabeça, resoluto, eu faço uma careta. "Sabe, Michal, você pode ser um verdadeiro réprobo às vezes."

"E você sabe que não tem medo do escuro."

"Com licença?" Eu pisco para ele, insultado e também apavorado com seu discernimento. "Você mesmo confirmou isso em L'ange de la Mort enquanto eu ainda era humano - nictofobia, você chamou. Você ouviu meu pulso disparar, viu minhas pupilas dilatarem..."

"Oh, eu não tenho dúvidas de que a escuridão provoca memórias que é melhor deixar esquecidas, mas acho que você confundiu o medo da escuridão com o medo de outra coisa."

"Como o quê?" Pergunto com cautela.

"Você me diz." Ele descansa os antebraços sobre os joelhos enquanto me estuda, seus olhos negros brilhando. "O que é que se esconde na escuridão?" Uma pausa sugestiva. "Ou melhor, quem?"

Eu estreito meu olhar para ele, não entendendo muito bem sua implicação, mas também não gostando muito. A defensiva pica meu subconsciente, e eu rasgo outro raminho de alecrim para algo a ver com minhas mãos. "Ninguém mais pode se esconder de mim no escuro."

"Então você não deve ter medo de fechar os olhos."

Relutantemente, faço o que ele diz, e ouço o ar mudar enquanto ele acena com a cabeça em aprovação. "Bom. Agora silencie essa sua mente gloriosa e ouça.

Não posso deixar de abrir um olho desconfiado. "Você realmente acha que minha mente é gloriosa?"

Ele sorri para mim. "Você sabe que eu faço. E esse é exatamente o problema.

Vampiros recém-nascidos - todos vampiros, na verdade - lutam com a sobrecarga sensorial até aprenderem a focar sua atenção. E você precisa focar sua atenção para relaxar."

"Isso parece contra-intuitivo."

"Feche os olhos, Célie."

Meus lábios se contorcem quando eu o fecho novamente, mas desta vez, eu permito que a voz de Michal me lave como um bálsamo.

"Imagine como fogo", diz ele. "Um incêndio florestal é muito mais difícil de apagar do que, digamos. . . Velas. E classificar a grande quantidade de informações que percebemos pode parecer como estar em um incêndio. É demais. É excessivo. Tal ataque desencadeia uma resposta fisiológica mesmo em vampiros, tornando impossível para nós relaxarmos. Se estreitarmos nossa atenção, no entanto - concentrando-nos em apenas um sentido, um detalhe - esse fogo também se estreita.

Minhas pálpebras tremem. Meu sorriso desaparece gradualmente. "Em uma vela."

"Em uma vela", ele repete. "A visão é a mais fácil de extinguir - você está fazendo isso agora fechando os olhos. O próximo é o cheiro. Você pode extinguir isso por...

"- prendendo a respiração", termino, "o que deixa. . . som?"

Seus dedos roçam meu joelho. "E toque."

Eles desaparecem um segundo depois, deixando-me à deriva na escuridão traiçoeira de minhas pálpebras. Você não tem medo do escuro, digo a mim mesmo ferozmente. Não com medo, sem medo, sem medo.

A voz de Michal suaviza enquanto ele continua. "Concentre-se em qualquer outra coisa que você sinta - o cetim frio do seu vestido, suas fibras individuais, o musgo e o líquen embaixo de você. A terra úmida. As raízes das árvores. Até o ar em sua pele. Imagine cada um como uma vela e simplesmente. . . extingui-los."

Engolindo em seco, tento fazer o que ele diz e, para minha surpresa, meu foco se aguça nas sensações individuais sem dificuldade. Eu os sinto. Eu os separo do meu corpo um por um e os mantenho separados em minha mente, soprando cada vela por vez. Um arrepio de satisfação passa por mim - porque eu fiz isso; pela primeira vez na minha vida, eu realmente fiz isso - mas agora estou realmente à deriva sem os pilares do toque. O pânico sobe pela minha garganta mais uma vez, mas a voz de Michal ainda me encontra na escuridão. Ele ainda está aqui.

Depois de tudo, ele se recusa a sair.

"Agora faça o mesmo com o som. O vento através das árvores, o gelo

derretendo, aquele estrondo de trovão sobre o mar. Se você ouvir com atenção", acrescenta ele, "poderá até ouvir Mathilde brigando com Guinevere e D'Artagnan".

Então eu posso.

Sentado com Michal, cada ruído parece amplificar à medida que mudo minha atenção de um para o outro, permitindo que eles se acumulem até que tomem conta de mim em uma orquestra estranha e suave. Meu corpo fica mais pesado com os acordes cadenciados, até mesmo com as vozes fracas de Mathilde e convidados. Minha emoção de satisfação se acalma em seu rastro, e até mesmo o pânico em meu peito diminui gradualmente.

Porque eu não estou mais sozinho. Não verdadeiramente. Nem mesmo no escuro.

Michal está aqui, e sua voz me envolve também - ela me embala enquanto dou um último suspiro, enquanto a seguro, enquanto apago cada vela e espero até o último momento possível para apagar a dele também.

Pressionando um beijo na minha testa, ele murmura: "Čak i sunce mora spavati."

Mas eu apaguei sua vela antes que eu pudesse ouvi-lo corretamente, e eu caio de cabeça em um sonho.

Capítulo Vinte e Nove

Uma audiência com a Rainha do Gelo

O sonho começa agradavelmente, como uma cena tirada de um livro de contos de fadas: um castelo de gelo esculpido e reluzente se ergue ao meu redor e flocos de neve caem do teto como estrelas cadentes. Alguns deles fluindo e florescendo, outros afiados e cristalinos. Eles brilham na ponta dos meus dedos, minhas bochechas, e eu sorrio antes de pegar um na minha língua.

No começo, eu não percebo quando eles param.

Nem percebo o ar que se dilui, a geada que sobe pelo meu vestido fino como um sussurro. Na verdade, não percebo nada até que o próprio castelo roube meus pés, prendendo-os em gelo sólido. Assustado, olho para minhas mãos brancas como a neve, para o vermelho chocante das minhas unhas. Eles combinam com as amoras de inverno que crescem no meu cabelo.

O rastro de sangue brilhando no gelo atrás de mim.

"Finalmente", diz minha irmã com uma voz entediada. "Eu pensei que você nunca iria adormecer."

"Filipa?"

Eu giro em descrença, quase caindo no chão quando meus pés se recusam a se mover, ainda congelados. E em um golpe doentio de intuição, percebo que isso não é um sonho - não com minha irmã a poucos metros de mim, fria, cruel e errada, e não com aquele olhar de apatia em seus olhos enervantes. Um preto e um verde.

"O que você está fazendo aqui?" Esticando meu pescoço para olhar ao nosso redor, eu fico boquiaberto com as paredes brilhantes. O sangue atrás de mim, eu percebo, não é sangue, mas um manto de carmesim vívido. Não posso colocar o tecido, no entanto; ondula na estranha luz prateada como um líquido, como se minha mão pudesse deslizar por ela, para dentro dela, se eu ousasse me abaixar para investigar. "Onde estamos?"

Meu olhar se fixa na mesa de pedestal no meio da sala - flocos de neve esculpidos na madeira mais pálida - e o elegante buquê de flocos de neve congelados em seu centro. Atrás dela, a grande escadaria sobe para um patamar cintilante antes de se dividir e desaparecer de vista. Ajoelho-me para inspecionar

o piso de vidro, onde uma floresta perene foi esculpida sob o gelo. "Este é o reino espiritual?" Pergunto maravilhado.

Ela levanta um ombro delicado antes de alisar o tecido quase translúcido de seu vestido branco cintilante. Ela não usa um manto carmesim ou bagas no cabelo. Em vez disso, ela parece quase fantasmagórica com seu derramamento de cabelo preto e pele sem sangue, um corte escuro no tecido deste lugar. "Quase."

Eu olho para baixo novamente, incapaz de evitar. As sombras parecem flutuar pelas sempre-vivas sob o gelo e - se eu olhar de perto - elas quase poderiam ser. . . povo. Eu reprimo um arrepio quando alguém se aproxima demais, revelando cabelos suaves, mas inegavelmente castanhos.

Frederic.

Eu empurro para trás, para longe dele, com o estômago revirando.

"Por que você respira?" Filippa pergunta abruptamente, me arrancando do meu choque. Minha confusão. "Você é uma vampira, ma belle. Você está morto, e os mortos não devem se importar com essas coisas mundanas.

Meu olhar se volta para o dela com horror crescente. Porque minha irmã prendeu a alma de seu ex-amante no chão. Porque ao lado dele, Evangeline olha para mim também, seus olhos desolados e vazios. "O B-Breath nos permite cheirar as coisas."

"Ah?" Filippa arqueia uma sobrancelha zombeteira. "E como eu cheiro?"

Eu inalo relutantemente, preparando-me para o pior, mas em vez disso minha confusão se aprofunda. Minha testa franze. Porque ela - ela não cheira a um fantasma. Eu recuo ligeiramente, inalando seu cheiro novamente. Outra vez. Mas - não, não há podridão. Os flocos de neve sobre a mesa escurecem e racham quando percebo, mas Filippa não presta atenção a eles. Em vez disso, ela levanta o queixo em um gesto tão parecido com nossa mãe que a visão disso parece um golpe físico no meu peito - ou talvez ela simplesmente tenha congelado o ar dentro de mim também. Não faz sentido.

O loup garou - os corsários, até mesmo o arcebispo - cheirava a decadência e coisas fétidas, a desespero, mas além disso, nenhum deles conseguia se comunicar; eles mal conseguiam pensar, muito menos falar. Não como Filippa.

Algo deu errado com aquele feitiço de Frederic - ou algo deu muito, muito certo.

Mathilde descreveu o buraco que Frederic e Filippa rasgaram o véu como único, ao contrário dos rasgos que os outros fantasmas criaram. Qualquer um que tenha visto o turbilhão concordaria, mas. . . Até onde vão essas diferenças?

"Bem?" Filippa arrasta lentamente os dedos pelos flocos de neve congelados. "Eu cheiro a rosas?"

Um arrepio percorre minha espinha com a sugestão. Com aquela lembrança de rosas e podridão, de fumaça de vela e de uma verdadeira escuridão sufocante. Não terei medo de minha irmã, no entanto, ou de sua aliança recém-descoberta. "Você cheira como sempre, Pip - como velas de cera de abelha."

A mentira surge por vontade própria, ou talvez não - talvez, apesar de tudo, eu queira incitá-la, para avaliar sua reação. Talvez eu queira ver aquele lampejo de irritação em seus olhos, aquele aperto sutil de descontentamento e...

A esperança brilha no meu peito enquanto seus olhos realmente se estreitam. Enquanto seus lábios franzem. Ela não quer cheirar a mel de verão. A consciência surge lentamente, embora eu ainda não a entenda.

Instintivamente, eu empurro com mais força: "Este palácio parece exatamente como eu sempre imaginei - direto das páginas de A Rainha do Inverno, não é?" Eu gesticulo para seu vestido, para a delicada peruca prateada aninhada em sua coroa, e um músculo começa a se emplumar em sua mandíbula - um leve movimento, sim, mas condenatório mesmo assim. "Você certamente se vestiu para o papel. A capa é um toque agradável. Você mesmo costurou os pequenos diamantes?"

Com um estalo sinistro, o gelo começa a se estilhaçar entre nossos pés. "Eu sei o que você está fazendo, ma belle", diz ela friamente, "mas você não encontrará o que procura em mim. Eu sugiro que você pare de procurar."

Essa centelha de esperança acende agora, subindo mais alto, e eu dou mais um passo à frente, desesperado para - sacudi-la, talvez, para abraçá-la. Para fazê-la lembrar o quanto nos amamos. Porque o palácio, o vestido, as ameaças, até mesmo sua aliança com a Morte - ela parece ter vestido cada um como uma armadura, o que significa. . .

Talvez ainda haja algo dentro dela para proteger.

"Você nunca foi um monstro, Filippa," eu digo ferozmente.

"Eu não espero que você entenda." Filippa fica rígida, com as mãos cruzadas na cintura na imitação perfeita de minha mãe, e observa nossa babá vagar sem rumo pelas árvores. "Nem exijo sua aprovação. Embora uma vez nos parecemos, nunca mais fomos os mesmos. Talvez seja melhor eu estar assim agora, e você ficar assim - nossos rostos refletem a verdade disso, você não acha? Eu sou um monstro que se parece com um monstro, e você é um monstro que se parece com Deus."

"Como você pode dizer isso para mim?"

"Porque eu te conheço." Quando abro a boca para discutir, para discordar veementemente de sua lógica mordaz, ela acrescenta: "Por que você nunca me seguiu quando eu me arrastei para encontrar Frederic? Eu esperava encontrá-lo atrás de mim pelo menos uma vez, mas você nunca se aventurou além da janela.

Você não estava curioso sobre ele? Você não se perguntou para onde fomos?

"Claro que eu me perguntei." Embora eu tente permanecer tão calmo, calmo e controlado quanto minha irmã mais velha, minha voz soa aguda e indignada. "Eu perguntei a você, Pippa. Todas as noites, eu perguntava, e perguntava, e perguntava, e você se recusava a me dizer uma palavra sobre ele. Claramente, você não queria que eu soubesse - é claro que agora eu sei o porquê - então eu nunca me aventurei além da janela porque teria sido uma invasão de sua privacidade. Eu queria que você gostasse de mim. Eu queria que você confiasse em mim, mas no final, nenhum de nós conseguiu o que queríamos, não é?"

Ela não diz nada em resposta - apenas continua sua leitura das sombras sob o chão - e eu estremeço, já lamentando as palavras amargas. "Filippa—" Eu começo tristemente, mas ela interrompe antes que eu possa me desculpar.

"Ele prometeu devolver Frostine em troca da minha ajuda."

A confissão quase divide meu peito em dois. "Oh, Pip."

Ela dá uma risada triste, mas é claro que não é realmente uma risada. "Preciso de sua pena tanto quanto preciso de sua compreensão e aprovação." Seu olhar se volta para o meu no final, e nele, vejo as luzes das almas de Frederic e Evangeline refletidas. Ela os guardou. Apesar de seu desafio silencioso, seu desprezo agudo - ela os manteve com ela e está disposta a sacrificar tudo para manter sua filha também.

E aí está a minha resposta.

"Eu pedi a ele para não envolvê-la nisso, Célie." Filippa desliza sem olhar para mim, tão etérea neste estranho palácio quanto um fantasma no reino espiritual. Tão arrepiante quanto. "Eu tentei mantê-lo fora disso, mas Morte é Morte. No final, o que qualquer um de nós pode realmente fazer?" Quando não respondo, ela hesita na porta, olhando para trás, mas não revelando nada. "A verdadeira razão pela qual eu trouxe você aqui - não é porque eu queria vê-lo. É porque ele faz."

Antes que eu possa dizer outra palavra, Filippa sacude a mão e eu mergulho direto no gelo, gritando e caindo até que meus pés batam na terra dura. Desorientado, preparo os joelhos instintivamente e me agacho para absorver o impacto. Leva vários segundos para perceber que não estou mais no palácio de gelo - não estou mais com Filippa, mas olhando para um rosto familiar.

"Olá, minha querida", canta a Morte. "Eu estava esperando por você."

Meu corpo fica parado com o som, cada músculo tenso em preparação para correr, cada instinto gritando para eu fugir. Porque isso - isso não está certo. Eu não deveria estar aqui, onde quer que esteja, e certamente não estou sozinho com a Morte. De novo não. A última vez que o vi, ele arrancou o coração de Frederic com um sorriso alegre - ele drenou todo o sangue de seu corpo - e seus

fantasmas - seus fantasmas -

Seu fedor pútrido nos rodeia, agarrando-se ao meu cabelo, minha pele, meus próprios sentidos.

Eu preciso sair.

Agora.

Como se sentisse o pensamento, a Morte estala a língua suavemente e balança a cabeça em advertência. "E aqui eu pensei que você ficaria feliz em me ver", diz ele. "Na verdade, eu pensei que você poderia até querer me ajudar, dadas as circunstâncias."

Ele sorri para o meu olhar incrédulo - seus olhos prateados girando na luz manchada de outra floresta - e se inclina contra o tronco de um abeto retorcido e antigo. Como em Cesarine, tentáculos de decadência parecem se desenrolar de seu ser. Eles se estendem para fora na folhagem, escurecendo os galhos das árvores acima dele, tornando suas agulhas pálidas e marrons.

"Não?" Ele arqueia uma sobrancelha divertida. "Você não tem perguntas candentes que gostaria de fazer? Nada a me dizer? Isso não soa como a Célie que eu conheço.

A Célie que eu conheço. As palavras parecem muito íntimas - quase intimidantes - mas o instinto me avisa para não discutir; em vez disso, eu me endireito, lentamente, cautelosamente, meu coração alojado na minha garganta. Porque eu reconheço essas árvores - todas pinheiros, abetos e ciprestes. Evergreens. Seu cheiro forte permeia o ar enquanto a consciência se arrasta através de mim. Arrepia minha nuca, aquela sensação indefinível de ser observado, como se essas árvores nos vissem tão claramente quanto as vemos - como se fossem sencientes, vivas - seus sussurros carregados por uma brisa curiosa.

"La Fôret des Yeux", eu sussurro.

A morte sorri. "Muito bom. Suponho que você já esteve aqui antes?"

Eu aceno com a cabeça, arrepiando em meus braços porque... sim, eu estive na Floresta dos Olhos muitas vezes, e eu gostaria de me lembrar de aproximadamente nenhuma delas. "Isso é algum tipo de sonho?"

Por favor, que seja um sonho.

"Com que frequência você sonha comigo, Célie?" Ainda sorrindo, a Morte empurra da árvore, vestida apenas com uma camisa branca fina - sem casaco ou gravata - e calças pretas justas enfiadas em botas de cano alto. Ele estende um braço como se esperasse que eu o pegasse, como se esperasse que nós dois passeássemos pela podridão e fantasmas. "Espere. Não responda isso. Melhor manter um pouco de mistério tão cedo em nosso relacionamento."

Minhas sobrancelhas se encaixam. "Nós não temos um..."

Um galho acima da cabeça desmorona antes que eu possa terminar e, embora eu pule para o lado para evitar seu caminho, um raio de luz rompe as copas das árvores quando o galho cai. Ele cai na minha bochecha, minha garganta, meu peito com um calor escaldante. E por apenas um instante, eu não entendo o que está acontecendo, o que dói - então eu grito, agarrando meu rosto e me lançando nas sombras enquanto a fumaça se enrola entre meus dedos. Enquanto escapa em direção ao céu azul brilhante que agora espreita pelos buracos no dossel.

Eu pisco para esses buracos de horror. Luz solar.

Ele mancha a vegetação rasteira ao redor da Morte, cuja pestilência continua a se espalhar, envenenando as árvores e murchando sua folhagem. Agulhas esvoaçam no chão da floresta. Outro galho se estilhaça. Do ângulo da luz, deve ser no meio da tarde, o que significa:

A morte é simpática enquanto a realidade me atravessa em uma onda doentia.

O que significa que estou preso.

Mesmo que eu milagrosamente consiga escapar da Morte e de seus fantasmas - para não mencionar o que quer que viva nesta floresta esquecida por Deus - não terei para onde ir até o pôr do sol. Nenhum lugar para se esconder.

A morte sabe disso.

Caminhando mais perto, ele sacode os braços estendidos para mim. "Claro que temos um relacionamento, querida Célie. Você é minha noiva." E algo em sua voz. . .

Meu coração despenca com a possibilidade de que ele possa estar controlando tudo isso, de alguma forma. A morte e a decadência. Os galhos quebrados. Embora ele pareça humano agora, não sabemos quase nada sobre suas habilidades em nosso reino. Talvez ele possa - e vai, minha intuição adverte - fazer muito pior do que me queimar da próxima vez.

"Isso. . . não é apenas um sonho, é?" Eu pergunto a ele.

A Morte balança a cabeça lentamente. "Eles nunca são."

Com essa confirmação aterrorizante, o fedor dos fantasmas finalmente me domina, e eu tropeço um passo para trás, quase me queimando em outro pedaço de luz solar. Embora eles fiquem fora de vista, movendo-se em pés anormalmente silenciosos, eu os sinto um pouco além das sombras, nos observando. Espera. Dezenas deles. Os pinheiros estremecem com sua presença enquanto aqueles tentáculos se afastam da Morte, murchando tudo em seu caminho.

Exceto eu, eu percebo com uma torção brutal do meu estômago.

Exceto os fantasmas.

"Mas-" Eu balanço minha cabeça, ainda segurando minha bochecha e

ignorando as pontadas agudas e afiadas de dor enquanto ela cicatriza. "A Floresta dos Olhos está a centenas de quilômetros de distância de Requiem..."

"O reino espiritual pouco se importa com coisas mundanas como a distância física."

O reino espiritual. Meus pensamentos deslizam descontroladamente para cair do lado de fora da cabana de Mathilde, mas - mas Michal e eu voltamos ao nosso reino antes que eu sucumbisse ao sono. Seu olhar atento é o último de que me lembro além de fragmentos vagos e confusos da voz baixa de minha mãe, um pano quente em meu rosto. Não faz sentido. "Como Filippa—? Ela usou o véu para me trazer aqui?"

A Morte acena com a cabeça, soltando um suspiro impaciente quando percebe que não vou aceitar seu braço. Ele agarra meu cotovelo em vez disso. "Eu nunca ouvi ninguém pensar tão alto quanto você. Você sempre grita seus pensamentos para espectadores desavisados?"

Abro a boca para responder - ou para perguntar como Filippa usou o véu para viajar - mas fecho novamente com a mesma rapidez, deixando cair a mão da pele recém-curada da minha bochecha. "Por que estou aqui?" Em vez disso, pergunto, forçando-me a manter a calma. "O que você quer comigo?"

"Ah. Agora que estou feliz que você perguntou. A morte gesticula para a terra compactada que se enrola em torno de nossos pés. Meus olhos se estreitam enquanto sigo o caminho para o que parece ser um. . . portão? A suspeita escorre pela metade através dos meus pensamentos. Porque por que um portão estaria no meio da floresta? "Receio precisar de sua ajuda com um pequeno experimento. Ignore-os", acrescenta ele quando meu olhar se volta para uma mão pálida na árvore à frente. Ele desliza para fora de vista no próximo segundo.

"Mais fácil falar do que fazer."

"Meus fantasmas não atacarão a menos que você fuja - e você não vai fazer isso, vai?" Os olhos da Morte brilham quase travessamente enquanto ele me leva ao longo do caminho, envolvendo seu braço livre em volta dos meus ombros. "Não, você é muito inteligente para tal teatralidade. Esta é uma oportunidade, afinal, para descobrir minha trama diabólica e, de qualquer forma, você não tem tocha para incinerar ninguém desta vez. Que inconveniente, eu sei.

Ele pontua as palavras com um aperto, e eu estremeço com sua força óbvia. Pior ainda, se ele está insinuando o que eu acho que ele é, ele sabe sobre o fantasma que Michal e eu queimamos, mas - mas como ele pode? Nós o teríamos cheirado se ele estivesse se escondendo, teríamos cheirado outro fantasma também.

Embora meu desconforto se aprofunde com isso, não me atrevo a me afastar dele. Ainda não. Porque, por mais relutante que eu seja em admitir, a Morte está

certa - não temos ideia do que ele quer, apenas que ele quer algo, e esta pode ser minha única oportunidade de descobri-lo. Eu seria um tolo se não aproveitasse, não arrancasse nem mesmo uma única resposta dele antes que ele o fizesse - bem, o que quer que estejamos prestes a fazer.

"Como você sabe sobre o loup garou?" Para minha surpresa, minha voz sai uniforme, e agradeço a todas as divindades que podem estar ouvindo pequenas misericórdias. "Você o mandou atrás de nós?" Pergunto astutamente.

A morte zomba quando passamos pelo portão. "Não seja ridículo. Eu não acabei de dizer que nenhum fantasma irá prejudicá-lo a menos que seja provocado?"

"Então como..."

"Você não é o único com espiões, meu doce."

Eu pisco para ele, rezando para que eu tenha ouvido mal, mas - não. Ele disse espiões. Espiões. A palavra zumbe estranhamente em meus ouvidos - suave no início, um sussurro de advertência - antes de subir para um barulho ininteligível e me picar. Picando forte. Porque um espião é muito pior do que a Morte agachada entre samambaias para espionar; É pior do que os Revenants perseguindo nossos passos agora. Um espião é desconhecido. Um espião é perigoso - especialmente se eles souberem sobre Michal e seus subterfúgios. E eles fariam, meu subconsciente sibila. Se eles viram o fantasma queimando, eles viram Michal também.

Meu desconforto aumenta para o pânico total com o pensamento, mas eu o forço para baixo. Este não é o momento de perder a cabeça. Enquanto a Morte me puxa para frente - muito mais forte do que eu, forte demais para dominar - eu cerro os dentes e tropeço em seu rastro, fingindo que sigo por minha própria vontade. E de certa forma, eu faço. A morte precisa de algo de mim - isso está claro - e se eu puder ser inteligente, se eu puder manipular essa alavancagem, talvez ele me diga tudo o que preciso saber.

Ainda assim, arrasto meus pés apenas o suficiente para parecer convincente. "Não precisamos ser inimigos, você sabe. Eu também não me importava particularmente com Frederic e minha irmã - bem, eu quero que ela seja feliz mais do que ninguém. Você já pensou em simplesmente pedir minha ajuda em vez de me ameaçar com" – eu aceno com a mão em direção às árvores moribundas, as sombras se movendo através delas – "tudo isso?"

"Ah?" A morte arqueia uma sobrancelha e sorri para mim, como se soubesse exatamente o que estou tentando fazer e achasse isso extremamente divertido. Seus olhos prateados, no entanto, brilham de intriga. Com antecipação. Ele prometeu a Filippa que esgotaria todas as opções antes de me envolver, então o que ele quiser, ele deve querer muito. "E que informação você dará para o nome

do meu espião?"

Eu levanto um ombro delicado sob sua mão, preparando-me para o que está por vir. "Suponho que isso dependa das informações que você me der."

Ele dá uma risada com isso, apertando novamente em um aviso sutil enquanto fazemos a curva e a primeira cabana de madeira aparece. Com ele, outro perfume se junta aos das agulhas de pinheiro, das rosas, da decomposição. Afiado, mordaz e cruel, quase chamusca meu nariz quando inalo, mas pior ainda é que eu - eu o reconheço. Meu coração bate aos meus pés.

Magia de sangue.

"Eu amo um bom impasse", diz a Morte, piscando para minha expressão horrorizada. "Vamos ver qual de nós é o primeiro a quebrar, certo?"

Capítulo Trinta

Um encontro com a morte

Após a Batalha de Cesarine, Coco costumava falar de sua visão de construir um assentamento permanente para les Dames Rouges. Fazia sentido; Seu povo foi forçado a vagar pela floresta como nômades, nunca permanecendo em um lugar por medo de atrair atenção indesejada. Embora eu nunca tenha visitado seus acampamentos, Coco os descreveu como lugares escuros e sombrios sob o governo de La Voisin - sem esperança, até, quando as temperaturas despencaram e os suprimentos se tornaram escassos.

Nada como esta charmosa vila espreitando entre sempre-vivas.

Em vez de derrubar as árvores antigas, as bruxas de sangue simplesmente construíram suas cabanas ao redor delas. Apesar da presença da Morte ao meu lado, uma semente de admiração ainda se abre em meu peito enquanto olho para seus telhados pintados com cores vivas, suas portas da frente combinando - uma variedade heterogênea de blush, terracota e azul ovo de robin. Abóboras esculpidas da véspera de Todos os Santos ainda olham para os degraus ao lado deles. Parcelas de vegetais de inverno florescem em cada jardim, repletas de alho-poró, pastinaga e abóbora enquanto as agulhas de pinheiro esvoaçam para cobrir tudo de ouro. Incluindo:

Fogueiras, eu percebo, olhando para os círculos de pedra em cada quintal improvisado. Os troncos dentro deles ainda cheiram levemente a fumaça - de sangue - e um arrepio percorre minha espinha quando me lembro de Coco mencionando tal ritual em março passado. Estávamos plantando sementes nos canteiros de flores de Lou durante a celebração de Ostara, quando perguntei sobre seus rituais outonais também.

"Acendemos fogueiras em novembro" - Coco deu um tapinha na terra enquanto Lou se esparramava na grama ao nosso lado, torcendo duas lâminas em torno de seu dedo para formar uma pequena coroa - "para proteger dos espíritos malignos que poderiam ter cruzado no Samhain."

Eu retribuí seu sorriso macabro com um sorriso encantado - porque Samhain e seus dedos espectrais pareciam muito distantes então. Porque eles nunca poderiam nos alcançar enquanto nos aquecíamos ao sol naquela tarde brilhante

de primavera, cercados por sujeira e flores.

A ironia dessa conversa não está perdida em mim agora.

E aquela maravilha em meu peito - ela murcha com tudo o mais que passamos, enrolando-se em si mesma como uma aranha morta até que apenas a Morte permaneça.

Eu contorno outro pedaço de luz do sol enquanto ele levanta a mão para examinar o cordão de pinhas pendurado ao longo da cabeça do poço na praça da aldeia. Pedaços de pergaminho esvoaçam de cada cone, e neles, eles escreveram: "Desejos", digo abruptamente, aproximando-me para ler o mais próximo: desejo beijar alguém que encontro pela primeira vez. "Este é um poço dos desejos."

"Era um poço dos desejos", diz a Morte, examinando outro pedaço de papel com interesse ocioso. "Ou você não notou que esta aldeia não é mais uma aldeia?" Com minha expressão vazia, ele suspira antes de arrancar outro pedaço de pergaminho de sua pinha. "Gente, Célie. Onde estão as pessoas?"

"O que você—?"

"Ouça."

Sobrancelhas franzidas, faço exatamente isso, inclinando a cabeça e me concentrando nas cabanas ao nosso redor, mas. . . nenhum som emana de nenhum deles. Nenhum farfalhar de cortinas, nenhum passo sobre as tábuas do assoalho. Minha carranca se aprofunda quando a Morte me libera para espreitar ao redor do poço, sacudindo os pedaços de pergaminho de cada pinha e deslizando cada desejo.

Eu também não ouço respiração. Sem batimentos cardíacos. Ímpar.

Eu olho para trás, para a esquerda e para a direita - sem saber o que, exatamente, espero encontrar - quando meu olhar se fixa no paddock além do poço dos desejos, onde as bruxas mantinham seu gado. O portão está aberto entre dois enormes abetos, e as vacas, ovelhas e galinhas que vivem lá desapareceram com o resto da aldeia. Não há sinais de luta, no entanto, ou violência de qualquer tipo. Nenhum corpo, nenhum sangue além daquele que secou nas fogueiras das bruxas. Eles parecem ter simplesmente. . . Esquerda.

Minha intuição formiga novamente.

Fugiu, o vento parece sussurrar.

Eu olho para a cabana mais próxima de nós, observando as venezianas fechadas antes de caminhar timidamente em direção à porta. Quando nenhum dos fantasmas me impede - simplesmente assista das sombras - eu fecho a distância rapidamente, me abaixando sob um galho em decomposição e puxando a alça. A porta se abre sem resistência. Desbloqueado. Um único pote esquecido de geléia de sabugueiro rola pelo chão de madeira, e uma rápida varredura na despensa confirma que é a única comida que resta na cozinha.

Ondas gêmeas de alívio e pavor me atravessam quando fecho a porta sem fazer barulho.

Se eu conhecesse Coco - e acho que conheço - ela teria evacuado este lugar no instante em que Lou contou a ela sobre a Morte e seus fantasmas. Afinal, foi o grimório de sua tia que os ajudou a rasgar o véu em primeiro lugar; as bruxas de sangue seriam as primeiras a quem a Morte recorreria se tivesse alguma dúvida. Coco teria feito a conexão. Se ela suspeitasse que a Morte pudesse fazer uma visita, ela não teria hesitado em levar seus parentes para um local seguro. Eles mantiveram seu paradeiro - sua existência - em segredo por centenas de anos antes desta aldeia, e provavelmente podem se esconder por mais cem.

Graças a Deus.

Porque se a Morte procura bruxas de sangue, isso não pode significar nada de bom.

Eu o considero cauteloso agora, prendendo a respiração e aguardando sua reação, mas ele não parece muito preocupado com a vila vazia. Ele nem parece surpreso. Em vez disso, ele despeja uma braçada de desejos no poço com uma expressão descontente antes de se virar para me encontrar. "Para inspirar risos", diz ele em resposta à minha pergunta não dita. "Para ajudar os outros. Para fazer perguntas." Zombando, ele levanta o rosto para o vento e inspira profundamente. "Que alguém poderia aprender uma coisa ou duas com você. Honestamente, as únicas coisas com as quais eu poderia me relacionar remotamente eram visitar uma fazenda de chocolate e fazer uma parada de mão. Os humanos são incrivelmente tediosos."

"Não há nada mais humano do que chocolate e parada de mão." Então, antes que ele possa argumentar - "Você sabia que a vila estaria vazia?"

"Sim." Ele inspira novamente, os olhos se estreitando na linha das árvores em busca de algo. "Você sabe se a adorável Cosette queimou o corpo de sua tia?" ele pergunta abruptamente. "Ela subiu às cinzas?"

Eu olho para ele.

O que quer que eu esperasse que ele dissesse, não era isso, e qualquer resposta que eu pudesse ter dado fica presa na minha garganta, que se contrai ao tamanho de uma ponta de faca. E certamente parece que uma ponta de faca se alojou lá - porque a única coisa pior do que bruxas de sangue em busca da Morte é a Morte procurando aquela. Aquele muito velho, muito mau, muito morto. Eu balanço minha cabeça, reunindo cada grama de minha convicção. "Não há nada mais pessoal do que a ascensão a uma Dame Rouge. Se Cosette escolheu ascender às cinzas de sua tia, não é realmente nenhum dos seus..."

"Ah, bem, é só isso, não é?" A Morte ri sombriamente, guardando as mãos nos bolsos e caminhando para as árvores sem aviso prévio. Ele espera que eu o

siga, e eu o faço - oh, eu o persigo, perseguindo-o como um morcego do inferno. Isso é ruim. "É minha preocupação - e sua também, devo acrescentar. Seria um trabalho muito difícil localizar o corpo dela se Cosette não o trouxesse aqui. Os caçadores poderiam tê-lo enterrado em qualquer lugar. . .

Suas palavras anteriores ecoam como se fossem de uma grande distância, apesar de eu quase cortar seu calcanhar. Receio precisar de sua ajuda com um pequeno experimento.

Oh Deus. Oh não. Eu balanço minha cabeça para esclarecer, convencido de que entendi mal, mas... mas por que mais ele precisaria da minha ajuda? Minha ajuda, especificamente? Por que mais ele quebraria seu acordo com Filippa para me trazer aqui? Embora eu tente desesperadamente manter a calma, minha voz ainda sobe uma oitava mais alto quando digo: "Você quer ressuscitar La Voisin".

Não é uma pergunta, mas ele responde do mesmo jeito, tirando o grimório do bolso e levantando-o no ar sem olhar para mim. Passeando pelas árvores sem se importar com o mundo. Ele até começa a assobiar. "Eu sabia que você era inteligente."

Meus olhos se arregalam no livrinho odioso, e eu destruo meus pensamentos em busca de uma maneira de - distrair a Morte de alguma forma, atrasá-lo o máximo que puder. "Mas Frederic - o ritual exigia sua magia também. Exigia uma bruxa de sangue. Você vai precisar de um para..."

"Infelizmente, seu sangue é o único requisito."

"E o seu?" Pergunto sem pensar - porque, na verdade, não importa de quem é o sangue que ele usa, apenas que ele não usa sangue algum. Não podemos permitir que mais ninguém se levante da sepultura, especialmente Josephine Monvoisin. "Ou - ou você não tem nenhum? Sangue, quero dizer."

"Correndo o risco de encorajar essa ideia estúpida em sua cabeça" - ele olha para mim, arqueando uma sobrancelha e devolvendo o grimório ao bolso - "sim, eu tenho sangue neste corpo, mas seria igualmente tolo me atacar. A morte não pode morrer." A decepção deve passar pelo meu rosto porque ele ri sombriamente, então estende as mãos para a floresta ao nosso redor. "E eu usei meu sangue, querida Célie, ou você achou que o seu criou todos os nossos novos amigos?"

Embora eu me recuse a reconhecer os fantasmas ao nosso redor, ainda posso vê-los se movendo na minha periferia, e eles superam em muito minha estimativa original. Mais uma vez, tanto o alívio quanto o pavor atingem a crista através de mim com a realização - porque esses fantasmas não são minha culpa e porque...

Eu engulo em seco.

Porque quem sabe quantos a Morte criou.

"Por favor-" eu alongo meus passos para acompanhar o ritmo dele. "O que quer que você esteja planejando, eu imploro que você reconsidere. O véu já está em pedaços, e se você ressuscitar..."

Eu paro abruptamente, no entanto, depois de explodir em um bosque de bétulas e quase colidir com as costas da Morte. Minha boca se abre em choque. Com admiração. Ao nosso redor, potes caiados balançam suavemente sobre galhos etéreos, e eu reconheço ambos com um raio doentio de clareza. "Não," eu sussurro, recuando um passo instintivo.

Não deveríamos estar aqui.

Este bosque - é sagrado para les Dames Rouges, proibido para estranhos, exceto por convite explícito. Eu deveria saber. Envolto em escarlate, acompanhei Coco aqui na noite após a Batalha de Cesarine - junto com Lou, Reid, Beau e até Jean Luc - e foi uma das experiências mais tristes e perturbadoras da minha vida. Para honrar seu sangue, Coco nos contou, cortando seu peito e usando o seu próprio para pintar marcas estranhas no pote de sua mãe e sua magia.

Ascensão.

É o último rito de uma Dame Rouge, no qual os entes queridos levantam as cinzas da bruxa para seu local de descanso final, libertando seu espírito e concedendo-lhes a paz eterna. Normalmente, todo o acampamento se juntava aos enlutados para o ritual - e uma vigília silenciosa de antemão na pira do falecido - mas as circunstâncias em torno dessa ascensão eram diferentes. Segredo.

Coco ascendeu sua mãe, sim, mas ela nunca foi feita para ascender sua tia também.

Espontaneamente, meus olhos se desviam para o canto mais distante do bosque, onde dois potes estão pendurados sozinhos.

A morte se vira lentamente para me encarar, seus olhos prateados quase brilhando na luz suave. "Algo o problema?"

Eu respiro fundo e calmo e seguro, forçando-me a permanecer exatamente onde estou. Eu não posso fugir. Isso é claro. Eu também não posso ajudá-lo, não importa as consequências. "Por que você quer falar com La Voisin?"

Seus olhos se estreitam enquanto ele me considera por um momento, enquanto inclina a cabeça em contemplação. "Tudo bem, Célie", diz ele finalmente. "Em outra demonstração de boa fé - em uma oferta de amizade - confessarei que seu grimório foi. . . menos útil do que eu esperava." Sua atenção voa para os potes acima. Não há nomes para distingui-los, nenhum identificador de quem pode se esconder dentro. Como se percebesse o mesmo, ele acrescenta irritado: "Eu nunca poderia ter matado Frederic se soubesse o quão prosaico tudo isso se tornaria sem ele."

"E isso" - eu gesticulo para os potes, o bosque - "tem algo a ver com seus

experimentos com minha irmã?"

"Tem tudo a ver com meus experimentos com sua irmã." A morte se inclina para examinar um pote particularmente baixo, este adornado com penas de pomba ao redor da boca. "Certamente você percebeu que Filippa é diferente. Ela pode pensar, até mesmo raciocinar, além dos impulsos básicos de um fantasma. Ele levanta um ombro - o retrato da indiferença - mas seus olhos brilham um pouco demais enquanto ele estuda as marcas pintadas. "Eu quero saber por quê."

"E você acha que La Voisin pode lhe dizer isso?"

"Entre outras coisas."

"Que outras coisas?"

"Talvez ela possa nos dizer por que o buraco que Frederic e Filippa rasgaram o véu é tão. . . diferente dos outros."

Eu franzo a testa para ele, assustado. Diferente dos outros. É verdade, é claro, mas nunca atribuí a diferença a Frederic e Filippa especificamente. Minha mente capta o pensamento; ele se prende, mas não consigo seguir o fio com a Morte parada na minha frente. Não quando ele xinga cada pote com exatamente as mesmas marcas. "Bruxas de sangue", diz ele.

Contornando-o para evitar a luz do sol, eu digo: "Se a ausência deles é alguma indicação, eu - eu também não acho que eles gostem muito de você."

A Morte sorri enquanto se endireita para inspecionar outro pote. "Oh, eu vou encontrá-los eventualmente. Nunca tema isso."

O pavor congela no meu estômago. "Prometa não machucá-los."

"Eu não vou prometer tal coisa." Na minha expressão, seu sorriso desaparece e ele se afasta como se não quisesse olhar para mim. Contas de quartzo pendem da borda de um terceiro pote; eles tilintam suavemente na brisa enquanto a Morte evita meu olhar. "Eu os ouço, você sabe", diz ele depois de um longo momento, e arrepios descem pelo meu pescoço com a confissão inesperada. "Os moribundos. Eles me chamam - não com suas palavras, mas com seus espíritos. Nesses segundos finais, eles anseiam pela paz do meu abraço." Outra longa pausa. "Você não fez."

"Eu não fiz?" Eu olho para ele, extasiado, e tento me lembrar, mas minhas memórias do caixão de Filippa giram juntas em uma espécie de abismo agora, como meu próprio turbilhão pessoal. O tempo deixou de existir dentro dele. Eu deixei de existir também. Havia apenas Filippa e Morgane, loucura e magia, e a certeza profunda de que eu iria morrer. Ninguém estava vindo para me salvar, e Morgane nunca me permitiria viver. A desesperança tinha sido paralisante. O desespero tinha sido maior. É por isso que tudo parece tão inacreditável agora - que a Morte me poupou, que de alguma forma resisti a ele naquela escuridão eterna.

Agora eu desvio o olhar rapidamente, murmurando: "Você fala de volta para eles?" Em seu olhar inquisitivo, eu gesticulo para os potes ao nosso redor. "Os mortos e os moribundos?"

"Estes não são os mortos, Célie. Estes são simplesmente corpos - conchas vazias, se você quiser. Seus espíritos já passaram. Mas", acrescenta ele, falando por cima de mim quando tento interromper, "era uma vez. . . Sim, acho que falei de volta com eles, de certa forma.

Embora mais mil perguntas surjam em resposta, escolho a mais útil. "Mas você os ouve mesmo nesta forma?" Talvez os dois ou três mais úteis. "Os moribundos ainda são capazes de... bem, morrer enquanto você está em nosso reino em vez do seu? Suas almas ainda estão cruzando para—" Eu paro abruptamente, prendendo-o com outro olhar arregalado. "Para onde eles vão depois de cruzar?"

"Como eu deveria saber?"

"Você é a Morte..."

"E você faz muitas perguntas."

Ele gira abruptamente, seus olhos prateados se estreitando, e - enquanto os fantasmas se movem, tensos e inquietos - eu sei que não devo empurrá-lo mais. O que quer que tenha acontecido entre nós, a Morte não gostou. Ele não gostou nada. Como se para se distrair, ele estende a mão para pegar o pote mais próximo antes de recuar novamente com a mesma rapidez porque - porque os símbolos o cortam.

Sangue negro escorre da ponta dos dedos.

Eu recuo ao vê-lo, ao cheiro peculiar, enquanto ele amaldiçoa violentamente em uma língua que não reconheço. Então, como se um flip tivesse mudado dentro dele, ele agarra o pote com um rosnado e o arremessa pelo bosque, onde ele se estilhaça contra o tronco de uma bétula moribunda. Cinzas - os restos mortais de uma pessoa - escorrem até suas raízes, e eu pisco rapidamente com a violação inesperada. Com a pura violência disso. Mais cortes se abrem na palma da mão com o contato, mas eles se curam quase instantaneamente.

E isso responde a uma das minhas perguntas, pelo menos. Eu assisto horrorizado enquanto seus dedos se enrolam na palma da mão, escondendo a pele fresca lá.

"Desculpas, minha querida." Alisando o cabelo agora, ele exala uma respiração áspera e fecha os olhos como se lamentasse sua perda de paciência. Como se estivesse tentando recuperar seu controle. Com certeza, quando ele se vira para me encarar novamente, ele fala com uma calma assustadora. "Mostre-me onde Cosette escondeu sua urna, e podemos nos livrar deste lugar sujo."

Eu olho para ele incrédulo. Meu doce, ele me chama.

Nós, diz ele.

Eu não gosto do som de nenhum dos dois; Eu não gosto deles de jeito nenhum, e gostei ainda menos de sua explosão. O perigo absoluto da minha situação se reafirma com aqueles olhos prateados rodopiantes. Isso me imobiliza por vários segundos longos e tensos. "Eu não—" Eu balanço minha cabeça e começo de novo, engolindo o nó na minha garganta. "Eu não sei onde eles esconderam isso. A ascensão é sagrada para Dames Rouges. Mesmo Coco nunca me diria..."

"Não", diz a Morte com aquele sorriso terrível e malicioso, "minta para mim".

Merda.

Os fantasmas se aproximam em resposta - perto o suficiente agora para ver sua pele podre, seus olhos fundos. Estes últimos brilham nas sombras ao redor do bosque como os de animais noturnos. Eu resisto ao impulso de me afastar deles. Para se afastar da Morte, cujos olhos não brilham mais como os de seus fantasmas, mas na verdade começam a brilhar.

"Seja razoável." Eu gesticulo ao nosso redor com o máximo de equilíbrio possível, consciente de cada movimento. "Por que você acha que não há nomes nesses potes? Eles não querem que saibamos quem mora aqui, e essas marcas - as bruxas de sangue as pintaram para impedir que pessoas como nós fizessem exatamente isso.

Nos. Nós.

A morte avança então. Ele se aproxima, deslizando as mãos nos bolsos. "Eu sou um amigo muito melhor do que um inimigo, querida." Antes que eu possa falar, ele inclina o rosto para o meu, articulando sucintamente para garantir que eu ouça cada palavra. "Você quer ser amigo, não é? Você quer jogar bem?"

Prendendo a respiração, eu aceno com a cabeça.

"Bom", ele respira. "Agora vá buscar o pote."

E porque estou sozinho - preso - cercado e em menor número pela Morte e suas criaturas mortas-vivas, eu me viro para fazer exatamente isso. Eu ainda levanto meu queixo, no entanto. Eu ainda o mantenho alto enquanto escolho meu caminho pelo bosque até o canto mais distante. Lá, dois potes familiares estão pendurados sem miçangas, vidro ou penas como adorno; eles ficam separados do resto, enclausurados juntos em uma bétula parcialmente escondida pelo enorme abeto ao lado.

Eu olho as panelas com cautela antes de me curvar para pegar minha camisola. Com um movimento do meu pulso, eu rasgo uma tira de seda da bainha e enrolo-a em volta das minhas mãos, com o cuidado de cobrir toda a minha pele. Então, com movimentos suaves, deslizo o pote direito de seu galho,

enviando um pedido de desculpas silencioso a Coco e rezando para que ela possa de alguma forma ouvi-lo. Perdoe-me.

"Aqui." Eu empurro as cinzas de Josephine em direção à Morte um momento depois, sentindo-me mal, mas ele estala a língua novamente, sem vontade de tocá-la. E isso - isso me traz uma espécie selvagem de satisfação. A morte pode sangrar. A morte pode sentir dor. Eu guardo as informações enquanto abaixo o pote no chão.

Quando ele me instrui a remover a tampa em seguida, a estender minha mão sobre suas cinzas, digo a mim mesma ferozmente que pode não funcionar desta vez. Esta não é a véspera de Todos os Santos. Ainda assim, minha visão se estreita e meus ouvidos começam a zumbir quando ele empurra o queixo em direção a um fantasma próximo, que se aproxima para lhe entregar uma faca de prata. Porque é tudo muito familiar, muito angustiante para experimentar novamente.

Meu sangue é diferente agora do que era então - meu sangue é parte de Michal agora - e - e mesmo que não fosse, Josephine não tem corpo. Eu me agarro a este último como uma tábua de salvação, repetindo-o várias vezes, forçando meus olhos a permanecerem abertos, para ver a Morte puxar a lâmina pela palma da minha mão. Eu estremeço com a picada de dor.

Ela não pode se levantar sem um corpo. Filippa tinha um corpo.

A morte derruba minha mão sobre as cinzas de Josephine e, juntos, prendemos a respiração enquanto meu sangue escorre para a panela - menos violento do que na véspera de Todos os Santos, mas de alguma forma ainda pior por isso. Porque eu ainda estou tão fraco quanto eu estava então, ainda tão preso quanto aquela garota humana assustada em um caixão de vidro. Por favor, não deixe funcionar, acho que desesperadamente. Por favor, deixe meu sangue falhar.

Esperamos vários segundos para que algo aconteça. Embora os fantasmas mantenham distância - com os olhos vazios e silenciosos - as bétulas parecem se curvar ao vento como se estivessem assistindo também. A morte fica sobrenaturalmente imóvel por mais um momento, seus olhos fixos e suas sobrancelhas franzidas, antes de abrir suavemente a panela e espalhar as cinzas encharcadas de sangue no chão. Enquanto eles congelam em caroços disformes sob as ministrações da Morte, meu estômago se revira.

E nós esperamos.

Capítulo Trinta e Um

Borboletas quebradas

Depois de mais cinco minutos olhando para a mistura suja, minha respiração começa a diminuir, e as árvores - elas recuam como se estivessem satisfeitas. Não funcionou. A percepção parece surreal - inacreditável, até impossível depois de todas as coisas horríveis que vi, mas nem mesmo a Morte pode afirmar que seu experimento foi bem-sucedido.

As cinzas de Josephine permanecem tão sem vida como sempre.

Tão morto quanto.

"Não funcionou," a Morte ecoa suavemente, e apesar do alívio percorrendo meu corpo, eu ainda estou tensa em resposta àquela nota letal em sua voz. Ele se vira lentamente para olhar para mim, e eu não consigo ler a emoção em seus olhos muito brilhantes. Então— "Você não trabalhou."

Ah.

Engolindo em seco, escolho minhas próximas palavras com muito cuidado. Por mais poderosa que a Morte possa ser, ele também sente. . . frágil, de alguma forma, tão porcelana quanto as fadas na minha caixa de música. Com a mesma facilidade também se despedaça, e ainda mais perigoso por isso. Espontaneamente, meus olhos se voltam para o vaso desintegrado do outro lado do bosque. "O ritual exigia meu sangue, mas meu sangue não existe mais - não como existia, não não não diluído."

O rosto da Morte se divide em um sorriso verdadeiramente assustador. "Suponho que vou precisar encontrar outra noiva, então, não vou?"

"Não há outros." Falando em voz baixa e calmante, afasto minha mão e recuo o mais sub-repticiamente possível. "Eu sou o último."

"Oh, eu não acho que isso seja verdade." Embora seus olhos brilhem com a mentira, ele permite que meus dedos deslizem dos dele, curvando-se para pegar um caco do pote de Josephine. Então - igualmente devagar, com a mesma calma - ele agarra minha mão ferida, puxando uma ponta irregular através do corte ali. Aprofundando-o. Eu mordo minha língua para não gritar com a picada do encantamento de Coco. "A maioria das minhas noivas já passou, sim, mas não todas - não todas, Célie."

Você deveria ter tirado uma folha do meu livro, pétala, e ficado escondido.

Seus olhos nunca deixam meu rosto enquanto ele esmaga o caco de cerâmica e borrifa o pó entre nós. Seus tentáculos de podridão rastejam sobre meus pés descalços. Eles parecem gelo, como a escuridão do caixão da minha irmã. Apertando meu queixo para evitar que ele trema, eu me forço a me endireitar, para encontrar seu olhar diretamente. Porque eu não sou Mathilde. É tarde demais para eu me esconder. "Talvez você tenha perdido alguma coisa no grimório. Talvez haja outro feitiço..."

Ele arranca o odioso livro preto do bolso, rosnando: "Não me apadrinhe, querida. Como eu disse antes" - ele arranca a primeira página de sua lombada - "este livro" - ele o joga no meu rosto antes de rasgar outro - "é tão inútil" - outro, outro, outro - "quanto você".

O verdadeiro medo aumenta em meu peito enquanto as páginas nublam minha visão, enquanto essa podridão sobe mais alto, quando sinto os fantasmas se aproximando. Embora eu possa sentir sua fome, não posso vê-los; Não consigo ver nada e ataco a próxima página cegamente, pegando-a entre os dedos. "Pare! Pare—"

Eu tropeço para frente enquanto a Morte arranca a página. "Não, não", diz ele, rindo sombriamente e amassando-o com os outros em seu punho. "Você não merece isso, então você não os recebe - e enquanto estamos nisso, nem sua preciosa irmã ou seu querido Dimitri."

Todos os outros pensamentos desaparecem com minha mão, e eu pulo para longe com um silvo de dor enquanto o vento se levanta, os galhos se movem e a luz do sol banha meu ombro.

Dimitri.

Há apenas uma razão pela qual a Morte conectaria Dimitri a este grimório. E com a percepção vem uma onda de resignação, um peso opressivo em meus membros quando as peças finalmente se encaixam: sua irmã encontrou uma cura, Dimitri me disse na gruta.

Qualquer que seja essa cura, ela deve envolver a Morte.

"Dimitri é seu espião", eu digo. "Você fez um acordo com ele também."

Um sorriso bastante sinistro se espalha pelo rosto da Morte enquanto deslizo pelo tronco da árvore mais próxima, acomodando-me entre suas raízes. "Oh, Dimitri não é tão terrivelmente ruim. Ele pintou parte do retrato para mim, sim - e bastante vívido também - mas ele deve ter perdido algo importante na véspera de Todos os Santos. Filippa não estava consciente disso e, lamentavelmente, matei Frederic antes que pudesse pedir detalhes.

Eu me recuso a me encolher quando ele se agacha diante de mim, a prata de seus olhos ainda brilhando maliciosamente. "Talvez eu não precise de La Voisin,

afinal. Você pode preencher as lacunas para mim. Devemos começar com você e sua irmã, é claro, mas vocês dois não foram os únicos irmãos envolvidos, foram? Dimitri e Odessa também desempenharam seus papéis, e também Michal e Mila Vasiliev - a respectiva ovelha negra e galinha dos ovos de ouro da família. Você sabia que o pai deles era um bêbado?"

Eu sei que não deveria me levantar. Eu sei que uma reação é exatamente o que ele quer - me perturbar e me perturbar, me enganar para revelar algo que eu não deveria - mas também não posso evitar. Não quando Michal e Mila não estão aqui para defender sua família. "O pai deles era um clérigo," eu digo com firmeza.

A morte inclina a cabeça. "Perdoe-me. Eu não sabia que os dois eram mutuamente exclusivos. Você não vai querer ouvir, então, sobre como seu pai os bebeu até a miséria.

Minhas mãos se enrolam em minhas saias, quase rasgando o tecido com sua expressão educadamente zombeteira. Eu deveria dizer a ele para parar. Eu deveria dizer a ele para calar a boca porque isso não tem nada a ver com a véspera de Todos os Santos. Não tem nada a ver com minha irmã ou com os fantasmas, mas quando abro minha boca, não é a condenação que se derrama. "Como você sabe de tudo isso? Como você o conhece? Michal disse que você fez um favor a ele..."

"E eu fiz." A morte fala as palavras com prazer. "A querida Mila adoeceu muito depois da virada da sorte de sua família, e seu querido irmão ficou bastante desesperado. Eles não podiam pagar um curandeiro, nem o remédio necessário para tratá-la. Michal tentou roubar alguns, é claro, mas um soldado o pegou em flagrante e o espancou com hot rods na praça da cidade - um destino mais sortudo do que a maioria. Pelo menos ele manteve as mãos."

A náusea ameaça aumentar com as imagens tomando forma: Michal espancado, Michal quebrado, Michal jovem e assustado e humano enquanto tentava salvar sua irmã mais nova. E embora eu deseje arrancar o sorriso insuportável do rosto da Morte, preciso ouvir a conclusão desta história. Eu preciso ouvir mais do que eu precisava ouvir qualquer outra coisa na minha vida. "E então?"

"Ele me encontrou", diz a Morte simplesmente.

Eu pisco para ele em confusão. "O que você quer dizer com ele te encontrou? Como?"

"Da mesma forma que todo mundo faz. Não sou difícil de encontrar."

Seu significado não penetra a princípio, como se minha mente se recusasse a considerar tal coisa. Quando isso acontece, no entanto, todo o ar sai de meus pulmões em uma corrida dolorosa, e eu fecho os olhos com o ataque de novas

imagens. Michal.

"Um plano imprudente, com certeza", diz a Morte à toa, como se estivéssemos conversando sobre o clima e não sobre a mais horrível das tragédias. "Ele aprendeu sobre mim com sua falecida mãe, que adorava os deuses antigos da maneira antiga. E quando eu vim buscá-lo, ele não me abraçou como os outros. Não. Em vez disso, ele negociou pela vida de sua irmã - uma nova abordagem, mesmo para mim. Confesso que fiquei intrigado."

Meus olhos se abrem em realização, e a doença em meu estômago se transforma em gelo. "Você o transformou em um vampiro," eu sussurro.

"Eu dei a ele o poder de salvar sua irmã às custas de todos os outros - incluindo aquele soldado infeliz na praça, e a linda família ao lado, e a mulher solitária na estrada, e toda a congregação de seu pai. E você, Célie", acrescenta. Seus olhos giram cada vez mais brilhantes, vivos com algo que não consigo nomear. Eu também não consigo desviar o olhar. "Quando Mical fez sua escolha há tantos anos, ele sacrificou você com a mesma certeza com que sacrificou todos os outros inocentes. Enfurecedor como as coisas acontecem, não é? Seus tataravós nem tinham nascido quando Michal Vasiliev selou seu destino.

Eu me levanto, as mãos tremendo de emoção. Com fúria, sim, mas também com outra que não ouso olhar, não posso olhar, por medo de arruinar tudo o que Mical e eu construímos. "Ele não queria machucar ninguém. Ele - ele estava apenas tentando salvar sua irmã - "

"Ele era egoísta", diz a Morte, e ele também se levanta, pairando sobre mim como uma coluna de fumaça, de sombra. "Ele não pensou em sua irmã. Ele não pensou em você e colherá suas justas recompensas até o fim dos tempos - isso fazia parte do nosso acordo, afinal. É por isso que você não conseguia se sustentar com sangue animal. Para possuir vida imortal, os vampiros devem tomá-la. Vida", ele esclarece sombriamente. "Assim como eu."

Quando ainda não falo, ele se aproxima para dar ênfase.

"Agora," ele respira, e soa quase como um apelo. "Conte-me sobre a véspera de Todos os Santos."

Seu apelo cai em ouvidos surdos, no entanto. Desde que Morgane me torturou, não senti tanta animosidade pela perda de meu próprio livre arbítrio - nem quando Michal me sequestrou, nem quando Odessa me obrigou, nem mesmo quando Frederic me sacrificou. Talvez esse ódio corrosivo decorra da Morte lançando as bases para cada um de nossos problemas catastróficos, ou talvez ele seja o ponto de ruptura. Talvez, em vez disso, ele seja simplesmente o inevitável, e eu fiquei tão cansado do inevitável que quero gritar. Eu quero gritar, e eu quero gritar até que minha garganta esteja em carne viva, até que alguém explique por que essas coisas horríveis continuam acontecendo conosco. Para

mim. Eu sou realmente o culpado? Ou é Frederic porque ele cortou minha garganta; Filippa porque ela o amava?

Isso importa?

Lançar a culpa não mudará o passado. Não vai corrigir os erros. De todas as direções, cada estrada parece me levar exatamente aqui, mas minha vida é apenas isso - minha. Não pode ser inevitável. Não é inevitável. E assim uma única palavra escapa por entre meus dentes bem cerrados.

"Não."

A morte pisca para mim, claramente assustada, mas se recupera com a mesma rapidez, seus olhos prateados se estreitando enquanto luto contra nossa conexão. "Não?" Ele inclina a cabeça em confusão educada. "Você acabou de... Célie, minha querida, você acabou de me recusar?"

"Eu não pertenço a você. Eu não pertenço a ninguém."

"É mesmo?" Um sorriso perigoso toca os lábios da Morte, e seus olhos pulsam mais brilhantes. "Vamos testar essa sua nova e corajosa teoria? Uma educação está claramente em ordem, então o que será, Célie? O sol ou os fantasmas? Espere." Seus olhos pulsam de excitação. "Eu sei - vamos fazer uma pequena viagem de campo, certo?"

Ele agarra minha nuca, e eu não posso impedi-lo de forçar minha cabeça ereta e fazer um movimento estranho de agarrar com a mão livre. Em resposta, a cena ao nosso redor - os vasos, o bosque, a própria floresta - parece ondular, amontoando-se como tecido. E é, eu percebo em horror crescente. Porque a Morte é - ele está juntando o véu na palma da mão. Ele está pregando. Com certeza, no segundo seguinte, ele me solta para perfurar as dobras, e uma sala escura e familiar aparece do outro lado. Cheira a Requiem, a castelo. Da minha mãe.

Todo o ar sai do meu peito em uma corrida dolorosa.

Ela dorme agitadamente em nosso quarto, tremendo apesar das chamas na lareira. Embora eles banhem seu rosto em luz dourada, ela ainda parece pálida e pequena contra os lençóis pretos. Eu conto cada uma de suas respirações instintivamente, ansiosamente, rastreando a ascensão e queda de seu peito por vários segundos antes de desviar meu olhar para confrontar a Morte. "O que você acha que está fazendo? Ivan e Pasha estão do lado de fora, e quando eles...

"Ela parece um pouco pontiaguda, você não acha?" Ele não a poupa de um único olhar, em vez disso, me observa com algo como fome. "Um pouco. . . doente. Ouça aquele chocalho em seu peito."

"Se você tocá-la..."

"Eu não vou precisar tocá-la para parar seu coração." Quando meus olhos brilham em choque - de raiva - ele encolhe os ombros e se inclina para mais

perto, seus próprios olhos brilhando mais do que nunca. Ele abaixa a voz. "Eu não quero fazer isso, Célie. Eu nem quero sugerir isso, mas se você insistir em rejeitar minha melhor natureza, talvez minha pior natureza o convença. Preciso saber o que aconteceu na véspera de Todos os Santos e farei o que for necessário para obter essa informação." Uma pausa significativa. "Nós nos entendemos?"

Seu aperto retorna ao meu pescoço quando eu me recuso a responder, e ele aperta com força. Ofegante, eu rosno: "Você não vai machucar minha mãe."

"Bom. Combinado. Então temos uma barganha. Você me dá o que eu preciso, e sua mãe permanece ilesa. É claro. . . Ele hesita com talento teatral, inclinando a cabeça para nos considerar antes de se curvar para murmurar em meu ouvido. Eu posso sentir seu sorriso lento contra o meu pescoço. "Se meus termos não forem aceitáveis, você pode começar a alimentá-la com seu sangue. Ela nunca precisa saber. Apenas uma gota no café da manhã todas as manhãs, e nem eu poderia separá-la de você.

"Você está doente."

Ele ri sombriamente antes de me soltar finalmente, virando-se para chutar as cinzas de La Voisin. "Apenas algo a considerar."

E eu considero isso - enquanto ele se afasta, eu considero minha mãe e o considero; Considero como o movimento livre voltou aos meus membros, como essa pode ser minha única chance. Não pode ser inevitável. E - sem considerar mais nada - eu pulo.

Por uma fração de segundo, meus pés deixam o chão e a esperança dissipa meu desespero, inchando como uma bolha no meu peito enquanto estendo a mão em direção ao véu e ao quarto além dele. Em direção à minha mãe. Em direção a Mical. A morte agarra meu pulso antes que eu possa limpá-lo, no entanto, e ele me puxa para trás com a mesma diversão cruel, exceto que agora não se parece muito com diversão.

Parece fúria.

"Eu me vejo perdendo rapidamente a paciência com todo esse empreendimento, então você vai me contar sobre a Véspera de Todos os Santos." Ele conserta o véu com um golpe curto de sua mão. "Você vai me contar sobre sua irmã, e você vai fazer isso agora."

Sempre volta para minha irmã.

Por exemplo, por que o buraco que Frederico e Filippa rasgaram o véu é tão. . . diferente dos outros.

Mas não consigo entender por que - não inteiramente. Não o suficiente para satisfazer a Morte e seu fascínio macabro. E mesmo que eu entendesse, não contaria a ele. Eu não podia. "Olha, eu não sei o que torna Filippa especial, e eu não sei por que ela criou uma porta em vez de uma janela. Eu gostaria de ter

feito isso, mas a única pessoa que poderia ter sido capaz de nos dizer está morta. Você o matou. Frederic e minha irmã - eles compartilhavam algo, os dois. E esse tipo de amor é perigoso. Não é para pessoas como você."

Embora ele ainda franze a testa ferozmente, a Morte inclina a cabeça como se também estivesse intrigada. "Eu vou derrubá-lo."

Sete palavras simples, mas o chão parece cair quando eles pousam. Agarrando-me a outra árvore para me equilibrar, rezo para que eu o tenha ouvido mal. Interpretou-o mal. "Trazer o quê?"

Com um sorriso duro, ele pisa lentamente sobre os cacos de argila. "O véu, Célie. Imagine isso - fundir os reinos dos vivos e dos mortos em um reino. Você e seus amigos não precisarão mais temer meu abraço, não precisarão mais lamentar seus entes queridos que partiram depois que eles se levantarem novamente. Apesar de seu sorriso, todo o seu corpo irradia intensidade enquanto ele caminha em minha direção. "Evangeline vai cantar para você mais uma vez; Filippa recuperará Frederic, e Michal realmente se reunirá com sua irmã, assim como Lou com sua mãe, Reid com seu patriarca, Cosette com sua mãe e tia. Juntos, criaremos um mundo sem a necessidade de um ceifador..."

"—mas precisando de um rei em vez disso," eu digo bruscamente, pisando atrás da minha árvore para impedir sua abordagem. "Eu suponho que você esteja disposto a preencher o papel."

Seu sorriso se torna elegante e, em vez de uma resposta, ele acena com a mão para os fantasmas novamente. "Queime tudo até o chão."

"O quê? Não..."

Eu giro em direção à aldeia, horrorizado, mas ele dobra o véu com outro movimento de agarrar, perfurando-o e agarrando meu braço ao mesmo tempo. Seu aperto só aperta quando eu luto. "Não se preocupe com a nossa despedida, minha querida. Tenho certeza de que nos veremos em breve."

Embora eu rabisque o véu para comprar, ele rasga sob meus dedos, e eu me lanço para frente precariamente, a meio caminho entre cada reino, mas esticando meu pescoço para implorar: "Você não pode fazer isso. Por favor, pense no que você está tentando—"

A morte ri e me empurra.

Capítulo Trinta e Dois

Romantizando pesadelos

Desta vez, eu caio através do véu direto na cama de Michal.

Mais especificamente, eu caio direto em cima de Michal em sua cama, o que pode ter sido agradável em diferentes circunstâncias. Nessas circunstâncias, no entanto, eu bato contra ele como um saco de tijolos, e ele acorda com um rosnado, me virando e me prendendo contra o colchão em um instante. Seus dentes à mostra. Seus olhos brilharam.

Seu corpo tenso, pesado e muito nu.

Um guincho aterrorizado escapa enquanto eu olho para ele, com os olhos arregalados, incapaz de me mover com a mão apertada em volta da minha garganta. Ao me ver, no entanto, ele relaxa quase involuntariamente, seu rosto perto o suficiente para que eu veja o segundo exato em que sua mente alcança seu corpo. "Célie?" Instantaneamente, sua mão cai e ele se move para trás com uma expressão incrédula que rapidamente se torna cautelosa. "O que é isso? O que aconteceu?"

Ele olha para cima antes que eu possa responder, e eu sigo seu olhar para o véu rasgado perto do teto da gruta, através do qual a risada da Morte ainda ecoa. Os olhos negros de Michal se estreitam para fragmentos de obsidiana.

"Foi isso. . . Morte?" ele pergunta suavemente.

"Sim." Eu me esforço para me explicar, para explicar tudo em uma onda ininteligível de pânico: "E ele é - Michal, a Morte está tentando derrubar o véu. Tudo isso. A coisa toda. Ele quer derrubá-lo, e ele - ele ameaçou minha mãe se eu me recusasse a ajudá-lo. Ele ameaçou as bruxas de sangue também. E acho que posso ter dito demais a ele, mas não tenho certeza porque não sei como Frederic e Filippa rasgaram o véu da gruta. Eu também não sei como recriá-lo, o que significa..."

"Célie." Com a mandíbula cerrada, Michal se ajoelha e balança a cabeça. "Antes de falarmos sobre qualquer coisa, preciso que você atravesse a sala." Ele empurra o queixo em direção à escada. "Lá."

Eu pisco para ele, assustado. "O quê? Por quê?"

"Porque", diz ele com uma voz tensa, "estou nu e você literalmente caiu na

minha cama. Se você quiser ter algum tipo de conversa racional, preciso que saia dela - rapidamente. Sua mão rasteja até a bainha da minha camisola. "A menos que você prefira usar minha boca para algo menos civilizado do que falar."

Minhas bochechas ardem com calor instantâneo - em parte de vergonha, mas principalmente da imagem visceral de sua língua entre minhas coxas. Oh Deus. Pulando da cama, eu corro pelo quarto enquanto puxo minha camisola de volta ao lugar, e não arrisco outro olhar até chegar à segurança fria das escadas. Seus lábios se curvaram em um sorriso malicioso.

"Comece de novo", diz ele. "Desde o início desta vez."

Desde o início.

Certo.

Com uma respiração profunda, começo a andar, tentando e falhando em organizar meus pensamentos. O pânico sobe mais alto na minha garganta. Esta situação saiu do controle, e cada segundo que passamos aqui é um segundo desperdiçado. Precisamos agir. "Minha mãe..."

"—está seguro no momento." Quando abro a boca para argumentar, ainda corado e desorientado, Michal diz secamente: "A morte precisa manter sua alavancagem, e você cooperou esta noite. Que mensagem isso enviaria se ele a matasse agora? Qual seria a probabilidade de você cooperar novamente?"

Outro arrepio varre através de mim, e eu me forço a sentar no degrau mais baixo. Para sentir a pedra sob minhas mãos. "Ele parecia tão zangado. Volátil."

"Vamos torcer para que ele continue assim." Com meu olhar confuso, ele acrescenta: "Uma morte raivosa significa que ainda temos a vantagem". Amaldiçoando baixinho, Michal olha para a cabeceira da cama sem realmente vê-la, e o peso das minhas palavras parece se estabelecer sobre ele. "O véu. Eu deveria saber." Então, mais alto - "Diga-me o resto. Conte-me tudo."

Com uma respiração profunda, eu aceno com a cabeça e tento fazer o que ele diz. Para desacelerar. Para começar do começo. E enquanto me concentro no frio dos passos, sua suavidade desgastada pelo tempo, as palavras ficam um pouco mais fáceis enquanto conto tudo o que aconteceu esta noite. A expressão de Michal permanece inescrutável em tudo isso, exceto quando minha voz engasga com a Morte ameaçando minha mãe. Aqui, seu lábio se curva levemente, mas ele não interrompe; ele não fala nada até depois que eu tropecei no resto, e um novo raio de ansiedade dispara através de mim quando me lembro das palavras de despedida da Morte. "A aldeia! A morte disse - Michal, ele disse aos fantasmas para queimá-lo até o chão. Eu salto de pé. "Eu preciso voltar. Precisamos - tentar salvar suas casas de alguma forma. As bruxas de sangue..."

"—pode reconstruir," diz ele com firmeza. "Não há mais nada que possamos fazer. Por causa de Coco, eles conseguiram escapar da Morte - um feito incrível,

se ele for tão volátil quanto você diz. E faz sentido. Ele não está acostumado a experimentar emoções humanas. Raiva, orgulho, ganância - eles estarão correndo soltos em seu novo corpo. Eu suponho que eles o terão transformado em um bastardo arrogante."

"Eles têm," eu confirmo, embora eu ainda me sinta desconfortável. "A Morte sabe que Mila também os está espionando. Ela pode estar em perigo. Precisamos avisá-la imediatamente..."

"E nós vamos." Do outro lado da sala, seus olhos escuros brilham com intensidade, com convicção. "Enviaremos uma mensagem a todos - Louise, Cosette, Beauregard, até mesmo Jean Luc, que por sua vez espalhará a notícia para seu povo. Da mesma forma, todas as criaturas em Requiem saberão como despachar os fantasmas da Morte depois desta noite. Odessa cuidará disso."

Embora meu corpo permaneça tenso, minha mente reconhece a verdade em suas palavras. Os fantasmas, pelo menos, podem ser abordados; suas mortes vão consertar os buracos que criaram. Ainda... Você não precisará mais temer meu abraço, não precisará mais lamentar seus entes queridos que partiram. A voz da morte flutua como um espectro em meus pensamentos. Temos um problema muito maior do que os fantasmas agora, mas - como não temos solução imediata - eu o ignoro por enquanto, concentrando-me em Michal. O aperto em meus ombros diminui um pouco.

"Você não está sozinha nisso, Célie", continua ele. "A morte tentou assustá-lo esta noite. Ele tentou isolá-lo e continuará a fazê-lo. Não importa como ele faça você se sentir, no entanto, você deve se lembrar de que você tem o controle. Você tem a vantagem. Você tem—"

"Você," eu digo sem pensar.

Ele pisca como se estivesse assustado e, por vários segundos, seu corpo fica completamente imóvel. Não consigo ler seu rosto. Embora sua resposta não seja inesperada, ainda traz um nó na minha garganta. Pela primeira vez, eu gostaria que ele simplesmente deixasse ir, deixasse viver, me deixasse ver as emoções que ele tenta manter enterradas - para o seu próprio bem e também para o meu. Porque o vampiro diante de mim é apenas uma fração do todo; antes disso, Mical era um jovem que amava sua família tão profundamente que fez um acordo com a Morte, sacrificando tudo por eles. Ele - me fez um favor uma vez. Eu me arrependi todos os dias desde então.

Não posso deixar de pensar, no entanto - se a pressão chegasse - ele condenaria as consequências e escolheria o mesmo novamente. Para salvar Mila.

Para me salvar.

Ele inclina a cabeça. "Enquanto você me quiser, Célie." Minha respiração fica presa nisso, e eu sei que ele ouve porque fecha os olhos - apenas por um

segundo, como se o som disso o machucasse de alguma forma. E eu quero perguntar por quê; Eu quero saber, mas seus olhos já se abriram. "Ele te machucou?"

Embora eu balance a cabeça, meus olhos voam espontaneamente para a minha mão, e ele também não sente falta disso. Sua expressão escurece.

"Venha aqui", diz ele.

Meus pés respondem instintivamente; apesar da ameaça silenciosa em sua voz, eu diminuo a distância entre nós sem hesitação, e me empoleiro na beira da cama, virando-me para encará-lo com um murmúrio: "Eu prometo que estou bem..."

Ele pega minha mão antes que eu possa terminar, no entanto, seu toque extremamente suave enquanto ele vira minha palma para cima para examinar o corte da faca de prata da Morte. Eu enrolo meus dedos para escondê-lo. "Realmente não importa. Não é nada." Ainda observo, paralisado, enquanto suas pupilas se dilatam, enquanto seus dedos varrem meu antebraço antes de hesitar na pele macia e delicada da parte interna do meu cotovelo. Eu deveria estar cheio de impressões digitais da Morte agora, mas não estou.

Por causa de Mical.

Ele ainda parece sentir exatamente onde as marcas deveriam estar, no entanto, porque seus olhos brilham com uma promessa fria e letal quando finalmente encontram os meus. "Pretendo estar lá na próxima vez que a Morte fizer uma visita. Ele nunca mais vai tocar em você."

Arrepio irrompe em meus braços com a mudança em seu tom e, com isso, a situação mais imediata se reafirma - ou seja, sua presença iminente, sua expressão sinistra e seu corpo gloriosa e inescapavelmente nu. A consciência retorna com uma onda de calor. Isso queima minhas bochechas e orelhas, e eu engulo em seco, fixando meu olhar em seu rosto e me recusando a olhar abaixo de seu pescoço. Meu estômago ainda aperta, no entanto. Ainda vibra de antecipação. Porque eu sou um, e eu deveria - eu não sei - exigir que ele se vestisse no início desta discussão, ou fugiu pela sala e a segurou a uma distância muito mais segura. Como em todo o reino, acho que com outro arrepio inexplicável.

Se eu tivesse, talvez eu não estivesse percebendo agora como Mical se assemelha a um antigo deus pagão, cada centímetro de seu corpo esculpido em pedra. Talvez eu não estivesse percebendo como a luz das velas reflete em seu peito, seus braços, seu torso, lançando cada contorno em relevo. Ou como sua presença aqui parece muito maior do que em qualquer outro lugar - potente, quase avassaladora - apesar dele ajoelhado diante de mim em lençóis de seda.

Seus olhos aquecem lentamente enquanto o silêncio se estende entre nós.

Enquanto ele gentilmente - tão gentilmente - passa o polegar pelos nós dos meus dedos. "Tome meu sangue, Célie. Cure-se."

Oh Deus.

Perturbado, eu me afasto dele com uma gagueira: "Eu realmente sinto muito por cair em você assim. R-Realmente sinto muito. Sinto muito. Isto é—" Eu aceno com a mão agitada em direção ao seu corpo, olhando resolutamente através da caverna. Pelo menos os fantasmas dentro do turbilhão se foram - queimados, provavelmente, se o cheiro persistente de fumaça no ar for alguma indicação. "Isso não é - quero dizer, minha mão nem dói, e - e eu provavelmente deveria verificar minha mãe. Sim." Balançando a cabeça como um lunático, eu me encolho com o quão horrivelmente leve minha voz soa na sala cavernosa. Quão caloroso. "Como você disse, ela provavelmente está bem, e eu também estou bem, mas eu a deixei sozinha em um castelo cheio de vampiros..."

O braço de Michal serpenteia para pegar minha cintura antes que eu possa deslizar da cama e derreter pelo chão.

"Boa tentativa", diz ele em voz baixa e uniforme, "mas Pasha e Ivan estão estacionados do lado de fora da porta dela. Por que você está fugindo de mim?"

"Eu não estou concorrendo. Eu - eu simplesmente - " Eu procurei as palavras certas, não encontrando nenhuma na esteira do delicioso peso de seu braço ao meu redor. Parece. . . pesado. Forte. Quase doente de calor agora, fecho os olhos e aperto meus membros para evitar que tremam. Este não é o momento. Este não é o lugar. Ainda há tantas coisas que precisamos discutir, e minha mão pode esperar. Precisa esperar, ou temo ficar nesta cama para sempre. "Eu não queria me intrometer. Isso é tudo que eu quis dizer. Eu nunca planejei vir aqui..."

"Por que não?" Michal pergunta secamente. "Você pode visitar a Morte, mas não eu?"

Meus olhos se abrem quando a defensiva acende, e eu me agarro a ela como um bote salva-vidas, mesmo quando meu corpo recua contra seu peito. "Eu não visitei a Morte. Ele me roubou da minha cama, mas...

O braço de Michal se aperta quase imperceptivelmente. "Sua cama?"

"Não assim. Ele—eu—" Mas as palavras se emaranham em minha língua enquanto seu sangue ruge em meus ouvidos, e não consigo pensar em torno dessa necessidade avassaladora de pressioná-lo, em todos os lugares. Um fio de apreensão ainda me impede, no entanto. Ele dá um nó na minha barriga, inexplicável e impossível de ignorar - porque esta cama não é uma árvore na floresta.

Não há revenant pronto para atacar.

Michal e eu estamos sozinhos agora, verdadeiramente sozinhos, e ele está nu. Se as coisas progredirem muito mais, elas podem progredir até o fim, e - eu não

deveria querer isso, deveria? Não dê a ele nada que você não possa pegar de volta, minha mãe uma vez alertou sobre Reid. Na idade madura de quinze anos, eu tinha acabado de dizer a ela que o amava e, por algum motivo, a confissão a alarmou. Eu entendo seu medo um pouco melhor agora.

Michal não é Reid, no entanto. Mical é tanto. . . mais.

Enquanto você me quiser, Célie.

Ele parece sentir meu pânico crescente. Sem uma palavra, seu braço se afasta de mim e ele se move novamente, ignorando meu pequeno barulho de protesto. "Você está com medo", diz ele simplesmente.

Quando ele se move para enrolar o lençol em volta da cintura, eu agarro seu braço por instinto e admito a verdade: "Não de você. Eu só... eu nunca vi um homem nu antes."

Nossos olhares se prendem e se seguram enquanto as palavras evocam outro tempo, outro lugar, outro Michal, e a memória de Les Abysses desce entre nós. Não é um palavrão, você sabe, ele me disse naquela noite.

Que palavra?

Virgem.

Para meu alívio, ele também não parece desapontado agora. Embora ele permaneça quieto por um longo momento, algo se aguça em seu olhar enquanto nos estudamos na penumbra da gruta. Assemelha-se a saudade e, estranhamente, parece tão vulnerável quanto minha confissão. "Então olhe", diz ele finalmente.

Suas pupilas se dilatam à medida que o calor fresco floresce em minhas bochechas, mas ainda assim ele não se move quando minha mão desliza de seu braço para a palma da mão. A determinação endurece no meu peito. Porque eu - eu quero olhar para ele. Mesmo que eu não deva, eu quero olhar para ele muito mal, e agora - agora eu posso.

Com uma respiração profunda, eu me aproximo, observando as linhas duras de seus ombros, a inclinação arrebatadora de seu peito. Seu abdômen. Os músculos tensos se contraem ligeiramente sob o meu olhar, e só com grande dificuldade eu afasto meu olhar para estudar o V entre seus quadris. Uma dor quase dolorosa irradia da minha barriga com a visão. E eu quero tocá-lo. Eu preciso tocá-lo, mas ainda mais baixo -

Minha boca seca.

Embora eu não tenha visto um homem nu antes, nunca imaginei que um pudesse ser assim. "Você é—" Minha voz sai mais alta do que o normal, no entanto - muito alta - então eu limpo minha garganta e tento novamente. "Você parece - você é linda, Michal," eu finalmente consigo. "Uma das pessoas mais bonitas que já conheci."

A vulnerabilidade em seus olhos parece se estilhaçar com o elogio, e ele

afasta a mão com uma risada aguda e autodepreciativa. Ele perfura a qualidade onírica do momento. Isso nos traz abruptamente de volta à realidade. "O que eu te disse sobre romantizar pesadelos?" ele pergunta.

Assustada, eu franzo a testa para ele, preocupada por ter dito a coisa errada, a pior coisa. Mas - não. Minha carranca se aprofunda. Eu não acho que tenho. "É realmente assim que você pensa de si mesmo?"

"Você também deveria."

"Não, eu não deveria," eu digo um toque bruscamente, "e você também não deveria."

Antes que eu possa insistir ainda mais na questão, no entanto, um miado familiar irrompe do chão. Um ofendido. Inclinando-me sobre a cabeceira da cama, fico cara a cara com um gato malhado laranja gordo, que não consegue alcançar a borda do lençol de Michal, apesar de suas melhores tentativas. Piscamos um para o outro por um instante. Então-

"Toulouse?" Momentaneamente distraído, eu me curvo para pegá-lo em meus braços, e um pires de leite perto de uma pequena escrivaninha no canto chama minha atenção. Não reconheço nenhum dos dois da minha última vez na gruta. "O que você está fazendo aqui?"

Ele mia novamente, e seus irmãos e irmãs saem de debaixo da cama em resposta, todos eles, chorando e tentando subir pelas cobertas para nos alcançar. Eu olho para eles, perplexo. "O que-?"

Balançando a cabeça, Michal exala um suspiro áspero em resposta antes de se levantar. Embora eu queira detê-lo - para terminar nossa conversa - ele desaparece atrás da cortina preta no segundo seguinte e, quando retorna, usa calças largas e uma expressão de madeira. A tensão ainda permanece em seus ombros, em seus olhos, enquanto ele estende um curativo de linho. Uma oferta de paz. Quando eu estendo a mão para pegá-lo, ele pega meu pulso, enrolando o tecido em volta da minha mão ferida com movimentos hábeis e suaves. "Você não pode mais ficar no seu quarto", diz ele em voz baixa, amarrando o tecido e roçando um beijo nos meus dedos. "Prometa-me. Não enquanto a Morte pensa que pode ir e vir quando quiser.

"Mas minha mãe..."

"—está a salvo da Morte até que o status quo mude, mas se você estiver preocupado, Pasha e Ivan permanecerão com ela o tempo todo. Ela estará segura com eles." Ele se inclina para coçar a cabeça de Toulouse. O movimento me parece estranhamente instintivo e gentil. Também traz seu rosto muito mais perto do meu, e eu estudo sua franja de cílios escuros, a varredura de seus cabelos prateados. Uma combinação tão impressionante. Um incomum. Pela primeira vez, eu me pergunto se seu cabelo sempre foi dessa cor, ou se de alguma forma

mudou depois de se tornar um vampiro. Eu me pergunto se ele já teve um gato. Perguntas bobas, talvez, mas há tantas coisas que eu não sei sobre ele.

Você sabia que o pai deles era um bêbado?

"Por que os gatinhos estão aqui?" Eu deixo escapar.

Ele não hesita em responder, agora coçando Toulouse sob o queixo. "Porque eles deixam sua mãe desconfortável."

E algo na facilidade de sua resposta me desfaz.

Inclinando-me para a frente sem aviso, eu o beijo.

Eu o beijo porque ele é altruísta e gentil, e em algum lugar ao longo do caminho, ele aprendeu a esconder as melhores partes de si mesmo. Eu o beijo porque ele se preocupa com minha mãe, se preocupa com gatinhos, se preocupa comigo apesar do perigo que representamos, apesar de seu mundo desmoronar ao seu redor. Teria sido muito mais fácil ir embora. Seria esperado - celebrado, até mesmo - se ele tivesse matado a mim e meus amigos na véspera de Todos os Santos. Ele teria mantido sua coroa. Ele teria governado para sempre.

Em vez disso, ele suspira mais suavemente agora - quase um gemido - e responde por sua vez, beijando minha mandíbula, minha garganta, antes de separar Toulouse do meu colo e colocá-lo no chão. Quando ele retorna, as palmas das mãos deslizam pelas minhas pernas e ele separa meus joelhos lentamente, entrando no espaço entre eles. Eu deslizo meus quadris para a beira da cama em resposta, bem contra os dele, e envolvo meus pés em torno de suas panturrilhas. "Não vá com ele de novo", diz ele contra meus lábios. "Não sem contar a alguém. Prometa-me."

E eu quero concordar. Eu quero beijá-lo até que nenhum de nós possa respirar, até que eu não core mais de escarlate toda vez que o vejo. Eu quero saber como é a pele dele. Quero explorar essa conexão avassaladora entre nós e, mais do que isso, quero entendê-la. Eu quero entendê-lo.

Em vez disso, não digo nada, odiando-me silenciosamente porque não posso prometer que isso não acontecerá novamente - não posso prometer nada quando se trata da Morte, que parece segurar todos na palma da mão. Minha irmã, minha mãe, até eu, e também...

A verdade que tentei esquecer desaba na minha cabeça.

Dimitri.

Esqueci de contar a Michal sobre Dimitri.

Se acreditarmos na Morte, ele também é dono de Dimitri - fiz algum tipo de acordo com ele - e tenho uma suspeita de que sei o que era. Pior ainda, nós o perdoamos depois de sua traição na véspera de Todos os Santos; nós acreditamos nele, e isso nos torna tolos. Até o nome dele coalha meu estômago agora. Na verdade, eu enrijeço assim que as mãos de Michal se movem para meus quadris,

enquanto seu olhar desce para onde nossos corpos se tocam.

"Michal."

Com a tensão repentina em meu corpo, seus olhos voltam para os meus, o calor neles esfriando um pouco com o que quer que ele veja. Um sulco aparece entre suas sobrancelhas. "O que é isso? O que há de errado?"

Sua voz está tensa novamente, tensa, e eu não quero dizer a ele. Deus, eu não quero dizer a ele - para arruinar este momento - mas quando ele levanta a mão na minha bochecha, procurando meu rosto, percebo que isso não é sobre mim. Isso é sobre ele. Dimitri é seu primo, e ele merece saber o que a Morte me disse hoje.

Antes que eu possa dizer as palavras em voz alta, no entanto, Michal fala com uma intensidade tão silenciosa que eu quero beijá-lo novamente. "Não precisamos fazer nada que você não queira fazer, Célie. Se você estiver desconfortável..."

"Eu não estou," eu digo apressadamente, apertando minhas pernas com mais força quando ele se move para se afastar. Meus braços serpenteiam em volta de seu pescoço para uma boa medida, e eu me agarro a ele. "Não estou desconfortável, e eu - eu não quero parar" - ele inclina a cabeça para minha explicação confusa - "mas eu preciso falar com você sobre - sobre Dimitri."

Michal pisca, claramente assustado com a menção de seu primo. "Dimitri", ele repete categoricamente. "Você quer falar sobre. . . Dimitri."

Eu aceno com a cabeça cautelosamente. "E a morte."

"Ah." A compreensão cintila nas profundezas dos olhos de Michal, e agora ele enrijece, suas mãos caindo dos meus quadris completamente. Ele se afasta com uma maldição e, relutantemente, eu o solto, sentindo-me mal novamente enquanto ele caminha até a escrivaninha, abre a gaveta e retira uma garrafa de absinto. Ele o coloca na mesa. "O que ele fez?" ele finalmente pergunta.

Ainda sinto a necessidade de proteger Michal, de alguma forma, mesmo quando sei que não é possível. "Eu não sei se é verdade..."

"Provavelmente é."

"A morte disse todo tipo de coisas horríveis..."

"Fora com isso, Célie."

"Eles fizeram um acordo," eu digo abruptamente. "Eu não sei o que a Morte concordou em dar a Dimitri em troca, mas Dimitri contou a ele sobre a Véspera de Todos os Santos. Ele contou a ele sobre o baile de máscaras, sobre o ritual de Frederic, sobre você e sobre mim, até mesmo sobre Odessa e a falsa insurreição. Quando Michal não diz nada, eu deslizo da cama, com cuidado para evitar Toulouse e seus irmãos ao me aproximar dele. "Como eu disse, Dimitri pode não estar envolvido. A morte poderia estar mentindo." Uma pausa cuidadosa. "Afinal, ele parecia saber. . . outras coisas também. Coisas que Dimitri não

poderia ter dito a ele."

Michal retira dois pequenos copos de sua mesa, derramando uma pequena medida de absinto em cada um. Ele não olha para mim. Seus dedos se apertam em branco ao redor da garrafa. "Como?" ele pergunta calmamente.

Eu resisto ao impulso de colocar a mão em suas costas. "Ele - ele falou de seus pais."

"E quanto a eles?"

"Hum, bem—" Minha garganta se fecha em torno das palavras.

"O vício do meu pai? A heresia da minha mãe?" Ele desliza um olhar de soslaio em minha direção para confirmação, seus olhos quebradiços e excessivamente brilhantes. "Dimitri sabia de ambos."

"Ele também falou de Mila." Quando engulo em seco, Michal rastreia o movimento reflexivamente antes de voltar para o absinto. Ele olha para ele com ódio palpável, como se até mesmo a visão dele o revoltasse. E de repente, eu me pergunto sobre a presença daquela garrafa em seu quarto. Eu me pergunto por que ele o mantém aqui. "Ele falou de como você a transformou em uma vampira. Como você se transformou em um vampiro."

Sem uma palavra, ele estende um dos óculos para mim, mas eu balanço a cabeça, lembrando-me da minha última experiência com as coisas horrendas - como eu vomitei em suas botas imaculadas. Meu corpo vampírico provavelmente o rejeitaria ainda mais rápido. Não tenho ideia de como Michal pode mantê-lo baixo. "Prefiro morrer de novo do que beber isso", digo francamente.

"Justo." Ele engole cada bebida em um gole - seu rosto impassível, apesar da queimadura de álcool - antes de devolver os copos à mesa e dizer: "Tenho certeza de que você tem perguntas".

"Você não me deve nenhuma resposta, Michal." Eu paro ao seu lado, virando-me para me encostar na mesa. "Parece que me lembro de lhe dever alguns, no entanto. Espero que você seja gentil quando chegar a hora."

Um fantasma de um sorriso toca seus lábios, e um tipo mais profundo de calor infunde meu peito ao vê-lo - porque ele ainda não me excluiu. Porque ele não está me afastando. Em vez disso, ele balança a cabeça e se vira também, cruzando as pernas e espelhando minha postura. "Chega de jogos, Célie. O que você quer saber?"

Nós nos encaramos por um longo momento antes de eu dizer timidamente: "A morte disse que você o encontrou, assim como todo mundo faz." Eu hesito. "Como você. . . fazer isso?"

Sua expressão endurece quando ele percebe o que quero dizer. "Próxima pergunta."

Eu aceno com a cabeça rapidamente, um pouco aliviado por ele se recusar a responder. Algum dia, talvez, ele queira me dizer, e se esse dia chegar, farei o meu melhor para ouvir. "Como você fez a primeira transição?" Em vez disso, pergunto. "Como você se tornou um vampiro?"

"Que cor de luz você viu quando morreu?"

"Foi meio que dourado."

Ele se inclina atrás de nós para pegar a garrafa de absinto, renunciando aos copos e bebendo direto da fonte antes de dizer: "O meu era preto. Entrei nele e, quando acordei, matei toda a família do meu vizinho. Sua filha, Vesna, e eu" - aqui ele balança a cabeça amargamente, incapaz de manter a depreciação de sua voz - "éramos namorados de infância. Pensei em me casar com ela algum dia. Quando percebi o que estava acontecendo, ela estava morta em meus braços com seus pais e irmão deitados do outro lado da sala.

"Oh, Michal."

Ele derruba a garrafa de absinto em reconhecimento antes de tomar outro gole. "E eu ainda virei minha irmã depois disso. Eu observei como ela virou Odessa, como Odessa virou Dimitri, enquanto os três massacraram qualquer um que já os tivesse rejeitado, e quando nossos pais nos repudiaram, eu alegremente me juntei a eles para deixar um rastro de corpos pelo campo. Sussurros começaram a nos seguir, e os aldeões começaram a marcar suas portas com cruzes - a pedido de meu pai, eu acho. Ele balança a cabeça e toma outro gole. O gesto parece quase beligerante agora, mas ainda assim Michal não reage ao álcool. "Aparentemente, ele se limpou depois que saímos, nunca mais tocou na garrafa. Eu não saberia. Ele morreu antes que eu voltasse para casa.

"Como-" Eu engulo em seco e tento novamente, olhando para a garrafa em sua própria mão. "Quantos anos você tem?"

"Eu não sei", diz ele claramente. "As pessoas rastreavam o tempo de maneira diferente - por mês, por ano, pelo equinócio a cada outono e solstício a cada primavera. Fisicamente, eu não poderia ser muito mais velho do que você quando fiz a transição para vampiro."

"Oh." Olhando para o peito nu incrédulo, discordo em particular. "Você deve ter, er. . . envelhecido mais rápido naquela época."

Para minha surpresa, ele sorri - aquele meio sorriso afiado e zombeteiro que aprendi a amar. "Eu sempre fui forte, Célie. Mesmo como humano."

Observou. Meu próprio peito se contorce um pouco quando seu sorriso desaparece mais uma vez, e gradualmente caímos em silêncio. Ainda tenho dezenas de perguntas a fazer, é claro - possivelmente centenas - mas sinto que Michal atingiu seu limite esta noite. Ele agarra o absinto com as duas mãos agora, os nós dos dedos cerrados ao redor do rótulo, e olha para os dedos sem

realmente vê-los. Embora o silêncio se estenda entre nós, não consigo me mover, deixá-lo sozinho com seus pensamentos.

Nos meus piores momentos, meus pensamentos me prenderam tão completamente quanto qualquer caixão.

Assim que eu o alcanço, no entanto, ele pergunta com uma voz devastadoramente calma: "Você teria hesitado com Filippa?"

É a coisa mais vulnerável que eu o ouvi dizer e, em resposta, minha mão se move no ar; lentamente, ele chega para pegar a garrafa dele. Seus dedos escorregam do vidro sem resistência. Colocando-o atrás de nós com um baque surdo, eu passo na frente dele e espero que ele olhe para mim. Quando ele o faz, eu me aproximo, envolvendo meus braços em volta de sua cintura e descansando minha bochecha contra seu peito. Exatamente onde seu coração deveria bater. "Você é um bom homem, Michal."

Embora seu corpo permaneça tenso, ele ainda escova uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. "Eu não sou mais um homem, Célie, e se você ouviu qualquer coisa que eu disse esta noite, você sabe que eu nunca fui bom."

Eu me inclino para trás para estudá-lo com os olhos estreitos. "Você acha que eu sou bom?"

"Como você pode me perguntar isso?" Ele parece incrédulo agora, quase zangado. "Célie, você é..." Mas sua voz se interrompe e ele desvia o olhar rapidamente, limpando a garganta. "Sim. Eu acho que você é bom."

"Então me escute. Não, ouça, Michal." Estendendo a mão, eu pego seu rosto entre as palmas das mãos e forço-o a olhar para mim. Seus olhos brilham como cacos de vidro quebrado na luz baixa, brilhantes, afiados e dolorosos. "Você me acusa de romantizar pesadelos, mas eu discordo. Sempre fui capaz de dizer a diferença." Ele exala com força, movendo-se para virar o rosto, mas eu me estico na ponta dos pés para mantê-lo imóvel. "O mundo nunca consistiu em anjos e demônios. Consiste em pessoas, e as pessoas fazem escolhas. O arcebispo, Morgane, até meu próprio pai - quase todas as vezes, eles fazem o errado. Eu sei que sim, e você também.

Quando eu o solto desta vez, ele não se afasta. Ele simplesmente olha para mim. Ele olha para mim e espera ouvir minha condenação. Eu posso sentir seu corpo se preparando para o impacto, posso ver o auto-desgosto se resolvendo em seu olhar. E eu simpatizo; por muito tempo, eu precisava de alguém para me dizer a verdade - apenas me dizer que sou fraco, que sou inútil, que nunca serei bom o suficiente, para que eu pudesse aceitar e seguir em frente.

Eu nunca poderia aceitar o que não era verdade, no entanto. E nem Mical.

Ainda assim, Mical se odiou em particular por centenas e centenas de anos; convencê-lo do contrário será uma tarefa difícil. Difícil, mas não impossível.

Talvez se ele ouvir minhas palavras esta noite, ele as ouvirá mais tarde. Talvez um dia ele até acredite neles.

"Não havia nada de errado em tentar salvar sua irmã," eu digo a ele ferozmente. "Você fez o seu melhor pelas pessoas que ama, e foi uma decisão corajosa e admirável - mais do que a maioria de nós escolhe fazer. Só posso esperar um dia fazer o mesmo." Levantando-me para os dedos dos pés mais uma vez, eu pressiono um beijo em sua bochecha. "Vamos lá. Vamos falar com Dimitri."

Capítulo Trinta e Três

A Torre Oeste

Nós o encontramos na Torre Oeste ao anoitecer - uma torre que Odessa reivindicou como sua suíte pessoal. Enorme e completamente aberta, a sala se assemelha a um obelisco gigante com varandas empilhadas ao longo de sua circunferência, cada uma transbordando com várias vidas de hobbies descartados: cestos de lã e agulhas de tricô, um órgão de tubos, potes de plantas propagadas, potes de tinta e molduras de lona, uma mão de quiromancia, até mesmo dois modelos giratórios lentos do sistema solar.

Abruptamente, o escopo da vida de Odessa me atinge como um punho no rosto. Porque ela viveu várias vidas e enterrou cada uma nesta sala. O lugar é igualmente cemitério, sala de aula e laboratório de um cientista inconstante.

E é maravilhoso.

Depois de seguir Michal através do limiar, eu olho para uma estátua bizarra perto da porta, seu rosto pintado em um sorriso eternamente arrepiante de branco e dourado. "O que é isso?" Pergunto com fascínio mórbido. "Algum tipo de guardião?"

Michal poupa um olhar desinteressado. "Ela chama isso de autômato."

"E um autômato é. . . ?"

"Um experimento fracassado." Ele passa por cima de uma caixa de sapatos cheia de engrenagens e engrenagens de latão. "Mila e Dimitri muitas vezes se esgueiravam aqui para reorganizar as coisas de Odessa. Isso a deixou louca. Ao contrário desse ar geral de caos, ela afirma ser um método para sua loucura, então ela construiu Potvor para dissuadi-los de tocar em qualquer outra coisa. Ele explodiu antes que ela pudesse acabar com ele..."

"—e assim serviu ao seu propósito," diz Dimitri do outro lado da sala, "pois pensávamos que ela havia equipado o lugar com explosivos." Ele está em cima de um tabuleiro de xadrez gigante pintado no chão, com as mãos nos quadris enquanto considera as peças em tamanho real ao seu redor. "Des!" Ele bate os nós dos dedos na sela do cavalo antes de esticar o pescoço para gritar atrás dele. "Acho que sua rainha pode levar este cavaleiro!"

Odessa enfia a cabeça sobre o corrimão da varanda do terceiro andar. Ela

segura um mapa em uma mão e um transferidor na outra; grandes óculos ficam na ponte do nariz. "Você não vai mover uma única peça! Eu proíbo isso. Este jogo está atualmente em jogo, e é a vez de Panteleimon, não a minha."

Dimitri balança a cabeça em exasperação antes de mover a rainha de qualquer maneira. "Panteleimon é um pavão", ele murmura.

Quando o referido pavão passa por ele um momento depois - usando um colar de ouro brilhante - todos nós assistimos, paralisados, enquanto ele empurra sua torre para frente para pegar a rainha. Dimitri amaldiçoa. Odessa suspira.

"Você é um", diz ela antes de desaparecer mais uma vez.

"Sim, você é." Michal dá um passo à frente, quebrando o momento com seu porte real e olhar frio - tão em desacordo com o homem que ele me permitiu ver abaixo. A máscara voltou ao lugar no instante em que deixamos a segurança da gruta. "Precisamos conversar", diz ele ao primo agora.

Dimitri faz uma careta. "Parece enfadonho."

Os lábios de Michal se curvam assim que Odessa reaparece em uma escada de pedra escondida na parte de trás da torre. "Seja o que for, pode esperar." Sem óculos agora, ela desliza em nossa direção em um manto arrebatador de seda turquesa, puxando-me para um abraço estranhamente feroz. "Aí está você, Célie. Eu estava prestes a vir te encontrar. Foi tudo ideia de Michal - como tenho certeza que você já sabe - mas preciso deixar perfeitamente claro que nunca quis fazer tal espetáculo de arrancar seu coração. Sempre defendi fazer isso em particular", acrescenta ela docemente.

"Embora eu também não tenha ouvido uma reclamação", diz Michal.

Ela o ignora, recuando para olhar para mim. Apesar de sua réplica, seus olhos escuros brilham com incerteza enquanto ela espera pela minha reação. Ela claramente espera que eu fique com raiva do papel que ela desempenhou na insurreição, que fique magoado com sua parte no subterfúgio. E talvez eu esteja. Em vez de me avisar para ficar no meu quarto, ela poderia ter explicado o que ia acontecer; ela poderia ter me incluído. Em vez disso, ela me forçou a assistir Michal morrer - me forçou a vê-la matá-lo e sentir cada grama de dor associada a essa traição. E ainda. . .

Não posso deixar de lembrar as palavras de Michal.

Ninguém a julga por isso, Célie, mas você tornou conhecido seu desgosto por Requiem.

Talvez eu não seja o único que foi ferido.

Esta ilha pode ser estranha e cruel às vezes - assim como seus habitantes - mas não é apenas estranha e cruel. Claramente, Odessa construiu uma vida plena e gratificante aqui com sua família; Esta mesma sala é uma prova de ambos.

Retribuindo seu abraço, eu a aperto com força, e tento transmitir a

profundidade do meu próprio alívio por ela não ter matado seu primo. E talvez um pedido de desculpas. "Eu entendo," eu digo baixinho. Então— "Também estou muito feliz que minha amiga não seja uma louca sedenta de poder."

"Oh, ela ainda é isso." Com as mãos nos bolsos, Dimitri caminha para a frente com um sorriso enquanto Odessa me solta apressadamente, virando-se e piscando com força. Meu coração dói com a demonstração inesperada de emoção - ou foi porque liguei para a amiga dela? Eu deveria tê-la procurado antes. Embora ela nunca admitisse, Odessa se sente tão profundamente quanto qualquer um, e a tensão e a incerteza dos últimos dias devem ter pesado muito sobre ela.

Antes que eu possa me juntar a ela no sofá de pelúcia do outro lado do tabuleiro de xadrez, no entanto, Dimitri pisa na frente de Michal, bloqueando meu caminho. "Eu amo essa sua testa franzida tanto quanto qualquer outra pessoa, primo, mas devemos suavizá-la antes que se torne permanente? Suponho que você tenha carregado aqui para me repreender por alguma coisa. Por todos os meios, vamos começar a...

Michal agarra seu colarinho abruptamente, puxando-o para mais perto e inclinando-se para cheirar sua garganta. "Eu sabia", diz ele sobre os protestos de Dimitri, empurrando-o para longe novamente. Com uma maldição, Dimitri se inclina para trás em um manequim crivado de alfinetes.

"O que você é—? Pare, pare!" Com os olhos arregalados com a mudança abrupta na atmosfera, Odessa se move em um borrão para pegar os dois, mas ela solta o irmão quando ele sibila e mostra os dentes, girando para encarar Michal incrédulo.

"Você enlouqueceu?"

Michal dá um passo na minha frente e Dimitri espelha o movimento, aproximando os dois demais para uma conversa calma e bem fundamentada. Embora eu soubesse que isso aconteceria, meu estômago ainda mergulha de arrependimento quando me lembro da admissão de Dimitri na gruta: Por mais difícil que seja para você acreditar, Michal e eu fomos como irmãos uma vez. Olhando para eles agora, tal coisa parece muito difícil de acreditar.

"Eu avisei o que aconteceria", diz Michal suavemente. "Eu avisei o que faria se você nos traísse novamente."

"O que está acontecendo?" Perplexa, Odessa endireita o manequim enquanto - contra meu melhor julgamento - eu forço meu caminho entre Michal e Dimitri, determinado a evitar qualquer derramamento de sangue. Embora Dimitri tenha provado ser uma cobra, Michal pode um dia se arrepender de matá-lo. Eu acho.

Nenhum deles me reconhece, no entanto. Nenhum deles recua.

"Vá em frente, primo." Michal arqueia uma sobrancelha friamente

zombeteira, seu peito tenso contra a palma da minha mão. "Conte à sua querida irmã tudo sobre seu acordo com a Morte. Ele contou um pouco a Célie, mas eu gostaria de ouvir mais.

"Michal", eu aviso.

Porque Odessa ficou completamente imóvel com suas palavras - todas, exceto seus olhos. Eles se estreitam, correndo entre os dois enquanto ela agarra o manequim. "Do que ele está falando, Dima? Que problema com a Morte?"

A expressão de Dimitri endurece.

"Eu queria te contar", diz ele com fervor. "Eu ia te dizer..." Mas ele interrompe quando o rosto de Odessa se contorce, enquanto ela recua da confissão como se fosse um tapa. Ele parece perceber seu erro no mesmo instante. Curvando os lábios, ele dá mais um passo em direção a Michal, seu corpo se apoiando, pressionando rente ao meu lado. "Você não deveria ter vindo aqui assim. Foi mal feito."

"Ao contrário do que você fez?" Michal pergunta.

"Oh, isso é ridículo..." Embora eu levante outra mão para separá-los, Odessa me bate, agarrando o braço de Dimitri e puxando-o com um rosnado verdadeiramente aterrorizante. Seus olhos escuros brilham como pilares gêmeos de fogo.

"A menos que alguém forneça uma explicação nos próximos dois segundos, eu sozinho estriparei cada um de..."

"Encontramos a fonte de sua cura misteriosa", diz Michal categoricamente. "Suponho que você tenha notado a mudança sutil em seu cheiro?" Quando Odessa acena com a cabeça, ele finalmente dá um passo, e eu deixo minha mão cair de seu peito antes de me retirar para o sofá com os pés pesados. Nada disso parece uma vitória. "Eu também notei, mas me convenci de que o cheiro era meu - ou melhor, dela."

Ele inclina a cabeça para mim, e eu empurro Panteleimon para o lado para sentar ao lado dele, fingindo que os outros não estão observando todos os meus movimentos. Fingir minha presença - meu cheiro - não permitiu que Dimitri mascarasse seu subterfúgio. Eu ainda me sinto sujo, no entanto. Contaminado.

"E então resolvi deixar Dima manter sua privacidade", continua Michal. "Seja qual for o seu método, não poderia ser pior do que massacrar as massas e coletar seus troféus..."

"Eles nunca foram troféus", diz Dimitri com os dentes cerrados.

"- mas eu estava errado. É pior e põe em perigo mais do que os habitantes desta ilha. Diretamente para Odessa agora, Michal diz: "Dimitri tem bebido o sangue da Morte".

Uma batida de silêncio segue o pronunciamento sinistro, quebrado apenas

por uma rachadura de madeira estilhaçada.

Odessa quebrou o manequim em dois.

Instintivamente, levanto-me novamente para ajudar, mas paro quando Dimitri força um sorriso amargo, revirando os olhos e perseguindo a peça de xadrez mais próxima. "Que drama." Ele se inclina contra a enorme torre sem olhar para nenhum de nós, e eu quero sacudi-lo por fingir indiferença - por se recusar a aceitar a responsabilidade, por nos empurrar mais fundo em uma situação já precária. "Obrigado por sua preocupação, Michal, mas garanto que tenho a situação sob controle. Ninguém precisa me tratar de forma diferente, ou me repreender, ou me temer...

"Ninguém tem medo de você, Dimitri," eu digo baixinho. "Tememos por você."

"Curiosamente, também não me lembro de ter pedido isso."

"Isso não é um jogo", Michal retruca. "Você se colocou em dívida com a Morte e, mais cedo ou mais tarde, ele virá cobrar. Você está preparado para pagar esse preço? Você está preparado para que paguemos? Ele já ameaçou Célie...

"Ele tem?" Os olhos de Dimitri se estreitam e seu rosto se volta para o meu em busca de uma explicação. Ele quase parece preocupado. "O que aconteceu? O que ele disse?"

"Isso importa?" Eu pergunto a ele.

"Claro que importa." Zombando, ele balança a cabeça em descrença antes de encontrar cada um de nossos olhares. "Vocês estão todos agindo como se eu tivesse cometido algum pecado imperdoável ao obter essa cura quando, na realidade, os verdadeiros pecados vieram antes dela - e eu ainda estaria cometendo-os se não fosse pela Morte. O grimório se mostrou inútil. Seu sangue me salvou. Você mesmo disse, Michal: finalmente sou Dima novamente - finalmente eu - e em troca, a Morte não pediu nada, exceto uma entrevista ocasional. E nessa nota, eu não divulguei segredos, dizendo a ele apenas o que ele poderia ter descoberto por conta própria.

Odessa e Michal parecem não acreditar nele, no entanto. Com sua expressão cética, com sua expressão enojada, Dimitri solta uma risada áspera e seus ombros caem contra a peça de xadrez. "Mas não importa o que eu diga, não é? Nunca será. Nenhum de vocês jamais entendeu minha condição. Depois de todos esses anos, você ainda não entende - Mila é a única que tentou.

Ele olha entre eles, mas o calor em seu olhar parece mais desespero do que raiva verdadeira. Como desesperança.

"E por que você faria?" ele rosna. "Odessa Petrov nunca respondeu a uma pergunta que não pudesse responder. Michal Vasiliev nunca perdeu o controle." Quando ele estica o pescoço para olhar para mim, eu me preparo para o pior,

mas ele não vem. "Você sabe o que é ser a ruína da existência de seus entes queridos? A marca negra? A mancha? Você sabe como é decepcionar de forma consistente e irrevogável todos ao seu redor?"

Meu coração dá uma reviravolta peculiar nisso. Talvez porque a resposta seja sim, claro que sim; Claro que todo mundo faz, ou talvez porque a verdade de suas palavras seja muito mais profunda do que isso. Embora nenhum de nós tenha sofrido a doença de Dimitri, compartilhamos seu desespero e todos nos voltamos para a Morte em busca de uma solução - eu, Filippa, até Michal. É claro que Dimitri também se voltaria para ele. E, claro, a Morte aproveitaria usando Dimitri para semear discórdia.

Isso é o que ele quer, eu percebo, olhando de volta nos olhos felinos de Dimitri. Eles se parecem muito com os de sua irmã - como os de Mila também. Uma sensação de chumbo desce em meu peito ao pensar que pode ser isso; Depois de todos esses anos, este pode ser o momento em que sua família se fragmenta irreparavelmente.

"Não traga Célie para isso", diz Michal sombriamente. "Você não vai tirar vantagem dela como fez conosco."

"Aproveitar?" Os olhos de Dimitri se esbugalham. "Você não pode estar falando sério..."

"Como você tem encontrado a Morte?" Odessa abandona o manequim para seguir em frente, os braços cruzados firmemente sobre o peito. Saltando do sofá, Panteleimon abre as penas da cauda e estala o bico de forma bastante ameaçadora enquanto segue atrás dela. "Eu teria notado..."

"Você tem estado um pouco ocupado, Des, e não posso dizer que o culpo..." Ao primeiro beijo cruel do bico de Panteleimon, no entanto, Dimitri pula para trás com uma maldição, olhando para o couro perfurado de sua bota. "Chame a cavalaria, sim? A morte me encontra. Está bem? Ele me encontra, e depois que eu respondo a algumas perguntas - nada nefasto - eu bebo seu sangue. Com isso em meu sistema, a sede de sangue desaparece - desaparece, até. Eu não matei ninguém desde a véspera de Todos os Santos." Ele agarra as mãos de sua irmã. "Depois do que fiz naquela noite, nunca teria voltado sem ter certeza de que estava sob controle total."

A mandíbula de Michal parece prestes a quebrar. "Como se você já tivesse estado no controle total..."

Tão sub-repticiamente quanto possível, eu me curvo para ajustar a bainha da minha camisola, segurando o véu perto do chão e rasgando para cima enquanto me endireito. Não sei por que faço isso, exceto - bem, se este é o momento, Mila deveria estar aqui também. E eu rezo para que ela seja. Eu rezo para que ela esteja aqui o tempo todo, assistindo a essa cena terrível se desenrolar, talvez

procurando um buraco para escapar...

"Eles estão fazendo uma verdadeira bagunça nas coisas, não estão?"

Sentada ao meu lado - ou melhor, flutuando vários centímetros acima da almofada do sofá - Mila dobra as pernas embaixo dela e observa Michal e Dimitri com uma expressão estranhamente distante. Depois de outro momento, ela diz: "Os fantasmas seguiram a palavra da Morte ao pé da letra. A vila das bruxas de sangue se foi - reduzida a cinzas - e metade da floresta com ela. Quando o fogo atingiu Domaine-les-Roses, a polícia alertou um contingente local de Chasseurs, mas eu saí antes que eles chegassem. Ela estava lá, eu percebo com um sobressalto, assistindo o tempo todo. O pensamento traz uma lasca de conforto, de alívio por ela ter ficado fora de vista.

"As chamas me queimaram." Ela estende a mão sem olhar para mim, revelando a ferida opaca que se espalha pela palma da mão. "Eu. . . senti isso", diz ela simplesmente. "Doeu."

Minhas sobrancelhas se achatam com isso - com essa prova incontestável de que o véu entre os reinos está em perigo. Embora eu queira questioná-la ainda mais, para avisá-la de que ela não pode continuar a espionar, eu fico quieto, não querendo alertar os outros sobre sua presença ainda - não enquanto Michal e Dimitri continuarem sua discussão amarga, e não enquanto ela parecer muito. . . Bem longe. É a dor da queimadura que a afeta ou algo mais aconteceu desde a última vez que conversamos? Talvez em sua raiva, a Morte a ameaçou também.

Eu pego a mão dela, apertando-a em uma pergunta silenciosa. Você está bem?

Um pequeno sorriso toca seus lábios e, quando ela fala novamente, soa ainda mais distante do que antes, estranha e desconhecida. "É estranho. . . eles estão com raiva há tantos anos que mal consigo me lembrar deles de outra forma, mas eles não começaram assim. Isso consumiu suas identidades sem que eles percebessem - até que não pudessem mais se ver, muito menos a outra pessoa, através da dor. As palavras ficam presas em sua garganta, como se mesmo agora, ela não suportasse soltá-las. Eu suspeito que eles não são mais sobre Dimitri. Desviando o olhar do irmão, ela diz baixinho: "Eu só queria que pudesse ter sido diferente. Eu gostaria de ter sabido. Parece muito mais tolo deste lado das coisas - ter perdido tanto tempo. Indulgente, até."

Ela se vira para mim e, pela primeira vez desde que a conheci - desde que a viu passar pela porta do meu quarto - ela realmente se assemelha a um fantasma. Uma impressão. Uma sombra de seu antigo eu. "Por que sempre os tratamos da pior maneira? Os que mais amamos?"

E não posso ficar calado por mais tempo.

"Porque podemos," murmuro. "Porque é seguro."

Ela balança a cabeça tristemente. "Não, não é."

Do outro lado da sala, Michal e Dimitri param de discutir ao som da minha voz e ambos se voltam para nós em uníssono. Odessa segue o exemplo. Embora um traço de luz prateada ainda cintile no olhar estreito de Michal, ele parece incapaz de ver sua irmã agora. Muito pouco do meu sangue permanece em seu sistema, e eu - eu não sei como me sentir sobre isso. Pouco importa agora, de qualquer maneira, com Mila puxando a mão da minha. "Você precisa ajudá-los, Célie. Por favor."

"Não é realmente meu..."

"É o seu lugar. É. Michal não é o único que te ama." Apertando meus dedos, ela acena com a cabeça para Odessa e Dimitri, que também parecem ter juntado as peças de nossa conversa; eles vasculham o ar ao redor do sofá em busca de qualquer sinal de Mila. "Você faz parte desta família desde o momento em que pisou na Requiem. Não desperdice como eu fiz."

Eu me levanto com ela. "Você não desperdiçou nada, Mila. Sua dor também importava.

"Talvez" - ela abaixa o queixo em reconhecimento - "mas ele importava mais."

"Célie?" Michal se aproxima cautelosamente e estende a mão. "Mila está aqui? Ela quer falar?"

Eu não aceito, no entanto; com o leve movimento da cabeça de Mila, eu passo por seu braço estendido e envolvo o meu em volta de sua cintura, envolvendo-o em um abraço apertado. "Isso é dela," murmuro contra seu peito enquanto ela desaparece de vista. Ele retorna a pressão após vários segundos tensos, após os quais eu recuo um pouco. "E isso é meu." Subindo até os dedos dos pés, pressiono meus lábios contra os dele, e despejo cada grama do meu arrependimento naquele beijo.

Por que sempre os tratamos da pior maneira? Os que mais amamos?

Michal espera o pior das pessoas.

Todos nós temos.

Capítulo Trinta e Quatro

Um gesto de amizade

Os Chasseurs não encontraram Filippa até três dias depois que ela desapareceu. Seu corpo apareceu nas margens de L'Eau Melancolique - garganta cortada e pele murcha - e um pescador alertou as autoridades locais, que enviaram uma mensagem ao arcebispo. Ainda me lembro do momento em que ouvi a notícia; Eu estava sentado em um canto escuro do quarto da minha mãe, folheando as páginas de A Rainha do Inverno e Seu Palácio sem realmente vê-los. As cortinas fechadas. As velas se apagaram.

Quando uma batida soou na porta da frente, olhei para a forma sombreada de minha mãe. Ela não tinha saído da cama desde que acordou e descobriu que sua filha mais velha havia desaparecido durante a noite. Ela também não se moveu agora, mesmo enquanto a batida silenciosa continuava. Com meu pai viajando a negócios e sem servos na casa, ela deveria ter sido a única a se levantar, se vestir, convidar os convidados para nossa casa. Ela não fez nenhuma dessas coisas, é claro. Em vez disso, ela olhou para o teto com olhos pesados e cabelos emaranhados, sua camisola amarrotada e seus lençóis despenteados.

Doeu muito olhar para ela.

Eu a amava demais para sair.

Toc, toc, toc.

Fechei o livro da minha irmã com cuidado, como se quebrar o silêncio pudesse de alguma forma quebrar nossa mãe também. "Alguém está na porta", murmurei, mas ela não disse nada em troca. Esperei mais um momento, sem saber como administrar a situação com delicadeza. Eu nunca experimentei uma doença como a dela - nunca experimentei uma apatia tão doentia, uma exaustão tão profunda. Por três dias, parecia que alguém havia esvaziado minha mãe e esquecido de enchê-la com outra coisa. Ela simplesmente. . . Existia. "Pode ser notícia de Filippa", acrescentei timidamente.

"E que notícias podem ser essas?"

"Isso - que eles a encontraram."

"Oh? O que você acha que eles encontrarão?" Quando franzi a testa para ela, confusa, ela fechou os olhos como se não conseguisse olhar para mim, mesmo

em sua periferia. "Sua irmã está morta."

Ela falou as palavras com uma aceitação tão plana que eu me levantei abruptamente, tremendo todo, e mandei a Rainha do Inverno cair no chão. Apressando-me para recuperá-lo enquanto a batida continuava, eu disse: "Ou - ou pode ser Pére. Ele pode ter enviado uma carta, ou um - um presente. Ele não envia um há anos, e você está pedindo um símbolo de suas viagens - o colar de pérolas, lembra? E eu pedi um novo livro..."

Levante-se, eu implorei em particular. Por favor, mamãe, saia da cama—

Seu olhar finalmente encontrou o meu, e em seus olhos, o escárnio cintilou. Nojo. As primeiras emoções que vi em dias. "Ele não está vendendo suas mercadorias, sua garota tola. Ele está comprando os de outra - uma prostituta chamada Helene.

Prostituta. Embora eu tivesse ouvido a palavra sussurrada de passagem, nunca a encontrei assim - cuspida no meu rosto como veneno, surpreendente e ácida. Eu recuei dele, dela, piscando em choque e gaguejando, "Mas ele não iria —ele nunca—"

"Saia." Sua voz se esvaziou de todo sentimento novamente quando ela voltou seu olhar para o teto, enquanto a batida, batida, batida continuava escada abaixo. Eu permaneci enraizado no local, no entanto, desesperado para alcançá-la de alguma forma, até que ela retrucou: "Agora".

Então eu fiz.

Ainda segurando aquele livro de contos de fadas, desci as escadas sozinho e abri a porta da frente. Quando vi Reid e Jean Luc parados nos degraus em seus uniformes recém-passados, soube - com uma sensação doentia e arrebatadora no estômago - que minha mãe estava certa. Que isso não era uma boa notícia. Filippa. O nome dela ficou preso na minha garganta, mesmo quando eu o vi em seus olhos. Embora Jean Luc tentasse escondê-lo - desviando o olhar, estudando o padrão de parquet do chão empoeirado - Reid nunca hesitou em cumprir seu dever. Quantas vezes eu segurei sua mão depois que ele deu notícias trágicas a parentes desavisados? Quantas vezes ele desabou sob nossa laranjeira, pálido e abalado, depois de consolar novas viúvas e órfãos? "Eles precisam de alguém para se sentar com eles", ele me disse quando sugeri que um de seus irmãos fizesse o trabalho. "Ninguém gosta de se sentar na dor de outra pessoa - não quando não há nada a ser feito a respeito." Nos meus lábios franzidos e expressão cética, ele me puxava para baixo na frente dele, envolvendo os braços em volta do meu peito e descansando o queixo no topo da minha cabeça. "E não há nada a ser feito sobre o luto."

Eu não tinha entendido então, mas entendi agora.

E quando ele deu um passo à frente para segurar minha mão desta vez, um

zumbido terrível começou em meus ouvidos. Sem uma palavra, ele me levou para dentro do saguão enquanto Jean Luc hesitava atrás de nós. "Célie..." ele começou, mas eu mal o ouvi.

Toda a cena assumiu uma qualidade surreal e de pesadelo, e eu não me sentia mais parte do meu próprio corpo. Isso não é real. Isso não pode estar acontecendo.

Tarde demais, percebi que o livro havia caído novamente. Eu o deixei cair, deixei-o lá na soleira e agora Reid estava me guiando até o degrau mais baixo da grande escadaria. Ele estava ajoelhado na minha frente, esperando que eu encontrasse seu olhar, mas eu não conseguia encontrar seu olhar - porque assim que ele falava, tudo mudava, tudo, mas também nada. Minha irmã teria ido embora e eu ficaria sozinho; Esta sala fria e vazia nunca pertenceria ao seu livro de contos de fadas, e nem nós.

Como se eu tivesse deixado alguma coisa acontecer com você, Célie.

E de repente, eu não suportava ouvir aquelas últimas palavras condenatórias de ninguém além de mim. Eu devia muito a ela. Eu devia tudo a ela - deveria tê-la seguido, deveria tê-la arrastado de volta e trancado a janela - mas me recusei a traí-la agora, encolhendo-me novamente. Minha irmã nunca se encolheu.

Olhando para Reid, eu disse: "Filippa está morta, não está?"

Atrás dele, Jean Luc se mexeu desconfortavelmente. "Talvez devêssemos pegar seu pai..."

"Meu pai não está aqui." Minha voz se aguçou para a ponta de uma faca enquanto eu olhava entre eles - abruptamente zangado, tão zangado - e ousei discordar enquanto a situação voltava à realidade com uma clareza brutal e empolgante. Prostituta, minha mãe havia dito, e a palavra ficou comigo de uma maneira que nenhuma outra palavra fez. Porque minha irmã estava morta, minha mãe estava quebrada e meu pai se foi, inconsciente, brincando com outra mulher enquanto nossa família se estilhaçava como um espelho, distorcendo nossos reflexos. "Ele saiu há mais de uma semana em outro empreendimento comercial, e minha mãe se recusa a sair da cama. Se você trouxer notícias da minha irmã, eu sou o único a contar. Empurrando meus pés, passei por eles até o limiar, agarrei o livro e agarrei-o ferozmente contra o peito. "Então vou perguntar de novo, e imploro que você me responda desta vez: minha irmã está morta?"

Uma batida de silêncio encontrou minha explosão. Então-

"Sim." Reid quebrou a ilusão de nossa família com uma única palavra. "Sinto muito, Célie. Sinto muito."

Eu me recusei a chorar até que eles saíssem uma hora depois, até que a porta se fechou e eu deslizei contra ela, arremessando a Rainha do Inverno do outro lado da sala e amaldiçoando Morgane, amaldiçoando bruxas, amaldiçoando Reid

e Jean Luc, meu pai e sua prostituta, minha mãe e esta casa vazia e esquecida por Deus. Eu até amaldiçoei minha irmã, que foi para onde eu não podia seguir e que eu nunca mais veria.

Acima de tudo, porém, eu me amaldiçoei.

E quando as lágrimas vieram, elas não pararam - nem por um único momento, nem mesmo agora.

Estou tão cansado de chorar.

"Ele quer que briguemos", digo agora a Michal e Dimitri, que ouvem com muita atenção. "A morte quer nos distrair enquanto encontra uma maneira de destruir o véu. Ele não teria mencionado seu arranjo de outra forma. Ele sabia que eu contaria a Michal, e ele sabia o que se seguiria - uma fenda em seu relacionamento, sua família. Antes que alguém possa falar, eu me viro para apelar para Odessa, cuja mão ainda treme levemente sobre a cabeça de Panteleimon. "Eu sei que não posso pedir que você confie em seu irmão novamente, mas você pode confiar em mim em vez disso? Por favor? Esta não é uma luta que venceremos enquanto lutamos entre nós." Na carranca de Michal, acrescento: "Dimitri precisa beber o sangue da Morte, mas talvez possamos usar o acordo deles a nosso favor..."

"Ou poderíamos simplesmente matá-lo", diz Michal.

Dimitri franze a testa, cruzando os braços. "Não acabamos de estabelecer que preciso do sangue dele para sobreviver?"

"Você acha que eu quis dizer a Morte."

"Eu não acho que podemos matá-lo," eu interrompo rapidamente, passando entre eles mais uma vez. "No bosque, suas feridas cicatrizaram instantaneamente, e ele também" - lanço um olhar de desculpas a Michal - "ele se sentiu muito mais forte do que eu. Mais rápido também."

O rosto de Michal endurece. Antes que ele possa falar, no entanto, Odessa pergunta: "Que outros poderes ele possui? O que mais você aprendeu?"

"Não muito." Balançando a cabeça, eu destruo meus pensamentos em busca de qualquer detalhe que eu possa ter perdido, qualquer rachadura na armadura da Morte. "Obviamente, sabemos que ele pode sangrar, mas seu sangue - cheirava antigo, sim, mas também estranhamente como..." Meu olhar se volta para Dimitri, que parece resignado.

"Nossa," ele termina com uma voz sombria. "Eu suponho que tenha algo a ver com a mão dele em nossa origem todos esses anos atrás - provavelmente de onde vem a velocidade e a força dos vampiros também."

Odessa franze a testa, claramente impressionada com a conjectura. "Sim, bem, tudo isso é muito bom, mas a Morte não é uma vampira. Morte é morte.

Em sua verdadeira forma, ele é todo-poderoso, infinito - ele rouba a vida com o toque de seu dedo, colhe almas com o menor fôlego.

"É só isso, não é?" Os olhos de Michal se voltam para dentro, estreitando-se ligeiramente enquanto ele considera suas palavras. "A morte não está em sua verdadeira forma. Se ele ainda possuísse a capacidade de roubar vidas e colher almas, ele não teria feito isso agora?" Embora Odessa abra a boca para discutir, ele balança a cabeça, interrompendo-a. "Não. Pense nisso, Des. Ele tentou ressuscitar La Voisin com o sangue de Célie esta noite. Ao recriar os eventos da véspera de Todos os Santos, ele esperava derrubar o véu..."

Tanto Odessa quanto Dimitri suspiram em uníssono. "O quê?"

"Vou preencher as lacunas mais tarde", diz Michal com firmeza, "mas meu ponto permanece - a Morte disse a Célie que encontraria outra Noiva quando o sangue dela não funcionasse. Não seria mais fácil criar outra noiva? Ele poderia escolher qualquer um."

As sobrancelhas de Dimitri franzem. "E se o poder é o que a Morte quer, por que não simplesmente. . . matar todos? Você sabe, com todo aquele negócio de tocar e respirar que você mencionou. Ele lança um olhar furtivo para Odessa, que revira os olhos e encolhe os ombros sem remorso. "O quê? O véu não precisaria descer se ele colhesse todos nós, e nós cruzaríamos para o reino dele muito mais rápido dessa maneira."

"Eu não acho que ele pode." As palavras caem dos meus lábios como se estivessem esperando o tempo todo - porque a explicação mais simples geralmente é a certa. Se a Morte ainda possuísse grandes poderes cósmicos, ele os estaria usando; em vez disso, ele fez um acordo com minha irmã e criou um exército de fantasmas. Ele assassinou Frederic de forma bastante rudimentar, cortou minha mão com uma faca antes de incendiar a vila das bruxas de sangue em um acesso de raiva. "Ele parece estar preso em algum lugar no meio - parte humano e parte Morte. Não sei se podemos matá-lo, mas sei que vamos nos arrepender se falharmos."

Os olhos de Michal caem na minha mão ferida. "Célie..."

"Estou bem, Michal." Eu escondo atrás das minhas costas, os dedos apertando o curativo. "De qualquer forma, acho que nossa maior chance de derrotar a Morte está em enganá-lo de alguma forma. Manobrando-o. Se pudermos levá-lo aonde ele precisa ir—"

As sobrancelhas de Dimitri franzem. "Qual é onde?"

"A gruta", diz Odessa simplesmente.

Eu deveria saber que ela já encaixaria as peças. Na verdade, ela provavelmente os encaixou muito antes do resto de nós.

Nossos olhos se encontram no tabuleiro de xadrez, e eu aceno com a cabeça,

engolindo em seco a angústia palpável - e raiva - nos dela. Talvez eu tenha pedido demais dela em relação a Dimitri. Ele quebrando o pescoço dela na véspera de Todos os Santos é provavelmente a menor de suas mágoas, e eu gostaria que tivéssemos tempo para sentar juntos nessa dor. Eu gostaria que Dimitri tivesse encontrado uma cura fora da Morte. Eu gostaria que minha irmã não tivesse se alinhado com ele, e eu gostaria que Frederic nunca tivesse aberto aquele buraco.

Chegou a hora, no entanto, de parar de desejar e começar a agir.

"A morte precisa voltar ao seu reino", eu digo, "para a verdadeira terra dos mortos. Frederic criou uma porta - que por sua vez criou o turbilhão - quando ressuscitou Filippa. Não sei por que a lágrima deles é tão diferente da dos outros fantasmas, mas é lógico que podemos reverter o dano que eles causaram enviando a Morte de volta através dele. Só precisamos decidir a melhor maneira de atraí-lo para cá. Alguma ideia?" Quando ninguém fala, quando a tensão só aumenta com o nome de Filippa, eu mergulho para a frente com determinação. "Tudo bem, bem, talvez possamos organizar uma reunião via Mila, ou talvez Dimitri possa organizar sua próxima reunião..."

"—dentro do quarto de Michal? Isso não é nada suspeito." Revirando os olhos, Dimitri finge considerar isso antes de acrescentar secamente: "Embora se você realmente quiser atraí-lo para o quarto, tenho certeza de que poderíamos encontrar uma maneira. Você é a noiva dele..."

"Termine essa frase", diz Michal com uma voz fria, "e eu arrancarei sua garganta". Suas mãos descem sobre meus ombros, e ele gentilmente vira meu corpo em direção a ele. Seus olhos permanecem apertados, no entanto - cautelosos, quase se desculpando - e eu fico tenso, sabendo o que ele quer perguntar. "Como fechamos a porta, Célie?"

Como esperado, o silêncio se tensa, desgastando-se com a pressão de todos que sabem essa resposta. Ninguém quer dizer isso, no entanto; ninguém quer condenar minha irmã a outro caixão - ninguém, exceto Odessa, que franze a testa e diz: "Todos nós sabemos o que deve ser feito, Michal, e dançar em torno do assunto não tornará as coisas mais fáceis. Esta porta pode ser diferente das outras, mas, em essência, ainda é uma lágrima no véu. A única informação definitiva que temos é a que você mesmo entregou - quando um fantasma morre, eles restauram o equilíbrio do nosso reino, e o buraco que eles criaram se repara. Ela desvia seu bispo na diagonal para pegar a rainha de Panteleimon, e eu prendo a respiração, rezando por outra solução. Por favor, por favor, por favor.

Nem Deus nem Odessa ouvem minha oração, no entanto.

"A maneira mais simples de verificar o rei", diz Odessa sem olhar para mim, "é eliminar a rainha. Se quisermos fechar a porta, Filippa deve morrer.

Filippa deve morrer.

Michal amassa levemente meus ombros no silêncio que se segue - me apoiando, eu acho. Talvez porque minha boca se aperte e minhas mãos se enrolem em punhos. Talvez porque eu tenha sido tomado por uma visão repentina de estrangulamento de Odessa. Filippa deve morrer. As palavras reverberam na minha cabeça; eles batem no meu sangue com calor visceral. Ela os falou como se afirmasse o óbvio, como se resolvesse a mais simples das equações, mas não há nada óbvio ou simples em executar minha irmã. Não para mim. "Nós não sabemos disso," eu digo uniformemente. "Filippa não é como os outros fantasmas—"

"- o que não é necessariamente uma coisa boa. Não tenho certeza se o fogo vai funcionar nela." Odessa caminha pelas peças de xadrez com uma expressão inescrutável, puxando um pedaço de pergaminho dobrado de seu manto. Ela o empurra em minha direção e, vendo pouca escolha, eu o abro com os dedos rígidos. Barras de tinta preta marcam mais de uma dúzia de locais em um mapa intrincado de Requiem: a floresta, o teatro, o aviário. O maior X, no entanto, atravessa o castelo. A gruta. Odessa bate nele com uma unha afiada. "Se você precisar de provas, Guinevere tem relatado buracos fechando a tarde toda enquanto minhas sentinelas despacham fantasmas."

As mãos de Michal deslizam pelos meus braços. Ele não se esquiva de mim, no entanto; em vez disso, seus olhos escuros queimam de arrependimento. Eles precisam de alguém para se sentar com eles. "O rasgo que vimos na floresta", ele confirma. "Estava fechado quando eu trouxe você de volta ao castelo. Mathilde estava certa - matar o loup garou consertou.

Emoção aguda e debilitante enfraquece meus joelhos. Ele martela contra a barreira mental que construí - aquela batida familiar e miserável, batida, batida - mas eu barricado a porta com os dedos trêmulos. Não posso abri-lo novamente. Não posso sucumbir à dor, ao desespero, e não posso - não vou - enterrar minha irmã novamente.

Odessa balança a cabeça. "Uma vez é uma anomalia. Duas vezes é uma coincidência. Mais do que isso estabelece um padrão. Uma pausa. "Sinto muito, Célie."

Sinto muito, Célie. Eu sinto muito.

Afastando-me das mãos de Michal, ignoro o olhar ameaçador de Panteleimon e espreito pelo tabuleiro de xadrez, incapaz de olhar para qualquer um deles - nem mesmo Dimitri, que se manteve terrivelmente silencioso ao lado de sua irmã. Embora eu deseje sacudi-lo, eu quis dizer o que disse antes; A morte está tentando nos dividir, e não podemos deixá-lo.

Cada pessoa nesta sala encontrou uma brecha, o que significa que eu também

posso encontrar uma.

Respirando fundo, apelo a cada um deles com os dentes cerrados: "Você manteve seu irmão, Odessa, apesar de sua aflição". Em seguida, gesticulo para Michal, ciente de como ele rastreia cada passo, cada volta do meu calcanhar, seus olhos se estreitaram como se pensassem muito. Ninguém gosta de se sentar na dor de outra pessoa - não quando não há nada a ser feito a respeito. Mical não é do tipo que se senta, no entanto; Ele é do tipo que se deve fazer e, até agora, sempre segurou as cartas. Quase posso ouvir sua mente brilhante zumbindo, planejando, moendo de frustração.

"Você ficou com sua irmã", eu digo a ele. "Ela morreu duas vezes, mas você ainda pode vê-la, falar com ela, como um espírito." Para Dimitri, eu digo: "E você manteve sua vida, para ser franco. Cada um de vocês encontrou uma maneira de escapar da Morte, mas minha irmã não encontrou - até agora. Se houver uma maneira de mantê-la viva, eu vou encontrá-la, mesmo que isso me torne uma garota tola. Eu exalo um suspiro áspero com o insulto de minha mãe, ainda andando de um lado para o outro. "Eu mencionei que minha irmã construiu um palácio de gelo no reino espiritual? Parece exatamente com o que sonhamos quando crianças, e ela mantém as almas de Frederic e Evangeline presas dentro dele. E seu acordo com a Morte? Ela pediu seu filho de volta. Seu bebê. Isso soa como um monstro para você?"

"Sim." Odessa puxa o mapa dos meus dedos cerrados, colocando-o de volta em seu manto com uma valente punhalada de paciência. "Célie, ela aprisionou a alma de seu amante..."

"Porque ela ainda o ama, Odessa," diz Dimitri com um suspiro. "Não é óbvio?"

Eu giro para encará-lo, mal ousando esperar. Embora ele dê de ombros para mim de uma maneira descompromissada - as mãos ainda enterradas nos bolsos - ele também não recua quando sua irmã retruca: "Oh? E ela o amava enquanto assistia a Morte arrancar seu coração?"

Michal se junta a nós no centro do tabuleiro de xadrez agora, vindo para ficar diretamente atrás de mim. "Com a intenção de trazê-lo de volta. Ela sabia que o veria novamente quando a Morte trouxesse o véu. Não foi um adeus para sempre - só por enquanto.

Esse vislumbre de esperança acende.

Capturas.

"Exatamente - e esse é o cerne da questão." Odessa levanta as mãos e olha entre nós, claramente não gostando da direção que nossa conversa tomou. "Ela precisa que o véu desça para se reunir com sua filha e amante. Nossa única maneira de evitar isso é removê-la do conselho. A porta não pode fechar

enquanto ela viver.

Jogando a cautela ao vento, digo: "Ajude-me a encontrar outro caminho, então. Por favor."

Embora ela hesite - olhando para mim com apreensão brilhante, e talvez um toque de obstinação - Michal não o faz. Sua voz ressoa pela minha espinha, e eu tremo com o peso dela. A finalidade. "Claro que vamos ajudá-lo." Virando-me ligeiramente, eu pego o olhar sinistro que ele envia na direção de Dimitri. "Assim como você sempre nos ajudou."

Dimitri revira os olhos. "Para ser claro, essa terrível demonstração de domínio não era necessária. Obviamente eu concordo; Eu sempre iria concordar. Célie é minha amiga." Embora ele se vire para falar comigo, não posso deixar de sentir que ele quer dizer as palavras para outra pessoa. "Se você ainda vai me ter, é claro," ele acrescenta baixinho, abaixando o queixo.

Michal e Odessa compartilham um olhar tenso.

Instintivamente, eu desenrolo o curativo na palma da mão. Três pares de olhos se encaixam na fina linha de escarlate revelada em seu rastro, mas eu ignoro todos, exceto Dimitri. "Tem certeza de que está no controle?" Eu pergunto a ele, acenando com a mão abaixo de seu rosto. "Inspire. Não prenda a respiração."

Ele faz exatamente isso, respirando lenta e comedida. Embora suas pupilas se dilatem ligeiramente com o cheiro do meu sangue, ele permanece à vontade, encostado na torre mais uma vez. Um sorriso triste torce seus lábios. "Tão delicioso quanto eu te acho, mon papillon chérie" - o rosnado baixo de Michal interrompe - "estou no controle total." Ignorando Michal, ele se inclina para mais perto com uma piscadela, mas seus olhos não brilham tão intensamente quanto antes. "E eu prometo não morder a menos que você me peça. Você está perguntando?"

Meus dedos se fecham em torno da minha palma ensanguentada enquanto Michal aparece ao meu lado. "Não," eu digo a ambos bruscamente. Então— "O que você acha, Michal? Vocês podem trabalhar juntos novamente?"

Um músculo penas na mandíbula de Michal enquanto ele olha para seu primo, e seu primo olha de volta. Por fim, Michal acena com a cabeça concisamente e, como um, todos nos voltamos para Odessa. Ela suspira pesadamente antes de balançar a cabeça em derrota, agachando-se diante de Panteleimon para acariciar sua cabeça brilhante. "Suponho que um relógio quebrado esteja certo duas vezes por dia - mas há um relógio e não sabemos quanto tempo resta. Mesmo agora, a Morte pode estar encontrando a resposta que procura."

O movimento soa do corredor do lado de fora e, instantaneamente, nós

quatro ficamos tensos, cada um girando para encarar a porta e ouvindo com atenção. Passos. Esses são definitivamente passos. Tarde demais, meu estômago despenca com a consciência. Esquecemos de manter nossas vozes baixas, esquecemos que todo o castelo - todo o reino - acredita que Michal está morto e eu estou preso. Se alguém nos encontrar aqui, será anarquia - verdadeira anarquia desta vez. Duvido que até mesmo Michal, Odessa e Dimitri possam se defender contra uma ilha inteira de vampiros assassinos. Dimitri amaldiçoa amargamente em concordância, puxando-me para trás enquanto Michal e Odessa dão um passo à frente. À medida que mudam ligeiramente, suas posturas se alargam e a tensão se enrola em seus torsos.

Posicionando-se, percebo em pânico tardio, segurando a manga de Dimitri.

Embora meus olhos se movam para um lugar para se esconder, Michal balança a cabeça como se sentisse minha resposta de fuga. "É tarde demais. Quem quer que seja, já nos ouviu. Fique com Dimitri", acrescenta ele bruscamente, "a menos que eles nos dominem. Se isso acontecer" - agora ele vira a cabeça para encontrar meus olhos, que se arregalam com a malevolência em sua expressão - "Eu quero que você corra o mais rápido e o mais longe que puder. Vá para Mathilde. Ela vai protegê-lo de pessoas como Léandre e Violette até..."

A porta se abre antes que ele possa terminar, no entanto, e não são Léandre e Violette que estão na soleira.

"Paxá?" Odessa pergunta indignada. "Ivan? O que eu te disse? A mãe de Célie não deve ser...

Ela interrompe ao ver seus movimentos rígidos e pesados, e Dimitri amaldiçoa novamente, arrastando-me atrás de um enorme bispo. Com um trinado de medo, Panteleimon desaparece escada acima. Leva mais um segundo para eu entender o porquê - para eu reconhecer as pupilas bocejando e as superfícies nubladas dos olhos outrora cristalinos de Ivan e Pasha, para detectar a podridão que emana de sua pele pálida. Sangue escuro secou nos cortes em suas gargantas; mancha as raposas douradas de seus uniformes de um preto horrível.

Fantasmas.

Inspirando reflexivamente, luto contra a vontade de vomitar. Seu cheiro se mistura com outro, este familiar e herbal e ligeiramente amargo. Não consigo localizá-lo, no entanto - não quando Michal e Odessa convergem, bloqueando seu caminho para a sala. "Você pode nos entender?" Michal pergunta sombriamente. "Você pode falar?"

Ivan levanta as mãos com uma respiração chocalhante. Quando ele fala, sua voz ressoa muito mais profundamente do que na vida, áspera, gutural e

aterrorizante. "Um presente."

Esticando meu pescoço, eu olho ao redor de Dimitri e do bispo para ver o que ele carrega, mas Dimitri me empurra para trás dele novamente com um movimento sub-reptício de cabeça. Pouco importa, no entanto, quando Ivan levanta a mão mais alto no segundo seguinte, revelando o grimório esfarrapado de La Voisin entre os dedos. As páginas foram costuradas ao acaso.

Ivan olha diretamente para mim do outro lado do tabuleiro de xadrez.

"Merda," Dimitri rosna, mas eu já me abaixei debaixo de seu braço e corri em direção a Michal, em direção a Odessa, em direção a Pasha e Ivan e seu presente da Morte - porque só a Morte poderia ter feito isso com eles. Apenas a Morte teria tentado fazer o grimório inteiro novamente.

"O que você quer?" Eu paro entre Odessa e Michal com Dimitri em meus calcanhares, seus dedos apertando a parte de trás da minha camisola. Embora Michal pareça provável que eviscere nós dois, não consigo me importar; Ivan e Pasha não vieram para atacar, ou já o teriam feito. Não, isso cheira a outra coisa - algo totalmente mais sinistro. Eu sacudo meu queixo em direção ao livro preto do mal. "Por que você está me dando isso?"

"Gesto de amizade." O sangue congelou nos longos cabelos negros de Pasha, mas ele não parece notar; ele também não parece reconhecer nenhum de nós. Do bolso, ele tira uma caixa de fósforos. Minha sensação de mau presságio se aprofunda, e dedos frios de pavor percorrem minha espinha, criando arrepios em seu rastro.

"Não aceite, Célie." Os dedos de Dimitri se apertam, contorcendo-se no tecido nas minhas costas. "Aquele livro - nada de bom pode vir dele."

"Eu não acho que temos escolha."

Lentamente, eu alcanço o grimório enquanto Michal e Odessa se preparam, enquanto Dimitri se aproxima tanto que mal consigo me mover para a parede de vampiros ao meu redor. Eu sou um vampiro agora também, no entanto, e com um passo pontiagudo à frente, eu puxo o grimório dos dedos rígidos de Ivan. Estendendo minha outra mão para Pasha, acrescento: "A caixa de fósforos também, por favor. Eu acho que seu mestre gostaria que eu o tivesse.

Pasha e Ivan balançam a cabeça em uníssono, e outra onda daquele cheiro peculiar toma conta de mim com o movimento. Isso queima meu nariz, minha garganta e desencadeia memórias de caixões na barriga de um navio, da silhueta de Michal na gruta enquanto ele me contava sobre sua transição. E na fração de segundo antes de Pasha puxar um fósforo, batendo-o contra a pederneira, eu finalmente o coloco.

Absinto.

Sem uma palavra, ele incendeia a si mesmo e Ivan, e não posso fazer nada

além de assistir - horrorizado - enquanto eles entram em erupção, o fogo lambendo suas roupas, sua pele, antes de desmoronarem no chão em pilares gêmeos de chamas. Michal agarra meus cotovelos quando eu pulo para trás, girando-me para longe deles, enquanto Odessa agarra descontroladamente suas mudas propagadas. Embora ela jogue água dos potes meio cheios sobre seus corpos, não é suficiente. O fogo só arde mais quente, mais alto, até que Dimitri grita e joga um cobertor sobre os dois, mergulhando em cima dele para abafar as chamas. Depois de mais um momento, ele pula para longe também - procurando loucamente por outro meio de salvá-los - antes que a percepção doentia desça, entrelaçando-se na fumaça e nos gritos.

Ivan e Pasha são fantasmas agora. Se apagarmos esse fogo, devemos acender outro; eles não podem viver.

Não se preocupe com a nossa despedida, minha querida. Tenho certeza de que nos veremos em breve.

A mensagem da morte foi recebida.

"Foda-se", diz Michal.

Parte Quatro

O lobo sempre retorna à floresta.
Sempre se volta às raízes.

Capítulo Trinta e Cinco

O Diabo e o Sol

Uma hora depois, Michal e eu nos encaramos em cima de seu edredom esmeralda.

"Não precisamos fazer isso se você se sentir desconfortável", diz ele. "Meu sangue curará sua mão, sim, mas não há razão para você retribuir. Posso me fortalecer de outras maneiras."

Sua voz baixa reverbera pela minha espinha, deixando arrepios em seu rastro, mas depois da ameaça velada da Morte, eu não deveria estar tremendo ao som da voz de Michal. Depois de me debruçar sobre o grimório e não encontrar nada - nem um único feitiço para ajudar Filippa - eu também não deveria estar tão ciente de seu corpo. Temos outras coisas, coisas críticas, coisas apocalípticas, para focar agora. Na verdade, Odessa e Dimitri estão ajudando minha mãe a fazer as malas neste exato momento. Sem Pasha e Ivan como proteção, ela pode permanecer mais no meu quarto. Quando Michal ofereceu esta gruta como alternativa, ela aceitou com uma suspeita falta de protesto, seus olhos se estreitaram na escassa distância entre nós.

Mesmo agora - apesar da palma da minha mão latejante - não consigo pensar além das longas linhas de suas coxas enquanto elas se estendem ao meu lado; Não consigo ver além da largura de seus ombros enquanto ele se inclina contra a cabeceira da cama. Eu realmente apreciei seus ombros até este momento? Certamente eu tenho, mas minha boca fica um tanto seca ao vê-los. Dele.

Minha mãe nunca falou uma palavra gentil com Michal, mas ele ainda abriu seus aposentos para ela. Ele removeu os gatinhos de sua presença, adotando todos os sete para ela e para mim. Ainda posso ouvir a finalidade retumbante com que ele defendeu minha irmã para Odessa, ainda posso sentir sua presença firme nas minhas costas.

Como sempre é.

"Célie?" ele pergunta baixinho.

Deveríamos ter escolhido outro lugar para fazer isso. Como uma banheira fria.

Sacudindo-me mentalmente, arrasto-me de volta ao presente e digo: "Você

viu Pasha e Ivan. A morte não vai parar, e até que decidamos como atraí-lo aqui, seria. . . benéfico para você alimentar também. Para manter sua força", eu esclareço, "e para - para ver o véu também. Pode ser útil. Não temos ideia do que a Morte pode fazer a seguir."

"Isso também é um risco, Célie." Embora Michal fale dessa maneira fria e desapaixonada, posso sentir a tensão irradiando sob a fachada. Seu corpo inteiro se apertou mais do que um arco e, instintivamente, sei que um golpe dos meus dedos vai se soltar - algo entre nós. "Você teve sorte até agora, mas se eu beber de você novamente, o vínculo pode se formar. Você está disposto a arriscar a eternidade com alguém como eu?"

A irritação arrepia meu peito com isso. Alguém como eu. Ele fala como se tal destino fosse repreensível, o pior resultado possível em uma situação repleta de piores resultados possíveis. Mas Michal nunca foi a pior coisa que me aconteceu; em algumas luzes - até mesmo a luz fraca e bruxuleante desta gruta - ele pode até parecer o melhor. Ao compartilhar seu sangue comigo, ele não está apenas curando o corte na palma da minha mão, mas também oferecendo sua força física, sua velocidade, sua proteção na luta que está por vir. E eu-

Eu quero protegê-lo também.

Minha irritação se contrai com a percepção, apertando até que eu esteja quase sem fôlego com isso. Eu quero proteger Michal. Eu faço. Além disso, precisaremos de todas as vantagens contra a Morte, contra Filippa, e isso inclui minha visão. Ainda hesito, no entanto, olhando fixamente para o grimório no meu colo. Tentando pensar em torno da dor profunda e interminável no meu peito sempre que estou perto de Michal. Embora um vínculo inquebrável com ele não pareça mais a pior coisa possível - talvez nunca tenha - eu ainda o perseguiria se não estivesse sob ameaça de morte? Eu ainda iria querer? Eu escolheria?

Eu já fiz uma escolha por mim mesmo?

Esquadrinhando meus ombros, eu me levanto de joelhos e o nivelo com um olhar. "As emoções são a chave, certo?"

Michal acena com a cabeça cautelosamente. "Direito."

"Então. . . Teoricamente, se não sentimos nada um pelo outro, o vínculo não pode se formar?"

"Teoricamente."

Sento-me mais ereto, jogando o grimório de lado e apertando minhas mãos. "Excelente. Parece bastante simples."

Ele pisca como se eu tivesse acabado de falar em línguas. Seus olhos endurecem. Então - assim que eu abri minha boca para perguntar por que, exatamente, aquele sorriso lento está se espalhando - ele se senta também,

inclinando-se para a frente para colocar os cotovelos nos joelhos. Trazendo seu rosto a um suspiro do meu. Eu fico muito imóvel, tentando não notar os anéis de marrom rico e derretido ao redor de suas pupilas. A franja de cílios grossos e escuros.

Seu cabelo sempre foi prateado? O pensamento surge novamente sem permissão enquanto estudamos uns aos outros. Ou já estava escuro? Ele sempre usou preto?

Ele inclina a cabeça como se estivesse ouvindo meus pensamentos, levantando a mão para tocar meu próprio cabelo em uma leve carícia. "Você acha que é simples não sentir?" Eu me forço a acenar com a cabeça. Tentar. Porque a única maneira de nos fortalecermos sem formar isso - esse vínculo permanente é ser dolorosamente honesto. E a dolorosa verdade é que - não importa o quanto eu o queira - não posso realmente escolher Michal enquanto encurralado.

Ele merece mais do que isso.

Minha determinação vacila um pouco, no entanto, enquanto seus dedos se emaranham no meu cabelo, seu polegar varrendo lentamente minha bochecha. "Talvez você esteja certo, bichinho. Talvez seja simples." Uma pausa significativa. "Mostre-me."

Minha barriga aperta quase dolorosamente com o apelido. Animal de estimação. Ele pinga familiaridade, intimidade e algo mais sombrio também. Algo pecaminoso e possessivo. "Sh-Show você o quê?"

"Que você não sente nada por mim." Seu sorriso se espalha com minha expressão vazia. "Deve ser fácil, certo?"

Eu estendo a mão para agarrar sua mão, para afastá-la com uma carranca, mas entrelaço meus dedos através dos dele, puxando-o para os joelhos. Pressionando contra ele. "Certo," eu consigo através de uma garganta muito apertada e muito seca. "Isso é - é apenas para fortalecer um ao outro. Apenas para compartilhar habilidades."

Ele pega minha outra mão também, guiando tanto atrás das minhas costas quanto se inclinando para baixo para roçar um beijo na minha garganta. "Você não sente absolutamente nada?"

"Absolutamente" - eu resisto ao impulso de inclinar minha cabeça para trás, fechar os olhos e desnudar minha garganta até seus lábios - "nada".

Nada, exceto - meu corpo inteiro estremece quando ele gentilmente persuade uma das minhas mangas para baixo, para baixo, para baixo, revelando meu ombro, e Deus, eu quero que ele me morda lá; Eu quero sentir a picada afiada de seus dentes, a lava de sua língua, o peso de seus braços ao meu redor. Nada, digo a mim mesmo ferozmente. Nada, nada, nada...

Ele ri contra a curva do meu pescoço antes de recuar mais uma vez, soltando minhas mãos e puxando sua camisa - solta e totalmente branca - sobre a cabeça. Revelando cada centímetro de sua pele adamantina perfeita. Seu torso achatado, seu peito largo, seus ombros. "Que tal agora?" Na minha expressão atingida, ele enxuga o sorriso com a mão. "Você fez uma verdadeira bagunça da última vez. Mesmo um imortal só tem tantas camisas."

"Eu?" Meus dedos reagem instintivamente, atrapalhando-se para desfazer os botões da meia-noite na minha frente. Pérolas. Uma escolha ridícula - "Foi você quem rasgou meu vestido para me amarrar a uma árvore".

"E não me arrependo de nada." Ele acena com a cabeça em direção ao vestido com um brilho perverso em seus olhos negros. Olhos castanhos, eu me corrijo reflexivamente. Olhos castanhos escuros e sensuais - "Você precisa de ajuda com isso?"

"Não." Com extrema força de vontade, eu me forço a desviar o olhar dele, a desacelerar e desabotoar cada pérola uma a uma, a ignorar como Michal rastreia cada movimento meu com foco predatório. E essa intensidade em seu olhar - essa fome - parece aguçar cada sensação; nunca antes estive tão consciente do meu corpo, do deslizamento liso da pérola, do empurrão deliberado dos meus dedos, da deliciosa fricção contra a minha pele. Com um decote profundo e mangas esvoaçantes - e seda verde tão profunda que parece preta - este vestido é impressionante por si só. Em mim, no entanto - com meu ombro ainda descoberto - parece. . . provocador. Poderoso, até.

Não. Meus dedos ainda enquanto meu olhar se eleva para Michal. Eu me sinto poderoso.

E quando nossos olhos se fecham, um som baixo de aprovação ressoa em seu peito. Ele estende a mão para mim, mas eu balanço minha cabeça, desfazendo o último dos botões lentamente, lentamente, enquanto o vestido desce pelo meu corpo no centro. Com a mandíbula cerrada - os olhos ardendo de contenção - Michal se estica para trás contra a cabeceira da cama para ver enquanto eu encolho os ombros do vestido dos meus ombros e ele desliza pelos meus quadris até os joelhos, acumulando-se contra o edredom. Descobrindo minhas roupas íntimas de seda para seu olhar. Sem espartilho. O decote não permitiria um, mas não consigo me arrepender da escassa roupa que uso. Não quando as pálpebras de Michal ficaram encapuzadas e ele me encara como um banquete para devorar.

Eu engancho um dedo sob a alça da minha blusa, seguindo-o até o inchaço do meu peito, até chegar ao fecho na frente.

Sem uma palavra, eu o desfaço, jogando-o de lado e rastejando para o colo dele.

Seus olhos escurecem e, por vários segundos, ele simplesmente olha para

mim, todo o seu corpo duro e ainda embaixo de mim. Quando eu me inclino para beijar sua bochecha, arrastando meus lábios por sua mandíbula até sua garganta, ele engole em seco, e eu sinto o movimento na minha língua. Eu quero prová-lo. Eu quero prová-lo. Um suspiro suave me escapa enquanto envolvo meus braços em volta de seu pescoço, e Michal parece descongelar com o som; seus dedos sobem pelas minhas costelas como se garantissem que eu sou real - que estou aqui - antes de apertar quando eu mordo sua orelha com impaciência. Porque eu sou real; Estou aqui e-

Eu me afasto o suficiente para encontrar seu olhar, não querendo abandonar meu domínio sobre ele. Saboreando a sensação de seu peito nu contra o meu. O deslizamento frio de nossa pele enquanto ele se mexe ligeiramente, empurrando os quadris para cima. Um raio de calor atravessa meu núcleo com o movimento, e eu acho que quero senti-lo em outro lugar também. A percepção me deixa exausta, sem fôlego. "Você é o homem mais bonito que eu já vi," eu digo a ele, enterrando meu rosto em seu pescoço e descendo, rolando, esfregando, buscando aquela deliciosa fricção em sua perna.

Suas mãos agarram meus quadris quando eu o encontro, e ele me arrasta ao longo de seu comprimento em um aperto brutal. Ofegante, eu me esforço ainda mais, minhas mãos arranhando seu pescoço enquanto a pressão aumenta. "Eu pensei", diz ele com os dentes cerrados, "estamos fingindo não gostar um do outro".

Agora eu inclino minha cabeça para trás, fechando meus olhos contra a visão de seu corpo enquanto ele se flexiona embaixo de mim, enquanto se enrola. A tensão endureceu seu abdômen em aço e seus bíceps se contraem; seus ombros se esticam. "Nesse caso" - mal consigo respirar ao senti-lo - "você também é o homem mais insuportável."

Ele exala um hálito irregular. "Os menos apaixonados."

"Eu nunca penso em você, nunca..."

"Eu nunca imagino você assim", ele rosna. "Acima de mim, abaixo de mim, ao meu redor, seus calcanhares cavando nas minhas costas." Eu suspiro novamente com a imagem, e ele solta meu quadril para agarrar meu queixo. "Olhe para mim," diz ele, e eu respondo sem hesitação, meus olhos se abrindo para encontrar os dele brilhando com calor. "Eu nunca sonho em te abraçar, e nunca fico acordado até o anoitecer, me torturando pela maneira como você diz meu nome - como se você me reverenciasse, como se eu fosse um anjo caído e não o próprio Diabo."

Eu esqueço nosso jogo instantaneamente, voltando a encará-lo. "Você não é o diabo..."

"E você não é o sol."

Ele fala as palavras furiosamente, como se eu as tivesse arrancado de seu peito, e em uma onda de calor, de saudade, percebo o que a confissão lhe custou. E eu percebo o que isso significa - para ele, sim, mas também para mim. Você não é o sol. Talvez eu tenha sido uma vez, e talvez ele não tenha sido uma noite sem fim; Talvez nós dois tenhamos nos tornado criaturas mais sombrias do que éramos antes, ou talvez sempre tenhamos sido assim. O sol e a noite. A escuridão e a luz. Duas almas alcançando uma à outra através do tempo, finalmente se entrelaçando.

Segurando seu olhar deliberadamente, eu afasto meu cabelo para revelar meu pescoço em convite.

Seus olhos fazem a pergunta que sua voz não pode. Tem certeza?

Quando eu aceno com a cabeça, ele ataca sem hesitação, afundando os dentes na minha garganta e rolando nossos corpos, prendendo o meu embaixo dele como ele fez antes. Como ele nunca imaginou. Eu imaginei isso, no entanto - em minhas fantasias mais sombrias, eu me permiti estar com ele assim. Eu me permiti arquear, gemer seu nome, puxar os cadarços de suas calças até que elas se soltassem. Quando eu o toco, ele estremece, segurando meu queixo e pressionando o polegar contra meu lábio inferior em convite. Com ele, lembro-me de outra época - outra vida - e perfuro a ponta como queria fazer em Les Abysses. Eu pego o polegar na minha boca, e eu chupo. Eu alimento. A gruta desaparece a cada puxão da minha boca, e um branco ofuscante irrompe atrás das minhas pálpebras. Um tentáculo de algo se abre no meu peito enquanto nos abraçamos. Hesitante no início, depois mais forte.

Assim que incha com um calor peculiar, no entanto, roubando meus pensamentos - minha própria respiração, sufocando em sua intensidade - passos ecoam escada abaixo atrás de nós. Passos altos. Eles colidem com minha consciência em uma explosão de consciência, e o calor se rompe como uma faixa, desaparecendo da existência entre um passo e o outro. Deixando-me ofegante, estranhamente desolado, enquanto Michal e eu nos separamos, girando em direção à entrada da gruta.

"Se você está fazendo o que cheira como se estivesse fazendo," Dimitri chama, sua voz precedendo-o na sala, "eu sugiro que você termine rapidamente. Madame Tremblay está a caminho com minha irmã enquanto eu falo, e duvido que ela queira ver sua filha dançando a valsa do Diabo com alguém. Ele enfia a cabeça na esquina enquanto eu luto para me cobrir em pânico cego - meu coração afundando como uma pedra - e Michal puxa meu vestido para cima e sobre meu corpo em um borrão de seda verde. Dimitri pisca para nós dois, sorrindo amplamente. "A menos, é claro, que esse alguém seja eu."

Capítulo Trinta e Seis

Filhas preciosas

Bochechas coradas, eu me apresso em apertar meus botões enquanto Michal amarra suas calças, olhos negros piscando para o chão em busca de sua camisa. Ele não cora ou abaixa a cabeça em mortificação como eu; ele não sente a necessidade frenética de preencher o silêncio com tagarelice enquanto Dimitri caminha em nossa direção, sorrindo como um gato com creme.

"Valsa do D-Diabo?" Eu pergunto um toque desesperadamente.

"Sexo, Célie", diz Dimitri novamente. "Quero dizer sexo."

Em um movimento fluido, ele se inclina para agarrar a camisa de Michal e minha roupa de baixo descartada do chão - aquela para meus seios, oh Deus, meus seios - e os joga em cada um de nós. E eu não posso acreditar que isso está acontecendo. Isso simplesmente não pode estar acontecendo, mas meu rosto arde ainda mais quando eu pego o pedaço de tecido contra meu peito sem apoio, usando-o como um escudo contra a sala em geral. Porque eu não sou o tipo de garota que pode ficar sem apoio - não sem que todos percebam - especialmente minha mãe -

Oh Deus. Sua voz ecoa escada abaixo agora, afiada e pontiaguda, seguida por uma resposta irritada de Odessa. Em pânico, meu olhar passa de Dimitri para Michal, que enfia a camisa antes de se mover para ficar ao meu lado com uma expressão resignada, como se estivesse se preparando para o fiasco que está por vir. Mas não preciso que ele fique ao meu lado; Eu preciso que ele fique na minha frente, e eu ignoro seu revirar de olhos quando eu me abaixo atrás daqueles ombros largos. "Devo me esconder também?" ele pergunta secamente. "Talvez os gatinhos possam abrir espaço debaixo da cama..."

"Eu não estou me escondendo. Estou exibindo bom senso..."

"Ah sim", diz Dimitri, muito entretido. "Tudo isso parece extremamente prudente. Sua mãe nunca vai suspeitar de nada, com as colchas amarrotadas e seus vários estados de nudez...

"Cale a boca, Dima," eu retruco.

Em uma tentativa apressada de desabotoar meu vestido mais uma vez, eu me atrapalho com as pérolas, mas meus dedos ficaram grossos e desajeitados.

Embora Michal se volte para ajudar, minha mãe está praticamente sobre nós agora. A qualquer segundo, ela vai invadir a gruta e...

Michal balança a cabeça rapidamente em derrota, puxando o vestido para cima antes de girar para as escadas enquanto Satine Tremblay aparece com um agudo: "Célie! O que diabos você está fazendo?" Ela avança, suas sobrancelhas escuras franzidas enquanto seus olhos astutos varrem a cena. "Saia de lá imediatamente."

Prendendo a última pérola atrás de Michal, eu me encolho e me preparo para encontrar meu destino. Eu agarro a roupa de baixo miserável atrás das costas e rezo fervorosamente para que o verde profundo do meu vestido se esconda - bem, tudo. A agitação pica como agulhas sob minha pele corada e hipersensível e, de repente, luto contra uma vontade irresistível de rir. Que situação absolutamente ridícula para me encontrar. Não é como se eu não soubesse que ela se juntaria a nós em breve. O que eu estava pensando?

Com pouca outra escolha, eu espio minha cabeça por trás dele e a cumprimento com uma valente tentativa de indiferença. "M-Mãe! Olá! Você conseguiu fazer as malas sem interrupção? Alguém detectou você nos túneis?"

Perguntas inúteis com respostas óbvias. Se alguém a tivesse observado, eles a teriam seguido até aqui, e agora estaríamos lutando por nossas vidas em vez de ficar neste silêncio horrivelmente constrangedor. E talvez tal batalha tivesse sido preferível, já que os olhos de minha mãe agora estão se estreitando entre Michal e eu - em minha postura rígida, em sua posição casualmente defensiva - e suas narinas estão ardendo de compreensão.

Então seu olhar astuto pousa na minha garganta.

Droga. Tarde demais, eu bato palmas para o sangue lá - as marcas dos dentes - e gemo interiormente. Odessa não sofre tais escrúpulos. Ela ecoa o sentimento com um suspiro alto e impaciente enquanto desce as escadas atrás de minha mãe, erguendo um enorme baú nos braços e inclinando-o para caber na passagem estreita. Ela, no entanto, não parece nem um pouco surpresa quando minha mãe diminui a distância entre nós com a ameaça de uma tempestade iminente.

"Ah," ela diz sombriamente, os olhos brilhando. "Ah."

"Isso não é-" eu começo impotente.

"Célie Fleur Tremblay, é exatamente isso que parece." Ela aponta um dedo severo para o meu nariz, tremendo de justa indignação e ignorando Michal completamente. "Não insulte minha inteligência fingindo o contrário. Eu concebi dois filhos, você sabe - no casamento", ela acrescenta em voz alta na minha careta, "e os requisitos sórdidos para isso ainda não escaparam à minha memória."

Por favor, eu imploro aos céus, ou talvez aos infernos, deixem o chão se abrir

e me engolir inteiro.

Não faz isso, é claro, permitindo que minha mãe ganhe seu ritmo. Na verdade, ela literalmente começa a andar na nossa frente, pálida e agitada e segurando a gola de seu vestido cor de vinho gasto. "Diga-me, você está preparado para trazer uma criança a este mundo? Você está preparado para gerá-lo, amamentá-lo e criá-lo, dedicá-lo ao Senhor? Esses são os prêmios desses jogos devassos, filha! Eu me encolho novamente. "Não importa o quão atraente o libertino possa ser..." Por fim, ela lança um olhar enojado para Michal, que olha para Dimitri, que tosse para disfarçar seu bufo de riso. "No final, a responsabilidade de tal indiscrição recai sobre a mulher, não sobre o homem. Sem um anel, você arrisca tudo, tudo, para não mencionar sua alma imortal..."

"Os vampiros não podem conceber ou espalhar doenças", diz Odessa categoricamente atrás de nós. "E os filósofos vampíricos há muito debatem se os imortais possuem almas a perder." Para o irmão, ela acrescenta com doçura sinistra, ainda segurando o enorme baú: "Obrigado por ajudar com a bagagem, a propósito. Sempre o cavalheiro, você é.

"Oh, vamos lá, Des." Dimitri acena com a mão errante para Michal e para mim. "Alguém precisava avisar esses dois..."

Mas minha mãe não terminou, esfaqueando o dedo em Dimitri agora. "E você..." Ele tem o bom senso de agir contrito, adotando instantaneamente uma expressão apropriada para o leito de um amigo próximo. "Estou desapontado com você também, jovem. Embora eu espere o pior dele" - ela não se digna a olhar para Michal novamente - "eu esperava mais de alguém de sua fibra moral impecável. Espero sinceramente que você não aprove tal - de tal pré-marital!

Extenuada com o pensamento, ela se dissolve em um ataque de tosse grande e angustiante, e eu reajo sem pensar, dando um passo em torno de Michal para colocar a mão em suas costas. Mesmo através da lã engomada de seu vestido, sua omoplata se projeta bruscamente contra a palma da minha mão. Da mesma forma, o topo de sua coluna - visível apenas abaixo de seu coque - parece se esticar contra sua pele de porcelana. "Você perdeu peso?" Pergunto com uma carranca, momentaneamente esquecendo minha humilhação.

Ela parece um pouco pontiaguda, você não acha?

"Do que você está falando?" Com um último suspiro irritado, ela afasta minha mão e imita a postura impecável de uma haste de aço, tão reta e inflexível quanto as de seu espartilho. "Claro que não. E certamente não preciso lembrá-la da vulgaridade de tais perguntas, Célie. Nunca se comenta sobre o corpo do outro." Ela parece escandalizada com o próprio pensamento, e a resposta é tão completamente minha mãe que eu empurro a voz da Morte de lado, banindo-a para o canto mais distante da minha mente. Ela está bem, eu digo isso

ferozmente. Claro que ela é.

"Minhas mais sinceras desculpas por permitir tal impropriedade, Madame Tremblay." Curvando-se, Dimitri pressiona um beijo casto contra a mão de minha mãe. "Deste momento em diante, vou me esforçar para me tornar o mais diligente dos acompanhantes. Os dois nunca mais se reunirão fora da minha presença, e se o fizerem..."

Minha mãe perdeu o interesse em suas mãos, no entanto; Agora ela olha atentamente para o meu, seu olhar aguçando no pedaço de tecido apertado entre meus dedos. "Célie", diz ela desconfiada, "o que há no seu..."

"Fico feliz em ouvir isso, irmão." Odessa deixa cair o baú a seus pés, sacudindo o queixo em direção à cortina preta que leva ao banheiro. Além dele, um segundo quarto aguarda minha mãe - o quarto anterior de Mila - mobiliado com acessórios simples, mas suntuosos, condizentes com uma rainha. "Você também pode se esforçar para desempacotar suas muitas posses em penitência? Você permitiu a impropriedade, afinal.

Eu poderia beijar Odessa.

Quando minha mãe se inclina - indignada - para verificar se há danos em seu baú, eu rapidamente enfio a roupa de baixo no bolso de Michal, franzindo a testa para ele quando seus lábios se contorcem com uma risada reprimida, desafiando-o a pronunciar uma única palavra. Dimitri abafa outra gargalhada, e eu olho para ele também. Porque isso não é engraçado - de jeito nenhum - e se alguma vez uma pessoa pudesse morrer de humilhação, seria eu. Aqui. Agora. Então, por que estou mordendo minhas bochechas para não rir ao lado deles? De rir.

Minha mãe terá um ataque.

Antes que eu possa sucumbir, Michal dá um passo à frente suavemente, estendendo a mão em direção à cortina. "Você encontrará seu quarto através da passagem, Madame Tremblay." Um sorriso afiado. "Dimitri irá acompanhá-lo, além de guardar seus pertences e cuidar de suas refeições. Deve ser jantar em breve.

"Providenciei a preparação de pão, queijo e vinho", acrescenta Odessa. "Não é muito, e por isso, peço desculpas. O castelo deve acreditar que você é meu prisioneiro, não meu convidado.

Minha mãe funga em desaprovação velada. "Eu entendo perfeitamente."

"Depois de você, madame." Ainda sorrindo amplamente, Dimitri puxa sua tromba para o ombro e a conduz em direção à cortina.

Quando os dois desaparecem no banheiro, Michal retira minha roupa de baixo com um sorriso malicioso, balançando-a na frente do meu nariz. "Eu suponho que você vai precisar disso?" Eu o arrependo dele - engasgando com a mesma risada inexplicável, minhas bochechas coradas e meu estômago

emaranhado em nós - e me viro para vesti-lo o mais rápido possível, bem ciente de seus olhos nas minhas costas. Odessa revira os olhos para o teto.

"Vocês dois terminaram?" ela pergunta, mas Michal balança a cabeça quando eu me apresso em acenar com a cabeça, instantaneamente decepcionado. Ele não parece se importar com a exasperação de seu primo, em vez disso, dá um passo à frente para abotoar uma das pérolas que eu perdi. Seus dedos permanecem no tecido, e um arrepio fresco percorre minha espinha com o leve roçar de sua pele contra a minha. Instintivamente eu inclino meu rosto para o dele, olhando para seus lábios.

"Nem perto", ele promete.

Minha respiração fica presa.

"Oh, chega." Odessa dá um tapa na mão dele antes de estalar os dedos para nós. "Precisamos nos concentrar para descobrir nosso próximo passo. Tudo é difícil o suficiente sem distrações." Ela lança um olhar mordaz para Michal, que a poupa de um olhar fugaz. "Como em você, primo, então limpe esse sorriso ridículo do seu rosto antes que ele se torne permanente." Embora ela fale bruscamente, seus olhos parecem suavizar o que quer que ela veja nos de Michal, e algo não dito passa entre eles. Algo significativo. Ela se pega no próximo segundo, no entanto, balançando a cabeça e plantando as mãos nos quadris. "Guinevere nunca fez check-in esta noite, o que pode funcionar a nosso favor, pois nos dá mais tempo para planejar. Precisamos ser muito cuidadosos, muito inteligentes, ao pensarmos sobre isso; não podemos simplesmente atrair a Morte para cá sem os canais adequados para controlá-lo quando ele chegar." Ela acena com a mão em direção ao turbilhão. "Esta provavelmente será nossa única chance de empurrá-lo."

Como um, nos voltamos para olhar para as águas que se agitam lentamente, exceto - bem, elas não se agitam mais tão lentamente. Até mesmo a corrente de superfície agora parece viciosa o suficiente para engolir um homem inteiro. "Não sei se seremos capazes de pressioná-lo." A dúvida se insinua em minha voz. "Não se ele trouxer algum fantasma com ele, muito menos minha irmã. Precisaremos de algum tipo de distração - sei lá - para aproximá-lo da beira da água.

"Isso", diz Michal, "precisará ser uma distração e tanto".

Odessa acena com a cabeça. "Assim como a isca. Duvido que a Morte se sinta excessivamente ansiosa para retornar ao seu reino se a porta estiver se fechando atrás dele." Ela limpa a garganta. "Falando nisso, tenho pensado um pouco sobre como poderíamos..."

Antes que ela possa terminar o pensamento, no entanto, uma forma prateada atravessa o chão, e eu suspiro ao ver Guinevere, meus olhos pulsando com uma

luz fria. Michal segue o exemplo. Imediatamente, eu sei que algo está errado - as bochechas de Guinevere ficaram opacas e, quando seus olhos encontram os meus, eles se enchem de pânico.

Não.

Com medo.

"Aí está você!" Com um pequeno grito de alívio, ela torce minha mão entre nós antes de tentar me arrastar em direção à escada com toda a sua força. "Célie, você deve se apressar, se apressar..."

"Guinevere? O que é isso?" Apressando-me atrás dela, eu estendo a mão de Odessa para agarrar a mão de uma desnorteada Odessa, mas Guinevere ultrapassou o ponto de coerência. O que quer que tenha acontecido, ela parece incapaz de articulá-lo - ela simplesmente puxa minha mão com desespero crescente, balbuciando descontroladamente entre soluços, até que Michal bloqueia seu caminho no meio da gruta.

"Vá devagar, Guinevere, e conte-nos o que aconteceu."

"É - é - Mathilde!" O nome explode dela em um lamento, e eu quase tropeço quando uma sacudida de choque se acende direto para o mau presságio. De alguma forma, eu sei exatamente o que Guinevere vai dizer antes que ela diga, embora eu nunca tenha esperado que a Morte a encontrasse tão cedo. "Sua cabana - oh, Michal! Sua cabana está - está morrendo, e os fantasmas - DD-Morte -" Ela torce as mãos novamente, arrastando a mim e a Odessa mais uma vez. "Ela disse que não, e ele - ele - oh, você deve vir! Venha agora..."

"Quantos fantasmas, Guinevere?" Odessa pergunta bruscamente.

Embora eu não saiba se os fantasmas podem desmaiar, Guinevere parece correr o risco de fazer exatamente isso. "D-Dezenas e dezenas, talvez mais!" Mais? Meus olhos se estreitam em seu rosto pálido em descrença - nos finos riachos de água escorrendo por suas bochechas. São essas - lágrimas? Michal olha para eles também, mandíbula cerrada, antes de estender a mão para tocar um.

Seu dedo sai molhado.

Mas - não. Não. O que está acontecendo? Fantasmas não podem chorar; eles não têm um corpo para produzir fluido, mas não há como negar a umidade na ponta do dedo de Michal. Atrás de nós, o oceano se debate como se estivesse rindo, e mais três fantasmas emergem no olho do turbilhão. A corrente é forte demais para eles escaparem, no entanto; ele os arrasta de volta para baixo com força brutal.

"Vai demorar muito para chegar ao outro lado da ilha." Com uma respiração profunda e firme, afasto minha mão de Guinevere, que agarra seu pescoço e continua a chorar. "Tanto Filippa quanto a Morte podem - pregar o véu, de

alguma forma, para viajar grandes distâncias." Eu estrago meu rosto em concentração. Tento me lembrar de seu movimento exato, mas a memória do rosto murcho de Mathilde continua se intrometendo, sua risada cacarejante enquanto ela nos servia café. Eu balanço minha cabeça apressadamente para limpá-lo. "A profundidade das pregas deve corresponder à distância entre os locais, mas ele nunca explicou isso corretamente."

Odessa aperta minha mão, seus olhos escuros acesos de apreensão. "Você acha que pode fazer isso também?"

"Só há uma maneira de descobrir." Embora Michal fale comigo, seu olhar volta para Guinevere, que ainda agarra o pescoço como se estivesse dolorida. "A casa de campo de Mathilde fica no canto nordeste da ilha." Então, incapaz de evitar, "Guinevere, você está—?"

"Estou bem - bem!" Ela bate a mão livre histericamente. "M-Mathilde..."

Certo. Certo.

Eu nunca gostei de aritmética, no entanto - geografia, sim, mas meu interesse sempre esteve nos próprios locais, e não na ciência da cartografia. Esses detalhes pertenciam a Filippa, que entendia os números de uma maneira que eu nunca poderia. Filippa. Seu nome age como uma faísca para gravetos, queimando o pânico em meu peito. Ela ajudou a Morte a aprender a viajar através do véu? Ela está com ele agora, aterrorizando Mathilde, ou - ou colhendo seu sangue?

Você deveria ter tirado uma folha do meu livro, pétala, e ficado escondido.

"Célie?" Odessa esmaga meus dedos nos dela, sacudindo-os levemente em frustração. "Está acontecendo alguma coisa—?"

Determinado, eu pego um punhado do véu ao acaso, ignorando o comportamento estranho de Guinevere e me concentrando em cada fibra do meu ser. O véu parece ondular entre meus dedos em resposta, e - quando fecho os olhos para me concentrar nisso - uma sensação peculiar sobe pelo meu pulso até os braços. Um formigamento. Não. Minhas sobrancelhas franzem enquanto contemplo a sensação, que é mais. . . consciência do que qualquer outra coisa. Ou talvez pressão?

Minhas pálpebras tremulam enquanto giro o véu na mão, considerando o peso e a sensação como nunca fiz antes. Minha concentração se estreita para os filamentos individuais, cada fio translúcido, mas em vez de se contrair a esse ponto de foco, o véu parece se espalhar e se difundir sob minha atenção - subindo pelo meu braço agora, pelos ombros e descendo pelo peito, estômago, pernas. Ele se instala em meu corpo - não, nele - como uma segunda pele diáfana, leve como o ar, mas contaminada por uma sensação inexplicável de erro.

O véu parece doente. Muito doente.

Os buracos no tecido - são feridas, chorando suavemente, espalhando doenças pelos reinos e envenenando tudo o que tocam. Tantas feridas, muitas para nós curarmos. O véu está em farrapos ao meu redor, mas ainda tento dobrar o tecido enquanto observava a Morte fazer. Eu prendo as pregas firmemente entre meus dedos. Talvez cada um tenha dez milhas do domínio espiritual. Ou talvez tenha cinquenta. Como Michal disse, não podemos saber até tentarmos, então eu perfuro o pacote com um único dedo, imaginando a cabana de Mathilde e ignorando a fatia de dor enquanto corto para baixo para abrir uma janela.

A água escura nos encontra do outro lado.

Eu fecho a janela rapidamente, murmurando: "Nós fomos longe demais."

Tarde demais, percebo que Michal pisou na minha frente agora, seus olhos extasiados e ansiosos no meu rosto. Eles brilham prata. "Como você sabe?"

"Não parecia Requiem."

Sentimentos nunca foram suficientes para Odessa, no entanto, então quando ela abre a boca para discutir, eu aponto para o céu além da gruta e digo: "Estamos voltados para o oeste, o que significa que acabei de abrir uma janela em algum lugar nas águas entre Requiem e Cesarine. Preciso girar no sentido horário para chegar à cabana de Mathilde - nordeste, lembra?

"Espere." Michal toca minha bochecha antes que eu possa me virar. "Você está bem?"

E eu não posso mentir para ele. "Não", eu sussurro.

Então eu ajusto meu ângulo e tento novamente com menos tecido - cinco pregas a menos, desta vez, e dobradas com mais precisão. Uma dor fresca queima meus sentidos enquanto rasgo o véu novamente, revelando as ruínas de uma cidade antiga. Menos doença aqui. Eu me forço a respirar. Menos buracos. Embora eu nunca tenha visto essas estruturas em ruínas na ilha, elas ainda parecem Requiem. De fato, as ondas atingem a crista e quebram à distância, e traços fracos da brisa cheiram a salmoura, algas, de...

Urze.

"Precisamos ir mais para o sul", diz Michal.

Com grande dificuldade, fecho esta janela também, dando um passo para trás, depois outro. Não consigo explicar a decisão, apenas a frustração roendo meu peito. A crescente fraqueza dos meus membros. Como a Morte faz isso? Como Filippa? Já posso sentir minha conexão com o véu escorregando. Está muito doente, muito quebrado para segurar em minhas mãos por muito tempo.

Ainda assim, uma sensação avassaladora de jamais vu me percorre quando me viro pela quarta e última vez, e mesmo antes de deslizar minha mão pelas pregas, sei que esta janela é a janela certa. Eu apenas sei. Mesmo antes de eu sentir o cheiro das flores do Barba Azul, os ossos, o fedor podre de fantasmas e

terra antiga e Filippa, pêlo carbonizado—

"Célie!" A voz de minha mãe enche a gruta e, juntos, nós quatro giramos para encontrá-la saindo do banheiro - Dimitri arrastando-se impotente para trás - seus olhos arregalados e fixos na lágrima no véu. "O que você está fazendo? O que é aquilo? Onde é isso?" Então, incrivelmente...

"Filippa," minha mãe respira.

Seu rosto drena de todas as cores, e meu coração afunda rápido demais para minha mente seguir. Quando sigo seu olhar, no entanto, lá está ela: Filippa, apenas visível à distância, de costas para nós enquanto seu cabelo preto ondula na brisa da noite. Ela observa calmamente enquanto o chão sob a cabana de Mathilde convulsiona violentamente, enquanto rachaduras profundas aparecem em sua fundação.

Ao vê-la, meu foco desliza e eu pisco rapidamente, desorientado. Embora o rasgo no véu permaneça aberto, minha mãe não deveria ser capaz de vê-lo - nem o rasgo, nem o véu, e certamente não minha irmã traiçoeira além dele. Porque Satine Tremblay não conhece a Morte. Ela não é uma noiva, e eu não a estou tocando de forma alguma, o que significa-

Além da lágrima, um urso ruge com fúria inconfundível.

Tudo acontece em rápida sucessão depois disso: Guinevere avança em direção a D'Artagnan com outro grito, o cabelo prateado de Mathilde brilha por entre as árvores e - com um gemido todo-poderoso - metade de sua cabana se separa do resto. Ele se desintegra direto na terra enquanto o chão da floresta se abre com raízes largas e expostas como dentes enquanto quebram e engolem seu quarto inteiro.

E Filippa-

Filippa cambaleia à beira desse abismo.

Eu não paro para pensar. Eu simplesmente reajo, mergulhando imprudentemente em direção à minha irmã. Michal pega minha mão no último segundo, no entanto, e uma onda de movimento soa atrás dele. Eu ouço em vez de ver Odessa agarrar seu pulso; Dimitri se lançou para a frente para pegar seu cotovelo. Embora minha mãe não possa se mover rápido o suficiente para nos pegar, ela não precisa tocar em ninguém para ver a lágrima.

Não.

Satine Tremblay simplesmente pula atrás de quatro vampiros, caindo de cabeça através do véu.

Capítulo Trinta e Sete

Stardust

Os próximos trinta segundos passam em um borrão.

No instante em que nossos pés tocam o chão da floresta, os fantasmas mais próximos de nós se lançam - três deles - mas Michal, Odessa e Dimitri atacam primeiro. Com eficiência brutal, eles arrancam as cabeças dos fantasmas de seus corpos, seus braços e pernas também, antes de lançar as peças em todas as direções. Há muitos, no entanto, e minha irmã está bem ali-

D'Artagnan ruge novamente, atacando fora de vista com Guinevere montada.

"Vá," Michal rosna para seus primos, sacudindo o queixo em direção aos outros fantasmas. "Espalhe-os."

E eu entendo imediatamente. Espalhe os pedaços. Não temos tempo para despachar adequadamente os fantasmas agora, apenas para debilitá-los, mas tudo isso é secundário. Não importa; Tudo o que importa é minha irmã, que ainda está precariamente perto da borda do mundo - porque é a borda do mundo. O chão à sua frente continua a desmoronar, desmoronando no abismo negro e deixando metade da cabana de Mathilde balançando em sua borda.

"Filippa", nossa mãe respira.

Tarde demais, percebo meu erro, e uma onda de compreensão perfura meu peito - nunca contei à minha mãe sobre Filippa. Eu nunca disse a ela que sua filha mais velha sobreviveu ao túmulo.

Com os olhos arregalados, ela corre para puxar Filippa para um lugar seguro, mas eu estendi um braço para bloquear seu caminho assim que o chão parou abruptamente. Michal fica tenso ao nosso lado quando uma maldição inconfundível surge da cabana. E aquela voz-

Meu estômago aperta de pavor.

A determinação endurece no olhar de Michal quando ele também reconhece a Morte, e - antes que eu possa dizer qualquer coisa, fazer qualquer coisa - ele avança em direção à cabana e salta através do abismo, pousando como um gato na última porta restante. Ele chuta a porta rapidamente, e o pânico sobe pela minha garganta enquanto ele desaparece entre os escombros. Porque - não. Não, não, não. Há apenas uma razão pela qual Michal enfrentaria a Morte por conta

própria.

Ou poderíamos simplesmente matá-lo.

Mas eu disse a ele - eu disse a ele que não funcionaria, e agora - agora ele vai -

Meu coração despenca no chão da floresta.

Antes que eu possa me mover, no entanto, minha mãe agarra meu braço quando Filippa finalmente se vira, e uma legião de fantasmas o segue. Eles descem das árvores em pés silenciosos, seus rostos misteriosos e vazios - aqueles que têm rostos. A carne apodreceu de pelo menos uma dúzia, e seus ossos brilham pálidos e brilhantes ao luar. Oh Deus. É o sorriso cruel da minha irmã, no entanto, que atira um raio de gelo na minha espinha.

"Olá, Célie", diz ela, inclinando a cabeça curiosamente entre nós. "Mamãe."

Com os olhos redondos de horror, nossa mãe olha para Filippa como se fosse um fantasma, demorando-se em suas feições não mais familiares: a grossa fileira de pontos, as sobrancelhas e íris incompatíveis. A pele sem sangue e os longos cabelos negros que brilham tão incongruentemente contra o resto dela. Ainda sorrindo, Filippa estende os braços sob o olhar de minha mãe como se saboreasse seu choque. Seu medo. "Quanto tempo se passou desde o funeral? Mais de um ano, sim?" Se possível, seu sorriso se estende mais largo. Isso puxa seus pontos muito apertados. "Você sentiu minha falta?"

A morte amaldiçoa novamente, e a cabana - estremece, a chaminé desabando sobre si mesma. Embora eu me esforce para ouvir os passos de Michal, não consigo ouvi-lo, e esse silêncio ecoa em minha cabeça como o som de uma marcha fúnebre. Eu me torço para fora das garras de minha mãe, mas Filippa bloqueia meu caminho tão suavemente quanto qualquer vampiro. "Se você entrar, irmãzinha", diz ela simplesmente, "você não vai voltar para fora."

Como se para provar seu ponto, lascas de madeira se estilhaçam no fundo da cabana e uma parede inteira se desintegra. Michal ainda está lá, no entanto; Michal ainda precisa de ajuda. Pisando de igual para igual com minha irmã, eu rosno: "Mova-se, Filippa. Eu não quero lutar com você."

Seu sorriso endurece enquanto os fantasmas se movem com excitação inquieta. "Minha querida irmãzinha, sempre precisamente no lugar errado na hora errada." Ela gira sua cruz prateada preguiçosamente entre os dedos enquanto uma lasca de luar perfura as nuvens acima. Ele brinca estranhamente em seu rosto, lançando suas feições talhadas em nítido relevo, aprofundando as cavidades sob seus olhos e alongando as sombras de suas bochechas. Quando nossa mãe dá um passo involuntário para trás, a satisfação brilha como brasas no olhar de Filippa. "Você está ficando sem chances, minha bela, e eu estou ficando sem paciência."

Eu tenho pouco tempo para teatralidade, no entanto, e minha irmã sibila quando eu passo por ela, pegando meu cotovelo e afundando seus dedos profundamente em minha carne. "Faça de novo", diz ela. "Eu te desafio."

Lentamente, eu olho para o sangue escorrendo do meu braço.

"Filippa, Célie." Nossa mãe empurra entre nós enquanto meus dentes se estendem, mas suas mãos ainda tremem enquanto ela levanta uma para cada um de nós em súplica. Seus lábios pálidos. Seu batimento cardíaco ensurdecedor. "Chega disso, vocês dois. Por favor, eu - eu proíbo vocês de lutar uns contra os outros. Não depois que eu apenas—não depois de nós apenas. . ." Seus dedos se estendem para fora para cobrir a bochecha de Filippa, e seus olhos arregalados percorrem cada centímetro do novo rosto de Filippa. "Você está aqui", ela respira.

O rosto de Filippa se contorce de nojo - seus pontos esticando, puxando - enquanto ela força a mão de nossa mãe em seu peito, força a sentir sua pele gelada, seu coração morto. "Bem? O que você acha da minha pele agora, mamãe? Você se alegra, sabendo que suas filhas permanecerão para sempre jovens? Ou você chora porque eles foram tocados pelo Diabo?"

Nossa mãe pisca com o veneno puro em sua voz e, finalmente, ela parece ver além de sua filha para a mulher por baixo - para a depravação, para a raiva, para as feridas que cortam muito mais fundo do que jamais notamos.

Filippa não para por aí, no entanto. Não. Em vez disso, ela move a mão de nossa mãe para seu ventre morto, dizendo: "Eu terei sucesso onde você falhou. Minha filha nunca questionará meu amor, minha afeição, e nunca a forçarei a assistir enquanto me submeto às minhas circunstâncias, enquanto sucumbo a elas, em vez de ensiná-la a pensar, a falar, a ficar de pé.

Nossa mãe recua em choque - horrorizada - olhando para a barriga de Filippa.

"Diga-me", diz Filippa, com a voz suavizando perigosamente, "o que você fez quando descobriu a infidelidade de Pére? Quando ele desperdiçou seu dote para pagar sua prostituta e cobrir suas dívidas - quando ele desperdiçou nosso dote em seguida? Você já quis atacá-lo? Você já considerou isso?"

Embora nossa mãe tente afastar a mão, Filippa não permite. E Filippa é muito mais forte do que ela agora. "Você - você pede o impossível, filha", diz ela debilmente. "Você sempre tem. Se eu tivesse deixado seu pai, nunca mais o teria visto..."

"Não finja que sua covardia teve algo a ver conosco. Não finja que se importava em ver seus filhos. Você era fraca, mamãe, e eu não sou nada parecido com você.

Maman balança para trás com um som angustiado, e eu arranco a mão de

Filippa de seu pulso. "Você cruzou uma linha," eu digo a ela, mas na verdade, ela cruzou há muito tempo. Embora nossa mãe nunca tenha sido perfeita, ela não merece essa crueldade. "Agora saia do nosso caminho antes que eu atravesse um também."

"Não, Célie, não." Lágrimas escorrendo livremente por suas bochechas, nossa mãe balança a cabeça e agarra meu braço enquanto outra parede da cabana diminui. Meu estômago dá uma guinada. Michal. "Isso não é culpa de sua irmã, e também não é sua. É meu, todo meu, e eu sou tão" - ela enxuga o rosto, tentando endireitar os ombros, para se endireitar sob o olhar fulminante de Filippa - "tão terrivelmente arrependida pela dor que causei a vocês dois. Sua irmã está certa, querida", ela me diz. "Eu tenho sido um covarde. Pior do que um covarde. Fui abençoada com dois filhos extraordinários e nunca fui a mãe de que eles precisavam. A mãe que eles mereciam. Eu falhei com eles a cada passo.

Com isso, Filippa pisca e Maman aproveita sua vantagem, levantando uma mão hesitante para sua bochecha mais uma vez. "Mas como você pode pensar que eu iria chorar?" Seus olhos percorrem o rosto de sua filha, mas nenhum nojo se agita dentro deles. Com um começo, percebo que nunca aconteceu. "Como isso pode ser obra do Diabo quando orei por isso? Para você? Deus me devolveu minhas filhas, Filippa." Ela desvia o olhar para olhar para mim agora, e Filippa pisca novamente. Ela engole em seco, olhando para o perfil de nossa mãe com o mesmo calor abrasador, desta vez como se o tivesse memorizado. "Ele devolveu vocês dois para mim, e eu não vou desperdiçar minha segunda chance."

E embora minha irmã não reconheça a declaração, talvez não possa, ela parece um pouco afetada por ela. À medida que as palavras passam por ela, sua expressão parece mudar, um amolecimento sutil ao redor da boca e dos olhos. Quando ela percebe que eu a estou observando, no entanto, tudo endurece novamente, e eu me pergunto se imaginei a coisa toda.

"E nem eu." Ela dá um passo para trás, entre dois fantasmas - tão semelhantes a eles, mas tão diferentes. "Quer você goste ou não, Célie, o véu está caindo, e se você ficar no meu caminho novamente, eu vou enfiar esta cruz de prata em seu coração."

Embora nossa mãe suspire, eu já tive o suficiente. Eu agarro o colar em sua garganta - envolvo minha mão diretamente ao redor da cruz - e a puxo para mais perto enquanto a dor incandescente empola minha palma. "Acorde, Filippa. Sua filha ainda não nascida não é a única pessoa que você já amou.

"E o homem que você ama?" Outro sorriso pequeno e cruel aparece em seus lábios. "Mesmo que ele sobreviva à Morte, ele nunca sobreviverá a você."

Eu arranco o colar de sua garganta, deixando-o cair aos meus pés.

"Saia do meu caminho", digo à minha irmã baixinho.

"Não", diz ela.

E as apostas - elas se tornaram muito altas, muito preciosas. Nenhum de nós pode parar. As linhas foram traçadas, e quando a Morte ri um momento depois - uma risada alta e cruel, seguida pelo rugido de dor de Michal - eu sei de que lado estou. Reagindo instintivamente, eu me movo rápido demais para Filippa seguir, rápido demais para os fantasmas também, e mergulho no abismo para dentro da cabana.

A fumaça sufoca meus sentidos enquanto me agacho na cozinha, prendendo a respiração e levantando um braço para proteger meu rosto do calor. Meus olhos queimam. Minha bainha fica presa na borda de uma tábua quebrada, mas eu rasgo o tecido e pulo sobre um poço onde a lareira explodiu. O caldeirão de Mathilde está rachado de lado, seu manto meio arrancado da parede e seus crânios de animais esmagados, espalhados pelo corredor.

Queimando. Tudo isso queimando.

Pior ainda, as tábuas sob os pés parecem estar - mudando, dobrando, as paredes também. Rachaduras profundas fraturam o teto enquanto ele se comprime para dentro como um acordeão. Magia, eu percebo com horror. A casa de Mathilde é mágica e, no momento, parece estar se comendo. Mesmo quando eu penso nisso, sua banheira de ferro fundido se inclina em minha direção - eu me abaixo rapidamente - desabando pelo corredor até a sala de estar, que parece ser a boca do feitiço. Ele suga tudo dentro, e eu sigo com um senso letal de propósito, rompendo a soleira para encontrar-

Michal.

Meu peito se agarra quando a banheira colide com suas costas, e seu aperto no pescoço da Morte vacila quando o impacto derruba os dois no chão, que se estilhaça sob eles.

O terror toma conta do meu coração.

Onde metade da cabana caiu, o abismo boceja negro, antigo, insidioso, e os aromas de rosas e fumaça de vela - não, enxofre - sobem de suas profundezas infinitas. Eles se enrolam para cima enquanto Michal cai através das tábuas do assoalho, e a banheira cai com ele - em cima dele, prendendo seus quadris e pernas e deixando-o imóvel. Preso. Apenas a parte superior do corpo permanece visível através da fumaça. Seu rosto, seu peito, seus braços. O último se esforça em direção à perna pesada do sofá para alavancar enquanto a casa continua a desmoronar ao nosso redor. Para queimar.

Precisamos sair daqui.

O que quer que Mical planejasse fazer, ele não pode fazê-lo com as pernas quebradas. Quando me lanço em direção a ele, no entanto - desesperada para

ajudar, para escapar - a jarra de Mathilde racha contra meu crânio. Café fervente derrama sobre meu cabelo; escalda minha pele, derrete minha carne, mas eu giro bem a tempo de pegar a carroça antes que ela bata em mim também, estremecendo de justa indignação.

A morte se levanta com uma amarga maldição. "Essa porra de casa—"

Ele chuta a mão de Michal para o lado enquanto cubos de açúcar flamejantes atiram em sua cabeça, e eu quero atacá-lo também, para rasgá-lo membro por membro como um de seus preciosos fantasmas. No entanto, a situação tornou-se demasiado volátil; A cabana inteira ameaça mergulhar direto em qualquer inferno que o aguarde no fundo desse abismo. Também parece estar - lutando contra nós, de alguma forma, se a jarra, a carroça e os cubos de açúcar forem alguma indicação. Protegendo Mathilde. A presença da Morte pode ter desencadeado esse abismo, mas claramente, sua casa ainda obedece ao seu mestre e não nos quer aqui.

Balançando a carroça com todas as minhas forças, eu a arremesso na parte de trás dos joelhos da Morte.

Ele colide com um estalo doentio e a Morte cai novamente. Não temos tempo para comemorar, no entanto, pois Mical ainda está preso. Embora ele se vire para içar a banheira acima dele - seus braços se esforçando com esforço - suas pernas ficam muito paradas embaixo dela. Quebrado. Quebrado.

Inútil.

O que vamos fazer?

O abismo negro margeia minha visão, até que o mundo ao nosso redor pareça o mesmo. Escuro. Tudo está tão escuro, muito escuro e - e estamos presos. A cabana treme violentamente; ele geme na tentativa de permanecer em pé enquanto olho para a Morte, cujo nariz pinga sangue no sofá. Sua mão se enrola lentamente em torno de sua perna, e ele quebra a madeira com raiva mal disfarçada. "Bem, bem, bem, se não for minha pequena esposa intrometida. Esse foi um tiro bem barato, não foi? Não é muito submisso da sua parte. Não é muito legal."

O pânico ameaça me sufocar, garras afiadas apertando meus pulmões, perfurando meu peito, mas quando o olhar de Michal encontra o meu - feroz e quente - eu corro para frente, forçando-me a permanecer no momento. Assim como ele me ensinou

Escolha algo e descreva para mim.

Cinzas mancham a bochecha de Michal - cinza como um céu noturno tempestuoso - enquanto eu agarro a lateral da banheira - nuvens de marfim em vez de cinza - e juntos, jogamos o ferro fundido no abismo. Ele tenta se levantar, com a mandíbula firme e o rosto branco, mas aquelas pernas não conseguem

segurá-lo. Ele desmaia quase instantaneamente.

Quando eu envolvo meus braços em volta de sua cintura para levantá-lo, ele faz uma careta e balança a cabeça. "A casa não vai aguentar por muito mais tempo. Precisamos correr..."

"Devo confessar" - a Morte espreita em nossa direção com um sorriso duro - "estou ficando um pouco cansado dessas travessuras." Levantando a perna do sofá em sua mão, ele examina sua ponta afiada com interesse, e meu sangue gela com a visão.

Uma estaca.

Um silêncio sinistro desce quando ele pressiona a ponta contra o dedo, tirando sangue, e um sorriso maligno divide seu rosto. Oh Deus. Meus braços se apertam em torno de Michal. Esta não é uma luta que eu possa vencer sem ele, e ele mal consegue ficar de pé. Instintivamente, meus olhos correm em busca de outro meio de fuga, não encontrando nenhum. Nós realmente estamos presos.

A morte sabe disso.

Ele ataca com a velocidade de uma víbora, mergulhando baixo, mas eu antecipo o movimento, atacando para derrubar a estaca de lado antes de mergulhar de lado, ao redor dele. Ele não vai me matar. Eu não vou deixá-lo. Ele pega meu pulso com a mão livre, no entanto. Ele quebra o osso como um galho em seus dedos. Embora estrelas explodam em minha visão e uma dor aguda e debilitante irradie pelo meu braço, eu sufoco meu grito porque essa dor não é nada, nada, para o punho de terror que se apodera do meu coração enquanto a Morte joga minha mão para o lado, enquanto ele traz a estaca para baixo.

Abaixo.

Não para mim, mas para -

Michal se vira no último segundo, e ele mergulha em seu lado em vez de em seu coração.

E agora estou gritando; Estou gritando, e Michal está se curvando para dentro, todo o seu corpo estremecendo, apertando, enquanto a Morte mostra os dentes em um sorriso furioso. "Bem ali entre as costelas. Desconfortável, não é? Inconveniente." Seus olhos brilham quando Michal aperta os dentes, recusando-se a fazer um som mesmo quando a Morte empurra a madeira mais fundo, enquanto ele a torce com força brutal. "Embora talvez não seja desconfortável o suficiente. Vamos ver o que podemos fazer sobre isso, certo?"

A porta da frente passa por nós, o caldeirão, os crânios, a lareira.

No segundo seguinte, o telhado também se abre - ele arranca da cabana com um estrondo estrondoso, e os cômodos ao nosso redor caem com ele, mais rápido agora. Mesmo os móveis de Mathilde não podem lutar para sempre, desaparecendo no abismo.

"Pare com isso! Por favor, precisamos sair—" Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto eu agarro a mão da Morte, mas ele não parece notar. Ele não parece se importar. Em vez disso, ele arranca outra perna do sofá quando ela passa, e meus olhos se arregalam de horror. Não. Não, não, não-

Eu me jogo sobre o peito de Michal enquanto a Morte apunhala a segunda estaca em sua direção, mas a Morte muda com o movimento. Mesmo na minha periferia, a trajetória de seu ataque parece errada, estranha - e direcionada a mim. Para mim, finalmente, e não para Michal, mas a percepção chega tarde demais; paralisa meus sentidos, e não consigo reagir rápido o suficiente, não posso fazer nada além de observar a estaca cair -

A mão de Michal aparece do nada para bloquear o ataque. A morte não hesita, no entanto - sorrindo descontroladamente agora - enfiando a ponta na palma da mão de Michal. Forçando-o direto pelo outro lado. E eu não acho; Eu simplesmente me lanço.

Eu rasgo os tendões do pulso da Morte, rosnando e chutando e jogando-o no chão, mas ele agarra meu cabelo com facilidade. Ele me arranca dele - dos meus pés - e meu couro cabeludo quase se separa da minha cabeça enquanto ele rosna: "Alguns heróis. Que comovente." Então, ainda sorrindo loucamente: "Devo te mostrar o que faço com os heróis, meu amor? Devo mostrar-lhe o que os espera no final?"

Antes que eu possa responder, ele agarra o tornozelo quebrado de Michal e arrasta nós dois para fora.

Embora eu não possa ver minha mãe, ouço seu grito assustado enquanto ele nos arremessa através do abismo, e caímos em uma pilha amassada ao lado de Odessa e Dimitri inconscientes. Eu sufoco um gemido. Filippa os amarrou com correntes de prata, e a pele de seus tornozelos e pulsos fumega levemente, com bolhas e em carne viva. Uma queimadura em forma de cruz brilha na bochecha de Dimitri. Combina com o colar nas mãos entrelaçadas de Filippa.

Também não faz sentido. Dimitri serviu a Morte junto com Filippa, a menos que - meus olhos voem para Odessa, para o corte em sua garganta ainda sangrando livremente - a menos que ele lute para proteger sua irmã. A menos que ele também tenha traçado sua linha na areia. Arrastando Michal para o meu colo, eu arranco a estaca de suas costelas, sua mão, lutando contra a histeria enquanto ele geme, seus olhos tremulando. Não vamos morrer aqui. Mical vai curar. Ele tem que curar-

"Nunca precisou chegar a isso." A morte morde cada palavra, andando de um lado para o outro em agitação enquanto a última cabana de Mathilde desliza para o abismo e toda a floresta fica imóvel. "Nunca precisamos descer a tais hostilidades. Não fui perfeitamente agradável?" Ele gesticula

descontroladamente para os fantasmas, para Filippa, como se esperasse que cada um acenasse com a cabeça em concordância feroz, mas nosso público permanece estranhamente silencioso. Eles não o reverenciam. Eles simplesmente o observam, com os olhos vazios, e aguardam seu próximo comando.

Exceto Filippa. Ela fica ao lado de minha mãe trêmula e me observa.

A morte não presta atenção a nenhum de nós, no entanto. Ele abre os braços, seus passos se alongando enquanto sua agitação se abre em raiva total. "Eu não pedi gentilmente? Não pintei um retrato suficientemente persuasivo? Todos se beneficiam quando o véu cai - todos - mas de alguma forma eu sou o vilão dessa história miserável. E como posso ser de outra forma quando os heróis são tão insuportáveis? Quando eles se recusam a ver minha visão?" Sem aviso, ele agarra o fantasma mais próximo, e ele não se move enquanto ele arranca a cabeça de seus ombros. Minha mãe grita, e eu uso a distração para rasgar minha manga, para cortar minha mão na borda da corrente de Dimitri. Embora um lampejo fantasma de prata apareça perto do abismo, eu apressadamente abaixo minha cabeça, ignorando-o, e me curvo para sussurrar freneticamente no ouvido de Michal.

"Beba." Eu forço meu sangue em seus lábios, e ele geme, seus olhos se abrindo. "Tudo vai ficar bem. Apenas beba, cure e...

"Oh, eu não sei." A morte chuta minha mão para o lado com prazer selvagem. "Não tenho certeza se tudo vai ficar bem. Eu ofereci a você uma escolha, afinal, e você escolheu mal. Agora todos nós devemos sofrer as consequências de suas ações." Agarrando seu pé, eu afundo minhas unhas em sua bota e tento puxá-lo para fora de equilíbrio, para arrancá-lo no chão. Em vez disso, estremeço quando ele agarra minha garganta. Não devo quebrar, no entanto; Eu preciso distrair-

"Nós nunca vamos escolher você." Eu me agarro em seu aperto, ofegante enquanto seus dedos se apertam. Enquanto eles ameaçam esmagar minha traqueia. "Você disse isso - você mesmo. A verdadeira morte é - equilíbrio, perspectiva e - paz. Eu rabisco em seu pulso para atrair seu olhar, para atrair todos os seus olhares enquanto aquele flash de prata se solidifica, aproximando-se. "A promessa de vida. De significado. Não é - nosso inimigo. Você é. Nós nunca vamos - servi-lo. Nós nunca vamos ajudá-lo a corromper - este reino.

Em vez de rosnar como eu esperava, em vez de mostrar os dentes e sufocar a vida de mim, a Morte acena solenemente. "Eu acredito em você", diz ele.

Então ele me joga no chão e arranca a estaca abandonada da grama. "Essa consequência é sua, mon mariée."

Há muito o que compreender neste momento, e é como se segundos piscassem e caíssem como estrelas no céu noturno. Imagens passam diante de

mim. Morte. A estaca. Michal. Mas não consigo entender - não vou entender - a implicação do aperto da Morte, dos olhos de Michal se arregalando, da grama e lama sob minhas unhas enquanto eu subo para frente, mais rápido, mais rápido, enquanto minha garganta queima e o sangue ruge em meus ouvidos. Não, não, não, não. Não.

Eu preciso alcançá-los. Mical não pode morrer. Não ele. Nunca—

"Chega." O fantasma prateado atravessa o gramado, agarra o pulso da Morte e derruba a estaca. Ele pousa ao meu lado, rolando contra minha coxa quando finalmente chego a Michal, e eu o lanço o mais longe que posso na floresta. Ele desaparece de vista e Mila sorri.

Mil.

Ela não nos deixou sozinhos. Ela salvou Michal, e agora ela - ela - eu franzi a testa, olhando para a mão que ela segura sub-repticiamente atrás das costas. Com o menor movimento, ela gira o dedo indicador em um pequeno círculo antes de olhar para mim, e algo em seus olhos me lembra de outra época. Outro lugar.

Realmente, porém, o que você espera quando reprime suas emoções? Eles têm que ir a algum lugar eventualmente, você sabe, e este reino é bastante conveniente.

Ela gira o dedo novamente e, de repente, eu entendo. Ela quer que eu rasgue o véu. Ela quer que escapemos por isso, para nos dar uma vantagem. Uma chance. Eu agarro a mão de Michal, apertando-a uma vez em segurança. Porque talvez isso realmente fique bem. Podemos libertar Odessa e Dimitri, lutar contra os fantasmas, salvar minha mãe e. . . e...

Meu coração se contrai dolorosamente em meu peito enquanto o pensamento murcha. Como ele morre. Com alguma sorte.

Quando eu tive sorte?

"Você vai deixá-los em paz." Mila fala as palavras com calma, confiança, seus cabelos esvoaçando na brisa enquanto rosas e enxofre engrossam o ar. Ela mantém a cabeça erguida e flutua acima da Morte, olhando para ele como a monarca que ela teria sido - como uma rainha, régia e destemida. "Embora você ainda não tenha pedido nossa opinião, aqueles de nós que existem entre os reinos dos vivos e dos mortos acham que você é horrivelmente, terrivelmente" - ela se aproxima a cada palavra até que o olhar da Morte se estreite - "inconcebivelmente horrível. Você realmente considerou como será este reino sem você? Como será qualquer reino sem você?"

"Os reinos me terão..."

"Não, eles não vão." Ela afasta uma mecha de seu cabelo com óbvia familiaridade, colocando-a atrás da orelha e arrastando os dedos pelo queixo. O

movimento é estranhamente. . . sensual, e seu olhar escurece em resposta. "Eles já estão perdendo você. Por que mais você acha que tudo está quebrando - o véu, as bruxas, o mundo?

Ele acaricia a mão dela em seu rosto, um sorriso lento se espalhando por seus lábios, e eu sinto a mudança como um raio na minha barriga, o terror me atingindo em ação. Eu engancho um dedo rápido no véu perto de seus pés. Concentrando-me naquela primeira lembrança de Mila - no fantasma risonho que valsou pelo meu corredor - começo a rasgar, mas uma bota dura esmaga minha mão.

"E isso", diz a Morte, "foi seu aviso final".

Michal se levanta. "Mila, corra..."

Por apenas um instante, acho que ela pode escapar, mas esse instante passa quando a Morte mergulha a mão dele direto em seu peito até o lugar onde seu coração deveria estar. Mas... seu coração não está lá; ela é um fantasma, é claro que ela não tem um. Ela sorri para ele, erguendo as sobrancelhas em vitória - e então ele cerra o punho. Seu aperto aperta em algo brilhante, mais brilhante do que o resto dela, mais quente também, e ela engasga de surpresa.

"Isso é interessante." A Morte inclina a cabeça, intrigada, enquanto ele examina a mão no peito dela. "Isso é muito interessante."

Michal levanta a cabeça. "Deixe-a ir..."

A morte o ignora. "Querida pequena Mila, minha eterna donzela", ele ronrona contra seus lábios, e sua vida - ou o que resta dela - irradia entre seus dedos. "A terceira vez será o charme? Certamente você já percebeu que algumas memórias, mesmo impressões de memórias, é melhor deixar esquecidas. Ele torce a mão e ela cai de joelhos diante de Michal, que tenta desesperadamente alcançá-la. Eu me levanto, preparando-me para rasgar a Morte membro por membro, mas Mila não se encolhe ou chora. Em vez disso, a resolução queima em seus olhos.

Não há medo lá. Apenas aceitação.

Ela olha para Michal, seu olhar tão infinito quanto os mares, os céus e os próprios céus. Ela parece, e ela parece, como se nunca fosse parar de procurar. "Eu te amo, irmão. Eu sempre te amei e ainda vou te amar depois que eu me for."

"Não..."

"Está na hora."

Oh Deus. Não Mila. Não Mila. A garota que me ensinou a ver o escuro, a primeira que me desafiou a não temê-lo. O fantasma que segurou minha mão e ficou. Ela sempre ficou.

Ela não pode sair agora.

Eu luto pelo véu, agarrando-me aos vapores, forçando minhas emoções à superfície enquanto rasgo e rasgo. Talvez eu possa rasgá-la para trás, ou. . . ou empurrá-la através dele. Talvez eu possa salvá-la como ela sempre nos salvou. "Eu nunca deveria ter culpado você, irmão", ela sussurra. Embora as lágrimas escorram pelas bochechas de Michal, ele se inclina para a frente para pressionar um beijo furioso em sua testa. "Do ponovnog susreta."

Ela sorri.

E a Morte cerra totalmente o punho antes de arrancar a luz do peito de Mila. "Que comovente", diz ele, e a existência de Mila implode em poeira estelar ao nosso redor.

Capítulo Trinta e Oito

Os pecados de outra pessoa

Não consigo pensar no rescaldo, na grande divisão. Eu não posso existir. Porque antes havia Mila, e agora não há. Com o peito arfando, eu agarro a grama na tentativa de me orientar, mas a Morte pisa em meus dedos enquanto ele passa. "Venha", ele diz à minha irmã. Minha irmã, cujas últimas palavras ainda soam na minha cabeça. "Mathilde claramente escapou. Estamos saindo."

Ele hesita ao lado de Dimitri antes de se agachar para bagunçar o cabelo. "E obrigado pela dica, Dima. Esta viagem foi mais "- ele lança um olhar arqueado para onde Mila costumava ser - "produtiva".

À medida que a Morte se levanta, Dimitri começa a se mexer.

Não. Dima.

Obrigado pela dica, Dima.

Eu fecho meus olhos em derrota, deixando as palavras tomarem conta de mim. A traição.

Dimitri contou à Morte sobre Mathilde.

De repente, a percepção é demais. É tudo demais - Dimitri, Mathilde, Filippa. Filippa. Minha cabeça se levanta e eu olho para minha irmã angustiada, incapaz de tocá-la. Incapaz de alcançá-la. Incapaz de deixá-la ir. As palavras saem da minha garganta, espontaneamente, e minha voz quebra em um apelo. "Não vá com ele. Por favor."

Filippa olha para trás, hesitando por um segundo a mais enquanto nossa mãe chora ao meu lado. "Pip," eu respiro. E por apenas um instante - uma batida cruel e vacilante do coração de nossa mãe - acho que ela pode ouvir. Acho que ela pode ficar.

Então ela se vira e segue a Morte através do véu.

Maman cai de joelhos enquanto os fantasmas vão com eles, e eu caio com ela, embalando-a em meus braços e acariciando seu cabelo desgrenhado. Ela se sente tão fraca. Tão frágil. Enquanto Michal luta para libertar seus primos, ela explode em outro ataque de tosse estridente. Do choque, digo a mim mesmo. Só do choque.

Dimitri se agacha ao nosso lado no momento seguinte.

Apesar de seu papel nisso, eu permito que ele puxe minha mãe para cima. Talvez porque seus tornozelos e pulsos ainda estejam vermelhos e, para curá-los, ele deve se alimentar de alguém que não é a Morte. Talvez porque sem o sangue da Morte, ele os machucará. Ele vai matá-los.

"Sinto muito," eu sussurro em vez disso, sem saber o que estou pedindo desculpas.

Ele balança a cabeça. "Eu não mereço sua compaixão, Célie."

"Dimitri..."

"Mila se foi por minha causa. Eu deixei escapar sobre Mathilde, e agora - agora Mila se foi. Sua expressão se enche de repulsa. Com completa e absoluta auto-aversão. "Eu deveria ter morrido em vez disso."

Atingida, eu estendo a mão enquanto ele se afasta, mas antes que eu possa pegar sua mão, minha mãe diz: "Ele a teria levado de qualquer maneira. Você não pode se culpar pelos pecados de outra pessoa. Temos o suficiente para suportar.

"Você deveria ouvi-la." Acenando com a cabeça para Dimitri, Michal roça os dedos nas minhas costas enquanto ele e Odessa se juntam a nós. Embora suas pernas tenham cicatrizado, o sangue ainda escorre da ferida em suas costelas; mancha sua camisa, escorre por sua mão. São seus olhos, no entanto, que atraem meu olhar - preto carvão e vermelho com bordas, brilhando com propósito. "Precisamos sair", diz ele baixinho, "antes que o sangue atraia outros para este lugar".

"Você pode levar minha mãe de volta para o castelo?" Pergunto a Dimitri. "Por favor?"

Odessa enxuga as lágrimas antes de se virar para Michal. Eles ainda esculpem rastros na fuligem em suas bochechas, brilhando nas brasas moribundas do fogo. "Vocês dois também não deveriam ficar aqui. É muito perigoso."

Levanto sua mão ferida, examinando os pedaços de madeira ainda na ferida. "Nós o seguiremos em um momento."

Quando ela ainda hesita, Michal aperta seu ombro e um entendimento tácito passa entre eles. E acho que também entendo; Se esta noite provou alguma coisa, é que o futuro nunca é garantido. De fato, quanto mais fraco o véu se torna, mais forte a Morte parece crescer, e nenhum de nós sabe quanto mais este reino pode aguentar.

Nenhum de nós sabe o que acontecerá quando finalmente quebrar.

Relutantemente, Odessa acena com a cabeça, avançando para beijar nossas duas bochechas. "Apenas - não seja visto. Por favor." Para minha mãe, ela diz, não indelicadamente: "Você pode ficar de pé, madame?"

A atenção de minha mãe se desviou, no entanto, e ela parece não ouvi-la. Em vez disso, ela olha para o lugar onde Filippa desapareceu com a Morte, e parece que ela está desaparecendo agora também. Seu queixo treme. Seus joelhos tremem.

"Mamãe?" Pergunto timidamente, temendo sua resposta.

"Eu a deixei sair", ela sussurra. "Eu a deixei sair de novo."

E pela primeira vez desde que Filippa escorregou pela janela do nosso berçário, percebo - talvez - que não sou o único que me culpou. "Temos o suficiente para suportar, mamãe", repito suavemente.

Ela não responde, e Dimitri delibera apenas um segundo antes de acenar com a cabeça propositalmente e varrê-la em seus braços. "Fique seguro", ele nos diz, e segue atrás de sua irmã.

Ao contrário de Filippa, minha mãe não olha para trás.

Um impulso agudo de seguir me enche enquanto os vejo partir - não para cuidar de minha mãe como fiz antes, mas simplesmente para ficarem juntos. Parece muito mais tolo deste lado das coisas - ter perdido tanto tempo. As palavras doem quando penso em Mila, quando penso em Michal, e com elas, uma exaustão profunda desce. "Nunca vai ficar tudo bem, não é?"

"Eu não sei."

Ele me puxa contra ele, e sem palavras, eu ofereço meu pulso. Porque ele está ferido e está sangrando. Porque não podemos voltar ao castelo até que ele esteja curado. Mesmo assim, não podemos ser vistos, não podemos ser pegos - nem pelos vampiros, nem pelos fantasmas, nem pela própria Morte, que ainda perambula pela ilha em busca de Mathilde. E talvez nada fique bem novamente.

Balançando a cabeça, Michal me leva mais fundo na floresta. "Venha comigo."

Capítulo Trinta e Nove

Por favor, fique

O vapor acaricia meu rosto nas ruínas de uma antiga casa de banhos. Ele enrola meu cabelo enquanto me sento ao lado de Michal na beira da água - uma fonte termal em torno da qual eles construíram toda a aldeia. E por eles, quero dizer Mical.

Michal e sua família.

Além da cabana de Mathilde, além da floresta circundante e seus campos de urze, fica a praia que ele uma vez me mostrou à distância. As ruínas que vislumbrei anteriormente enquanto viajava pelo véu. O local onde Michal, Mila, Odessa e Dimitri pisaram pela primeira vez em Requiem e, aparentemente, onde construíram suas casas juntos. Procurei uma fuga, disse-me Michal, perdido nas memórias daquela época há tanto tempo. Um novo começo. Reconheci aquelas flores como um sinal de esperança para minha irmã e primos.

Agora ele me trouxe aqui também.

"Este lugar. . . é incrível", digo a ele, engolindo em seco e olhando para os murais esculpidos das paredes ao nosso redor, as espirais esculpidas à mão dos degraus que levam à primavera. Minhas próprias mãos apertam e abrem o tecido amontoado da minha saia enquanto eu deslizo meus pés na água. Este lugar é lindo. Quieto. Pacífico. "Eu não sabia que você poderia fazer coisas assim."

Uma sombra de sorriso toca seus lábios. "Meu pai me ensinou." Então, cutucando meu joelho com o dele, "Nem todo mundo cresce na aristocracia, animal de estimação. Alguns de nós precisavam usar as mãos."

Eu o conserto com um olhar redondo. "Nem todo mundo cresce com um pai para lhes ensinar coisas."

Instantaneamente, me arrependo da farpa, mas Michal apenas ri baixinho e diz: "Touché".

E por alguma razão, sua risada alivia a tensão em meus ombros mais do que sua pena jamais faria. Não é engraçado, é claro, mas temo que possa sufocar sob o peso desta noite, e Michal parece entender. "Por que você deixou este lugar?" Eu pergunto a ele. "Como foi que isso aconteceu" - eu aceno com as mãos para a pedra em ruínas, o musgo rastejante, o sal com crosta na porta - "abandonado?"

"As tempestades são piores deste lado da ilha." Ele pega minha mão em um gesto quase subconsciente, passando o polegar pelos meus dedos. Traçando as linhas da palma da minha mão. "Cortesia de uma certa Ysabeau le Blanc - outra parente de seu amigo e uma ex-amante rejeitada de Dimitri. Fomos forçados a nos mudar quando as ondas dizimaram metade da aldeia.

"Ele nem sempre amou Margot, então?"

"Margot é humana, Célie. Ele amou muitas pessoas antes dela, e ele amará muitas depois dela também. Essa é a maldição da imortalidade." Um suspiro pesado. "Para ver nossos entes queridos nos deixarem." Embora minha garganta ameace se contrair novamente, Michal balança a cabeça com tristeza e pressiona um beijo na palma da minha mão. "Não que Dimitri tenha sido um modelo de fidelidade. Ele se apaixona um pouco por todos que conhece."

"Ele não se apaixonou por mim."

"Só porque eu teria separado a cabeça dele dos ombros. Eu ainda posso", acrescenta ele com um olhar descontente, "se ele continuar propondo a você".

Eu o ajudo a aliviar a camisa ensanguentada sobre sua cabeça, jogando-a de lado para queimar mais tarde. Não queremos atrair mais ninguém para este lugar. "Ele só faz isso para ficar sob sua pele - um mal necessário, eu acho, pois ele parece ser o único que pode."

"Mila também poderia", diz ele melancolicamente e, para minha surpresa, ele sorri novamente. "Você deveria tê-los ouvido quando eles se reuniram. Eles foram absolutamente implacáveis. Odessa e eu nunca tivemos chance. E eu gostaria de poder ter visto; na verdade, eu gostaria de ter caminhado pelas ruas arenosas desta vila com Mila, poderia ter tomado banho de sol na costa com Odessa e Dimitri. Eu gostaria de ter assistido - não, ajudado - Michal a criar um refúgio tão seguro, longe da doença de sua infância. Mais do que tudo, eu gostaria de tê-los conhecido antes, bem - todo o resto.

Desabotoando minha capa, rasgo uma tira do forro interno, curvando-me para mergulhá-la na água.

"O que você acha que aconteceu com ela? Mila?"

Michal fecha os olhos enquanto levanto meu manto úmido, lavando suavemente a fuligem de suas bochechas. "Eu não sei", diz ele depois de um longo momento. "Eu não acho que podemos saber."

"Onde quer que ela esteja, espero que ela tenha encontrado paz." Ele dá um aceno conciso, e meu olhar desliza para seu torso, para a ferida raivosa ainda estilhaçada com pedaços de madeira, antes de deslizar para sua mão ferida. Eu desenrolo seu punho timidamente, e ele faz uma careta quando eu começo o doloroso processo de limpá-lo. "Sinto muito que isso tenha acontecido, Michal," eu sussurro no silêncio.

Seus olhos se abrem. "Eu também."

Meus dedos ainda estão na palma da mão, e ele encontra meu olhar com um brilho duro e amargo no seu. "Não pelo motivo que você está pensando. Embora possa parecer cruel, não lamento que minha irmã finalmente tenha seguido em frente. Isso era o que ela sempre quis. Eu a forcei a se tornar eterna quando a alimentei com meu sangue todos esses anos atrás, e é por isso que sinto muito. Porque eu tirei a escolha dela, assim como tirei de você."

"Michal." Eu pressiono a palma da mão na minha bochecha, dando um suspiro de alívio quando, livre da madeira, sua pele finalmente se fecha. Como ele cura. "Fui eu que hesitei. Eu nunca te disse, mas na gruta, eu - eu tive a chance de seguir em frente. Aquela luz dourada apareceu - eu sei agora que era a Morte - mas eu o ignorei porque não podia deixar meus amigos. Eu não poderia deixá-lo."

Ele balança a cabeça. "Você merecia mais do que esta vida."

"Diz quem?" Pergunto ironicamente. "Você?"

"Sim. Eu." Ele desliza a mão para a minha nuca, puxando-me para mais perto para olhar diretamente nos meus olhos. Não. Só para me abraçar. "Fui eu que te condenei a uma eternidade de sofrimento. Eu sou o único que agora deve assistir, impotente, enquanto você reivindica meus erros como seus, enquanto você lentamente começa a se odiar em vez de me odiar. E eu ainda sou um covarde" - ele cospe a palavra como uma maldição, incapaz de ver a verdade - "um covarde egoísta porque você não foi feita para o vampirismo, Célie, e eu sabia disso. Eu sabia que isso machucaria você mais do que machuca o resto de nós - caçar, alimentar, prejudicar outra criatura viva. Inferno" - ele me solta abruptamente, arrastando a mão pelo cabelo esfarrapado - "dói machucar os mortos também. Mas eu não me importei. Quando vi você morrer na véspera de Todos os Santos, não parei para pensar; Eu não poderia deixar você ir."

"Isso não faz de você um covarde, Michal," eu digo suavemente.

Ele exala uma respiração áspera. "E eu ainda não faria, se tivesse que fazer tudo de novo. Eu ainda te transformaria em um vampiro para mantê-lo para sempre. Se isso não lhe diz o tipo de homem que sou, não sei o que dirá."

"Talvez para sempre não pareça mais tão assustador."

"Petite menteuse." Embora ele zombe e se mova para ficar de pé - para escapar, para se esconder - eu pego seu braço e me levanto com ele, recusando-me a permitir qualquer distância entre nós. Seu corpo inteiro estremece com o toque, e ele gira com força - olhos brilhando - antes de esmagar sua boca contra a minha. "Você é tão linda," diz ele ferozmente, puxando para trás o meu suspiro e segurando meu rosto em suas mãos, "mas você não precisa mentir mais. Não há nada que você possa dizer que me afaste de você.

Sem fôlego, eu agarro seus pulsos e olho para ele, desejando que ele me beije novamente. "Não estou mentindo, seu cretino insuportável." Minhas mãos deslizam de seus pulsos para sua cintura, e eu envolvo meus braços em volta dele. Eu me forço a admitir a verdade - toda a verdade desta vez, em vez de apenas as peças convenientes. "Quando acordei em Cesarine, você não estava lá, e eu pensei que não... que você pode não querer..."

Ele engole em seco como se estivesse dolorido, e seu toque suaviza, embalando meu rosto como se eu fosse algo precioso. Algo que ele ainda pode perder. "Lou disse que você queria ir. Depois do que fiz, não suportava a ideia de forçá-lo a ficar.

"Eu pensei que você queria me manter para sempre."

"O benefício da eternidade é que talvez um dia você não me odeie."

"Eu nunca te odiei."

"Sim, você fez."

"Eu temia você, Mical. Seu controle, sua intensidade, seu foco obstinado. Eu nunca tinha conhecido alguém como você." Eu inalo uma respiração instável, concentrando-me no cheiro inebriante dele, da água, da pedra e do mar. Eu quero lembrar esse momento. Em mil anos, ainda quero vê-lo em meus sonhos. "Acima de tudo, no entanto, eu temia a mim mesmo - temia o que sentia perto de você, temia as coisas que queria." Uma pausa. "Suponho que você não seja o único que foi um covarde."

Embora seus lábios se curvem em um pequeno sorriso, é a visão mais sombria que eu já vi. O mais solitário. Olhando para suas mãos, ele diz: "Eu já tinha tomado o seu futuro. Eu não queria levar todo o resto também. Eu não poderia ficar longe, no entanto", acrescenta ele amargamente. "Eu disse a mim mesmo que era para avisá-lo sobre os fantasmas, mas realmente, eu só queria vê-lo. Precisava ver você. Mesmo que você não precisasse me ver."

"Eu teria voltado." Eu não sabia o que queria. "Eu senti sua falta," eu respiro. Eu senti muito a sua falta.

"Célie." Ele inclina a cabeça. "Você ainda estaria vivo se não fosse por mim - provavelmente casado também, e arrastando a Torre Chasseur para sua era de iluminação. Nada dessa escuridão teria tocado você."

"A escuridão me tocou muito antes de você." Eu deito minha bochecha contra seu peito, exatamente onde seu coração deveria bater. "Por que você fez isso?"

Seu corpo fica tenso instantaneamente contra o meu, e eu sei, sem perguntar, que ele entende minha pergunta. Por que você me fez um vampiro? Por que você não poderia viver sem mim? "Cuidado, bichinho", diz ele lentamente. "Algumas respostas não podem ser ouvidas."

Talvez ele não entenda nada.

"Não há nada que você possa dizer que me colocaria contra você." Então, levantando-se na ponta dos pés para sussurrar contra os lábios - "Por que você não me deixou morrer?"

Ele não me beija, no entanto. Ainda não. Em vez disso, ele fica muito imóvel, como se - como se de alguma forma eu o assustasse também. Eu não temo a dor, ele me disse uma vez.

Não? Qual é o seu medo, então?

Olhando um para o outro agora, acho que sei. Eu ainda não digo isso, no entanto, esperando que ele fale primeiro, confie em mim como sempre confiei nele.

"Você-" Ele fica em silêncio então, balançando a cabeça em auto-desgosto, e eu me levanto ainda mais alto, pressionando um beijo primeiro contra uma bochecha, depois a outra. Sua testa. Seu nariz. Seu queixo. Eu o beijo, e eu o beijo até que suas sobrancelhas se franzam em perplexidade, até que ele se esqueça de parecer tão zangado e confuso.

"Diga-me."

E como uma represa se rompendo, as palavras explodiram dele em uma onda de calor. "Você é o sol, Célie. Eu não podia deixar você morrer porque você é meu sol; você é tudo de bom que eu sempre quis e nunca mereci, e uma vez que eu te vi, senti você, eu não poderia mais viver sem você. Quando você não está comigo, eu anseio por sua presença, e quando você está comigo, eu esqueço que a escuridão já existiu - você preenche todos os cantos da minha visão até que eu não possa ver, não possa pensar além de quando você pode olhar para mim, o que você pode dizer a seguir. Você me cegou para todos os outros. Eu não poderia deixar você morrer porque você está radiante, e todos que você olha são mais brilhantes por isso - melhores por isso - e você nem percebe. Você não pode ver o efeito que você tem sobre todos nós. Como se incapaz de resistir, ele me beija desta vez, e eu sinto aquele beijo como uma marca na minha pele, queimando mais quente do que as palavras jamais poderiam. Ele derrama cada grama de seu anseio nisso, cada grama de seu medo, sua raiva e sua adoração, e a pura intensidade disso quase me faz recuar um passo. Ainda assim, quero mais, no entanto.

Ainda quero mais.

Arrancando a boca da minha, ele diz: "Isso responde às suas perguntas? Isso ajuda você a entender?"

Ele ainda não disse isso e, com um raio de clareza, percebo que ele nunca o fará. Ele se recusa a me prender com essas palavras finais, se recusa a me pressionar a dizer o mesmo, a sentir o mesmo, quando algum dia eu posso querer

ir embora.

Ele realmente é o homem mais insuportável.

Jogando meus braços em volta de seu pescoço, ignorando seu leve estremecimento, eu o levo de volta ao chão. "Eu também te amo, Michal." Uma forte respiração com isso - de surpresa, de descrença - mas eu também ignoro, afastando meu cabelo. "Agora beba."

Ele olha minha garganta com cautela. "Mas o vínculo..."

"Eu não me importo com o vínculo. Eu te amo e quero estar com você." Hesitando diante de um pensamento repentino e terrível, acrescento: "Isso é. . . se você quiser ficar comigo."

Agora Michal é quem zomba, quem ri, e pode ser o som mais bonito que já ouvi. Ele acaricia meu cabelo uma última vez - suavemente, com reverência - antes de se sentar e me levar com ele. Ele não hesita quando ataca.

E quando seus dentes perfuram minha pele - enquanto o mesmo calor inebriante toma conta de mim - algo diferente acontece.

Algo muda.

Não é uma coisa lenta e sutil; não constrói e não vem silenciosamente. Em vez disso, uma luz brilhante e incandescente explode atrás das minhas pálpebras quando nos encaixamos, e todo o meu ser se apodera da súbita sensação dele - não seu corpo físico enrolado no meu, mas uma presença mais profunda e mais forte. Um mais sombrio. E todas essas emoções que ele tenta esconder - eu posso vê-las agora, enrolando-se como fumaça através das luzes. Tornando-se um com o meu.

Flashes de memórias vêm a seguir, e eu me vislumbro através de seus olhos enquanto saio do cemitério, histérica e molhada. Sua intriga com a jovem fanática se entrelaça na escuridão, puxando-me para o próximo - para meus pulsos amarrados no navio, minha carranca em seu escritório, a maneira como meu cabelo escorria como tinta em sua cadeira. Eu vejo meu próprio olhar amplo e aterrorizado brilhando no teatro, sinto sua preocupação relutante, sua fúria quando Yannick pressiona a boca na minha garganta. Eu vejo meu vestido escarlate.

A garrafa de absinto.

O inesperado chicote de ciúme enquanto eu coloco meu corpo em Bellamy, o raio de luxúria quando eu caio contra ele, o pânico de como ele gosta da sensação de seus braços em volta de mim.

Mais do que gosta.

A fumaça se enrola mais forte em antecipação - as luzes brancas brilham e brilham - e uma emoção mais profunda do que o resto se desenrola enquanto ele olha para mim no caixão, paralisante e impossível de ignorar. Amor. Ele se

apaixonou por mim naquele momento. E ele estremece quando eu percebo isso, enquanto ele carrega o peso de minhas próprias emoções, minhas próprias memórias. Eu vejo vislumbres deles agora também, piscando descontroladamente como estrelas cadentes no céu noturno, até que eles também se instalam na escuridão - em uma única voz. Sua voz.

Por favor, fique.

Quando caímos de volta em nossos corpos um momento depois - abalados e sem fôlego - eu suspiro de admiração com a pressão recém-descoberta em meu peito, reconhecendo-a como a essência de Michal. Sua sombra. Não mais assustador, mas feroz, inflexível e querido - tão querido - enquanto se entrelaça com o meu, juntando-se a nós irrevogavelmente em Le Lien Éternel.

De alguma forma, não é suficiente.

Embora o vínculo entre nós seja impressionante em sua intensidade, vital - embora eu já não possa viver sem ele - quero conhecer esse homem de tirar o fôlego de todas as maneiras possíveis; Eu quero tocá-lo, prová-lo, dar-lhe até a última parte de mim.

Ele sente minha decisão no instante em que eu a tomo. Quando minha boca bate na dele, ele geme, e eu capturo o som com fome, minhas mãos deslizando por seu corpo totalmente curado. Sobre cada mergulho glorioso de seu torso, através da ondulação dura de seu peito e ombros.

Ele me deixa tocá-lo desta vez. Sua respiração se torna profunda e irregular enquanto eu arrasto minha boca ao longo de sua mandíbula, acariciando cada centímetro de sua pele com minha língua. E talvez seja o vapor da casa de banhos ou o calor da primavera - talvez seja simplesmente meu sangue - mas um rubor de cor mancha suas bochechas enquanto ele agarra meus ombros e me puxa para longe dele, levantando-nos de pé.

Embora eu proteste instantaneamente, ele balança a cabeça com um sorriso lento e sedutor - um sorriso que sinto, de alguma forma, como um puxão entre minhas pernas. Tudo aperta em resposta. "Você não sabe quantas vezes eu pensei neste momento, bichinho," diz ele sombriamente. "Agora que finalmente chegou, você não pode esperar que eu deixe você se divertir."

"Não foi" - minha voz trava quando ele se ajoelha inesperadamente, seus olhos fixos nos meus, e lentamente tira o vestido úmido do meu corpo - "divertido para você?"

"Posso pensar em outras coisas divertidas."

"Outro jogo?" Apertando meus joelhos, eu luto para permanecer em pé enquanto ele descobre centímetro após centímetro torturante da minha pele. E eu não deveria sentir isso febril sob seu olhar. Eu não deveria me sentir tão sensível, mas o menor toque de seus dedos me faz queimar, me contorcer, e ele sabe disso.

"Eu pensei que você estava cansado de brincar comigo."

"Parece que me lembro", diz ele, e seus próprios olhos esquentam enquanto ele lentamente revela minhas panturrilhas, minhas coxas, meus quadris, "que você ainda me deve várias perguntas."

"Pergunte o que quiser." As palavras saem duras, sem fôlego.

"Oh não, bichinho. Isso seria muito fácil. Vamos trocar essas verdades por desafios, certo?"

Quando ele pressiona um beijo de boca aberta na minha barriga, eu rasgo o corpete do meu vestido para afrouxar as cordas. Eu o puxo para o lado - puxo tudo de lado - enquanto sua risada ressoa pela casa de banhos, e ele se endireita para olhar para o meu corpo nu.

Seu sorriso desaparece então. Sua expressão se esvazia completamente, mas eu ainda posso senti-lo através do vínculo - o aperto afiado da luxúria, sim, mas também a dor profunda e interminável que floresce em seu peito quando ele olha para mim.

Pegando sua mão, eu o puxo contra mim, e sua satisfação nos envolve através do vínculo. Sua alegria e seu alívio. Mina. A palavra reverbera entre nós, e não posso dizer se veio dele ou de mim.

Ainda assim, eu o beijo em resposta, no entanto. Seu.

Sem aviso, ele varre um braço atrás dos meus joelhos e me joga na piscina.

Gaguejando, eu tiro para a superfície indignado - empurrando o cabelo encharcado dos meus olhos - para descobrir que Michal já se juntou a mim. Um brilho perverso brilha em seus olhos enquanto ele desliza pela água, separando-a com movimentos suaves e poderosos de seus braços. Seus ombros. Me perseguindo como um predador com presas.

Nunca fuja de um vampiro.

Eu não posso evitar. Com um sorriso ridículo, eu mergulho abaixo da superfície e atiro em direção ao lado oposto da piscina, mas ele pega meu pé em um instante, me arrastando de volta com uma facilidade risível e me puxando contra seu corpo.

Seu corpo nu.

Minhas pernas envolvem sua cintura reflexivamente, e a água escorre entre nós enquanto ele me levanta mais alto, pressionando outro beijo na minha garganta e nos levando até a beira da piscina. A carne de arrepio irrompe quando ele me pressiona contra ela - porque ver Michal nu é tão diferente de sentir sua pele contra a minha, de perceber o escopo completo e imóvel dele.

"Primeiro desafio." Ele pega meu lóbulo da orelha entre os dentes, puxando suavemente. "Tente não fazer barulho."

Antes que eu possa responder, ele me levanta para sentar na beira da piscina,

a água batendo em minhas panturrilhas enquanto eu apoio minhas mãos atrás de mim. Então ele abre minhas pernas. Ele inclina a cabeça. E ele me beija no ápice das minhas coxas.

No primeiro deslize de sua língua, meus quadris sacodem e minhas costas se arqueiam. No segundo, minha cabeça se inclina para trás por vontade própria, e meus olhos se fecham para que eu não me parta pelas costuras - algo que ele parece ter a intenção de causar porque com o terceiro, ele joga minhas pernas sobre seus ombros. Seus braços serpenteiam em volta do meu traseiro, segurando-me contra ele, enquanto ele arrasta a língua para cima até aquele feixe de nervos antes de chupar profundamente. E naquele instante, eu esqueço seu desafio - eu esqueço meu próprio nome - gemendo alto e agarrando seu cabelo para encontrar mais daquele atrito delicioso. Para pressionar com mais força. Para trabalhar meus quadris no tempo com sua língua até que eu... eu—

Minhas pernas enrijecem, apertando em torno de sua cabeça, mas seus dedos mordem minha própria pele também; Ele se recusa a parar de lamber, a parar de festejar, até que a casa de banhos se despedaça completamente ao meu redor. Mesmo assim - embora eu me curve para trás, incapaz de suportar o prazer quase violento - ele segue até que o último arrepio deixe meu corpo. Até que eu desmorono no chão de pedra com os membros soltos e trêmulos.

"Isso foi..." Não consigo encontrar as palavras certas, no entanto, engolindo grandes pulmões de ar como se pudessem de alguma forma me ajudar. "Você..."

Mas Michal está se levantando para fora da piscina agora, beijando meu corpo enquanto ele vem. E outra onda de calor impossível passa por mim enquanto ele se acomoda entre minhas pernas, enquanto o comprimento dele pressiona longa e forte contra minha coxa. Minha visão nada com a sensação inebriante disso, e instantaneamente, eu me abaixo para pegá-lo em minhas mãos. Ele balança a cabeça, no entanto, sua mandíbula cerrada e seu rosto tenso enquanto ele beija minha mandíbula, meu queixo. "Se você me tocar agora", diz ele com uma voz tensa, "o jogo vai acabar cedo demais".

"Mas eu quero que você se sinta assim também," eu digo sem fôlego. "Eu quero que você..."

"Eu faço." Com uma expiração áspera - talvez uma risada estrangulada - ele deixa cair a testa para a minha, todos os músculos de seu corpo firmemente amarrados. "Você faz isso bem sem nem mesmo tentar." Então— "Próximo desafio. Se você não quiser fazer isso, diga-me agora, e nada mudará entre nós. Eu posso beijá-lo até que você esteja pronto, ou para sempre, se você quiser..."

Minhas mãos serpenteiam em torno de suas costas, desafiando-o a terminar essa frase. "Eu quero fazer isso, Michal, e quero fazer isso com você."

"Vai doer, Célie."

"E então não vai," eu digo ferozmente. "Eu li os livros. Eu sei como isso funciona."

"Existem livros sobre dormir com vampiros imortais ligados à alma?"

"Mais do que você imagina. Mathilde possuía três.

"Desafio." Seu sorriso sarcástico desaparece enquanto ele empurra meu cabelo para trás para estudar meu rosto. "Diga-me se fizermos algo que você não goste."

"Eu prometo que vou."

"Desafio." Ele alivia uma mão entre nós, e se meu coração ainda pudesse bater, ele bateria direto para fora do meu peito - não, entrar em combustão - enquanto seus dedos separam minha carne, enquanto ele se posiciona na minha entrada. "E este é importante - quando eu digo para você morder, você morde."

Eu franzo a testa para ele. "O que-?"

A pergunta se desintegra, no entanto, à medida que ele avança dentro de mim, e a sensação me tira o fôlego. Não dói, precisamente, apenas parece - cheio, quase cheio demais. Quando eu mudo para aliviar a pressão, ele desliza mais um centímetro. Outro. Seus quadris balançam suavemente no início, mas seus dedos - eles aliviam a picada, ainda trabalhando contra mim até que eu possa perder a cabeça novamente. Até que meus calcanhares pressionem o chão, e minhas costas se arqueiem, e meu corpo se sinta vazio de alguma forma. Destituído. Eu me esforço em direção a ele, e minha voz quebra em torno de seu nome, parte gemido e parte soluço. "Michal..."

"Morder."

Ele empurra com mais força com a palavra, e meu corpo recua como uma faixa quebrando, cada músculo enrijecendo contra a pontada de dor. Ele ainda reage instintivamente ao comando de Michal, no entanto, e eu afundo meus dentes em seu ombro no segundo seguinte. Eu envolvo meus braços em volta de suas costas, e eu me agarro a ele enquanto ele geme, enquanto ele fica parado, enquanto ele espera que seu sangue varra através de mim.

No instante em que toca minha língua, a dor diminui - não totalmente, mas o suficiente para que meus músculos comecem a relaxar ao redor dele. O suficiente para que seu cheiro me deixe louco. O suficiente para que eu - que eu precise dele -

Eu me movo instintivamente, arrancando minha boca de sua pele com um suspiro.

"Faça de novo."

Exalando uma respiração áspera e satisfeita - os braços tremendo de contenção - ele puxa completamente antes de se enterrar dentro de mim mais uma vez. Ao máximo desta vez. A pressão aumenta atrás dos meus olhos com a

intrusão, e eu agarro suas costas, sacudindo descontroladamente e entrelaçando minhas pernas em volta dele. "Faça de novo", repito, mal conseguindo ouvir através do rugido em meus ouvidos. Através do calor.

Então ele faz.

E essa dor pungente dá lugar a um tipo mais profundo de dor a cada impulso lento de seu corpo até que o meu comece a se mover em resposta. Até que minha respiração acelera e minhas unhas mordem suas costas. "Tão bom pra caralho," ele mói, bombeando mais forte agora. Rápido. E suas palavras - elas fazem algo para mim. Cavando meus calcanhares em suas costas, eu inclino meus quadris para levá-lo mais fundo, encontrando-o impulso por impulso enquanto ele aumenta o ritmo. E é brutal agora, duro, cru e primitivo, mas eu adoro isso - eu amo isso porque seu controle firmemente amarrado está finalmente escorregando, e está escorregando por minha causa. A visão quase me desfaz.

Em vez disso, arrasto minha língua pela coluna de sua garganta, assim como fiz todas aquelas vidas atrás em Les Abysses.

Ninguém ficaria desapontado, Célie.

E Michal estala.

Ele puxa para fora abruptamente, me virando de bruços antes de puxar meus quadris e mergulhar em mim mais uma vez. Me sobrecarregando. Me consumindo. Eu nunca vou me cansar disso, dele. Enquanto ele envolve uma mão em volta da minha frente - fornecendo o atrito que eu preciso tão desesperadamente - me sinto mais vivo do que jamais pensei ser possível; mais bonito, mais poderoso.

Por causa dele.

Ele é o espelho que eu sempre precisei, e finalmente - finalmente - posso ver meu próprio reflexo. Eu posso ver isso claramente. E quando minha liberação se estilhaça através de mim - quando ele segue com um rugido de prazer - eu o abraço com força depois, esperando que os tremores deixem seu corpo.

Recusando-se a deixá-lo ir.

Capítulo Quarenta

Casa

Michal encontra um baú de roupas preservadas através de uma porta trancada no canto da casa de banhos. Ele escondeu a chave desses quartos anos e anos atrás - seus quartos, sua primeira casa na ilha - provavelmente quando decidiu deixá-los para sempre.

"Isso pertencia à minha mãe", diz ele agora, puxando um vestido antigo, mas notavelmente preservado. Embora o corte não seja familiar, o vestido em si é lindo em sua simplicidade: branco sobre seda estampada branca - diasper, eu acho - com forro de arminho macio e um cinto prateado fino. "Seu favorito e o melhor. Ela só usava em ocasiões especiais.

Eu arrasto meus dedos pelas mangas delicadas, engolindo o nó na minha garganta. Ainda cheira um pouco a sálvia e algo cítrico, talvez limão. "Eu não poderia usar isso, Michal. Veja o que aconteceu com todos os meus outros vestidos. Lanço um olhar triste para a casa de banhos, onde ainda posso sentir o cheiro do tecido ensanguentado da criação de Monsieur Marc. "Eu nunca me perdoaria se arruinasse este."

Ele encolhe os ombros como se estivesse completamente despreocupado, mas não teria guardado as coisas de sua mãe todos esses anos se elas significassem tão pouco para ele. "Ela gostaria que você usasse."

"Ela teria gostado de mim?"

"Ela teria adorado você." Um sorriso bastante melancólico toca seus lábios enquanto eu aceno com a cabeça, puxando o vestido sobre minha cabeça e prometendo em particular matar qualquer um que o toque. Nem uma única partícula de sangue, fumaça ou vísceras danificará o tecido. "Meu pai e minha madrasta também gostariam de você - provavelmente mais do que eu na maioria dos dias."

Eu me endireito, indignado. "Isso não pode ser verdade."

Para minha surpresa, seu sorriso melancólico se torna um sorriso malicioso. Um satisfeito. Vestindo sua própria roupa estranha - uma túnica escura com mangueira tosca - ele diz: "Eu era um inferno naquela época".

Um diabo. Não um vampiro, demônio ou diabo, mas um garotinho teimoso

espalhando travessuras em sua aldeia. O pensamento me deixa estranhamente melancólico também. "Eu gostaria de ter visto isso."

Ele ri abertamente disso. "E estou aliviado que você não o fez. Meu pai ameaçou me mandar para um mosteiro quando eu tinha doze anos - tranquei nosso burro em uma baia com a égua premiada de minha madrasta só para ver o que aconteceria.

Meus lábios se contraem. "E aconteceu alguma coisa?"

"Oh, sim. Doze meses depois - no meio de uma nevasca - ele me acordou às duas horas da manhã para ajudar a dar à luz nossa nova mula. Eu a chamei de Snježana, e ela viveu até a idade avançada de cinquenta anos.

"Cinquenta?"

Ele acena com a cabeça, claramente ainda encantado consigo mesmo, e eu não posso evitar - eu rio também, olhando em volta com fome em busca de qualquer sinal de Snježana aqui. Com certeza, uma estatueta de mula pintada de branco está em uma prateleira perto da mesa de cabeceira, junto com um pequeno retrato de uma mulher com o cabelo prateado de Michal. Sua mãe. Ela não poderia ser outra pessoa, e meu peito aperta ao vê-la - a suavidade em suas feições, a maneira como seus olhos parecem brilhar mesmo através da pintura, tão parecidos, mas tão diferentes dos de seu filho. Rounder. Centáurea azul em vez de marrom.

Ela é adorável.

"Adelina," diz Michal suavemente, como se hesitasse em interromper o silêncio pacífico da sala.

Adelina.

Eu a reconheço. Eu já vi o retrato dela uma vez antes - um retrato diferente - empilhado nas sombras da gruta.

Esta moldura oval, no entanto, fica em cima de um livro antigo sobre a linguagem das flores; ao lado dele está um buquê de papoulas secas e o ídolo de madeira de uma divindade com chifres. Outras bugigangas estranhas também enchem o quarto: três anéis de ouro - parecem alianças de casamento - e um cobertor de malha, um rosário, um par de botas de couro gastas. Eles pertenciam a seu pai? Um tio? Um primo morto há muito tempo? Um tipo lento de consciência escorre pelos meus dedos enquanto eu os sigo ao longo de uma cadeira de balanço de carpa, imaginando a história por trás disso. A história.

Tantas histórias.

Michal deixou todos eles aqui, escondidos e a salvo dos perigos do castelo e, abruptamente, gostaria que pudéssemos ficar aqui também. Este lugar. . . Ainda parece um lar de alguma forma, apesar de como o tempo e os elementos o devastaram. Ainda me sinto amado de uma maneira que nunca conheci.

Minha mão cai da poltrona. "A morte não vai parar, vai?"

Ao som do nome da Morte, a magia na sala parece escurecer um pouco. O sorriso de Michal também desaparece e eu instantaneamente me arrependo de sua perda. Só um pouco mais. O pensamento dói naquela parte mais profunda de mim e, a julgar por sua expressão resignada, Michal sente isso através do vínculo. Eu quero apenas um pouco mais de tempo com você.

Vindo atrás de mim, ele envolve os braços em volta da minha cintura e descansa a bochecha na minha cabeça, como se sempre tivéssemos sido assim. Como se sempre estivéssemos "Não", ele diz simplesmente. "Ele não vai parar."

"Precisamos atraí-lo de volta, então," eu consigo. "Para a gruta."

"Sim."

"Precisaremos mandá-lo através do turbilhão antes que ele encontre Mathilde."

Michal hesita desta vez. Então... "Sim", ele diz novamente.

Eu giro em seus braços com isso, olhando para ele enquanto sua cautela se instala sobre mim. Sua dúvida. Embora seus olhos escuros permaneçam inescrutáveis como sempre - lascas duras e brilhantes de obsidiana - posso senti-lo agora. Ele nunca mais será um enigma. "Você não acha que podemos fazer isso?" Pergunto acusadoramente, embora pareça mais pânico.

"Eu acho" - ele pressiona um beijo firme na minha testa - "há muito poucas coisas que não podemos fazer juntos, mas com a Morte..." Ele para, sua mandíbula apertando enquanto procura as palavras certas. No entanto, não preciso das palavras certas; Eu preciso dos verdadeiros e, felizmente, ele parece perceber isso, suas mãos deslizando pelos meus braços para apertar os meus. "Haverá um custo, Célie. Sempre há um custo com a Morte, quer você perceba ou não que pagou."

As palavras são muito familiares, irritantemente neste momento. "As bruxas dizem a mesma coisa. Toda magia tem um preço."

Até Filippa usou a expressão para repudiar nossos pais.

"Por um bom motivo", diz Michal agora. "As bruxas viveram o suficiente para entender a importância da natureza no equilíbrio - um equilíbrio que a Morte perturbou ao ultrapassar suas boas-vindas em nosso reino. Mila estava certa. A menos que ele descubra milagrosamente a previsão, isso não terminará bem para nenhum de nós, incluindo ele.

Mila estava certa.

O nome dela pega como um gancho no meu peito, doloroso e difícil de remover. E talvez eu nunca o faça. Talvez seja assim que o luto deva ser - talvez, no final de tudo, o luto seja o custo do amor. E eu amava Mila como minha própria irmã.

Eu amo Filippa também.

"Talvez possamos forçá-lo a descobrir." Engolindo em seco, eu endireito meus ombros e digo: "Eu posso ter uma ideia".

Capítulo Quarenta e Um

Dois caçadores, três bruxas e quatro vampiros entram em uma gruta

Vozes elevadas ecoam pela gruta quando passamos pelo alçapão uma hora depois - vozes familiares, vozes raivosas - e embora eu desça as escadas em direção a elas, Michal pega minha mão, puxando-me de volta para um último beijo escaldante. Quando nos separamos um momento depois, ele diz: "Parece que meu quarto estará ocupado no futuro próximo".

Com certeza, uma verdadeira multidão de pessoas se reuniu ao pé da escada: Odessa e Dimitri, sim, mas também Lou, Reid e - Mathilde. Meu coração salta ao vê-la. Ela sobreviveu.

Todos eles sobreviveram.

Embora, agora, Mathilde pareça provável que asse sua neta no espeto.

"—sem nem mesmo um convite." Parecendo assediado, Lou acena com uma adaga torta no rosto de Mathilde. O sangue escorre da lâmina - fresco, pelo cheiro - e também respinga em sua camisola, que é apenas a camisa grande demais de Reid. Não vestindo mais nada e com o cabelo trançado, ela claramente não esperava uma viagem improvisada ao Requiem. Além disso, parece que Mathilde apenas a puxou de algum tipo de ataque. "Você não pode simplesmente destruir minha casa e nos fazer reféns..."

Mathilde afasta a adaga com a mão retorcida, jogando sangue nos sapatos de Dimitri. Ele olha para ele com uma expressão de dor. "Eu salvei sua pele ingrata", ela rosna. "Aqueles fantasmas teriam comido você se eu não tivesse aparecido quando o fiz, então você pode retribuir o favor agora protegendo o meu."

A boca de Lou se abre incrédula. "Não pedimos que você nos ajudasse. Nós nem te conhecemos..."

"Uma decisão intencional da minha parte, posso garantir." Mathilde cruza os braços com um harrumph sitiado. "E um que eu me arrependo instantaneamente de reverter. Você é um neto terrível.

Lou me vê na escada então, passando por Mathilde com uma carranca feroz. "Aí está você. Graças aos deuses que você finalmente está aqui - essa mulher é uma lunática completa e total, e vindo de mim, isso realmente quer dizer alguma

coisa. Ela acabou de entrar na minha sala de estar durante um ataque de fantasma—"

"Um ataque de fantasma?" Eu pergunto bruscamente. "Na sua sala de estar?"

"Mais como uma infestação." Lou acena com a mão desdenhosa, esforçando-se para parecer despreocupado e falhando miseravelmente. "Eles atacam principalmente ao anoitecer, mas nós lidamos com eles..."

"Eu lidei com eles", murmura Mathilde.

Ignorando-a, Lou fala ainda mais alto agora. "E então ela começou a delirar sobre a Morte e sua irmã e..."

"- e minha preciosa coleção de livros! Minha coleção inestimável." Mathilde olha ferozmente, embora o efeito seja arruinado um pouco por sua própria camisola, uma criação floral bastante horrível com babados até o queixo. "Eu suponho que todos eles se foram agora graças à sua sorte. Diga-me, qual é o sentido de possuir todas essas "- ela gesticula entre nós em agitação - "essas habilidades sobrenaturais se você não pode nem mesmo proteger uma mulher indefesa em sua casa?"

Eu paro no meio do passo, olhando para eles do outro lado da gruta para onde minha mãe sozinha se senta na mesa de Michal. Embora a exaustão cubra seu rosto - e as lágrimas ainda cubram seus olhos vidrados e vazios - não é isso que chama minha atenção imediata. Porque ela não está sozinha.

Jean Luc e Brigitte estão ao lado dela em silêncio rígido, suas expressões divididas entre cautela e hostilidade aberta.

Oh Deus. Meu corpo inteiro congela quando Jean Luc trava os olhos comigo. Depois que ataquei do lado de fora da Torre Chasseur - depois de quebrar irreparavelmente o amor que compartilhamos - nunca mais esperei vê-lo novamente, muito menos vê-lo aqui. Tão rapidamente quanto a surpresa ataca, no entanto, ela desaparece novamente, deixando apenas uma tristeza profunda em seu rastro - tristeza e essa caverna bocejante entre nós. Pelo menos suas feridas cicatrizaram; O sangue de Coco deve ter feito um milagre.

Eu engulo em seco.

Jean Luc e eu nunca teríamos trabalhado, mas não deveríamos ter terminado assim.

Como se sentisse meus pensamentos, Jean Luc quebra primeiro, incapaz de olhar para mim por mais tempo. Seus olhos pousam em Michal - em nossas mãos entrelaçadas - e endurecem. Eu não posso nem culpar Brigitte enquanto ela se mexe na frente dele, tentando bloquear a visão. Para protegê-lo.

Nem solto a mão de Mical.

"Olá," eu digo a eles suavemente, timidamente, enquanto Michal aperta meus dedos em encorajamento.

Nenhum deles responde.

Limpando a garganta para aliviar a tensão repentina, Reid dá um passo à frente e diz: "Jean Luc e Brigitte rastrearam os fantasmas até nossa casa antes de Mathilde, er..."

"Nos sequestrou", Lou retruca. "Ela rasgou o véu em cima da mesa da minha cozinha e me agarrou no meio da decapitação do Grue Morto-Vivo. Reid agarrou meu braço, e Jean Luc agarrou seu braço, e" - ela acena com a mão agitada - "e assim por diante. Nunca me senti mais doente na minha vida do que no reino espiritual", acrescenta ela, estremecendo. "Embora este lugar seja um segundo próximo."

"Um neto terrível!" Mathilde interrompe, mas sua mão treme levemente quando ela aponta para Lou. "E uma mulher indefesa!"

Amaldiçoando, Lou caminha até a cama de Michal antes de cair sem cerimônia sobre ela. Reid segue com um olhar apologético para Michal, que diz secamente: "Não há nada de desamparado em você, Mathilde - e percebo que você não ficou por perto para conversar com a Morte."

"Porque eu não sou um. Ele é a Morte."

"E graças a Deus você fugiu em vez de cumprir seus deveres conjugais." Embora eu evite cuidadosamente o olhar de Dimitri, seus pulsos e tornozelos ainda se infiltram suavemente, enchendo a gruta com o cheiro delicado de seu sangue, e a queimadura vermelha raivosa da cruz de minha irmã permanece em sua bochecha. "Você está certo sobre seus livros também, e também sobre sua cabana - a terra os engoliu, mas eles lutaram bastante contra a Morte."

"Engoliu-os?" Brigitte franze a testa, perplexa apesar de si mesma, e olha de mim para Mathilde. "Deveres conjugais? Ela?"

Embora Mathilde a espete com um olhar, Dimitri interrompe antes que a bruxa possa fazer algo precipitado, como amaldiçoar Brigitte até o esquecimento, ou talvez apenas morder seu nariz. "Confie em mim", diz ele com uma corajosa tentativa de um sorriso malicioso, "não é o que você pensa."

Os dedos de Mathilde se contorcem. "Cuidado com você, garoto. Estou velho, não morto.

"Uma pena," Lou murmura da cama.

A impaciência rompe meu vínculo com Michal enquanto ele desce a última das escadas, separando a multidão e me puxando junto com ele. "Chega. O Chasseur tem razão - não podemos prosseguir até que todos entendam. Rapidamente, ele explica tudo o que aconteceu na cabana de Mathilde, tudo o que aconteceu antes dela, até que as mandíbulas de Brigitte e Jean Luc afrouxaram - as de Lou e Reid também - e minha mãe fecha os olhos e inclina a cabeça.

"Filippa?" Jean Luc dá meio passo à frente quando Michal menciona o nome dela, seus próprios olhos se arregalando antes de passar para os meus. Embora ele tente mascarar sua preocupação, ainda posso ouvir o pico de seu pulso, sua pequena ingestão de ar. Eu aceno com a cabeça. "Ela - ela está viva?"

"De certa forma", diz Odessa.

Jean Luc hesita, seu olhar suavizando um pouco enquanto ele olha para minha mãe. "Podemos ajudá-la?"

Quando ela não responde, eu engulo em seco. "Nós tentamos."

Michal aperta minha mão novamente e, embora Jean Luc rastreie o movimento, ele não reage de outra forma. "Filippa é um sintoma da doença maior", diz Odessa impacientemente antes de se aproximar de Michal. "Por que a Morte nos deixou vivos na cabana de Mathilde? Seus fantasmas nos superavam em número - eles até incapacitaram Dimitri e eu - e você não estava em condições de defender ninguém. Filippa manteve sua mãe como alavanca contra Célie, então por que ele não matou todos nós? Por que ele não acabou com nossa pequena resistência ali mesmo?

"Não é óbvio?" Mathilde - que se sentou no degrau inferior, descontente, durante a explicação de Michal - bate na têmpora com astúcia. "Ele ainda não encontrou a peça que faltava - aquele algo especial que torna Filippa única - e vocês são os únicos que podem. Se ele te matar imediatamente, o segredo morre com você, e a Morte é um covarde. Ele não vai arriscar segui-lo em seu próprio reino. Não até que o véu desça." Ela murmura com desdém antes de falar diretamente comigo. "Mas marque minhas palavras, garota, ele logo se cansará de perseguir noivas e criar fantasmas, e ele vai puni-la por frustrá-lo."

Com isso, todos os olhos da gruta giram curiosamente em minha direção. Com a pele formigando sob sua atenção, eu franzo a testa para Mathilde. "Frustrando-o? Eu não o frustrei de forma alguma. Não tenho ideia de por que minha irmã não é como os outros fantasmas..."

"Não?" Mathilde franze os lábios, não convencida. "Não faço ideia, hmm? Nem um único pensamento nessa sua cabeça estúpida?

"Claramente você tem um", diz Michal com uma voz concisa. "Eu encorajaria você a compartilhá-lo."

"Correndo o risco de soar obtuso", interrompe Brigitte, "por que importa se Filippa é diferente? Eu pensei que você disse que a Morte quer derrubar o véu, não criar outro" - aqueles olhos cristalinos se voltam para mim - "noiva sombra".

Embora meus próprios olhos se estreitem com o insulto mal disfarçado, eu me forço a respirar fundo e firmemente. "É importante porque Filippa quase sozinha derrubou o véu quando voltou na véspera de Todos os Santos. Se a Morte conseguir recriar essas circunstâncias, o véu pode desmoronar

completamente. A vida e a morte como as conhecemos deixarão de existir, e se nossa situação atual for uma indicação" - eu gesticulo para o turbilhão, para o castelo acima, para o mercado e a floresta e o mundo além, onde as paredes vazam sangue e as samambaias choram lágrimas, onde tudo se desvanece em tons de cinza - "isso não será uma coisa boa para ninguém".

"Incluindo os Caçadores," diz Lou sem levantar a cabeça. Ela parece sentir em vez de ver a reticência de Jean Luc e Brigitte, ou talvez ela apenas adivinhou. Queimar fantasmas em Cesarine é uma coisa; é tangível, acionável. Confrontar a Morte literal enquanto ele destrói o mundo é outra.

De fato, Jean Luc e Brigitte trocam um olhar rápido e furtivo. O primeiro nunca foi capaz de disfarçar suas emoções - neste caso, cautela - e o último não se importa em esconder seu desgosto.

"Independentemente do que aconteceu com Filippa", diz Michal, ignorando os dois e falando diretamente com Mathilde, "a morte continuará vindo atrás de você, e ele está claramente ficando desesperado".

"É por isso que você" - ela enfia um dedo torto no peito dele - "vai me esconder com a ajuda desses tolos." Ela empurra o queixo para Lou e Reid, depois para Odessa perto das escadas. "Certamente entre vocês quatro, estarei a salvo o suficiente de qualquer coisa."

"Ninguém está seguro enquanto a Morte caminha entre os vivos", eu digo. "Ele encontrará todos nós eventualmente, até você, mas se você nos ajudar, temos maiores chances de derrotá-lo. Eu tenho um plano..."

Ela começa a balançar a cabeça antes mesmo de eu terminar. "Sem chance."

"Mathilde, você é a bruxa mais velha de que se tem memória..."

Seus olhos se estreitam. "É melhor que seja um elogio."

"—o que significa que você é poderoso," eu continuo determinado. "Mais do que isso, você é inteligente - provavelmente mais inteligente do que o resto de nós juntos." Embora Lou e Odessa bufem, eu os ignoro. "Você evitou a detecção por quantos anos? Mesmo seus próprios parentes não sabiam que você estava vivo. Poderíamos usar esse tipo de astúcia a nosso favor."

"Cuidado, agora." Ela olha para mim, os olhos brilhando com a mesma consciência estranha que ela exibiu na cabana. E pela primeira vez desde que conheci Mathilde, eu entendo o quão astuta ela deve ter sido para ter vivido tanto tempo como uma mulher humana, não uma imortal como Michal e Odessa. Há uma diferença entre eles, de alguma forma. Uma vitalidade que não consigo colocar. Arqueando uma sobrancelha prateada, ela diz: "A bajulação vai te levar a todos os lugares".

"Se o bem comum não for suficiente", diz Michal, "reconstruirei sua cabana à mão depois de banirmos a Morte."

"E meus livros?"

"Todos substituídos, até as primeiras edições."

"Acordo." Mathilde gargalha então, enormemente satisfeita consigo mesma. "Existem apenas três cópias do Cajado do Mágico de Águas Profundas no mundo - duas agora - então boa sorte com isso."

"Você leu O Cajado do Mágico de Águas Profundas?" Lou pergunta incrédulo, empurrando os cotovelos para olhar para Mathilde. Ela já parece muito pálida, muito doente para fazer o que deve ser feito. Não temos outra escolha, no entanto; Só posso esperar que sua magia seja suficiente.

"Isso explica muito", murmura Reid.

"Sim, bem" - Odessa acena com a mão impaciente antes de se virar para mim - "tudo isso é muito bom, mas o que realmente vamos fazer? Você disse que tem um plano."

"Eu tive um pensamento", eu digo, olhando para Michal, "nas ruínas". Quando seus olhos escurecem com a lembrança, eu coro levemente, e - apesar de nossas circunstâncias nada alegres - os rostos de Lou e Dimitri se dividem em sorrisos idênticos. Eu ignoro os dois. "E se nós. . . fingir trazer Mila de volta?"

Michal entende imediatamente. "Outra ressurreição", diz ele imediatamente, e através do vínculo, um tentáculo de sua esperança se desenrola - pequeno e hesitante, mas lá. O meu responde na mesma moeda, entrelaçando-se em torno do dele e segurando-o perto, fortalecendo-o.

"Para derrubar o véu - ou pelo menos para danificá-lo ainda mais." Eu aceno entre ele e Odessa, que parece cética. Sinceramente, não posso culpá-la. Ainda existem tantas variáveis, tantas coisas que podem dar errado. "Se pudermos criar um segundo turbilhão com magia - um turbilhão falso - podemos enganar a Morte fazendo-a acreditar que a ressurreição de Mila o causou, assim como Filippa fez na véspera de Todos os Santos. Ele vai pensar que o véu está caindo e virá investigar.

"Como se ele fosse acreditar", Mathilde funga.

"É aí que você entra. E se você criar uma onda de choque através do véu? Um poderoso o suficiente para trazer a Morte bisbilhotando?"

"Mesmo se eu pudesse fazer uma coisa dessas, não seria capaz de manter essa ilusão por muito tempo. Alguns minutos no máximo."

"Só para esclarecer", diz Jean Luc incrédulo, "seu plano é fingir uma ressurreição e apenas - esperar que a Morte apareça?" Ele olha entre nós como se esperasse a piada mais ridícula do mundo. "Com que finalidade? Então ele pode matar as peças sobressalentes?" Ele balança o queixo entre ele e Brigitte, minha mãe. "Estou razoavelmente certo de que ele não precisa manter o resto de nós vivos."

"Vai ser um risco", diz Lou. "Tudo isso. Especialmente com a magia se comportando como tem sido. Mesmo agora, me sinto - fraco, estando tão perto do turbilhão. Ela lança um olhar de sondagem para Mathilde. "Eu suponho que você também, e é por isso que você não concordou."

Mathilde incha indignada. "Você acha que sou tão facilmente manipulado? O verdadeiro poder fala por si. A bruxa erudita não precisa exibir sua magia para provar a si mesma - geralmente, é claro. Ela planta as mãos nos quadris, um sorriso ansioso torcendo os lábios. "Neste caso, ela deve fazer as duas coisas, aparentemente, para ensinar aos netos estúpidos o lugar deles." Voltando-se para mim, ela diz: "Tudo bem, vou criar essa onda de choque e depois vou embora. Me entende? Pretendo estar a meio caminho de Zvezdya quando este inferno se soltar - e vai. Não é com Frederic que você está lidando. Não é nem mesmo sua irmã medonha. Esta é a Morte, e ele não apreciará tal bufonaria.

Odessa balança a cabeça. "E mesmo que a Morte caia na onda de choque, como vamos incapacitá-lo? Caso você tenha esquecido", diz ela a Michal, "ele o derrubou em questão de momentos".

Jean Luc ri disso, mas ele para abruptamente com o sorriso afiado que se espalha pelo rosto de Michal. "Uma banheira caiu sobre mim, Odessa."

"E essa não é exatamente a ostentação que você pensa que é", diz Dimitri. "Podemos apenas. . . empurrar a Morte para o verdadeiro turbilhão e mandá-lo de volta para onde ele veio?" Ele pisca antes de se virar para mim. "É para lá que vai, você acha? Para o reino dos mortos?"

"Claro que sim. É a porta pela qual ele veio." Odessa solta um suspiro exasperado, virando-se para andar agora. Quase quebrando a pedra sob os pés. "Então, nesta hipotética terra dos sonhos em que todos vivemos atualmente, digamos que conseguimos atrair a Morte para cá. Mais improvável ainda, digamos que também conseguimos empurrá-lo para o turbilhão e através do véu. O que então? A porta ainda não se fecha sem Filippa."

"Dissemos que encontraríamos outra maneira", diz Michal secamente.

"Não há outra maneira. Sempre foi ela." Para surpresa de todos, as palavras não vêm de Odessa, mas de mim - e são verdadeiras. Eles são verdadeiros desde o momento em que meu coração parou de bater, desde que Filippa usou meu sangue e a magia de Frederic para abrir caminho para sair do túmulo; eles são verdadeiros desde que a Morte escapou com ela, desde que rasgamos o véu - nós quatro - e criamos aquela monstruosidade no mar. Mesmo agora, ele acena para mim, mas eu resisto, olhando atentamente de um rosto para outro antes de me virar deliberadamente para minha mãe.

Ela se levanta da cadeira lentamente enquanto nossos olhos se prendem e seguram, e eu diminuo a distância entre nós, baixando minha voz. "Eu queria

salvá-la, mamãe. Você deve acreditar em mim. Eu queria - mudá-la de volta de alguma forma, amá-la o suficiente para que ela quisesse mudar também, mas a Morte a torceu por dentro. Você a viu na cabana. Filippa não é a mesma mulher que conhecíamos, talvez nunca tenha sido essa mulher, e a Morte. . . ele a fez pior. Ele matou Frederic e atacou seus medos, sua solidão e eu" - a pressão aumenta atrás dos meus olhos agora, imerecida e miserável - "Acho que Filippa se sentiu sozinha por muito tempo."

Minha mãe não diz nada quando eu pego suas mãos. "Pior ainda, a Morte a convenceu de que ele é seu único caminho para a felicidade, para sua filha. Para o futuro dela." Eu engulo o nó de emoção na minha garganta; Eu não ganhei. Estou sentenciando minha irmã à morte. "Ela não vai abandoná-lo, mamãe."

Quando minha mãe simplesmente olha, eu levo suas mãos ao meu peito, desejando que ela me perdoe. Sentir aquele lugar onde meu coração costumava bater - onde às vezes, acho que ainda bate. De que outra forma poderia estar sangrando assim? "Por favor, diga alguma coisa," eu sussurro.

Uma sombra muda em seus olhos com isso, e isso me aterroriza.

Isso me lembra a mulher presa dentro de sua cama, presa dentro de sua cabeça, que não conseguiu escapar nem mesmo para suas filhas. Depois de outro longo momento, ela afasta as mãos. "Eu não posso lhe dar minha bênção", diz ela baixinho, "não importa o quanto você deseje. Não posso condenar nenhum de vocês a tal destino.

Sem outra palavra, ela se afasta de mim, desaparecendo pela cortina.

Deixando-me olhar para ela com esse zumbido terrível em meus ouvidos.

"Eu..." Sufocando a palavra, eu olho para Michal, mas é Jean Luc quem pisa na minha frente quando eu finalmente me movo para segui-la. Ele toca meu cotovelo com dedos leves. Não sinto pena em seu olhar, no entanto, ou mesmo o nojo tantas vezes presente quando ele olha para mim agora. Em vez disso, ele se enche de compreensão. Com tristeza.

E com isso, sei que nunca vamos consertar a fenda entre nós. Não propriamente. Mesmo com seu perdão, nunca seremos como éramos antes de ele se apaixonar por mim e eu me apaixonar por ele. E - talvez isso seja o melhor.

Talvez algumas mágoas sejam profundas demais para serem esquecidas.

Ainda assim, ele aperta meu cotovelo e diz: "Vou falar com ela".

Então, quando ele se afasta também-

"Sinto muito, Jean."

As palavras me deixam em um sussurro sem fôlego, talvez suave demais para ele ouvir, mas ele ainda hesita perto da cortina, olhando para mim com uma expressão inescrutável. Talvez ele possa disfarçar suas emoções, afinal. Com um suspiro, ele inclina a cabeça em direção à mesa, onde uma carta está aberta em

sua superfície. Sua carta. "Eu sei," ele diz baixinho.

Quando ele desaparece depois de minha mãe, volto para a segurança dos braços de Michal, para sua presença forte e firme, e descanso minha bochecha contra seu peito. Eu ainda não me permito chorar, no entanto; Eu ainda não ganhei. Na verdade, eu até sorrio um pouco enquanto Brigitte fica congelada perto da cortina, olhando entre ela e eu como se não soubesse o que fazer. "Não quero ser rude nem nada", ela diz finalmente, "mas quem diabos é Mila?"

Capítulo Quarenta e Dois

O Segundo Turbilhão

Em trinta minutos, Reid Diggory - anteriormente renomado capitão dos Chasseurs, herói de guerra condecorado e marido da bruxa mais poderosa viva - tornou-se Mila Vasiliev.

Ou pelo menos, ele se parece muito com ela.

Foram necessárias várias tentativas fracassadas - vários momentos longos e estressantes enquanto o turbilhão enfraquecia seus esforços - mas lentamente, peça por peça, Reid persuadiu sua magia a cooperar. O cheiro forte ainda permanece em sua pele enquanto ele pressiona a ponta de um dedo recém-feminino no nariz. Ele quebra sob seu toque, e eu estremeço quando ele geme, enquanto a carne de seu rosto se contorce e se contorce nas feições de Mila: seu nariz empinado, seus lábios carnudos, suas bochechas coradas. Uma única sarda polvilha o último - uma sarda que nunca notei em todo o tempo em que conheci Mila.

Com uma pontada, percebo que nunca a conheci.

Eu conhecia a marca, sim, a ilusão, mas nunca a conheci de verdade. Embora isso também não seja tecnicamente ela - este é Reid quebrando e reformando seu corpo para se parecer com o retrato dela - ainda parece diferente, vendo-a em cores completas e gloriosas. Essas lágrimas traiçoeiras não pararam de queimar desde a partida de minha mãe e ameaçam transbordar novamente quando o toque final da transformação de Reid se encaixar. Meu alívio é uma coisa emaranhada e agridoce.

Seus olhos.

Quentes, ricos e marrons, eles olham para mim do outro lado da gruta. O tom exato de Odessa e Dimitri, mas um pouco mais espaçado e maior, mais redondo, com cílios pretos grossos forrados com kohl. Não consigo desviar o olhar. Não consigo parar de estudá-la, memorizá-la - o perfil forte de sua mandíbula, os ossos delicados de seus ombros, o exuberante cabelo de zibelina que cai em cascata em torno de seu vestido. Pomba branca. Michal descreveu para Reid com o máximo de detalhes possível, e o efeito é. . . de tirar o fôlego.

Ela é de tirar o fôlego.

Michal, Odessa e Dimitri ficaram parados como estátuas.

Eles olham para ela como se olhasse para uma estrela cadente ou um eclipse solar - como se piscassem, eles poderiam sentir falta dela e sentirão sua falta para sempre.

Quando ela geme novamente, no entanto - sua voz muito profunda, muito masculina - a ilusão se despedaça, e eu me forço a respirar fundo e firme enquanto Reid cerra as mãos em punhos. "Eu não serei capaz de segurar isso para sempre." Cada palavra soa trabalhada, dolorida. "O turbilhão - é muito forte."

"Sua voz," eu sussurro.

"Sinto muito." Ele balança a cabeça, fecha os olhos. Seus olhos. "Eu não posso - não posso torná-lo mais alto. Minha magia—"

Michal se move para ficar ao meu lado então. Ao som da voz de Reid, sua mandíbula se aperta e seus olhos negros brilham demais à luz de velas. Qualquer outra pessoa pode tê-los confundido com lágrimas, mas posso sentir a raiva lambendo suas costelas. Não. A dor. Em vez de fazer Michal parecer mais vulnerável, no entanto, isso o faz parecer de alguma forma mais feroz, predatório até. Como um animal selvagem preso em uma armadilha. "Você se parece com ela", ele diz a Reid.

Não soa como um elogio.

Quando Reid pisca, assustado com seu tom, Odessa descansa uma mão gentil contra seu braço. "Sim, você faz."

Os lábios de Michal se curvam.

Felizmente, Lou e Mathilde descem naquele momento - um de cada lado - o primeiro segurando o queixo enquanto o último pega seu vestido. "Sua boca é mais larga", diz Lou, virando o novo rosto de Reid para examiná-la. Mila é apenas alguns centímetros mais alta que ela, diminuindo a diferença de altura entre eles. "E o arco de cupido dela é menos pronunciado." Ela dá um tapinha em sua bochecha com uma mão fraca, suas sardas gritantes. "O seu ficou todo pontudo."

Mathilde dá um tapa na mão. "Você viu a garota duas vezes. Você dificilmente é a autoridade..."

"Sim, bem..." Revirando os olhos, Lou balança um colar de seus dedos, as bordas douradas do pingente brilhando levemente quando a luz as pega. Dentro dele, um retrato de Mila sorri de volta para nós, sereno, bonito e vivo. "Eu sou o único segurando o medalhão e, claramente, o arco do cupido dela parece diferente."

Michal enrijece ao meu lado, e eu passo a mão ao longo de seu braço antes de traçar círculos em sua palma. Ele se acalma um pouco ao toque, embora sua

mandíbula permaneça como adamantina.

"Esse retrato é do tamanho de um dedal" - Mathilde arranca o medalhão, embora o movimento a deixe balançando levemente - "e mesmo que não fosse, o artista que o pintou era uma farsa e um bacamarte. Em uma tentativa desesperada de glória, ele evitou a civilização e renunciou ao banho por um ano inteiro, reivindicando a natureza como sua única musa verdadeira. Você deveria tê-lo cheirado no final - absolutamente fétido - com apenas um punhado de paisagens ruins para mostrar. Ela levanta o retrato para examiná-lo mais de perto. "Deixando tudo isso de lado, este pode ser seu melhor trabalho. Não é difícil fazer com Mila." Com um arrepio exagerado, ela enfia o medalhão com ternura em sua capa. "Você ainda está errado sobre a boca dela, no entanto."

Ela pontua o último apoiando-se pesadamente na cabeceira da cama, empurrando para o lado os gatinhos que arranham suas pernas.

Assim como eu, eles estão enxameando seus pés desde que Michal os libertou do banheiro para esticar as pernas antes de nosso confronto com a Morte. Um gesto atencioso, e nenhum que Mathilde parece apreciar. Franzindo a testa para eles, ela murmura: "Mila era minha amiga mais querida e, sem dúvida, eu a conhecia melhor."

Espero que Michal fale agora, ou talvez Odessa e Dimitri; Espero que eles discordem e ataquem as bruxas por reivindicarem qualquer parte de Mila, mas nenhuma delas fala. Na verdade, Dimitri nem mesmo se vira da beira da água, onde fica rígido, olhando para o turbilhão com as mãos nos bolsos.

Lou limpa a garganta no silêncio, liberando o rosto de Reid com um olhar furtivo para os vampiros. Na própria Mathilde. "Você provavelmente está certo", diz ela finalmente. "Seu arco de cupido é perfeito."

Com esforço, Michal força um sorriso pequeno e frio - um homem não afetado, um homem no controle, mas aqueles olhos ainda queimam com fogo negro. Embora sua irmã possa ter escolhido seguir em frente - pode até ter passado pacificamente, como a lua sobre o sol - ele ainda sente falta dela, e sempre sentirá.

Haverá tempo para lamentar mais tarde, no entanto, depois de lidarmos com a Morte. Talvez até lhe demos um funeral adequado; Vou aprender como eles colocam seus mortos para descansar na terra natal de Michal e Mila, e será uma bela homenagem. Mas, por enquanto-

Mathilde rosna de dor, ameaçando desmaiar quando as garras de um gatinho se prendem em seu joelho. "Alguém fará algo sobre esses malditos gatos?"

Eu me movo - determinado a salvar a pobre coitada antes que ela acidentalmente a jogue no mar - mas hesito quando Brigitte se apressa com uma cesta. Ela arranca cada gatinho pela nuca, guardando-os sem dizer uma palavra.

Eu franzo a testa para sua eficiência. Em sua agilidade. De fato, quando me curvo para ajudar, ela arrebata o último gatinho antes de se virar bruscamente sobre os calcanhares, os nós dos dedos pálidos enquanto ela agarra a cesta contra o peito. Seus olhos disparam em direção à cortina.

Em direção à minha mãe e Jean Luc.

A compreensão me varre imediatamente. Brigitte pode nos odiar - pode me odiar acima de tudo - mas ela não agiu de acordo com seus sentimentos; ela não desenhou seu Balisarda e o alojou no meu pescoço como ela claramente deseja fazer. Não. Em vez disso, ela ouviu, questionou, até ajudou. . . e tudo por causa de Jean Luc.

Erguendo a cesta mais alto, ela passa por mim em direção à cortina, mas eu estendo uma mão hesitante para detê-la. "Obrigado," murmuro quando ela se vira, sem saber o que mais dizer.

Ela joga sua longa trança por cima do ombro, olhando para mim enquanto coça o queixo de um gatinho. "Eu não estou fazendo nada disso por você. Eu não pedi para estar aqui." Embora sua voz chie com veneno - uma vez, teria me preenchido com isso em resposta - eu estive em sua posição, e não é uma que eu desejaria a ninguém. Eu estive preso na destruição do passado de um amante também. Pior ainda, o dela a abandonou em uma gruta com sua ex-noiva.

Claro que ela quer enfiar uma espada no meu pescoço. Não posso culpá-la por isso, então, em vez disso, ofereço um pequeno sorriso. Um ramo de oliveira. "Estou agradecido independentemente, Brigitte. Verdadeiramente."

Em vez de retribuir, ela se encolhe como se eu tivesse dado um tapa nela. E isso - tudo bem também. Esperado. Embora eu me prepare quando ela abre a boca para falar, ela parece mudar de ideia no próximo segundo, franzindo a testa e balançando a cabeça. Deslizando pela cortina sem dizer mais uma palavra. Ainda posso ouvir quando ela se junta a Jean Luc e minha mãe, no entanto, e coloca a cesta no chão. O leve farfalhar do tecido enquanto ela se senta, o sussurro mais fraco de saudação a Jean Luc. Eu posso ouvi-lo pegar a mão dela.

Paro de ouvir e me volto para Michal, que encontra meu olhar do outro lado da gruta.

Eu te amo. Eu murmuro as palavras sem pensar, e ele avança para me puxar em seus braços. Sem uma palavra, ele me beija, e esse vínculo pulsa entre nós como um batimento cardíaco. E é o suficiente. Com ele, sempre será o suficiente.

Eu ainda sinto a tocha que ele carrega agora, no entanto. Embora eu tente ignorá-lo, ele pressiona a cavidade entre minhas omoplatas e eu engulo o nó na garganta antes que ele me sufoque. Porque eu - eu não posso pensar nessa tocha agora. Eu não posso pensar nisso nunca - não posso reconhecer sua existência -

até que tudo isso acabe, até que eu não possa fazer nada além de me arrepender pelo resto da minha vida eterna. Não temos escolha. Nunca tivemos escolha.

O remorso pulsa através do vínculo de Michal também - junto com o pavor doentio do que ele deve fazer - mas eu também não reconheço, e ele permanece misericordiosamente silencioso.

Por cima do ombro, Lou entra na água, onde fecha os olhos e levanta as mãos com Reid enquanto Mila fica de sentinela ao lado dela. "Você está pronto?" ele pergunta em voz baixa e tensa.

Apertando a mandíbula, ela acena com a cabeça. "Não há tempo como o presente."

E começamos.

Mathilde se levanta da cama enquanto Lou balança os pulsos, e a água além do turbilhão real começa a se agitar também - lentamente no início, tão lentamente - enquanto Odessa e Dimitri assumem suas posições em extremos opostos da costa. Eles serão responsáveis por empurrar a Morte para as águas se eu falhar.

O pensamento deveria me aterrorizar, e me aterroriza - que eu possa falhar, que o véu possa cair, que todos aqui possam se render à Morte no final. Ainda assim, além de Reid, eu sou o único que a Morte pode permitir que se aproxime dele. Eu sou o único com o elemento surpresa.

Deixando Michal para lidar com Filippa, se ela vier.

Ela virá, digo a mim mesmo ferozmente. Seu futuro depende disso também.

Meu estômago se revira com isso, ameaça esvaziar todo o chão desta gruta miserável. Seu filho.

Ainda assim, nossa duplicidade vem por último, então, juntos, Michal e eu observamos as águas ganharem impulso, o segundo turbilhão começando a se formar. O sangue escorre dos ouvidos de Lou com o esforço, e Dimitri fecha a boca com um gemido enquanto Odessa o observa como um falcão. "Pare de respirar", ela diz a ele, mal movendo os lábios para evitar que alguém perceba. "Prenda a respiração."

Ele engole em seco e acena com a cabeça.

"E você?" Michal pergunta com a mesma calma. "Você está pronto para isso?"

Não, eu quero dizer, mas é claro que não posso. Claro que ele sente isso de qualquer maneira.

"Depois que Lou terminar, Mathilde começará com o véu." Os braços de Michal se apertam em volta de mim uma última vez. "Se a Morte morder a isca, ele pode estar aqui em instantes."

"Em segundos," eu sussurro.

"E você terá" - os membros de Lou tremem de tensão agora, sua magia quebrada ainda movendo um oceano inteiro - "por tanto tempo para empurrá-lo."

As ondas quebram além dos turbilhões com suas palavras, uma tempestade se formando - implodindo - enquanto o vento aumenta também. Ele pega nossos cabelos, nossos vestidos, batendo as cartas da mesa de Michal e carregando-as para o mar. Dimitri dá um único passo enquanto água gelada espirra em seu rosto, e Odessa planta os pés, preparando-se para a batalha que está por vir - porque será uma batalha. Uma vez que a Morte perceba nosso engano, perceba que maquinamos toda a cena, sua ira será infinita. Como Lou disse, teremos apenas alguns segundos para empurrá-lo, talvez menos; Michal precisará despachar minha irmã somente depois que a Morte cair.

Diga a palavra, Célie, sua voz parece sussurrar, exceto que agora eu sei que essa voz pertence a mim. Sempre foi. Para matar sua irmã. Para queimá-la.

Ainda assim, as águas se agitam mais rápido.

Rápido.

Como se reagisse à magia de Lou, o verdadeiro turbilhão parece aumentar ainda mais, mais feroz, buscando consumir seu subterfúgio. Ele espirala mais fundo até que rochas irregulares possam ser vistas no fundo do mar. Eles se parecem com dentes, e o sangue escorre do nariz de Lou agora também. Reid a segura firme, ancorando-a com as pequenas mãos e o corpo gentil de Mila, enquanto ela começa a tremer violentamente.

Qualquer que seja a magia que ela esteja usando para criar o segundo turbilhão, ela deve estar puxando-a de seus próprios ossos. "Calma, garota", murmura Mathilde, e até ela dá um passo à frente como se quisesse ajudar. Como se estivesse preocupado.

"Eu estou... bem." Lou cospe as palavras com os dentes cerrados. Então, levantando a voz sobre o rugido das ondas: "Estamos quase" - ela dá outro grande arrepio - "lá. Está todo mundo pronto?"

"E se não estivermos?" Dimitri quase grita para ser ouvido, o vento chicoteando seu cabelo em seu rosto. "O que então?"

"Muito ruim."

Dimitri amaldiçoa, e Michal me solta finalmente quando Odessa retruca: "A morte é a prioridade. Nós o empurramos, não importa o custo!" Quando os joelhos de Lou se dobram em resposta, ela aponta um dedo para o teto, acrescentando descontroladamente: "E eu - eu te devo uma nova vassoura, Louise la Blanc! Eu desmontei o seu e o banhei em uma solução alquímica para fazê-lo voar, então não se atreva a morrer em nós..."

Lou força uma risada apesar de si mesma, e um raio se bifurca além da boca da caverna. Seu sangue escorre mais rápido. "Vassouras não voam."

"O seu pode! Quando isso acabar, todos nós descobriremos! Então, mais feroz do que a tempestade - "Concentre-se, Louise. Estamos quase lá!"

"Ninguém vai voar para lugar nenhum até que eu pegue minha caixa de chapéu!" Os olhos de Mathilde se estreitam com a força dos redemoinhos, e ela acena com a cabeça uma vez para si mesma, como se estivesse satisfeita. Meu estômago despenca com o movimento, e eu assisto - congelado - enquanto ela luta contra o vento para marchar para o centro da gruta. Está na hora. "Uma promessa é uma promessa, suas criaturas miseráveis!"

Lou ri mais alto, mal parando agora, enquanto Mathilde acena novamente para Reid, e ele arrasta Lou para além da cortina para o banheiro. Escondendo-a. A morte não pode ver ninguém que ele não espera ver, e especialmente não uma bruxa sangrando pelos olhos e ouvidos. Ela vai ficar bem, digo a mim mesmo ansiosamente. Ela vai se curar com a distância do turbilhão.

Jean Luc e Brigitte também permanecerão escondidos - sequestrados com minha mãe - para não assustar a Morte com seus rostos humanos e Balisardas. Se ele suspeitar de nosso verdadeiro motivo cedo demais, tudo estará perdido.

Quando Reid retorna um momento depois, os redemoinhos ainda se enfurecem, e Mathilde enfia a mão no véu. "Espero que todos vivam", diz ela, antes de lançar um olhar para Michal. "E se você fizer isso, estou falando muito sério sobre minha caixa de chapéu - e meus livros! Cada um." Então ela rasga o véu, seu olhar brilhando em prata derretida enquanto o reino espiritual ondula em seus dedos e a neve esvoaça na gruta. "Eu me agarraria a algo se fosse você."

Mais rápido do que eu já consegui, ela desaparece pela abertura, consertando-a no mesmo movimento fluido.

O resto de nós se prepara em antecipação quando Reid entra na água. Seu peito ainda arfa de dor, seu rosto contorcido de concentração. Ele precisará aliviar a respiração se a Morte acreditar que ele é Mila, acreditar que ela se levantou do... onde quer que os fantasmas vão quando passam do reino espiritual. Minha própria respiração engasga com o pensamento. Não discutimos nenhuma história plausível para Reid. Ele não saberá responder se a Morte fizer alguma pergunta; Precisarei responder por ele e-

E será preciso um milagre para que isso funcione.

Ainda assim, aperto as mãos por hábito, ou talvez em oração, e fecho os olhos enquanto esperamos o sinal de Mathilde. Por um segundo - por um único e glorioso segundo - eu me permito pensar em um futuro melhor. Um futuro onde sobrevivemos, onde banimos a Morte, onde Lou voa em uma vassoura e onde eu ajudo Michal a reconstruir a cabana de Mathilde antes de fugirmos para sua casa nas ruínas. Para nunca mais ser visto.

Quando abro os olhos, no entanto, não vejo nenhuma dessas coisas.

Em vez disso, um gato malhado laranja gordo sai do banheiro e - para meu horror - minha mãe aparece em seu rastro. "Volte aqui neste instante..." Ela se endireita com o rugido do vento, seu rosto pálido congelado de surpresa, e eu não posso fazer nada além de levantar uma mão em pânico antes que Mathilde envie sua onda de choque através do véu.

O mundo implode.

A pressão sísmica destrói o éter, o âmago do meu ser, enquanto o véu explode para fora, enquanto rouba minha visão, minha respiração, e não consigo encontrar Michal para agarrar sua mão - não consigo encontrar nada, exceto o poste de sua cama, que eu me jogo para não cair. E parece que Mathilde me atacou em vez do véu - balançou um porrete direto nos meus joelhos - enquanto a gruta ondula, enquanto estremece com onda após onda de tremores secundários. Michal tropeça para trás como se ele os sentisse também, e minha mãe...

Eu suspiro e solto a cabeceira da cama, caindo de joelhos. Minha mãe.

Com um grito de choque - de dor - ela desmaia, batendo no chão com um baque indelicado e não se movendo novamente. Embora o éter ainda trema, embora o chão ainda trema e o mar ainda ruga, eu rastejo em direção a ela enquanto Michal grita um aviso. Eu pego seu rosto frio na minha mão.

Oh Deus.

"Mamãe." Minha voz sai rouca enquanto eu a sacudo levemente, determinada a despertá-la antes que a Morte chegue. Através do tecido ondulante da realidade, Reid, Odessa e Dimitri olham para nós com horror, completamente não afetados pelo choque. Então, por que ela estava? "Mamãe, acorde. Por favor, acorde. Você deve se esconder porque... porque a Morte estará aqui a qualquer momento, e se ele..."

Mas Mical se juntou a nós agora; Ele se ajoelha ao nosso lado com uma expressão sombria, pegando seu pulso para verificar seu pulso. "Ela está viva", diz ele rapidamente. "Seu coração está fraco, mas ainda está batendo."

Ela está viva. As palavras me atingem como relâmpagos gêmeos, e eu me levanto, boquiaberta para ele, mesmo enquanto ouço seus batimentos cardíacos fracos. Porque por que ela não estaria viva? O que está acontecendo? E onde— "Onde está a Morte?" Eu olho em volta descontroladamente em busca de qualquer sinal dele. "Por que ele não veio? Ele deve ter sentido...

Antes de terminar a frase, no entanto, um som sinistro de corte irrompe atrás de Reid. O véu rasgando, rasgando, enquanto a Morte e Filippa passam. "Bem, bem, bem", ele reflete, seus olhos se arregalando enquanto passam de Mila para o turbilhão, para Michal e eu de joelhos. Eles ignoram minha mãe completamente. "Que reviravolta interessante."

Levantando-me de joelhos instáveis, eu me movo na frente de minha mãe enquanto o último tremor desaparece. Lembro-me das lições que ela nos ensinou sobre como manter a compostura enquanto estávamos na aristocracia, e mantenho meu queixo erguido, fixando um sorriso duro nos lábios. Reid não será o único artista nesta charada. Fazendo uma reverência perfeita, digo: "Bonsoir, monsieur, e faça-se bem-vindo."

"Bem-vindo" - suas sobrancelhas se erguem incrédulas enquanto eu me endireito, "não é uma palavra que eu já ouvi de você antes."

Eu dou um pequeno passo em direção a ele, acenando com uma mão errante. "Talvez as boas-vindas sejam um exagero, mas não posso dizer que sua presença aqui seja totalmente inesperada." Mais um passo. "Pelo menos você deixou seus fantasmas em casa desta vez."

Os olhos da Morte se estreitam antes de voltar para Reid - para Mila - como uma mariposa atraída por uma chama. "Meus fantasmas nunca estão longe, querida," ele diz suavemente, e atrás dele, o véu tremula com a presença deles. Quantos esperam além disso, eu não sei. Então- "Como você fez isso?"

Mais um pequeno passo. Outro. Como planejado, Michal permanece a uma distância segura atrás de mim. Eu só preciso chegar perto o suficiente sem levantar suspeitas; A morte nunca me levou a sério, e pretendo fazê-lo se arrepender. "Como se eu fosse te contar." Continuando meu lento caminho em direção a ele, eu reviro meus olhos como se estivesse irritada. "Você é o único que desistiu depois das cinzas de La Voisin." Passo. Passo. Passo. "Você nunca experimentou meu sangue em um corpo real."

"Ah, meu doce, mas Mila não tinha um corpo de verdade."

Eu arqueio uma sobrancelha, lançando um olhar malicioso para Michal, cujos lábios se curvam. "Diz quem?" ele pergunta.

Até a Morte parece levemente impressionada com isso, se não um pouco revoltada. "Você guardou o cadáver de sua irmã depois que Frederic a drenou? Quão terrivelmente. . . perturbador. Mas por que esperar todo esse tempo? Por que não revivê-la quando você sequestrou nossa querida Célie?"

Levanto meu queixo desafiadoramente e rezo para que nossa débil explicação seja suficiente. "Ainda não sabíamos o que meu sangue poderia fazer."

"Ah." A Morte levanta o braço de Mila para examiná-lo, passando os dedos ao longo da pele interna de seu cotovelo. Quando Michal rosna baixinho, ele ri. "Você descobriu, então. Você a trouxe de volta. Seu sangue tem sido a chave o tempo todo."

Parece uma pergunta.

"Obviamente."

"Isso não o derrubou." A morte olha para o segundo turbilhão antes de estender a mão como se quisesse sentir o véu, testá-lo, enquanto eu continuo em direção a ele. "Quantos mais serão necessários? Eu me pergunto. Certamente o véu não pode sofrer muito mais abusos." Quando eu não respondo, ele inclina a cabeça, olhando para mim. Estudando minha reação de perto. "O que mudou de ideia? Por que você fez isso?"

Grato por meu coração não poder bater de medo, levanto um ombro. "Você matou Mila. Nós a queríamos de volta."

"Ah, sim. Mila. Não ouvimos muito de nossa linda amiga, não é? Lembro-me dela sendo muito mais. . . falante na vida. E na morte", acrescenta pensativo. "Nós dois nos conhecemos bem ao longo dos anos."

Por favor, por favor, por favor, eu acho.

Em ambos os lados da costa, Dimitri e Odessa sombreiam meus movimentos da maneira mais sub-reptícia possível, mas a Morte ainda não os notou. Ele parece muito absorto em Mila, circulando em torno dela agora. Aproximando-se do turbilhão enquanto ele arrasta uma mão pelas costas dela. Ela treme, fechando os olhos, e seus olhos prateados brilham de satisfação - ele acha que a está afetando, quando, na realidade, Reid está lutando para manter seu controle. Seus membros estão travados. Sua mandíbula aperta com força. A bile ainda sobe na minha garganta com a expressão ávida e faminta da Morte, mas eu a engulo de volta. Porque esse era o plano. Dimitri, Odessa, a própria Morte - tudo isso está indo de acordo com o planejado.

Exceto por Filippa.

Ela rastreia os passos dos gêmeos com muito cuidado - especialmente os de Dimitri - suas feições se aguçando com suspeita quando eu pego seu olho. "Cuidado," ela murmura para a Morte, aproximando-se dele também. "Isso pode ser um truque."

A morte zomba.

"Você sentiu a perturbação, não é? Você a vê de pé diante de nós agora? Embora a Morte fale com Filippa, ele ainda olha para Mila como seu bem mais precioso, pegando uma mecha de seu cabelo enquanto ele ondula ao vento. Ele inclina a cabeça em direção às águas. "Você vê os redemoinhos."

"Eu sinto o cheiro da magia", diz Filippa bruscamente.

A morte acena com sua raiva de lado. "Você sente o cheiro de mim - ou talvez de sua irmã - como não podemos deixar de cheirar a Suas narinas se dilatam e, relutantemente, ele lança um olhar enojado para Michal. "Embora eu perceba que você está manchando nosso cheiro hoje em dia. Uma pena, isso."

Michal rosna. "Se você sabe o que é bom para você, você vai dar o fora. Agora."

"Não, acho que não vou."

Os olhos de Michal brilham quando a Morte leva a mão de Mila aos lábios, e Reid estremece novamente, sua respiração superficial. "Não toque nela," Michal rosna abruptamente.

Eu me apresso enquanto a Morte ignora Michal, um sorriso lento e sedutor se espalhando por seu rosto. "Mila Vasiliev", diz ele, e felizmente, Reid reúne as feições de Mila em imperiosidade em vez de raiva. "Minha eterna donzela. Você é muito mais bonita viva. Diga-me, querida, como é andar entre nós mais uma vez?

Michal endurece com a pergunta. Odessa e Dimitri param no meio do passo. E eu preciso agir, rapidamente, antes que a Morte sinta qualquer hesitação. "Como você acha que ela se sente?" Eu intervenho em voz alta. "Ela..."

"Eu não estava falando com você." Seus olhos prateados permanecem firmes em Mila, e ele arqueia uma sobrancelha em questão. Espera. E não me atrevo a olhar para mais ninguém também, para que a Morte não perceba que algo está errado. Apenas mais alguns passos. Mais alguns passos de mim - ou de Dimitri e Odessa - e podemos fazer isso. Podemos alcançá-lo, depois Filippa. A energia surge através de mim, uma descarga de adrenalina que permeia o ar, e os outros parecem sentir isso também. Abandonando a cautela, eles aceleram o passo assim que a Morte diz: "Bem?"

Um fio de sangue escorre do nariz de Mila em resposta.

Um baque soa do banheiro.

Embora eu gire em direção ao som - talvez minha mãe tenha se levantado e caído novamente - ela permanece amassada no chão, e aquele som -

Para meu horror, o segundo turbilhão começa a desacelerar, começa a parar e os ventos morrem junto com ele, deixando-nos em um silêncio horrível. Não.

Não, não, não.

Meu coração salta na minha garganta enquanto eu olho impotente para Mila, que parece muito mais alta do que antes - seu cabelo tingido de vermelho - com o nariz derretendo em uma forma pálida e lumpen antes de se transformar no de Reid. Mais reto. Maior - grande demais para seu rosto em forma de coração. Oh Deus. A realização começa a surgir nas feições da Morte. Com os olhos se estreitando, ele estende a mão lentamente para limpar o sangue com o polegar. "O que. . . ?"

E Reid ataca, inesperadamente socando-o na água.

A morte cai como se estivesse em câmera lenta, braços girando no ar, antes de pousar pouco antes do turbilhão com um enorme respingo. Sacudindo o pulso para a tocha de Michal, Reid se afasta em direção a Lou, e a tocha realmente pega fogo - assim como a mão, o pulso e o braço de Michal. As chamas sobem

por sua manga como se fossem sencientes, e ele ruge de dor, jogando a tocha para o lado enquanto Odessa, Dimitri e eu avançamos em uníssono em direção à Morte. Embora Filippa se levante para nos encontrar, Dimitri não hesita. Ele a derruba de lado, e ela bate em mim, que bate em Michal, que agarra seu colarinho com uma mão ardente para jogá-la no turbilhão após a morte.

Com o cabelo em chamas, ela o esfaqueia no punho com uma faca de prata. Ele amaldiçoa amargamente, mas Filippa já está se movendo.

Arrancando a faca do punho de Michal, ela a arremessa atrás de si com velocidade e precisão sobrenaturais, e eu não posso fazer nada - nada - enquanto a Morte surge da água, enquanto Dimitri se lança, as pontas de seus dedos apenas roçando a manga da Morte -

E a faca de Filippa se aloja no fundo do peito de Dimitri.

Um grito destrói a gruta. Não sei dizer se pertence a Odessa ou a mim - não com sangue correndo pelos meus ouvidos e os olhos de Dimitri se arregalando em choque. Não com sua pele ressecando como se ele estivesse - como se ele fosse -

Ele está morrendo.

Minha mente se recusa a aceitar as palavras, mesmo quando ele cambaleia um passo para trás, e Odessa joga Filippa na água, rosnando, gritando e soluçando. Extinguindo a única chance que poderíamos ter tido de matá-la. E Michal cobra a Morte, que ri, mas sinto falta daquele silêncio horrível de antes. Eu sinto muita falta. Porque ninguém mais pode ouvir o último suspiro ofegante de Dimitri.

E ninguém mais pode vê-lo enquanto ele escorrega - seus olhos aterrorizados pegando os meus - e cai para trás no turbilhão.

Capítulo Quarenta e Três

Não seja gentil

Se a morte de Mila trouxe paz, a morte de Dimitri desencadeia uma guerra - uma guerra violenta e sanguinária.

Michal libera a Morte para agarrar Odessa pela cintura, impedindo-a de cair no turbilhão atrás de seu irmão. Ela chuta, grita, se debate como se seu corpo estivesse em chamas. "Dimitri! Dimitri!" Sua dor - sua fúria - tem um nome, e ela grita como se apelasse para os próprios céus. Quando eles não respondem, ela grita com Michal - para mim - vomitando ameaças e maldições, cortando seus braços e prometendo fazer a Morte pagar, nos fazer pagar também. E todo o meu corpo treme porque ela quer dizer isso. Ela nos culpa por dividir sua alma em duas, e ela deveria - deveria. Lágrimas escorrem pelo meu rosto agora. Eles embaçam minha visão enquanto olho para o turbilhão, para o lugar onde Dimitri já esteve e agora não está.

Isso é minha culpa. Dimitri está morto porque eu hesitei - porque eu - tentei proteger minha própria irmã por muito tempo, e agora Odessa nunca mais o verá. Mical nunca se recuperará.

"Dimitri! DIMITRI!"

Ela se arqueia novamente, alcançando sua irmã gêmea - esforçando-se desesperadamente em direção ao turbilhão - mas Michal se recusa a deixá-la ir; Ele a segura até que seus gritos se transformem em soluços quebrados e ela desmaia em seus braços. Acariciando o cabelo dela com a palma da mão ensanguentada, ele sussurra ferozmente em seu ouvido, mas eu não consigo mais ouvir suas palavras. Uma pressão excruciante aumenta na minha cabeça enquanto Filippa chuta a tocha no turbilhão atrás dele. Eu deveria me mover para pegá-lo, para salvá-lo - mas minhas pernas se recusam a me segurar por mais tempo. Eu afundo de joelhos nas ondas.

Com os olhos arregalados, Filippa gira em minha direção com um rosnado de descrença. "Você realmente ia me matar, Célie? Me? Sua própria irmã?"

Eu balanço minha cabeça, incapaz de ouvi-la, para ouvir qualquer coisa além do aviso de Michal soando em meus ouvidos: Haverá um custo, Célie. Sempre há um custo com a Morte, quer você perceba ou não que pagou.

Dimitri foi o nosso custo.

Um soluço destrói meu corpo, mas eu sufoco o som com meu punho. Como pude ser tão estúpido? Como eu poderia pensar que esse meu plano aleatório seria bem-sucedido? Repetidas vezes, tentei fazer o certo por meus entes queridos — prevalecer sobre aqueles que os prejudicariam — e repetidas vezes, falhei. Não apenas falhou, mas os machucou mais do que qualquer outra pessoa jamais poderia.

Minha irmã perdeu seu futuro, seu noivo e filho ainda não nascido, porque me recusei a segui-la pela janela. Agora olhe para ela - contorcida de raiva enquanto ela arranca a cruz de prata do bolso e a joga em direção à Morte, que explode da água em fúria. Do outro lado da gruta, nossa mãe ainda está inconsciente. Ela não estaria aqui se não fosse por mim - e nem Reid, que tenta ansiosamente reanimar Lou no banheiro enquanto Jean Luc e Brigitte se apressam em ajudar. Odessa perdeu seu irmão. Michal perdeu sua irmã. Onde quer que eu vá, a dor e o desespero parecem seguir, como se se alimentassem das sombras que eu projeto. Como se eles prosperassem em meu rastro.

Quanto mais eles deverão pagar? Como o custo pode subir ainda mais? Já parece que estou me afogando em sua dor, absorvendo seu peso e afundando, sufocando, até que haja apenas escuridão.

Dimitri está morto.

A morte venceu.

Assim que penso nisso, uma mão agarra meu cabelo, puxando-me para cima pelo couro cabeludo. Embora eu me contorça, arranhando o pulso da Morte, ele não hesita desta vez; Ele não pára para ouvir, olhar, falar. Com os olhos em chamas, ele simplesmente enrola a corrente de prata em volta da minha garganta e puxa.

Um fogo incandescente irrompe em minha pele - uma dor tão consumidora que oblitera todo o resto - e meu grito estilhaça a gruta.

"Sim," a Morte sibila com os dentes cerrados e, com um movimento do queixo, os fantasmas se espalham pelo véu até a gruta. Dezenas deles, um após o outro após o outro. "Dói, não é?"

Só posso agarrar a corrente em resposta, sem me importar com as bolhas que devastam meus dedos, minhas palmas - porque vou morrer. Ele vai me matar, e a última coisa que verei é o rosto em pânico de Michal...

Não! Eu grito através do vínculo enquanto Michal avança, enquanto os fantasmas se levantam para encontrá-lo, enquanto a Morte ri novamente e puxa a corrente com mais força, dividindo minha pele e cortando meu grito. O sangue quente se acumula ao redor do metal, e Michal fica imóvel instantaneamente. Seu rosto angustiado. Seus olhos se arregalaram.

"Finalmente" - a Morte me puxa contra seu peito nu - "você está começando a entender o que está em jogo aqui. Ah, ah, ah—" Seu rosto se inclina para Odessa, que circulou para a nossa direita quando Michal se lançou, dobrando os joelhos para saltar. Um punhado de fantasmas também se aglomera ao seu redor. "Não tenha nenhuma ideia, ou a cabeça de Célie logo se juntará ao seu irmão."

Embora Odessa se endireite lentamente, todo o seu ser queima com ódio mordaz. "Pare com isso. Pare com isso agora. Você não quer uma guerra com vampiros."

"Sabe de uma coisa, Odessa?" ele pergunta em voz alta. "Acho que não vou parar. Na verdade, acho que nem comecei, mas gosto dessa sua pequena encenação. Que desempenho brilhante." Com passos longos e furiosos, ele me arrasta da água pela corrente de prata. Embora eu cave meus calcanhares na rocha para nos atrasar, isso não adianta. Embora eu me esforce para deslizar meus dedos encharcados de sangue entre a prata e minha pele, ele a segura com muita força. Não consigo encontrar compra, e a corrente corta mais fundo na minha pele. Sangue escorre pelo meu peito em outra paródia doentia de All Hallows' Eve. "O que você acha, Célie? Vamos usar o palco que você já preparou? Tenho uma nova teoria que gostaria de testar."

"Deixe-a ir", rosna Michal.

"Oh, eu planejo", diz a Morte com uma espécie de alegria cruel e. "Seu querido companheiro - uma palavra tão nojenta, a propósito - será a estrela do nosso segundo ato. Não há necessidade de parecer tão sombrio, meu amor. Puxando-me para cima, ele torce minha bochecha contra a dele enquanto eu engasgo e gaguejo, meus dedos dos pés deslizando no chão. "Vai ser muito fácil, na verdade. Você fingiu ressuscitar Mila - e eu gosto bastante da ideia de recriar aquele segundo turbilhão - então vamos ao que interessa, certo? Quem aqui você mais ama? É seu amante?" Ele inclina nossos rostos para Michal, e a corrente corta um pouco mais fundo. "É seu amigo?" Em seguida, ele me força a olhar para Lou, que irrompeu pela cortina com Reid, Jean Luc e Brigitte ao som do meu grito. O sangue escorre de seus olhos e ouvidos, do nariz de Reid. "Talvez seu noivo? Ele é uma surpresa inesperada."

Com isso, Jean Luc varre sua Balisarda da bainha, mas a Morte zomba, sacudindo o queixo em direção a Filippa; Ela ataca com velocidade letal, torcendo a espada de seu punho e esmagando seu punho contra seu crânio. Quando ele se encolhe instantaneamente, Brigitte grita de raiva - sacando sua própria arma - mas ela não consegue igualar a força sobrenatural de Filippa. Em segundos, ela se junta a Jean Luc no chão. Girando as duas armas em uníssono, Filippa as nivela nas mãos de Lou e Reid. "Não se mova", ela adverte, "ou eu vou cortá-los".

Nenhum deles ousa desobedecer.

Mais fantasmas se movem para cercá-los.

"Ou talvez" - A morte continua como se Filippa não debilitasse sozinha quatro pessoas - "é sua querida mãe que você ama acima de tudo. Vamos dar uma olhada mais de perto?" Com um olhar de advertência para Michal e Odessa, a Morte espreita pela gruta, ainda me segurando contra ele pela corrente na minha garganta. Ele me força a ficar de joelhos na frente dela antes de se inclinar sobre mim - empurrando meu peito para o chão - e cutucando-a brutalmente na testa. "Olá? Você ainda está aí?"

Seus olhos se abrem com o ataque, e é preciso toda a minha determinação para não rosnar e recuar, dirigindo minha cabeça para seu rosto zombeteiro. "Não" - eu engasgo - "toque nela."

"Mas por que não?" A morte pergunta suavemente. "Eu a possuo."

Seus olhos se abrem enquanto suas palavras tomam conta de mim, e quando ela vê a corrente de prata em volta da minha garganta - as mãos da Morte enquanto me decapitam lentamente - todo o sangue escorre de seu rosto já pálido. E seus próprios olhos - como eu não os notei antes? Outrora um verde esmeralda profundo, eles parecem quase cinza agora. Desbotado. Como se parte dela já existisse no reino espiritual. Ela inala uma respiração barulhenta. "Célie."

Ela parece um pouco pontiaguda, você não acha?

"Mãe," eu sussurro.

Embora eu a alcance, a Morte dá um puxão vicioso, e eu caio para trás enquanto ela se empurra para a posição sentada. Ela pressiona a mão na testa. "O que é - o que está acontecendo?" Sua voz é fraca, no entanto. Muito fraco. Apesar de nossa proximidade, mal consigo ouvir, mas ainda assim seu olhar se desvia para o rosto da Morte acima do meu antes de se aguçar ligeiramente. "Você - você vai libertar minhas filhas neste instante." Filhas, não filhas. Meu peito aperta com a palavra, mas Filippa não diz nada - não faz nada - enquanto eu rabisco novamente a corrente de prata. "Você me ouve? Deixe-os ir."

A morte se agacha ao lado dela, girando a corrente para que ela morda meu pescoço. Isso me força a me curvar. Então ele belisca sua bochecha como faria com uma criança errante, dura o suficiente para machucar. Então— "Não," ele diz simplesmente.

E ele empurra o rosto dela.

Ela se inclina para trás com um suspiro, e agora eu me movo - eu me lanço para ela enquanto a Morte rasga minha garganta para trás, sacudindo meu corpo bem a tempo de ver Filippa recuar em choque, com raiva, antes que sua expressão se esvazie abruptamente mais uma vez. Seus dedos ainda se apertam em branco ao redor de suas armas, no entanto. A tensão irradia de seus ombros.

"Ah, ah, ah." A morte aponta o dedo para Filippa, triunfante. "Veja, é exatamente isso! Aquele olhar em seu rosto. Aquele olhar ali - eu continuo vendo, querida Filippa, assim como eu vi do lado de fora da casa de Mathilde.

Filippa permanece completamente imóvel. "Eu não sei o que você quer dizer."

"Seu mentiroso." Rindo como se estivesse encantada, a Morte puxa a corrente mais alto e eu me levanto com ela, recusando-me a ofegar. Para reagir. Através da parede de fantasmas entre nós, o olhar de Michal não vacila de mim. E sua raiva - eu posso senti-la crescendo através do vínculo, sombria, poderosa e senciente, apenas esperando o momento certo. Ele não ousa atacar ainda - ainda não - mas rastreia cada gota de sangue da minha garganta, cada passo da Morte atrás do meu. Ele deseja que a Morte se aproxime da costa mais uma vez. Para se aproximar dele. Ele precisará de apenas alguns segundos para fugir dos fantasmas, para arrancar os braços da Morte de seus ombros, mas eu precisarei me livrar da Morte primeiro. Vou precisar quebrar a corrente, talvez quebrar seus pulsos e fugir antes que ele possa me machucar novamente.

Ele nunca mais vai te machucar.

As palavras pertencem a Michal, mas ainda pulsam escarlates em minha mente, lançando uma névoa sangrenta sobre minha visão.

"No acampamento das bruxas de sangue", diz a Morte, alheia à nossa troca, "Célie mencionou o quanto Frederic amava você, e eu não pude deixar de me perguntar - essa era a peça que faltava neste nosso tabuleiro de xadrez?" Ele inclina a cabeça em fascínio extasiado. "Caberia, não caberia? La Voisin nunca amou ninguém, então ela não teria entendido seus efeitos em seu feitiço. Mas e se isso afetasse seu feitiço? Se o sangue simples pode ressuscitar um corpo - se pode criar um fantasma - imagine o que o amor poderia fazer.

Ele estende a mão por cima do meu ombro para acariciar meu rosto, observando o de Filippa com grande interesse. Então, sem aviso, ele puxa a corrente para cima, me varrendo dos meus pés. Uma dor ofuscante queima minha garganta - bordas pretas minha visão - e embora Filippa se esforce para permanecer impassível, algo pisca em seus olhos novamente. Eles se apertam infinitesimalmente.

"E se" - a voz da Morte assume uma excitação quase febril agora, como se ela tivesse dado a ele exatamente o que ele quer - "o amor trouxer de volta a alma e o corpo? Uma verdadeira ressurreição." Sua mão livre se move para o turbilhão atrás de nós. "E a afronta final à natureza."

Filippa balança a cabeça. "Não seja ridículo."

"O que você acha, Célie?" Ele se inclina para sussurrar no meu ouvido agora, e eu me viro para encará-lo, para olhar diretamente para aqueles odiosos olhos

prateados. "Você concorda? O amor é ridículo? É ridículo que todas essas pessoas ainda te amem depois de tudo que você fez? Quantos entes queridos eles perderam agora por sua causa?"

Eu contorço meu dedo mindinho sob a corrente, ignorando a queimadura. "Por sua causa."

"Você é minha noiva, afinal. Onde você for, eu irei. Onde você ficar, eu ficarei." Ele me gira em seus braços com as palavras, puxando minha cabeça para trás com a corrente. Quando Michal rosna, a Morte sorri. "Ele também te ama, não é? Todos eles fazem, e que bênção isso deve ser. As palavras gentis desmentem diretamente a expectativa em sua voz, no entanto, o brilho faminto em seus olhos. "Na verdade, sua querida e velha mãe o ama tanto que fez um sacrifício ao chegar ao Requiem - um sacrifício muito nobre. Você acreditaria que ela se ofereceu quando uma certa bruxa concordou em parar o coração de um certo vampiro?" Ele aponta o dedo primeiro para Lou, depois para Michal. "Você não pode conseguir algo por nada, você sabe, e esse algo" - ele estende o braço para incluir Odessa também - "exigiu um segundo coração para parar de bater para que o feitiço funcionasse. Um coração vivo. Apenas temporariamente, é claro - ou foi?

A ponta do meu dedo anelar ainda está sob a corrente e, espontaneamente, meus olhos disparam para Michal e Odessa, que parecem estranhamente - atingidos em vez de enfurecidos. Mas isso não pode estar certo. A morte está mentindo, é claro. Uma pontada de desconforto ainda reverbera através do vínculo, no entanto, e não posso dizer se pertence a mim ou a Michal. Até Lou levanta a cabeça do ombro de Reid, os olhos arregalados acima dos rastros de sangue em suas bochechas. Confuso.

Meu estômago despenca.

"Isso - isso não pode ser verdade." Eu balanço minha cabeça instintivamente, engolindo em seco contra a mordida fresca da dor. De pânico. A Morte é uma manipuladora, uma mentirosa, e sempre foi - desde o primeiro golpe de sua mão no pentagrama, ele tentou explorar todos os nossos movimentos. "Isso nunca aconteceu."

"Oh céus." Morte tuts com prazer. "Ninguém te contou? Você nunca se perguntou como eles arrancaram o coração de Michal sem matá-lo? Quão terrivelmente. . . perturbador."

Forçando-se a ficar de pé, Lou rosna: "Não se atreva a fazer isso, seu condescendente." Ela se inclina para frente, sem se importar com a Balisarda em seu peito - o sangue em seu rosto, os rosnados baixos dos fantasmas - e fala enfaticamente comigo. Desesperadamente. "Célie, nós não matamos sua mãe. Eu precisava parar um coração batendo para preservar Michal, mas foi apenas por

alguns momentos. Ela se ofereceu e simplesmente - ela foi dormir por esses momentos. Quando a acordei, ela disse que sentia" - ela olha ansiosamente para minha mãe, que fechou os olhos em derrota - "que ela se sentia bem".

A morte ri novamente, mais alto e mais cruel do que antes. Tão frio quanto o gelo se espalhando pelo meu corpo.

Lou não consegue ouvir os batimentos cardíacos da minha mãe como eu. Ela não consegue ouvir como diminuiu, como seus pulmões agora chacoalham em seu peito. Atribuí sua saúde em declínio ao estresse, à insônia e ao choque, a tudo e qualquer coisa, exceto o óbvio. Porque como ela poderia estar morrendo? Como ela poderia estar morta? O mal do meu mundo nunca deveria tocá-la.

"Mamãe," eu respiro. "O que você fez?"

Ela não abre os olhos. "Eu não me arrependo."

"Ela deu uma olhada em você e Michal e sabia que você o amava", diz a Morte sedosamente. "Imagino que a escolha tenha sido bastante fácil depois disso - ela não podia arriscar a felicidade de sua querida filha, afinal. E você está feliz agora, não é, Célie? Muito, muito feliz com suas decisões?"

Atrás dele, as mãos de Filippa tremem levemente ao redor das adagas. Ela olha para nossa mãe com uma expressão horrorizada - um horror refletido no rosto de Michal também. Em Lou's, Odessa e Reid's, as Death finalmente libera a corrente de prata, murmurando: "Suponho que não precisamos mais disso". Com ternura dolorosa, ele se ajoelha para pegar a mão de minha mãe, puxando-a para seus pés e pressionando um beijo em seus dedos. E eu vou ficar doente agora; uma onda de escarlate sobe na minha garganta, mas eu a forço de volta para baixo.

Quanto mais eles deverão pagar?

Tudo.

A morte levou tudo.

Para mim, ele diz: "Vamos testar minha nova teoria? Você me atraiu aqui sob falsos pretextos, afinal, e isso foi muito tolo da sua parte, Célie, muito tolo de fato - embora conveniente, é claro, já que você também trouxe alguém que você já amou. Parece um pouco com kismet, não é?" Um sorriso elegante. "Vamos começar com sua mãe?"

"Com que finalidade?" O medo aguça minha voz e todo o meu corpo treme quando jogo minhas mãos para o ar. Michal e Odessa se materializam através dos fantasmas de ambos os lados de mim, que não reagem. Nenhum de nós pode consertar isso, no entanto. Nada pode consertar isso, e eu - eu - "Eu não posso simplesmente trazer alguém de volta dos mortos! Eu não sei como..."

Ele acena com a cabeça para o turbilhão, extremamente despreocupado. "Só há uma maneira de aprender, receio."

Incapaz de evitar, sigo seu olhar para as águas turbulentas - para seus grandes e maus olhos - antes de me levantar com pavor frio. Porque se ele matar minha mãe, eu - eu não sei se serei capaz de recuperá-la. E - e o que acontece se eu fizer isso? Se a morte estiver certa, se o amor for a chave, todo o véu pode desmoronar quando retornarmos - se retornarmos. Meu pavor cai em terror ao perceber. Eu também poderia morrer. Todos nós poderíamos morrer; porque a Morte não vai parar até que ele vença, até que ele destrua a própria vida.

Toda essa situação - esse pesadelo - é um tijolo afundando direto no turbilhão, e a Morte nos amarrou a todos a ela.

Como se sentisse a febre de meus pensamentos, Michal roça uma mão firme contra minhas costas. E sua raiva ainda está lá, mas - temperada de alguma forma pela resignação, uma ideia se endurecendo em determinação. Não consigo me concentrar nisso, no entanto, pois a Morte continua sem pausa. "Em teoria, você deveria ser capaz de atravessar o turbilhão para recuperar sua mãe intacta - porque você a ama. Mais uma vez, presumo que tenha algo a ver com a alma dela, ou talvez com a sua; Não tenho como saber, pois eu mesmo não possuo um. Agora" - ele se vira para minha mãe - "não faz sentido atrasar o desagrado."

Embora Maman abra a boca para falar, ele a cala com um dedo antes de escová-lo com ternura em sua bochecha. E seu coração - ele gagueja com esse toque. Ele para.

Não.

"Não!"

"NÃO!"

Filippa e eu gritamos juntos, em pânico, e a Morte olha para nós, um sorriso sinistro tocando seus lábios enquanto ele levanta o dedo do rosto dela. Seu coração gagueja mais uma vez. Duas, três, quatro vezes. Filippa - que deu um passo apressado em nossa direção - congela ao som disso, assim como eu; assim como toda a gruta, todos nós ouvindo e contando cada batida. "A menos que..." A morte extrai a palavra com óbvia alegria. "Alguém gostaria de tomar o lugar dela? Eu não sou irracional, afinal. Se houver outro que você prefira usar em seu lugar, ficarei feliz em poupar sua mãe. Ela se tornará uma noiva, assim como você, mas de outra forma não será pior para o desgaste - talvez até melhor. Certamente mais saudável." Aquele sorriso maligno cresce, quase dividindo seu rosto em dois. "O que você diz, Célie? Quem será?"

Assim, a situação vai de mal a impossivelmente pior.

Os olhos de Filippa se fixam nos meus do outro lado da gruta, queimando com uma promessa feroz. Eu a conheço há muito tempo e muito bem para entender mal essa expressão - ela quer que eu escolha outra pessoa, qualquer outra pessoa, para salvar nossa mãe. E há muitos entes queridos aqui para

escolher: Lou e Reid, Jean Luc, Odessa. . . e Mical. Seus dedos se apertam no tecido úmido do vestido de sua mãe - o vestido mais excepcional que já usei, mas arruinado como todos os outros. Apesar de todos os meus esforços, não consegui salvá-lo.

E também não posso salvar minha mãe. Eu não posso salvar ninguém.

A raiva selvagem explode dentro do meu peito, empolando, consumindo - queimando todo o medo e racionalidade enquanto eu me forço entre ela e a Morte, envolvendo um braço em volta de sua cintura. "Derrube-o, então. Traga o véu para baixo, para que você possa governar um reino de pessoas que o odeiam. Você acha que eles vão te aceitar? Todas aquelas almas que você reivindicou? Na melhor das hipóteses, você estará arrastando aqueles em paz de seu descanso e, na pior das hipóteses, estará desencadeando o inferno na terra. De qualquer forma, eles não vão reverenciá-lo; Eles não vão te amar, e você será exatamente como é agora. Miserável e sozinho."

O sorriso da Morte desaparece instantaneamente, deixando uma expressão feia em seu rastro. "O relógio está correndo, Célie. Faça sua escolha."

Eu olho para ele, recusando-me a responder. Recusando-se a escolher, mesmo quando o coração de minha mãe enfraquece, cada batida pontuando seus últimos segundos.

Todos nós vamos para a sala do relógio eventualmente.

A morte estala sua língua impacientemente.

Carrapato.

Mas eu não posso fazer isso.

Tac.

Não posso matar minha própria mãe.

Michal caminha lentamente para o lado da Morte. "Célie", diz ele com uma voz suave. "Leve-me em vez disso."

E essa ideia que senti antes - sua determinação endurecida - se desenrola totalmente formada no vínculo. Leve-me em vez disso. Instantaneamente, minha mente rejeita a possibilidade, e eu balanço minha cabeça antes que ele possa sugerir qualquer outra coisa. Porque eu não posso - ele não pode - "Absolutamente não." Minha cabeça continua a tremer mesmo quando ele se aproxima da Morte, que sorri novamente e arranca minha mãe dos meus braços, girando-a em direção a Odessa. Limpando o palco, percebo com uma sensação distante de mau presságio.

Tique-taque, tique-taque, tique-taque—

"Isso é o que ele queria," eu sibilo para Michal, lágrimas traiçoeiras picando meus olhos. "Eu não vou fazer isso. Eu não posso perder você."

Michal me puxa para seus braços. "Vamos nos ver novamente."

"Não." Eu o afasto novamente, a visão embaçada, mas ele se recusa a me deixar ir. "Não sei o que estou fazendo. Eu não sei para onde ir. Michal, é apenas - é muito arriscado e - e o vínculo. Eu aproveito a desculpa como uma tábua de salvação; Eu agarro sua camisa também. "Se você morrer, eu morro e não vou - não poderei trazer ninguém de volta."

Por favor, fique.

Seu apelo de tanto tempo atrás reverbera de volta para mim, e eu o repito agora como uma oração. Por favor, fique, por favor, fique, por favor, fique.

A morte acaricia nossos rostos, totalmente perto demais para o conforto - tão perto que posso ver meu reflexo no brilho maníaco de seus olhos. "Oh, você não precisa se preocupar com isso, querida. Eu sou a Morte, afinal. Eu posso retardar quaisquer efeitos que a quebra desse vínculo miserável acarreta."

Michal empurra a Morte para longe antes de embalar meu rosto em suas mãos. Para minha surpresa, não sinto medo no vínculo, apenas um calor constante e - incrivelmente - um sentimento de gratidão. De reverência. Meu queixo treme. "Você confia em mim?" ele pergunta.

E eu quero dizer não. Eu quero dizer não tão mal, mas... "Sim", eu respiro.

"Você pode fazer isso." Ele roça um beijo contra meus lábios antes de se afastar, e eu sinto sua ausência como a perda de um membro, minhas mãos estendendo-se para ele ainda. "Vou esperar até que você me encontre. Eu sempre esperarei por você."

Ele se vira para a Morte enquanto as lágrimas escorrem impotentes pelo meu rosto, e eu não consigo parar de balançar a cabeça. Não consigo parar de me apegar ao vínculo - o mais próximo que posso chegar de Michal agora. Apesar de sua morte iminente, ele envia onda após onda de segurança através dela, de conforto e amor. E eu o amo. Eu o amo muito. Nunca deveria ter sido assim. Acabamos de nos encontrar; Deveríamos ter tido mais tempo juntos - uma eternidade. E eu finalmente queria. Apesar da escuridão desta vida, eu queria passar a eternidade com ele - com ele - e agora devo deixá-lo ir.

Odessa chora baixinho atrás deles.

"Acabe com isso", diz Michal.

A Morte balança a cabeça, no entanto, puxando uma fina adaga de prata de sua capa. "Agora, onde estaria a diversão nisso?" Inclinando-se em torno de Michal, ele aponta a adaga em minha direção. "Eu disse que era razoável, não benevolente. Embora sua amante aqui tenha sido uma pedra no sapato por séculos, acho que você deveria fazer as honras.

Meus dedos envolvem o punho.

Do outro lado da gruta, o relógio na mesa bate meia-noite. Seus sinos dobram um após o outro, doze batidas. Doze respirações. Então-

"Este não é o fim, moje sunce." A mão de Michal se junta à minha ao redor da adaga, posicionando-a em seu peito. Seus olhos queimam nos meus, e sua voz abaixa, escurece, até que poderíamos ser apenas nós dois na gruta. Ninguém mais existe. "Verdade ou desafio?"

Dividido entre uma risada e um soluço, não posso deixar de responder. "Eu pensei que você estava cansado de brincar comigo."

"Nunca."

"Dê."

"Não seja gentil." Seus dedos apertam em torno dos meus, e ele me puxa para mais perto como se fosse um beijo. "Apenas faça isso rápido."

Então eu faço.

Capítulo Quarenta e Quatro

O Reino dos Mortos

Eu deslizo a adaga entre suas costelas e direto através de seu coração. "Eu vou te encontrar", eu sussurro ferozmente, mas não sei se ele me ouve. Quando a lâmina desliza para casa, ele fecha os olhos e seu último suspiro soa como meu nome. Suas mãos caem das minhas. E seu corpo - ele seca ao redor da lâmina, envelhecendo anos, décadas, séculos no espaço de segundos até -

Até que ele se vá.

Lágrimas silenciosas pelo meu rosto.

Seu corpo se desvanece em pó e depois em nada, e fico segurando uma adaga onde Michal costumava estar. Minhas mãos o soltam instintivamente - ele ressoa alto, cruelmente contra a pedra - e eu tropeço um passo para trás, os ombros tremendo agora. Dor no peito. Caindo de joelhos, eu agarro o lugar onde nosso vínculo residia - onde Michal residia - mas o encontro vazio. Também se foi.

Ele se foi.

E parece que nunca mais serei inteiro.

Uma pequena mão toca meu ombro enquanto a Morte aplaude, quebrando o silêncio, e quando finalmente arranco meu olhar da adaga, encontro Odessa de pé sobre mim, seu rosto pálido e firme. "Isso não acabou", diz ela baixinho.

Na minha periferia, Lou acena com a cabeça - apenas uma única gota de queixo. Para minha surpresa, Filippa não levanta as lâminas novamente; ela simplesmente olha entre nossa mãe e eu, sua expressão vacilando entre a incerteza e o antagonismo.

"Uma performance esplêndida!" Gargalhando, a Morte passa o braço em volta dos meus ombros e esmaga meu corpo contra o dele como se fôssemos velhos amigos. "Agora, isso não foi tão difícil, foi? Eu disse que faríamos..."

"Como faço para entrar no turbilhão?" Eu inexpressivo. "Eu pulo?"

Seu sorriso largo desliza por apenas um segundo antes de ele colocá-lo de volta no lugar. "Uma pergunta bastante justa, suponho, e com uma resposta fácil - sim." Ele me desvia em direção à beira da água com mais força do que o necessário, e eu tropeço novamente, quase caindo de joelhos. A dormência

formiga ao longo de meus braços, minhas pernas, como agulhas enfiando minha carne. Desapegado, vejo como Lou e Reid avançam para ajudar, mas a Morte bloqueia seu caminho, olhando para Filippa, que ainda deveria estar segurando-os.

"Filippa, querida?" Ele joga as mãos para o alto, exasperado. "Essas facas ao seu lado são apenas adereços, ou você planeja empunhá-las em breve?"

Filippa não responde.

Seus olhos se estreitam, e qualquer euforia que ele sentiu com a morte de Michal parece se aguçar para uma ponta de faca enquanto ele caminha em direção a ela, estalando os dedos em seu rosto. "Alô?" ele pergunta suavemente, perigosamente. "Você me ouviu? Eu lhe fiz uma pergunta, minha querida. Quando ela apenas olha para ele, completamente não afetada - seus pontos esticados e sua boca firme - ele inclina a cabeça com diversão sombria. "Oh, não me diga que você está tendo dúvidas. Tudo isso faz parte do plano, ou você decidiu que prefere valsar ao pôr do sol com este lote do que conhecer sua preciosa filha? Seus lábios se curvam. "Que diabos era o nome dela mesmo? Gelado?"

À menção de seu filho perdido, o rosto de Filippa se contorce. "Frostine", diz ela reflexivamente.

"Não é uma melhoria." As sobrancelhas da morte se erguem em silenciosa descrença. "E devo dizer, querida, não amo seu tom." Seu queixo se interpõe entre mim e o turbilhão, mas aqueles olhos prateados nunca deixam os dela. "No entanto, se você insistir em ceder a esse pequeno ataque de rebelião, por todos os meios, junte-se a ela. Mantenha sua irmã focada na tarefa em mãos - certifique-se de que ela volte para mim - ou você pode dar um beijo de despedida naquele pirralho.

Os punhos de Filippa se fecham quase imperceptivelmente em torno das facas. Por apenas um segundo, acho que ela pode atacar, mas em vez disso ela diz: "Faça você mesmo".

A morte ainda é. Todo o humor desaparece de sua expressão, e o silêncio entre eles se torna mais forte, mais mortal. Ainda assim, Filippa não vacila - não até que a mão da Morte se afaste e agarre sua garganta, apertando até que os tendões se estiquem. E eu deveria temer por minha irmã - por mim mesmo - mas não consigo me importar com ninguém além de Michal. Meu olhar volta para o turbilhão. Ele está lá embaixo em algum lugar; ele está esperando por mim, e cada segundo que permaneço aqui é um segundo perdido.

"E por que," murmura a Morte, inclinando a cabeça, "eu faria isso?"

Uma veia no pescoço de Filippa pulsa; os músculos da pena da mandíbula. Quando ela engole em seco - seu silêncio agora é uma aquiescência - seu aperto

afrouxa, e seu polegar esfrega círculos macios contra os hematomas que ele deixou em sua pele.

"Bom," ele murmura. "Muito bom. Você parece ter esquecido como esse arranjo funciona, então permita-me lembrá-lo: se eu disser para você se juntar à sua irmã, você se juntará à sua irmã. Se eu disser para você trazê-la de volta, você a trará de volta. Ele coloca a mão livre com ternura em seu estômago, e o cheiro úmido do medo de Filippa atravessa a gruta. "Se eu disser para você cortar a garganta de sua mãe, você cortará a garganta dela e, além disso, você ficará grato por isso, porque se não o fizer, nunca conhecerá esse bebê estúpido. Você entende?"

Filippa pisca, recuando ligeiramente com a ameaça, antes que todo o seu corpo se transforme - antes de endurecer, e ela muda de presa para predadora nas mãos da Morte. Inclinando-se ainda mais perto, ela mostra os dentes para ele em um sorriso arrepiante. "Sim."

"Isso é melhor." Balançando a cabeça uma vez - seu próprio sorriso apertado - ele acaricia seu estômago uma última vez, sua respiração se espalhando por seu rosto. Se ele está tentando quebrar minha irmã, no entanto, ficaremos aqui a noite toda, e já, a dor no meu peito se aprofundou, latejando agora. Parece quase um batimento cardíaco, mas em vez de bombear sangue, ele se espalha. . . vazio, um vazio, como uma faca esculpindo minhas veias. A dor retarda meus pensamentos, tornando difícil pensar, mas - sem Michal - sei que estou morrendo. O vínculo inquebrável se quebrou.

"Você terminou?" Eu pergunto categoricamente. "Devo pular agora, ou você está planejando estuprar minha irmã na frente de nossa mãe moribunda?"

"Não seja tão dramático. Ela quase não está morrendo mais." A morte acena com a mão dele, e minha mãe - que estava ofegante nos braços de Odessa - consegue se levantar, suportando seu próprio peso. Sua respiração diminui e sua cor retorna. Reid imediatamente se move para examiná-la com Lou em seus calcanhares, enquanto a Morte libera Filippa com um empurrão em minha direção. "Tique-taque, senhoras", diz ele com uma voz fria. "Vou cuidar de sua mãe até o seu retorno."

Nossa mãe incha indignada entre Lou e Reid, mas antes que ela possa atacar em nossa direção, possa intervir, Filippa oferece a mão. Quando eu olho para ela, sem fazer nenhum movimento para aceitar, ela revira os olhos e retona: "Pegue."

Não tenho desejo de pegar a mão de minha irmã, no entanto; neste momento, nunca desejei nada menos. Entendendo minha recusa implicitamente, ela zomba e contorce os dedos. "Eu não ofereço minha mão por afeto, minha bela. Precisamos entrar no turbilhão juntos, para que ele não nos separe. Esta não é minha primeira viagem ao reino dos mortos."

"Eu me lembro." O vazio que se espalha dentro de mim começou a ferver, e o suor escorre dos meus dedos - pela minha espinha - de uma forma que não deve afetar um vampiro. Talvez eu siga Mical da maneira natural; Talvez sua perda me queime de dentro para fora. "Fui eu quem cuidou de seus arranjos - todos os seus arranjos." Talvez não seja a hora ou o lugar para relembrar o passado, mas minhas sutilezas desapareceram no instante em que deslizei uma faca pelo coração de Michal. Para ser honesto comigo mesmo, eles deveriam ter desaparecido muito mais cedo; minha irmã nunca os mereceu. E talvez isso me torne rancoroso, me torne cruel, mas outra verdade sai dos meus lábios em uma onda de ressentimento. "Eu fui o único que você deixou para trás."

Os olhos de Filippa brilham. "Eu morri..."

"Você estava saindo de qualquer maneira."

Com isso, eu agarro sua mão assim que ela se move para rescindi-la, deslizando meus dedos pelos dela, assim como fazíamos quando crianças. "Vai doer?" Eu pergunto a ela.

Ela balança a cabeça, concentrando-se no turbilhão em vez do meu rosto. "Morrer não é assustador, Célie." Damos um passo juntos, depois outro, e quase perco suas próximas palavras enquanto pulamos no coração das ondas. À medida que descemos ao reino dos mortos.

"Viver é mais assustador."

Entre um piscar e outro, Filippa e eu caímos facilmente, sem dor, e caímos como penas em cima de um travesseiro de grama macia.

Eu rolo de costas, segurando uma mão sobre meus olhos para protegê-los de um sol brilhante; ele paira acima de nós em um céu imaculado do mais puro cerúleo. Uma profunda sensação de serenidade permeia o ar, acompanhada por uma brisa quente de verão que envolve meus membros, e - assim como os carvalhos espessos que revestem a distância, como seus galhos arrebatadores e folhagem exuberante - levanto meu rosto para ele. Aquele buraco dentro do meu peito desapareceu, substituído por um desejo irresistível e inexplicável de passear pelas flores, ou talvez descansar em uma margem do rio próximo. Estranho.

Piscando lentamente, olho em volta, tentando e falhando em colocar o que nos rodeia. Onde estamos? Embora eu não saiba o que esperava encontrar através do turbilhão, certamente não era isso. Não há fantasmas aqui, nem tentáculos rastejantes de decomposição; Não há névoa sobrenatural para pintar as flores e árvores em tons de cinza. Sem neve e sem cinzas e sem fantasmas.

Em vez disso, o som da água corrente, o cheiro dela, se mistura com um leve toque de laranjas.

Isso não pode estar certo.

Eu me levanto, girando em um círculo lento para examinar todos os lados deste - este lugar. Um jardim, percebo em uma explosão de consciência. E nas asas desse pensamento vem outro, ainda mais rápido: eu o reconheço. Reconheço a morte e sua luz quente e dourada, embora a risada suave da véspera de Todos os Santos tenha desaparecido. É aqui que eu teria ido. O pensamento levanta o cabelo da minha nuca, e eu me sinto estranho, mas não - não assustado.

Em vez disso, a adrenalina percorre meu corpo a cada batida do meu coração até que meus pulmões doam e minha visão fica embaçada. Eu olho para o sol novamente. Parece quente. Desconfortavelmente. Minha pele aquece sob seus raios, mas - não. Eu franzo a testa novamente.

Não, isso não está certo.

Isso não é possível.

Eu descanso a mão na minha bochecha para verificar minha temperatura, minha testa, meu pescoço e sob meus dedos...

"Oh Deus." Minha voz sai rouca quando olho para minha irmã, para seu rosto perfeito e imaculado. "Oh Deus, oh Deus, oh Deus."

"O que é isso?" De pé lentamente, Filippa leva seu tempo esticando cada um de seus membros. Ela ainda não percebeu que sua pele, a minha, está quente. E meu coração - está batendo no meu peito, frenético, gaguejando e vivo. E - e eu apenas disse Deus. Eu me maravilho com a palavra. Eu disse isso - eu disse quatro vezes - e minha garganta não pegou fogo. Eu o toco novamente só para ter certeza, e meus dedos saem livres de sangue. Meus ferimentos também cicatrizaram.

Olhando boquiaberto para minha irmã, rezo para que isso não seja um sonho - que eu não esteja alucinando - mas o pensamento murcha quando ela pisca de volta para mim com dois olhos esmeralda.

Dois. Esmeralda. Olho.

A descrença aumenta quando eu olho para seu rosto pálido, liso da testa ao queixo, sem um único ponto à vista. Seus lábios rosados suaves se torcem em uma carranca, mas é uma bela carranca. É a carranca dela. Um soluço se acumula na minha garganta, mas no caminho para a minha boca, ele irrompe como um guincho. "Filippa!"

Ela se recusa com o som, suas sobrancelhas se juntando em alarme. "O que é isso? O que há de errado?" Quando me lanço em sua direção em resposta, pegando suas mãos e apertando - sem quebrar seus ossos - ela recua surpresa, arrebatando-os com a mesma rapidez. "O que você está fazendo? Controle-se, Célie. Você está agindo como se tivesse visto um—um—"

"Um fantasma?" Incapaz de resistir à minha própria excitação, eu pulo um

pouco na ponta dos pés. "Não exatamente. Na verdade, eu diria o contrário - sinta seu pulso, Pip.

Filippa franze a testa com o apelido. Ela nunca costumava odiá-lo. Ainda assim, ela examina a pele de porcelana de seus braços antes de pressionar dois dedos contra o pulso. Em vez de seus olhos se arregalarem de surpresa, no entanto, eles se estreitam quando ela diz: "Que curioso".

Mas isso - isso é muito mais do que curioso. Isso é um milagre, algo que eu nunca me permiti sonhar. Esta é a Filippa da minha juventude, a garota que fugiu da nossa janela sem medo, que nunca olhou para trás, com seus longos cabelos negros caindo em cascata em torno de seus ombros e seus cílios batendo em suas bochechas. Esta é minha irmã de novo, o que significa que eu também devo ser - que eu sou -

Pressionando a mão no meu peito, procuro novamente a dor que senti há apenas alguns momentos, mas apenas a dor permanece. Luto natural, memórias, não o abismo voraz de um vínculo quebrado. Rapidamente, passo a língua pelos dentes para encontrá-los lisos. Sem presas. Sem desejo de sangue ou violência também.

A euforia me percorre, roubando meu fôlego, e quando o resto da tensão deixa meu corpo, me sinto leve, leve - muito mais leve do que me senti em semanas, meses, anos. Porque eu sou humano novamente. Eu sou humano. Instantaneamente, eu giro em busca de Michal, desesperado para vê-lo novamente, para mostrá-lo, mas encontro apenas minha irmã sorridente.

Ela parece. . . contemplativo.

"Como isso é possível?" Pergunto em um sussurro pasmo.

Filippa exala duramente antes de perseguir pelo jardim, longe de mim. Sobre o gramado florescente e passando por uma dispersão de laranjeiras. Os frutos pendem impossivelmente pesados, puxando os galhos tão baixo que vários beijam a grama, criando santuários de sombra perfumada. Embora ela colha uma laranja da árvore mais próxima, ela não a come; em vez disso, ela o lança para a frente, estudando a fruta enquanto ela espirra no rio.

Antes que eu possa repetir a pergunta, ela diz: "Suspeitei que este lugar possa. . . nos mudar, mas eu não podia ter certeza de quais seriam essas mudanças." Ela olha para trás, e uma enxurrada de memórias de infância me domina ao vê-la: subindo em nossa laranjeira, brincando na terra, esgueirando-se para as margens do Doleur a cada lua cheia. Ela não parece compartilhá-los, no entanto, acrescentando: "Sem a Morte, os fantasmas não podem existir - nem vampiros - e a Morte fugiu deste reino. Ele não existe mais aqui - não como era, pelo menos, não como deveria ser - o que deve significar. . .

"Voltamos a ser quem teríamos sido sem ele." Eu pisco para ela, arrancada

do meu devaneio juvenil. "Isso soa como muita especulação."

"Claro que é." Ela zomba. "Esta é a Morte, o maior mistério de toda a vida, e para ser franco, não conheço mais ninguém que tenha morrido, voltado à vida e semi-morrido novamente. Você? Talvez possamos convidá-los para o chá e fazer todas as perguntas que quisermos.

Eu franzo a testa para ela, e embora os lábios de Filippa se contorçam de satisfação, ela ainda se recusa a sorrir. Abrindo caminho em direção ao rio, ela acrescenta: "Tudo o que sabemos com certeza é que" - ela empurra o polegar atrás de nós - "é nossa única maneira de sair daqui".

Eu sigo seu polegar, olhando para cima, para onde uma única nuvem paira no céu brilhante - uma nuvem de tempestade, tão chocante e deslocada quanto uma flor no deserto. Mais estranho ainda, parece estar chovendo, mas nenhuma umidade umedece o ar. Meus olhos se estreitam quando olho mais de perto e, com um sobressalto, percebo que as gotículas não são gotículas, mas fitas de véu rasgadas. Eles ondulam iridescentes ao vento, lindos até, até que me lembro de quem existe além dele.

Minha respiração fica presa com o pensamento, e eu me apresso atrás de Filippa, que arrasta os dedos pálidos ao longo das flores vibrantes desabrochando em seu caminho para o rio. As rosas vermelhas crescem em topiárias maciças e em espiral sem um único espinho; flocos de neve brilham em brancos de pomba e cinzas suaves, menores do que as outras espécies, e - eu pisco incrédulo - até as flores do Barba Azul balançam suavemente com a brisa. Um deles até estala em nossos calcanhares quando passamos, e a carranca de Filippa se aprofunda. "O que diabos são esses?"

"Você não sabe?"

"O jardim muda para se adequar à pessoa que viaja por ele, Célie."

Curioso. "Essas são chamadas de flores do Barba Azul." Emocionado por saber algo que minha irmã mais velha não sabe, acrescento com um toque de vaidade: "Eles comem borboletas".

Ela me lança um olhar depreciativo. "O que aconteceu com a garotinha que amava borboletas?"

Suas palavras se soltam como uma flecha apontada diretamente para o meu peito, e com isso, percebo que não sou o único que fez um desvio pela estrada da memória. Em vez de se lembrar de mim com carinho, no entanto - com saudade - minha irmã parece se lembrar de mim apenas com desdém.

"Ela morreu", digo brevemente.

E assim, todo desejo de impressioná-la também desaparece.

Zombando baixinho, ela pisa em um floco de neve errante em resposta, moendo-o sob o calcanhar, mas por outro lado não diz nada. Eu passo por cima

das pétalas caídas com cuidado, não falando novamente até que o silêncio se prolongue entre nós. "E o rio?" Juntos, olhamos para a água que se move lentamente à distância. Ele corre perpendicularmente ao jardim, estendendo-se para a esquerda e para a direita até onde os olhos podem ver - impossível de evitar - enquanto a névoa peculiar obscurece o que quer que esteja além dele. "Parece. . . significativo," eu acrescento cautelosamente.

"Não é óbvio?" Quando não digo nada, esperando com paciência cada vez menor que ela explique, ela suspira exasperada. "É preciso atravessar o rio para chegar ao seu local de descanso final."

Ah.

"Você já cruzou", eu digo astutamente, "quando Morgane te matou."

"Frederic me puxou de volta." Ela lança um olhar oblíquo em minha direção, seus lábios franzindo para meus olhos arregalados e expressão inquisitiva. Ela revira os olhos. "Sim, Célie, podemos supor que isso criou o turbilhão. Este jardim parece ser transitório. Se demorarmos o suficiente, o vento aumentará a velocidade e o rio subirá até nos varrer - e isso é a verdadeira morte.

Se quisermos fechar a porta, Filippa deve morrer.

Eu engulo em seco, desviando meu olhar para observar a água se movendo lentamente. Foi isso que aconteceu com Mical? E então - isso aconteceu com Filippa também? O pensamento traz uma dor inesperada. Não pela Filippa andando ao meu lado agora, fria e insensível, mas pela garotinha que acreditava em contos de fadas há muito tempo. Ela nunca deveria ter aprendido sobre esse vento e esse rio; ela nunca deveria ter esperado neste banco. "Eu pensei que este lugar seria. . . diferente", confesso. "Assustador, até."

"Eu te disse, Célie." Ela também olha para a água, embora eu suspeite que ela não a veja mais. Eu suspeito que ela vê o que está além toda vez que fecha os olhos. "A morte não é nada a temer. . . não em sua verdadeira forma, de qualquer maneira. Nosso reino o distorceu." Embora eu queira perguntar como, por que, não consigo interromper enquanto ela continua, sua voz baixa e triste: "Quando voltei na véspera de Todos os Santos, senti um tipo diferente de atração - mais violenta desta vez, mais dolorosa. Isso me arrancou do outro lado do rio e de volta ao nosso reino."

"O feitiço de Frederic," eu sussurro.

"Eu não poderia ter feito a viagem sem ele." Ela balança a cabeça, e onde quer que ela simplesmente tenha desaparecido dentro de seus pensamentos, ela retorna abruptamente. Sua boca se aperta em uma linha sombria. "Michal disse que esperaria por você, mas nunca teve escolha. O rio já o terá levado e não deve fluir nos dois sentidos. Se não pudermos puxá-lo de volta para fora - se encontrarmos alguma resistência - "

"Nós também não temos escolha." Eu falo as palavras através de lábios rígidos, recusando-me a reconhecer qualquer outra possibilidade. Filippa pode saber muito sobre este lugar, mas ela não sabe tudo. Além disso, desta vez não é como da última vez. Eu não sou Frederic, e não preciso de um feitiço para encontrar Michal. Eu sou uma Noiva da Morte, e mesmo que não fosse, faria qualquer coisa para encontrá-lo - qualquer coisa, e ninguém pode mudar isso. Não Filippa, e certamente não a Morte.

Espontaneamente, minha mão sobe ao meu peito e esfrego o lugar onde Michal permanece. Parte de mim acha que ainda posso senti-lo lá, esperando. "Vou puxá-lo para fora", digo ferozmente - para Filippa ou para mim mesmo, não sei - "ou vou atravessar aquele rio sozinho. Não posso voltar sem ele.

Filippa desacelera até parar na margem do rio, sua expressão inescrutável, antes de inclinar a cabeça em reconhecimento e girar em direção ao rio. Eu me junto a ela com um propósito renovado, ainda esfregando aquele ponto no meu peito.

Chama-se The Eternal Link.

Quanto mais tempo dois vampiros se alimentam um do outro, mais forte o vínculo cresce, até que. . .

Até?

Até que se torne irrevogável.

O que Michal e eu compartilhamos não pode ser quebrado. Irrevogável significa final. Eterno significa para sempre. Michal, eu acho, e meu coração humano se estilhaça.

Michal, eu acho, e um cordão branco brilhante aparece em minhas mãos.

Eu olho para baixo com os olhos arregalados confusos, com admiração, antes de enrolar meus dedos em torno dele. Embora eu sinta seu peso na palma da mão, ainda fecho os olhos antes de abri-los novamente, convencido de que ele desaparecerá. Isso não acontece. O cordão permanece, solto e desenrolado entre meus dedos como - como uma fita. Eu testo curiosamente, rolando-o entre o polegar e o indicador, e suspiro quando o cordão se aperta.

Quando puxa.

Ele brilha mais brilhante com a pressão, se afastando de mim e em direção - meus olhos se arregalam ainda mais e minha boca se abre em compreensão. Em direção ao rio. Eu dou um passo hesitante antes de envolver meu pulso em torno dele, puxando experimentalmente até que o cordão se encaixe. Muito tenso. Filippa se vira para olhar para mim enquanto eu cambaleio para frente, tentando enrolar a corda. Em vez disso, ele me arrasta para mais perto do rio, e ela inclina a cabeça em confusão. Em preocupação. Ela não pode vê-lo.

"Michal," eu respiro, e com um último puxão forte - meus pulmões se

agarram.

De repente, não consigo respirar.

A corda se estica em meu aperto, um peso imenso do outro lado me impulsionando para frente. E eu não posso pará-lo. Embora eu cave meus calcanhares na grama, na lama, eu só escorrego mais rápido. Mais do que isso, no entanto - ainda não consigo respirar. Garganta queimando, eu caio de joelhos; Eu agarro a corda com minha mão livre e me inclino para trás com toda a minha força, mas ainda assim ela me puxa para frente. Isso me leva para longe de Filippa, que se abaixa para agarrar meu antebraço agora. "Isso não é engraçado, Célie. O que quer que você esteja fazendo, pare!" Ela aperta com mais força, tentando me puxar para cima. "Pare com isso e levante-se..."

Embora eu abra minha boca para respondê-la, nenhuma palavra passa pelos meus lábios - nenhum grito também. Em vez disso, a água do rio sobe pela minha garganta em uma torrente, derramando-se no meu peito. Sufocando-me, afogando-me. Meus pulmões humanos gritam de agonia enquanto eu desabo para a frente na margem lamacenta do rio. A água continua chegando, no entanto. Ele flui do meu corpo como se eu fosse o rio, mas meu corpo queima como se eu tivesse pegado fogo.

"Célie!" Em pânico, Filippa cai ao meu lado, ainda puxando meus braços, mas a corda continua a puxar também, para me arrastar cada vez mais perto de Michal. Para Mical. Eu posso senti-lo agora, tão perto de mim. Tão perto, tão perto, tão perto -

"Não, não," Filippa implora, com a voz embargada, e apenas momentos atrás, eu teria chorado de alívio com aquele breve vislumbre de sua humanidade. Isso significa que minha irmã ainda está lá em algum lugar - escondida, talvez, mas viva - mas não consigo pensar além da escuridão que cercam minha visão. Distante, percebo que estou me afogando.

Ofegante e engasgado com a água, eu consigo: "Ele-lp."

Outra onda vomita da minha boca.

"Célie! Célie!" Filippa desliza os braços sob meus ombros agora, puxando-me de joelhos e me segurando contra seu peito. Ela não sabe o que fazer, no entanto. Ela não pode me deixar ir, não pode nem ver o cordão para cortá-lo. "Estou tentando", diz ela desesperadamente, "mas você tem que me mostrar como - o que -"

Mas o jardim está desaparecendo rapidamente agora, escurecendo para um preto insondável ao meu redor. Meu último pensamento consciente explode indignado. Que maneira estúpida é essa de morrer - sobreviver a tudo, tudo, apenas para se afogar em terra firme no momento em que me tornar humano novamente. E tudo escureceu agora, ficando cada vez mais escuro -

Um flash de prata brilha na névoa. Prata familiar e de tirar o fôlego. Eu me concentro nisso até que minha visão se aguce e a voz suplicante de Filippa apareça e saia do alcance. "Vamos, Célie..." Seus braços apertam em volta do meu peito. "Você não vai morrer, sua garota estúpida, estúpida..."

Embora eu deva tentar responder-lhe, não posso fazer nada além de olhar para Michal - Michal, que está subindo do rio. Michal, cujo cabelo quebra a superfície primeiro, depois seus olhos de ônix. E - oh Deus. Ele ainda é mais lindo, mais devastador do que jamais deveria ser possível.

Gaguejando agora, sinto o resto da água sair dos meus pulmões enquanto ele joga a mão na margem e abre caminho através dos juncos, através da lama, das rochas e do líquen. Garras de volta para mim.

Eu me inclino para trás no peito da minha irmã, apoiando meus calcanhares no chão. "Puxe," eu digo a ela desesperadamente.

Filippa faz o que eu digo, mesmo quando ela estica o pescoço para ver meu rosto, para procurá-lo ansiosamente. "O que está acontecendo?"

"Puxe." Eu enrolo a corda em volta da minha mão, de novo e de novo, para manter a tensão enquanto Filippa nos arrasta para nossos pés, ancorando-nos contra o peso de Michal. Estamos quase lá. Estamos tão perto—

Quanto mais puxamos, mais rápido ele se levanta, até que - ofegante e encharcado - ele enrola a corda em volta do punho e seus olhos se fixam nos meus. Com um último puxão poderoso, Filippa e eu nos jogamos para trás, e Michal se joga na grama com um gemido, ofegando e tossindo, todo o seu corpo estremecendo.

Finalmente, Filippa afrouxa seu aperto, e meu coração pula porque acabou. Acabou. Sem outro pensamento consciente, corro para ele, mas uma segunda voz masculina me interrompe: "Porra", diz Dimitri, puxando-se para a praia pelo tornozelo de Michal antes de desabar ao lado dele. Isso poderia ter doído mais?"

Michal levanta a cabeça. "Você poderia ter soltado a qualquer momento", ele rosna. "Eu nunca pedi para você ir junto."

Dimitri zomba e empurra o queixo em direção ao rio. "Direito. Porque eu queria ficar lá sozinho."

Eu olho para os dois, sem palavras - então eu olho um pouco mais, incapaz de acreditar no que estou vendo. Porque Mical não voltou sozinho. Ele - ele de alguma forma trouxe Dimitri com ele, o que explica o peso do cordão. Filippa e eu os trouxemos de volta - os dois - e agora eles estão se levantando juntos; Agora eles estão indo em nossa direção e estão sorrindo - sorrindo e vivos.

E acho que meu coração pode explodir quando Michal me puxar contra ele, enquanto eu arremesso meus braços em volta de seu pescoço.

"Eu sabia que você me encontraria," ele sussurra no meu cabelo.

Quando eu o beijo, não retenho nada.

Capítulo Quarenta e Cinco

Uma noite suave

Um momento depois, passo minhas mãos pelo rosto de Michal, traçando suas bochechas coradas e sua mandíbula esculpida. Aprendendo tudo de novo. Sua pele parece diferente agora - ainda pálida, mas clara em vez de alabastro - e quando meus dedos alcançam sua garganta, um pulso constante me cumprimenta. Ele exala bruscamente ao toque, como se estivesse dolorido, ou talvez simplesmente aliviado. Seu peito ainda sobe e desce com grande esforço depois de quase se afogar, e a água escorre pelos planos duros de seu corpo.

Seu corpo humano.

Michal também se tornou humano.

"Você é tão linda," eu sussurro, e agora meus dedos passam por seus ombros, descendo por seus braços, por seu abdômen. Tão parecido, mas tão diferente do Michal que conheci. E não consigo parar de tocá-lo, quase tonto de excitação - com um toque de medo, mas principalmente com antecipação. E perguntas. Dezenas e dezenas de perguntas, todas as quais surgem ao mesmo tempo, emaranhando minha língua até que eu não possa dizer nada, não posso fazer nada além de ficar boquiaberto para ele. Tão lindo.

Como vampiro, ele se assemelhava a um anjo caído, ou talvez um deus vingador - sombrio e intocável, nascido do próprio Inferno - mas agora, como humano, ele exala calor e vitalidade. Uma energia que não consigo identificar. Seu cabelo ainda é prateado, acho que maravilhado.

Sorrindo mais, ele empurra os fios molhados de seu rosto e diz: "Você não está desapontado?"

E eu pensei que conhecia todas as versões dele - o vilão, o cúmplice, o amigo. Eu o vi como irmão e primo, além de artesão e rei. Ele foi meu sequestrador. Ele tem sido meu salvador. Eu até o conheci como meu amante, mas nunca o vi assim - eufórico, sim, mas também hesitante e inseguro enquanto espera por minha resposta.

Este Michal sente. . . recentemente vulnerável. Através do vínculo, eu sentia apenas indícios dessa vulnerabilidade antes, mas agora posso ver isso em como ele engole e examina meu olhar. Eu posso sentir isso em como suas mãos

deslizam para baixo para agarrar as minhas, seus dedos agarrados como se estivessem com medo de soltar.

Eu adoro.

Eu o amo.

"Desapontado?" Eu me estico até os dedos dos pés, salpicando seu rosto com beijos. "Você parece - como um sonho, como um..."

Ele captura minha boca rapidamente, engolindo o resto das minhas palavras até ficarmos sem fôlego mais uma vez, antes de sussurrar contra meus lábios: "Não estamos sonhando, Célie. Isso é real. Eu sou Michal Vasiliev, filho de Tomik e Adelina, e é um prazer conhecê-lo com seriedade.

Eu o abraço mais perto em resposta, e seu corpo se derrete no meu, uma mão se espalhando contra a parte inferior das minhas costas enquanto a outra embala minha mandíbula em reverência. Quando ele arrasta o nariz ao longo da minha garganta, meu núcleo se contrai, mas meus dentes - eles não se alongam. Eu não anseio mais por ele assim, mas meu corpo parece enrolar muito mais apertado por causa disso. Eu o amo e o quero, e quando fecho os olhos - virando minha bochecha na palma da mão - o sentimento pode ser o paraíso.

"Deus, eu senti sua falta." Minha voz é um sussurro irregular entre nós. "Eu senti muito a sua falta. Por favor, diga-me que você não está - que você não está chateado. Recuando para olhar para ele novamente, apresso-me a me explicar. "Eu não tinha ideia do que aconteceria vindo aqui. Se eu tivesse, eu teria avisado você, e você poderia ter - eu não sei - escolhido de forma diferente. Eu inalo um suspiro repentino e ansioso com a palavra, e meus pulmões se expandem dolorosamente, ainda doendo com a água do rio. "Sua escolha, Michal. A morte e eu tiramos isso de você, e eu - sinto muito - "

Ele ri disso, varrendo meu cabelo para o lado e me beijando novamente. "Esta foi a minha escolha, animal de estimação. E como eu poderia ficar chateado quando estou segurando você em meus braços?" Outro beijo, este mais lento e sensual que o anterior. Sua voz abaixa. "Como eu poderia ficar chateado quando posso sentir o gosto de você na minha língua?"

Atrás de nós, minha irmã zomba, mas Dimitri apenas ri de prazer - se dela ou de nós, eu não sei. Eu não me importo. Minhas bochechas ainda esquentam como uma chama aberta, no entanto, quando eu digo: "Sim, mas você tem sido um vampiro por mil anos, Michal, e agora..."

"Célie." Seu polegar roça meu lábio inferior e ele pressiona para baixo, como sempre fazia. Um arrepio varre minha espinha. "Por favor, ouça-me agora, porque eu não vou dizer isso de novo: eu nunca me importei se você é um vampiro, se eu sou um vampiro, e eu não me importo que sejamos humanos agora também. Porque você está certo - eu vivi mil anos e, para cada um deles,

estive esperando para encontrá-lo. Ele entrelaça nossos dedos, levantando os meus para beijá-los suavemente. "Estar com você assim - significou tudo para mim. Você vale qualquer custo."

E ele também. "Eu te amo, Michal Vasiliev."

Ele sorri novamente, e a visão dele - ampla e desinibida - literalmente me tira o fôlego. "Eu também te amo, Célie Tremblay. Moje sunce."

"Se vocês dois terminarem", interrompe Filippa com uma carranca, "talvez devêssemos voltar. Estou com dor de dente." E assim, a doçura do momento desaparece, dissolvendo-se na brisa.

Deixando-nos aqui - molhados e tremendo - na margem de um rio celestial.

Eu giro para encará-la, para exigir que ela me permita alguns momentos com esse homem - minha alma gêmea - que poderia estar perdida para sempre, mas o vento aumenta naquele momento. Pétalas de flores giram entre nós em um redemoinho de brancos de neve, vermelhos de sangue e pretos de sombra. Filippa pega um entre os dedos, levantando-o entre nós, e meu estômago se revira com sua expressão sombria e determinada.

Eventualmente, os ventos aumentam, o rio sobe e o arrasta.

O cabelo de Dimitri se arrepia de uma maneira infantil enquanto ele olha para minha irmã. "Quem disse que você viria conosco?" Ele cruza os braços, sua pele morena mais vibrante sem a palidez do vampirismo. Essa não é a única mudança, no entanto. Ao passo que Mical e eu somos. . . mais animado, Dimitri parece estranhamente estável. Seu olhar não passa de pessoa para pessoa como antes; ele não rastreia o pulso em nossas gargantas e pulsos. Mesmo com o sangue da Morte em seu sistema, ele não tinha sido isso - bem, sereno.

"Estou aqui para garantir que todos sigam as instruções da Morte", Filippa pergunta friamente. "Estamos todos marchando de volta através do véu, e não há nada que você possa fazer para impedi-lo. Caso você não tenha notado, você perdeu esses seus dentes afiados. A menos que você tenha guardado a faca que enterrei em seu coração?"

Dimitri mostra os dentes em um sorriso duro, dando um passo proposital à frente, mas quando eu estendo a mão e toco seu braço, ele fica parado. Ele se vira para olhar para mim - para realmente olhar para mim agora. Um sorriso abre seu rosto com o que quer que ele veja, sua covinha piscando, e a visão me enche de conforto imediato, como as primeiras faíscas na lareira em uma longa noite de inverno.

"Célie," ele exala surpreso. "Você é você."

Ele avança então, roubando-me de Michal e me puxando para um abraço esmagador. "Eu pensei que nunca mais te veria. Eu pensei que nunca seria capaz de me desculpar e dizer o que significa ter você como família—"

Filippa se irrita instantaneamente. "Ela não é sua família."

Como se sentisse inatamente a melhor forma de irritá-la, ele finge não ouvir - finge que ela nem existe - e não a poupa de um único olhar. Eu rio alto antes que ele diga: "Eu sei que às vezes era difícil fazer isso, mas você acreditou em mim. Você confiou em mim. Eu deveria ter sido mais cuidadoso com isso." Libertando-me, ele olha para Michal, e em seus olhos brilha a verdadeira sinceridade. "Eu deveria ter sido mais cuidadoso com toda a sua confiança."

"Dimitri," eu digo, apertando seu braço tranquilizadoramente, "eu sei."

Ele acena com a cabeça uma vez, gratidão acesa em seu olhar, e pega um floco de neve à deriva de seu cabelo.

Então ele joga diretamente em Filippa.

Ela o afasta com uma carranca feroz antes de gesticular para a rajada de vento. "Tudo isso é muito comovente, mas se não sairmos logo, não sairemos de jeito nenhum. Isso não pode acontecer."

"Novamente com o nós", diz Dimitri incrédulo. "O que faz você pensar que vamos facilitar isso para você? O que faz você pensar que vamos ajudar o lacaio favorito da Morte? Parecemos tolos?"

"Eu não acho que você quer que eu responda isso - e a Morte não é minha mestra."

Michal silencia os dois com um aceno de mão. "Onde está a saída?" ele pergunta a Filippa. "Aponte-nos para isso, e podemos. . . discuta isso em nosso caminho."

Uma gavinha de desconforto aparece em como ele diz discutir, mas antes que eu possa questionar, Filippa apunhala um dedo atrás de nós em direção à nuvem de tempestade. "Voltamos pelo caminho de onde viemos." Para Dimitri, ela diz: "Não tenho certeza, no entanto, para onde você está indo. A morte precisa desses dois, mas você não faz parte do plano..."

"Qual é o plano?" Dimitri abre os braços, incrédulo. "É aqui no jardim conosco? Eu adoraria ouvir se sim..."

"Chega." Eu passo entre eles enquanto mantenho contato visual cuidadoso com Michal, que não parece mais estar ouvindo seu argumento. De fato, a luz incandescente em seu olhar diminuiu um pouco desde que avistou a nuvem de tempestade, e eu não gosto da implicação. Eu não gosto nada disso. "Devemos ir..."

Uma rajada de vento passa por isso, muito mais rápido do que antes; dobra as topiárias e arranca várias flores de seus caules. Filippa gesticula deles para o rio que sobe, que se aproxima cada vez mais de nossos pés. Sua voz fica zombeteira. "Devemos tomar cuidado para não tocar em nenhuma água."

Cautelosamente, Dimitri olha para as profundezas que se agitam lentamente,

quase hipnóticas. "Isso me puxou para baixo imediatamente, mas eu não posso —" Quanto mais ele olha, mais fundo suas sobrancelhas se franzem em confusão. "Na verdade, não me lembro aonde isso me levou. Não é o lugar exato, de qualquer maneira. Suponho que tenha sido mais um. . . sentimento do que qualquer outra coisa."

Filippa passa por ele, revirando os olhos. "Ninguém pode."

Hesito antes de segui-la, olhando para Michal, que ainda não falou. "Como foi?" Eu escovo o cabelo úmido do meu rosto, chutando uma laranja perdida do nosso caminho. "O outro lado?"

Ele sorri suavemente com isso. "Me senti em casa."

"Oh."

Michal pega minha mão antes que eu possa dizer qualquer outra coisa. "Parecia minha casa há muito tempo - antes de tudo isso, antes de me tornar um vampiro. E parecia "- ele procura a palavra certa, seus próprios olhos vasculhando as bétulas distantes - "pacífico, sim, mas também incompleto". Quando eu olho para ele, ele aperta minha mão, derramando cada grama de seu arrependimento naquele toque. "Você não estava lá. Eu sei que prometi esperar por você, Célie, e eu fiz. Eu tentei. Esperei naquele jardim até que o vento aumentasse, até que me forçasse em direção ao rio - até ouvir Dimitri gritando ao longe, agarrado a um galho com a ponta dos dedos. Ele balança a cabeça com tristeza. "Eu nunca esperei vê-lo novamente, então, quando o fiz, eu simplesmente não pude deixá-lo ir. Tentei ajudar - ele escorregou - e, no final, o vento nos levou. O rio nos engoliu inteiros.

Michal abre a outra palma da mão e o cordão branco brilha entre nós. "E foi aí que isso apareceu na minha mão."

"O vínculo," eu sussurro.

Lá de cima, Dimitri estica o pescoço para olhar para nós com desconfiança. "Sobre o que vocês dois estão sussurrando?" Então, para Filippa, "Você pode ouvi-los?"

"Faça-me um favor", diz ela docemente, "e dê dez passos para longe de mim agora. Você cheira a água do rio."

Estreitando os olhos com um sorriso afiado, Dimitri se aproxima ainda mais, e minha irmã brilha antes de marchar à frente sem outra palavra, seu queixo fixo e seus olhos determinados. Dimitri a observa por um momento, a cabeça inclinada em frustração abjeta, e segue logo atrás dela.

Michal pega minha mão quando eu me movo para seguir, balançando a cabeça sutilmente enquanto sua voz abaixa. "Cálie..."

Eu olho para ele, o cabelo na minha nuca se levantando com a maneira como ele olha para mim - como se tentasse memorizar meus olhos, meus lábios, a

curva da minha bochecha. Como se suspeitasse que ele não os veria novamente por muito tempo. Mas... Não.

Não.

"Não faça isso, Michal," eu aviso, apertando meus dedos em torno dos dele. Porque eu sei o que ele planeja dizer. Eu sei o que ele planeja fazer e não vou deixá-lo. Eu não vou-

"Eu não posso voltar com você", diz ele baixinho.

Meu estômago afunda e minha garganta queima como se eu ainda estivesse sufocando. Eu faço uma careta para ele. "Do que você está falando? Claro que você deve voltar. Eu aceno minhas mãos para o jardim ao nosso redor, aquele rio odioso, antes de esfaquear um dedo em seu peito. "O objetivo de tudo isso era ressuscitá-lo..."

"Se você me ressuscitar" - ele pega meu dedo e o leva aos lábios - "o véu cairá. A morte vencerá."

Minha carranca se aprofunda com a verdade de suas palavras. Sua verdade não é a única, no entanto; o meu também existe, e eu me recuso a viver sem ele. "Eu não posso voltar sem você. O vínculo" - eu puxo o cordão, e ele pulsa intensamente entre nós - "vai me trazer de volta aqui, lembra? Não podemos nos separar."

A frustração se acumula dentro de mim enquanto ele balança a cabeça tristemente. Eu estava tão focado em resgatar Michal, em me reunir com ele, que esqueci tudo o que vem depois: a morte, ou seja, e seu relógio. O destino de minha mãe, de todos os nossos entes queridos. O destino do mundo inteiro. Nós olhamos um para o outro enquanto a realidade sombria de nossa situação se instala entre nós.

"A morte - sua magia - manteve o vínculo vivo." Ele fecha minha mão ao redor do cordão, e talvez seja minha imaginação, mas parece escurecer um pouco com suas palavras. "Se você retornar ao reino dos vivos, ele desaparecerá." Uma pausa. "Você estará livre."

Livre.

Instantaneamente, essa frustração se transforma em raiva, e Michal se encolhe quando eu rasgo o cordão mais perto. "Não seja estúpido. Se eu voltar sozinho para o reino dos vivos, não serei livre. Eu me tornarei a Noiva da Morte na verdade, e será tudo culpa sua - sua nobre e irritante culpa. Eu olho para ele, agarrando sua camisa. "Você já me chamou de mártir, mas nunca conheci ninguém tão hipócrita quanto você. Eu não vou deixar você se sacrificar novamente." Então, levantando meu queixo, "Duas vezes foi o suficiente."

Quando Filippa ri da frente, eu me viro para encará-la também. Ela para de andar, recusando-se a se encolher enquanto diz: "Deixe-me ver se entendi -

quando Frederic fez isso, estava errado, mas agora que é você - agora que é Saint Célie - os fins justificam os meios?"

"Não fale sobre ela assim", Dimitri rosna. "Frederic não é nada parecido com Célie - nada como meu primo também. Seu querido e velho Fred nunca pensou em ninguém além de si mesmo. Caso em questão: ele assassinou sua irmã para trazê-lo de volta e não pensou duas vezes sobre as consequências. Não apenas tudo isso" - ele acena com a mão agitada para a nuvem de tempestade - "mas também como isso afetaria você. Você pode dizer honestamente que aprovou esse sacrifício? Você pode dizer honestamente que não o teria odiado se tivesse perdido Célie para sempre?"

Embora Filippa abra a boca com raiva, ela a fecha novamente enquanto suas palavras a lavam. E quando seu olhar se volta para o meu, eu desvio o olhar rapidamente, incapaz de encontrá-lo. Você acha - se ela estivesse aqui agora - ela escolheria a morte para deixá-lo viver? "Ele disse que deveria ter sido eu," eu sussurro aos meus pés.

Todos os três ainda estão com as palavras. Até o vento morre momentaneamente, e eu olho para cima para encontrar Filippa parecendo atingida. Depois de mais um momento, ela engole em seco. "Ele estava errado."

Dimitri balança a cabeça, sua expressão escurecendo enquanto nós quatro hesitamos - divididos entre o rio e o véu. Verdadeira morte e vida. "Não há final feliz para você e sua filha. A morte não se importa com você, Filippa. Ele não se importa com ninguém. Se você não obedecer a todos os seus caprichos, ele o deixará de lado e, se o fizer, ele nunca trará sua filha de volta. Sem Frostine, ele não pode controlá-lo. Você sempre foi apenas um peão para ele - e eu também. Sua voz suaviza. "Nós dois somos parecidos nesse sentido."

Ela pisca rapidamente, suas mãos caindo moles ao lado do corpo, e talvez eu tenha um coração mole e sangrando; talvez eu não devesse protegê-la agora, mas também não posso evitar. Ela é minha irmã e sempre será minha irmã. Eu nunca quero vê-la chorar. Michal e eu nos aproximamos deles. Mais perto do véu. "Pense nisso, Filippa. Sua vida tem sido difícil, mas nem sempre precisava ser. Deixe-nos ajudá-lo."

Ela ainda não responde, no entanto, como se estivesse paralisada pela emoção.

Eu desvio o olhar para dar-lhe distância, concentrando-me no véu rasgado, e Dimitri faz o mesmo, as rodas girando dentro de sua cabeça. Ele estuda suas mãos então, de repente arrebatado em pensamentos. "Se voltássemos aos nossos corpos originais quando entramos neste reino", ele começa lentamente, "o que aconteceria com a Morte se ele nos seguisse?" Seu olhar se volta abruptamente para Michal. "Talvez tenhamos um terceiro caminho diante de nós. Um que não

envolva o fim do mundo ou nós dois cruzando aquele maldito rio novamente. Permanentemente desta vez."

Michal levanta uma sobrancelha, intrigado. "Você acha que a Morte voltaria ao seu corpo original também."

"Acho que vale a pena explorar."

"Como é o corpo original da Morte?" Eu pergunto.

Segundos se estendem entre nós, forjados com tensão, apreensão, até mesmo o menor lampejo de esperança, até que finalmente Filippa fala. "Ele não tem um", diz ela baixinho, recusando-se a olhar para qualquer um de nós. "Ele veio até mim depois que Morgane terminou sua tortura, mas eu não pude vê-lo. Em vez disso, senti sua presença - como uma noite suave se instalando sobre mim. Eu simplesmente fechei os olhos e, quando os abri novamente, estava aqui. A morte não foi feita para ser uma vilã. Ele está destinado a ser. . . Morte."

"Sim, bem, tudo isso é muito bom, exceto..." Uma pitada de impaciência aguça minhas palavras. Não para eles, mas para essa conversa miseravelmente circular. "Olha, nós já falhamos em atrair a Morte, a vilã, aqui uma vez, e mesmo que não tivéssemos, não temos como consertar o véu para prendê-lo - não sem você cruzar o rio e morrer de novo." Filippa não parece surpreso com essa informação. Em vez disso, seu olhar esmeralda brilha com astúcia. Ela já sabe de tudo isso - três passos à frente, como de costume - mas ainda se recusa a compartilhar qualquer outra coisa.

Nós olhamos um para o outro, ambos se recusando a ceder.

"Se eu voltar", diz Michal depois de outro momento, "você nem poderá tentar. Talvez a Minha ressurreição não derrube completamente o véu, mas ela vai rasgar outro buraco, criar outro turbilhão. Potencialmente, isso poderia até desencadear o fim do mundo como o conhecemos.

Eu resisto ao impulso de bater o pé em recusa. Ele ainda não parece entender que eu não vou - não posso - viver sem ele. Prefiro atravessar o rio do que voltar como Noiva da Morte. "Nós já superamos isso também", insisto. "Quantas vezes você me viu fazer isso? Eu posso consertar qualquer lágrima que eu criar. Posso parar a doença antes que ela se torne permanente, o que significa...

Qual... significa...

Eu posso consertar qualquer lágrima que eu criar.

Qualquer lágrima que eu criar.

A realização atinge como um punho nas minhas costelas, e eu quase dobro com ela. Girando para encarar Filippa, eu digo: "Você pode fechar a porta."

Dimitri se inclina para mais perto, incapaz de ouvir o rugido da cachoeira. "O quê?"

"Você criou a porta," eu digo mais alto, mais claro, olhando para ela em

choque. Em esperança lentamente crescente. Ele cresce de um lampejo para uma chama em uma única respiração. Todo esse tempo, tenho procurado uma solução para salvar minha irmã, mas será que ela é a solução? Não sua morte, afinal, mas sua vida. Apenas - ela.

Filippa sabe como manipular o véu; Eu a vi ir e vir por isso, a vi rasgá-lo como quiser. Ela nunca morreu para consertá-lo, e ela também não precisa morrer agora. Sem fôlego com a revelação, eu me apresso para agarrar suas mãos. "Você criou a porta, Filippa, para poder fechá-la. Você foi capaz de fechá-lo o tempo todo."

Ela não precisa morrer.

Mais uma vez, Filippa não reage, em vez disso, olha para mim com a mesma astúcia infalível. "Sim", ela diz simplesmente. "Eu sei."

Capítulo Quarenta e Seis

A maré muda

Filippa e eu voltamos do jardim sozinhos.

Nós também - de alguma forma - retornamos humanos.

Quando nadamos para a gruta, tudo permanece exatamente como o deixamos - Lou e Reid sentam-se em ambos os lados de minha mãe, enquanto Odessa fica de sentinela entre eles e os fantasmas. A morte espera na praia impacientemente, batendo o pé como uma criança petulante, antes de sair para nos encontrar nas águas rasas. Agarrando primeiro o braço de Filippa, depois o meu, ele nos arranca das ondas antes de se virar para procurar Michal. "Bem?" ele retruca. "Onde ele está?"

Eu caio no chão a seus pés, lutando para respirar depois de navegar na corrente viciosa. Meus membros tremem de exaustão e meus pulmões doem; minha garganta está cheia de bolhas e crua. "Ele - ele se recusou a voltar conosco."

"Com licença?" A Morte pergunta bruscamente, seus olhos se arregalando. "O que você disse?"

Sentindo o perigo, Odessa incita Lou, Reid e minha mãe a irem para as escadas, abaixando-se para pegar Jean Luc e Brigitte no último segundo. Eles permanecem inconscientes. Embora os fantasmas os sigam silenciosamente, circulando-os, a Morte não parece notar; Sua atenção permanece fixa em mim, seus olhos prateados escurecendo, rodopiando, construindo como uma tempestade no horizonte. Bom.

"Sua audição se deteriorou desde que saímos?" Eu pergunto a ele. "Michal não veio."

Eu me recuso a recuar - a revelar qualquer coisa - enquanto a Morte se agacha, agarrando meu colarinho e levando minha boca ao ouvido dele.

"Diga de novo", ele rosna.

"Ele disse não." Eu gesticulo entre mim e Filippa, que conseguiu permanecer de pé, apesar de seu peito arfante. Os olhos se estreitaram, ela não se move para me defender, mas também não se move para se juntar aos fantasmas. "Nós o arrastamos do rio, mas Michal sabia que se ele voltasse, o véu cairia. Eu não

poderia forçá-lo." Curvando os lábios, eu gesticulo para o meu próprio corpo humano, encharcado e levemente - muito leve para dominar Michal, mesmo que eu tivesse tentado.

Eu não podia forçá-lo.

E essa é talvez a pior parte de todas - que eu não consegui convencê-lo, que ele não ouviria meus pedidos. Mical escolheu ficar no jardim para salvar o mundo, e como eu poderia tirar essa escolha dele?

"Ele. . . disse não," a Morte repete sedosamente.

E - sem qualquer aviso adicional - ele entra em erupção.

Explodindo de pé, a Morte levanta as mãos antes de arrastá-las pelos cabelos, rasgando os fios e gritando de raiva. Assustado, caio para trás antes de escalar as águas rasas para escapar dele. "PARECE QUE NÃO FUI CLARO" - ele varre o conteúdo da mesa de Michal - "SE VOCÊ PENSOU QUE NÃO ERA UMA OPÇÃO!" Ele vira a mesa sem cerimônia, mas - aparentemente insatisfeito - em seguida pega o relógio da lareira e o lança pela gruta em Odessa. Os fantasmas se separam como fantoches, e isso se estilhaça contra suas costas enquanto ela gira para proteger os outros, para protegê-los, e a madeira ricocheteia em todas as direções. "Você não entende as consequências? Você acha que isso é um jogo?"

Ele arremessa a mesa inteira em mim agora, e eu só consigo me achatar sobre as rochas enquanto ela voa acima. O pânico sobe pela minha garganta enquanto rolo para evitar a cadeira combinando, depois uma cabeceira da cama, que a Morte arrancou de sua estrutura; ele entra no turbilhão como um dardo. E isso - isso é ruim. Lutando pela cadeira da mesa, mergulho atrás dela para me proteger, incapaz de recuperar o fôlego. Meus membros ameaçam dobrar com a explosão de movimento, ainda exaustos de lutar contra o turbilhão.

Eu tinha esquecido o quão fraco meu corpo poderia se sentir, mas este não é o momento ou lugar para fraqueza. Embora eu soubesse que a Morte reagiria assim, não consegui distraí-lo por tempo suficiente para que os outros escapassem. Agora eles se agacham no meio da sala, presos por fantasmas, enquanto Odessa rosna e derruba outra cabeceira da cama. Ela não pode proteger cinco pessoas sozinha, no entanto - não com duas inconscientes e mais duas à beira do colapso.

Minha mãe grita enquanto a Morte avança - desviando de seus preciosos fantasmas quando eles não se movem rápido o suficiente - sua pele corada, manchada de raiva. "Eu disse que isso aconteceria! Eu avisei...

"Filippa!" Desesperadamente, eu me lanço em direção a ela, tropeçando até onde ela está na praia e observa em silêncio. "Filippa, POR FAVOR—"

A morte rosna novamente com isso, girando abruptamente - mudando de

rumo inesperadamente e avançando em nossa direção. Ele imita minha voz em um grito aterrorizante. "Sim, Filippa, por favor! Por favor, por favor, diga-me exatamente como devo filetar sua mãe e irmã por causa de sua incompetência, seu fracasso. Ele mostra os dentes em um sorriso verdadeiramente enlouquecido. "Diga-me exatamente como eu deveria..."

"Eu fiz o que você pediu." Filippa levanta o queixo ao se aproximar, sem vacilar, e encontra seu olhar maníaco sem medo. "Eu guiei minha irmã para o seu reino e a trouxe de volta em segurança. Onde está minha filha?"

"O que eu perguntei?" Os olhos da Morte se arregalam incrédulos. "Você é voluntariamente... Você não tem— EU QUERO O VÉU PARA BAIXO, FILIPPA," ele grita em seu rosto. "VOCÊ BAIXOU O VÉU?"

"Você está claramente superada" - sua voz pinga desdém - "e incapaz de controlar suas emoções." Zombando, ela balança a cabeça. "Eu deveria ter percebido isso antes, mas não percebi - ou talvez não pudesse. Eu tolamente concordei em ajudá-lo, em obedecê-lo, em troca da proteção de minha irmã e do retorno de minha filha. Você quebrou a primeira condição sem hesitação, mas não permitirei que você quebre a segunda. Não depois de tudo o que fiz." Ela se levanta em toda a sua altura agora, endireitando os ombros e olhando para a Morte como se ele não fosse uma entidade primordial, mas um garotinho desagradável que precisa ser repreendido. E apesar de tudo, não posso deixar de admirá-la por isso.

Eu sempre a admirei por isso.

Como se eu tivesse deixado alguma coisa acontecer com você, Célie.

"Agora", diz ela friamente, "permita-me repetir-me - onde está minha filha?"

A morte realmente tem espasmos em resposta agora. Então seus dedos se enrolam em torno dos ombros de Filippa, e ele diz: "Eu não poderia dar a mínima para sua filha. Se ela ainda estivesse em sua barriga, eu jogaria vocês dois naquele turbilhão apenas pelo prazer de vê-los se afogar.

E aí está - a verdade que todos nós tentamos falar gentilmente, agora falada com crueldade. Crueldade inimaginável. Crueldade desprezível. Eu nunca quis que ela ouvisse, nunca quis que ela quebrasse, mas agora ela conhece as profundezas da depravação da Morte, até onde ele irá. Ela sabe que a Morte não se importa, que ele nunca se importou, e ele nunca vai trazer sua filha de volta também.

Filippa enrijece sob seu toque quando ela percebe isso também. E embora a Morte claramente não sinta remorso, eu ainda sinto; Ele aperta minha garganta enquanto seus olhos se fixam nos meus e uma compreensão feroz passa entre nós.

Um olhar que não passa despercebido.

"Qualquer que seja o esquema que você inventou" - os dedos da Morte apertam Filippa com força brutal - "Eu sugiro que você reconsidere. Como sua irmã apontou, vocês dois são muito suaves de novo, querida. Bastante vulnerável."

Embora Filippa abra a boca para responder, ele aperta com mais força - com muita força - e ela grita de dor quando sua clavícula se rompe. Ele não para por aí, no entanto. Ele continua a apertar, e embora eu pule nele - horrorizado, em pânico - ele pega meu braço e me lança no mar, onde mergulho direto nas faixas de água rodopiante. Sufocando agora, eu luto para manter minha cabeça erguida - minhas pernas espasmando, cãibras, agarrando-se contra a maré - enquanto a Morte joga Filippa também, e ela grita antes de despencar abaixo da superfície.

"Filippa!" Frenético agora, mergulho em direção a ela porque ela não sabe nadar; Ele quebrou seus ossos, e a corrente - é muito forte, muito rápida -

Meus dedos pegam seu pulso enquanto a Morte se inclina para as águas rasas atrás de nós, mas eu não consigo me concentrar nele. Não consigo me concentrar em nada além de Filippa. Filippa. Ela se debate na minha mão, arranhando meu braço, e eu a levanto para frente com todas as minhas forças. Eu a arremesso em direção à ilhota com a próxima varredura da corrente, e ela entende instantaneamente, agarrando a rocha com o braço bom. Seus dedos pegam um mergulho em sua superfície. Quando ela engancha uma perna sobre a borda, no entanto, a mesma corrente me reboca novamente, e eu prendo a respiração - pulmões se dividindo - enquanto me puxa de volta para baixo. Enquanto isso me puxa para baixo-

Abaixo.

Abaixo.

E em algum lugar acima, ouço outro grito, seguido por um turbilhão abrupto quando algo - alguém - mergulha nas profundezas ao meu lado. Meu coração afunda quando mãos grandes se empurram sobre meus ombros, minha cabeça, empurrando-me mais fundo em um esforço para se catapultar para cima. Rangendo os dentes, eu pego sua cintura no último segundo, e nós irrompemos pela superfície juntos.

Morte.

Ele rosna, tentando se desembaraçar, mas eu não vou me afogar neste lugar miserável. Eu não vou. Apertando meus membros ao redor dele, eu subo em seu corpo e me recuso a soltá-lo. Embora nos debatamos como um par de enguias - a morte amaldiçoando, gaguejando e arrancando meus cabelos até que as luzes apareçam em minha visão - minha mãe está ferida em minha periferia, nas águas rasas, com as mãos ainda estendidas como se ela -

Como se ela o empurrasse.

Revenants descem sobre ela no segundo seguinte, e meu controle sobre a Morte afrouxa. Antes que ele possa se libertar, no entanto, nós descemos em espiral na corrente traiçoeira - desta vez mais profunda. Mais perto do coração do turbilhão. E isso não fazia parte do plano, não com Michal e Dimitri ainda lá embaixo, ainda esperando, mas eu levo meus joelhos ao peito e chuto para fora na Morte. Eu bato nele e rezo para que seja o suficiente. Embora ele tente agarrar meu pulso - ainda rosnando, determinado a me levar com ele - eu torço no último segundo, e ele pega minha manga em vez disso.

Quando o tecido rasga sob seus dedos, eu escorrego de suas mãos, e a corrente o rasga através do véu. Nós conseguimos.

Não posso parar para comemorar, no entanto; Não posso nem fazer uma pausa para verificar Filippa.

Só posso rezar para que ela esteja pronta quando eu voltar.

E - sem esperar mais um segundo - respiro fundo e mergulho após a Morte.

Capítulo Quarenta e Sete

Uma vela e sua sombra

Nada mudou quando pouso no jardim - nem os azuis nem os verdes, e certamente não o sol. A mesma grama ondula na mesma brisa suave, e o rio - ele se move com a mesma paz pela tarde lânguida. De fato, depois do pesadelo da gruta, essa cena pastoral é quase. . . arrepiante.

Eu me levanto em busca de qualquer sinal de Morte, mas ele parece ter desaparecido sem deixar vestígios.

O pensamento traz pouco conforto.

"Michal?" Eu sussurro seu nome enquanto passo na ponta dos pés em direção à margem do rio, espiando por entre galhos de laranjeiras e olhando para trás das topiarias em busca de algo incomum. Certamente algo deve parecer diferente após o retorno da Morte? Rosas murchas, talvez? Flocos de neve enegrecidos? Talvez o vento irrompa em um vendaval, mas tudo permanece parado - perfeito, exatamente como o deixamos. "Michal? Dimitri?" Eu levanto minha voz um pouco mais alto, estremecendo enquanto corta a tranquilidade. "Você está aqui?"

Ninguém responde. Michal e Dimitri concordaram em esperar perto da água o máximo que pudessem, mas não vejo nenhum deles. E essas sombras - meu olhar se volta para a laranjeira acima de mim - parecem mais longas do que o natural, mais escuras, à medida que o vento começa a soprar mais forte. À medida que o rio começa a subir.

Dimitri e Michal estão aqui há muito tempo. Se eu não encontrá-los logo, todos nós podemos estar condenados. Eu olho em volta impotente - até que o braço de Michal serpenteia em volta da minha cintura, arrastando-me para trás da árvore mais próxima. Com um grito de pânico, quase pulo da minha pele, mas ele bate a mão na minha boca. Com meu olhar incrédulo, Dimitri sussurra: "Ele está aqui."

E todo o jardim explode na escuridão.

Eu agarro minha cabeça enquanto a pressão aumenta em meu crânio e a risada da Morte ressoa ao nosso redor - através da escuridão total, através de meus próprios ossos - até que eu caio de joelhos, incapaz de me mover. Incapaz

de pensar. Incapaz de ver, ouvir ou mesmo sentir Michal e Dimitri, que talvez nunca tivessem estado aqui. Quem poderia nunca ter existido - pois quem pode existir nessa privação, nessa escassez?

Talvez eu também não possa existir aqui.

Quando a Morte finalmente fala, eu sinto em vez de ouvi-lo: "Quem você pensou que eu era, mon mariée?" E sua voz - parece uma centena de vozes agora, como mil, não mais preenchidas com o calor da humanidade, mas frias, antigas e estranhas. Ainda familiar, no entanto, como se a Morte de nosso reino ainda existisse dentro dele, agarrando-se desesperadamente à existência. "Quem sou eu senão uma ausência? Quem sou eu senão a falta de criação?"

Não. Eu balanço minha cabeça sem uma boca para formar a palavra, sem uma voz para pronunciá-la, e a dor dilacerante corta meu ser; a pressão é demais, muito cedo -

"Eu era a escuridão no caixão de sua irmã." A morte se contrai ao meu redor, sufocando-me, e procuro cegamente por Michal, por Dimitri, por qualquer pessoa ou coisa com a qual me ancorar. Não há nada, no entanto. Nada, e agora estou caindo, meu estômago mergulhando doentiamente. "Eu era o vazio no peito de sua mãe, a decepção no de seu pai. Eu sou o vazio dentro de sua irmã. Eu também sou sua doença, sua fome, e também sou seu medo - e esse medo você nutre, Célie. Eu conheço e alimentei você por tanto tempo.

"Eu não tenho medo de você."

"Você tem certeza?" A morte muda com as palavras, e a escuridão se aproxima quando uma forma finalmente emerge - uma forma longa, fria, com um sorriso malicioso de dentes brancos e metade das bochechas apodrecidas, o cabelo como um gato de nove caudas na minha pele. Escorregadia com meu sangue, com sua própria carne fétida. Filippa. E não há Mical desta vez, nem velas para iluminar o caminho. Existe apenas eu - sozinho - e existe apenas a Morte, que usa o rosto de todos os meus pesadelos.

Não.

Concentre-se em apenas um sentido, um detalhe.

A grama. Ainda posso senti-lo sob meus joelhos, macio e quente do sol eterno. Ele não conhece essa escuridão; faz cócegas em meus dedos enquanto os flexiono na terra, forçando-me a respirar, a expandir minha consciência para fora. O rio. Eu ainda posso ouvi-lo fluindo. Sal. Ainda posso sentir o gosto na minha língua.

Tudo isso significa que estou vivo. Eu existo e... "Não tenho medo de você."

As palavras irromperam de mim como um fogo na escuridão, iluminando todas aquelas partes de mim que eu sentia vergonha de ver - que eu posso ser de porcelana, e um mártir, e mimado e suave e egoísta também. Que eu posso ser

incompetente. Que uma e outra vez, eu falhei - tanto meus entes queridos quanto eu - e continuarei a fazê-lo com frequência. Posso ser volúvel e inconstante, e às vezes me importo demais quando não deveria - com a sociedade e suas pressões, suas regras, seu povo.

Eu também sou leal, no entanto, e empático, curioso e gentil. Minha mente permanece aberta e livre de julgamento. Apesar de tudo, nunca me endureci, mesmo quando ameaçado - mesmo quando desprezado - porque há força em minha suavidade; há coragem na minha vulnerabilidade. Eu nunca desisti. Eu sempre vi a luz na escuridão.

Não.

Todo esse tempo, tenho procurado outra pessoa para me liderar, para banir a escuridão do meu passado, sem perceber que a escuridão também faz parte de mim. Eu não posso fugir disso. Eu não quero mais, não preciso mais - eu sou a vela e a sombra que ela projeta.

Eu sou a luz na escuridão.

E eu sou a escuridão na luz.

Empurrando meus pés, eu estendo minhas mãos novamente em busca de Michal, e desta vez, eu o encontro quase instantaneamente. Ele esteve aqui o tempo todo, procurando por mim também, gritando: "Precisamos ir! Célie—" Sua mão pega a minha, travando-a em torno dela, e eu o arrasto para frente enquanto Dimitri se choca contra nós com uma maldição.

"Foda-se. O que está acontecendo—" Seus membros se emaranham com os meus, mas eu o agarro com minha mão livre, recusando-me a deixá-lo para trás. Em vez disso, atravesso as flores e as forço a seguir - colidindo com uma topiaria, outra - enquanto a escuridão começa a diminuir. Mover-se. Ele varre à nossa frente com o vento crescente, e um fragmento de pavor perfura meu coração porque...

Porque ele o encontrou novamente - o caminho de volta, o rasgo no véu. Porque ele está correndo conosco, e se ele chegar primeiro à porta, nunca o derrotaremos.

Tanto Michal quanto Dimitri parecem perceber isso ao mesmo tempo. "Continue," diz Michal ferozmente antes de alongar o passo e se afastar de nós, à nossa frente, mas mesmo ele não consegue pegar a Morte. Esse fragmento de pavor se aprofunda mais fundo. O que vamos fazer?

O vento chicoteia violentamente meus cabelos agora - frenético, quase enlouquecido - enquanto o rio corre atrás de nós em uma torrente rápida e estrondosa. "E se não chegarmos a tempo?" Dimitri pergunta desesperadamente.

"Eu - eu não sei..."

Rosnando, Dimitri arranca uma laranja de um galho acima e a arremessa na

sombra da Morte. Ele ultrapassa nosso ímpeto, no entanto, e antes que eu possa fazer qualquer coisa para pará-lo, nós dois caímos de cabeça no chão - e direto para os joelhos de Michal.

Embora Dimitri e eu nos debatamos em um emaranhado de membros, Michal usa a colisão para se impulsionar para frente, lançando-se de volta aos seus pés e mergulhando em direção à Morte. E daquelas ondulações esvoaçantes no véu, o grito truncado de Odessa se aproxima de nós. "Célie, depressa! Depressa!"

Mas agora a Morte está se contraindo, dobrando, se espremendo em si mesmo - nas ondulações - e Michal não pode detê-lo. Mical não consegue nem ver a saída para passar por ela. Eu sou a Noiva da Morte. Michal e Dimitri não podem voltar sem mim, então eu pulo, eu corto—

Eu rasgo a escuridão como se fosse o véu, e ele estremece em resposta.

Ele recua.

"Não lute contra a corrente no turbilhão", digo a eles, "e não olhe para trás". Enfrentando Michal pela cintura - arrastando Dimitri para trás - eu passo pelas ondulações e entro na gruta antes que a escuridão possa se formar.

Instantaneamente, o oceano nos despedaça.

Isso vira o mundo de cabeça para baixo, nos vira de cabeça para baixo, mas eu já fiz isso antes. Eu não tenho medo. Relaxando na corrente - e rezando fervorosamente para que Michal e Dimitri façam o mesmo - eu permito que ela espirale meu corpo para baixo, depois para cima, para cima, para cima até que eu quebre a superfície.

"Eles estão aqui!" O grito de Odessa divide o ar quando Michal ressurge ao meu lado, depois Dimitri. Mergulhando por três fantasmas, ela nos alcança da costa. "Vamos! Nade, nade..."

Instantaneamente, eu sei que algo está errado. O ar é muito rarefeito, muito frio e o mundo é muito cinza - toda a cor vazou inteiramente da gruta, espalhando-se além dela em uma onda silenciosa e sufocante.

"O que é isso?"

Os olhos de Reid se arregalam quando sangue fresco escorre de seus canais lacrimais - escarlate brilhante em meio à escuridão - e ele tropeça um passo para trás, agarrando o peito. Lou desmaia na frente dele. E os ventos da tempestade - eles devem ter nos seguido de alguma forma, porque a cabeceira quebrada espirala no ar. Pedaços da mesa estilhaçada se precipitam em nossa direção.

Não.

Em direção a ele.

Com os pulmões queimando, inalo bruscamente a enorme tromba d'água que se eleva além do turbilhão. Ele gira violentamente, sugando os destroços da

gruta em seu vórtice enquanto o véu ao nosso redor treme. Oh Deus. O véu.

Ao ressuscitar Mical e Dimitri, criei - quebrei -

Tudo.

Reid desmaia na fração de segundo da minha percepção, e Dimitri se puxa das profundezas agitadas para a praia, correndo para o lado de Reid. Para Lou's. Ele arrasta os dois para longe da ira da natureza - de sua última grande retaliação pelo dano que causei. Nem todo mundo tem tanta sorte, no entanto; para onde quer que eu olhe, os fantasmas estão arranhando o chão, as paredes, qualquer coisa que possam alcançar para permanecer de pé, mas o vento varre vários - varre a maioria - alto no ar. A tromba d'água os destrói. Suas vísceras chovem sobre a gruta, mas não posso me debruçar sobre ela - não quando a água gira mais alto, mais mortal e estilhaços voam em todas as direções.

"Eu tenho que fechá-lo!" As ondas batem na minha boca - não, sangue - enquanto eu nado para a ilhota, enquanto os ventos me puxam e me puxam para mais perto. Perto. Eu só preciso consertar minha lágrima. Eu chuto para fora, impulsionando-me para frente, permitindo que a correnteza me acelere. Assim que eu fechá-lo, ele vai-

Os dedos gelados da morte se fecham em volta do meu tornozelo e ele me arrasta para baixo novamente.

Ele está se reformando.

Frenético, eu chuto cegamente, conectando-me com seu rosto. Quando seu aperto se solta, eu arranco seu cabelo desta vez, e eu o jogo de cabeça no vórtice da tromba d'água - na porta.

Sem nem mesmo respirar novamente, eu mergulho atrás dele no coração da tempestade. Minha tempestade. O vento me bate, a água bate na minha pele como punhos, mas não me preocupo com os hematomas. Vou fechar a porta.

Eu vou parar a Morte.

Segurando o véu com as duas mãos, luto contra o clima tumultuado e começo a consertar o rasgo. Eu me concentro nas emoções que fluem através de mim, encontro força em cada uma delas - medo de perder meus entes queridos, raiva por brigar com a Morte, esperança de que ainda possamos consertar isso - e permito que eles saiam dos meus dedos como se eu estivesse no meu berçário mais uma vez, sentada ao lado de Filippa e costurando flocos de neve e rosas em travesseiros e lenços.

De repente - ou talvez seja lentamente, o tempo perdendo seu significado enquanto luto com as ondas, com a Morte, com o equilíbrio de nosso próprio mundo - o véu se remenda. A tromba d'água morre. O azul profundo do oceano retorna gradualmente, junto com as manchas prateadas de mica nas paredes da gruta. E eu - eu fiz isso.

Eu fiz isso.

A presença da morte desaparece com o desastre, a água e os destroços caindo de volta no mar, mas isso ainda não acabou. Filippa ainda precisa consertar o buraco no turbilhão, ou a Morte retornará - e em breve. Gritando meu nome, Michal se agacha na praia e me alcança, enquanto ao lado dele:

"Vá em frente, garota!" Mathilde gesticula fracamente em direção ao turbilhão, em direção à ilhota, e lágrimas brotam em meus olhos ao vê-la. Ela voltou. Apesar de sua atitude, sua carranca, suas palavras de despedida - ela voltou. Ela está aqui e— "Sua irmã parece estar tendo problemas de desempenho!" Ela empurra o queixo verrugoso para Filippa, que está em uma prateleira perto da ilhota, torcendo as mãos histericamente. "E isso" - ela aponta para os tentáculos de escuridão que já rastejam do turbilhão - "não parece promissor."

Foder.

Mudando de direção abruptamente, eu me jogo em direção à minha irmã enquanto Mathilde levanta as mãos com uma expressão determinada, gritando: "Eu não posso segurar o bastardo por muito tempo! De uma forma ou de outra - não importa o custo - devemos fechar essa maldita porta!

"Filippa!" Eu me levanto na prateleira, ofegante e tremendo. "Você precisa - fechá-lo. Faça isso agora..."

Filippa cai de joelhos, entrando na água e tentando segurar o véu, para forçá-lo a se juntar em suas mãos. Seus movimentos são sacudidos, no entanto, quase convulsivos. A cada fio que ela conserta, outro se separa. E essa lágrima - ela se estende maior do que a gruta, maior do que a própria vida. Vai ser preciso mais do que sua raiva para consertá-lo.

A Morte ao menos a ensinou a exercer seu poder? Como ele poderia ter? Ele nunca aprendeu a controlar suas próprias emoções, e Filippa sempre fugiu das dela. Como se percebesse o mesmo, ela sussurra: "Eu não posso fazer isso".

"Sim, você pode." Eu afundo de joelhos ao lado dela. "Canalize suas emoções - todas elas desta vez. Você não pode manipular o véu - você não pode consertar essa lágrima - enquanto ainda age como se não sentisse. Quando ela bate a cabeça em negação, eu digo ferozmente: "Eu ouvi você, Filippa. Enquanto eu estava me afogando no jardim, você me implorou para viver, e quando a Morte ameaçou nossa mãe, eu vi o olhar em seu rosto. Eu vi seu medo, sua raiva, seu amor. E você nos ama - todos nós, incluindo sua filha, e é por isso que você quase despedaça o mundo para conhecê-la. Tudo o que você fez foi por amor, e é claro que foi. Você é humano, Pip, e sente tão profundamente quanto o resto de nós, se não mais."

Suas mãos se fecham em punhos. "Eu nunca fui como você. Eu nunca fui

capaz de fazer isso - nunca quis sentir isso - "

"Você não está um pouco velho para fingir?"

"A QUALQUER MOMENTO!" Mathilde se esforça na praia, suas próprias mãos se contorcendo enquanto o sangue começa a escorrer de seus ouvidos e a gruta treme com o rugido da Morte.

Filippa ri duramente, o borrifo do mar escondendo suas lágrimas. "Talvez devêssemos acabar com isso." Ela olha para mim, seus olhos duros como sempre. "Se eu pular e atravessar o rio, isso acaba. Salve o mundo, certo? É disso que se trata. Nós sabemos como fazer isso, Célie."

Eu olho para ela, guiando seus punhos de volta para a água, para o véu. "Não seja ridículo."

Embora seu aperto permaneça rígido, quase imóvel, eu consigo abrir seus punhos e alisar as palmas das mãos, assim como a mão da Morte dispara do turbilhão. Mathilde desmaia com um assobio.

O verdadeiro pânico surge dentro de mim agora. Não temos tempo para este momento, mas talvez seja o último momento que teremos.

"Eu a perdi", diz Filippa, mais quieta agora, mas não menos fria. "Eu perdi Frostine. Eu perdi Frederic. Eu perdi. . . tudo o que eu considerava para o meu futuro. O que mais me resta?" Ela volta o olhar para o turbilhão, e seus dedos parecem acariciar a lágrima. Eles parecem acenar para isso. "Se eu consertar o véu, o que está por vir, exceto uma vida de tormento? De tristeza?"

A dor amarra o último e, pela primeira vez desde a nossa juventude, a fachada gelada de Filippa vacila. Eu movo minhas mãos para o braço dela, apertando com força para que ela sinta - me sinta - e saiba que estou aqui.

Estou aqui e não vou deixá-la.

Eu não vou deixá-la morrer.

"Eu posso ajudá-lo, Pip. Todos nós podemos ajudá-lo. A dor que você sente por Frederic e Frostine. . . não desaparecerá, mas desaparecerá. Pouco a pouco, você vai superá-lo. Por favor, Filippa." Minha voz quebra em seu nome. "Por favor, não desista agora. Se não fosse por mim ou mamãe ou pela vida que poderíamos compartilhar juntos, então. . . então fique para si mesmo." Eu guio suas mãos para mais perto do coração do turbilhão, onde a Morte arrebata o ar descontroladamente, desesperada por alavancagem. Mathilde geme. "Você não está sozinho. Podemos fazer isso juntos."

Ela balança a cabeça. "Não é assim que funciona consertar o véu..."

"Então faça você mesmo." O desespero aguça minha voz, toda a minha esperança e meu medo colidindo dentro do meu peito e explodindo para fora enquanto meus dedos cavam em sua pele. "Faça você mesmo, mas saiba que estou aqui ao seu lado - que sempre estarei ao seu lado. Eu estarei aqui, Pip,

porque eu te amo. Eu te amo."

Suas mãos tremem e seus lábios tremem. Embora seu olhar se arregale como se ela estivesse ouvindo - como se ela estivesse realmente me ouvindo - ela ainda não se move para fechar o véu. "Você deveria me odiar, Célie. As coisas que fiz. . . a pessoa que eu fui. . . Você deveria me enfiar dentro desse turbilhão estúpido sem um único arrependimento."

"Engraçado, isso." Eu levanto meu queixo, a convicção pulsando uma batida constante em minhas veias. "Eu não me importo mais com o que devo ou não devo fazer. Você é minha irmã e quero que viva. Eu não posso fazer você, no entanto; você precisa querer viver também. A escolha é sua e o relógio está correndo." Embora eu a solte no final, permaneço perto de seu lado, desejando que ela sinta meu calor.

Eu não vou deixá-la.

Filippa tem sido horrível.

Ela se alinhou com um assassino, matou Dimitri, manteve as almas de seu ex-amante e de nossa babá presas dentro de seu palácio de gelo e me ameaçou mais vezes do que posso contar. Mas a vida não funciona em absolutos. Ninguém é totalmente bom.

Certa vez, chamei uma jovem de prostituta, e ela logo se tornou minha amiga mais querida. Essa mesma jovem incendiou sua melhor amiga, mas eles se reconciliaram com a mesma rapidez - no lampejo de uma única faísca.

Essa mesma centelha reside em cada um de nós, aquele vislumbre de luz e aquele toque de escuridão. A propensão para o bem, sim, mas também o potencial para o grande mal. Filippa não é diferente. Ambos existem dentro dela também.

Ela pode mudar. Ela pode decidir fazer melhor, fazer o bem, desde que tome a decisão por si mesma. Filippa olha para mim, para nossa mãe, para Mathilde, depois para Michal, Dimitri e Odessa. Ela até olha para Lou e Reid, que caem ao lado de Jean Luc e Brigitte. Nossa família. Meus amigos. Pessoas que um dia ela conhecerá também, esperançosamente, se ela ousar imaginar esse futuro para si mesma - se ela ousar alcançar a felicidade.

Sem outra palavra, ela se vira para a Morte e dá um tapa na mão dele.

Um grito passa por meus lábios, espontaneamente, enquanto ela agarra as costuras da lágrima - o máximo que pode segurar - e se inclina para a frente, pressionando as bordas irregulares juntas. Suas bordas. Suas lágrimas caem mais rápido agora, pingando na tempestade que seu renascimento criou.

"Nunca mais quero sentir o cheiro de outro fantasma", diz Filippa.

E então minha irmã fecha o véu.

Capítulo Quarenta e Oito

Um novo começo

Espero trovões e relâmpagos, um maremoto - qualquer coisa que signifique que a morte se foi e o mundo se endireitou. Nenhuma dessas coisas acontece, no entanto.

Em vez disso, somos apenas nós.

Minha irmã e eu agachados na ilhota, e os outros se reunindo na praia. Odessa descansa a cabeça no ombro do irmão - os braços apertados em volta da cintura dele, recusando-se a soltar - enquanto Lou e Reid se mexem a seus pés. Jean Luc e Brigitte também estão despertando agora. Mathilde está se virando para murmurar algo para Dimitri, que ri e olha para Michal.

Michal.

Nossos olhos se encontram do outro lado da gruta, e ele entra na água enquanto o turbilhão diminui gradualmente, à medida que se acalma, e a maré suave volta a bater contra a rocha. Embora minha mãe o siga, haverá tempo para reuniões mais tarde - uma vida inteira, que é ainda mais preciosa do que a eternidade. Ambos parecem sentir isso, esperando nas águas rasas enquanto eu ajudo Filippa a se levantar. Enquanto eu a puxo para um abraço feroz e sussurro: "Eu sabia que você poderia fazer isso."

Eu sabia que você ficaria.

Ela treme em meus braços.

"Eu nunca deveria ter saído por aquela janela." Com a voz baixa, ela fixa o olhar no mar, como se esperasse que a Morte reaparecesse de alguma forma, para puxá-la de volta para baixo. Eu a seguro ainda mais apertado em promessa, e lentamente - timidamente - ela retorna a pressão, murmurando: "Parecia que eu estava sufocando em nosso berçário, vendo sua vida se desenrolar quando a minha ainda nem havia começado. Eu não sabia o que fazer - como sair - e Frederic - ele prometeu um novo começo. Ela balança a cabeça antes de apoiá-la no meu ombro. Lágrimas frescas escorrem pelo nariz. "Às vezes me pergunto como as coisas poderiam ter sido diferentes se eu simplesmente tivesse confiado em você em vez de fugir."

"Que sorte que nós dois temos uma segunda chance."

"Você sempre foi boa demais para este mundo, ma belle." Afastando-se abruptamente, ela enxuga as lágrimas de suas bochechas, alisa seu vestido encharcado, antes de inalar profundamente e endireitar a coluna na imagem cuspida de nossa mãe. E quando acho que suas defesas voltaram totalmente ao lugar, ela acrescenta: "Bom demais para mim".

Eu bato em seu quadril, um sorriso puxando meus lábios. "Para sua informação, não sou tão bom quanto você imagina." Eu levanto meu queixo para um impacto dramático. "Eu matei um homem, você sabe. . . e eu também me deitei com um.

Filippa ri alto com isso - inesperado e desinibido - e seu sorriso abre meu peito. Eu quase esqueci como era. Eu quase pensei em nunca mais vê-lo. Quase. "Só você pode fazer o assassinato e o sexo parecerem caprichosos", diz ela.

Eu pisco para ela em inocência fingida. "Não era o seu?"

Embora Filippa revire os olhos, é nossa mãe quem chama severamente: "Se você terminou essa conversa sórdida, talvez tenha a gentileza de cumprimentar sua querida e velha mãe. É rude me deixar esperando!" Ela parece impaciente, ansiosa, mas quando olho em sua direção, seus olhos brilham de alegria também - ter suas filhas de volta, ter seu próprio novo começo.

Ainda sorrindo, pego a mão da minha irmã e fazemos exatamente isso.

Nós começamos de novo.

Junto.

"Ho-ly foda-se", diz Lou lentamente meia hora depois. Assobiando em apreciação, ela me circula no escritório de Michal antes de jogar seu lenço ensanguentado em cima de sua mesa. Embora ele olhe para isso incisivamente, ela o ignora. "Eu não pensei que tal coisa fosse possível, mas aqui está você, todo brilhante e brilhante e novo novamente. E humano." Ela olha para Filippa, que está no canto com nossa mãe, conversando baixinho entre si. "Vocês dois, vocês quatro", acrescenta ela, com os olhos arregalados de admiração enquanto aponta o dedo entre Michal e Dimitri. "Incrível."

"Sua recusa está na minha mesa", diz Michal.

Balançando a cabeça se desculpando, Reid pega o lenço ensanguentado. "Como se sente?"

"Como ontem, eu teria roído sua mão para comer aquele lenço", diz Dimitri alegremente, "e agora não vou."

Com uma careta, Reid sacode o lenço e o sangue desaparece instantaneamente. "Um positivo definitivo, então."

"É uma sensação maravilhosa," eu digo com seriedade, apertando a mão de Michal. Sentamos juntos em uma cadeira perto do fogo - ou melhor, ele se senta

na cadeira, e eu me esparramo em seu colo, sem me importar com qualquer outra pessoa na sala. "Como se eu finalmente fosse eu mesma novamente. Não que não houvesse benefícios em ser, bem..."

"Sobrenaturalmente forte?" Lou faz uma pausa vasculhando as gavetas de sua mesa para olhar para mim com um sorriso malicioso. Em suas mãos, ela segura o selo de cera em forma de caveira de Michal. "E rápido? E gracioso? E incrivelmente bonito? Sim, posso ver como isso pesaria muito sobre uma pessoa. Então, para Michal: "Isso é um pouco no nariz, não é?" Ela acena com o selo de cera com desgosto antes de deixá-lo cair de volta em sua gaveta.

"Eu quase comi você, Lou," eu digo categoricamente.

"E eu teria gostado, tenho certeza." Ela volta para sua investigação, gargalhando e puxando a garra do polegar de Michal em seguida. "Muito parecido com o que eu suponho que vocês dois gostaram. . . este? Seja o que for? Algum tipo de jogo de sangue..."

Reid fecha a gaveta com um estalo, balançando a cabeça novamente. Perto da porta, Jean Luc tosse desajeitadamente enquanto Brigitte franze a testa para todos nós, os braços cruzados e a mandíbula apertada. Eles não falaram muito desde a gruta, já que explicamos tudo sobre a Morte e o turbilhão, o jardim e o rio.

Para ser honesto, eles pareciam não impressionados por termos permitido que fosse tão longe - e ainda menos impressionados quando Mathilde saiu da gruta sem devolvê-los a Cesarine. Pelo menos eles perderam as perguntas indiscretas de Guinevere - Quem é ele? Você o amava? Ele a ama? - porque ninguém mais pode vê-la, ou qualquer um dos outros fantasmas também. Ninguém, exceto eu, Filippa e Mathilde, que provavelmente está elaborando demandas para sua nova casa neste exato momento.

Assim como o véu, o domínio espiritual é a cura. E a ilha também. O mundo.

Odessa deixou a gruta logo depois de Mathilde para se dirigir a suas sentinelas, e o cheiro da magia de Lou ainda permanece na porta, que ela soletrou ser impenetrável aos sentidos vampíricos. Por enquanto, eles não podem nos ouvir ou cheirar, mas isso não resolve o problema de como sair.

Porque devemos sair eventualmente. Requiem não é mais seguro para nós - nem para mim e minha mãe, nem para Michal, nem mesmo para Dimitri mais. "Você acha que Coco e Beau estão bem?" Pergunto baixinho depois de mais um momento.

Lou abre outra gaveta, puxando uma bolsa de moedas de Michal e pesando-a na palma da mão. "Presumo que Coco e Beau estejam bem - provavelmente desfrutando de um merecido tempo sozinhos. Talon já teria me encontrado se não, e mais do que isso" - ela embolsa a bolsa sem dizer uma palavra - "Eu

suspeito que nosso problema com o fantasma está no fim."

Michal olha para ela, suas mãos se contorcendo levemente, mas não faz nenhum outro movimento para se levantar. "Eu suspeito do mesmo."

Lou grins. “Do you?”

Dimitri ri da expressão negra de Michal, recostando-se na mesa e refletindo em voz alta: "Eu não sou uma bruxa, mas suponho que faça sentido. . . . Quando nossa querida Pip fechou o véu, ela encerrou o ritual que os ressuscitou.

Minha irmã chama a atenção, seu rosto chicoteando em direção ao dele. "Como você acabou de me chamar?"

Ele se inclina para trás mais longe, olhando para ela através de seus cílios. Estendendo as mãos pela mesa. "Você realmente não me ouviu?"

"Aparentemente não", diz ela com os dentes cerrados, "já que meu nome é Filippa - Mademoiselle Tremblay para você."

"Hmm. Eu prefiro Pip.

Nossa mãe pisca para ele em choque. "Monsieur Petrov, estou surpreso com esse lapso de decoro..."

"Ela o esfaqueou no coração", ressalta Brigitte.

Quando todos nós olhamos para ela, ela encolhe os ombros defensivamente - suas bochechas ficando rosadas - e Lou levanta um dedo em reconhecimento. "Ponto justo, bem feito."

Dimitri abaixa o queixo. "Obrigado."

"Com toda a seriedade", diz Lou, "minha magia parece melhor agora. Inteiro novamente, o que me diz que a ordem natural foi restaurada. Ela dá um tapinha nas costas de Dimitri, depois em Reid. "Bom trabalho a todos. Um verdadeiro esforço de equipe. Gostei especialmente da parte em que deitei no chão por tudo isso."

Filippa e Dimitri bufam.

Revirando os olhos, Michal escova o nariz ao longo da curva do meu pescoço antes de pressionar um beijo lá. O silêncio desce, mas não é mais tenso. Não está em pânico ou tenso. Em vez disso, parece. . . confortável. Seguro. Eu brinco com os dedos de Michal, saboreando seu calor; ele fica muito mais quente do que eu esperava, e eu me enterro mais fundo em seu colo. "O que acontece agora?" Pergunto depois de mais um momento.

Embora todos olhemos uns para os outros, ninguém parece ter uma resposta - ninguém, exceto Michal, que distraidamente enrola uma mecha do meu cabelo em volta do dedo. "O que quisermos, bichinho. Podemos fazer o que quisermos."

Capítulo Quarenta e Nove

felizes para sempre

Acontece que Odessa se importa muito pouco em expulsar Michal para a ilha - talvez porque ela tenha informado à população que ela sozinha eliminou os fantasmas, curando a ilha e salvando suas vidas no processo. Ou talvez porque Lou afixou um bigode no lábio de Michal, e os dois o proclamaram devidamente disfarçado.

Ou talvez porque o coração de Michal bate constantemente em seu peito, e os vampiros que se reuniram para assistir à nossa partida parecem mais intrigados do que indignados. Eles nos observam cautelosamente das sombras do cais enquanto nossa estranha comitiva, incluindo Jean Luc e Brigitte, desce das carruagens. As sentinelas de Odessa nos cercam, primeiro para atuar como proteção e depois para carregar nossa bagagem pela prancha. Eles não falam enquanto carregam baú após baú no navio - e até mesmo um enorme retrato de Mila, que Dimitri insistiu em trazer.

"Não tenho certeza se o bigode está funcionando," murmuro para Odessa, que segue meu olhar para onde Léandre e Violette permanecem em um beco próximo, seus olhos se estreitaram em Michal. Em cima de mim. O desconforto desliza pela minha espinha, mas Odessa apenas zomba, sem se incomodar, e ordena que eles se aproximem.

"Espere," eu sibilo, incrédulo. "Não devemos..."

"Léandre, Violette" - Odessa gesticula para Michal, que faz uma pausa em sua conversa com Dimitri - "encontre Panteleimon, meu primo em sétimo grau, duas vezes removido. Uma estranha semelhança com o nosso falecido rei, não é?" Ela os olha nos olhos, desafiando qualquer um a desafiá-la. Depois de inalar sutilmente, seus narizes se enrugam com nosso cheiro humano e suas carrancas se aprofundam. "Cumprimente-o", diz Odessa agradavelmente.

Michal os olha com fria indiferença enquanto eles ficam boquiabertos para ela, divididos entre a descrença e a confusão. "Minha rainha. . . ?" Léandre pergunta lentamente.

"Sim." Ela morde a palavra, ainda mantendo o sorriso. "Sua rainha emitiu uma ordem direta e não gosta de ficar esperando. Agora sugiro que você se

curve.

Algo em sua expressão se aguça por fim, e imediatamente, Léandre e Violette murmuram suas desculpas, fazendo uma reverência e uma reverência, respectivamente. E - lembrando-me de suas ameaças na soirée negra - gosto de vê-los prostrados. Eu gosto tanto quanto deveria.

Quando Léandre finalmente se levanta, com os lábios curvados, Odessa ordena que ele e Violette carreguem a bagagem de Michal para o navio. Jean Luc e Brigitte seguem. Embora o primeiro acene com a cabeça - parecendo relutantemente impressionado - sua mão não deixou sua Balisarda desde que saímos do castelo. Ainda assim, no entanto. . .

"Isso foi surpreendentemente bem", murmuro para Odessa.

Ela levanta um ombro elegante. "E por que não? Eu sou uma rainha melhor do que Michal jamais foi."

"Fácil de fazer." Dimitri ri enquanto Michal revira os olhos para o céu, tirando o bigode e deixando-o cair aos nossos pés. "Embora imagine o quão fabuloso ele teria ficado em um de seus vestidos." Ele levanta a mão para bagunçar o cabelo de sua irmã, mas ela pega seu pulso no ar. Assustado, ele pisca antes de lembrar que ela ainda é uma vampira, e ele não é. Por apenas um instante, a melancolia brilha em seus olhos - lá e se foi novamente antes que sua irmã perceba - mas acho que entendo.

As vidas de Dimitri e Odessa estão entrelaçadas desde o nascimento. Antes disso, até. Tudo o que fizeram, fizeram juntos, mas agora. . . eles não podem mais ficar juntos. Suas vidas devem se separar; eles devem se separar, e tudo está prestes a mudar.

Ele balança a cabeça com tristeza. "Droga, Des. Você é um pouco mais forte do que eu me lembro."

Ela solta o pulso dele para dar um tapinha em sua bochecha. "E eu ficarei feliz em quebrar seu braço se você tocar meu cabelo novamente."

Atrás deles, Filippa ri.

Dimitri finge não ouvir, em vez disso, puxa sua irmã para um abraço e descansa o queixo na cabeça dela. O gesto é íntimo, até infantil, e quase posso imaginar os dois como tal - muito mais jovens, muito menores, com futuros longos e brilhantes pela frente. "Você nasceu para isso, Des," ele murmura, apertando-a com mais força. "Se alguém pode colocar esta ilha em ordem, é você, e eu não poderia estar mais orgulhoso de chamá-la de minha irmã."

"Não." Ela balança a cabeça abruptamente, afastando-o com muito mais cuidado do que o normal. Com gentileza. "Não, não diga mais uma palavra. Isso está começando a soar suspeitosamente como despedida, mas não pode ser o caso quando sempre haverá um navio em Cesarine para trazê-lo de volta. E se

não houver, enviarei um; Enviarei cem barcos, se é isso que você precisa. Fargando, ela dá um passo para trás e se afasta, mas ainda me lembro dela na gruta, agarrada a Michal e gritando o nome de seu irmão. Sua ausência vai doer mais do que ela jamais admitirá.

Eu pego a mão dela enquanto ela passa por nós para falar com uma sentinela próxima. Eu aperto, e ela devolve a pressão sem uma palavra. "Cuide dele, Célie," ela murmura. "Para mim. Por favor."

"Você sabe que eu vou."

Ela sorri para isso - pequena e talvez triste - antes de dar toda a atenção à sentinela. Eu passo meu braço pelo de Dimitri em seguida. "E quanto a Margot? Ela vai se juntar a nós em Cesarine?

Ele solta um suspiro dramático. "Ela quer ficar na Requiem." Com meu olhar confuso, ele acrescenta com relutância: "Eu escapei para a floricultura mais cedo, na esperança de surpreendê-la, mas ela não sabia o que dizer. Não é que ela não me ame" - ele zomba da desculpa banal - "mas que a vida dela está aqui, e a minha vida. . . não pode mais estar aqui. Ela nunca admitiu, mas acho que ela esperava que um dia eu a transformasse em vampira."

"Sinto muito, Dima."

Ele desliza a mão livre no bolso. "Não fique. Eu provavelmente a teria matado, e eu - acho que estou animado com Cesarine. Inclinando a cabeça em franca consideração, ele diz: "Sabe, talvez não cheire tão mal agora que sou humano".

"Ainda vai", diz Lou.

Ela passa por nós agora também, jogando uma bolsa de comida por cima do ombro. Embora ela se mova para mastigar uma maçã a caminho da prancha, Dimitri a arranca dela no último segundo. Ele o joga entre as mãos experimentalmente antes de dar uma mordida enorme. "Oh meu Deus", diz ele com a boca cheia, olhando para a maçã com admiração feliz. "Acho que estou mais animado com a comida."

"Um chato e um bruto." Pegando a cesta de gatinhos mais alto em seu quadril, Filippa revira os olhos enquanto segue Lou. "Que chocante."

Seus olhos brilham, e ele abandona o resto de nós para seguir seus calcanhares. "Um chato? Diga-me, você está ciente do que essa palavra significa? De nós dois, posso garantir que não sou o chato. Você até anda como se tivesse um pedaço de pau no seu..."

Madame Tremblay lança o olhar para ele.

"—espartilho," ele termina humildemente, pegando a mão dela para ajudá-la a subir na prancha sem perder o ritmo. Madame Tremblay acena com a cabeça em aprovação enquanto Filippa tenta esmagar seus dedos. "Excelente postura.

Muito, muito excelente."

Filippa sibila algo em troca, baixo demais para eu ouvir, e Dimitri ri, soltando a mão e ajudando Madame Tremblay em seguida. "Você não deve julgar o estado da casa da cidade quando chegarmos. Eu não sabia que receberia convidados..."

"Não se incomode por nossa causa", diz Dimitri. "Michal e eu estamos em dívida com você, madame, e prometemos invadir sua hospitalidade apenas até conseguirmos nossos próprios alojamentos."

"E eu dificilmente sou um convidado, mamãe", diz Filippa por cima do ombro. "Presumo que o berçário esteja exatamente onde eu o deixei."

Madame Tremblay hesita na prancha, parecendo de repente nervosa. "Eu acho. . . bem, para ser franco, acho que chegou a hora de aposentar o berçário. Então - como se percebesse que todos os olhos do nosso grupo se voltaram para ela - ela limpa a garganta, apressando-se em olhar para nós. "Talvez, Filippa, você prefira reivindicar o quarto de seu pai?"

Filippa pisca para ela em perplexidade. "O que você quer dizer? Eu não vou dormir com Pére...

"Oh, claro que você não vai." Nossa mãe acena com a mão, interrompendo com uma voz incomumente alta. Um estridente. "Porque eu... eu chutei o desperdiçador para fora. Ele não é mais bem-vindo em nossa casa, embora, é claro, eu respeite sua decisão de vê-lo novamente, se assim o desejar. Uma pausa incerta. "Peço desculpas por não ter contado antes", acrescenta ela, mais suave agora, "mas tínhamos coisas muito mais importantes com as quais lidar".

Os olhos de Filippa pegam os meus, e nós nos encaramos em choque. Com admiração. Antes que eu possa parabenizar nossa mãe, no entanto, Filippa diz: "Boa viagem".

E eu não poderia ter colocado melhor.

Sorrindo para os dois - para Dimitri também - eu pulo um pouco na ponta dos pés, incapaz de conter minha excitação. Ele percorre através de mim como um bálsamo, curando os horrores das últimas horas, das últimas semanas. Anos. Eu envolvo meus braços em volta de Michal, puxando-o em direção à prancha. "Este será realmente um novo começo para todos nós. Uma nova aventura."

"Ah, sim." Dimitri balança a cabeça e leva minha irmã e minha mãe para o navio. "Três mulheres solteiras sozinhas na cidade. Que travessura poderia esperar?"

"Ou não tão solteiro." Michal me puxa de lado antes de pisarmos na prancha, olhos negros brilhando de antecipação. Ele escova meu cabelo para trás, embalando minha bochecha na palma da mão, enquanto a outra mão desliza em volta da minha cintura. "Todas as peças estão se encaixando", ele murmura, "mas

é isso que você quer? Voltar para Cesarine? Andar debaixo daquela laranjeira e sentar na janela do berçário?"

Eu respiro uma risada suave. Um triste.

"Se você tivesse me feito essas perguntas há um ano, eu teria dito não." Eu viro minha bochecha em sua mão, e se alguma tensão permaneceu em meu corpo, ela me deixa agora. É isso que você quer? Uma pergunta tão simples não deveria ter uma resposta tão complicada, mas tem. Era uma vez, eu queria ser uma filha obediente, depois uma esposa. Eu queria ser um caçador - não, uma caçadora, a primeira de sua espécie. Eu invejava as bruxas; Eu cobiçava magia; e eu ansiava por viver nas páginas de um conto de fadas - ser a heroína vencendo o mal, a princesa se apaixonando. Suas histórias pareciam tão preferíveis às minhas. Suas histórias pareciam tão importantes.

Fui esquecido pelos meus pais.

Fui abandonado pela minha irmã.

Até meu primeiro amor me deixou - assim como meu segundo, à sua maneira única.

Não. Talvez o que eu realmente desejava naqueles contos de fadas tivesse pouco a ver com salvar o mundo - com provar meu valor, com deixar uma marca - e tudo a ver com o que veio depois. O felizes para sempre. A esperança.

Pressionando um beijo na palma da mão de Michal, murmuro: "A morte tem uma maneira de mudar nossa perspectiva. Essas coisas pareciam tão mundanas, mas agora. . . agora eu quero sentar naquela janela do berçário, e eu quero sentar com você. Quero caminhar juntos sob aquela laranjeira - quero beijá-lo com polpa nos lábios - e quero ouvir nossas famílias brigarem. Eu quero rir com minha mãe. Eu quero trançar o cabelo da minha irmã. Quero ver Dimitri provar um éclair de chocolate e quero arrastá-lo para o Chateau le Blanc, onde podemos dançar ao redor do poste de flor de maio toda primavera. Eu nunca apreciei nada disso antes, mas agora. . .

Michal parece estar prendendo a respiração. "Mas agora?"

Eu fico na ponta dos pés para beijá-lo - apenas o sopro de um toque - antes de sussurrar: "Agora eu quero tudo, Michal. Eu quero você." Ainda assim, me forço a reconhecer a cidade ao nosso redor, a ilha, até mesmo Odessa, que fica a uma distância discreta enquanto finge não escutar. "A menos que você prefira voltar a ser como éramos? Odessa ainda pode transformá-lo." Eu recuo para olhar para ele - para realmente olhar para ele e garantir que ele olhe para mim também. Para garantir que ele ouça a próxima parte. "Ela poderia me transformar também."

Ele pisca, franzindo a testa ligeiramente. "Você faria isso?"

"Eu faria qualquer coisa por você."

Com essas palavras, no entanto, um largo sorriso divide seu rosto. Como se incapaz de evitar, ele me gira em direção à prancha antes de me puxar de volta, escovando meu cabelo da minha nuca. Ele morde minha pele de brincadeira, sua voz áspera contra meu ouvido. "Por mais que eu sinta falta de morder você, Célie, há um número excepcional de coisas que podemos fazer em vez disso - coisas que eu prefiro fazer, mas coisas que serão bastante difíceis enquanto moro com sua mãe e irmã."

"E Dimitri," eu acrescento sem fôlego, arqueando para ele.

Ele beija o local que ele beliscou, sua língua acalmando a dor, e eu afundo meus dentes no meu lábio inferior para não ofegar. Deus, eu o amo. Eu o amo muito.

Ele ri baixinho. "Prefiro não ouvir o nome do meu primo agora."

"Sorte, então, que minha irmã o mate dentro de uma semana."

"Oh, eu não sei." Ele olha além de mim em direção ao navio, onde suas vozes elevadas já nos levam. Lou ri alto de tudo o que Filippa disse. "Acho que pode haver algo lá."

Eu estico meu pescoço para espiá-lo através de olhos estreitos. "E eu mantenho o que eu disse - embora se Filippa não o matar, minha mãe matará os dois. Se quisermos alguma privacidade, precisaremos encontrar nosso próprio lugar em breve—" As palavras escapam antes que eu possa detê-las, mas também não posso retirá-las. Meu rubor se aprofunda. "Quero dizer, se - se você quiser -"

"Mademoiselle Tremblay," diz Michal com indignação fingida, girando meus quadris e me prendendo contra seu corpo duro. O calor me atravessa, tão agudo e carente quanto antes - melhor, até, porque agora estamos livres. "Você está. . . me pedindo em casamento?"

Eu levanto meu queixo e franzo a testa para ele. "Estou propondo que você pare de me contar sobre esse número excepcional de coisas e comece a me mostrar, de preferência em algum lugar muito, muito longe dos ouvidos atentos."

"Por quê?" Ele ergue uma sobrancelha, suas mãos deslizando pelas minhas costas e enganchando as cordas do meu espartilho. Ele os puxa com força. "Você vai gemer, bichinho? Você vai gritar?"

Inclinando-me em seus lábios, eu exalo suavemente. "Talvez eu vá."

De algum lugar atrás de nós, Odessa suspira alto. "Sinto-me compelido a apontar que este não é aquele lugar." Ao som de sua voz exasperada, eu me afasto dele, corada da cabeça aos pés. Embora eu sorria timidamente, Michal sorri sem remorso - largo, descarado e bonito. Ele serpenteia um braço em volta da minha cintura enquanto Odessa o cutuca nas costas. "Saia da minha ilha, primo." Para mim, ela acrescenta: "Vou vê-lo novamente no Yule, mas - apesar

das demonstrações públicas de afeto - vocês dois são bem-vindos aqui a qualquer hora. Minha casa sempre estará aberta para você."

Casa.

O calor se espalha pelo meu peito com a palavra, como os primeiros raios do amanhecer depois de uma longa noite.

"Obrigado, Odessa." Eu coloco um beijo em sua bochecha, infundindo cada grama da minha felicidade incandescente naquele beijo. Cada grama da minha eterna gratidão. "Para tudo. Eu não teria sobrevivido ao Requiem sem você."

"Sim, você teria." Sorrindo, ela inclina o queixo em direção ao navio. "Agora vá em frente. Sua família está esperando por você."

Pego a mão de Michal e, juntos, atravessamos a prancha até o navio. As ondas batem na quilha e o vento aumenta em antecipação à medida que nos juntamos a essa família; despenteia nossos cabelos e acaricia nossas bochechas. Embora a ilha permaneça envolta em sombras, quase posso ver a luz do sol no horizonte, esperando por nós. A vida está esperando por nós.

E eu não estou sozinho.

Epílogo

O Natal amanhece frio e branco prateado este ano, e minha mãe insiste em hospedar todas as festividades - embora para ela, é claro, estejamos simplesmente comemorando o Natal três dias antes. "Você perdeu um ponto, jovem", diz ela agora para Reid, apontando o dedo afiado para o topo da árvore. "Bem ali."

Com um olhar dolorido em minha direção, Reid se estica na ponta dos pés para desembaraçar os enfeites. Pinga dos galhos - da lareira, das janelas, de tudo - como pingentes de gelo derretidos, intercalados com bugigangas brilhantes e sinos dourados. Poinsettias. Guirlandas de laranjas secas e fitas de veludo e bagas brancas, velas e visco suficiente para tornar a casa da cidade um verdadeiro barril de pólvora de constrangimento.

Filippa e eu podemos ter nos empolgado um pouco.

Ainda assim, a alegria formiga do topo da minha cabeça até a ponta dos pés enquanto olho para eles - meus entes queridos, minha família - todos reunidos na sala de estar da minha infância. Nunca em meus sonhos mais loucos eu teria imaginado um felizes para nós: humanos, bruxas e uma rainha vampira comemorando juntos em uma noite perfeita de inverno.

Apresso-me a distribuir seus presentes: um presente para cada pessoa presente, cada um escolhido anonimamente e colocado sob a árvore em segredo.

Quando tropeço na borda do nosso tapete escarlate festivo - um presente de Odessa - Michal pega os pacotes embrulhados que saem dos meus braços. Considerando que eu perdi minha graça imortal, ele parece ter mantido a sua inteiramente, e não tenho certeza se isso é justo. Para Reid, ele diz com uma voz irônica: "Se você não conseguir chegar ao topo, ficarei feliz em oferecer minha ajuda".

Reid franze a testa para ele, mas em seus olhos, um vislumbre de travessuras faíscas. Com um estalar de dedos, o enfeite serpenteia ao redor do último galho antes de se entrelaçar para cima, passando pelos galhos e girando em torno do lustre onde brilha à luz de velas. Reid sorri com o suspiro encantado de minha mãe. "Obrigado pela sua preocupação", diz ele secamente, "mas acho que posso lidar com isso."

Lou gargalha, sentando-se de pernas cruzadas perto da lareira e trançando o

cabelo de Coco enquanto Beau tenta acender o tronco cerimonial. Ele lança um olhar magoado. "Qualquer um de vocês poderia fazer isso com um aceno de mãos, você sabe."

"Oh, nós sabemos." Com um sorriso sereno, Lou tece um fio de enfeites nas tranças de Coco também. "Mas é muito mais divertido ver o rei fazer isso."

"Ingratos", murmura Beau. "Eu não escapei do castelo esta noite para aturar esse tipo de assédio..."

"É exatamente por isso que você escapou do castelo esta noite", diz Coco docemente. Ela arranca um marshmallow de sua caneca de chocolate quente e joga nele. Ele se esquiva no último segundo, e ele sobe para a lareira. "Ajudaria se eu dissesse que você parece mais arrojado esta noite?"

Um sorriso puxa seus lábios enquanto ele endireita seu colete de brocado. "Seria, na verdade."

"Temos certeza de que Beau deveria estar encarregado de acender alguma coisa?" Reid cai no chão ao lado de Lou, esticando as longas pernas e roubando um gole de seu cacau. "Ele quase incendiou a cidade na última vez que brincou com fogo."

Beau lança um olhar estreito para ele. "Por brincado, suponho que você queira dizer tentou salvar suas vidas ingratas..."

"É isso que você estava fazendo?"

Coco se inclina para frente para pressionar um beijo na bochecha de Beau antes que ele possa responder. "E estamos todos muito agradecidos." Ligeiramente apaziguado, Beau fecha a boca mais uma vez, e seus olhos escuros queimam de fervor enquanto observa Coco se acomodar no tapete. Não. Eles queimam de amor. Se eu sou um juiz de caráter, sei exatamente o que ele pretende dar a Coco para o Yule este ano.

A única questão é quando.

Incapaz de conter meu sorriso vertiginoso - lançando olhares secretos para os dois a cada poucos segundos, apenas no caso - eu faço o meu melhor para distribuir o resto dos presentes sem revelar seu segredo. Quando estendo um presente bem embrulhado para Odessa, ela o inspeciona com grande interesse, girando-o e girando-o antes de sacudi-lo abruptamente.

"Pare com isso!" Eu o arranco dela, agarrando-o ao meu peito indignado. "É para ser uma surpresa."

"Não estou tentando aprender o que é." Odessa se inclina para a frente na cadeira de encosto alto favorita de minha mãe, vestida com um vestido opulento de seda carmesim e esmeralda com uma enorme coroa de poinsétias em cima de seu cabelo zibelina. Todo o conjunto deveria parecer completamente ridículo, mas, em vez disso, ela parece uma espécie de anjo de Natal graças à sua beleza

sobrenatural - ou ela o faria, se não fosse pelo cálice de sangue em sua mão. "Estou tentando aprender de quem é."

"O que também é contra as regras." Girando, escondo seu presente debaixo de um travesseiro do outro lado da sala - a salvo de seus olhares indiscretos - e ofereço a Michal o último presente restante, este embrulhado em papel alumínio com estrelas esmeraldas profundas. Odessa olha para ele por um breve segundo antes de girar sua taça em satisfação presunçosa.

"Esse é de Reid." Quando eu franzo a testa para ela, ela encolhe os ombros delicadamente. "Olhe para esses cantos - eles são mais afiados do que um Balisarda. Não tenho certeza se ele não vaporizou o papel antes de embrulhá-lo.

"Ele fez." Com uma gargalhada, Lou amarra uma fita na ponta da trança de Coco. "Eu o vi fazer isso. E ele levou semanas para escolher seu presente", acrescenta ela a Michal, que ri e afunda no sofá, completamente à vontade enquanto ele abre um braço largo em suas costas. O calor infunde minhas bochechas com a visão, com a lembrança dele em um sofá muito diferente, e quando seus olhos negros cortam para os meus - escurecendo ligeiramente, seus lábios se curvando em um sorriso malicioso - eu sei que ele se lembra disso também.

Um tipo diferente de calor se espalha pela minha barriga enquanto eu mantenho seu olhar. Tão semelhante, mas tão diferente do vampiro que eu conhecia. Uma vez, eu teria atribuído a suavidade em seus olhos a se tornar humano, mas agora sei que estaria errado; essa suavidade sempre esteve lá quando Michal olha para mim.

De alguma forma, esse homem lindo e de tirar o fôlego - esse homem que tinha o verdadeiro poder em suas mãos, que o exercia, que poderia ter vivido para sempre em um trono inquebrável - escolheu estar aqui. Aqui. Na sala de estar surrada da minha mãe, cercada por enfeites, visco e gatos.

Toulouse corre no colo de Lou e Reid faz uma careta enquanto Melisandre ataca o gatinho, suas garras pegando suas calças. "Não demorou semanas..."

"O jogo, como todos vocês se lembram, se chama le secret du Père Noël." Eu planto minhas mãos nos meus quadris, olhando para todos, apesar do sorriso brilhante no meu rosto. Eu não posso evitar. Não com Michal me observando assim - como se ele estivesse a segundos de atacar, de me arrastar para um canto escuro para ter seu jeito perverso comigo. Sua atenção extasiada faz meu sorriso ficar ainda mais brilhante enquanto finjo ignorá-lo. "Ênfase no segredo. Vocês estão todos tentando arruinar o Natal?"

"Yule", Coco e Lou dizem simultaneamente.

"Natal." Com a voz azeda, minha mãe volta para a sala carregando uma bandeja de bûche de Noël rico e achocolatado, junto com pudim de ameixa e

tortas de pêra com especiarias. Meu estômago ronca com os cheiros decadentes. "Embora se alguém estiver tentando arruinar este dia sagrado, temo que você tenha concorrência."

Como se fosse uma deixa, as vozes de Filippa e Dimitri sobem da cozinha, onde soam como se estivessem fazendo o possível para matar um ao outro. "Isso é sal, não açúcar!" Filippa rosna, e um estrondo sinistro se segue, como se Filippa tivesse acabado de lançar o saleiro na cabeça de Dimitri. Ele amaldiçoa violentamente.

"O sal realça os sabores do prato!"

"Nem quatro colheradas disso..."

Beau olha para a comida na bandeja da minha mãe duvidosamente. "Enquanto eu, er... admiro o novo interesse de Dimitri pelas artes culinárias, permitirei que todos os outros experimentem essas iguarias primeiro..."

Minha mãe enfia a bandeja debaixo do nariz dele com uma ameaça silenciosa. "Bobagem, Vossa Majestade. Monsieur Petrov fez o pudim especialmente para você.

Juntos, nossos olhares caem para o referido pudim, que parece um pouco—

Congelado.

Meu estômago se revira quando Beau engole em seco, aceitando a faca da minha mãe e se movendo para pegar um pedaço.

"Espere." Suspirando pesadamente, Reid se levanta e empurra seu irmão para o lado antes de escolher uma torta. Estes, pelo menos, parecem totalmente assados, e quando Reid dá uma mordida hesitante, ele consegue engolir com pouca ou nenhuma mastigação. Uma bênção. Eu levanto a mão para pegar um também - pelo bem de Dimitri. Desde que se tornou humano e se mudou para Cesarine, ele realmente cultivou uma paixão por comida. Doces, carnes e, na semana passada, até uma sopa de arenque vagamente comestível.

Para seu crédito, ele só nos envenenou uma vez.

Como se estivesse se lembrando daquela noite miserável, Michal coloca dedos leves no meu pulso, balançando a cabeça levemente quando me movo para dar uma mordida. "Não coma isso."

Minha mãe franze a testa para ele.

Filippa e Dimitri saíram da cozinha no momento seguinte, no entanto, e Michal usa a distração para jogar a torta no fogo. "Oh meus céus." Os olhos de minha mãe se arregalam com a farinha que cobre todo o rosto de Filippa, com sua expressão assassina e o sorriso satisfeito de Dimitri. Sua gola de veludo está pegajosa e manchada com a geléia ainda nos dedos de Filippa. "O que em nome de Deus acabou de acontecer?"

"Quando tirei o sal dele", diz Filippa com os dentes cerrados, "ele jogou

farinha em mim. Farinha..."

Dimitri se eriça instantaneamente. "Você derrubou o sal das minhas mãos e começou a me atacar com um pote de geléia de damasco. Um sabor terrível, a propósito...

"Você tem sorte de ter sido apenas geléia..."

"É verdade, Dima." Lou acena alegremente do chão. "Há um conjunto de facas de trinchar na mesa."

"E uma frigideira", acrescenta Odessa.

"Arremessar comida." Com a boca franzida em exasperação, minha mãe deixa cair a bandeja de sobremesas no aparador com um tinido. "Honestamente, se eu tiver que separar vocês dois, eu vou..."

"Por favor." Filippa atravessa a sala até a entrada do saguão - longe de todos - e se inclina contra a soleira, cruzando os braços com força, enquanto Dimitri caminha para se sentar ao lado de Michal. Quando ele abre a boca para incitar minha irmã ainda mais, eu fico entre eles, como sempre faço. Meus lábios se contraem enquanto eu bato palmas.

"Presentes! Quem quer ir primeiro?"

Para minha surpresa, não é Lou ou Coco ou mesmo Michal quem responde, mas minha irmã. Ainda carrancuda, ela alcança o corredor escuro atrás dela para pegar um presente que devo ter perdido da mesa de entrada. Resistente e quadrado, embrulhado em papel rosa pálido, o pacote brilha incandescente à luz de velas enquanto ela o estende para mim. "Para você," ela diz simplesmente, não encontrando meu olhar.

Minhas mãos o alcançam por vontade própria. "Você desenhou meu nome? Eu nunca suspeitei."

"Le secret du Père Noël, lembra?" Ela cruza os braços como se não soubesse mais o que fazer com eles. "Todos nós nos esforçamos muito para garantir que você não suspeitasse."

"E foi muito difícil também", acrescenta Dimitri, embora não indelicadamente, "já que você é um pouco intrometida, Célie".

Revirando os olhos, Michal o empurra para o final do sofá. "Panela, conheça a chaleira."

Antes que Filippa possa protestar, eu agarro sua mão e a arrasto em direção a eles, empurrando-a para o assento entre Michal e Dimitri. Este último ri alto com a expressão azeda em seu rosto. E talvez eu deva me desculpar, mas não posso sentar no lugar dela; Estou muito animado. Embora eu de fato suspeitasse que minha irmã desenhou meu nome - houve muitas conversas clandestinas entre ela e Lou para qualquer outra coisa, já que minha irmã nem gosta de Lou - minhas mãos ainda praticamente vibram em antecipação enquanto rasgo o lindo papel,

lamentando sua perda por apenas um segundo antes de inspecionar a caixa de madeira simples embaixo.

Minha respiração trava quando abro a trava.

Dentro do estojo está minha caixa de música perfeitamente reparada e perfeitamente bonita. Como se sentisse minha euforia, Michal pega o estojo antes que eu o descarte apressadamente, seus dedos suaves enquanto ele ajuda a balançar as fadas pintadas à vista. Eu levanto a caixa de música no ar para examiná-la de todos os ângulos, meu peito apertando enquanto minha mãe suspira atrás de nós. "Eu pensei que estava quebrado", ela sussurra, aproximando-se para examiná-lo também. Até as rachaduras da minha infância de alguma forma desapareceram, como se nunca tivessem existido, como se Filippa e eu nunca tivéssemos tocado nesta caixa de música. Nunca amei. O pensamento me deixa inesperadamente sem fôlego. De fato, enquanto olho para os rostos imaculados de seus dançarinos de fadas, meu peito se contrai ainda mais com. . . não arrependimento, talvez, mas tristeza.

Quando minha mãe a pega no segundo seguinte, entrego a caixa com relutância e ela murmura: "Que extraordinário. Eu mesmo vi as peças quando cheguei a Yew Lane - achei o dano irreparável.

Meus olhos se voltam para minha irmã, que parece profundamente desconfortável, mas se força a encontrar meu olhar finalmente. Seus olhos verdes brilham excessivamente à luz de velas, até tensos, enquanto eu a fixo com um olhar curioso. "Quando Louise mencionou a caixa de música", diz ela, "pedi a ela que me deixasse ficar com ela. Eu não suportava ver as peças na lixeira, mas se você não quiser...

"Eu quero."

"Você faz?"

Olhos verdes se movem para os meus enquanto eu aceno com a cabeça, e algo esperançoso muda dentro deles. Algo vulnerável - lá e se foi novamente antes que alguém pudesse ver. Avançando para apertar suas mãos, eu beijo sua bochecha e sussurro: "Obrigada. Verdadeiramente. Eu sempre amei essa caixa de música."

Ela se afasta desajeitadamente, rosa subindo por sua garganta. "Eu sei."

O resto da troca passa em uma névoa onírica, os sorrisos e os olhos brilhantes de meus amigos suavizados de alguma forma, quase mágicos, no brilho dourado da luz das velas. Odessa desembrulha o quebra-cabeça mecânico que comprei para ela enquanto Michal levanta cuidadosamente seu próprio presente - uma lâmpada a óleo de vidro soprado de Reid - para examinar sua guarnição prateada. "Um presente de inauguração", diz Reid do tapete, descansando facilmente contra a perna da cadeira de Odessa. "Célie nos deu um

tour pela sua casa na semana passada. As reformas são impressionantes."

"E do outro lado da rua também." Inclinando-se para trás contra o peito de Reid, Lou arqueia uma sobrancelha travessa para Michal e para mim antes - incrivelmente - piscar para Filippa e Dimitri, que fingem não ver. "Essa proximidade deve ser incrivelmente conveniente para todas as partes envolvidas."

Michal a ignora, sua testa franzida enquanto ele considera a lâmpada de vidro. "Você tem. . . inesperadamente bom gosto, caçador.

"Claro que sim." Lou sorri para o pedaço de pergaminho em sua mão. Aparentemente, ela desenhou seu próprio nome em nossa troca secreta e se presenteou com a escritura de uma taverna local, Les Pêches - uma taverna que, segundo rumores, pertencia a uma garçonete muito bem-dotada chamada Lydia. "Apenas olhe para mim."

Embora Michal balance a cabeça, seu peito ronca com uma risada reprimida quando Dimitri abre um envelope contendo um certificado para aulas de panificação com Johann Pan, cortesia de Coco, e Reid desembrulha um diário de couro de minha mãe, que olha para a caixa de joias em seu colo com uma expressão ferida.

Um presente de Michal.

Sua risada desaparece quando ela vira os olhos arregalados para ele. "Abra", diz ele suavemente. E se a caixa em si não bastasse - dourada e ornamentada, suas rosas esculpidas cravejadas de rubis - as peças dentro parecem deixar minha mãe sem palavras. Não por causa de seu custo fabuloso - embora os diamantes, pérolas e esmeraldas já tenham rendido uma pequena fortuna - mas porque ela os reconhece. Eu também os reconheço, assim como Filippa, que fica muito quieta ao meu lado.

Maman arrasta os dedos trêmulos por um grampo de cabelo incrustado de pérolas. O mesmo grampo de cabelo que minha avó deu a ela em seu aniversário de dezoito anos.

O mesmo grampo de cabelo que ela vendeu há cinco anos para disfarçar a dívida incapacitante de nosso pai.

Engolindo em seco, nossa mãe desvia o olhar dele. "Mas como...?"

Michal se inclina para a frente em seu assento, e acho que nunca o amei mais do que neste momento. Embora ele tenha me contado sobre o presente dela semanas atrás - até pediu minha ajuda para confirmar as peças - é bem diferente saber do que ver, e a visão de minha mãe boquiaberta com suas joias antigas, seus olhos se enchendo de lágrimas, quase faz meu coração explodir. Abruptamente desesperado para tocá-lo, para segurá-lo, eu agarro sua mão, e Michal aperta meus dedos suavemente antes de dizer: "Você notará que uma ou

duas peças ainda estão faltando na coleção. Espero adquiri-los até o final do mês."

Maman ainda parece incapaz de falar, abrindo a boca antes de fechá-la novamente em derrota impotente. Por fim, ela endireita os ombros e finge empurrar o cabelo para trás, enxugando os olhos discretamente no processo. "Isso é... Jovem, eu não posso... não posso aceitar tal presente. Realmente, Monsieur Vasiliev, só a despesa...

"Joyeux Noël, Satine", diz Michal com firmeza. "Você merece um pouco de felicidade."

Odessa espeta Beau com um olhar estranho e aguçado para isso. "E no espírito de buscar a felicidade, eu continuaria com isso se fosse você." Ela levanta o queixo em direção à garrafa de absinto em sua mão, em direção ao bilhete que ela prendeu em volta do pescoço escrito em negrito: Por coragem. Beau tem olhado para ele nos últimos dez minutos, seu polegar varrendo reflexivamente a fada verde no rótulo. Sua garganta funcionando como se incapaz de se lembrar de como respirar.

"Do que ela está falando?" Coco pergunta curiosamente, ainda descansando no tapete ao lado dele, Lou e Reid. Papel descartado espalha-se pelo chão ao redor deles, e fitas lilases brilham nas longas tranças de Coco enquanto ela se vira para sorrir para Beau, a luz do fogo lançando-a em um brilho quente e adorável. De fato, quando Beau finalmente olha para ela, parece que alguém bateu na cabeça dele. Ela levanta as sobrancelhas com sua expressão estupefata. "Beau. . . ?" ela pergunta lentamente. "Ela quer dizer meu presente? Você desenhou meu nome?"

Embora Beau tosse para limpar a garganta, sua voz ainda sai rouca. "Sim."

O sorriso de Coco vacila um pouco quando ela se senta. "O que é isso? Você está bem?"

Ele dá uma risada estrangulada em resposta, recusando-se a olhar para alguém, e eu resisto ao impulso de pular para frente e arrastar o anel do bolso. Honestamente. Lou e eu trocamos um olhar sofredor, seus olhos turquesa brilhando de antecipação. Porque se Beauregard Lyon ainda acha que existe a possibilidade de Cosette Monvoisin rejeitá-lo, ele é claramente o homem mais alheio vivo.

"O que é isso?" O olhar de Coco se estreita enquanto varre de Beau para a sala em geral, todos nós esperando com a respiração suspensa que ele faça isso. Para perguntar a ela. Como se para reforçar os nervos de seu irmão, Reid sub-repticiamente sacude um dedo e a luz da vela diminui; o pianoforte no canto começa a tocar uma melodia suave e cantante no segundo seguinte. Coco olha para todos, confusa. "Vocês estão todos agindo de forma muito estranha, e se

alguém não me disser por que nos próximos três segundos, eu vou... Oh."

Sua ameaça termina em uma exalação aguda - sua boca se abrindo - quando a explicação se torna clara no instante em que ela se vira para Beau, que subiu até um joelho. Rosto pálido, mas determinado, ele segura uma pequena caixa de veludo em uma das mãos.

"Eu preparei um discurso", ele sussurra no silêncio abrupto da sala. "Quero dizer, passei o último ano sonhando com esse exato momento, ensaiando no espelho..."

"Claro que sim", diz Lou com uma gargalhada encantada.

Reid bate a mão impaciente sobre a boca dela, sua atenção fixa em Beau e Coco.

"—sussurrando para mim mesmo em momentos de silêncio, em longas caminhadas ao redor do castelo," Beau continua determinado, ignorando os dois. "Normalmente, na minha cabeça, incluía seu nome escrito nas estrelas, e também muito se—isto é—" Ele tosse e olha apressadamente para minha mãe antes de se virar para Coco, que ri apesar das lágrimas enchendo seus olhos. Seu rosto suaviza. "Não me lembro de nada disso agora. Tudo o que sei é que, uma vez, conheci uma linda curandeira chamada Brie Perrot que me encantou desde o primeiro minuto. Na verdade, ela não deveria ter me dado atenção. Todo mundo disse isso..."

"Eu não fiz", aponta Odessa.

Beau lança um olhar apreciativo antes de estender a mão para apertar a mão de Coco. "Eu era um menino quando te conheci, Coco. Um garoto arrogante, estúpido - embora um tanto arrojado. E através de você, através do meu tempo com todos aqui, eu me tornei alguém que espero que possa deixá-lo orgulhoso e feliz e. . . Sua voz desaparece quando ele solta a mão dela para abrir a trava da caixa, revelando um anel dourado com uma magnífica peça central de rubi. Lágrimas escorrem pelas bochechas de Coco agora, mas ela não faz nada para enxugá-las. Em vez disso, ela simplesmente olha para Beau e, em seus olhos, fica claro que ele nunca precisa escrever o nome dela nas estrelas.

Para Coco, ele é as estrelas, o sol e a lua; ele é todo o seu universo.

Assim como Michal é meu.

Como se compartilhasse o pensamento, ele entrelaça os dedos com mais força nos meus, e juntos vemos Beau dizer: "Eu quero passar todos os dias com você, Coco. Quero que seu lindo rosto seja a primeira coisa que vejo pela manhã. Eu quero que sua risada seja a última coisa que ouço todas as noites. Eu quero os grandes momentos com você - um casamento, uma coroação - mas também quero os momentos de silêncio. Quero que nos aconcheguemos perto da lareira enquanto você trabalha em suas tinturas, e leio meus livros. Quero fazer

compras nos mercados, discutir sobre o melhor tipo de queijo para um suflê. Mais do que tudo, eu quero você. Só você." Suas mãos começam a tremer agora ao redor da caixa do ringue. "Eu ficaria honrado se você usasse meu sobrenome, ou se eu usasse seu sobrenome. A logística não importa. Eu só. . . Quero passar minha vida com você, Cosette Aurélie Monvoisin. Minha vida inteira. A cada momento. Porque você o torna melhor - você me torna melhor e eu te amo. Nunca pensei que pudesse me sentir assim, mas te amo tanto que parece que posso morrer sem você. Você é minha outra metade."

No breve e hesitante silêncio que se segue, Coco ri e se inclina para a frente para envolver os braços em volta do pescoço dele. "E esse não foi o discurso que você está preparando?"

Seu corpo inteiro relaxa enquanto ele pressiona a testa contra a dela. "O que posso dizer? Você me inspira." Então, mais baixo ainda, sua voz um suspiro contra seus lábios, "Todos os dias você me inspira, Coco. Você se casaria comigo?"

Coco hesita por nem um segundo.

"Sim. Claro que sim." Com um sorriso incandescente, ela o puxa para um abraço feroz, a força dele derrubando o anel de suas mãos. Embora voe pelo ar, Odessa o pega antes que ele atinja o chão. "Isso foi perfeito." Coco beija sua bochecha enquanto a sala começa a aplaudir, gritar e parabéns. "Mais do que perfeito," ela consegue, beijando sua outra bochecha também, beijando cada centímetro de seu rosto no meio. "Você tem" - seu nariz, sua testa, suas pálpebras - "sempre me desfez, Beauregard Lyon. Você sempre foi a pessoa certa para mim. Eu também te amo."

Odessa passa o anel para Beau sub-repticiamente, e ele se desembaraça de Coco por tempo suficiente para colocá-lo em seu dedo. E então ele o beija. Ele beija cada dedo, cada junta em cada uma de suas mãos enquanto ela se agarra a ele ainda mais apertado. O momento é lindo, íntimo, e não posso deixar de me jogar nos dois junto com Lou, Reid e até Odessa, que começa a oferecer sugestões florais para o buquê de noiva de Coco.

"Este rubi pode lascar vários dentes", anuncia Lou, agarrando a mão de Coco e inspecionando-a na luz. Ela pisca para Beau. "Trabalho fantástico, irmão meu."

Coco sorri com alegria desenfreada, e até minha mãe vem parabenizá-los. Quando eles se beijam novamente, eu lanço um olhar expectante para ela - antecipando a desaprovação - mas ela simplesmente arqueia uma sobrancelha superior. "Eles vão se casar, Célie. De que outra forma você espera que os netos sejam concebidos?"

Eu fico boquiaberto para ela. "Eles não serão seus netos..."

Ela levanta o queixo. "Diz quem?"

Balançando a cabeça incrédula, eu me viro para fazer uma careta para Filippa, mas ela não está mais sentada no sofá. De fato - eu varro a sala rapidamente - ela parece ter desaparecido completamente, escapando durante as celebrações sem aviso prévio.

Dimitri desapareceu com ela.

"Onde eles estão?" Pergunto a Michal em voz baixa, e ele inclina a cabeça em direção à janela ao nosso lado. A curiosidade queima todo o decoro; a temperatura tem caído constantemente na última semana e, em minha caminhada até a casa de Michal esta manhã, meus dedos dos pés quase congelaram com a neve. Quando ele não oferece mais explicações, apenas sorri, tento separar as cortinas o mais furtivamente possível para ver para onde elas foram. Uma missão tola. Nada escapa à atenção de minha mãe por muito tempo, especialmente dentro de sua própria casa.

"O que você está fazendo?" Sua voz afiada atravessa a sala, assustando a todos de sua folia. Até Coco e Beau olham para nós, intrigados. "Há alguém lá fora? São os cantores de novo? Eu não os ouvi bater. Ela exala uma respiração áspera e irritada pelo nariz no final. Então-

"Eu detesto cantores", dizem ela e Michal em uníssono.

Lou bufa enquanto eles olham um para o outro, assustado. "Você também detesta netos?" ela pergunta educadamente à minha mãe. "Porque com base no que está acontecendo lá fora, você pode estar no caminho certo."

A sala explode com movimento, todos correndo em direção à janela para escutar. "Você me deve vinte couronnes", diz Coco a Odessa, que dá uma cotovelada em Michal para abrir as cortinas.

"Absolutamente não." Seus olhos se estreitam enquanto ela olha para as sombras de um jardim? Meus lábios puxam para baixo em uma carranca. Não deveria haver um jardim além desta janela, mas com certeza, a terra parece recém-cavada, inexplicavelmente verde em meio à neve. Duas silhuetas estão rígidas e desajeitadas ao lado dele. Filippa e Dimitri. Ele deve ter desenhado o nome dela, e isso - esse deve ser o dom dele, percebo na compreensão do amanhecer. Mesmo Odessa não consegue disfarçar seu interesse. "Você disse que Filippa e Dima estariam se beijando no Natal, sim, mas deve haver uma troca explícita de saliva..."

Beau protesta imediatamente. "Nós nunca especificamos a língua!"

"Você cuida do seu tom, Vossa Majestade." Minha mãe empurra todo mundo, esticando o pescoço para ver através do vidro nublado. "Eu não posso ouvi-los! Eu não posso nem vê-los..."

Antes que Lou possa reagir, Reid balança o pulso e vozes baixas flutuam pelas vidraças. Todo mundo ainda precisa ouvir. Assistir. O vento amargo

levanta uma gavinha do cabelo de Filippa enquanto ela olha para as flores brancas que cobrem o chão a seus pés. "Snowdrops," eu sussurro com admiração. Michal e Lou trocam sorrisos conspiratórios, e eu aponto um dedo acusatório entre eles. "Vocês dois sabiam disso?"

"Talvez", diz Michal.

"E você não me contou?"

Passando o braço pela dobra do meu cotovelo, Lou bate no meu quadril. "Le secret du Père Noël, certo? Ênfase no segredo."

"Quieto, todos vocês", minha mãe sibila, praticamente pressionando o nariz contra o vidro agora. "Estou tentando ouvir." Quando Dimitri dá um passo à frente para fora, levantando a mão como se fosse enfiar uma mecha de cabelo de Filippa atrás da orelha, todos nós obedecemos instantaneamente, a sala inteira prendendo a respiração.

Ele deixa cair a mão no último segundo, no entanto, seus dedos se enrolando na palma da mão. "Para sua filha." Com a expressão ferida de Filippa, ele acrescenta gentilmente: "Eles florescerão a cada inverno em homenagem a Frostine".

Embora Filippa enrijeça um pouco com o nome, ela não se irrita com Dimitri. Ela também não foge, nem se fecha em si mesma, como tantas vezes faz. Em vez disso, ela se inclina lentamente para arrastar os dedos sobre os botões mais próximos, como se verificasse se eles são reais, antes de olhar para ele em partes iguais de descrença e acusação. "Mas eles—" Ela engole. "Os flocos de neve sempre foram meus favoritos."

Suas covinhas piscam. "Então você mencionou."

"E você se lembrou?"

"Lembro-me de tudo o que você diz, Filippa."

Ela se encolhe inesperadamente com isso, cambaleando um passo para trás como se sua bondade fosse de alguma forma uma arma, como se doesse. "Eu - eu não entendo. Eu te matei."

Dimitri ri baixo, deslizando as mãos nos bolsos e combinando com ela passo a passo. Recusando-se a dar-lhe um centímetro. "Estranhamente, eu me lembro disso também. Mais estranho ainda é que eu escolhi perdoá-lo. Uma pausa significativa. "Todo mundo tem."

Seu rosto se enruga e, de repente, ela para de tentar escapar, em vez disso, se vira para esconder o rosto. "Obrigada, Dimitri," ela respira depois de outro momento longo e doloroso. "Eles são. . . lindo."

Ele toca o ombro dela antes de gesticular em direção a uma janela do andar de cima, e todos nós nos abaixamos rapidamente antes de olhar para trás por cima do parapeito da janela, incapazes de nos ajudar. Felizmente, a atenção deles

já voltou um para o outro, e nós descaradamente e simultaneamente nos levantamos; até Odessa, com toda a sua graça vampírica, achata a orelha contra o vidro.

"Você poderá vê-los da sua janela enquanto escreve", diz Dimitri suavemente. Esperançosamente. E agora ele enfia aquela mecha de cabelo errante atrás da orelha, seus dedos demorando por apenas um segundo a mais. Ela quase se inclina para o toque - quase - e o olhar dele cai em seus lábios.

"Está acontecendo," Coco sussurra alegremente, pulando na ponta dos pés atrás de mim.

Odessa balança a cabeça, abrindo a boca para argumentar, mas eu mal a ouço - não quando Michal desliza a mão pela minha, curvando-se para murmurar em meu ouvido: "Devemos dar-lhes um pouco de privacidade."

Arrepios irrompem pela minha espinha.

"Uma excelente ideia!" Antes que alguém possa protestar, minha mãe fecha as cortinas e, um momento depois, Filippa retorna à sala de estar com um floco de neve enfiado atrás da orelha, as bochechas coradas de frio. Quando Dimitri o segue, toda a sala se apressa em fingir desinteresse - Lou abre a garrafa de absinto com um estalo alegre, Beau arrasta Coco para o colo em uma cadeira próxima e Reid se junta à minha mãe para coletar apressadamente o papel de embrulho descartado. Apenas Odessa percebe, seu sorriso irônico, enquanto Michal me afasta da enxurrada de atividades, deslizando para o silêncio da cozinha. Enfim.

Ele me levanta no balcão sem dizer uma palavra, pisando entre minhas pernas enquanto eu coloco meus braços em volta de seu pescoço. Incapaz de evitar, olho para a porta pela qual acabamos de passar. "Dimitri pode ser bom para ela, eu acho. Ela parece. . . como ele, o que é um pequeno milagre porque minha irmã não gosta de ninguém."

Michal roça os lábios na minha garganta. "E você, bichinho?"

Arqueando meu pescoço para facilitar seu acesso, eu tremo quando suas mãos deslizam pelas minhas coxas, separando minhas pernas ainda mais. "E quanto a mim?" Pergunto sem fôlego, esquecendo tudo sobre minha irmã. Enquanto seus dedos dançam pela minha pele, mal consigo lembrar meu próprio nome - e neste momento, isso não importa. Nada mais importa quando estou com Michal. Eu vou querer ele sempre. Eu vou amá-lo sempre. E hoje - com as festividades do feriado e nossos amigos mais próximos trocando promessas ternas - parece que deveria ser um sonho. Parece além do que eu poderia ter esperado, o que eu poderia ter imaginado. Minha cabeça se inclina para trás enquanto Michal continua sua leitura lânguida da minha garganta, e acima de nós -

Visco.

Michal deve sentir meu sorriso lento.

"De quem você gosta?" Voz ronronando no meu ouvido, ele passa a língua contra um ponto sensível, e eu me inclino para a frente novamente, sufocando um gemido contra seu ombro largo. Esses dedos continuam sua provocação perversa, e eu daria qualquer coisa - qualquer coisa - para estar de volta à casa de Michal. Atrás da porta fechada de seu quarto enegrecido, em cima de seus lençóis de seda, com o luar derramando em seu peito nu.

"Isso é cruel." Minhas próprias mãos deslizam por seu cabelo antes de se enrolar na gola de seu suéter. Eu tricotei para ele no mês passado, e parece uma bexiga de lã. "Você está me torturando."

"Talvez." Sua boca captura a minha então, e ele me beija com toda a ferocidade de um rei imortal, um gemido quente e pesado no fundo de sua garganta. Contra meus lábios, ele murmura: "Isso está melhorando?" Sua língua mergulha para dentro, então, com gosto de canela, maçãs e especiarias, e minhas pernas se engancham instintivamente em torno de sua cintura antes de apertá-lo e puxá-lo ainda mais para perto. Não é suficiente. Nunca o suficiente.

"Minha mãe poderia entrar," eu o lembro com um suspiro.

"Sua mãe está limpando."

Eu aperto sua camisa em minhas mãos, incapaz de me impedir de beijá-lo de novo e de novo e de novo. "E os outros?"

"Ocupado", diz ele, e eu engulo a palavra. Eu saboreio isso.

Eu o saboreio.

"Michal," eu sussurro, estremecendo, e ele se afasta com um gemido. "Não podemos ter parentes no balcão da cozinha da minha mãe."

Ele ri sombriamente, e eu sinto aquele estrondo em seu peito até as pontas dos meus dedos dos pés. "Você não parecia ter problemas em tê-los na biblioteca esta manhã." As memórias passam pela minha mente com suas palavras: o dourado de uma escada deslizante, o cheiro de tinta fresca, as pontas afiadas de estantes novas pressionadas em minha espinha - e Michal.

Mical contra mim, em cima de mim, em cima de mim enquanto batizávamos seu presente para mim. Duas vezes.

"Nós vamos terminar isso mais tarde," eu digo contra seus lábios, e ele sela a promessa com outro beijo escaldante. Quando ele se afasta, no entanto, seu polegar permanece no meu dedo anelar vazio, e todo o meu corpo fica imóvel.

Quando ele finalmente olha para cima novamente, seus olhos queimam com uma promessa ainda mais feroz. "Espere mais do que uma biblioteca para o Yule no próximo ano."

No próximo ano. Nós olhamos um para o outro, as palavras pairando no ar

entre nós, e nada jamais soou tão doce. Um ano inteiro de namoro com Michal - de beijos roubados e passeios à meia-noite e encontros na biblioteca. "No próximo ano," eu sussurro, beijando-o suavemente. "E então para sempre."

Confirmações

A vida tem esse hábito emocionante e muitas vezes devastador de mudar em nós sem aviso prévio. Em um momento, sentei-me para escrever as primeiras palavras de A Noiva das Sombras, e no próximo - um ano e meio depois - estou sentado para escrever seus agradecimentos. Muita coisa mudou nos momentos intermediários, mas uma coisa permanece a mesma: sou muito grato por estar aqui. Sou muito grato por escrever histórias para ganhar a vida e sou muito grato a cada um dos meus leitores por conceder esse privilégio. Do fundo do meu coração, obrigado.

Para RJ, Beau, James, Rose e Wren, vocês são os maiores presentes que já recebi. Eu não poderia ter escrito este livro sem você, ou sem o amor e o incentivo de meus pais, minha família e meus amigos. Eu amo todos vocês infinitamente. Obrigado por ser um lugar macio para pousar em todas as estações. Para Finna, Pippa e Gus Gus, obrigado por me fazer companhia durante todas aquelas longas horas na minha mesa. Para Pippa em particular, ainda posso sentir sua cabeça no meu ombro, e isso parte meu coração. Sentirei sua falta para sempre. Espero que haja esquilos para você perseguir no céu.

Todos os livros levam uma aldeia para serem publicados, e este não é diferente. Sou incrivelmente grato pela orientação e apoio de toda a minha equipe na HarperCollins e na Park & Fine, incluindo meus editores, Erica Sussman e Sara Schonfeld, e meu agente, Pete Knapp. Obrigado por navegar pelos altos e baixos desta indústria comigo. Você é, simplesmente, o melhor.

E, por último, para Jordan Gray, que sabe o que ela significa para mim. Levaria páginas e páginas para listar todas as maneiras pelas quais você ajudou na criação desses livros, então, em vez disso, vou apenas agradecer. Para tudo.

Sobre o autor



Cortesia de Shelby Mahurin

SHELBY MAHURIN é a autora best-seller do New York Times da trilogia Serpente e Pomba e O Véu Escarlate. Ela cresceu em uma pequena fazenda na zona rural de Indiana, onde paus se tornaram varinhas e vacas se tornaram dragões. Sua imaginação desenfreada não desapareceu com a idade, então ela continua a brincar de faz de conta todos os dias - com palavras agora em vez de vacas. Quando não está escrevendo, Shelby assiste The Office e lê vorazmente. Ela ainda mora perto daquela fazenda de infância com seu marido muito alto e filhos semiferais.

Visite-a online em shelbymahurin.com.

Descubra grandes autores, ofertas exclusivas e muito mais em hc.com.

Livros de Shelby Mahurin

A Série Véu Escarlate
O Véu Escarlate
A Noiva das Sombras
A Série Serpente e Pomba
Serpente & Pomba
Sangue & Mel
Deuses & Monstros

Anúncio traseiro



DESCOBRIR
Sua próxima leitura favorita

ENCONTRAR
Novos autores para amar

GANHAR
Livros grátis

COMPARTILHAR
infográficos, listas de reprodução, questionários e muito mais

RELÓGIO
Os vídeos mais recentes

www.epicreads.com

Direitos autorais

A NOIVA DAS SOMBRAS. Direitos autorais © 2025 por Shelby Mahurin. Todos os direitos reservados sob as Convenções Internacionais e Pan-Americanas de Direitos Autorais. Mediante o pagamento das taxas exigidas, você recebeu o direito não exclusivo e intransferível de acessar e ler o texto deste e-book na tela. Nenhuma parte deste texto pode ser reproduzida, transmitida, baixada, descompilada, submetida a engenharia reversa ou armazenada ou introduzida em qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, agora conhecido ou inventado no futuro, sem a permissão expressa por escrito dos e-books da HarperCollins.

Arte da © capa 2025 por SASHA VINOGRADOVA
Design da capa por JESSIE GANG

Número de controle da Biblioteca do Congresso: 2024945850
ISBN 978-0-06-325880-8 — ISBN 978-0-06-341731-1 (edição internacional)
ISBN 978-0-06-343276-5 (edição especial)
Edição digital MARÇO 2025 ISBN: 978-0-06-325882-2
ISBN impresso: 978-0-06-325880-8

PRIMEIRA EDIÇÃO

Sobre o editor

Austrália
HarperCollins Publishers Austrália Pty. Ltd.
Nível 13, 201 Elizabeth Street
Sydney, NSW 2000, Austrália
www.harpercollins.com.au

Canadá
HarperCollins Editores Ltda
Bay Adelaide Centre, Torre Leste
22 Adelaide Street West, 41º andar
Toronto, Ontário, M5H 4E3
www.harpercollins.ca

Índia
HarperCollins Índia
A 75, Setor 57
Noida
Uttar Pradesh 201 301
www.harpercollins.co.in

Nova Zelândia
HarperCollins Publishers Nova Zelândia
Unidade D1, 63 Apollo Drive
Rosedale 0632
Auckland, Nova Zelândia
www.harpercollins.co.nz

Reino Unido
HarperCollins Publishers Ltda.
1 Rua da Ponte de Londres
Londres SE1 9GF, Reino Unido
www.harpercollins.co.uk

Estados Unidos
HarperCollins Publishers Inc.
195 Broadway
Nova Iorque, NY 10007
www.harpercollins.com